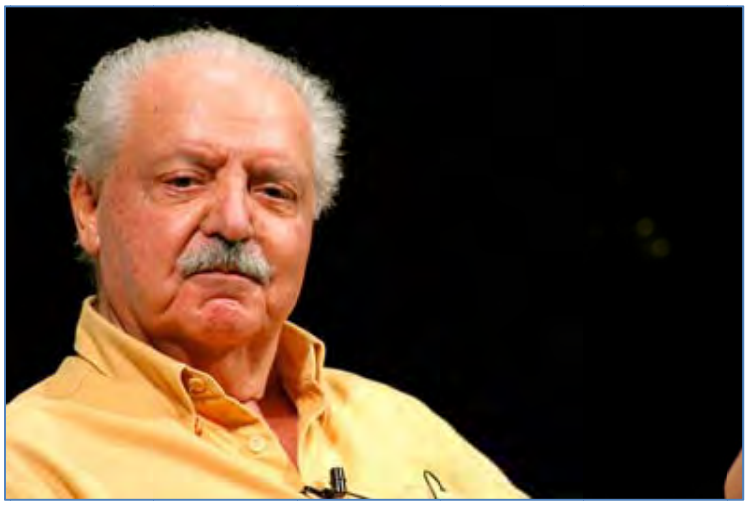
Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel



Salim Assina

Volume: 12: Criticas: Escritores e Livros

Organização digitalização: Iraci Borszcz e Elisa Camilo
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016
UDESC – FAED – IDCH

Sumário

1 Índice geral por número .....

2 Cópias digitalizadas dos jornais.....

3 Índice por ano .....

4 Índice por escritor.....

1 Índice geral por número

Nº	Referência
ESCRITORES BRASILEIROS	
1	MIGUEL, Salim. Terça-feira dia 20 a batalha de Osmard. **O Estado**, Florianópolis, 18/04/1982, p. 31, Livros.
2	MIGUEL, Salim. Luís Delfino, para ler e conferir. **O Estado**, Florianópolis, 26/09/1982, Livros.
3	MIGUEL, Salim. Os residentes. **Jornal do Sul,** 01/05/1983.
4	MIGUEL, Salim. Ensinando a ler para além do texto. **O Estado,** Florianópolis, 11/05/1988. Livros
5	MIGUEL, Salim. O passado iluminando o presente. **O Estado**, Florianópolis, 23/11/1983, p. 25. Lazer/ livro
6	MIGUEL, Salim. Verso e reverso da mesma moeda. **O Estado**, Florianópolis, 25/01/1984, p. 19. Lazer/ livro.
7	MIGUEL, Salim. Eça de Queirós revisitado. **O Estado,** 22/02/1984, p. 22. Lazer/ livro
8	MIGUEL, Salim. A Morte de Pedro Nava: incerteza, pavor, pasmo. **O Estado,** Florianópolis, 15/05/1984, p.5. Geral
9	MIGUEL, Salim. José de Alencar e Valdomiro Silveira, uma aproximação possível. **O Estado,** Florianópolis, 12/06/1984, p. 18. Variedades.
9	MIGUEL, Salim. José de Alencar e Valdomiro Silveira, uma aproximação possível. **O Estado,** Florianópolis, 12/06/1984, p.18. Variedades.
10	MIGUEL, Salim. Uma obra coerente. **O Estado**. Florianópolis, 20/06/1984, p. 18. Variedades.
11	MIGUEL, Salim. Harmoniosa convivência. **O Estado**. Florianópolis, 20/06/1984. p. 18. Variedades.
12	MIGUEL, Salim. Asimov, o pai dos robôs. **O Estado.** Florianópolis, 20/06/1984, p. 18, Variedades.
13	MIGUEL, Salim. Balanço de uma vida. **O Estado**, Florianópolis, 05/08/1984, p. 26. Livros.
14	MIGUEL, Salim. O melhor de Marques Rebelo. **O Estado**, Florianópolis, 14/10/1984, p. 26. Livros. 1984.
15	MIGUEL, Salim. A Prática do Atletismo. **O Estado,** Florianópolis, 14/10/1984, p. 26, Livros.
16	MIGUEL, Salim. Em a Morte do Brasil um retrato do Brasil. **O Estado**, Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.
17	MIGUEL, Salim. Ensinando a ver jornais. **O Estado,** Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.
18	MIGUEL, Salim. O prazer de ler-reler Machado. **O Estado,** Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.
19	MIGUEL, Salim. Uma leitura de Augusto Meyer. **O Estado**, Florianópolis, 18/11/1984, p. 26. Livros.
20	MIGUEL, Salim. Reflexão sobre o poder. **O Estado,** Florianópolis, 18/11/1984, p. 26. Livros
21	MIGUEL, Salim. Cultura negra e liberdade, temas de Domício Proença Filho. **O Estado,** Florianópolis, 02/12/1984. p.28. Livros.
22	MIGUEL, Salim. Mapeamento do conto brasileiro contemporâneo. **O Estado**. Florianópolis, 03/03/1985. p. 29, Livros.
23	MIGUEL, Salim. Lembranças do Professor. **O Estado,** Florianópolis, 15/03/1985, p. 6. Cidade.
24	MIGUEL, Salim. A paixão do poema. **O Estado,** Florianópolis, 14/04/1986, p. 2.
25	MIGUEL, Salim. A vez do livro. **O Estado,** Florianópolis, 31/set/86. p. 2. 2º Caderno.
26	MIGUEL, Salim. Ausências e acréscimos. **O Estado**, Florianópolis, 02/11/1986, p. 2, 2º Caderno.
27	MIGUEL, Salim. Desmotando o convencional. **O Estado**, Florianópolis, 16/11/1986. p. 2, 2º Caderno.
28	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **O Estado,** Florianópolis, 07/12/1986, p. 2, 2º Caderno.
29	MIGUEL, Salim. Viver de ler. **O Estado,** 14/12/1986, p. 10.
30	MIGUEL, Salim. Poesia brasileira em Portugal. **O Estado**, Florianópolis, 18/01/1987, p. 10.
31	MIGUEL, Salim. A morte de um amigo. **O Estado,** Florianópolis, 15/01/1987, p. 16.
32	MIGUEL, Salim. Boas leituras, maiores emoções. **O Estado,** Florianópolis, 15/02/1987, p. 10.
33	MIGUEL, Salim. Desestruturar para criar. **O Estado,** 22/02/1987, p. 10.
34	MIGUEL, Salim. O valor da palavra. **O Estado,** 01/03/1987, p. 10.
35	MIGUEL, Salim. Revendo o Museu. **O Estado,** Florianópolis, 22/03/1987, p.
36	MIGUEL, Salim. Conhecer para avaliar melhor. **O Estado,** Florianópolis, 05/04/1987, p. 10

37	MIGUEL, Salim. Cinema Brasileiro: Oportunas Visões. **O Estado,** Florianópolis, 12/04/1987, p.10
38	MIGUEL, Salim. Da importância de ler-reler Antônio Candido. **O Estado,** Florianópolis, 03/05/1987
39	MIGUEL, Salim. Oportuna reedição. **O Estado,** Florianópolis, 08/03/1987, p. 10.
40	MIGUEL, Salim. Apoio às publicações culturais. **O Estado,** Florianópolis, 17/05/1987, p. 10.
41	MIGUEL, Salim. Um Documento Apaixonante e Veraz. **O Estado**, Florianópolis, 24/05/1987, p. 10.
42	MIGUEL, Salim. Redescobrindo a mocidade. **O Estado,** Florianópolis, 24/05/1987, p. 10.
43	MIGUEL, Salim. Oportuna Reedição de um Comediógrafo. **O Estado**, Florianópolis, 31/05/1987, p. 10.
44	MIGUEL, Salim. Nicarágua vista por Cortázar. **O Estado**, Florianópolis, 14/06/1987, p. 8. Leitura & Lazer
45	MIGUEL, Salim. Enredos Aliciantes e Insitigantes. **O Estado**, Florianópolis, 07/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.
46	MIGUEL, Salim. Dois Títulos Ilustrativos. **O Estado**, Florianópolis, 21/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.
47	MIGUEL, Salim. Cinema e Mito. **O Estado**, Florianópolis, 12/07/1997, p. 8, Leitura & Lazer.
48	MIGUEL, Salim. Teatro de Alencar, Unidade e Diversidade em Dois Ensaios. **O Estado**, Florianópolis, 26/07/1987, p. 7, Leitura & Lazer.
49	MIGUEL, Salim. Um Ensaio Instigante. **O Estado**, Florianópolis, 02/08/1987, p. 7, Leitura & Lazer.
50	MIGUEL, Salim. Contribuição de Peso. **O Estado**, Florianópolis, 03/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.
51	MIGUEL, Salim. Dois artistas, algumas aproximações. **O Estado**, Florianópolis, 20/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.
52	MIGUEL, Salim. Ody Fraga, um amigo que se foi. **O Estado**, Florianópolis, 27/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.
53	MIGUEL, Salim. Dorotéia, Distinta Vaca. **O Estado**, Florianópolis, 04/10/1987, p. 4, Leitura & Lazer.
54	MIGUEL, Salim. O cinema em Foco. **O Estado**, Florianópolis, 05/07/1987, p. 8, Leitura & Lazer.
55	MIGUEL, Salim. O Cinema em Santa Catarina. **O Estado**, Florianópolis, 11/10/1987, p. 10, Leitura & Lazer.
56	MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – II. **O Estado**, Florianópolis, 18/10/1987, p. 8, Leitura & Lazer.
57	MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – III. **O Estado**, Florianópolis, 25/10/1987, p. 8, Leitura & Lazer.
58	MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – IV. **O Estado**, Florianópolis, 01/11/1987, p. 8 Leitura & Lazer
59	MIGUEL, Salim. Gastal - A paixão pelo cinema. **A Notícia,** 09/09/1996, p. 1, Anexo.
60	MIGUEL, Salim. Contestado na literatura. **A Notícia,** 16/08/1996, p. 3, Anexo.
61	MIGUEL, Salim. Encontro com Richard Morse. **ANcapital,** , Florianópolis, 17/11/1995, p. 5, Variedades.
62	MIGUEL, Salim. Família. **A Notícia,** 02/01/1991, p. 1, Anexo.
63	MIGUEL, Salim. As dúvidas (e certezas) de Porã. **O Estado**, Florianópolis, 11/02/1981, Livros
64	MIGUEL, Salim. A simbologia dos náufragos na ficcção de Mário Pontes. **Letras e livros,** p.10
65	MIGUEL, Salim. Livro - a nova vedete. **Correio do Livro,** nov. 86/jan.1987, p. 5.
66	MIGUEL, Salim. Características e ações das editoras de universidades. **Correio do Livro,** ago./out.1986, p. 8.
67	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **Correio do Livro,** abr./jun. 1987, p. 18
68	MIGUEL, Salim. Se elas falassem...**Gazeta,** 13/12/1945
69	MIGUEL, Salim. Dubalgem: um absurdo. **Gazeta,** 15/01/1961, p. 7.
70	MIGUEL, Salim. Um memorialista do conto. **Gazeta de Notícias,** 15/11/1959, p. 1.
71	MIGUEL, Salim. Florianópolis no Panorama Teatral Brasileiro. **A Hora,** 17/11/1956
72	MIGUEL, Salim. Notícias de Sta. Catarina. **A Hora,** 10/11/1965.
73	MIGUEL, Salim. Confissões do escritor Marques Rebelo. **A Hora,** 02/10/1956, p. 11
74	MIGUEL, Salim. Notícias de Sta. Catarina. **A Hora,** 23/09/1956, p. 1
75	MIGUEL, Salim. Lembranças de Gama D'Eça. **Correio da Manhã,** 27/03/1965, p. 3. 2º Caderno.

76	MIGUEL, Salim. Conto Brasileiro: Um bom levantamento. **Tribuna da Fronteira,** 29/05/1982, Página Literária.
77	MIGUEL, Salim. Um Livro Pungente. **Folha Acadêmica,** 01/05/1961, p.5.
78	MIGUEL, Salim. O conto e os contistas de Santa Catarina. **A Notícia,** 26/07/1981, p. 22, Especial.
79	MIGUEL, Salim. Recuperando a infância. **Suplemento Literário,** 12/11/1983, p. 3.
80	MIGUEL, Salim. Nosso companheiro, jornalista, Flávio Costa, **Fatos e Fotos,** 31/10/1976, p. 126.
81	MIGUEL, Salim. A Lição de um homem, **Fatos e Fotos,** 25/03/1974, p. 55.
82	MIGUEL, Salim. Dentro da noite, um clarão. **Cacau-letras,** ago./set. 1986, p. 3, Opinião/Ensaio.
83	MIGUEL, Salim. Um ensaísta coerente. p. 31, Livro
84	MIGUEL, Salim. Inexílio. Livro
85	MIGUEL, Salim. O viajante das Nuvens, p. 31, Livro
86	MIGUEL, Salim. Revisitando o Oeste.
87	MIGUEL, Salim. Dois Literatores. **O Estado**, Florianópolis, 1981.
88	MIGUEL, Salim. Um poeta lê outros poetas. 1984
89	MIGUEL, Salim. A festa em vida
90	MIGUEL, Salim. Fernando Pessoa e sua inesgotável arca
91	MIGUEL, Salim. Tèrcio da Gama: explosão de cores
92	MIGUEL, Salim. As possibilidades da ficção
93	MIGUEL, Salim. Machadinho - ainda e sempre. **O Estado**, Florianópolis, 07/09/1963
Portugueses ingleses e outros europeus	
94	MIGUEL, Salim. Zeno versus Freud. **Jornal do Brasil,** 09/08/1980, p. 9, Caderno B
95	MIGUEL, Salim. Italo Svevo, aliás Ettore Schmitz, aliás Leopoldo Bloom. **Jornal do Brasil,** 21/10/1978, p. 4, Livro.
96	MIGUEL, Salim. O americano intranquilo. **Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 22/07/1978, p. 3, Livro.
97	MIGUEL, Salim. Unamuno vê a existência sem saídas. **Jornal da Tarde,** Rio de Janeiro, 03/06/1995, p. 6, Livros.
98	MIGUEL, Salim. G.B.S. **O Estado**, Florianópolis, 11/11/1950, p.2, Livros.
99	MIGUEL, Salim. A consciência de Zeno. **O Estado**, Florianópolis, 10/08/1980, Livros.
100	MIGUEL, Salim. Os ecos da rosa. **O Estado**, Florianópolis, 15/02/1984, p. 18, Livros.
101	MIGUEL, Salim. A propósito das traduções de Conrad. **O Estado**, Florianópolis, 17/06/1984, p. 26, Livros.
102	MIGUEL, Salim. Passeio pela poesia grega. **O Estado**, Florianópolis, 28/09/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.
103	MIGUEL, Salim. Fernando Pessoa e sua inesgotável arca. **O Estado**, Florianópolis, 05/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.
104	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **O Estado**, Florianópolis, 07/12/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.
105	MIGUEL, Salim. Coerência entre vida e obra. **O Estado**, Florianópolis, 21/12/1986, p.10, Fim de semana/Leitura e Crítica.
106	MIGUEL, Salim. Relação autor x personagem numa novela modelar. **O Estado**, Florianópolis, 28/12/1986, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.
107	MIGUEL, Salim. O permanente fascínio de um livro. **O Estado**, Florianópolis, 15/03/1987, p.10, Fim de semana/Leitura e Crítica.
108	MIGUEL, Salim. A mentira de um sonho. **O Estado**, Florianópolis, 19/04/1987, p. 10, fim de semana/Leitura e Crítica.
109	MIGUEL, Salim. A propósito do Fervor Camiliano. **O Estado**, Florianópolis, 26/04/1987, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.
110	MIGUEL, Salim. O Poder da Palavra. **O Estado**, Florianópolis, 10/05/1987, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.
111	MIGUEL, Salim. Questão em aberto. **O Estado**, Florianópolis, 09/08/1987, p. 10, Leitura & Lazer/Leitura e Crítica.
112	MIGUEL, Salim. Revisitando Miguel Torga. **A Notícia,** 03/11/1996, p. 4, Leitura.
113	MIGUEL, Salim. Encontro com Richard Morse. **ANcapital**, Florianópolis, 17/11/1995, p. 5,

	Variedades.
114	MIGUEL, Salim. Eça, Renovador. **Gazeta das Letras,** 08/01/1950, p. 1.
115	MIGUEL, Salim. Escritor brasileiro, este desconhecido no Brasil. **O Estado**, Florianópolis, 02/06/1985, p. 26, Livros.
116	MIGUEL, Salim. Paris: anotações preliminares, **O Estado**, Florianópolis, 09/06/1985, Livros.
117	MIGUEL, Salim. Do coração e de várias emoções. **O Estado**, Florianópolis, 16/06/1985, p. 26, Livros.
118	MIGUEL, Salim. Eça de Queirós revisitado. **Registro,** p. 2
119	MIGUEL, Salim. Saramago: apontamentos. **Informativo da UBE – SC,** p. 7.
120	MIGUEL, Salim. As exemplares novelas de Unamuno. **Jornal da Tarde.**
Autores hispano-americanos	
121	MIGUEL, Salim. Aguardem o próximo capítulo. **O Popular.** 20/08/1978. p.7, Suplemento Cultural.
122	MIGUEL, Salim. Da arte de saber nadar. **O Estado**, Florianópolis, 26/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.
123	MIGUEL, Salim. A festa em vida. **O Estado**, Florianópolis, 12/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.
124	MIGUEL, Salim. Nas memórias de Ernesto Sabato, um inquietante e sombrio relato do mundo. **O Globo,** 05/06/1999, p. 4, Prosa & Verso.
125	MIGUEL, Salim. Sabato entre sombras, dúvidas, esperanças, desesperos e utopias. **O Globo,** 09/12/2000, p. 4, Prosa & Verso.
126	MIGUEL, Salim. "A Morte de Artemio Cruz" está de volta. **Jornal da Tarde,** 07/01/1995, p. 6, Livros.
127	MIGUEL, Salim. O conto e sua criação. **Jornal da Tarde,** 18/02/1995.
128	MIGUEL, Salim. Ao som da guaracha. **Leia Livros,** 01/10/1981.
129	MIGUEL, Salim. Dom segundo sombra - Retrato de corpo inteiro da vida nos pampas, **O Estado**, Florianópolis, 29/03/1981, p. 30, Livros.
130	MIGUEL, Salim. De espelhos e labirintos, **Ô Catarina**, Florianópolis, jul./ago. 1999, p. 11.
131	MIGUEL, Salim. Borges, cem anos. **Correio das Artes,** 05/09/1999, p. 5.
132	MIGUEL, Salim. Nicarágua vista por Cortázar. **O Estado**, Florianópolis, 14/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.
133	MIGUEL, Salim. Ernesto Sabato. **Ô Catarina**, Florianópolis, nov./dez. 1999, p. 12.
134	MIGUEL, Salim. Quiroga, personagem de Quiroga. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado
135	MIGUEL, Salim. As cruzes de Artemio Cruz. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado
136	MIGUEL, Salim. Assim se escreve um conto. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado

2 Cópias digitalizadas dos jornais

CRÍTICAS DE
SALIM MIGUEL
SOBRE ESCRITO-
RES BRASILEIROS

001

LIVROS Salim Miguel

Terça-feira dia 20
A batalha do Osmard

O primeiro contacto que tive com a leitura de Osmard Andrade (não conhecia o Autor), foi quando, no Rio, em 1976, recebemos o conto "Jesus Cristinho" e o publicamos na revista Ficção; mais tarde (coisa difícil, pois eram tantos os originais que recebíamos de todo o Brasil que raramente repetíamos o mesmo autor em nossas páginas), publicamos outro conto dele, "Valente e Ás de Copas". Em ambos, um de costumes o outro policial, a marca de um escritor que sabe traçar com exatidão situações e figuras, com boa estrutura narrativa e dotado de senso de humor. Só bem mais tarde, se não me engano, já de volta para Florianópolis, vim a conhecer pessoalmente Osmard. Agora, este triste episódio. Nem vou entrar, aqui, no mérito dos contos. Para o que interessa pouco importam. Reconsidero: vou. Para meu gosto pessoal, num volume no qual várias técnicas são intentadas, um dos contos que menos me satisfazem é exatamente o que dá título ao livro, este "A batalha de Ararangúá". Para ele, a denominação "quase contos", dada pelo Autor, até que se justifica. Com ele próprio reconhece, tem muito mais de reportagem, com leves pitadas de ficção, resultando num produto híbrido. Além disto, é o que eu chamaria de conto-piada, com um final anedótico. Destacaria contos como "A tempestade", "A mentirosa mentira", "Eram quatro dois a dois", "Benza Deus". E embora não fazendo parte, originariamente, do volume (como também não o faziam os dois publicados em Ficção), o conto "Se lembra de Stela?" Mas isto, reafirmo, pouco importa, é um

problema exlusivo de crítica literária, de valoração qualitativa, de gosto, podendo ser por vezes falível, nunca um problema de censura. O que importa — e é grave é que um órgão do governo dá um prêmio a um livro (poderia ser música, peça de teatro, filme, etc.), baseado no parecer de uma comissão responsável encarregada de julgar um concurso, seja ele oficial ou não, e outro órgão do governo, baseando-se em não se sabe que critérios esdrúxulos impede a publicação do livro premiado. Ora, convenhamos, a este filme já estamos cansados de assistir. Por quanto tempo, com pequenas variações, ele se repetirá? Um dado fundamental na questão parece-me fora de dúvida e precisa ser claramente colocado: necessidade de inteira liberdade de expressão na criação artística, na manifestação de pensamento, no trabalho cultural, sem qualquer espécie de tutela. Mesmo que fosse um nome desconhecido — o que não é o caso. Jornalista, médico, autor de livros de hipnose médica e parapsicologia com várias edições e traduções, ficcionistas, Osmard de Andrade é um intelectual com uma bagagem e serviços à cultura que o credenciam como um dos mais expressivos nomes de nossas letras. Mas, insistimos, isto não deve pesar. Ainda que fosse um livro de estréia de um desconhecido, o critério deveria ser o mesmo: respeito ao autor e à obra. O que nos causa especial estranheza é o fato em si do veto à publicação, com um porém: a não ser que... fosse mutilado o trabalho. Teria então o beneplácito. Com o que não poderia concordar o Autor. Daí o nosso apoio a ele e o nosso aplauso à Associação Catarinense de Medicina pela publicação integral do livro (que não fique neste). A batalha de Ararangúá vai agora ser julgado por quem de direto: a crítica e os leitores.

A batalha de Ararangúá, quase contos, de Osmard Andrade, prefácio de Moacir Periera, depoimento do Autor, facsimile do parecer do Conselho Estadual de Cultura à Fundação Catarinense de Cultura, louvando "a excelência do livro" mas não aconselhando a publicação se não fosse retirado um dos trabalhos enfeixados, o que dá título ao livro, edição da Associação Catarinense de Medicina, Fpolis, 1982, lançamento terça-feira, dia 20, às 20 horas, na séde da ACM, R. Jerônimo Coelho, 359.

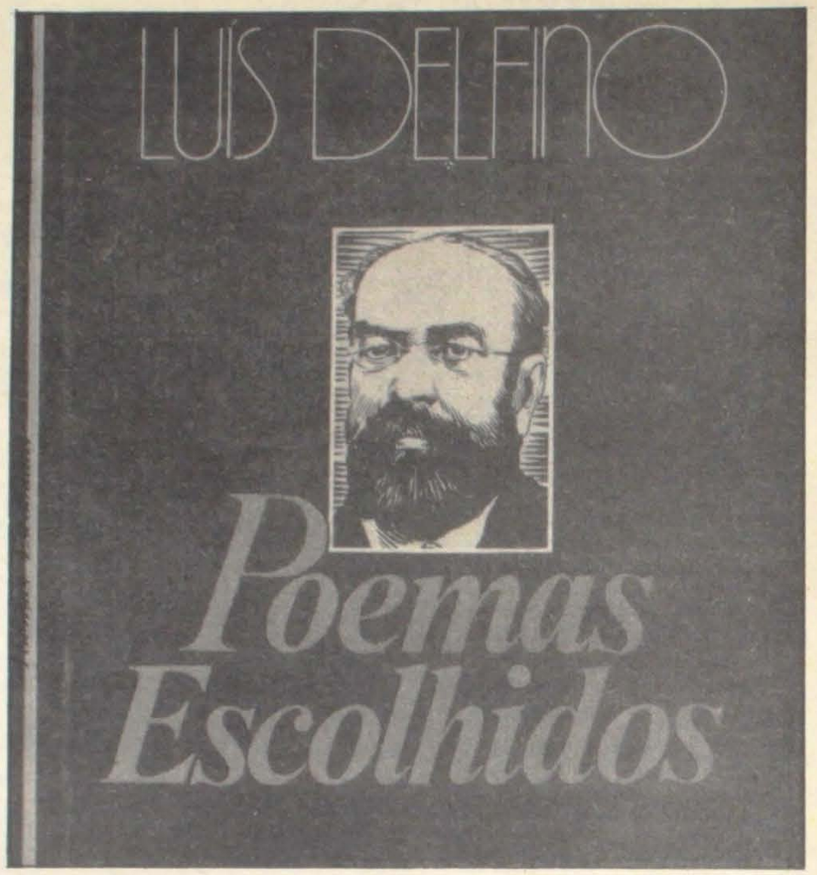
1982

O ESTADO - Fpolis, 26/09/82

LIVROS 002

Salim Miguel

Luís Delfino, para ler e conferir



Talvez mais citado do que conhecido (ou conhecido pelo indefectível soneto "Ubi natus sum"), Luís Delfino poetou muito, mas pouco publicou em vida e não deixou nada em livro, apenas esparsos em jornais e revistas. Só depois de morto seus escritos foram recolhidos, publicando se filho Tomás Delfino 13 volumes com seleção de poesias, certamente em edições pequenas, mal distribuídas, não reeditadas, que logo desapareceram. Assim, o que nos ficou foram algumas amostras em antologias, a lenda de sua prolixidade, sua memória retentiva refazendo centenas de versos, sua facilidade no versejar. Daí a oportunidade deste **Poemas Escolhidos**, de Luís Delfino, seleção e introdução de Nereu Correa, FCC-Edições. Ele vem permitir que se tome conhecimento da obra através de trabalhos de várias fases e tendências, e se possa melhor avaliá-la. Na introdução crítico-biográfica, Nereu Correa situa o poeta catarinense em seu meio e seu tempo, estudando também o seu fazer poético. Em certo trecho diz que embora ultrapassado "na forma e na temática de seus versos", não o é na "essência lírica de que estão impregnados", pois "esta permanece viva, e viva continuará pelos tempos afora". Agora é ler e conferir.

Lembrança de Paulo Emílio

Folheio este **Crítica de Cinema no Suplemento Literário**, volume II, de Paulo Emílio, editado pela Paz e Terra/Embrafilme; detenho-me na página 406, "Primavera em Florianópolis". Imediatamente recuo 20 exatos anos: estou em setembro de 1962. Está se realizando, em Florianópolis, a I Semana do Cinema Novo Brasileiro, promovida pelo Gabinete de Relações Públicas do Governo do Estado. Paulo Emilio fazia parte do grupo de convidados (produtores, diretores, técnicos, artistas, críticos), vindos de várias regiões do país. E com sua comunicabilidade, sua inteligência, seus conhecimentos, seu humor, seu amor pelo cinema, tornou-se peça chave da promoção. Animava, discutia, brincava, segurava a platéia do cine São José quando o filme anunciado para a noite ameaçava não chegar. Um dia, até, foi preciso uma luta titânica para que o avião pousasse em Florianópolis, pois as condições atmosféricas dificultavam a descida e o comandante queria seguir para Porto Alegre com as latas do filme programado. Enquanto do aeroporto conversávamos com ele, no cinema, contando histórias, chamando atores ao palco, Paulo Emilio fazia passar o tempo. Até que o comandante se comoveu e o avião pousou. Disparamos com as latas para o cinema; mas a essa altura, mesmo que o filme não chegasse, os assistentes já estavam amarrados à prosa de Paulo Emilio. Em torno dele, no cinema, em bares, nas praias, nos restaurantes e no hotel, congregavam-se nomes conhecidos e desconhecidos, veteranos de cinema e gente que apenas se iniciava, velhos amigos e outros que logo se tornavam íntimos. No artigo que publicou pouco depois (6-10-62) em sua coluna de "O Estado de São Paulo", ele faria um balanço e uma análise do significado da Semana e do que ela representara para o nosso cinema. Assim é o livro ora publicado. Sua importância, muitas vezes, extrapola o próprio texto, as próprias reflexões sobre a sétima arte, para se centrar numa grande família que, pelo Brasil inteiro, conviveu com esta grande figura humana e grande escritor, que se chamou Paulo Emilio Sales Gomes. Agora é lê-lo e admirá-lo.

1982

002

Poesia

Em edições ditas "normais", em edições alternativas, em edições pagas pelos próprios autores — não importa. A verdade é que a poesia continua: novíssimos, novos, menos novos, velhos, conhecidos e desconhecidos, os poetas mostram o que estão fazendo, dão bom recado humano e estético. Eis os últimos títulos recebidos pelo colunista (a alguns deles voltaremos, mais demoradamente, em outra oportunidade) e que chegaram por estes dias:

Começando pelos de casa temos dois títulos de nomes bastante representativos da nossa atual poesia: **O homem sem o homem**, de Alcides Buss, editora Noa Noa; e **Gemônias**, de C. Ronald, FCC-edições/UFSC; e mais: **A dor da frágil pluma**, de Katsuko Shishido, editora Taturana, Santo André, SP, 1982; **A passagem do tempo**, de Vilson de Melo Corrêa, editora Taturana, Santo André, SP, 1982; **Fantoches**, de Sylvio Simões, edições Achiamé, RJ, 1982; **A porta do sol**, de José Eduardo Degrazia, edições Criar, Curitiba, 1982; **Informe de ofício e outras novidades**, de Oscar Bertholde, EDUCS, RS, 1982; **Memória caporal**, de Roberto Pontes, edições Antares, RJ, 1982; **Os becos do homem**, de Jorge de Souza Araújo, edições Antares/Pró-Memória-INL, RJ, 1982; **Canto agônico**, de Carlos Anísio Melhor, editora Civilização Brasileira/Fundação Cultural do Estado da Bahia, RJ, 1982; **O punhal lúcido**, de Milton de Godoy Campos, Clube de Poesia, SP, 1982; **Discurso no deserto**,, de Alphonsus de Guimarães Filho, editora Cátedra/Pró-Memória-INL, RJ, 1982; **No vidro da aurora**, de Maura Gonçalves, livraria José Olympio Editora, RJ, 1982; **Corpo de delito e prosipoemas**, de Ayrton Pereira da Silva, livraria José Olympio Editora, RJ, 1982; **Poema sem poética**, de Adailton Medeiros, edições Achiamé, RJ, 1982; **Vida felina**, de Sergio Amaral Silva, edição do autor SP, 1981; **Elo:ela**, de Sérgio Ricardo, editora Civilização Brasileira, RJ, 1982.

Registro

Porto da salvação, de Paulo Barbará, editora Codecri. A trama deste romance gira em torno de Floriano, mineiro do interior que quer vencer na cidade grande. De repente se vê envolvido no mundo da comunicação. Para o Autor, o livro é, antes de mais nada, um estudo psicológico sobre o sucesso numa sociedade de consumo.

Coronéis e carcamanos, de Julio J. Chiavenato Global editora. Um romance que mostra, durante a corrida do café em terras paulistas, o encontro-desencontro entre latifundiários e imigrantes, quando os coronéis usavam as levas de italianos que chegavam a Santos. O.A. é bastante conhecido por seus trabalhos de pesquisa histórica.

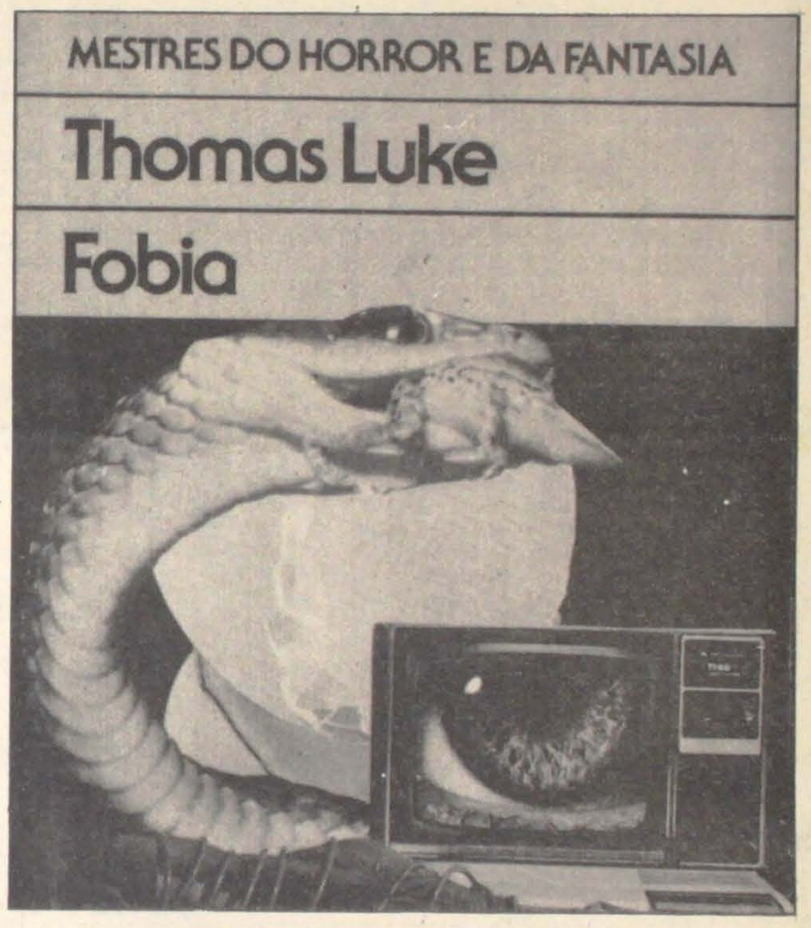
Max e Helen, de Simon Wiesenthal, editora Nórdica. Neste "romance factual", como o próprio A. o denomina, temos o relato de um casal judeu sobrevivente do holocausto nazista. Wiesenthal dedicou sua vida a levar à barra dos tribunais criminosos de guerra. Mas aqui nos dá uma história de amor e sacrifício.

A incendiária, de Stephen King, editora Record. Na aparência, uma criança normal. Mas por que aos dois anos ela põe fogo em seu ursinho de pelúcia? A partir daí, um clima de terror se manifesta. Presentes todos os ingredientes do gênero, pelo mesmo autor de outros best-sellers como **O iluminado** e **A hora do vampiro**.

Voraz como o mar, de Wilbur Smith, editora Record. A missão de Nicholas Berg é impedir que o superpetroleiro mais caro do mundo se transforme no maior desastre da história. Mas para isto ele precisa vencer numerosos empecilhos, contando com a colaboração de Samantha Silver, a mulher que o ama.

Fobia, de Thomas Luke, col. Mestres do Horror e da Fantasia, Livraria Francisco Alves Editora. Cinco pacientes homicidas, sofrendo de fobia, estão em tratamento com um psiquiatra Behavorista. Ele aplica o que chama de "terapia de implosão", projetando na tela imagens que os pacientes não podiam suportar. Este horror é passado para os leitores, numa linguagem que transmite o clima do livro.

Geração Abandonada, de Luiz Fernando Emediato, Global editora. Depois de pesquisar quase dois anos, durante os dois primeiros meses de 1982 o Autor conviveu com grupos de jovens do Rio e S. Paulo. Vagou por estradas, acampou em lugares selvagens e praias desertas, usou drogas. O resultado foi uma série de reportagens e agora este livro, que teve a primeira edição esgotada numa semana, onde narra suas experiências e mostra como vivem e o que pensam aqueles jovens que ele denomina de "a geração do AI-5".



Para uma ciência da libertação da mulher, de Isabel Larguia e John Dumoulin, Global editora. Vendo a questão feminina de forma abrangente, o livro situa a mulher dentro de um contexto histórico e sugere a necessidade de uma ciência para o estudo do problema.

Teatro para quem nunca fez teatro, de Tenê de Casa Branca, Edart, Dist. Global. Manual de técnicas e dicas sobre montagem de um texto. Inclui idéias de figurinos, cenografia, iluminação, marcação e direção, em linguagem clara e acessível.

O livro das listas, de David Wallechinsky, Irving Wallace, Amy Wallace, editora Record. Dividido em temas, contém listas com informações sucintas sobre uma variedade de assuntos. E é claro que só poderia ter sido bolado nos EUA, onde logo se tornou best-seller. Mostra, por exemplo, quais os 12 melhores de filmes de todos os tempos para Welles, os 50 melhores jogadores de futebol para Pelé, os 10 maiores escritores de todos os tempos para H. Miller, as 5 pessoas mais odiadas da História... e assim por diante.

Como enfrentar a vida, de Ari Kiev, Col. Bem Viver, editora Francisco Alves. O autor é psiquiatra e diretor do Instituto de Pesquia e Psiquiatria Social em Nova Iorque. Neste livro, mediante técnicas de alívio da frustração e da depressão, ensina a combater o suicídio, que mata milhares de americanos todos os anos, mostrando que quem tem coragem para pôr fim à vida é capaz de reestruturá-la.

3 MIGUEL, Salim. Os residentes. **Jornal do Sul,** 01/05/1983.

Os residentes

003

SALIM MIGUEL

Em linguagem direta e dura, um painel da realidade que nos circunda. Vista através de um microcosmo que reproduz o macrocosmo, onde vida e morte se degladiam. Simbolicamente, Holdemar Menezes situa as tramas deste **Os Residentes** numa maternidade. Narrando na primeira pessoa do singular, faz desfilar, por intermédio do agressivo e desbocado residente, espécie de fio condutor daquele universo, envolvido em tudo até mesmo à sua revelia, situações e personagens encontradiços num dia-a-dia que o Autor conhece tão bem. A proposta deste novo romance do Autor de **A coleira de Peggy** (contos, Ática, 3ª edição, 1979); **A sonda uretral** (contos, Codecri, 1978); **A maçã triangular** (romance, Movimento, 1981) é claramente definida e perpassa toda a sua obra: uma reflexão sobre a violência e o poder, em todos os níveis, que se unem para asfixiar o ser humano. Isto, aliás, fica bem claro na seguinte passagem, quando o personagem-narrador diz: "É por isso, pensei, que é fácil dirigir alguma coisa: um município, um estado, ou um país. Basta que se faça pressão séria, de cima para baixo, que todo mundo obedece." Dir-se-ia uma afirmação cética e cínica. Sim, mas é suficiente olharmos em derredor para apreendermos a verdade e o sentido profundo de tais palavras. Vivemos um tempo de violência infrene e de poder indiscriminado, que procuram subordinar tudo e todos.

Holdemar Menezes vai mais longe na sua perquirição, busca motivações e insiste em nos patentear sua visão de mundo: para qualquer situação em que se veja envolvido, o residente procura similitude em livros policiais nos quais a violência é uma constante que impera, e a "ordem" é mantida a ferro e fogo. A própria história de **Os residentes** se fecha como um romance policial.

O residente quer, sempre, ser um duro, agir como agiria um duro detetive, que mata todos os "criminosos" e come todas as mulheres. Mas, de repente, amolece. Veja-se a seguinte passagem, quando um marido desesperado questiona a morte da mulher parturiente, o que teria ocorrido graças ao desleixo de um médico: "Aí eu fiquei com pena do viúvo: é duro a gente perder seu único bem na vida ou a única coisa boa que possuía na vida". E considera: "Aquilo que é bom a gente perde logo. As coisas ruins, as dolorosas, os sofrimentos, o medo, as frustrações, essas coisas são eternas."

Tem mais, porém: na caracterização de dois personagens, o jogo de poder fica bem marcado e Holdemar desvela seu modo de ver e de ser: no perdedor doutor Camargo e no ganhador doutor Assef. São faces de uma mesma moeda, mas duas faces que se contrapõem e repelem. As referências poderiam prosseguir: na comissão de inquéritos pós 64 que quer encontrar "subversivos" e no delegado e comissário que procuram um culpado; em Helga, com suas angústias, e na Freirinha, com suas dúvidas.

Desde seus primeiros trabalhos que Holdemar Menezes vem analisando o problema da violência, do poder, da opressão. Implícito ou explícito, lá está o debate. Mas ele não é colocado de forma demagógica. Tudo nos chega em termos convincentes, num texto trabalhado por alguém que se debruçou sobre o fenômeno e o sentiu na própria carne□

OS RESIDENTES, *de Holdemar Menezes, Movimento, 129 páginas, Cr$ 1.500,00.*

Jornal do Sul
Maio 83

004 - O Estado, Flpl. 11-05-88

LIVROS

Salim Miguel

Ensinando a ler para além do texto

O texto literário — a prática da interpretação, de Edda Arzúa Ferreira, que acaba de aparecer pela Editora da UFSC, é livro que estuda a maneira de se enfrentar o desafio do texto; e que faz, ao mesmo tempo, uma demonstração muito rica da interação da sensibilidade e da teoria na leitura de um poema de Drummond, "Morte do leiteiro".

Logo de início, a A. explicita o instrumental teórico que embasará seu estudo. E apresenta, de maneira sucinta, porém bem sintetizada, as posições do Grupo Tel Quel (J. Kristeva, P. Sollers, entre outros), de Roland Barthes e J. Derrida, bem como as teorias de "obra aberta" e "estrutura ausente" de Umberto Eco.

Para aqueles que, motivados pelo trabalho, desejem aprofundar-se nas questões propostas, há uma bibliografia completa no final do livro.

Edda Arzúa Ferreira aponta as relações existentes entre as diversas abordagens teóricas, destacando pontos de convergência ou mesmo equivalência entre elas.

Constata que todos tratam da ambigüidade intrínseca do texto literário, da relação dialógica escritura-leitura, e da relações do texto com a história e a sociedade. Há, também, a forte influência dos estudos semânticos e semiológicos nas várias correntes teóricas. No entanto, cada corrente tem suas características específicas, que buscam lançar uma luz ao objeto estudado.

Como passo seguinte, o mais arriscado, aquele que só quem domina a teoria e conhece literatura ousa dar: aplicar postulados teóricos gerais a um texto determinado.

Não se trata, aqui, de arrolar meia-dúzia de proposições teóricas estilo "passe-par-tout", que se adaptem tanto ao soneto de circunstância quanto a Camões; mas discutir, com o exemplo tirado do texto, a pertinência ou não dos postulados teóricos e sua aplicação.

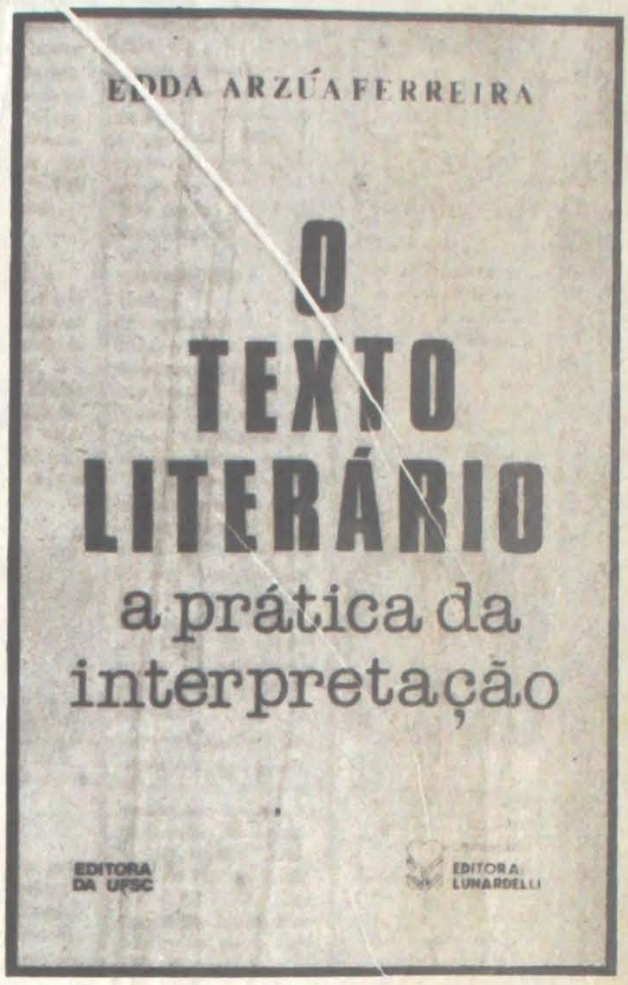
Para tanto, a A. seleciona nas teorias os postulados teóricos que aplicará na leitura.

A primeira leitura é uma leitura intuitiva "procurando recriar e (re) escrever o texto"; a segunda se valerá da teoria para uma "apreensão, tanto quanto possível exaustiva, do texto em questão", procurando relacionar as duas leituras numa síntese final.

E o texto assim estudado é "morte do leiteiro", de Carlos Drummond de Andrade, um dos poemas de **A rosa do povo.**

Edda assinala, desde logo, como a aparente simplicidade quase "jornalística" esconde um alto nível de elaboração poética. Constata que a tensão que percorre todo o poema brota do conflito entre objetividade x subjetividade, postura realista x postura idealista no tratamento da matéria. Faz-nos ver como o poeta se nega à retórica, ao sentimentalismo fácil, porque, "trata-se, na verdade, de uma realidade suficientemente trágica em si".

Na segunda parte a A. explora a riqueza das relações inter-textuais do poema, a começar pelo cruzamento entre



narrativa e poema. Estuda os recursos usados para fugir ao prosaímo: sonoridade, esquema métrico-rítmico, linguagem. A seguir, é analisado o conceito de ambigüidade, que se faz sensível, no texto estudado, principalmente no campo da linguagem.

Assim, por tudo que explicita e por aquilo que deixa entrever, **O texto literário** é livro exemplar. É uma aula de teoria literária e de interpretação, não só pelo que ensina com clareza (só possível quando embasada em muito saber), mas pelo que propõe de indagação e pesquisa.

Texto aberto, como Edda faz questão de acentuar, deixado de lado o livro, voltamos a Drummond (e não só a este poema, pois o que lemos nos remete para muito mais) e o reencontramos, igual e diferente, pois uma outra sensibilidade ajudou a refinar mais nossa própria visão.

1983

MOMENTO DA POESIA

Morte do leiteiro

CArlos Drummond de Andrade

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.
Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.
Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda
resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? Se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.
Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge prá rua.
Meu Deus, matei um inocente.

Bala que mata gatuno
também serve prá furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade
A noite geral prossegue.

a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
Amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

A volta de Drummond a este **Momento da Poesia** *é sempre uma satisfação. Justificar pra quê? Mas, no caso, o poema transcrito tem uma explicação: é exatamente aquele que serve de fundamento ao trabalho de Edda Arzúa Ferreira, que comentamos acima.*

5 MIGUEL, Salim. O passado iluminando o presente. **O Estado**, Florianópolis, 23/11/1983, p. 25. Lazer/ livro

005

LIVROS

Salim Miguel

O passado iluminando o presente

O convento de Mafra, que D. João V de Portugal mandou construir por uma graça obtida (um padre lhe diz que para que a rainha engravide é preciso prometer a construção do convento), serve de eixo para este grande romance, um dos mais significativos da prosa portuguesa atual. Do autor, José Saramago, já conhecíamos, de igual força, **Levantado do chão**, que, da mesma forma que este **Memorial do Convento**, aparece no Brasil numa edição Difel, SP.

Que seria dos reis, dos papas, dos imperadores, dos presidentes, dos ministros, dos grandes e dos poderosos do mundo se, para pagar suas promessas, aos deuses e aos homens, só contassem com suas próprias forças e esforço próprio?

E lá acompanhamos a saga de Baltazar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas, e de milhares e milhares de outros, de nomes antigos e modernos, vivendo suas vidas humildes e se equilibrando por entre caprichos e humores dos poderosos.

Mas o romance de Saramago é também a história do padre Bartolomeu de Gusmão e sua Passarola, que sobe aos ares, impulsionada pelas vontades de gentes que muitos denominam "gentinha", como também é a presença do senhor Scarlatti e sua música de sonho.

Uma narrativa que prende e encanta, com o escritor domando as palavras (sem lhes tirar a força) com rédea forte e elas, qual cavalo chucro, quer no galope quer no trote, revelam uma energia incontida, uma capacidade de dizer além do escrito, de propor além do exposto, de falar do passado iluminando o presente para se projetar no futuro. Só capazes através da pena de um autêntico criador.

Saramago é um escritor que precisa ser urgentemente lido pelos brasileiros. Pois assino in totum o que afirma outro grande criador, José J. Veiga, na "orelha": "Minha sugestão é: descubram José Saramago e façam dele uma possessão ultramarina particular de cada um, e aprovietem".

1983

O fascínio de um gênio adolescente

Grito de desespero arrancado do mais fundo do Autor, revelação de uma existência em transe, **Uma Estadia no Inferno** é livro que, desde seu lançamento, vem inquietando leitores e estudiosos do fenômeno da criação. Inquietando por sua força demoníaca que nos atinge num impacto inusitado e inquietando para se conseguir saber como pôde um adolescente chegar tão fundo. Aliás, toda a existência de Arthur Rimbaud é um enigma: gênio precoce, de relacionamento tumultuado com os seus, com outros escritores, em especial Verlaine, de repente ele abandona as letras, se esquece de que fora um altíssimo poeta — e se transforma num comerciante de vida não muito clara, metido em negócios excusos, tráfico de armas, contrabando, etc.

Na correspondência desse período ele fala muito em dinheiro, em enriquecer, em viagens pelo Oriente que lhe trariam fortunas; e mesmo doente, desenganado, quer continuar se aventurando — até sua última internação num hospital e a dramática morte por câncer depois de amputar uma perna. Obra e vida continuam fascinando e instigando.

No Brasil, vários têm sido seus tradutores (Xavier Placer, Ledo Ivo, Ivo Barroso), que procuram recriar para o português sua linguagem peculiar e sua força selvagem. Ainda agora, pela Civilização Brasileira, em 2ª edição bilingüe, reaparece, na tradução de Ivo Barroso, **Uma Estação no Inferno**. Destacar um trecho do livro é como decepar um membro de um corpo, tal a integridade e a unidade do texto. Ainda assim, nos aventuramos a trazer para o leitor, no desejo de que ele corra a adquirir o livro, um pequeno trecho. Ei-lo:

"Se bem me lembro, minha vida era outrora um festim — aberto a todos os corações, regado por todos os vinhos.

Um dia, sentei a Beleza no meu colo. — E a achei amarga. — E injuriei-a.

Contra a justiça levantei-me em armas.

E fugi. Ó feiticeiras, ó miséria, ó asco — o meu tesouro foi confiado a vós!

Cheguei a dissipar de meu espírito o último trago da esperança humana. Num salto surdo de animal feroz, pulei sobre cada alegria para estrangulá-la.

Convoquei verdugos para, agonizando, abocanhar-lhes a coronha dos fuzis. Invoquei flagelos, para me sufocar nos areais, no sangue. Fiz da desgraça um deus. E me espojei na lama. E me estendi a secar na aura do crime. E andei pilheriando com a loucura".

6 MIGUEL, Salim. Verso e reverso da mesma moeda. **O Estado**, Florianópolis, 25/01/1984, p. 19. Lazer/ livro.

LIVROS

Verso e reverso da mesma moeda

O chamado milagre brasileiro, com sua euforia fabricada, chegava ao fim; com ele, a financeira da qual Rafael Mendes é diretor. E é neste justo momento, quando inicia um balanço de sua vida, que Rafael recebe um estranho recado: alguém é depositário de velhos documentos que o farão recuar no tempo e no espaço, desvendando-lhe seu passado de cristão novo.

Com este fio narrativo, Moacyr Scliar nos introduz em um fascinante universo, neste seu mais novo romance, **A estranha nação de Rafael Mendes**, há pouco lançado pela LePM-editores.

Centrado, da mesma forma que quase toda a obra do Autor, na análise do problema judeu e suas implicações, Scliar nos oferece aqui mais uma faceta do amplo painel que vem erguendo — e como em livros anteriores, também nesta realidade e fantasia se fundem e complementam, num texto que flui e prende.

Pelos papéis que lhe chegam às mãos, Rafael Mendes não só tem conhecimento da trajetória de seu pai, personalidade inquieta e contraditória, mas, vai até às raízes mesmo de sua gente, daquela estranha nação que começou com o profeta Jonas e sua aventura no ventre da baleia, que atravessou países até se localizar no sul do Brasil, isto depois de participar de acontecimentos históricos e aventuras como a Guerra dos Palmares ou as Lutas da Inconfidência, os Farrapos ou o Ciclo do Ouro.

Mas, a proposta básica deste inquietante romance pode ser apreendida no episódio de Maimônides, o filósofo, que escreveu um tratado denominado "O guia dos perplexos". Exatamente aí estão todos, perplexos diante de uma realidade que lhes foge das mãos, escorrendo como água por entre os dedos. E os Mendes de ontem e de hoje estão exatamente perplexos porque, por mais que busquem a Árvore do Ouro, ela lhes escapa mais e mais, simples lenda que os fascina. Então, a parábola nos remete (ou nos devolve) para o País de hoje, este Brasil que nos deixa por igual perplexos, acenando-nos com uma miragem: a Árvore de Ouro. Que dizer, um País viável; ou mais viável.

A história de Scliar coleia, avança e recua, com este Rafael Mendes que procura extrair alguma verdade de tudo aquilo, buscando ora na infância o sentido das coisas, ora no hoje, quando de repente se apercebe que sua filha foge com seu ex-patrão, talvez para dar início a um novo ciclo.

Tudo isto, que poderia fragmentar a estrutura narrativa, se fecha num todo íntegro. Pois Scliar, ficcionista nato, que sabe manejar seu instrumento, dono de um estilo extremamente pessoal, se utiliza de um artifício que lhe permite uma unidade na fragmentação, unidade que atravessa todo o romance e que se sustenta sempre pelo jogo de dois personagens que se contrapõem, mas, que são verso e reverso de uma mesma moeda.

1984

7 MIGUEL, Salim. Eça de Queirós revisitado. **O Estado,** 22/02/1984, p. 22. Lazer/ livro

007

LIVROS

Eça de Queirós revisitado

Há algum tempo, em carta-prefácio para um livro de Guido Wilmar Sassi (reedição do romance **Geração do deserto**), eu dizia que com as facilidades da comunicação telefônica estava se acabando a prática da epistolografia.

Agora, ao ler a **Correspondência** de Eça de Queirós, coordenada, prefaciada e anotada por Guilherme de Castilho, chego a uma conclusão que ficou implícita em minha carta: constatei, mais uma vez, o quanto uma tal correspondência pode esclarecer a respeito de um escritor, situando-nos melhor em seu tempo e espaço.

Nestes dois volumes com quase 1.300 páginas, editados pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, na Biblioteca de Autores Portugueses, com distribuição para o Brasil pela Livraria Camões, temos uma clara visão da época, da vida e da obra do autor de **Os maias.**

Pela primeira vez se reúne, em ordem cronológica, não só o que andava disperso mas numerosas cartas até então inéditas. Isto nos oferece a possibilidade de acompanhar o homem e o escritor em toda a sua trajetória. São opiniões e informações sobre a própria obra e como ele a vida, expedindas por vezes com franqueza rude, sobre seu tempo, sobre seus contemporâneos, sobre países em que viveu ou que percorreu. E, também, ele nos fala dos Vencidos da Vida e de suas idéias socialistas.

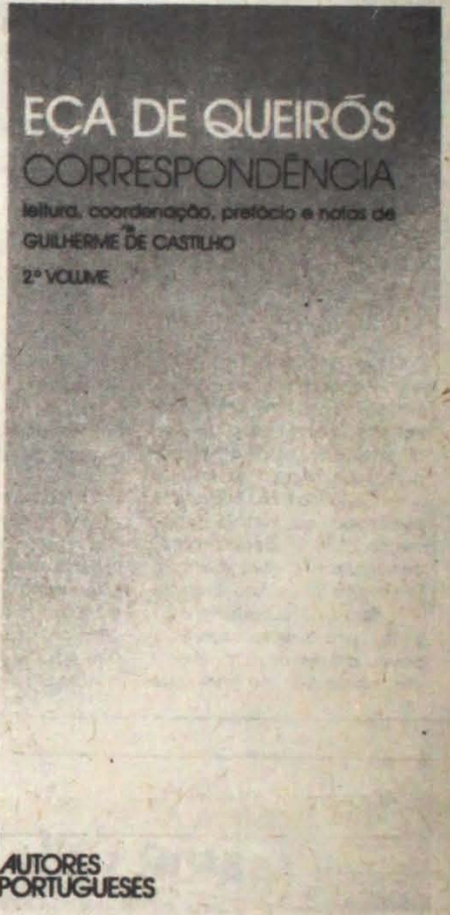
Ali se encontram frases que depois correriam mundo, como a que diz existir mais cultura em um beco de Paris do que em toda Nova Iorque, ou as que ressurgiriam muito depois ditas por outros, como a que fala de um amigo "que **estava** ministro", ou ainda aquela que logo nos remete para o título de um livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade, **Fazendeiro do ar**. No caso de Eça, em carta a um amigo, ele se refere a **Castelos no ar.**

Caso houvesse necessidade de uma justificativa para a reunião em volume deste mais do que expressivo acervo que nos devolve o homem em sua intimidade, dirigindo-se informalmente a parentes e amigos, citaríamos trecho da **Correspondência de Fradique Mendes**. Diz Eça: "Eis aí uma maneira de perpetuar as idéias dum homem que eu afoitamente aprovo — publicar-lhe a correspondência..." E pouco depois: "Além disso uma correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem..." Mais adiante: "Temos depois que as cartas dum homem, sendo o produto quente e vibrante de sua vida, contém mais ensino que a sua filosofia — que é apenas a criação impessoal do seu espírito".

A correspondência agora enfeixada nestes dois volumes acompanha a vida de Eça desde 1967 até 9 de agosto de 1900, dias antes de sua morte, ocorrida a 16 de agosto. Começa falando do sonho de Eça em lançar uma revista, que surgiria mais tarde, e termina com uma carta na qual diz a sua mulher Emília, que continua doente e que vai consultar um especialista em Heidelberg, depois de haver peregrinado por outras regiões em busca de cura.

Mas não é só a vida que seguimos através de suas cartas: é sua experiência em Havana como cônsul, sua passagem por Nova Iorque, sua procura de casa onde residir em Londres, depois em Paris, onde viria a morrer, sua permanente luta com a palavra em busca da expressão mais acertada para a transmissão de suas idéias. Para além da vida do escritor temos um retrato pertinente do homem em constante dificuldade financeira, e do homem-artista que sabia ver e transmitir o mundo que o cercava e as figuras com quem convivia.

Documento humano, documento de um artista, a **Correspondência** nos devolve o Eça que descobrimos na distante infância (um de nossos primeiros artigos publicados foi a propósito dele e de sua importância). Ele foi, com Machado de Assis, das primeiras descobertas e dos primeiros deslumbramentos literários. Revisitado agora, tantos anos decorridos, permanece o mesmo, com sua ironia e sua perspicácia, sua visão do social adiante de seu tempo e sua funda sensibilidade, que nos chegam vivas e atuais nestas quase 550 cartas.



1984

REGISTRO

8 MIGUEL, Salim. A Morte de Pedro Nava: incerteza, pavor, pasmo. **O Estado,** Florianópolis, 15/05/1984, p.5. Geral

Suicida-se, aos 80 anos, o escritor Pedro Nava

Rio — Encostado a um oitizeiro em frente à Escola Municipal Deodoro, na Rua da Glória, o médico e escritor Pedro da Silva Nava, de 80 anos, foi encontrado morto, com um tiro na cabeça, no final da noite de domingo. "Pelas circunstâncias do local" e devido aos vestígios de chamuscamento nas mãos, segundo a perícia, o Delegado Airton Serra, da 9.ª DP, do Catete, concluiu que Pedro Nava se suicidou. Ele será sepultado hoje às 10 horas.

Presidente do Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Letras, Pedro Nava, que ia completar 81 anos no dia 5 de junho, deixou viúva, D. Antonieta, de 80 anos. O corpo do escritor estava a cerca de 50 metros do prédio onde morava, na Rua da Glória, no bairro que Nava descreveu com paixão durante os 40 anos em que lá viveu.

Com o dedo indicador da mão direita chamuscado pela pólvora o corpo de Nava atestou o suicídio — explicou o delegado de plantão na 9.ª DP, Airton Saraiva Serra.

"Na mão direita do escritor a polícia encontrou um revólver Taurus calibre 32, novo e provavelmente usado pela primeira vez", segundo o Delegado.

Por volta das 24 horas, moradores da rua avisaram à polícia que um homem estava morto na calçada em frente ao n.º 64 da Rua da Glória. Pouco depois, o corpo do médico e memorialista Pedro Nava era transportado para o Instituto Médico Legal, no centro, por um rabecão que chegou minutos antes do Perito Gulo, do Instituto de Criminalística Carlos Eboli.

Com a mulher, o médico morava na Glória há 40 anos, bairro que relembrava com detalhes em livros como "Galo das Trevas". Membro da Academia Brasileira de Letras, Nava morreu pouco antes da meia-noite e o seu corpo foi encontrado pela Rádio Patrulha 540953, chefiada pelo Cabo Suzano e com o Soldado Dias, do 13.º BPM. No registro da 9.ª DP, do Catete, Nava teve a qualificação de médico, filho de José Nava e de Jiva Jaguaribe Nava. A causa da morte: suicício com arma de fogo.

Arquivo

O escritor nasceu em Juiz de Fora, mas morava no Rio há 40 anos.

— Estão escondendo alguma coisa de mim. Eu quero saber onde está meu marido — dizia, à entrada da 9.ª DP, a mulher do escritor, Antonieta Nava, enquanto um casal de sobrinhos recebia detalhes sobre a morte através do Delegado Airton Serra. O Delegado lembrou que avisara a D. Antonieta que seu marido sofrera "apenas um acidente", a fim de não traumatizar a mulher, que sofre de problemas cardíacos.

Cerca de três horas depois de encontrado o corpo, o sobrinho do escritor, Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro — também médico, de 35 anos — recebeu a notícia no gabinete do Delegado, e ficou estarrecido: "isso é estranhíssimo", disse Joaquim, que não soube explicar a atitude do tio. "Não tem motivo, não tem motivo", repetia a mulher de Joaquim, Ieda Paim Nava Ribeiro, trêmula e preocupada em esconder a verdade da tia Antonieta.

Para o Delegado Airton Saraiva Serra, que esteve no local onde foi encontrado o corpo, "foi um negócio chocante". De bruços, com a arma sob o corpo, Pedro Nava vestia camisa verde estampada e calças pretas, com meias das mesma cor e um calçado esportivo. Num dos bolsos, o médico tinha uma carteira com vários documentos, entre os quais um cartão de doador de olhos da Cruz Vermelha Brasileira.

A morte de Pedro Nava: incerteza, pavor, pasmo

por **Salim Miguel**

O memorialismo não é comumente praticado entre nós. E quando falo em memorialismo quero me referir, mais especificamente, àquele pelo qual ou autores vão para além do simples registro do dia-a-dia, do relato dos fatos idos e vividos. Estes podem, até, por vezes, ter uma certa importância no sentido de resguardar o que já passou, numa espécie de documentação a ser preservada e eventualmente compulsada.

O memorialismo a que me retiro é outro. Nele está implícita a necessidade de encontrar a mais autêntica realidade interior. É aquele que transforma a recuperação do passado também num momento de reflexão e de obra de arte. Por ele o homem, debruçando-se sobre o ontem que viveu ou acompanhou, dele extrai elementos que lhe são um acréscimo no sentido de melhor compreender o alcance do passado, avaliar, o presidente e projetar o futuro. Transmitindo um pouco de tudo isto — emoção, sentimento, verdade — aos outros.

Um poeta bissexto, como o chamou Manuel Bandeira, realizou tudo isto; não, não apenas isto: foi mais longe. Trata-se de Pedro Nava.

De repente, do poeta bissexto (e pouco conhecido), Nava surpreende o País (e quem sabe até mesmo amigos), com um primeiro livro **Baú de Ossos**, de prosa forte, que logo o situou num primeiro plano entre os escritores brasileiros. Não ficou neste. Outros se seguiram, mantendo a qualidade do primeiro e traçando um amplo painel do Brasil e do homem brasileiro.

Sabendo narrar e tendo o que narrar, senhor de um texto que flui saboroso e denso ao mesmo tempo, dele pode-se dizer, sem medo de erro, que elevou o memorialismo a um nível raramente alcançado.

Tem razão Drummond quando, na apresentação de **Baú de ossos** assinala: "Pedro Nava surpreende, assusta, diverte, comove, embala, fascina o leitor..." E mais adiante referindo-se ao médico que escondia o escritor: "A vida quis torcer Pedro Nava para o rumo exclusivo da ciência, mas viu-se, afinal, que esta não o despojou da faculdade, meio demoníaca meio angélica, de instaurar um mundo de palavras que reproduz o mundo feito de acontecimentos".

Perfeita a colocação de Drummond. E os demais livros que foram aparecendo (**Balão cativo; Chão de ferro; Beira-mar; Galo-das-trevas; O círio perfeito**), só vieram confirmar o que dele disse, por exemplo, um Antonio Cândido: "Pedro Nava é um dos grandes escritores brasileiros contemporâneos".

Ainda há pouco, no início do ano, em concurso realizado em São Paulo pelo Museu de Literatura, Pedro Nava, concorrendo com cobras importantes de outros gêneros lançadas em 1983, conquistou, com **O Círio perfeito**, último volume publicado das Memórias, o primeiro prêmio.

Não que necessitasse do prêmio. Ele apenas veio validar um grande escritor múltiplo e uno na sua dimensão de sua satisfação, afirmava a sua alegria de viver e produzir, dizia que era preciso saber levar a velhice: Mais:

contava de projetos futuros, do prosseguimento de suas memórias.

Ontem, inexplicàvelmente, a notícia: Pedro Nava suicidou-se. Ao recebê-la, um momento de pasmo e de incredulidade. Seria mesmo? Será mesmo? Ponho-me em dúvida, a pensar, a avaliar, a tentar recuperar as leituras e sentir se dentro delas haveria algumas coisas que deixasse entrever o suicida em potencial. Mas recuo, reconsidero. Existirá tal figura? Ou todos nós temos um momento em que nos colocamos à beira do abismo, dominados por uma náusea profunda e insondável?

Por suas preocupações, por sua garra, pelo tipo de sua literatura memorialística, por suas freqüentes declarações, difícil imaginar Pedro Nava capaz de tal gesto. Ele podia até falar em morte, em suicídio, mas ninguém acreditaria. Mas aí está.

Recuo então. Vou até aquele longínquo poema datado de Rio, 23-07-938, quando o Autor contava 35 anos (nasceu em Juiz de Fora, MG, em 1903), e releio o poema sugestivamente intitulado "O defunto". Que assim começa: "Quando morto estiver meu corpo/evitem os inúteis disfarces./os disfarces com que os vivos,/só por piedade consigo,/ procuram apagar no Morto/o grande castigo da Morte./"E pouco adiante estes versos que nos fazem pensar: "E descubram bem minha cara:/que a vejam bem os amigos./Que a não esqueçam os amigos/e ela lance nos seus espíritos/a incerteza, o pavor, o pasmo.../E a cada um leve bem nítida/ a idéia da própria morte/"

A incerteza, o pavor, o pasmo — eis a que nos leva a estranha morte de Pedro Nava. E mais do que isto: Que "cada um leve bem nítida a idéia da própria morte", imaginada longe, distante, mas embuçada e à espreita na primeira esquina.

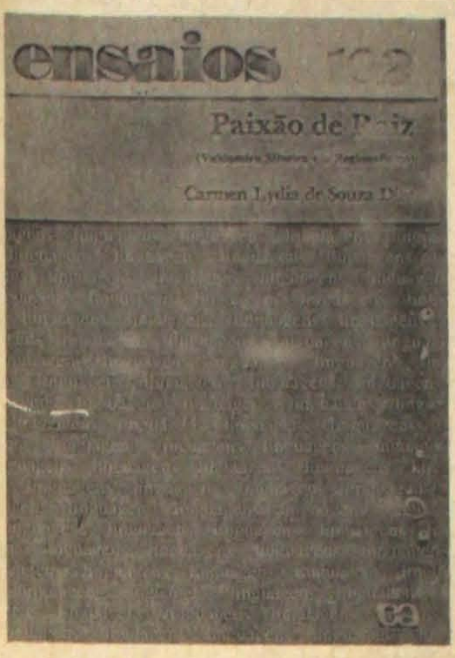
1984

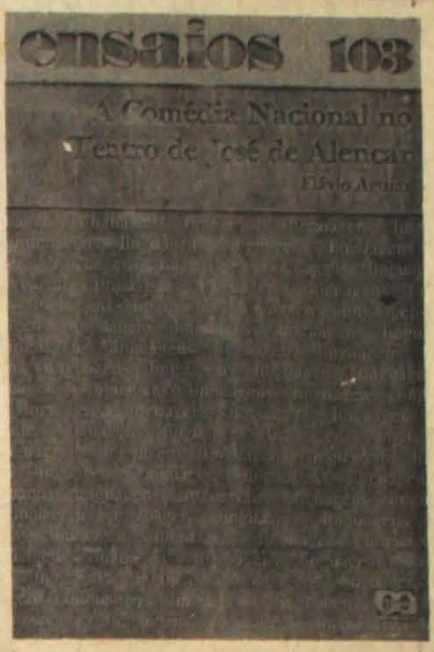
Médico, mas ligado à lit...

Tancredo: "Perdemos a...

09

O ESTADO - Fpolis, 12/06/84





José de Alencar e Valdomiro Silveira, uma aproximação possível

Dois novos volumes, de singular interesse para os estudiosos, tanto aqueles que queiram avaliar mais um pouco o passado da nossa historiografia literária como os que desejarem discutir fenômenos da criação literária, acabam de aparecer na coleção Ensaios, da Ed. Ática. Eles servem para que nos debrucemos sobre uma parte esquecida da obra de José de Alencar, o teatro, mais especificamente a comédia, e sobre o trabalho de um dos mais significativos representantes do regionalismo no Brasil, Valdomiro Silveira.

Em **A comédia nacional no teatro de José de Alencar**, o contista e professor Flávio Aguiar busca resgatar do esquecimento e analisar uma parte considerada menor na obra do autor de **Iracema;** já **Paixão de raiz** (Valdomiro Silveira e o regionalismo), de Carmen Lydia de Souza Dias, professora e ensaísta, é um minucioso e documentado levantamento, que procura situar até onde vai a validade da proposta ficcional do autor de **Os caboclos.**

NACIONAL E POPULAR

O fato de aproximá-los neste registro pode parecer insólito, sob a alegação de que eles se colocam em pólos quem sabe até opostos na visão de mundo, na visão de passado, na visão do fazer literário, na criação dos seres que povoam seus escritos. Mas há em ambos, inquestionavelmente, uma flagrante preocupação com o nacional e popular.

A justificativa é simples: a proposta dos dois ensaístas têm pontos de contacto, seja no sentido de chamar a atenção para o trabalho de autores esquecidos, mas que souberam delimitar um espaço, recriando com pertinência época e meio em que viveram, seja na análise exaustiva dos componentes que informam a obra de cada qual deles e do que Alencar e Silveira podem (ou não) nos dizer hoje.

Infelizmente, tanto num caso como no outro (peças de Alencar e contos de Silveira), as obras são dificilmente encontradiças nas livrarias e mesmo bibliotecas.

Convenhamos: até que para as peças de Alencar, mesmo as comédias, tema principal do estudo, pode-se encontrar motivos para o silêncio, depois do sucesso e da discussão que elas provocaram na época. São comédias de costume sem maior aprofundamento de temas e/ou situações, com uma visão romântica. Além do mais, teatro é basicamente para ser representado, só se completa com a visão de palco. E a proposta de teatro alencariana, pelos temas, pelo tratamento, pelo enfoque, se encontra distanciada de nossos dias, e ninguém se arriscaria a investir num espetáculo. Se isto se dá com a encenação, imagine-se para a simples leitura, mesmo de peças mais realizadas, como "O demônio familiar" ou "As asas de um anjo".

Situando-se no tempo e no espaço, Flávio Aguiar procura mostrar porque, ainda assim, a comédia do tempo de Alencar deu certo e os gêneros teatrais chamados "sérios" não. Suas preocupações são válidas, seu ensaio importante para o melhor conhecimento de um dado momento do teatro brasileiro. Mas o teatro de Alencar não deixa de ser menor, muito embora a preocupação com o nacional, implícita em seu texto.

Já o mesmo (embora em termos de qualidade se possa também colocar em dúvida a obra como um todo de Valdomiro Silveira) não ocorre com os contos. Quem desejar conhecer uma vertente da prosa brasileira terá, quase obrigatoriamente, que recorrer também ao escritor paulista. Ele foi, com Afonso Arinos, dos implantadores do gênero. E se em termos de realização estética, de transfiguração do material elaborado, não alcança o nível de um Simões Lopes Neto ou um Hugo de Carvalho Ramos, ainda assim sua obra não é de desprezar. Boa parte da contística silveriana continua mantendo elementos de atração e fruição para o simples leitor e/ou para o estudioso. Ele foi extremamente fiel (quem sabe excessivamente fiel!) ao seu meio, que conhecia tão bem; à sua gente, que retratava com precisão. Nascido e criado entre caipiras, recriou-lhes o falar e o agir, não apelando para o exótico, mas tentando recuperar expressões que iam se perdendo ou que talvez perdurem só no interior do País.

MUITA PESQUISA

O trabalho que a ele dedica Carmen Lydia é instigante. Ela começa levantando, situando e discutindo a fortuna crítica de Valdomiro Silveira; utilizando-se de instrumentos da teoria e da crítica busca rever o autor com todas as suas intenções e preocupações, antes de analisar seu trabalho como um todo. Não se limitou a examinar os livros publicados. Foi a jornais e revistas, foi até a família de Valdomiro Silveira, para compulsar inéditos. Fiel à sua proposta inicial que é, como ela mesma diz na Introdução, "situar Valdomiro Silveira, autor paulista nascido em 1873, no conjunto da produção regionalista anterior ao movimento modernista, tomado como marco histórico-ideológico em virtude de sua significação na história de nossa autoprocura".

Ambos os ensaios (volume 102 o de Carmen Lydia e 103 o de Flávio Aguiar) merecem, por tudo que propõem a atenção de leitores e estudiosos. Amplamente documentados, realizados por pesquisadores conscientes que buscam não só retratar e informar, mas também refletir sobre o nosso passado, retirando dele, o mais possível, lições para o presente e o futuro. E nos dois casos, para os que desejarem aprofundar mais o estudo, ou deles se valerem para outras abordagens, a bibliografia referida é bastante ampla e expressiva.

1984

Salim Miguel

10 MIGUEL, Salim. Uma obra coerente. **O Estado**. Florianópolis, 20/06/1984, p. 18. Variedades.
11 MIGUEL, Salim. Harmoniosa convivência. **O Estado**. Florianópolis, 20/06/1984. p. 18. Variedades.

LIVROS

Uma obra coerente 10

Os pequenos fatos do dia-a-dia, as emoções singelas, a solidão do ser humano em meio a um mundo cruel (mas também a solidariedade), o sofrimento miúdo e as miúdas alegrias, a presença obsedante do mar, explícita ou implícita — eis alguns dos elementos formadores das histórias que Fagundes de Menezes (re) cria, com extrema pertinência, neste **Cárcere das águas,** há pouco aparecido pela Editora Cátedra/Pró-Memória/INL.

Paradigmático, neste sentido, e sob muitos aspectos, dentro do que pretende o Autor, é o conto que abre o volume, "Pisa-em-flor", no qual um velho marinheiro, para quem "todos os navios já tinham passado", se debruça sobre o passado tentando recuperá-lo através dos navios que vê singrando ao largo e que ele vai contando e recontando. Como se isto não lhe bastasse, também o pequeno quarto do personagem na casa-de-cômodos é impregnado de relembranças do mar e "tinha as paredes cheias de gravuras, a maior de todas o **Jaguaribe,** desenho caprichado do 1º Piloto..."

A escrita de Fagundes de Menezes flue, nos envolve e introduz mansamente em seu universo ficcional banhado por leve melancolia que tudo inunda com sua luz tênue. E o próprio título do livro

remete o leitor para a proposta do Autor, com sua simbologia, onde o mar é ao mesmo tempo, com suas águas intérmicas, cárcere e liberação, indo além do mar físico, para adquirir outras conotações.

E a constante preocupação com o fazer literário, que marca a prosa de Fagundes de Menezes, não elide nunca a preocupação com o social, com o mundo que o cerca, com as injustiças de um sistema que massacra o pequeno em favor do grande. Ele, sem demagogia, se sente partícipe do homem comum e um seu igual. Veja-se, como exemplo, "O manobreiro", amargo e real, onde um humilde homem, preso ao seu humilde destino, mete a chave nos interstícios dos trilhos e "decidiu do destino de um trem". Aliás, seria interessante, aqui, uma aproximação que nos levasse a examinar os anônimos personagens de "Oisa-em-Flor" e de "O manobreiro". Ambos, amarrados a uma vida sedentária, sonham com os longos espaços inatingíveis; a diferenciá-los, um que sonha com aquilo que perdeu e outro com aquilo a que nunca teve acesso.

Jornalista, poeta, contista, Fagundes de Menezes vem, ao longo dos anos, construindo uma obra coerente, instigante, marcada por sua maneira de ser e reagir diante do mundo e dos homens. Para além disso (ou complementando tudo isso), é ele, também, um incansável animador cultural, ajudando, para nos limitarmos a um único exemplo, a carregar a UBE/RJ, promovendo concursos, incentivando os mais novos, brigando pela valorização do escritor, numa atividade por igual múltipla e una.

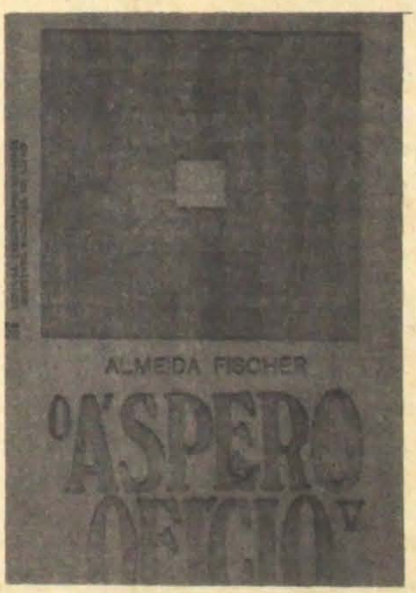
1984

Harmoniosa convivência 11

Em Almeida Fischer, ficcionista e crítico convivem harmoniosamente e como que se complementam, embora não interfiram seja no trabalho de criação literária ou no trabalho de análise do texto. E se bem que o crítico, em livro, tenha surgido bem depois do ficcionista (este é de 1947, aquele de 1970), resenhas e artigos de crítica seus se espalhavam há muito em jornais e revistas de quase todo o País.

A partir do primeiro (1970), sob o título geral de **O áspero ofício,** os volumes, já em número de cinco, têm sido dados à luz com certa periodicidade. E ao primeiro, editado pela Comissão de Literatura do Conselho Estadual de Cultural de São Paulo, foi atribuído o Prêmio Assis Chateaubriand, da Academia Brasileira de Letras.

Se o fantástico (de que foi um dos precursores entre nós) caracteriza boa parte da ficção de Almeida Fischer (veja-se, como exemplo, o conto "O homem de duas cabeças" ou **O rosto perdido,** romance), na



crítica ele busca desvelar o fenômeno da criação literária; e acentua: "mesmo quando simples registros do aparecimento de um livro, refletem sempre um peculiar sentimento de mundo e uma posição crítica pessoal em relação ao fenômeno literário, marcada por admirações e idiossincrasias." (Nota do Autor, na introdução ao 5º volume).

Agora, pela Ed. Cátedra/Pró-Memória/INL, surge o quinto volume de **O áspero ofício**. Da mesma forma que nos anteriores, estão aqui reunidos trabalhos que haviam aparecido, na quase totalidade, no Suplemento Literário do "Minas Gerais" ou no "Cultura" de O Estado de S. Paulo.

Romance, conto, poesia, publicados nos últimos anos, são examinados por alguém sensível, que ao se debruçar sobre os autores tenta dar uma visão do universo que eles procuram transmitir; com isto ele quer, também, chamar a atenção dos leitores para os livros e autores analisados — pois esta nos parece uma função importante do crítico: fazer o possível leitor se interessar pelo objeto livro.

Asimov, o pai dos robôs

1984
12

Divulgação científica e ficção científica são, sem dúvida, os dois polos onde mais se exercita a criatividade de Isaac Asimov, autor de incontável número de títulos em várias áreas do saber e da divulgação em geral, muitos deles já traduzidos no Brasil.

Mas, parece-nos, ele ficará mesmo é por seus trabalhos nas duas áreas acima citadas. Suas predições, por exemplo, sobre a ciência da Robótica (nome, aliás, cunhado por ele), já estão sendo utilizadas na fabricação dos atuais robôs industriais.

Além disso, foi em sua obra de ficção científica que ele formulou as "três leis da robótica", consideradas aplicáveis nos futuros robôs antropomórficos. Ei-las: um robô não pode causar dano a um ser humano, ou, por inação, permitir que seja causado dano a um ser humano, ou, por inação, permitir que seja causado dano a um humano; um robô deve obedecer às ordens que lhe forem dadas pelos seres humanos; exceto quando tais ordens conflitarem com a Primeira Lei; um robô deve proteger sua própria existência tanto quanto esta proteção não conflitar com a Primeira ou a Segunda Lei.

De qualquer maneira, o que interessa ao leitor é o fascínio do texto de Asimov, sua imaginação delirante, sua inventiva, ainda que em termos extritamente literários não seja, para os curtidores do gênero, considerado um dos grandes da ficção científica.

Agora, um volume de mais de 550 páginas (**Nós, Robôs**, de Isaac Asimov, da Ed. Hemus) nos dá uma visão panorâmica do mundo robotiano de Asimov. Embora, no presente volume, ele não relacione as histórias na ordem em que foram escritas, Asimov buscou, contudo, uma unidade para esta seleção. Assim, se a primeira história de robô ele a escreveu em 1939 (**Robbie, uma babá robô**), aqui a primeira história é **O melhor amigo de um garoto**, escrita em 1974 e nunca incluída em nenhuma de suas numerosas coleções. Ele mesmo diz: "poderão encontrar nela um eco distante de **Robbie**, escrita 35 anos antes."

Mas o bom, para os adeptos, é curtir o volume e ir, aos poucos, descobrindo ou reencontrando velhas/novas histórias robotianosas.

REGISTRO

13

A última bala do cartucho, de Wladyr Nader, Ed. Escrita. Inserido na violência que nos cerca, um homem nada mais vislumbra além de uma única meta: matar. Este o ponto de partida da novela que Wladyr acaba de publicar. Não importa como nem por que: matam-se possíveis culpados e possíveis inocentes, numa luta sem tréguas contra a ordem estabelecida. O tratamento ficcional, fragmentado e caótico, procura acompanhar as elocubrações da mente do matador — e a partir daí criar a tensão permanente que envolve a trama e dá o clima da novela. Nader, editor de **Escrita**, é autor de três livros de contos e duas novelas.

* * *

Os cus de Judas, de Antônio Lobo Antunes, Ed. Marco Zero. Numa linguagem desabusada, a visão dos horrores da guerra colonial; para além disso, uma narrativa forte e instigante, de um A. atento ao mundo que o cerca e ao fazer literário. Sete edições no ano (1980) de sua publicação em Portugal, e logo edições nos EUA, França, Holanda, Dinamarca, Alemanha, tornaram Lobo Antunes um dos nomes mais discutidos e respeitados entre os novos escritores portugueses. Que é preciso conhecer.

* * *

A ingênua libertina, de Colette, trad. de Rachel Jardim, Ed. Nova Fronteira. Minne, menina procura, pela imaginação, fugir ao ambiente convencional de sua família. Casada, passa a se dividir entre o marido e o amante, seguindo os parâmetros da sociedade em que vive. A partir daí, Colette, numa escrita avançada para seu tempo, traça com sensibilidade e lirismo um perfil feminino e recria hábitos e costumes de uma época.

* * *

Dillinger, o inimigo público nº 1, de Harry Patterson, trad. de A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record. Grandes distúrbios marcam os EUA em 1929. E uma nova classe surge: os gangsters. Dillinger, assassinado aos 32 anos pelo FBI, é um dos que se tornaram mais famosos. Neste romance, o A., unindo realidade e fantasia, especula sobre o que poderia ter acontecido durante os quatro meses em que Dillinger, após fugir da penitenciária de Indiana, esteve desaparecido, talvez refugiado no México.

Pedras Altas, A vida de campo de Assis Brasil, por Carlos Reverbel, L PM-editores. Há pouco tempo, o incansável pesquisador que é Reverbel nos dava um livro de singular importância para o conhecimento da memória sul-riograndense, **Diário de Cecília Assis Brasil.** Agora, dentro da mesma linha de pesquisa, e buscando nas mesmas fontes, outro título de igual significado: este **Pedras Altas.** É uma faceta menos conhecida de Assis Brasil, sua paixão pela agropecuária, que nos chega vinda do passado e revelada graças ao trabalho de Reverbel.

* * *

Prazer, uma abordagem criativa da vida, de Alexandre Lowen, trad. de Ibanez de Carvalho Filho, Summus Ed. Criador da Bioenergia, o A. deste livro se insere na linha dos psicoterapeutas reichianos. Aqui ele parte da premissa de que o prazer não é um processo puramente mental, mas uma experiência corporal a ser plenamente vivida. Entre os capítulos estão temas como "A psicologia do prazer", "Poder versus prazer", "Autopercepção e auto-afirmação", "Culpa, vergônha e depressão", "Às raízes do prazer", "Uma abordagem criativa da vida".

* * *

Enriqueça o seu vocabulário, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Ed. Nova Fronteira. Do nosso mais importante dicionarista, um livro de bolso prático e eficaz. Reúne mais de 3.000 palavras, locuções de uso corrente e termos técnicos de múltiplas áreas científicas e humanísticas. Esclarece a respeito de termos que são com freqüência utilizados de modo equivocado e auxilia na solução de armadilhas verbais.

Salim Miguel

~~O LIVRO DA SEMANA~~

Balanço de uma vida

Mais de 60 anos de vida brasileira estão presentes em **O Nordeste e a Política** (Diálogos com José Américo de Almeida), de Aspásia Camargo, Eduardo Raposo e Sérgio Flaksman, lançado pela Ed. Nova Fronteira na coleção Brasil - século XX.

Resultado de longas horas de gravação para o programa de História Oral, CPDOC/FGV, nas quase 600 páginas do volume temos, além de minucioso painel das múltiplas atividades de José Américo, depoimentos de 27 personalidades contemporâneas que com ele conviveram, a ele se aliaram, dele divergiram, com ele muitas vezes se recompuseram. E ainda, em apêndice, numerosas cartas e trechos de artigos sobre ou de José Américo.

Bem verdade que parte do que se encontra no livro pode ser igualmente encontrado nos próprios trabalhos do entrevistado. Mas isto de modo algum diminui o mérito de **O Nordeste e a Política.** Em carta a Aspásia Camargo, é José Américo quem declara: "eu gostaria de conhecer o depoimento depois da revisão final. Seria esse meu último pensamento vasado em estilo definitivo".

Mais do que isto, diríamos, é uma suma do que ele foi, de onde, como, quando e porque atuou desta ou daquela maneira, do seu modo tão peculiar de enfrentar os problemas e diante deles se situar.

Candidato a presidente da República, governador da Paraíba, ministro por duas vezes, político em tempo integral, escritor de inegáveis méritos (bastaria, aqui, citar **A bagaceira),** José Américo é figura que marcou, com sua inconfundível personalidade, sua época, seu tempo, seu meio, todos que com ele conviveram, mesmo que tenha sido por um período curto. Diante dele ninguém conseguia ficar indiferente.

Lúcido até o fim nos seus 90 anos, atento a tudo e de tudo participando ativamente, decidindo sem parecer mandar, ele acabou por se transformar numa legenda viva, num mito — mito e legenda que agora voltam graças a estas páginas que nos devolvem o homem em toda a sua dimensão, com suas contradições, suas vacilações, seus sonhos, suas vitórias e derrotas.

Para nos atermos a um só exemplo: como explicar que depois de deixar o governo da Paraíba nos braços do povo, consagrado por verdadeira multidão, logo em seguida se candidate ao Senado e seja derrotado. Ou, ainda, embora tenha declarado que "a literatura me deu mais do que a política; a política passou, a e a literatura está presente", sua paixão maior tenha sido, indubitavelmente, a política, a ponto de deixar incompletas suas memórias e praticamente interrompida sua obra ficcional. Parece-nos, por tudo que dele se sabe, que entre política e literatura, sem dúvida ele optou pela política.

Mas numa tentativa de conciliação, respondendo a uma pergunta de Aspásia (o que teria sido mais forte na luta entre a política e a literatura) ele sai pela tangente: "A política não briga com a literatura porque eu não tinha a preocupação, por exemplo, de inaugurar placas; a literatura tem os livros..."

Mantive alguns contactos com José Américo — e o escritor me interessou mais do que o político.

Foi já no fim da vida dele. Eu tinha ido a João Pessoa a serviço da revista onde trabalhava à época. Um amigo me perguntou se eu não gostaria de conhecer José Américo. Claro que sim. Ele telefonou, foi marcada hora, tocamo-nos para Tambaú. A conversa foi basicamente sobre literatura, discutimos aspectos de seu romance **A bagaceira,** falou-me na Universidade Federal da Paraíba, que ele criara. Voltei outras vezes. Inclusive para algumas tomadas e um depoimento dele, quando realizávamos um documentário sobre a Universidade. E me lembro muito bem dos avisos, tomem cuidado para não fatigá-lo, filmem rápido, aquela parafernália de luzes pode lhe fazer mal.

Ele também deveria ter sido prevenido. Terminadas as filmagens nos disse, naquele seu sotaque tão peculiar, que até que tinha gostado, e se fosse necessário poderíamos continuar ou voltar, não havia se cansado coisa nenhuma.

Mais tarde, resenhei para a revista "Ficção", do Rio, seu livro **Antes que me esqueça...,** onde eu anotava que nas sensíveis e belas páginas da infância conviviam lado a lado o memorialista e o ficcionista. Pouco depois, numa projeção especial de **Fogo Morto** lá estava ele, fui cumprimentá-lo. A primeira coisa de que me falou foi na resenha, ficara satisfeito com minhas observações, mas gostaria de examinar alguns pontos, esperava poder discutí-los comigo. O filme ia começar, fomos interrompidos. Depois da projeção, o assunto foi a adaptação e o roteiro, feitos por Eglê Malheiros, Marcos Farias e eu, a proposta do filme a partir da obra-prima de José Lins do Rego.

Foi a última vez que o vi.

Agora volto ao livro — e lá está a referência a **Fogo Morto.** Diz ele: "Eu assisti aqui ontem a **Fogo Morto,** de José Lins do Rego. Gostei, porque conheço o ambiente e as figuras. Muita gente gosta de filme de enredo, de ação. Mas eu achei interessante; compreendi bem, gostei. O trabalho de Jofre Soares é bom; ele trabalha também em **A bagaceira."**

Neste trecho, José Américo refere-se a dois fatos: alguns críticos não aceitarem o tipo de adaptação e o ritmo lento de **Fogo Morto,** numa recriação que ainda hoje me parece tão válida na sua proposta como outra qualquer; e à excelente interpretação de Jofre Soares no papel de mestre Amaro, o mesmo Jofre que trabalhou também em **Soledade,** filme extraído do romance **A Bagaceira.**

Ainda a propósito de **Fogo Morto** há uma intervenção importante e decisiva de José Américo. O filme foi escolhido para representar o Brasil no Festival de Cinema de Berlim. A data se aproximava e nada do filme ser liberado pela censura. Marcos Farias , diretor e co-produtor, começava a se preocupar, da censura vinha sempre a mesma conversa, existiam alguns entraves, não se explicava quais, o filme ia ser reexaminado. Até que alguém teve a idéia salvadora: apelar para José Américo. E um simples telefonema dele resolveu o problema, o filme foi liberado, e com censura para 16 anos, a tempo de participar do Festival.

A tudo isto o livro me levou. Concluo: por sua riqueza e pelo amplo e fascinante material que contém, ele remete cada tipo de leitor para uma leitura diferente e múltipla.

1984

DURIEUX FPOLIS
ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO
PROMOÇÃO
CARPETES, DIVISÓRIAS, TAPETES E FORROS DECORFLEX, VULCATEX VINAMIPISO.
5 PAGAMENTOS OU A VISTA, 20% DESCONTO.
LOJA CENTRO. GALERIA JAQUELINE—2 FONE 227400 .
SEDE. WALDEMAR VIERA 117 FONE 330444 SACO DOS LIMOES.

14 MIGUEL, Salim. O melhor de Marques Rebelo. **O Estado**, Florianópolis, 14/10/1984, p. 26. Livros. 1984.

15 MIGUEL, Salim. A Prática do Atletismo. **O Estado**, Florianópolis, 14/10/1984, p. 26, Livros.

14

O MELHOR DE MARQUES REBELO

Selecionar os melhores contos de Marques Rebelo não é tarefa fácil. Por um simples motivo: tudo na ficção dele é melhor. Vai depender, então, de um fator imponderável e subjetivo, que se chama gosto. Ele (O gosto) se situa para além da qualidade intrínsica e extrínsica do trabalho.

Dono de um estilo personalíssimo, Rebelo sabia, como poucos, traçar um quadro, sugerir, fundir lirismo e ironia, erguer uma figura dando-nos humanidade em rápidas pinceladas, situar-se naquele Rio que ele tanto amou — um Rio a que ele dava dimensão universal.

Continuador de uma escola que vem de Manuel Antonio de Almeida, passando por Machado de Assis e Lima Barreto, ele foi, sem dúvida, um de nossos grandes ficcionistas. Morto faz uma dezena de anos, só a distância começa a mostrar o que Rebelo representou para as nossas letras.

Daí ser importante (e correta) a seleção de Ary Quintela para esta edição de **Os melhores contos de Marques Rebelo**, que acaba de aparecer pela Global Editora, SP.

É correta porque, além de nos oferecer exemplos significativos da prosa rebeliana nos dá, por igual, uma visão do também importante ficcionista carioca (e dizemos carioca na mais profunda acepção do termo) Ary Quintela.

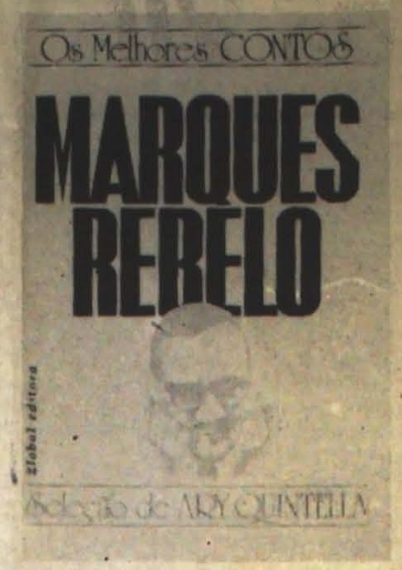
Não vamos aqui colocar a velha e revelha questão: foi reunido no volume e que de mais representativo nos legou, no campo da história curta, o autor de **Espelho Partido**? Repetimos o que dissemos em comentário anterior para volume da mesma coleção da Global: foi e não foi.

Foi porque temos, nos trabalhos enfeixados, um pouco do autêntico Rebelo, em histórias extraídas desde seu primeiro livro (**Oscarina**), até contos avulso, revelando sua preocupação com o ser humano e o texto, seu trabalho minucioso com a palavra, sua busca da melhor estrutura ficcional, como que para ele era a história curta, com a visão que ele tinha daquela humanidade miudinha e sofrida de um Rio suburbano que desapareceu ou tende a desaparecer bem logo.

Em longas conversas com Rebelo, durante anos de convivência, muitas vezes lhe indagávamos o porque de ele, contista dos mais completos, havia praticamente deixado de escrever contos. E ele: basicamente por dois motivos, primeiro porque estava se dedicando em tempo integral ao ambicioso projeto de **O Espelho Partido**, vasto painel do Brasil de sua época, e segundo porque dominava a técnica do conto tão bem que não sentia mais emoção em escrever um conto, temendo repetir formas e fórmulas. Infelizmente a morte o levou antes que concluísse **O Espelho Partido.**

Dissemos que a seleção de Quintela foi e não foi correta. Agora a segunda afirmativa. Não foi porque, a nosso ver, contos

1984



como "Em maio"; "Onofre, o Terrível, ou a sede de justiça", ou qualquer um dos reunidos em "Três caminhos", não poderiam estar ausentes. Agora, quem nos diz que outros rebelianos não teriam títulos a acrescentar (ou a retirar) da nossa seleção? Isto é bom, pois mostra que Rebelo continua muito vivo e inquietando, com seu sarcasmo e sua literatura.

15

A PRÁTICA DO ATLETISMO

Um livro objetivo e prático — **Antologia do Atletismo,** metodologia para iniciação em escolas e clubes, de August Kirsch, Karl Koch, Ubirajara Oro, tendo coordenação do prof. Jurgen Dieckert e revisão técnica de Ubirajara Oro — acaba de aparecer pela Editora Ao Livro Técnico. Vm ele ao encontro não só de um público escolar, mas de todos que desejem se aperfeiçoar fisicamente.

Para os autores, "os resultados obtidos em altura, distância e velocidade nada mais são do que a conseqüência de um correr, lançar e saltar. As crianças necessitam do desenvolvimento destas habilidades, que deveriam ser ministradas nas escolas brasileiras, sob as formas de corrida, lançamento e salto."

Dividido em vários capítulos, o livro apresenta as técnicas para a implantação e aprimoramento dessas três habilidades básicas para o preparo do Atletismo, unindo teoria e prática.

Diz o coordenador do volume, prof. Jurgen Dieckert, professor visitante da Universidade Federal de Santa Maria, RS: "Os fantásticos resultados obtidos em altura, distância e velocidade, em conhecidas competições internacionais de Atletismo, realizadas em estádios perfeitos, com as técnicas mais aprimoradas, nada mais são do que a conseqüência do correr, lançar e saltar."

E mais adiante: "O Atletismo para crianças e jovens apresentado nesta antologia pode também ser praticado sob as condições mais elementares. Por esta razão, este livro (a edição original é alemã) se adapta também ao Brasil, mesmo quando as instalações para a realização de competições de Atletismo se apresentam deficitárias ou ausentes."

REGISTRO

Os melhores contos, *Moacyr Scliar, seleção de Regina Zilbermann, Global Ed. Mais um volume desta coleção que vem traçando um mapeamento do conto no Brasil através de alguns de seus principais cultores no passado e no presente. Aqui temos uma excelente visão de Scliar, marcado sempre pela precisão narrativa e pelo humor. Bons exemplos de sua técnica são "A balada do falso Messias", "O dia em que matamos James Cagney", "O anão no televisor", "Os contistas".*

* * *

No bar, *Luiz Vilela, Ed. Ática. Com este livro, publicado em 1968 (que agora reaparece em 2.ª edição), Vilela confirmava suas qualidades de contista, consagrado a partir de 1967 com o lançamento de* **Tremor de terra:** *num estilo que flui, direto e sensível na recriação de fatos do cotidiano que ele domina e sabe captar como poucos.*

* * *

A chave de vidro, *Dashiell Hammett, trad. de Marcos Santarrita, col. Circo de Letras, Ed. Brasiliense. Poucos livros deixou Hammett, mas todos de alta qualidade. É bom reencontrar aqui sua prosa forte, seu retrato da sociedade americana. Tendo como ponto de partida a morte de um senador, Ned Beaumont nos conduz através de uma trama que envolve corrupção, gangsterismo, assassinatos, ambições políticas e traições familiares.*

* * *

Almoço nu, *William S. Burroughs, trad. de Mauro Sá Rêgo Costa e Flávio Moreira da Costa, col. Circo de Letras, Ed. Brasiliense. As experiências de alguém que viveu e conviveu com o mundo das drogas, seu mergulho nesse mundo e sua luta para dele sair. É importante ler com atenção o depoimento de introdução ao livro, onde o Autor fala de sua luta ao "acordar da doença", como ele diz, doença cujos componentes eram drogas e vício, homossexualismo, corrupção, tirania psiquiátrica, perversões e crimes.*

* * *

Odeio reuniões, *de Stephen Baker, com cartuns de Arnie Levind, trad. de Jaguar, Ed. Melhoramentos. Humor em cima de um tema controvertido: se todo mundo abomina reuniões por que então se insiste não só em fazer reunião de tudo e para tudo e delas participar? A partir daí, o autor dá algumas dicas. Por exemplo: como participar de uma reunião e pôr o sono em dia; ou como parecer uma autoridade mesmo não sendo; ou como acrescentar mais confusão à confusão.*

* * *

O mais vendido, *Toninho Neto, LePM-editores. Um novo humorista na praça. Que não se satisfaz com menos; já a partir do próprio título diz ao que vem. Mas como se isto não bastasse vem munido de variados prefácios do Veríssimo, do Woody Allen, do Sartre, do Millôr. E mais prefácios teria se para tantos prefácios tão curto não fosse o espaço disponível. Agora é ler e concordar (ou não) com os autoprefácios de tantos autores diferentes.*

* * *

Nick Homes, *Alex Raymond, LePM-editores. Os quadrinhos estão de volta, seja enfeixando histórias de humor, mistério, ficção científica, policial. Aqui de um dos grandes do gênero: Alex Raymond, que inclusive foi parceiro de Dashiell Hammett. Nick Holmes (nos EUA, Rip Kirby) também no Brasil fez sucesso em tempos passados. Nesta primeira história, de 1946, o detetive particular aparece já com todos os elementos que fixariam sua figura nas quadrinizações seguintes.*

* * *

Fora de órbita, *Thomas H. Block, trad. de Luiz Corção, Ed. Record. Um avião de passageiros foge ao controle do piloto e passa a girar desgovernado em torno da terra. A partir daí, envolvendo tripulações e passageiros, tudo pode ocorrer. O autor volta com um novo romance tendo a aviação por tema, juntando pesadelo, emoção, suspense.*

16 MIGUEL, Salim. Em a Morte do Brasil um retrato do Brasil. **O Estado**, Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.
17 MIGUEL, Salim. Ensinando a ver jornais. **O Estado,** Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.
18 MIGUEL, Salim. O prazer de ler-reler Machado. **O Estado,** Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.

LIVROS

Salim Miguel

REGISTRO

Em A Morte do Brasil um retrato do Brasil

16

Um romance político, que abrange desde a participação do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo e a morte de Getúlio Vargas até a atualidade? Um romance policial, com uma trama de terror, que culmina com o assassinato de um presidente da República (filho de imigrante) no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Grande Guerra, durante a festa do Dia da Vitória? Um romance metafísico que conta a solidão e a inquietação espiritual de um homem à procura de Deus? A crônica de uma moderna cidade brasileira, no caso o desfigurado Rio de Janeiro de agora, invadido pelos mendigos e camelôs, e onde pessoas famintas remexem as cestas das lanchonetes?

A Morte do Brasil, o novo romance de Lêdo Ivo, que a Editora Record acaba de lançar, estimula estas perguntas. Abarcando quase meio século de vida nacional, misturando figuras da realidade a personagens fictícios (e alguns destes remetem de novo o leitor à vida real e ao cenário da atualidade), ele dá a impressão de ser um estuário de situações e problemas. A galeria humana que transita em suas páginas inclui desde presidentes da República e parlamentares até travestis, prostitutas e mendigos. Embora centrado no aqui e agora do Rio de hoje, e descrevendo lugares, como a Praça Tiradentes, que são verdadeiros personagens, o romance ostenta, ainda, uma dimensão de passado e memória — e Maceió, a cidade natal de Lêdo Ivo, surge no mormaço e na maresia, com um pistoleiro do Sindicato da Morte e um drama de incesto.

O personagem principal de **A Morte do Brasil** é um delegado de polícia que, desde a infância, quer encontrar no chão da vida a chave que permita abrir o coração das outras criaturas e penetrar em segredos e abjeções. O que é a verdade e a mentira? O que é a culpa e a inocência?

Onde está a nossa identidade?

As interrogações cruciantes e cruciais percorrem o livro inteiro, alcançando mesmo o plano da identidade nacional. Após os anos de triunfalismo, quando o movimento militar de 64 procedeu a uma profunda mudança na vida brasileira, e surgiram rodovias e centrais nucleares, apontam os tempos de desilusão nacional, com o povo do Nordeste comendo ratos e o desemprego afligindo as grandes cidades. E aparece, ainda, o Brasil escondido do terror e da tortura.

Romancista do aqui e do agora, Lêdo Ivo reconhece que as transformações ocorridas no Brasil, nos últimos decênios, constituem o pano de fundo de sua obra. Mas adverte:

— O romancista sempre dá uma direção diferente à vida e à realidade ambiente, as quais são pontos de partida. Mesmo o documentário, num romance, é nutrido pelo imaginário. Além do mais, convém não esquecer que, para a elaboração de um personagem, um criador literário se vale de vários tipos.

Para Lêdo Ivo, um artista literário, como é o seu caso, assenta o seu ofício em quatro experiências nítidas:

— Em primeiro lugar, temos a nossa experiência pessoal e intransferível, o nosso repertório de vivências individuais. A isso se soma a experiência da leitura, que é fundamental para um escritor. Há ainda a experiência formal, isto é, o tirocínio artístico. E há, finalmente, uma outra experiência, que considero fundamental, e sem a qual as anteriores ficariam comprometidas. Quero referir-me à experiência da imaginação. É esta que abre para nós as portas da criação artística.

Para Lêdo Ivo, um romance deve ser uma obra de arte comparável a uma escultura, uma sinfonia ou uma pintura. Daí a importância que ele dá à formação cultural e estética do romancista.

Seus romancistas prediletos? Ele cita Balzac, Flaubert, Stendhal, Dostoievski, Turgueniév, Victor Hugo, Gogol, Conrad, Henry James, Proust, Joyce, Melville, Hawthorne. Mas faz questão de assinalar que, desde a infância, é um infatigável consumidor de romances, e para ele o gênero é uma verdadeira galáxia.

"Lê de tudo e de todos — até o que ninguém mais lê. Além do mais, não se esquece de que tanto **A Morte do Brasil** como o anterior **Ninho de Cobras** são às vezes identificados como romances policiais, na linha de Dashiell Hammett e Raymond Chandler. Apreciador do gênero, Lêdo Ivo diz:

— O romance policial é um dos últimos redutos do romance formal, pois exige uma composição rigorosa, com um enredo, personagens, um desfecho. Além disso, retrata a luta entre o Bem e o Mal, a inocência e a culpa, o crime e o castigo. E é sempre uma história de busca, de perseguição, de deslindamento.

Em **A Morte do Brasil** essa inclinação para o romance policial está presente da versão de que Getúlio Vargas foi assassinado, nos desaparecidos que a polícia não encontra, no mistério de uma injustiça que arma um braço vingador e mata um Presidente da República, no rumor de incesto que agita uma pequena cidade nordestina.

Contudo, todas essas vertentes — a documental, a psicológica, a metafísica, a histórica — confluem para um único espaço: o do romance propriamente dito.

— Como todo romancista, sou um observador do coração humano. E a minha intenção é contar uma história.

1984

Ensinando a ver jornais

17

Saber ler jornal é também uma arte. Pois é preciso saber ler, muitas vezes, para além do que está impresso.

Daí a importância de um livrinho (pelo tamanho, não pelo conteúdo) como este **Para uma leitura crítica dos jornais**, de Ismar de Oliveira Soares org.), SEPAC-Ed. Paulinas.

Através de exemplos extraídos da imprensa diária (poderiam ser também de rádios ou da TV) ele mostra de que maneira os fatos são manipulados de acordo com interesses que nada têm a ver com a transmissão correta da informação.

O texto é didático, objetivo. Pela maneira como está exposto pode-se claramente perceber como boa parte da imprensa se coloca de forma danosa, contra os interesses da população, informando-a erroneamente, manipulando os fatos e procurando "fazer a cabeça do povo".

Na "Apresentação", D. Angélico Sândalo, bispo e jornalista, assinala: "A experiência diária nos demonstra, claramente, que os proprietários dos grandes meios de comunicação social estão, quase sempre, a serviço da opressão do povo. Com técnicas aprimoradas, objetivam a alienação de nossa gente, para que a dominação possa continuar impune, vitimando multidões e favorecendo grupos minoritários do país e do exterior".

E já na "Introdução" ao livro se assinala: "Fazer a análise crítica dos produtos fornecidos pela indústria cultural não significa a rejeição, pura e simples, desses instrumentos de inter-relação humana. É justamente porque acreditamos ser importante para a sociedade a ampliação de espaços para o trabalho dos veículos sérios e responsáveis que julgamos prudente conhecê-los melhor".

A partir daí, o livro nos dá exemplos. Eis o primeiro, de manchetes extraídas de dois jornais paulistas: "Caribe pede e EUA já ocupam Granada"; "EUA invadem Granada". Isto é então analisado em todas as suas implicações e conseqüências. Ao final, um resumo da visão dos dois jornais e proposta de trabalho sobre o que vem escrito.

É ler e meditar.

O prazer de ler-reler Machado

18

Novo título da coleção **Os Melhores Contos**, excelente coleção da Global Editora, dirigida por Edla Van Steen. Desta vez dedicado a Machado de Assis, seleção de Domício Proença Filho.

Ler ou reler Machado é sempre um renovado prazer, pela fruição de um texto que seduz e pela revelação que ele representa com sua escrita que sugere mais do que diz claramente. Sim, revelação: seja na primeira leitura ou nas quantas releituras que comporta, sempre permitindo novas descobertas.

Aqui, agora, estão incluídos contos que são imprescindíveis em qualquer seleção: "Noite de Almirante", "Missa do galo", "Uns braços", "Cantiga de esponsais", "Um homem célebre", entre tantos.

Mas a riqueza de Machadinho é inesgotável, e tamanha que mesmo numa seleção criteriosa como a presente é sempre possível perguntar, por exemplo: Tudo bem, mas por que não foi escolhida uma história como "Primas de Sapucaia"? Já outro machadiomofilo se ergue: Alto lá, ta bom, e "Anedota pecuniária"?

Se são incontáveis os volumes que reúnem contos de Machado, são igualmente incontáveis os acréscimos e as omissões. Para além do critério de valoração há também um critério de gosto, com tudo que ele possa comportar de imponderável. Pouco importa. O que importa é mais uma vez podermos nos debruçar sobre o universo do autor de **Dom Casmurro** e vivermos com ele momentos de emoção e de conhecimento da alma humana, do bicho homem com todo o seu fascínio e sua complexidade.

Esta seleção de Domício, poeta, professor, animador cultural, se aproxima e se afasta das demais. Se aproxima porque reúne várias das mais importantes histórias curtas de Machado; se afasta porque ele mesmo acentua que adotou, na ordem de apresentação, "sequência apoiada na aproximação temática... e situei subjetivamente os contos a partir de motivação para a leitura".

Então, vamos a eles.

Movimento operário no Brasil (1964-1984), *de Edgard Carone, Difel. Um amplo e minucioso painel da participação da classe trabalhadora brasileira no nosso processo histórico se encerra com este volume, o último de uma trilogia. Ele aborda o período que vai do golpe de 1964 até os nossos dias. Nos dois volumes anteriores, Carone abrange os períodos de 1877-1944 e 1945-1964. Fundamentado e documentado com documentos extraídos de jornais, revistas, livros, panfletos, ele analisa a evolução dos movimento de esquerda, o papel da classe trabalhadora, suas lutas. Na última parte, "Os tempos atuais", estuda a divergência entre as líderes do PT e o aparecimento de facções dentro do próprio partido, assim como o surgimento de movimentos operários camponeses e o aparecimento da CUT e da Conclat.*

O partido comunista brasileiro (1922-1964), *de Eliezer Pacheco, Ed. Alfa-Omega. Através de uma óptica por vezes crítica o Autor reconsttitui e examina o papel do PCB e o desenvolvimento do movimento operário no País. Livro importante para pesquisadores e estudiosos, não é fácil a análise de um partido que, dos mais de 60 anos de existência passou apenas três na legalidade. Ainda assim Pacheco levanta (e mostra) a evolução do PCB, suas lutas e vitórias.*

A Ilha *(uma repórter brasileiro no país de Fidel Castro), de Fernando Morais, Ed. Alfa-Omega. Primeiro livro brasileiro a dar uma visão da Cuba de Fidel, este livro chega, sempre com sucesso, a 21.ª edição. Relato apaixonado, ele conta com precisão de verdadeiro repórter e nos coloca num país do qual pouco sabemos. Edição ilustrada com fotos e um capítulo inédito.*

Novo mundo *cartas de viagens e descobertas, de Américo Vespúcio, LePM-editores. Cosmógrafo e navegador, Vespúcio (1452-1512) continua sendo personagem pouco conhecido e muito discutido. Suas cartas, aqui reproduzidas, causaram sensação e foram reproduzidas como folhetim de sucesso na época — e as novas terras descobertas se chamaram América. Muitos estudiosos concordam em que, pelo menos uma vez Vespúcio esteve no litoral brasileiro. Certo ou não, suas cartas ainda hoje emocionam.*

* * *

A macrodinâmica de Michal Kalecki, *de Antonio Jaime Gama Jobim, Ed. Graal. Este livro estuda a obra de um autor que deixou contribuições em três áreas da Economia, analisando-se aqui aquela que versa sobre a dinâmica das economia capitalistas. Julio Gomes de Almeida diz, no prefácio ao livro, que ele vem "em muito boa hora, pois a luta contra a ortodoxia dominante na Economia e na política econômica é hoje mais do que nunca necessária e, a bem da verdade, é a mesma que Kalecki travou por mais de 40 anos".*

* * *

A música e a criatividade, *de Walter Howard, trad. de Norberto Abreu e Silva Neto, Summus Ed. Escrito de forma coloquial, dirigindo-se não só a professores de música, mas as mães e aos educadores em geral, este livro de Howard (1880-1963) musicólogo e psicopedagogo alemão, é válido até hoje, por suas descobertas e suas reflexões. O Autor dá ênfase ao valor da experimentação, do brincar, da sensibilidade, assinalando abusos e distorções no ensino da música, tanto a nível doméstico como no ambiente dos conservatórios.*

* * *

Marx e Engels — vida e obra, *de Heinrich Gemkow, Ed. Alfa-Omega. O livro focaliza a obra desses dois importantes pensadores do século passado dentro de um contexto histórico e revela aspectos não só dos fundamentos do marxismo como da vida militante e pessoal dos dois teóricos da "ciência do proletariado". Obra de consulta para professores e estudantes universitários em especial.*

* * *

História da sexualidade — *I — A vontade do saber, de Michel Foucault, Ed. Graal. O livro não pretende fazer uma reconstituição histórica da conduta e das práticas sexuais da humanidade nem a de "analisar as idéias científicas, religiosas, ou filosóficas que se expressam através desses comportamentos". Seu objetivo é tentar compreender como, nas sociedades modernas, a noção de sexualidade transformou-se progressivamente em algo familiar.*

TV FEITA EM CASA.
(COMO A COMIDINHA DA MAMÃE)

Boa parte da programação da RBS é feita em casa.
Como a comidinha da mamãe.
O tempero, pra agradar todos os gostos, fica por conta do pessoal da terra.
Diariamente a receita leva uma boa pitada de informação, porções de cultura, lazer e esporte.
O cardápio é variado. E sempre com aquele toque caseiro. Experimente!

17 horas semanais de programação local, considerando-se os quadros locais do TV Mulher.

RBS TV
REDE GLOBO

ESSE "GURI" É ÓTIMO!

BARCO GURI De 3,50 metros.
Preço de Oferta:
Apenas 690.000,
a vista
1º PAGAMENTO SÓ NO ANO QUE VEM

Você vai curtir a Natureza com disposição, alegria e tranquilidade, pois as Lojas HM facilitam tudo pra você.
OFERTA LIMITADA AO ESTOQUE!

GANHE CUPONS GRÁTIS EM SUAS COMPRAS PARA CONCORRER A
10 MONZA
10 TVS. A CORES SEMP TOSHIBA
10 MÁQUINAS DE COSTURA ELGIN
10 FURADEIRAS BOSCH

COMPRE MELHOR, COMPRANDO AGORA!
1º PAGAMENTO SÓ NO ANO QUE VEM!

NÁUTICA
HM HERMES MACEDO
200 LOJAS DO RIO GRANDE AO GRANDE RIO

19 MIGUEL, Salim. Uma leitura de Augusto Meyer. **O Estado,** Florianópolis, 18/11/1984, p. 26. Livros.
20 MIGUEL, Salim. Reflexão sobre o poder. **O Estado,** Florianópolis, 18/11/1984, p. 26. Livros

19

Uma leitura de Augusto Meyer

Humanista na verdadeira acepção da palavra, Augusto Meyer, com seu jeitão quieto, marcou todos aqueles que tiveram a grata satisfação de com ele conviver.

Lembro-me bem: já lhe conhecia a poesia, os ensaios, a crítica, quando fui conhecê-lo pessoalmente. Foi na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco, onde ele trabalhava.

Eu estava realizando pesquisas para os verbetes que faria para a Enciclopédia Delta-Larousse. Necessitava de material a respeito dos escritores gaúchos. Alguém me indicou o Augusto. E lá fui eu, meio tímido e desconfiado.

Desde o primeiro encontro ele me tratou como se fôssemos velhos amigos, voltei outras vezes, na verdade não mais em busca de material, mas do papo. Augusto Meyer me orientou não só especificamente sobre o tema que no momento me interessava, mas também em muitas outras coisas: o Rio Grande e sua cultura, Simões Lopes Neto que eu lia com paixão, um novo enfoque sobre Érico e sua obra, vultos da literatura européia — tanta coisa mais. Seus conhecimentos eram não só vastos, mas igualmente profundos e diversificados.

Agora, o instigante livro de Tania Franco Carvalhal, **A evidência mascarada** (título que certamente seria do maior agrado de Augusto Meyer) a tudo isto (e muito mais) me remete. É que o livro vai para além do proposto no subtítulo, "Uma leitura da poesia de Augusto Meyer". Se bem que centrada nele, Tania alarga o leque de sua análise e traça um painel abrangente do homem e do intelectual, de suas preocupações e buscar, de sua incrível capacidade de leitura e apreensão do fenômeno da criação artística.

O trabalho de Tania flue, e diferentemente da maioria da teses (conforme bem acentua na "orelha" José Antonio Pinheiro Machado) "não afugenta os iniciantes ou provoca bocejo nos iniciados". A leitura se faz com crescente agrado. Aos poucos vamos tomando contato mais íntimo com a figura de Augusto Meyer, vamos acompanhando sua evolução e suas buscas.

Ela anota, por exemplo, que o poeta que de repente pareceu adormecer por um longo período, convivia em tudo que Augusto Meyer escreveu; revela a importância dos "cadernos de apontamentos", nos quais Augusto Meyer ia deixando indicações a propósito de sua caminhada, suas leituras, seus projetos, suas preocupações, poesias que viria (ou não viria) a escrever, artigos e ensaios, reflexões sobre homens e artistas.

Por tudo isto, **A evidência Mascarada**, da L e PM - editores/Pró-Memória-INL, é livro para ser lido, com interesse e proveito, mesmo por aqueles que não tenham como escopo básico conhecer mais e melhor (ou conhecer), Augusto Meyer.

Pelas colocações que comporta, por seu estilo claro e objetivo, pelas informações sobre um dado momento da cultura brasileira e riograndense, ele é um valioso complemento para todos que se preocupam com a nossa formação e buscam, através do passado, resgatando-o e preservando-o, pensar o presente e o futuro.

1984

20

Reflexão sobre o poder

Não há como fugir a uma constatação: neste novo romance de Autran Dourado (**A serviço del-Rei**, Ed. Record) somos, inevitavelmente, levados a fazer um confronto com o nosso passado recente, a uma aproximação com fatos e acontecidos de ontem e de hoje. Isto se torna visível a uma simples primeira leitura.

É que ali estão numerosos elementos que compuseram (compõem) o dia-a-dia da história do País, sua trajetória, suas tramas e subtramas, suas figuras que galgaram posições e a maneira como atuaram. Transfundidas pelo poder criador do artista, sim, mas perfeitamente identificáveis.

Ficção montada no real, fábula, parábola, alegoria — pouco importa como classificar este novo romance de Autran Dourado. Importa, antes, constatar que ele é, acima de tudo, uma profunda e veraz reflexão sobre o exercício do poder e suas conseqüências, revelado de maneira clara através da figura de Saturniano de Brito (não haverá alguma simbologia no nome saturniano?) e da galeria de comparsas que gravita em torno dele e que o acompanha, aproximando-se afastando-se de acordo com as variações da sorte e o estranho e complicado jogo da política.

De prefeito de sua cidadezinha mineira a presidente da República, acompanhamos a sinuosa caminhada de Saturniano, suas tratativas para galgar o poder, as tantas outras tratativas para derrubá-lo, todos querendo usufruir-utilizar o poder. E os golpes e contragolpes, maiores ou menores, a preocupação, sempre, de conviver com o poder e viver do poder e à sombra do poder.

Tudo isto vai nos chegando, numa linguagem dúctil, sugerindo mais do que afirmando, negaceando, avançando-recuando, por intermédio de alguém que acompanha toda a longa caminhada de Saturniano, misto de sombra e alter-ego, o intelectual João Fonseca Nogueira, e que, à medida que vai alçando posições com o futuro presidente, vai também se deixando envolver pelo fascínio, pelas teias e tramas do poder — a estranha e compulsiva sedução do poder.

Temas visíveis a uma primeira leitura, ou subjascentes, perpassam todo o livro, narrado naquele estilo que é marca peculiar de Autran Dourado: barroco, sutil, nuançado, irônico, profundo. Preocupado com o que dizer e o como dizer, ele nos envolve em sua estranha teia e nos introduz naquele universo de intrigas, mesquinharias, grandezas e misérias, levando-nos a acompanhá-lo e a com ele refletir sobre o poder e seus meandros.

Pouco importa, no caso, a busca que vem sendo intentada no sentido de se procurar saber "quem é quem" detetivescamente. Para além dela, que até pode servir como um jogo, importa é apreendermos o sentido da mensagem que nos é passada, e nos apercebermos que, outra vez, temos aqui um criador consciente, dominando como poucos entre nós seu instrumento de trabalho, sofridamente debruçado sobre a palavra e seu sentido último, manipulando-a com precisão.

E só, no início, o leitor pode até se surpreender um tanto com esta aparente virada na obra de Autran Dourado, logo-logo se apercebe que sendo na aparência outro, ele é o mesmo, com idênticas preocupações formais, estéticas, humanas, sociais — tudo amalgamado, tramado, bordado, trançado, pensado, para nos dar, por igual, horas de fruição e horas de reflexão.

1984

E é, também, um texto extremamente oportuno, no exato momento em que temos, diante de nós, uma acirrada luta pelo poder, luta que empolga e deixa em suspenso toda a Nação.

REGISTRO

Paixões, *de Domingos Pellegrini, Ed. Atica. Uma mesma e funda emoção perpassa as histórias deste livro, todas carregadas de paixão. Seja em "A mulher dos sonhos", onde dois jovens que se querem mas nenhum deles abre mão de sua posição, seja em "Sábado à noite", momento da vida de um homossexual que relembra seu tempo de operário. Ou ainda em qualquer dos outros incluídos no volume, e que confirmam o ficcionista sensível revelado desde o primeiro livro de Pellegrini. Já em 2ª edição, pouco depois do lançamento.*

* * *

A dupla face do baralho, *de Raimundo Carrero, Ed. Francisco Alves. Diz o Autor que, com sua novela, "não pretende nem distrair nem comover nem persuadir". Ele deseja, "ardentemente, refletir." E busca isso através de um velho comissário que tenta reconstituir o passado e busca uma reflexão sobre a culpa e o castigo.*

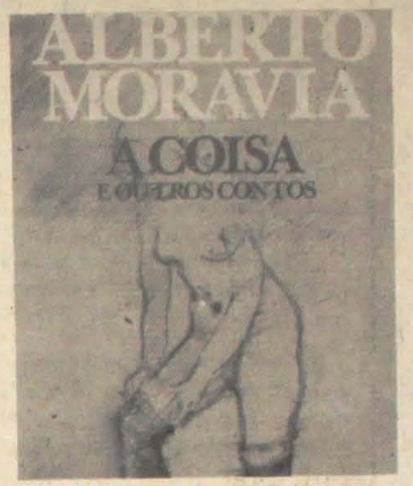
* * *

O dia dos prodígios, *de Lídia Jorge, Ed. Nórdica. Uma das mais fortes narradoras entre os novos ficcionistas portugueses, Lídia declara que gosta de montar os capítulos de sua narrativa como quem monta os pedacinhos de uma tapeçaria. A linguagem é original, a estrutura elaborada é forte. Na apresentação ao romance diz Cremilda Medina que "muitos críticos a aproximam à vertente do romance sul-americano." Um texto denso e apeixoante.*

* * *

Bailei na curva, *do Grupo do Jeito que dá, L e PM-editores. Retrato de uma geração marcada pelo golpe de 64: suas modas e modos, suas idéias e reações, suas esperanças e desesperanças. Faz um ano que esta peça foi apresentada e representa um marco no novo teatro gaúcho: 140 apresentações e 60 mil espectadores. Um texto coletivo do próprio grupo que montou a peça. Edição ilustrada com fotos do espetáculo.*

Tantubá, *de Luiz P. Cardoso, Global Ed. Com seu primeiro romance,* **Empedradura ou empedreada,** *o Autor se situou entre os bons ficcionistas brasileiros. Aqui neste segundo volume de uma trilogia, ele retoma, na mesma linguagem saborosa, temas e personagens. Dizendo-se um inventor de palavras, para ele Tantubá pode significar tudo ou nada. Mas o texto significa bastante, com sua ironia e seu morto que fala.*



Foi Deus não acontecer nada, *de Thales de Azevedo, Ed. Atica. Subintitulado "Crônica política de um tempo", o Autor situa a sua novela no Brasil de 1929, imerso num clima de tensão e incerteza, culminando na Revolução de 30. Aí temos o retrato de uma cidadezinha interiorana, com seus tipos, suas fofocas, suas lutas políticas. Azevedo é médico e antropólogo conhecido por livros nas áreas de Ciências Sociais, sendo esta sua primeira incursão na área da ficção.*

* * *

A coisa e outros contos, *de Alberto Moravia, Difel. O mais recente livro de um escritor italiano considerado um dos mais expressivos nomes da prosa italiana deste século. Aos 77 anos ele continua produzindo, sempre inquieto, prosseguindo uma obra iniciada em 1929 com* **Os indiferentes.** *O erótico e o social, o fantástico e o real se confundem nos contos de* **A coisa,** *escrito em 1983.*

* * *

Sonhos de um sedutor, *de Woody Allen, L e PM-editores. Esta editora vem publicando todos os livros do escritor, diretor de cinema, músico e ator Allen. Neste novo livro, baseado num filme de sucesso, ele tem como ritornello uma frase ("Play it again, Sam") tirada de um filme famoso, que tem Humphrey Bogart como ator. O personagem de Allen é um cinemaníaco, neurótico, tímido, inseguro — mas quer se imaginar na pele do machão Bogart. Humor e amargura se fundem numa sensível visão de mundo.*

21 MIGUEL, Salim. Cultura negra e liberdade, temas de Domício Proença Filho. **O Estado,** Florianópolis, 02/12/1984. p.28. Livros.

LIVROS

Salim Miguel

Cultura negra e liberdade, temas de Domício Proença Filho

— De repente me dou conta de que 1984 foi um ano gordo para mim!

Quem assim fala, neste começo de mais um papo (que deveria ser uma entrevista), iniciado várias vezes e várias vezes interrompido no decorrer de alguns encontros entre Rio e São Paulo, e Domício Proença Filho, poeta, professor universitário, ensaista, criador e coordenador da Bienal Nestlé de Literatura Brasileira — enfim, homem de sete ou mais instrumentos na área cultural.

Este novo papo ("agora pra valer", me dissera o Domício por telefone) se deu durante o lançamento, na Fundação Casa de Rui Barbosa, da edição crítica de **Ultimos Sonetos** de Cruz e Souza. Domício tinha acabado de me passar um exemplar de **Dionísio Esfacelado** (Quilombo dos Palmares), seu mais novo livro de poesia, publicado pela Editora Achiamé, Rio.

Eu tivera o privilégio de ler os originais, e se havia uma reclamação a fazer é que o autor, sempre envolvido em mil atividades, estava demorando em publicar o livro.

Antes que eu perguntasse o porquê do "ano gordo" num ano tão magro e de tantas crises, Domício retoma a palavra:

— Veja só, dois livros publicados, a Bienal Nestlé de Literatua Brasileira consolidada, a atividade universitária gratificada com a orientação de duas teses de mestrado, uma sobre Roberto Drummond e outra sobre o romance angolano **Mayombe**, de Pepetela.

Conversar com Domício é fácil, ele tem sempre novos projetos, fala de um livro que leu, de uma nova bolação para divulgar livros e autores, promover encontros e concursos. Difícil é fazê-lo falar de sua obra. Mas, no momento, importa saber qual a proposta deste seu **Dionísio Esfacelado**, "um só poema fragmentado ou um conjunto de fragmentos de um só poema a respeito de uma realidade originariamente dispersa", conforme assinala o também poeta e ensaista Benedito Nunes. Afinal o Autor se dispõe a dizer de seu tema:

— Os livros? **Dionísio esfacelado (Quilombo dos Palmares)**, seu velho conhecido, na condição de um dos meus leitores-de-fé, sai com um ano de atraso, mas, felizmente, está aí. Como você sabe, é um livro de poemas que diz de cultura negra e exalta a liberdade. Não gosto de falar do que escrevo. Prefiro deixar aos possíveis leitores esse tipo de manifestação. Mesmo sendo um leitor permanente do texto alheio, por força da minha profissão de professor, creio que, na condição de autor, me falta o necessário distanciamento para uma leitura isenta do texto que eu mesmo produzi. Eu acabaria sempre limitado ao que pretendi fazer, e correria o risco de condicionar o entendimento dos poemas. Gosto do que os editores escreveram na quarta capa do livrinho, e me estimularam muito as palavras de mestre Benedito Nunes, no artigo publicado recentemente no Suplemento Cultural do Estado de São Paulo sobre o **Dionísio.**

Quanto ao título, você sabe que Dionísio ou Baco, é o deus perseguido, "a divindade dilacerada, o deus trácio, estrangeiro na Hélade, mas ai senhor das almas em transe e dos cultos de possessão, como bem resume Benedito no seu artigo; é o deus da máscara, o rei postiço do carnaval, o monarca do riso que é castigo e que obriga a mudança; é também o grito desrepressor, a liberdade. Procurei nos poemas, de alguma forma, fraturar essa máscara carnavalesca tão associada ao negro no Brasil. Procurei fazê-lo sem sentimentalismos ou radicalismos. Considero que constituímos uma cultura mestiça. Como a história esqueceu muito da contribuição negra a essa cultura, julgo importante e oportuno despertar a memória da comunidade nessa direção. O livro alterna, nesse sentido, celebração e ironia. Uma observação importante: os poemas devem ser entendidos em função do conjunto da obra.

Existe alguma aproximação deste com seu primeiro livro de poesia?

— O primeiro, **O cerco agreste** (79), veja você, está esgotado desde 1983! E quase não saiu de Minas, onde foi lançado pelo André Carvalho, da Comunicação. Mesmo sendo coeditado pelo INL, penso que foi um resultado excelente, sobretudo se acreditarmos nos editores que dizem que "poesia não vende". Ali, o centro era uma perspectiva mais para a preocupação existencial, uma **proposta** poética, sem vinculações históricas. É claro que tem a ver com o **Dionísio**, porque, de certa forma, também trata de liberdade, só que em termos mais essencialistas, ontológicos.

E na gaveta?

— Se tenho outros livros prontos? Tenho sim; um anterior ao **Dionísio**, que você também conhece, ligado aos Inconfidentes de Minas e que se chama **Faces do verbo (Oratório dos Inconfidentes)**; está aguardando o interesse dos editores. Posso-lhe garantiu que se trata no mínimo de uma proposta diferente. Em organização tenho ainda mais dois volumes de poemas, por enquanto sem título.

Qual o segundo livro publicado neste seu "ano gordo"?

— Fora da poesia, organizei para a Global, a convite de Edla van Steen, uma seleção dos melhores contos de Machado de Assis, onde reuni uma breve introdução e 27 contos dos 68 que o bruxo do Cosme Velho publicou por sua escolha. Felizmente está tendo excelente aceitação da parte do público-leitor.

— Ainda na área do livro, estou, no momento, preparando a edição dos livros do Seminário da 2ª. Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Como você vê, em termos de trabalho, eu estou ficando bem paulista!

Mas se a respeito de sua obra Domício é parcimonioso, torna-se bem fácil fazê-lo falar de outros projetos. Como, por exemplo, a Bienal Nestlé, que teve em setembro sua segunda rodada. Diz ele:

— Acredito, e a avaliação que fiz revelou isso, que a 2ª. Bienal Nestlé de Literatura Brasileira consolidou o que já se evidenciara em 1982, quando iniciamos o Projeto, ao atingir novamente os objetivos que nortearam sua idealização. Veja só: colocou em evidência a literatura brasileira, voltou a ser um grande estímulo para a produção dos nossos escritores, como provam os 3761 originais inscritos no concurso e os seis livros publicados após a premiação.

Isto é importante, não ficar só na premiação.

— ... sim, para mim essa publicação dos livros premiados é tão ou mais importante do que o prêmio em dinheiro, nada desprezível, pois é a maior dotação na área, em termos de Brasil; evidenciou também o reconhecimento aos grandes mestres da arte de escrever com a Homenagem Nestlé de Cultura 1984; vem contribuindo de maneira efetiva para a divulgação da nossa Literatura, através do amplo noticiário sobre o acontecimento e através dos 90.000 exemplares de livros publicados até o momento e colocados à disposição das entidades culturais e das livrarias do País e do exterior; estimulou a atividade crítica e os estudos na área da literatura através dos Seminários, que envolveram a participação direta de mais de uma centena de escritores, críticos e estudiosos de todo o Brasil; esse é outro aspecto relevantíssimo da Bienal: a tentativa de uma integração nacional da gente de literatura; o público médio que acompanhou os debates situou-se em torno de 800 pessoas, entre estudantes, professores, escritores e interessados; contribui para evidenciar a força do texto literário como rico potencial para outras modalidades de criação, como o cinema, presente através da mostra representativa da melhor produção nacional. Em síntese foi um encontro altamente produtivo entre escritores, críticos, estudiosos, público-leitor, num convívio necessário e estimulador. É, a meu ver, uma forma de fazer presente a literatura brasileira. Por outro lado, a Bienal sedimentou a integração Empresa/Cultura, deixando claro que esse envolvimento é útil para todos: ganha a Literatura, ganha a Empresa, ganha a Cultura Brasileira. Nesse sentido, é bom ressaltar que isso se deu porque a Nestlé conta com executivos como Iraty Ramos e Antonio Salgado, que, com lucidez e sensibilidade perceberam a significação do Projeto e embarcaram nele com o maior entusiasmo.

Domício, tendo participado das duas Bienais, senti, em contato com outros participantes, que há necessidade de algumas mexidas. O que lhe parece?

— Sobre alguns aspectos, é claro que estivemos longe do ideal: gostaríamos de ter tido um público maior na Exposição-Feira, um maior volume na compra dos livros. Tudo foi feito para que isso acontecesse: o lugar era central, de fácil acesso; a montagem perfeita, a infra-estrutura de apoio sem problemas; estamos verificando o que houve, para buscar soluções mais mobilizadoras na próxima.

Idealizador e coordenador da Bienal, como você a vê depois das duas primeiras rodadas? A terceira sairá?

— Creio que se trata de um importantíssimo espaço conquistado para a Literatura. E é bom lembrar que ela objetiva promover, com seriedade e profundidade, a arte literária que se faz no Brasil. E um encontro que quer divulgar o livro, mas quer também converter-se num lugar de bom convívio de idéias e de reflexão. Pretende **reunir** escritores, estudiosos do texto literário, editores, livreiros, estudantes e leitores comuns. Reunir e não **privilegiar** esta ou aquela categoria. Sei que é difícil, mas estou tentando. Se pudermos juntar a emoção dos momentos vividos durante a fase final do acontecimento, com a densidade da reflexão será o ideal. Repito, é difícil, sobretudo é difícil assegurar a continuidade de projetos dessa natureza. Mas nesse sentido, eu sei que conto com os homens de cultura da Nestlé.

Outra coisa, Salim: um acontecimento do porte da Bienal é, por sua natureza, gerador de polêmica. Mas esta é também um fator relevante, pois assegura à Bienal a ultrapassagem do espaço/tempo em que se realiza para trazê-la à ampla repercussão da comunidade intelectual do país.

— Novidades para a terceira? estão sendo pensadas e discutidas. Estamos, no momento, avaliando cuidadosamente cada um dos módulos e certamente haverá modificações nas categorias do concurso, na estrutura da Exposição-Feira, na organização dos seminários, na mostra do filme. Tudo isso, é claro, sem perder de vista a filosofia que norteia o Projeto e a estrutura básica que o identifica. Pelo menos é assim que eu penso.

Domício, mas você não vive só Bienal. Você é professor, é poeta, é autor de livros sobre literatura, um deles com várias edições, é estudioso do fenômeno da criação. Fale-nos um pouco de tudo isto.

— Na Universidade Federal Fluminense você sabe que eu sou Professor de Literatura Brasileira. E este ano realmente me trouxe dois momentos de grande gratificação intelectual — a única, porque a outra, na área salarial, você sabe como é que anda; o jeito é esperar janeiro — Mas a gratificação me veio com as teses de duas mestrandas: Rita Córe que escreveu sobre **Colisão e montagem no conto de Roberto Drummond**, e Rita de Cássia Natal Chaves, em um texto intitulado **Mayombe, a reinvenção de Ogum, o Prometeu africano**. E a nova geração levando o facho adiante. Espero que elas logo encontrem editor para esses dois primorosos estudos críticos.

— Sobre o ato de escrever, acho que o escritor tem um compromisso com a comunidade a que pertence e com o tempo em que vive. Mas não o considero um ser de exceção: é uma pessoa comum, que faz o seu trabalho, um trabalho especial, fruto de sua sensibilidade, de sua vocação e de sua arte, esta última marcada pelo mistério que ainda caracteriza a criação. Escrever é dar um testemunho do tempo e da condição humana. E um ato que traz consigo a relatividade do histórico aliada a dimensões de atemporalidade. Uma arte difícil e só em casos muito excepcionais geradora do imperecível.

REGISTRO

Nordeste, a urbanização do subdesenvolvimento, *Walney Moraes Sarmento, Ed. Mercado Aberto, Um exame atento das migrações internas no Brasil, com ênfase especial para o Nordeste e suas conseqüências e de que maneira se processa a integração dos migrantes rurais no meio urbano. VOL. 13 da Série Novas Perspectivas, 2.ª edição.*

* * *

A tipologia imperial e nacional, da Bahia, *Renato Berbert de Castro, Ed. Atica. Obra de especial interesse para historiadores e bibliófilos, conta a história, através de documentos pacientemente coletados, da única tipografia existente no País durante a guerra da Independência. Vol. III da col. Ensaios.*

* * *

Nietzsche e a verdade, *Renato Machado, Ed. Rocco. O autor analisa a crítica nietszcheana dos valores filosóficos que estão na base do niilismo de nossa época, definindo a filosofia trágica, dionisíaca, artística como uma perspectiva para além do bem e do mal, verdade, e erro.*

* * *

A evolução social — explorados e exploradores, *Victório Velloso, Ed. Movimento. O tema central desta reconstituição histórica é a exploração grupal do homem pelo homem, considerado rei dos predadores. Na "orelha", Carlos Candal dos Santos diz: "o livro é a um tempo ensinamento e advertência."*

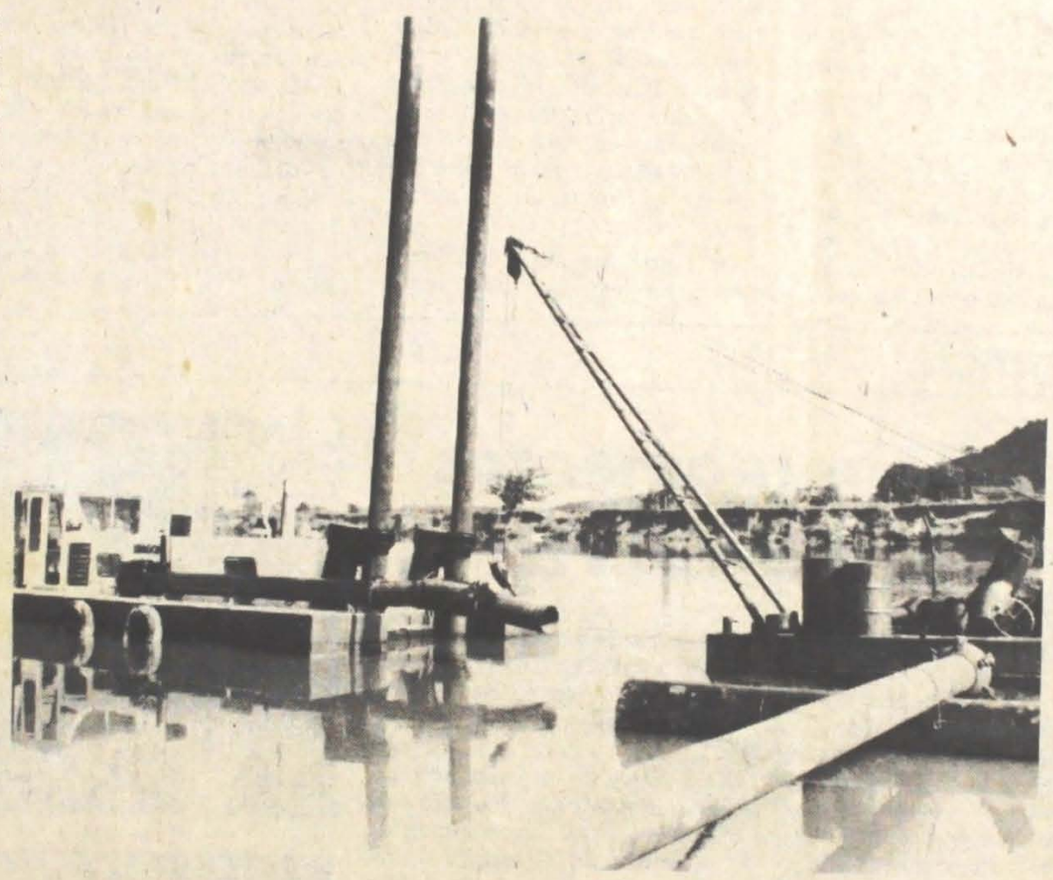
* * *

Os impérios nucleares e seus reféns: relações internacionais contemporâneas, *Antonio Celso Alves Pereira, Ed. Graal. Uma análise objetiva e consica de utilização militar e pacífica do átomo e suas implicações na política internacional, no direito internacional e na economia mundial. E a partir da ação das super-potências (EUA e URSS) o Autor levanta e discute os problemas do Terceiro Mundo.*

* * *

Gestalt e Grupos, uma perspectiva sistêmica, *Therege A. Tellegen, Summus Ed. A Autora traça um panorama da história da Gestalt-terapia e confronta sua experiência — de prática clínica e de professora universitária — com uma reflexão em que se fundem teoria e prática. Especialmente dirigido a alunos de cursos de Psicologia e clínicos atuantes.*

NÃO DEIXE



Todas as Associações Comerciais e Industriais do Vale do Itajaí estão unidas num único objetivo: Mostrar a necessidade permanente de verbas para que as obras de contenção de cheias modifiquem definitivamente a situação.
Verbas são destinadas e facilmente cortadas.
Em toda enchente, a conversa é a mesma. Se permitirmos que a inércia dos governantes e dos representantes da nossa comunidade prevaleça, o assunto enchente cairá fatalmente na rotina.
E o problema vai se eternizar. Lembre-se:
A solução não cai do céu.
É preciso lutar. Sempre!

ISTO VIRAR ROTINA

Esta marca deverá permanecer conosco enquanto a solução não for encontrada.

ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ: A SOLUÇÃO NÃO CAI DO CÉU

SCRIBA

1984

22|MIGUEL, Salim. Mapeamento do conto brasileiro contemporâneo. **O Estado**. Florianópolis, 03/03/1985. p. 29, Livros.

LIVROS

Salim Miguel

Mapeamento do conto brasileiro contemporâneo

Um abrangente mapeamento do conto brasileiro contemporâneo, limitado, no caso a autores vivos, vem sendo realizado pela Horizonte Editora/Pró-Memória-INL, de Brasília. São autores em cuidadosas edições individuais, das mais variadas tendências, formações, gerações, regiões do País.

Cada volume é acompanhado de substancial aparato crítico e informativo sobre o Autor e sua obra, constando de nota biográfica, bibliografia ativa e passiva, estudo introdutório e folheto de trabalho preparado por professores universitários da área de letras.

Assim, a Coleção 10, como é denominada, pois reune 10 contos de cada autor, transforma-se ao mesmo tempo, num instrumento de fruição e de conhecimento da ficção curta atual que se pratica entre nós, e em textos paradidáticos que podem ser devidamente utilizados nos cursos de letras e comunicação.

Se o final da década de 70 foi o período de **boom** na área do conto, com o surgimento de numerosas publicações dedicadas ao gênero (entre elas é impossível esquecer a revista **Ficção,** surgida no Rio), não se pode, também, ignorar o fato de que, ao lado de nomes que já se haviam consagrado (um Dalton Trevisan, um José J. Veiga, uma Lygia Fagundes Telles, um Samuel Rawet, entre tantos outros) novos nomes foram surgindo e se afirmando.

Mas se o chamado **boom** da história curta acabou, o gosto pelo conto continua — e as editoras continuam dedicando parte de sua programação anual à divulgação de velhos e

novos autores que se dedicam a este gênero tão popular entre nós, e que firmou nomes como um Machado de Assis.

Os primeiros títulos da Coleção 10 reuniam os seguintes autores: Dinah Silveira de Queiroz, Almeida Fischer, Ricardo Ramos, Renard Perez, Samuel Rawet, Moreira Campos, João Antonio, Guilherme de Figueiredo, Caio Porfírio Carneiro.

Cinco novos títulos acabam de chegar às livrarias: Hélio Pólvora, Julieta de Godoy Ladeira, Leonardo Arroyo, Moacyr Scliar, Lygia Fagundes Telles. E outros volumes estão em preparo, sendo que mais quatro ou cinco deles deverão estar editados entre junho e julho próximos.

Tomemos um dos livros recém-publicados como exemplo e vejamos de que maneira é ele editado.

A seleção dos contos é do próprio autor. Hélio Pólvora abandonou seu primeiro livro, **Os galos da aurora** e escolheu contos dos volumes seguintes, **A mulher na janela,** 1962; **Estranhos e assustados,** 1966; **Noites vivas,** 1972; Massacre no Km 13, 1980. No caso ainda não havia sido publicado seu livro **O Grito da Perdiz,** 1983, que conquistou o primeiro prêmio no concurso promovido pela Nestlé.

A nota biográfica situa, sucintamente, a vida e a obra do ficcionista e crítico literário Hélio Pólvora, bibliografia ativa e passiva recolhe o que ele escreveu e o que a respeito dele se escreveu, enquanto o também ficcionista e crítico Alan Vigiano fala do universo ficcional do escritor. Por fim, a professora Branca Bakaj, da Faculdade de Filosofia do DF estuda, um por um, os contos no volume, acentuando que "o folheto de estudo tem por finalidade ajudar os leitores a perceberem, com maior profundidade, os textos estudados. "E mais adiante: "Os contos de Hélio Pólvora são extremamente ricos, de excelente qualidade, e, muitas vezes, por isso, temos que nos controlar para não nos estendermos mais do que permite o limite desse folheto".

Por tudo isto (sua proposta, a preocupação com os autores selecionados, a organização de cada volume fazendo com que um número maior de leitores se aproxime e passe a se interessar pelo objeto livro) é de grande interesse para a literatura brasileira a coleção em tão boa hora lançada pela Horizonte Editora.

1985

Dia 6 a reunião dos escritores catarinenses

Convocados por uma Comissão Organizadora Provisória, escritores de Santa Catarina vão se reunir, na próxima quarta-feira, dia 6, às 19:30 horas, no plenarinho da Assembléia Legislativa, Palácio Barriga Verde, a fim de discutirem a participação da categoria no Congresso Brasileiro de Escritores, a se realizar em São Paulo, de 17 a 21 de abril, numa promoção da UBE — União Brasileira de Escritores. O Congresso deste ano é comemorativo do I, que teve lugar há 40 anos, em 1945. A pauta do Congresso objetiva discutir os problemas, os direitos e a participação dos escritores na sociedade brasileira, num momento de transição democrática, bem como debater e elaborar um projeto de política cultural democrática e pluralista para o país. Eis os cinco temas que serão debatidos: 1 - O escritor e o estado; 2 - O escritor e a indústria cultural; 3 - Os problemas, os direitos e a organização dos escritores; 4 - O escritor e a realidade nacional; 5 - O escritor e a política cultural. As delegações estaduais deverão ser as mais representativas, reunindo nomes de todas as tendências e gerações, escolhidas livremente, no sentido de darem uma contribuição para o documento final a ser levado ao governo Tancredo Neves.

Dois lançamentos na Assembléia

Comemorando o sesquicentenário do Poder Legislativo em Santa Catarina, em 1984, a Mesa Diretora da Assembléia Legislativa programou uma série de eventos. Entre eles, co-edições ou edições de livros que refletissem a realidade catarinense em todos os seus aspectos. Os dois últimos títulos publicados, que tratam mais especificamente do Poder Legislativo, vão ser lançados amanhã, dia 4, às 19 horas, no Palácio Barriga Verde. São eles: **O Poder Legislativo Catarinense - Das raízes aos nossos dias, 1834-1984,** autoria de Walter F. Piazza; e **As Constituições do Estado de Santa Catarina,** edição fac-similar, introdução também de Walter F. Piazza.

Rocco amplia programação

Com seus primeiros lançamentos da ficção internacional intensificando a sua programação voltada principalmente para a literatura contemporânea, política, filosofia, ecologia, artes e comportamento, a Editora Rocco vai dobrar a sua produção em 1985, passando a publicar seis a sete novos títulos por mês.

Patrick Modiano, Nadine Gordimer, Romola Nijinski, Severo Sarduy, Héctor Bianciotti, Brune Lamb, Breyten Breytenbach, Alain Gerber, Françoise Gange e Osvaldo Soriano são alguns dos autores estrangeiros que a Rocco estará lançando nos próximos meses, abrindo sua linha de literatura internacional. A política da Editora, nesta área, é trazer para o público brasileiro os expoentes da literatura mundial ainda desconhecidos em nosso país por estarem fora dos circuitos convencionais da indústria cultural: escritores franceses, mexicanos, argentinos, cubanos, holandeses, sul-africanos, egípcios, japoneses etc., ainda inéditos no Brasil. O lançamento desses autores no Brasil será acompanhado por uma carga maciça de informações sobre a importância do autor e da obra.

Na área de ficção brasileira, os primeiros lançamentos do ano são assinados por Orlando Senna (**Máquinas eróticas**) e Victor Giudice (**Bolero**), previstos para março e abril. Nessa linha, a Rocco se propõe a editar as melhores expressões da literatura contemporânea, dando espaço também aos escritores da nova geração, como a autora Eliane Maciel (Corpos abertos), que terá seu consagrado livro de estréia (**Com licença, eu vou à luta**) agora também relançado pela Rocco.

Novos projetos editoriais de Fernando Gabeira, um novo ensaio de Roberto Freire (**Fora do prazer não há solução**), além de textos políticos de Hélio Pellegrino e de uma seleção dos escritos de Hélio Oiticica estão entre os lançamentos nacionais na área de não-ficção. Além disso, estará sendo lançado em abril um novo livro do autor de **Esquecer Foucault**, o filósofo Jean Baudrillard (**PC, ou os paraísos artificiais da política**).

A nova programação da Rocco inclui também uma revista trimestral (**Orgon, a Cultura da Vida**), que terá seu primeiro número lançado em março, com textos de Fernando Gabeira, Roberto Freire, Miguel Grimberg (editor da revista "Mutantia", da Argentina), Eduardo Mascarenhas, Antônio Serra, Eliana Bertolucci, Marilyn Ferguson e outros. A revista é dirigida pelo jornalista e psicólogo Carlos Ralph (ex-editor de "Rádice", "Teoria e Crítica", "Luta e Prazer" e "Espaço Psi") e propõe-se a ser um espaço de afirmação de práticas conhecimentos e reflexões a respeito da vida: pacifismo, sexualidade, nova sociedade, ecologia e alternativas viáveis e concretas para uma "cultura do futuro".

Para o público infanto-juvenil, a Editora Rocco dedicará um lançamento por mês. Já estão programados novos livros de Nani, Mauro Martins, Ruth Rocha, Ruy Espinheira Filho, Patrícia Gwinnere Maria Lúcia Amaral.

Henrique Fontes: a vida dedicada à Cultura

Comemora-se, hoje, o centenário de nascimento do professor Henrique da Silva Fontes, fundador da Faculdade Catarinense de Filosofia e uma das expressões da cultura catarinense.

Nasceu em Itajaí a 15 de março de 1885, filho do comerciciante e indl. Manel Antonio Fontes e de dona Ana da Silva Fontes. Fez o curso primário em sua cidade e até completar 18 anos foi caixeiro e guarda-livros. Em 1903, frequentou o ginásio Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, onde recebeu o grau de bacharel em Ciências e Letras a 13 de dezembro de 1906, tendo sido o orador da turma. Em 1907, foi para o Rio, onde viveu como professor particular, matriculando-se em 1908 na Escola Politécnica.

Só em 1910 é que Henrique da Silva Fontes passou a morar em Florianópolis , lecionando no então Ginásio Catarinense e na Escola Normal Catarinense. No Ginásio ministrava aulas de Português e História do Brasil e em curso comercial, Escrituração Mercantil. Na Escola Normal, de 1911 a 1918, foi professor de Pedagogia e Psicologia, passando depois a lente de História e Geografia, obtendo as duas cadeiras por concurso.

Em 1910, fundou o semanário "A Época " de orientação católica. Em 1927, bacharelou-se na Faculdade de Direito.

Trabalhou no Serviço de Recenceamento Estadual; foi diretor da instrução pública; Secretário da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura no Governo de Adolfo Konder; juiz federal substituto, juiz do Tribunal Regional Eleitoral, Procurador Geral, Desembargador, professor de Economia-Política da Faculdade de Direito de Santa Catarina, de cuja fundação participou, colaborando com o Desembargador José Artur Boiteux, sendo aposentado neste cargo ao ser federalizada a Faculdade. Também foi diretor por duas vezes da mesma Faculdade, instalando-a, na primeira gestão, em prédio próprio.

OI professor Henrique Fontes fundou a Faculdade Catarinense de Filosofia, e exerceu os cargos de diretor e professor de Língua Portuguesa da mesma Faculdade, desde a sua fundação. Ainda se encarregou dos estudos da criação da Universidade Federal de Santa Catarina. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo, e foi membro da Academia Catarinense de Letras. Teve ativa participação em Congresso, Seminários e conferências, publicando diversos livros, entre eles, ressalta-se uma série de publicações sobre ensino elementar, iniciada em 1920, quando diretor da Instrução Pública, mantendo sem reserva os direitos autorais e sem ter qualquer vantagem económica.

Lembranças do Professor

Qual teria sido meu primeiro contato com o professor Fontes? Professor Fontes ou desembargador Henrique da Silva Fontes? Para mim, foi ele sempre professor — se bem que nunca meu professor.

Agora, diante da exposição, no hall da Reitoria da UFSC, comemorativa do seu centenário de nascimento, ponho-me a pensar. E não tenho certeza de quando nos falamos pela primeira vez.

Dava-me bem com seu filho Jorge. Não pertencíamos à mesma turma; mas era comum nos cruzarmos pelos bares da tranqüila noite florianopolitana de fins da década de 40. Se assim o primeiro encontro com o prof. Fontes se perde nas brumas do tempo, dele e de sua atividade como educador eu ouvia falar bastante. E isto me marcou.

Um dia (eu começara a publicar meus primeiros trabalhos) recebo um pedido, que me veio pelo Jorge: prof. Fontes estava selecionando colaborações para um número da revista **Atualidade**, gostaria de dar vez aos novos, inclusive contar com um original meu.

Mandei uma crônica — "Vento Sul" — variações variadas sobre o nosso famoso e malfadado vento. O texto girava não só em torno do vento, mas também de poemas de Cruz e Sousa que abordavam o tema.

O trabalho saiu. Pouco depois nos cruzamos numa solenidade qualquer (seria a primeira vez? não creio!) e ele, com aquela franqueza que o caracterizava, me abordou: muito embora as "modernices" do texto, achava que eu tinha "jeito" pra escrever. Continuasse.

Nossa turma - que começou sendo Círculo de Arte Moderna e ficou posteriormente conhecida como Grupo Sul — resolveu investir contra a pasmaceira da terrinha. E o que quer que fizéssemos (teatro, artes plásticas, cinema, literatura) lá estava, atento, o prof. Fontes. Podia não aceitar tudo, discordava de nossa irreverência de jovens (e aí do jovem que não é irreverente!), mas não nos hostilizava, lia (e via) nossos trabalhos, ia a nossos espetáculos, comparecia às tumultuadas palestras — quase sempre proferidas por Ody F.S., mais tarde Ody Fraga.

Numa fria manhã encontro o prof Fontes, perto da Faculdade de Direito onde tinha ido levar a Eglê. Cumprimento-o. E ele:

— Arte moderna, hein! Já vi de tudo, mas assim não...

— O que foi professor?

— A palestra de ontem...

— Palestra...?

— É, deve ser assim palestra da tal de arte moderna: nem o palestrante comparece.

Só então me dei conta. Havíamos marcado mais uma palestra do Ody; o tema pouco interessava; fizemos a competente divulgação. Na noite anterior, todos tinham se preparado para assisti-la. Como era cedo, como ventava e chuviscava, sentamos num bar para passar o tempo. Tomamos umas e outras, discutimos, o tempo enfaruscado, ali dentro no Poema Bar, de saudosa memória, tão quentinho — e lá se foi a palestra, o palestrante mais bebum de todos, no começo ainda nos dizíamos "tá na hora da palestra", depois ninguém mais se lembrou.

Mas o prof. Fontes era teimoso: na palestra seguinte (claro que do Ody!) lá estava ele na primeira fila, com seu jeitão quieto, o rosto fechado, mais para baixo, entroncado. Anotando e anotando.

Nem me lembro se lhe mandei meu primeiro livro. Creio que não. O segundo sim. Chamava-se **Alguma Gente**. Ele leu tudo minuciosamente; e quando nos encontramos repetiu que eu "prometia", sabia narrar, erguer as figuras e as situações, muito embora algumas impropriedades e liberdades com o idioma, conforme já acentuara ao ler "Vento Sul".

— Agora — prosseguiu ele — infelizmente não vou poder colocar o livro na minha estante. E se de repente uma das minhas filhinhas pega e vai ler!

— O que tem, professor?

— Cenas fortes, impróprias, aquela de mas...mas...masturbação, por exemplo. Um horror!

A palavra lhe saía a custo, olhou para os lados, que ninguém estivesse por perto para nos ouvir. Penso que lhe notei leve rubor.

— Mas professor, eu não invento nada, nem sei inventar, eu trabalho sobre o que existe, reelaborando-o ficcionalmente; e o conto no qual a tal cena aparece é calcado num fato real ao que assisti.

— E daí. Nem tudo que é real deve ou precisa ser mostrado.

Achei que não devia lhe retrucar, por exemplo, que as "filhinhas" de que ele falava já tinham (ou podiam ter) filhinhos.

As histórias do (ou com) o prof. Fontes são humanas, pitorescas, numerosas. Ele que participara da primeira grande reforma do ensino em Santa Catarina, ele que produzira a famosa Série Fontes, na qual tantos estudaram, ele que batalhara pela criação da Universidade, ele que sabia defender, intransigentemente, seus pontos de vista, com igual intransigência possibilitava que os outros igualmente defendessem os seus.

Vamos a algumas histórias.

Eglê era, na Faculdade de Direito, aluna dele. E também do prof. Othon D'Eça. Com ambos (as variações eram pequenas) se repetia o mesmo. Normalmente lhe davam a nota mais alta nas provas, mas sempre acompanhada de uma observação: "não concordo com seus pontos de vista, mas a senhora os coloca e defende tão bem e com tanta propriedade que só lhe posso dar a nota máxima". Ele foi o paraninfo da turma da Eglê.

Prof. Fontes lutou bravamente (todos sabem ou deveriam saber) pela implantação da Faculdade de Filosofia, núcleo básico para a criação da futura Universidade Federal de Santa Catarina. Ia ao Rio, postava-se no Gabinete do Ministro da Educação, esperava horas até ser recebido, recusando-se a implorar o que julgava direito ou a dar propinas para ser mais rapidamente atendido. Defendia com vigor seus pontos de vista, até que arrancou a criação da faculdade. Mais um detalhe: como abominava elevador, subia lentamente os muitos andares, parando entre um e outro para descansar.

Quem, das velhas gerações, não se recorda do saboroso episódio do burro! Prof. Fontes estava no centro da cidade. Queira ir para a casa na Av. Trompowski. Foi até o ponto de táxi na Praça XV. Achou a corrida cara. Então caminhou até perto do Miramar, onde ficavam os tradicionais carrinhos de cavalo. Sem nada perguntar, entrou, deu o endereço. Chegado, perguntou o preço. Era o mesmo do táxi. Fez questão de pagar mais. E ante o espanto do boleeiro: era pra que noutra vez não voltasse a ver um burro puxando outro...

Historiador, pesquisador, educador, deixou contribuições válidas para o melhor conhecimento da história de Santa Catarina, como o trabalho sobre o irmão Joaquim, o Hospital de Caridade, o estudo sobre a vida e obra de Lacerda Coutinho, entre tantos. Publicou, também, numerosos "estudinhos antroponímicos". Uma vez (mas esta historieta deveria ser contada pelo Hélio Balstaedt, parente da jovem), foi convidado para patrono de uma turma de formandas do Colégio Coração de Jesus. Resolveu brindá-las com um volume de estudinhos, indo à raiz do nome de cada uma delas. Empacou numa. Não era grego, nem latim, nem hebraico, nem fusão de idiomas. Deu-se por vencido. Apelou para a dona do nome. Que ela perguntasse em casa. Não demorou a resposta: inexistia raiz culta ou não. Era apenas a fusão de parte do nome do pai e do nome da mãe da jovem. E ele: mais um motivo para nos convencermos de que por mais que saibamos precisamos sempre continuar estudando e aprendendo.

Em inícios de 1965, resultado ainda das confusões de 1964, ia eu de mudança para o Rio. Fomos — Eglê e eu — visitá-lo para nos despedirmos. Conversamos longamente. Ele nos falou que estava ampliando seu estudo sobre o Irmão Joaquim — e nos recordou que Eglê era parente daquele irmão que tinha uma visão social da vida e que, entre tantas coisas, fundara o Hospital de Caridade.

Nós o admirávamos por sua retidão, suas posições conservadoras mas francas e honestas, sua cultura aberta. E mais: porque, durante os episódios de 1964, enquanto alguns "amigos" nos evitavam, ele que era de outra geração bem distante, de outra formação, que não tinha a nossa visão para as coisas culturais e da vida, fazia questão de nos procurar, de pedir por nós — a exemplo do que também fez um Othon D'Eça.

Por tudo que foi e por tudo que fez, nunca serão demasiadas as homenagens que se prestem ao prof. Fontes por ocasião das comemorações do seu centenário de nascimento que transcorre hoje, 15 de março.

Salim Miguel

O Mestre

Há uns anos atrás assisti, no velho edifício da Prefeitura, onde funcionava a Câmara Municipal, a uma cerimónia que realmente me tocou: foi aquela em que os senhores vereadores se reuniram, em sessão especial, para conferir a um velho professor e homem de letras o título de "cidadão florianopolitano".

Esse cidadão chama-se Henrique da Silva Fontes.

Tocou-me a cerimónia não só pelo que havia de justo e de humano na homenagem, mas também pela auréola de dignidade que nimbava a figura do homenageado.

Numa época em que se banalizaram as homenagens e as condecorações pelo nivelamento de valores desiguais, nada mais comovente do que vermos um homem do padrão moral do professor Henrique Fontes receber a provinciana mas honrosa homenagem de nossos edis. De fato, poucos homens terão trabalhado mais pela sua terra, no plano desinteressado da cultura, do que o saudoso fundador da nossa Faculdade de Filosofia. Mestre de várias gerações, não se limitou apenas a perlustrar a cátedra no curso secundário, em que professou duas ou três disciplinas, ou no magistério superior, como lente de Economia Política na Faculdade de Direito de Santa Catarina ou de Língua Vernácula na Faculdade de Filosofia. Foi diretor da Instrução Pública durante vários anos e escreveu cartilhas e livros escolares - destinados a nossa juventude. Não vamos aludir a sua passagem pelo Tribunal de Justiça ou pela administração pública, como Secretário da Fazenda no Governo Adolfo Konder, cargos que soube honrar com a sua cultura e inteligência. Aqui apenas nos interessam o professor que dedicou quase toda a sua vida ao ensino, e o homem de letras, o pesquisador incansável, o erudito que, ao invés de toldar as águas para dar a impressão de profundidade, tornava-se ainda mais transparentes na cristalinidade dos seus estudos. As suas "Digressões Antroponímicas" e os "Nomes Germânicos de Pessoas" são obras raras no género, na bibliografia de língua portuguesa, e já ultrapassaram as fronteiras da cultura nacional, não ao ar livre da popularidade , mas nos gabinetes dos mestres e dos estudiosos de questões filosóficas. Dir-se-ía que o prof. Henrique Fontes realiza, nesses estudos, o folclore das legras aplicado à antroponímia no plano da alta cultura, estabelecendo as variantes e os graus de parentescos entre os nomes próprios, pois cada vocáculo tem uma árvore genealógica cujas raízes vai o autor desentranhar na "selva selvaggia" dos étimos gregos, latinos e germânicos.

Não se pense, porém, que dessas pesquisas do mestre resulta um trabalho opaco e difícil, só compulsável por especialistas. Nada tem de comum com essas rochas graníticas de erudição que só podemos enfrentar de martelete em punho ou munidos da necessária carga de dinamite. Pelo contrário: o que precisamente nos surpreende são os toques de leveza que ele conseguiu dar a esses estudos, a ponto de tornar a sua leitura agradável até mesmo aos leigos em tais assuntos. O homem de sensibilidade artística se insinua no erudito e do chão pedregoso da etimologia dos nomes próprios brotam flores que nos encantam a vista, amaciando as angulosidades do terreno. É que o autor não se detém apenas no estudo da formação dos nomes, seguindo o processo de composição e derivação, ou esmiuçado esse curioso e interessante fenómeno de mutilação dos nomes próprios, os chamados hipocorísticos, tão comuns na linguagem familiar. Mas acompanha também as alterações semânticas incursionando pelos domínios da literatura , da história, da religião, da heráldica, da mitologia. Os poetas ocupam largo espaço nessas páginas, pois a eles recorre o autor a todo instante para quebrar a dureza da investigação, com a "souplesse" lírica, à semelhança do músico que no meio da gravidade das notas abre um interlúdio para tocar uma área.

Em suma, o prof. Henrique Fontes fez, no setor da antroponímia, aquilo que Ceram realizou no campo da arqueologia: transformou um assunto árido, até então visitado apenas pelos especialistas, em matéria envolvente, através de páginas que percorremos com verdadeiro escanto, descobrindo, a cada passo, uma surpresa para o nosso espírito.

Esse é o erudito, o escritor que todos conhecem, mas que poucos leram, porque as suas obras têm muito da sua modéstia: não aparecem nas livrarias nem são anunciadas pelas colunas dos jornais, o que é tão comum nos dias que correm, em que o produto do espírito virou mercadoria comercial nessa propaganda de timbaleiros e guitarristas. Custeia do seu bolso a publicação dos seus livros e ele próprio os distribui aos amigos, aos estudiosos ou às instituições culturais. Nunca foi homem de fazer estalar as castanholas da publicidade em torno do seu nome, nem jamais pousou de génio para os basbaques dos medíocres. Trabalhando em silêncio no refúgio do seu gabinete, em silêncio viveu para a cátedra, para o estudo, para o trabalho. No governo do Sr. Irineu Bornhausen conseguiu a fundação da Faculdade de Filosofia, que foi o ponto de partida para a criação da Universidade de Santa Catarina. Para a localização da Cidade Universitária convidou o professor Ernesto de Souza Campos, ex-presidente da Comissão da Cidade Universitária de São Paulo e uma das maiores autoridades brasileiras em tais assuntos.

O Desembargador Fontes é uma instituição. E é mesmo. A frase maldosa com que uma vez se procuraram feri-lo era o seu maior elogio. Foi o respeito à sua figura e a confiança nos seus atos que o fizeram ouvido pelo Governador, pelo Ministro da Educação e pelo Conselho Universitário, no Rio de Janeiro. Não houve um pedido seu que merecesse recusa por parte das nossas autoridades, e essa é talvez a maior homenagem que se lhe poderia prestar.

Numa idade em que outro qualquer estaria bocejando dentro do pijama nos enlanguescentes regalos de uma aposentadoria, o velho professor passava horas alisando os bancos dos Ministérios no Rio de Janeiro, como um cidadão comum, aguardando a sua vez de ser recebido pelo Ministro. Todos sabem como são eriçados de pedras os torturosos caminhos da burocracia no Brasil. Se o peregrino não tiver muito fôlego acaba vencido pelo cansaço. Jorge Lacerda mais de uma vez se referiu a essa pertinácia do professor Fontes. Ele nunca levava cartas de recomendação nem se valia de pistolões. O pistolão era ele mesmo, os seus cabelos brancos, a sua autoridade de mestre, a sua respeitabilidade. E foi assim que conseguiu dobrar e vencer todos os obstáculos. Triunfante a idéia, não se deixou envaidecer. Continuou o mesmo homem de sempre, modesto, simples, atencioso com todos. Ainda na última festa de colação de grau da Faculdade de Filosofia, as poucas palavras que proferiu, como diretor, foi para acentuar que a Universidade de Santa Catarina era obra dos professores catarinenses, lembrando, como seu primeiro arquiteto, o nome de José Boiteux.

Ninguém mais do que ele merecia ter sido o primeiro Reitor da nossa Universidade. Não seria apenas um prémio a quem tanto lutou por ela, mas também ao decano dos nossos professores catarinenses, lembrando, como seu primeiro arquiteto, o nome de José Boiteux.

Ninguém mais do que ele merecia ter sido o primeiro Reitor da nossa Universidade. Não seria apenas um prémio a quem tanto lutou por ela, mas também ao decano dos nossos professores, ao Mestre incomparável que tão alto elevou a cultura em nossa terra.

Nereu Corrêa

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
ÓRGÃO: O Estado LOCAL: Florianópolis DATA: 14/9/86
PÁGINA: 2 COLUNA: 2 - 5 CADERNO: SUPLEMENTO:

LEITURA/ Crítica

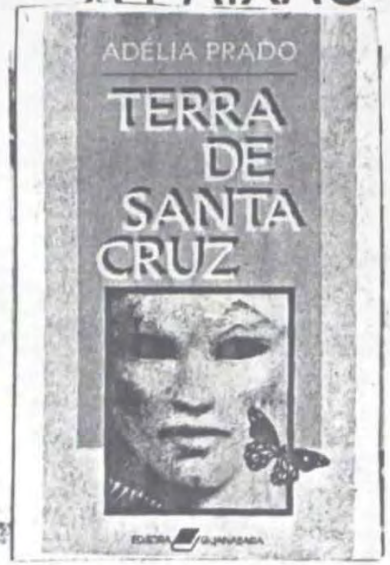
Salim Miguel

24

A PAIXÃO DO POEMA

Poema é também paixão. Ou é essencialmente paixão, sei lá. É necessário sentir o gosto da palavra, sua aspereza e/ou delicadeza, tentar penetrá-la até o mais íntimo, saber manipulá-la para que, ao se auto-comover, o poeta transmita idêntica comoção (ou diferentes níveis de comoção dependendo dos diversos níveis de leitura e entendimento que o texto provoque) ao outro, com a mesma carga e intensidade.

Mas ao manipular a palavra torna-se indispensável fazê-lo com sensibilidade, para que ela não perca sua verdade e força original, e que esta manipulação possibilite que adquira uma dimensão nova e uma carga significante que permaneça e comova para além da simples primeira leitura, adquirindo forma, volume, gosto, cor, cheiro, textura.



Tudo isto é perceptível e está presente na poesia de Adélia Prado, mulher, dona de casa, católica, poeta, de quem Cremilda Medina disse: "Adélia Prado não se fez poeta. Nasceu em Divinópolis, interior de Minas, em 1936, e Deus houve por bem dotá-la de fala poética. "Desta singular mulher, onde misticismo e erotismo se confundem e complementam, mestre Drummond afirmou: "é lírica, é bíblica, faz poesia como faz bom tempo". Lúcida e intuitiva, ela trabalha o verso com clara consciência do valor de seu texto. No poema "O espírito das línguas", in Terra de Santa Cruz, 2ª Edição, Ed. Guanabara, 1986, por exemplo, ela diz: "Descuidada de que me entendam ou não,/ falo as palavras,/para mim também e primeiro,/incompreensíveis./As artes falam humanês,/também as caras dos homens,/escrevem o mesmo código". Ela trabalha o verso longo e numa ilusória impressão de falta de unidade ao texto, que se fecha todo uniforme e coeso.

Não será demais, agora que teremos a visita de Adélia Prado neste final de semana, dentro do projeto Encontro Marcado, a se realizar-se na UFSC, dar algumas informações a respeito de um nome que, do interior mineiro, rapidamente se projetou para o Brasil inteiro e para outros países onde sua obra começa a ser traduzida e estudada.

Num país onde muitos já querem nascer gênios, novos Rimbaud, Adélia Prado foi publicar seu primeiro livro aos 40 anos de idade. Certamente devia escrever desde bem antes, devia ler muito, se avaliar e preparar, olhar com olhar crítico o mundo que a cercava, o mundo-mundo e o mundo das letras. E em pouco tempo, exatos dez anos (1976/1986), sem se afastar de sua Divinópolis, tornou-se uma das vozes mais expressivas da poesia brasileira.

Sua obra, até hoje, se compõe de seis títulos: Bagagem; O coração disparado; Solta os cachorros; Cacos para um vitral; Os componentes da banda; Terra de Santa Cruz. Em todos, seja nos poemas ou na prosa (e dizemos poemas intencionalmente porque mesmo na prosa de Adélia Prado há poesia, uma poesia difusa banhando tudo) a mesma consciência e a mesma preocupação: transformar os miúdos acontecimentos do seu dia-a-dia em material altamente poético, dominado pela paixão. É um instrumento de captação e recriação da realidade sob a ótica de uma sensibilidade e de uma inteligência abertas para o que a rodeia, não se circunscrevendo aos temas para transmiti-los de forma convencional (nem buscando o exótico) mas para dá-los sob um enfoque pessoalíssimo.

No caso da poesia (e Adélia Prado é poesia) o bom não é falar dela, mas conhecê-la, lendo-a. Veja o tratamento que ela dá a um tema simples como o deste "Casamento": Há mulheres que dizem:/Meu marido, se quiser pescar, pesque,/mas que limpe os peixes./Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,/ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar./E não bom, só a gente sozinhos na cozinha, /de vez em quando os cotovelos se esbarram,/ele fala coisas assim "este foi difícil/prateou no ar dando rabanadas"/e faz o gesto com a mão./O silêncio de quando nos vimos a primeira vez/atravessa a cozinha como um rio profundo./Por fim, os peixes na travessa,/vamos dormir./Coisas prateadas espocam: somos noivo e noiva."No mais, é lê-la mais — para conhecê-la melhor.

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

A vez do livro

Bandos de guris (gafanhotos insaciáveis como alguém os apelidou) percorrem os estandes e arrebanham tudo que encontram em matéria de catálogos, folhetos, cartazes; mais adiante é a fila de espera para o autógrafo (foram mais de 300 autografadores), com o editor nervoso de desculpando diante do inconformado autor porque o livro ainda não chegara, "ficou pronto só ontem à noitinha e para maior azar o avião atrasou, mas vai estar aqui logo-logo"; noutro estande um bebê de meses observa os pais erguerem um muro de livros no vazio de seu carrinho; e na praça da Cultura, entre um show e outro, os assim chamados alternativos dizem seus poemas, conclamam o público a lhe comprar as obras (pagas dos próprios bolsos), berram slogans, Reckamam do espaço que lhes coube, alertam para que não deixem de visitá-lo "ali pertinho", insistem em que o que há de novo e inventivo "está com a gente". E durante todo o dia (manhã, tarde, noite), é a multidão se acotovelando, percorrendo os inumeráveis estandes dos 20 países, examinando os títulos, perguntando por outros que não encontram, levando catálogos, dizendo "volto depois para comprar ou vou encomendar o livro pelo reembolso".

Além dos expositores tradicionais (Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Estados Unidos, URSS), havia novos atraindo curiosos e interessados, que se destinam folheando os livros ou fazendo perguntas, em especial nos estandes da Nicarágua, Cuba, OLP. No Brasil viam-se desde sofisticados estandes das grandes editoras, até os bem modestos. Todos ansiosos por mostrar o que estavam produzindo.

Neste incompleto retrato, uma visão do muito que representou a 9a. Bienal Internacional do Livro, que hoje à noite fecha as portas. Durante dez dias (21/31) foi ela a principal vedete, não só para os paulistanos, mas em grande parte do País, pelos espaços que ganhou nos órgãos de comunicação, atraindo a atenção de pessoas que raramente se preocupam com o produto livro. Mais estranho ainda: filas enormes se formavam nos guichês pagando ingresso para, lá dentro, gastarem mais dinheiro comprando livro.

Nos primeiros dias os destaques foram a prensa de Guttenberg (todos queriam uma paginha de lembrança, com o tipógrafo se esfaldando para atender as solicitações), na estande da Alemanha, e as gravuras, que sumiram como num passe de mágica, no da China. E logo, não se podia saber o que estava acontecendo e onde — tanto eram os acontecimentos peralelos e simultâneos em tantos lugares diferentes.

Editores, autores, jornalistas, visitantes, compradores, todos de papel na mão, anotando, revisando, se informando, "isto aqui eu não posso perder, onde será que fulano vai autografar, como fui me esquecer do número do estande, e da hora, e a saída, onde fica a saída?"

Ao iniciar esta coluna, no qual pretendo resenhar quinzenalmente uma obra recém-lançada, não me parece inoportuno começar falando da Bienal e do que ela significou. Uma primeira constatação se faz necessária: editores estão satisfeitos, livreiros estão satisfeitos, até mesmo autores começam a se animar. Se isto persistir, quem sabe amanhã ter-se-á verdadeiramente a profissão de escritor entre nós.

Conversei com escritores conhecidos, velhos e novos, brasileiros e estrangeiros. Havia uma unanimidade: a importância da Bienal e o inusitado interesse pelo livro. José Saramago, português, autor de **Memorial do Convento** e Edla Van Steen, catarinense, autora de **Corações Mordidos** Fernando Cristóvão, português, autor de **Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar** e José Montello, maranhense, lançando sua **Ficção Completa**, com propostas diferentes sobre a problemática da literatura, concordavam (como tantos outros) sobre o que representava a Bienal. O mesmo ouvi dos editores universitários e da coordenadora do estande de Santa Catarina, de motoristas de táxi, que me perguntavam se eu também era escritor, e de crianças que me detinham no estande das editoras universitárias e me pediam autógrafos em folha de papel ou em cadernos de escola.

Nos dias que passei na Bienal, seja ajudando a montar o estande das editoras universitárias, seja percorrendo até a exaustão os três pavimentos atulhados de tudo o que se possa imaginar, conversando com gentes de todas as categorias e tendências, o que foi o mesmo entusiasmo. Espero é que ele dure e ajude o Brasil em sua caminhada.

La Belle Femme

COSMÉTICOS E PERFUMARIA
FONE: 22-7068
RUA TENENTE SILVEIRA, 16 - LOJA 1, SOBRELOJA 1 e 2

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

Ausências e acréscimos

Este *Pequeno Guia da Literatura Universal*, de Luiz Carlos Lisboa, Ed. Forense-Universitária/RJ, me deixa a mesma sensação que me provocam as antologias e as seleções de textos. Por mais abrangentes que possam parecer temos, sempre, algo a lhes acrescentar. Ou até mesmo a substituir, a eliminar. Questão de gosto. Vá lá! Não só. Também questão de importância dentro de um determinado contexto, de um determinado momento, de uma determinada visão do fenômeno de criação literária, de uma determinada circunstância que nos marcou e ao livro que estamos lendo.

De qualquer maneira são trabalhos sumamente válidos pelo que possibilitam como alargamento de um mundo a ser desvendado, quer seja atraindo novos leitores, quer seja chamando a atenção para textos que não nos motivaram e que agora vamos procurar para saber as razões da inclusão, quer seja por nos fazerem voltar a outros que havíamos lido há muito, alguns mesmo já esquecidos.

Acabamos realizando releituras que nos devolvem momentos de grata fruição, que nos levam de volta ao passado, que nos reacrescentam em conhecimento do ser humano. Acabamos anotando títulos que não foram incluídos e que gostaríamos de ali ver. E acabamos excluindo outros que, não sabemos por que foram relacionados.

Agora, por exemplo: provocado pela leitura do *Guia* de Lisboa, volto a folhear detidamente *Guerra e Paz*, de Tolstoi, detenho-me numa frase, visualiso uma cena: o príncipe ferido, deitado e vendo lá em cima o céu girar. Li os dois volumes de uma assentada, durante uma doença. E nem sei mais se a febre provinha da doença ou da emoção que me tomava.

Ou vou rever T. Mann, abro *A Montanha Mágica*, que me fascinou e que me fez buscar todos os títulos do autor. Mais ainda: me fez, inutilmente, retomar o estudo do alemão, na ânsia de lê-lo no original; e me fez, durante uma viagem à Alemanha, incluir Lubeck em meu roteiro a fim de visitar a casa onde Mann nascera.

Retorno ao *Guia*. Eis aqui outro livro que me marcou. Tento, em vão, encontrar na biblioteca um texto autobiográfico que li e reli, que dele falei exaustivamente aos amigos. Até que um dia alguém me disse: "falas tanto neste livro, me empresta ele, quero ver o que tem de tão extraordinário". Emprestei, e agora me lembro, por mais que pedisse nunca recebi o exemplar de volta nem consegui outro. Era *Fome*, de Knut Hamsun.

Percorro as 400 páginas do *Guia* e me detenho ora aqui ora ali. Questiono a inclusão de *O Primo Basílio*, do Eça de Queirós, e não da *Ilustre casa de Ramires*. Alegro-me com a inclusão de *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, do Lima Barreto, e não do sempre tão mais citado *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

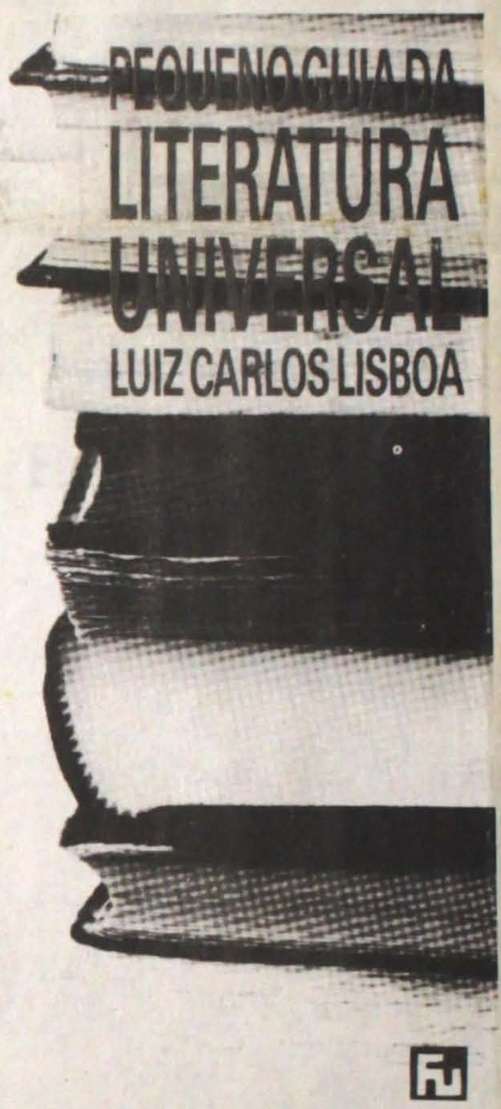
Leio um período ou outro das sucintas e informativas notas. Concordo (por vezes descordo) das colocações. Aceito a escolha inquestionável de *Madame Bovary*. Mas penso que, do Flaubert, em lugar de *Salambô* bem poderia estar *Educação sentimental*.

Quais seriam meus acréscimos? Aliás, eis um jogo bom de ser jogado. Vejamos o que levar (além dos quase 200 escolhidos por Luiz Carlos Lisboa) para a famosa ilha. Vou me limitar à prosa de ficção e à poesia. Eis alguns livros que, a meu ver, não poderiam estar ausentes:

A consciência de Zeno, de Ítalo Zvevo; *A lua e as fogueiras*, de Cesare Pavese; *O deserto dos Tártaros*, de Dino Buzzatti; *Infância; Ganhando meu pão; Minhas universidades*, de Gorki; *História de Tom Jones*, de Fielding; *O morro dos ventos uivantes*, de E. Bronté; *Gulliver*, de Swift; *Niels Lyhne*, de J.P. Jacobson; *Fogo pálido*, de Nabokov; *Memorial do convento*, de José Saramago; *Novelas do minho*, de Camilo Castelo Branco; *O senhor presidente*, de Miguel Angel Asturias; *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier; *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo; *Sobre heróis e tumbas* e *Abadon, o exterminador*, de Ernesto Sábato; *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márques; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Espelho partido*, de Marques Rebelo; *O falcão maltês*, de D. Hammett; *A beira do abismo*, de R. Chandler; *Fortunata e Jacinta*, de Péres Galdos; *Eu, o supremo*, de Augusto Roa Bastos; *Poemas*, de Cruz e Sousa; *Poemas*, de Maiakovski; *Poemas*, de Kavafis; *Poemas*, de Neruda; *Rubayat*, de Omar Khayyam.

Vamos a alguns acréscimos:

Crime e castigo, de Dostoievski; *As ilusões perdidas*, de Balzac; *Os miseráveis*, de Victor Hugo; *Ulisses*, de James Joyce; *Contos*, de Tchecov; *Lord Jim* e *Vitória*, de Conrad; *Os Budenbroocks* e *Doutor Fausto*, de T. Mann; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *Do amore A cartuxa de Parma*, de Stendhal; *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado.



Por isso repito: eis, entre outros, um dos méritos do *Guia* de Luiz Carlos Lisboa: puxar o leitor que se inicia na paixão do livro para que venha a conhecer títulos da maior importância; e provocar no leitor afeiçoado e já calejado, para que primeiro remergulhe no mundo mágico da leitura e depois faça-refaça, de acordo com a situação e o momento que está vivendo, seu próprio *Guia*, tendo como base o que lhe caiu nas mãos.

Vamos à luta, leitor! Cabe a você, agora, ver a relação do Lisboa e acrescentar, substituir, eliminar — até chegar a uma seleção que o satisfaça plenamente hoje. Sim, porque amanhã ou depois novos livros poderão se impor. Novos livros ou novas leituras de antigos livros.

* * * *

De 7 a 16, a I FEIRA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS, promoção da ACEL — Associação Catarinense de Editores Livreiros. É bem ali, no calçadão da Catedral, Praça XV de Novembro. Livros das editoras de outros Estados e de todas as Editoras Catarinenses, com 20% de desconto sobre o preço de capa. E a presença de quase 50 escritores que estarão autografando e conversando com os leitores. Participe. Prestigie.

Salim Miguel

Desmontando o convencional

Embora Luís Alberto Warat, em seu livro A Ciência Jurídica e seus dois Maridos, *declare abominar as citações com dono ("As citações com dono formam parte dos rituais totalitários, transformam-se em código para discursos monológicos, viram citações estereotipadas, diz ele à página 58) serei obrigado, por vezes, a contrariá-lo para melhor me situar. Assim, por exemplo, no capítulo* Replay, *página 157, o autor afirma: "De certa forma estou escrevendo um livro marginal que precisa romper inclusive com a medida instituída de sua impressão, circulação, consumo".*

Isto me animou a prosseguir. Quer dizer, a expressão livro marginal. Então considerei: vamos lá. Vamos ver o que dá e no que dá. Voltei ao texto de Warat, retomei a escrita, li-reli-tresli sem ordem, diante do que me pareceu um desabafo e um delírio. Conclusão: as colocações de Warat possibilitam diferentes enfoques e abordagens.

Neste A Ciência Jurídica e seus dois Maridos, *Warat semeia, ao longo do discurso, pistas para que se possa (melhor-pior, sei lá!) apreender sua proposta. O problema que desde logo se coloca é se algumas das pistas não são intencionalmente falsas, no sentido de brincar/brigar com o leitor. Como num jogo de espelhos (veja-se que o Autor usa muitas vezes a palavra* lúdico, *e nem sei por que no* Espelho Meu, *páginas 183/184 ele não citou Lewis Carrol, o autor de* Alice no País das maravilhas *e* Alice no País dos espelhos, *presença constante a percorrer-lhe o texto).*

De início busquei uma abordagem que me levasse a redigir anotações tão claras e lógicas o quanto fosse possível. Titubeei, me perdi. E uma imagem esdrúxula foi se formando, tomando força, crescendo, me instigando: como é que de um texto que me lembrava um vômito, parecendo-me que Warat queria se livrar de tudo que absorvera ao longo dos anos para (re) começar e (re) criar, eu imaginara poder extrair uma resposta com clareza e/ou lógica. Tal resposta jamais teria o clima *do livro de Warat que eu estava lendo, jamais acompanharia o desabafo delírio do autor.*

Pensei: e se me agarrar à intertextualidade que perpassa todo o livro, procurando caçar (com ç cedilha) as múltiplas referências, recorrências e/ou citações explícitas ou implícitas? Era uma saída. A começar pelo final, isto é, aquele Espelho meu *que nos dá pistas e pistas. Tudo bem. Mas aí também senti que se em algumas ocasiões tenho referências basilares (um Barthes, um Bakthin, um Guattari, um Nietzsche), em outras não são tão basilares assim (um Affonso Romano de Sant'Anna, um Artaud), apenas aflorando o texto sem neles o Autor se fixar devidamente ou detidamente. Mas, é inegável, existem constantes: o erotismo, a política, a ironia, a desmontagem do convencional em qualquer área.*

Por fim, para fugir à multiplicidade de espelhos e ao emaranhado da floresta, resolvi primeiro deixar-me levar pelo acre sabor da leitura, que por vezes lembra uma escritura automática, acompanhando o ritmo sincopado da frase, o avança-recua do pensamento, a busca de novas verdades, e em outras vezes se perde ou se bifurca, com o autor parecendo indeciso quanto ao rumo a tomar em sua investigação.

Que tal carnavalizar? Pensei, meditei, detive-me reconsiderei. Eis aí. Volto à abertura do livro; vou aos dois capítulos iniciais; enfronho-me nos velhos/novos/conhecidos/desconhecidos Amado/cortazar. Eis, penso, a chave. As chaves.

Tomemos, para começo da conversa, Vadinho x Teodoro de um lado e Cronópios x Famas do outro. A propósito deles o que diz Warat? Leiamos este pequeno e significativo trecho à página 46: "O primeiro seria o rosto que desperta, que cria. O segundo a cara do dever convertido em objeto mor da vida".

Quer dizer: para Warat, Vadinho seria o cronópio e Teodoro seria o fama. A partir daí tudo se tornou mais fácil, tudo é possível, tudo se faz válido. Pelo menos para a nossa tentativa de interpenetração do universo waratiano. Um universo conturbado que busca se reciclar.

Logo outro trecho nos esclarece mais. É quando Warat, à página 37, afirma: "Ora, preciso colocar na ciência jurídica a máscara de Vadinho, imaginada por Dona Flor, para montar minhas intuições subversivas e sublimar a parte maldita da cultura jurídica. "Quer dizer, carnavalizar o convencional na ciência jurídica para ver o que dali se pode (ou se deve) extrair.

Vadinho x Teodoro. Cronópio x Fama. Luz e penumbra.

Conforme Warat: "A carnavalidade está diretamente relacionada com a coroação de um estar arlequinalmente na vida: como Vadinho, com os cronópios de Cortazar, ou como Quincas erro D'água. por outro lado, traduz a descoroação do pierrotismo na vida, da afetividade perfeitamente planejada de Teodoro, da finitude estática dos Famas".

Aí está. Também na ciência jurídica há necessidade de se deixar de lado os Famas e pensar mais nos Cronópios. Só assim tornar-se-á possível uma abertura que permita analisar o que nos cerca com outros olhos, evitar que nos cerceiam a liberdade de ver e pensar. Lembremo-nos de um trágico passado recente na Argentina e no Brasil.

Para finalizar estas sucintas anotações, voltemos ao nosso autor e vejamos o que Luís Alberto Warat tem a nos dizer:

"Como a Cortazar, essa sangria de vida, produzida pela mentalidade legalóide, provoca-me um tremendo desespero. Detesto tudo que é feito em nome da máxima seriedade, da fé na ciência e das certezas semânticas do Direito".

Falou. Falei.

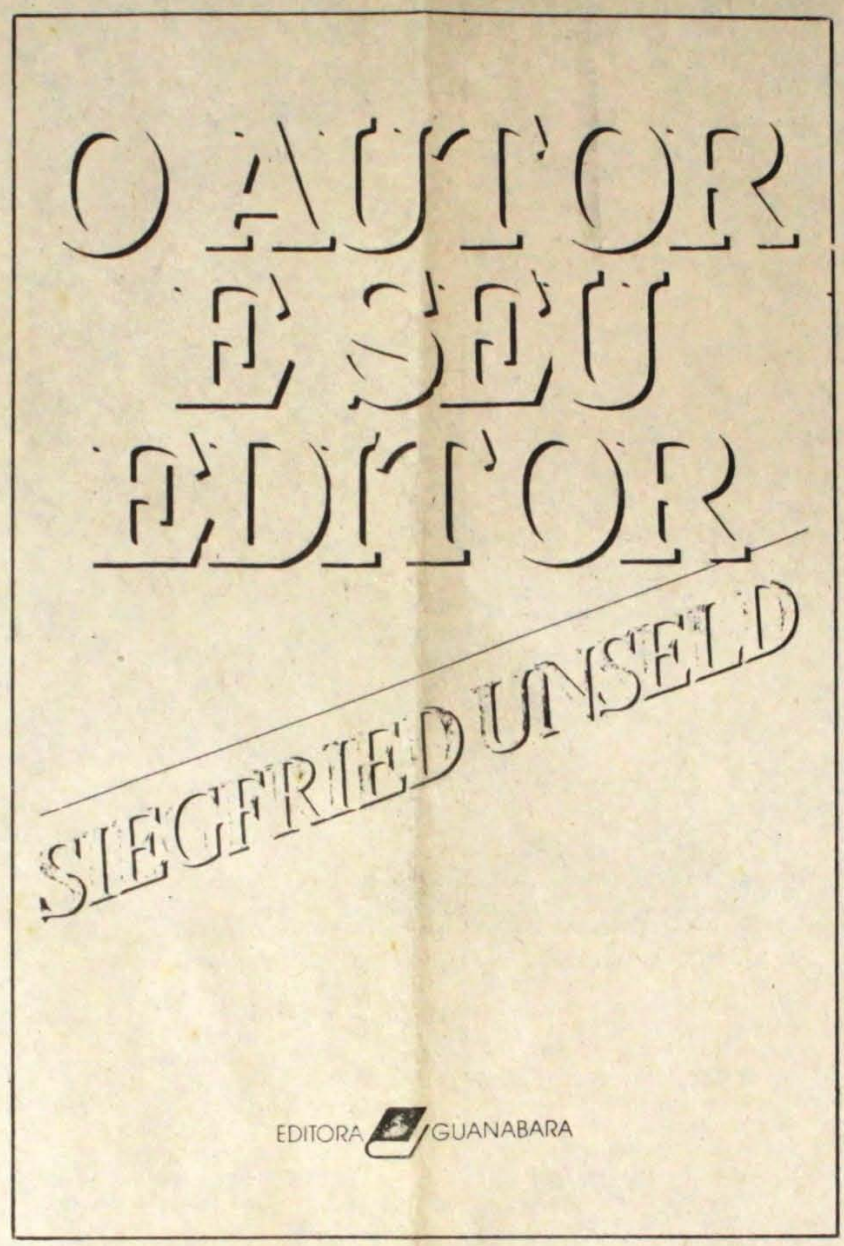
***Nota:** texto lido na UFSC por ocasião do debate sobre o livro* A Ciência Jurídica e seus dois Maridos, *de Luís Alberto Warat, edição das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul.*

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

28

Relação autor x editor: uma análise



De que maneira se podem estabelecer os limites da (boa) convivência entre autor e editor? Até que ponto os interesses de ambos se confundem e em que momento se distanciam? Qual a visão que um autor tem do papel de um editor e este daquele? Como deve ser o relacionamento mútuo para que dele resulte algo verdadeiramente positivo? Os textos de um autor jovem e revolucionário conseguem ser aprendidos com facilidade por um editor? Estará ele sensível a tais mensagens? E ainda que isto aconteça não terá ele que pensar duas vezes antes de aprová-lo para publicação, já que necessita de retorno imediato do capital investido para continuar editando? Até onde investir, aguardando que um dia o novo se torne aceito pelos leitores e vendável? E se isto não ocorrer? E se o novo não demonstrar as qualidades imaginadas a uma primeira leitura?

A propósito destas e de outras colocações, com exemplos de autores famosos hoje e de como foi o contacto que mantiveram com editores, depõe o editor alemão Siegfried Unseld, que desde 1959 dirige a Suhrkamp. Vamos a dois tópicos ilustrativos. Ele afima no primeiro:

"O mal-estar persistente que caracteriza a relação entre o autor e seu editor é resultado da própria atividade do editor, que, como Jano, tem duas faces. Ele precisa - conforme diz Brecht - produzir aquela "mercadoria sagrada que é o livro", e *também* vendê-la, isto é, precisa associar a atividade intelectual ao comércio, para que aquele que escreve essa literatura possa viver e aquele que edita tenha condições para fazê-lo."

Mas o editor se vê, não raras vezes, envolvido num conflito entre diferentes papéis. Pensando do modo que está acima explicado, ele se limitaria a publicar aquilo que já tem uma garantia de saída, clássicos ou nomes feitos. Mas, e os novos, onde ficam? Será válido investir neles, esperar algo deles num futuro problemático? Para Unseld parece que sim. Vejamos o que ele diz a respeito:

"Uma editora literária que leva a sério a sua tarefa não cessará jamais, ainda que os tempos sejam difíceis, de publicar a literatura jovem, por mais que ela encontre dificuldade em se afirmar junto aos leitores e compradores."

Equilibrar-se entre estes dois pólos (publicar para sobreviver e se afirmar, mas sem ignorar o jovem) será então o papel de um editor que não vise apenas lucro, mas que tenha uma compreensão mais profunda e exata da importância e do alcance de sua atividade.

Tais temas, e muitos outros paralelos ou correlatos, estão presentes em *O autor e seu editor*, de Siegfried Unseld, que acaba de aparecer pela Editora Guanabara RJ. Editor, e mais, dirigindo uma das principais editoras alemãs, Unseld coloca e discute, com conhecimento de causa, numerosos problemas ligados à profissão, estudando de maneira objetiva o papel do editor na comunidade e sua atuação em seu meio e em tempo. Dá-nos, assim, uma radiografia de seu complexo trabalho e dos meandros em que precisa navegar.

Ele começa por um capítulo significativamente intitulado "A missão do editor de textos literários", buscando ver as implicações que isto comporta. Parte, a seguir, para examinar de que maneira se processou o relacionamento de editores com autores do porte de um Hermann Hesse, um Bertold Brecht, um Rainer Maria Rilke, um Robert Walser. É curioso observar que enquanto os três primeiros se fixaram num editor que lhes deu condições de produzir e de se sustentarem, o último (independente do valor de sua obra), não teve tal oportunidade. Textos em prosa e verso de Walser, de inegável qualidade - diz Unseld - foram sistematicamente recusados por editores que já haviam publicado trabalhos do mesmo autor, ou por outros editores. A explicação para tal fato, como quase sempre, era dúbia. Não se referiam à qualidade, mas ao mercado, a não aceitação do tipo de texto que ele fazia. Isto se refletiu de maneira profunda na personalidade instável de Walser, fazendo com que passasse seus últimos anos num sanatório. Só tempos depois de sua morte, e graças a um amigo que nos lembrou o Max Brod de Kafka, sua obra foi (re) descoberta e passou a ser valorizada.

Mas o problema não é tão simples. Poder-se-ia questionar: caso um editor tivesse resolvido bancar a produção literária de Robert Walser isto resolveria seus problemas íntimos; lhe devolveria a segurança em sim mesmo; sua produção seria mais conseqüente? Teria a aceitação do público ou da crítica? Ou, como tantos outros, encontrava-se ele com uma escrita bem à frente de sua época?

São questões que permanecem em aberto. Mas a conclusão de Siegfried Unseld é a favor do autor. Diz ele no fecho do primeiro capítulo de seu livro:

"A literatura é sempre aquilo que os autores fazem dela. As responsabilidades do editor literário podem ter mudado um pouco no fluxo do processo de comunicação literária, mas no fundo permanecem as mesmas: estar à disposição do autor, aberto àquilo que sua obra traz de novo, e contribuir para a sua difusão."

Oxalá todos os editores tivessem esta mesma abertura, considerassem o produto livro da mesma forma que Brecht, uma "mercadoria sagrada" que tem implicações com a cultura e a civilização, implicações que vão para muito além do simples retorno financeiro.

No caso presente há mais. Unseld não discute apenas o papel do editor na produção do livro. Ele tem uma visão crítica aguçada; e suas colocações a respeito de Brecht, Hesse, Rilke, são altamente pertinentes. Ele nos dá, ao mesmo tempo, um retrato do homem e do escritor, fala das certezas e das dúvidas que os assaltam nos momentos de criação, do relacionamento com os editores e com seus colegas de ofício, da importância do que nos legaram e da influência que exerceram. Por tudo isto, é um livro que se recomenda tanto para autores como para editores e leitores em geral.

Viver de ler

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

LEONOR XAVIER

Falar de Viver

FALAR DE VIVER LEONOR XAVIER

Em nosso comentário do último domingo, destacamos o significado da edição, em português, do livro *O autor e seu editor*, de Siegfried Suhrkamp. De maneira objetiva, ali alguns problemas eram devidamente situados e analisados por quem conhece o ofício a fundo e em todas as suas implicações; e eram apresentados exemplos do inter-relacionamento, tantas vezes conflituoso, entre editor x autor. Depois de um capítulo introdutório sugestivamente denominado *A missão do editor de textos literários*, Unseld procura ver de que maneira autores do vulto de um Hesse, um Brecht, um Rilke conviveram com quem os editou.

No mesmo comentário assinalávamos, ainda, que o número de livros que examina tal aspecto da produção livreira é extremamente reduzido. No entanto, parecenos, é ele de singular importância: permite que se tenha uma visão abrangente do complexo problema, que é básico para a proliferação do livro, permite que se compreenda mais e melhor o papel do editor (que precisa ter, ao mesmo tempo, sensibilidade para a exata dimensão de sua missão e visão empresarial) e a do autor, que necessita de apoio e incentivo para poder continuar criando com liberdade.

Se os títulos que se debruçam sobre as relações autor x editor são escassos, o mesmo não ocorre com aqueles que investigam a produção literária. São eles extremamente numerosos, quer sejam ensaios específicos sobre determinado tema ou autor, entrevistas, críticas, reflexões, depoimentos, com enfoques os mais variados e propostas com propósitos bem diferenciados.

Ainda agora acabam de nos chegar às mãos livros que tratam do assunto: *Conversas com Vargas Llosa*, de Ricardo A. Setti, Editora Brasiliense/SP; *Falar de Viver*, entrevistas de Leonor Xavier, Editora Difel/SP; *Passagem para o poético* — filosofia e poesia em Heidegger, de Benedito Nunes, Editora Ática/SP; *Leon Trotski* — a paixão segundo a revolução, de Paulo Leminski, Editora Brasiliense/SP; *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson, Companhia das Letras/SP.

Vamos, a respeito de cada qual, tecer suscintas informações. Comecemos pelo trabalho de Setti. Durante três dias ele entrevistou um dos nomes mais expressivos da prosa latino-americana, Vargas Llosa. Sobejamente conhecido no Brasil, o autor de *Conversa na Catedral* fala, de maneira franca, de seus livros, de seu processo de criação, de seu relacionamento com os outros escritores. E não se furta nem mesmo a responder perguntas de cunho político. É sabido que depois de um namoro com Cuba de Fidel, houve um rompimento, sendo hoje Llosa um crítico acerbo do regime castrista. Sem que suas explicações sejam convincentes, e mesmo escapando pela tangente a algumas perguntas (ele finge não saber ou não sabe mesmo que tipo de política Reagan pratica nas nossas Américas), há necessidade de se preservar aqui a figura do sensível escritor de tantas páginas antológicas, que muitas vezes colide com o político que ele foi e hoje é. Outros aspectos poderiam ser colocados em discussão, como o fato de Llosa achar que *A guerra do fim do mundo* é seu mais importante livro. Ficamos em dúvida: pensará ele assim mesmo, ou isto foi dito por estar ele falando a um entrevistador brasileiro? De qualquer forma, é um livro que merece ser lido pelas revelações que contém — e que nos permite ficar conhecendo um pouco melhor o homem e o escritor.

O livro de Leonor Xavier é irregular. Mas acreditamos que sua proposta de reunir num mesmo bloco personalidades tão diferentes não podia permitir uma unidade de maior. São cinqüenta entrevistas com portugueses e brasileiros, que vão de um José Saramago a uma Luiza de Mesquita, de um Antônio Houaiss a uma Lucy Bloch. Às vezes percebe-se que o entrevistado tinha pouco a dizer e a entrevistadora menos a perguntar. Ainda assim, ela sabe dar seu recado com competência. E, de repente, nos deparamos com uma entrevista bastante substancial e reveladora. Como a que é feita com Carlos Drummond de Andrade. Ou a do já citado José Saramago. Ainda outras: Josué Montello, Fernando Namora, João Cabral de Melo Neto, Agustina Bessa-Luís, Marina Colasanti. Referindo-se ao livro na *orelha*, Mário Pontes diz com acerto que, "antes de mais nada, procura ela alargar — e se possível reforçar — a ponte entre brasileiros e portugueses". Concluindo, Mário afirma: "Um dia, como acontece a Leonor, e graças a gente como ela, brasileiros e portugueses estarão mais atentos àquilo que os aproxima do que àquilo que os tem distanciado". Perfeito.

Heidegger continua nome muito citado e pouco lido. Agora, com *Passagem para o poético* — filosofia e poesia em Heidegger, de Benedito Nunes, será possível aquilatar-se da importância de um pensador que exerceu forte influência na filosofia contemporânea. Marcado por sua precipitada adesão ao nazismo, do qual também logo se afastaria, Heidegger foi marginalizado. Para além disso, sua leitura exige profunda reflexão até se chegar ao fulcro do seu pensamento. Benedito Nunes, ensaísta de reconhecidos méritos, realiza aqui um trabalho onde se mesclam o rigor da análise e a liberdade de interpretação. Na *Introdução — a tragetória de Heidegger*, assinala Nunes: "A revolução da linguagem, consumada no *dizer poético*, tornar-se-ia, com a obra inteira do filósofo, o prólogo interrogativo e perplexo dessa mudança possível, entreaberta na cena revolta do mundo atual, onde se joga, num lance decisivo, o ser e o destino do homem, postos em questão".

Com a linguagem desabusada e franca que o caracteriza, tornando-o um nome também polêmico, Paulo Leminski, poeta, crítico, tradutor, se debruça sobre outro nome por igual polêmico e controvertido: Leon Trotski. Para chegar até ele e a Revolução de 1917, que modificou os destinos de boa parte do mundo, o poeta paranaense recua até os mongóis, se apossa de Dostoiévski e *Os irmãos Karamázov*, detendo-se na psicologia dos quatro irmãos e do que eles representam num contexto mais amplo. E então, passo a passo, vai se compondo toda a estranha personalidade de um revolucionário que participou efetivamente da implantação do regime comunista na Rússia, que se entendeu-desentendeu de Lenin, que fez parte de todo um grupo de seres altamente qualificados (conforme assinala Leminski) e que acabou sendo assassinado no México por ordem de Stalin. Pode-se discordar por vezes das colocações de PL? Pode-se, certamente. Mas é sempre uma leitura instigante, provocativa — como devem ser as verdadeiras leituras.

Para quem já conhece o *Castelo de Axel* não será surpresa este novo livro de Edmund Wilson. *Rumo à estação Finlândia* nos devolve o gosto pelo livro bem escrito, informativo, profundo, que funde ao mesmo tempo homens que fizeram a história e homens que ajudaram a compreender a história, debruçando-se sobre aqueles que dela participaram ativamente. No primeiro caso um Marx e no segundo um Michelet. Iniciando sua obra com uma análise da obra de Michelet, jovem que estava "à procura dos princípios de uma nova ciência da história", Edmund Wilson nos pega pela mão e nos leva ate Lenin, passando por outras figuras tão marcantes como Renan, Taine, Marx, Engels, Lassale, Bakunin, Trotski. Mas se ilude, e muito, quem pensa que vai penetrar num território arido. A prosa de Wilson flui, ele sabe narrar e nos interessar pelos temas aparentemente mais intragáveis. E, ao final, saímos enriquecidos e gratificados por um livro que se dirige a uma gama ampla de leitores, do especialista ao simples curioso que busca horas de entretenimento e conhecimento. No caso, parecenos de interesse confrontar o perfil que ele traça de Trotski com o que é traçado por Leminski. É ler e conferir.

1986

tim·de·semana

LEITURA/ Crítica 30

Salim Miguel

Poesia brasileira em Portugal

FALA-SE muito — e não é de hoje — na necessidade de se ampliar o relacionamento cultural entre Portugal e Brasil, lembrando que somos países irmãos e coisa e tal. Fala-se muito, mas realiza-se pouco. Bem pouco. Como sempre, ficamos discutindo a necessidade premente de tais aproximações, os laços que nos unem, etc. Logo tudo é esquecido e voltamos à estaca zero.

Vejamos no que diz respeito à literatura: raros são os autores brasileiros conhecidos em Portugal; e a recíproca é verdadeira.

Isto vem de longe. Excessões existem, sim: um Machado, um Eça, um Fernando Pessoa. Mais perto de nós: Jorge Amado (claro), um pouco de Graciliano Ramos, outro tanto de Érico Veríssimo.

Quem mais? João Cabral, um amostra do Dalton, do G. Rosa, do Veiga, da Lygia, da Clarice. Do lado português temos Fernando Namora, Lídia Jorge, Alçada Baptista, Vergílio Ferreira, José Cardoso Pires, Agustina Bessa — Luís, José Saramago. No entanto, de um lado e do outro teríamos dezenas de nomes que mereciam ser conhecidos. Enquanto isso, best-sellers *continuam inundando — infestando nosso mercado livreiro.*

Esforços isolados vêm sendo feitos. Lembramo-nos, por exemplo, da Cremilda Medina. Queremos nos referir à publicação, aqui e lá, primeiro da série de entrevistas ***Escritor Português Hoje,*** *e a seguir* ***A Posse da Terra — Escritor Brasileiro Hoje.*** *Num e noutro, uma preciosa amostragem da nossa produção literária atual. Agora, num trabalho de complementação, ainda batalhando praticamente sozinha e sem apoio dos órgãos oficiais, Cremilda inicia os levantamentos para uma nova série que deverá englobar escritores africanos de fala portuguesa.*

Por isso é de se saudar com entusiasmo sempre que mais alguém se lembra de dar uma contribuição para romper tal isolamento, injustificado e incompreensível. É o caso da Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea, editada pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa-1986, que tem seleção, organização e notas de Carlos Nejar.

Nome dos mais expressivos da moderna poesia brasileira, autor de uma obra forte e criativa, Nejar, a partir da suscinta Nota Inicial, já diz ao que vem: dar uma idéia do fazer poético brasileiro contemporâneo, afastando-se, "deliberadamente, do vazio formalismo experimental e de todos os ismos, na tentativa de revelar ao leitor português o que julgo ser a melhor poesia brasileira deste período". E acrescenta: "Pois a verdadeira vanguarda é a consciência do real, capaz de a espelhar, transformando". Diante disso, torna-se até desnecessária a frase com que Nejar abre sua Nota Inicial: "Esta é uma Antologia Pessoal". Aliás, a nosso ver, toda e qualquer antologia tem sempre um caráter nitidamente pessoal. A não ser que seja resultado do chamado consenso, *feita na base de uma consulta ampla a um número significativo de estudiosos e/ou poetas.*

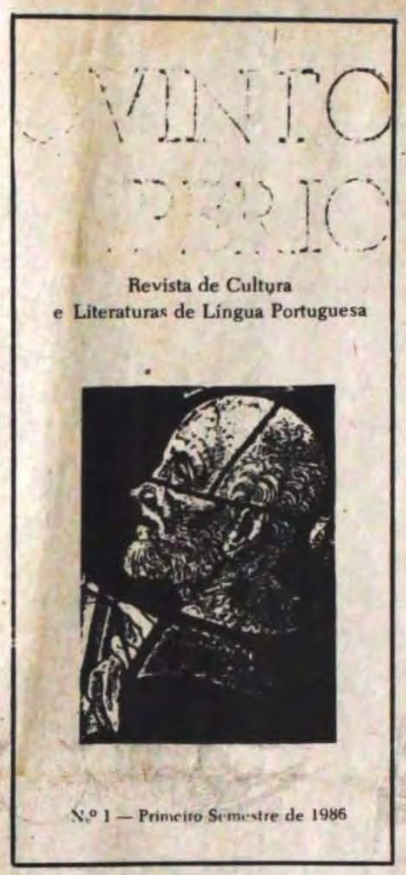
A cuidadosa seleção de Nejar revela a maneira de ser e a de encarar o fenômeno da criação pelo poeta gaúcho. Ele balisa sua escolha a partir de critérios qualitativos próprios, centrados no trecho acima transcrito. E parte de um ponto de vista cronológico, a começar do Estado Novo, ou seja, praticamente o pós-guerra e a queda do Getúlio, indo até o governo do general Figueiredo, isto é, o último presidente do ciclo militar.

Mas a cronologia não é dada pela idade dos autores. O selecionador agrupa-os a partir do primeiro livro publicado. Assim, ele abre o volume com João Cabral de Melo Neto (cuja estréia se deu em 1942) e o fecha com Pedro Paulo Senna Madureira (1979).

Pequena notícias buscam situar cada autor e obra, indicando data de publicação e lhe espelhando a trajetória, promessa cumprida, *no dizer do prefaciador do livro, Eduardo Portella. Que antes já dissera: Carlos Nejar "entrega-se tranqüilo ao risco inerente a essa iniciativa caprichosa". E acrescenta com inteira razão: "Todo o projeto antológico constitui um salto perigoso na areia movediça da possibilidade. Cada autor, cada leitor, guarda diante de si a sua inegociável antologia". Perfeito.*

Antologia pessoal, extremamente pessoal, não há porque entrar no mérito de algumas inclusões e de tantas outras exclusões. É louvar a iniciativa, esperando que o exemplo prolifere — seja de antologias ou de livros dedicados a determinados autores.

Ainda assim, quer-nos parecer, para uma visão mais abrangente da poesia que se pratica hoje entre nós (e isto independente de critérios de valoração que até podem ser subjetivos no que se refere a um componente fluídico chamado gosto), haveria necessidade



da presença de outros nomes. Citemos alguns, só para exemplificar: José Paulo Paes, Thiago de Mello, Foed Castro Chama. Poderíamos ir adiante: Olga Savary, Afonso Felix de Souza, Myriam Fraga, Bandeira Tribuzi, Edson Regis, Lago Burnet, Alphonsus de Guimaraens Filho, Fernando Mendes Vianna. Ainda: os irmãos Campos e Décio Pignatari.

Não sabemos como justificar tais ausências. Com elas o leitor português teria uma idéia mais exata da nossa produção poética. Claro que a amostragem de Nejar é bastante válida, os nomes inseridos bem representativos. Apenas é de lamentar ter-se perdido a oportunidade de tornar o volume mais completo. E deixar o critério de valoração para o leitor e o estudioso português.

Para concluir: Santa Catarina está bem representada na seleção de Nejar, com três importantes nomes: Marcos Konder Reis, Lindolf Bell, C. Ronald. Poder-se-ia ter incluído mais alguns, como Alcides Buss ou Osmar Pisani. A escolha dos poemas é de molde a dar boa idéia da produção de cada qual deles, extraídos, respectivamente, de Praça da insônia (M. K. Reis); Incorporação e As Vivências Elementares (L. Bell); Gemônias (C. Ronald).

* * *

Aproveitando a deixa, achamos oportuno referir alguns esforços isolados que vêm sendo feitos. Citemos, em primeiro lugar, a revista Colóquios/Letras, da Fundação Gulbenkian, que já há alguns anos tem dedicado bom espaço à divulgação da literatura em língua portuguesa, abrangendo com isto Portugal, Brasil e os países africanos de língua portuguesa.

Também é de se destacar o trabalho da Editora Ática, de São Paulo, com a coleção Autores Africanos, que já ultrapassou uma vintena de títulos, divulgando escritores tão significativos como um Luandino Vieira, um Manuel Ferreira, um Luís Bernardo Honwana, um Manuel Lopes, um Boaventura Cardoso, um Arnaldo Santos, um Chems Nadir, um Papetela, um Orlando Mendes, entre tantos.

Por fim, cabe aqui uma referência especial à excelente revista que começou a circular em Salvador, Bahia, tendo como editor Cid Seixas e é publicada pelo Centro de Estudos Portugueses/ Gabinete Português de Leitura. O primeiro número de Quinto Império *— Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa, que tem colaborações do maior interesse, reunindo os nomes de Agostinho da Silva, Cid Seixas, Jorge Fernandes da Silveira, Massaud Moises, Leodegário A. de Azevedo Filho, Regina Zilberman, Francisco Ferreira da Silva, Hélio Simões, Malheiro Dias, Raymundo Faoro, Jorge Amado, Ildásio Tavares.*

87

FLÁVIO DE AQUINO

A morte de um amigo

31

PROFESSOR, arquiteto, crítico de artes plásticas, jornalista profissional, em todas estas atividades Flávio de Aquino deixou contribuições significativas. Simples, consciente do próprio valor mas sem qualquer laivo de exibicionismo, solidário, participativo, marcou com sua personalidade todos que o conheceram mais intimamente.

Não posso dizer que sua morte causou muita surpresa. Embora viesse resistindo bravamente, há anos estava doente, com os rins inrrecuperáveis, necessitando de três hemodiálises por semana. Ainda assim, nunca deixou de trabalhar. Até o fim lá estava, em Bloch Editores, na revista Manchete *(ou em outras além de ser encarregado por Adolfo Block de cuidar e ajudar a ampliar o acervo da importante pinoteca da empresa), cumprindo com proficiência suas múltiplas tarefas, escrevendo mais especificamente sobre arte.*

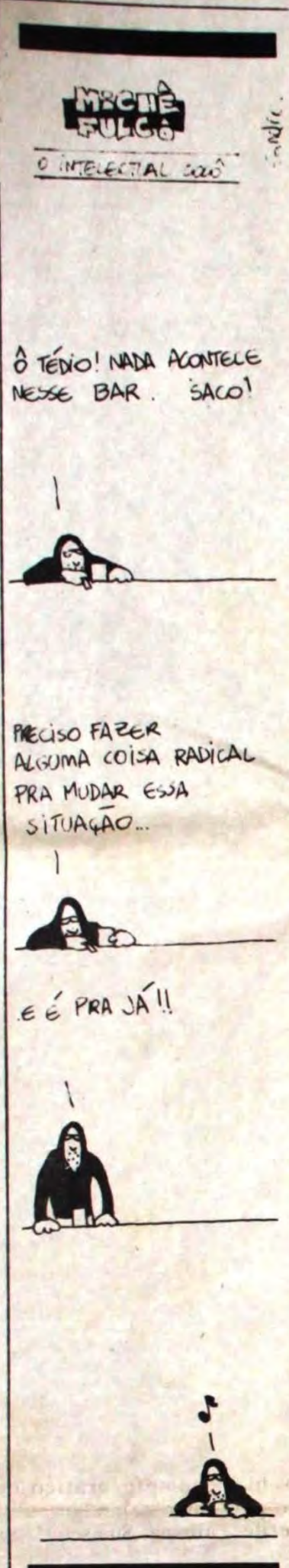
Tento alinhavar algo a respeito dele. As idéias fogem, vêm em tumulto, uma natural inibição me tolhe: é que prefiro, sempre, escrever sobre meus amigos enquanto vivos, detesto dar impressão de que eles ficaram excelentes pessoas (e competitíssimos) porque morreram, como se a morte tudo apagasse. Quando um amigo se vai é como se fosse um pedaço de mim mesmo.

Foi no final da década de 40. Fazem portanto 40 anos quando pela primeira vez ouvi falar neste catarinense acariocado. Um dia, era 1948, o Aníbal Nunes Pires chega e me diz: "Recebi carta do Flávio de Aquino, ele fala que o Marques Rabelo quer vir a Florianópolis com uma exposição de artes plásticas e proferir palestras. Pede o nosso apoio". O nosso, no caso, era o nascente Círculo de Arte Moderna, hoje mais conhecido como Grupo Sul. A partir daí mantivemos esporádicos contatos com o Flávio, conheci-o numa viagem ao Rio em inícios da década de 50, ele apoiou nosso movimento cultural, em 1951 anunciamos a realização, sob o patrocínio da revista Sul, de uma conferência do Flávio, "crítico de artes plásticas e professor de Estética da Prefeitura do Distrito Federal", no salão nobre da Faculdade de Direito. A conferência versou sobre arte moderna e se encerrou com um debate. Do arquiteto Flávio de Aquino temos entre nós o prédio que funciona o Instituto Estadual de Educação.

Fui conhecer Flávio mais profundamente (e com ele conviver) em 1965, quando mudei para o Rio. Durante 14 anos trabalhamos no dia-a-dia da redação em Block Editores. Fora dali não raro nos encontrávamos, conversávamos, bebíamos. Ele bebia bem. Sempre igual, fiel a suas idéias, amigo de seus amigos, este homem que participou da equipe de Niemeyer na construção de Brasília, que era lembrado com carinho pelos alunos como excelente professor, que marcou época como crítico de artes plásticas, pau-para-toda-obra numa redação, enfrentou como poucos a adversidade de uma doença que sabia incurável. Manteve-se o mesmo: no falar tranqüilo, no jeitão agitado, no riso característico. Certamente na intimidade do lar terá tido, humano que era, horas de desalento. Mas raramente ou nunca deixava isto transparecer na rua.

Novembro de 1986. Do Rio me telefona meu filho: "saiu notícia do teu livro na* Manchete. *Vou à banca. Lá está o título: "Outro Magnífico Salim". Corro à assinatura: Flávio de Aquino. Em rápido registro ele situa a proposta do meu* Castelo de Frankenstein*; e ainda recua para se referir ao papel da revista* Sul. *Pedi a meu filho que agradecesse ao Flávio as referências, dizendo-lhe que na próxima viagem ao Rio iria procurá-lo. Antes que isto se tornasse possível, a morte nos priva de um querido amigo e de uma excepcional figura humana, ao mesmo tempo que o país perde um expressivo valor.

Salim Miguel



Clênio reclama de discriminação

Lages — "O artista plástico para não ser marginalizado pe-

fim·de·semana

32

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

Boas leituras, maiores emoções

DE largo consumo em todo o mundo, a literatura policial tem duas matrizes básicas: a de dedução na Inglaterra (à frente um Conan Doyle com Sherlock Holmes) e a de ação nos Estados Unidos (calcada em cima de um mestre do nível de Dashiel Hammett). Aparecem, é claro, excessões para confirmar a regra: na França um Simenon e seu Inspetor Maigret. Nos demais países praticamente inexistem escritores que se dediquem para valer ao gênero. Alguns até, para sobreviver, costumam mesmo adotar nomes estrangeiros, de preferência um nome bem inglês, e situar a ação de suas histórias em países também de fala inglesa.

Não vamos aqui entrar na acadêmica discussão: literatura policial pode ser incluída nas histórias de literatura dita séria? Como toda a discussão que se preza, tem ela seus detratores e seus defensores acirrados.

A verdade é que, em muitos países, autores até que por vezes surgem, alguns com qualidade, dominando as características básicas que balisam o gênero. Lembro-me de um número especial da revista Ficção, *que editávamos no Rio, na qual publicamos mais de uma dezena de autores novos, além de recuarmos até Medeiros e Albuquerque com seu* Se eu fosse Sherlock Holmes.

Na apresentação do número dizíamos então: "muito embora os incontáveis apreciadores do gênero não há, no Brasil, uma tradição da literatura policial. Seus cultores são poucos, a maioria com incursões incidentais; e os que a praticam com regularidade (um Luis Lopes Coelho, por exemplo) em número menor ainda". Acrescentávamos que além dos selecionados, outros de igual qualidade iriam sendo divulgados em números subsequentes...

De 1977, data de publicação daquele número monográfico, para cá, o panorama, parece-nos, não mudou. Dos autores presentes na edição apenas o catarinense-gaúcho Gláuco Rodrigues Correa persistiu.

E com sucesso. Transformou até mesmo o conto então publicado O mistério do fiscal dos canos, *numa novela que mais tarde saiu pela Editora Mercado Aberto RS.*

Poderíamos, quem sabe, incluir entre nossos autores que incursionaram com êxito pela ficção policial, um Rubem Fonseca, que depois de excelentes contos nos deu romances como A grande arte e Bufo & Spallanzani. *Isto, no momento, nos desviaria de nosso propósito.*

Temos agora, diante de nós, dois novos títulos, ambos lançados pela Editora Francisco Alves RJ, que vem se somar à coleção Horas em Suspense e aos livros de Fonseca publicados pela mesma editora: Contos de Mistério e Suspense, *reunindo cinco autores (Adelino Brandão, Antonio Carlos Moura, Artur Eduardi Benevides, Lourenço Cazarré, Rubem Mauro Machado), e* Quem matou Palomino Molero?, *de Mario Vargas Llosa.*

Comecemos pelo primeiro. Duas informações ficam soltas: não se esclarece como, quando, por quem foi organizado o Prêmio Jerônimo Monteiro, "ao qual concorreram mais de duzentos contos de autores iniciantes e veteranos, inéditos e consagrados, todos de excelente qualidade" e não há nenhuma informação sobre os autores premiados. Isto sempre interessa ao leitor. Vejamos então: Benevides é um conhecido poeta cearense, Cazarré vem se especializando em ganhar prêmios Brasil afora, Rubem Mauro Machado publicou há pouco um excelente romance, A idade da paixão. *Situar os dois outros nomes já não se torna tão fácil.*

Na apresentação, Fausto Cunha, respeitado ensaísta e crítico, diz que fez parte da comissão julgadora — o que por si só já é uma garantia de honestidade. Diz mais: dos duzentos originais examinados havia "duas dezenas de trabalhos de excelente nível técnico e literário". "Mineiramente conclui Fausto: "Devo revelar que dois ou três dos aqui incluídos me impressionaram muito quando os li pela primeira vez, sem saber quem os havia escrito. Não direi quais. Deixo a cada leitor a emoção de sua preferência".

Vejamos então. Propostas e preocupações diferentes informam os trabalhos reunidos. O solar do terror, *de Adelino Brandão, mistura vários fios narrativos, recuando e avançando a partir de uma interrogação básica: "Que leva um homem a matar outro homem?", incursionando pela história real do país, ao examinar as razões que teriam levado Prudente de Morais a enviar o coronel Moreira Cesar para lutar contra Antonio Conselheiro em Canudos. Logo tudo se bifurca — e numa técnica de história-puxa-história chegamos à raiz do fato propriamente dito.* A cobertura, *de Antônio Carlos Moura reelabora um tema conhecido: o narrador que é o criminoso. Sem maiores inovações, o autor dá com competência seu recado.* Depoimento sigiloso, *de*

Benevides é o sucinto relato de alguém fascinado por outros mundos que entra em órbita e espera por um ser estranho na curva do horizonte. *Cazarré comparece com dois contos, em ambos notando-se clara influência de Simenon e Ruben Fonseca, na urdidura, no desenrolar, no desenlace. Seria curioso buscar aproximações entre os dois,* A las cinco em punto de la tarde *e* O frio pegajoso do medo. *Por fim, em "O executante", de Machado, se constrói (ou reconstitui) num clima de permanente tensão, os preparativos (até a morte) de uma importante figura do sistema repressivo (no caso calcado no delegado Fleury, de triste memória) que não interessa mais manter vivo porque sabe demais e o país está mudando.*

Elementos básicos da ficção policial estão presentes no livro de Mario Vargas Llosa, nome sobejamente conhecido entre nós. Mas, claro, ele não se limita a armar uma trama e desenvolvê-la com propriedade. Vai além. Aprofunda a indagação. Cria um angustiante clima de terror. Traça um convincente painel de uma cidadezinha peruana da década de 50. Agarra o leitor que quer saber mais: não apenas quem matou Molero, mas as implicações por trás daquela estúpida morte. Quem teria motivos para torturar o soldado-cantor? Quais as razões que o teriam levado a ingressar na aeronáutica? Filho único, arrimo de família, não precisava servir, estava isento. No entanto se apresenta voluntário. É a partir de tais elementos que a trama se organiza, que o crescente clima de suspense se constrói e evolui.

Llosa utiliza-se de uma falsa terceira pessoa para nos introduzir na história. O soldado Lituma. Ele é o dr. Watson do Tenente Silva. Como nas histórias de Holmes, Lituma está sempre próximo das pistas, mas necessitando da clarividência do tenente para chegar aos meandros do crime e ir aos poucos ajudando a compreendê-lo e elucidá-lo. As reconhecidas qualidades do narrador de Lloza, excelente criador de tipos e situa-

ções, estão presentes neste seu novo livro. E a tradução, entregue a um especialista, Remy Gorga Filho, não poderia ser melhor. Capta com precisão todas as nuances, todo o humor, todas as sutilezas do estilo do autor.

Aproveitando o gancho: algumas palavras sobre o livro de Diane Johnson, trad. de Álvaro Hattnher, Dashiel Hammett, uma vida, *que aparece numa edição da Companhia das Letras/SP.*

Com uma trajetória de vida tão fascinante e estranha quanto a de seus melhores livros, Hammett tem agora uma biografia exemplar, que o revela em sua exata dimensão. Até nós chega inteiro (e coerente) o detetive da Pinkerton, o criador de personagens como Sam Spade, o escritor de carreira fulgurante a partir dos contos na revista Black Mask *e de romances como* O falcão maltês, A chave de vidro, Estranha Maldição, *o roteirista de Hollywood, o homem que enfrentou com extrema dignidade a caça às bruxas sem se entregar nem delatar ninguém, seus porres monumentais, seu relacionamento tumultuoso com outro nome maior das letras americanas, Lillian Hellman.*

Tudo isto, e muito mais, nos é transmitido com precisão, abarcando um período de mais de 50 anos da história dos EUA. No caso de Hammett, culmina com sua prisão por se recusar a depor perante a famigerada comissão, e a depressão de seus derradeiros anos. Até aí tudo bem.

Apenas, por mais que nos esforcemos, por mais que a autora nos explique, não chegamos a aceitar o fato insólito. Hammett parar de escrever justamente quando parecia estar no auge. Foi em 1934, após aparecer The thim man, *que tanto sucesso fez em livro e no cinema, a ponto de aparecerem vários outros filmes calcados nos mesmos personagens. Ele viveria até 1961. Anunciando novos livros que nunca chegou a escrever — ou a concluir, como* A tulipa. *Leitura imperdível.*

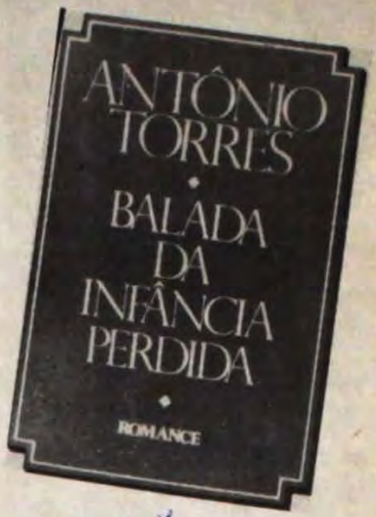
1987

33 MIGUEL, Salim. Desestruturar para criar. **O Estado,** 22/02/1987, p. 10.

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

Desestruturar para criar



"O meu pai não veio e não virá jamais".

Esta singela frase, que acaba adquirindo tamanho alcance e significação tão profunda no decorrer da trama, é uma possível chave para nos introduzir no universo do romance de Antônio Torres *(Balada da infância perdida*, Editora Nova Fronteira/RJ-1986), fazendo-nos compreender a proposta, implícita ou explícita, do que o autor pretende transmitir. Só que, como todo texto que se preza, outras chaves existem a pontilhá-lo, permitindo novos níveis de leitura que inquietam e provocam.

Da mesma forma como tem certeza que seu pai não veio nem virá, a personagem central do livro tem plena consciência da impossibilidade de recuperar o passado. Embora permaneça latente lá dentro, verrumando, fazendo parte inseparável dele, foi irremediavelmente perdido.

O personagem intui e sofre: lembrar é querer recuperar, lembrar é, quanto muito, um simulácrio de recuperação, uma recuperação maculada por elementos estranhos que se infiltram e tumultuam o processo.

Ao relembrar, reelaboramos. Vamos também, de forma inconsciente, selecionando os fatos mais significativos (ou que nos parecem mais significativos), vamos outra vez nos envolvendo em incidentes e/ou acidentes de ontem que gostaríamos de analisar e quem sabe modificar, vamos vendo situações que sofrem revisões ao impacto de situações paralelas.

Autor de obra significativa, Antônio Torres vem com ela integrando sua baiana região à geografia literária do país a partir de seu livro de estréia, *Um cão uivando para a lua*. E vem se mantendo coerente à sua proposta ficcional e humana. Tome-se, como exemplo típico, o romance *Essa terra* com sua fixação exatamente sobre seu torrão natal, Aqui o urbano e o rural se fundem e complementam. E embora queira atualizar seus temas, inovar sua temática, na verdade tem ele, como todo autêntico criador, a obsessão do tema único, que vai e volta como num ritornelo. É seu pequeno e pobre chão interiorano, é sua infância, são suas vivências, é a flagrante contradição entre o que um homem quer ser e aquilo que a sociedade o força a ser, é a freqüência (e a insistência) com que elementos ligados aos diferentes meios de comunicações se presentificam e transitam nos escritos de Torres, ele mesmo um homem da área de comunicação. E é, talvez acima de tudo, o entrechoque entre a cidade e o campo, com um forte componente social tudo permeando, o que acaba por nos dar o retrato trágico e verdadeiro de um país pobre e espoliado.

Ainda que em aparência este novo romance transcorra, em sua quase totalidade, nos grandes conglomerados urbanos (Rio e São Paulo), remetendo-nos para camadas de chamada "classe média urbana", examinando-o mesmo superficialmente percebemos que sua matriz é rural, seu eixo central é o interior baiano, aquela região que informou e selou para sempre o destino do escritor. Tudo puxa-o para o ontem, um ontem que o motiva e amarra. Quase diríamos amarga. Mas não, seria incorreto, há um fundo de saudade e melancolia perpassando a proustiana busca da infância perdida. E há o permanente desejo de ajudar a modificar a situação vigente. Agora, não se pense que isto é feito de maneira demagógica. Não! É em termos de ficção, numa linguagem que flui e atrai.

A história de *Balada de infância perdida* se (re) constrói a partir de uma tremenda bebedeira e de três mortes relembradas no decorrer das alucinações etílicas: sua mãe, sua tia, seu primo. Três mortes que marcaram fundamente a vida — e a trajetória — do narrador. E que agora voltem provocadas pelo álcool. O álcool, no entanto, foi mero elemento acionador de tudo aquilo que o narrador desejava trazer à tona.

No decorrer de um dia (melhor diríamos uma noite) e do encontro com um amigo que o arrasta para uma recepção, o narrador é levado a se examinar, a examinar as notificações básicas de sua vida, como e porque chegou ao ponto extremo de quase rutura em que se encontra. Tudo lhe chega esfumado, caótico. Tudo que é presente, que é hoje, melhor diríamos. E num processo inconsciente há como que uma fusão entre o ele que é ele e o ele que é o primo, espécie de alterego,

A confusão que se estabelece entre as duas personalidades que possuem pontos de convergência e pontos de divergência é uma das atrações principais do texto. Jogando com tal dubiedade, Torres traça um pertinente (e instigante) painel de determinados segmentos da população brasileira.

Isto contudo não é suficiente, não o satisfaz. Sua pretensão é bem maior. Ele quer, através do personagem narrador, do seu alterego, dos três mortos, da esfumaçada comparsaria que o envolve, nos oferecer uma visão crítica do país e de seus desencontros, quer mostrar o que foi feito desta nação (e de sua gente) no passado e mais especialmente a partir daquele 31 de março de 1964 (ou melhor, 1º de abril), uma nação que perdeu o rumo, que se encontra desordenada. Então o personagem passa a adquirir a força de um símbolo.

De que maneira isto nos chega?

Lúcido, Antônio Torres domina seu texto, sabe o que quer. Acompanhando as alucinações do personagem, desestrutura para criar. E partindo da desestruturação do personagem, da rutura de seu mundo convulcionado, chega ao mundo convulcionado e à desestruturação de um povo, de uma nação, através da fusão de estilos e linguagem, presente e passado, realidade e fantasia, o que aconteceu e o que está acontecendo, intercalando lirismo e humor, drama e comédia, o risível e o emotivo, o que é e o que poderia (ou deveria) ter sido.

34 MIGUEL, Salim. O valor da palavra. **O Estado,** 01/03/1987, p. 10.

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

O valor da palavra

34

NAO é sem razão que Anderson Braga Horta intitula seu Estudo Introdutório ao volume *10 contos escolhidos*, de Lêdo Ivo, Horizonte Editora/Pró Memória/INL-Brasília/DF-1987, de *O conto-poema de Lêdo Ivo*, para logo a seguir, esclarecendo sua colocação, acentuar serem contos que "apresentam uma interpenetração sutil do narrativo e poético". A colocação nos parece pertinente ao extremo. Para além disso temos, em Lêdo Ivo, mais o conto atmosfera, o conto mancha imprecisa que vive de sensações e emoções difusas, o conto enfim que vem mais da linha de uma K. Mansfield da linha de um Maupassant. Aliás, com todas as suas imbricações eles continuam sendo as duas linhas mestras em que se desdobra a história curta.

Poeta, ficcionista (mais romancista do que constista), ensaista, o alagoano Lêdo Ivo tem já lugar definido na literatura brasileira, lugar que foi conquistado a partir de seu primeiro livro de poesia. *As imaginações*, publicado em 1944.

Intercalando seguidamente poesia e prosa, em ambos os gêneros - ou diríamos melhor, num gênero por vezes híbrido onde poesia e prosa se (con) fundem - mostra ele exemplar domínio do fazer literário, trabalhando num estilo que flue e envolve o leitor.

Neste volume que acaba de aparecer na Coleção 10 da Horizonte Editora temos excelente amostragem da narrativa de Lêdo Ivo, numa narrativa que oscila entre o conto memorialístico desenvolvido a partir de sua terra natal, Maceió, uma Maceió calma e pacata de antanho, e o conto que se passa na grande urbe, o Rio de Janeiro.

Mas, no caso presente, pouco importa a identificação geográfica precisa, pouco importa onde, como, quando, que motivos terão ferido a sensibilidade do autor para aproximá-lo do tema da maneira como o fez. O que importa, o que conta, é o modo como tudo foi visto e apreendido, é o modo como tudo nos chega filtrado, é a funda impressão que nos causa, arrastando-nos para um clima carregado de lirismo, de erotismo, de emoção, de verdade, de humor.

Tomemos com exemplo *Quando a fruta está madura*, conto que abre o volume. Lêdo Ivo quer recuperar as fugidias sensações de um mundo perdido, quando menino vai levar as olorosas mangas ao padrinho, mas só encontra modorrando a madrinha. Em parcas linhas o autor nos introduz em um anirvo carregado de sensualismo. Ele retraça, ao mesmo tempo, o perfil do menino que lea as mangas, o perfil do *juiz insubornável*, o perfil da mulher que recebe o menino no quarto com um sorriso. É preciso anotar a importância que no contexto adquire a palavra *receber* com toda a sua carga semântica, com suas conotações e dubiedades, sugerindo, insinuando. Assim, por intermédio de uma simples palavra colocada aparentemente sem maior preocupação no centro de um pequeno trecho, temos todo um exacerbado clima de envolvimento e perturbação dos sentidos. Numa linguagem banhada de erotismo, erotismo e melancolia, o menino agora homem busca desvendar o que teria levado àquele ponto extremo e a lembrança doce-amarga que nele permanece como uma segunda pele a partir daquele olor-sabor das mangas. O final vem carregado de símbolos: "Foi a melhor manga que já chupei em toda a minha vida. Depois, joguei fora o caroço". O menino pode até imaginar que jogou fora o caroço; o homem talvez até queira se desfazer daquele caroço que o marcou. Mas é um caroço inapagável, que nunca mais o abandonou e que por mais que viva jamais o abandonará.

Aliás, é bom insistir, erotismo é um dos componentes identificadores dos contos. Veja-se, neste sentido, mais dois trabalhos: o machadiano *A viuva e o estudante* e *Borboleta branca*.

O estudante Tibúcio, de *A viuva e o estudante*, recompõe com seu pensar avança/recua a subida de bonde da amante até o encontro, fazendo-a aproximar-se e afastar-se à medida que ele repensa sua situação presente-passada-futura. Se por um lado ele saboreia-preliba o encontro imaginando-a agora viuva se despindo aos poucos, por outro reconstróio início do caso e se projeta no futuro quando se antevê antevendo também como a viuva o irá antever retornando de sua província como deputado.

Passemos para *Borboleta branca*. Qual jovem não terá tido noites ardentes e memoráveis em que amou loucante lindas e fogosas mulheres (artistas, parentes, conhecidos) que se lhe entregavam? Tudo isto, e muito mais, é transmitido numa frase que joga o jogo do implícito e da insinuação: "e minha mão inquieta sustentava na escuridão o obelisco dos sonhos precários e desejos depressa saciados", que vão buscar a mulher-sonho onde quer que ela esteja a fim de apasiguar a fome de sexo do jovem.

Em *Tasmânia* temos o fascínio que uma palavra pode exercer e o que ela possibilita; *Natal carioca* é uma parábola amarga e veraz do nascimento do Cristo; *O flautim* revela de que maneira tão diferente as pessoas podem receber uma mesma mensagem.

Analisando a obra de Lêdo Ivo (são hoje mais de trinta títulos publicados) Almeida Fischer destaca que "a linguagem privilegia muitas vezes um significado que não se mantém na superfície do discurso, escondendo-se no fundo das palavras". Isto pode ser facilmente percebido nesta seleção de contos - o que lhes acrescenta um novo valor.

Com Lêdo Ivo chegam os autores já publicados na Coleção 10, que tem como editor Geraldo Vasconcelos. São escritores de formação, proposta, regiões diferentes. Cada qual com uma visão peculiar do processo de criação literária e dos problemas sociais e humanos. O que possibilita um proveitoso Mapeamento do conto no Brasil e de seus cultores. Até agora estão reunidos os seguintes nomes: Dinah Silveira de Queiroz, Almeida Fischer, Ricardo Ramos, Renard Perez, Samuel Rawet, Moreira Campos, João Antonio, Julieta de Godoy Ladeira, Origenes Lessa, Hélio Pólvora, Guilherme Figueiredo, Leonardo Arroyo, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Caio Porfício Carneiro, Herberto Sales, José Sarney, Bernardo Elis, Salim Miguel.

1987

35 MIGUEL, Salim. Revendo o Museu. **O Estado,** Florianópolis, 22/03/1987, p.

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

Revendo o Museu

FOI com incontida emoção que percorri, com a Eglê, a exposição Memória do MASC/38 anos (1949-1987). Fico imaginando, num país que timbra em não preservar sua memória cultural, o trabalho que deve ter sido recuperar a história do Museu. Aliás, peças valiosas do próprio Museu se tornaram irrecuperáveis, sumidas não se sabe como. Ou se sabe...

De repente, num passe de mágica, recuei no tempo: me revejo na década de quarenta da conservadora Florianópolis.

Fim da II Grande Guerra. Expectativa. Novas esperanças. Perplexidade. Inquietação. Busca de caminhos num mundo que saía de uma hecatombe e que, acreditávamos, teria obrigatoriamente que ser melhor, mais justo, mais fraterno.

(Pode parecer insólito que numa coluna dedicada ao livro eu venha falar de artes plásticas, invadindo seara alheia. Lembro então que a coluna se intitula Leitura/Crítica. E é uma *leitura* na acepção mais profunda do vocábulo o que pretendo e que me leva a estas reminiscências).

Éramos um heterogêneo grupo de jovens tentando fugir à pasmaceira da Ilha, querendo compreender o mundo que nos rodeava, inconformados com o que percebíamos. Resolvemos (diria que quase inconscientemente), com a audácia que deve ser apanágio da juventude, investir contra o estabelecido que nos queriam impingir, lutar em busca de caminhos próprios. Certo que ainda não tínhamos idéias definidas a respeito do que fazer e do como fazer. Cada qual com sua tendência, sonhávamos projetos ambiciosos de realização. Repetíamos um desesperado verso do poeta que diz "não sei por onde vou, sei que não vou por aí". Intuímos que "só não erra quem nada faz". No momento, isto nos bastava. O mais viria (ou não viria) com o tempo. Nosso propósito era inquietar, provocar (no sentido que a palavra pode ter de mexer com o estagnado) para criar, para modificar.

Vínhamos de famílias classe média, pobres ou remediadas, de regiões distantes, com formações diferenciadas. Dois pontos nos aproximavam: a insatisfação e o fato de estarmos todos mal entrados na faixa dos vinte anos. Todos não. Como sempre existia uma excessão para confirmar a regra: Anibal Nunes Pires.

Filho de família tradicional e conceituada, quase chegado aos 30 anos, Anibal era professor competente e respeitado de várias matérias, com uma visão mais aberta para os problemas educacionais e culturais, que vivera fora de Santa Catarina e que possuía conhecimentos em várias áreas do saber. Logo se integrou ao grupo como se fosse um dele. Reconsidero: era. Retiro o *como se fosse*. Era um de nós. Igual, inconformado, solitário, inquieto na sua aparente tranqüilidade e bonomia.

Convencionou-se que o início do movimento modernista em Santa Catarina tem como data-base novembro de 1947 (montagem do espetáculo teatral com a primeira apresentação de uma peça de Sartre no Brasil, pelo Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna), ou em janeiro de 1948 (lançamento do primeiro número da revista SUL). Mais tarde o movimento se tornaria conhecido como Grupo SUL.

Na verdade, as reuniões vinham de antes (1944/45), nas intermináveis discussões em bares e cafés, em residências ou quartos de pensão, sob a figueira da Praça XV. Depois (1946) nas esporádicas investidas nos jornais da terra. Ao mesmo tempo com a publicação do tablóide *Folha da Juventude* e no que hoje seria chamado *alternativo*, o jornalzinho *Cicuta*, com uma enorme tiragem de quatro exemplares datilografados e que tinha por slogan: "Não faça a este jornal o que se faz aos demais".

Foi pouco depois de aparecida a revista SUL. Um dia Anibal chegou com a notícia: Marques Rebelo queria vir a Florianópolis, tinha interesse em realizar uma exposição de pintura contemporânea e proferir palestras subordinadas ao tema *arte é coisa mental*, a exemplo do que já havia feito e continuaria a fazer em outras localidades. Soubera de nosso movimento e pedia nosso apoio.

O primeiro contato fez-se através de Flávio de Aquino, conhecido do Anibal. Depois, carta do próprio Rebelo. Depois, a luta para conseguirmos motivar pessoas a nos ajudarem a bancar a idéia, *essa barbaridade*, exposição de arte moderna numa escola, *um despropósito*. Depois, o Rebelo nos escrevendo para dizer que abominava hotel (teria tido notícia do nível dos hotéis de Florianópolis à época?) e perguntando se havia alguém disposto a hospedá-lo. Todos gostariam. Como? Afinal optou-se

pela casa do Hamilton V. Ferreira, uma "casa decente, capaz de receber um escritor já bastante conhecido e admirado".

É difícil imaginar hoje o que foi a exposição, o impacto que causou, as reações, o que representaram as palestras, para além delas os intermináveis *papos* que se prolongavam pelas noites. Por um lado o entusiasmo de jovens ávidos em se informar, mesmo não assimilando tudo o que estavam vendo e ouvindo; do outro, a animosidade dos *donos do saber*, que começavam a se preocupar, sentindo-se atingidos na comodidade de eternos intocáveis.

A semente frutificou. Contou-se com a compreensão e boa vontade de autoridade e administradores de visão mais abertas, do Rio, Flávio de Aquino e Jorge Lacerda participavam. E contra todas as evidências e probabilidades, quando Rebelo viajou havia-se idealizado um futuro Museu de Arte Moderna que seria, por incrível que pareça, o primeiro a ser oficializado no Brasil. O acervo inicial ia além do regular, logo apareceram as primeiras doações e aquisições. Incompreensão e má vonade persistiam, lógico. Mas tudo foi sendo superado. De tudo isto a retrospectiva traça um impressionante retrato.

Já na primeira mostra, ao lado de nomes de fora estavam presentes os da terra: Martinho de Haro e Eduardo Dias. E numa exposição que pouco depois teria lugar em Belo Horizonte, um desenho do então menino Rodrigo de Haro.

Florianópolis passou a fazer parte dos roteiros artísticos e culturais. Aqui estiveram grupos teatrais importantes, aqui esteve um Pascoal Carlos Magno, um Kolreuter, um Edino Krieger, um Renato Almeida, falando de teatro e música. Aqui esteve Bruno Giorgi falando para nós e doando uma escultura ao Museu. Aqui esteve Scliar dando um curso de gravura. E na revista SUL era substancial o número de artistas estrangeiros, brasileiros, catarinenses que aparecia.

A história do movimento moderno em Santa Catarina, com seus possíveis acertos e desacertos, já é relativamente conhecida, seja através do livro de Lina Leal Sabino (*Grupo Sul-modernismo em Santa Catarina*, FCC-edições), seja em livros que estudam as artes catarinenses ou em jornais e revistas. Teve episódios cômicos, dramáticos, ridículos. Mostrou que quando as pessoas querem, realizam. Revelou nomes que hoje se afirmam em diferentes setores. Possibilitou abertura de caminhos. Seus reflexos persistem — e com o distanciamento já é possível uma reavaliação do que significou. Não é minha intenção aqui, tão envolvido estive em todo o processo, traçar uma panorâmica do movimento nem de sua possível importância e desdobramentos para a cultura catarinense.

A exposição, excelente, em tão boa hora organizada por Harry Laus e sua equipe, é que me levou a fazer as observações acima. Quero, então, acrescentar algumas considerações e dar uma sugestão.

A primeira é que o Museu é hoje uma realidade da qual Santa Catarina pode e deve se orgulhar; a segunda é que a recuperação de sua memória era um fato inadiável, pois a cada dia iria se tornar mais problemático vasculhar empoeirados arquivos em busca do indispensável material; a terceira é que haveria necessidade de não apenas preservar convenientemente o material recolhido, mas trabalhar em cima dele, esmiuçá-lo, interpretá-lo.

Agora a sugestão: preparar uma apresentação, colher depoimentos de pessoas que acompanharam todo o processo — e editar o material num álbum. Estamos certos de que haveria interesse não só dos aficcionados das artes plásticas, mas de todos que se preocupam com a recuperação e preservação de nossa identidade cultural.

Está aí uma tarefa para a nova Secretaria de Cultura e Esporte. Viabilizar o projeto. Cremos que ela contaria com o entusiasmo e apoio de todos os envolvidos. Mais: podemos quase garantir que o catarinense, crítico e professor de arte, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, Alcídio Mafra de Souza, sempre tão atento aos fatos culturais e artísticos, conseguiria recursos para uma co-edição.

Fica a idéia.

Conhecer para Avaliar Melhor

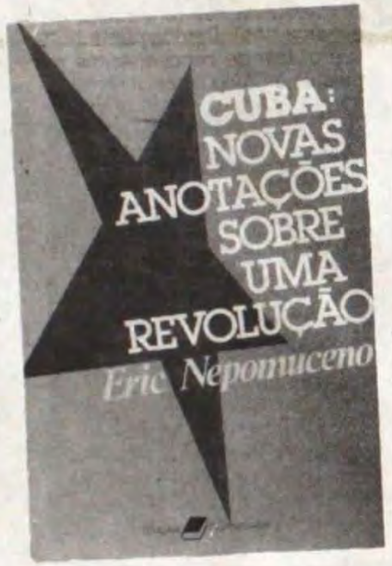
Leitura/Crítica — Salim Miguel 36

DOIS livros há pouco aparecidos nos possibilitam uma avaliação mais real e objetiva de dois mundos que nos estavam, até ontem, interditos: **URSS mal amada bem amada,** de Fernando Namora, Ed. Nordica/RJ-1986 e **Cuba: novas anotações sobre uma revolução,** de Eric Nepomuceno, Ed. Guanabara/RJ-1986.

Muito embora com características bastante pessoais na proposta e no tratamento do tema, Namora e Nepomuceno se aproximam sob vários aspectos: na desmistificação de tabus e estereótipos, na análise dos problemas com que se defrontaram no dia-a-dia da viagem, na revelação do que havia e há de positivo e de negativo, sem uma visão maniqueísta e preconcebida seja a favor seja contra, na conclusão de que não se pode dogmatizar afirmando isto é certo aquilo é errado, mas é necessário saber ver, saber compreender, saber alcançar o significado da luta de um povo para se autoafirmar.

Tudo isto, e mais ainda, resulta em benefício do leitor, que pode se situar melhor. Não estamos diante de obras apaixonadas que exaltam ou denigrem os regimes comunistas e/ou socialistas com igual ímpeto, dependendo da simpatia ou antipatia dos autores. Aqui Namora e Nepomuceno se debruçam com olhos de quem quer ver e nos revelam os avanços e os tropeços, o que pode ser mantido e quais as mudanças que se fazem necessárias, como dirigentes agem e o povo reage, o inter-relacionamento entre eles.

Jornalistas e escritores, Fernando Namora e Eric Nepomuceno estiveram com líderes e com operários, com intelectuais e com políticos, com homens do campo e das cidades, andaram e viram, esmiuçaram e inquiriram, comeram e beberam, estiveram sozinhos e acompanhados nas mais diversas regiões. O retrato que nos dão é ampliado, contendo parcelas de sonhos e de frustações, de alegrias e de tristezas. Pode até não ser imparcial, conforme faz questão de dizer Eric: Eis a transcrição textual: "Nã creio em livros ou textos imparciais. Desde menino aprendi que, na vida, é preciso tomar partido. Aprendi também que a melhor e mais honesta de todas as críticas deve ser aquela que vem dos amigos". Fernando Namora também diz como encara a viagem: "Reivindicávamos apenas o nosso direito a



fluir um convite que, além de não nos hipotecar a liberdade de exame, a que um escritor muito preza, se traduziria, por um lado, numa experiência humana e intelectual das que não se azam todos os dias, e, por outro, no auscultar (mesmo que superficial e ilusório) de uma realidade social que, no mundo convivente dos nossos dias, o bom senso manda não ignorar".

Deixo por um momento os dois textos para algumas considerações paralelas.

Durante longos anos não havia, entre nós, meio termo: falar da URSS e de Cuba era dogmatizar insistindo num tudo excelente ou tudo péssimo. Perdia-se, assim, o senso das medidas, a perspectiva. Não se tinha, diante das posições extremadas, como avaliar um mundo que nos estava totalmente (ou quase) vedado, pouco ou nada sabíamos de seu povo, de seus dirigentes, de suas preocupações, de sua filosofia de vida, das lutas que enfrentavam e da maneira como eram encarados os problemas humanos e sociais. Só uma constante subsistia: a deformação, a desinformação.

Nos vinte anos de regime militar, URSS e Cuba se transformaram num tema tabu, proibido. Não se podia falar nem bem nem mal, pois mesmo certas pessoas falando mal, os serviços de segurança, sempre tão zelosos, talvez desconfiassem que no falar mal estivessem embutidas segundas, terceiras, quartas intenções. Nunca se sabe, não é mesmo?

Vivia-se uma nítida divisão onde os entretons inexistiam, URSS e Cuba (havia outros países do chamado *grupo socialista*, mas acabava-se centralizando tudo nestes dois) tornavam-se paradigmas de sociedades imperfeitas ou sociedades perfeitas. Para além disto nada havia, as discussões acabavam. Discussões em ambientes restritos, esclareça-se.

Lembro-me bem do impacto que causou **A Ilha,** de Fernando Moraes, todos comentando a *coragem* e do autor em abordar e falar claramente de um tema proibido, procurando desvendar um pouco do mistério que envolvia aquele mundo desconhecido, um mundo de demônios talvez comedores de criancinhas, personificado naquela ilha de barbudos. E o livro falava a favor!

Aos poucos, outras informações fora sendo filtradas, começaram a aparecer matérias em jornais, deu-se a abertura...

Voltemos, rapidamente, aos dois livros.

Escritor conhecido e admirado no Brasil, o português Fernando Namora intitula seu texto de **crônica.** Cremos que, aqui, o termo tem outra conotação, no sentido de cronicar, de relatar, não como é ela, crônica, encarada hoje, quase um borboletear sobre assuntos diversos. A verdade é que Namora aprofunda seu texto, analisa, investiga, quer saber o porquê das coisas, quer compreender. E temos que concordar com uma informação quando diz que "foi com olhos limpos sem idéias preconcebidas que Fernando Namora vivenciou e registrou no papel esta sua viagem à URSS". Diríamos que não basta ver; é preciso saber ver. E Fernando Namora soube. Tanto que intuiu o que está ocorrendo hoje na URSS, os novos tempos que se abrem. E há uma frase final que sintetiza o livro no seu todo, e que só pode ser devidamente apreendida por quem o lê com atenção e sem qualquer espécie de preconceito: "Terei conseguido, Elena, não me chamar Hipólito?"

O texto de Eric Nepomuceno é mais direto, mais jornalístico. E se pauta por uma frase que Garcia Márquez disse em Havana, em 1978, ao autor: o processo de uma autêntica Revolução é tão dinâmico, tão rápido, que é difícil à escrita acompanhá-lo e o mais certo seria "não terminar nunca o livro". Certamente por isso Eric retomou suas anotações - e atualizou-as na base de novas viagens a Cuba e de novas informações sobre o que foi vendo-revendo-reavaliando. Ao acompanhar as modificações que iam surgindo durante o decorrer dos anos, diz ele: "cair na realidade - e no realismo - vem sendo, sempre que necessário, uma das características dessa capacidade de reconhecer erros e procurar saídas".

Não tem sido, todos reconhecem, um processo fácil lutar em frentes externas e internas a partir do mo-

mento em que foi derrubado o regime ditatorial de Batista e em que o poderoso vizinho, Estados Unidos, compreendera que estava perdendo o domínio da Ilha.

O processo de conscientização também não foi fácil. Aos primeiros momentos de natural euforia seguiram-se a agudização dos problemas, os entrechoques entre concepções diferentes de solução dos problemas, os entrechoques entre concepções diferentes de solução das crises que surgiam, as experiências que não davam certo, os inevitáveis fracassos, as metas ambiciosas que não eram alcançadas, as periódicas reavaliações e a busca de novos rumos.

Eric insiste em afirmar: "não acredito em livros imparciais, porque o ser humano não é imparcial". Isto, em parte nos parece um artifício, para que o autor nos atrele à sua proposta. A verdade é que o texto não é parcial no sentido de melhorar a imagem da Cuba revolucionária, de deturpar os fatos. Pode sê-lo pela simpatia demonstrada para com a Revolução e seus líderes, e o povo cubano.

A importância do livro está também, parece-nos, em não manipular, em não camuflar, em nos mostrar um povo com todas as suas contradições e imperfeições, com a carga de problemas advindos antes da vitória contra Batista e, como conseqüência, diante do caos encontrado, posterior à vitória. Conclui Eric: "O processo cubano é e sempre foi, acima de tudo, um processo vivo, dinâmico. Não foi paralisado por nada. Não parou nunca."

São dois livros que se recomendam, tanto para os que simpatizam como para os que antipatizam com os regimes da URSS e de Cuba. Pois só se pode defender ou atacar aquilo que se conhece. É o que ocorre com os leitores de Namora e Nepomuceno: ficam sabendo um pouco mais.

1987

Cinema Brasileiro: Oportunas Visões

Salim Miguel

37

DOIS títulos extremamente significativos para a parca bibliografia do cinema brasileiro acabam de aparecer, pela Editora da Universidade de Brasília, na coleção Textos de Cinema: *O país de São Saruê*, de Vladimir Carvalho, e *Perspectivas estéticas do cinema brasileiro*, coordenação de Malu Moraes. O primeiro recupera a memória do filme de igual título e o segundo contém as comunicações do Seminário realizado em setembro de 1985 em Brasília, na UNB.

O país de São Saruê, que aparece em co-edição com a embrafilme, é, sob muitos aspectos, um marco na cinematografia brasileira. Marco de um determinado momento de nossa conturbada história, quando vivíamos o chamado *milagre econômico*, quando queriam nos fazer crer que tudo caminhava na mais perfeita ordem, eludindo-se a dramática realidade da feroz repressão, da fome, da miséria.

O filme de Vladimir Carvalho revelava tudo isto. Retratava uma situação determinada, denunciando um *status quo* que podia ser transplantado (e adaptado) para qualquer região brasileira.

Não era uma denúncia demagógica, panfletária, mas em termos de arte, de cinema autêntico.

Durante oito longos anos (porque vinha desvelar a face e a falácia do chamado *milagre* o filme foi execrado pelo sistema, esteve proibido, vedada sua exibição em qualquer lugar e de qualquer forma.

Mesmo passados todos estes anos após a liberação do filme, ele demonstrou, ao contrário de outros que envelheceram com o tempo, que mantém intactas todas as qualidades, todas as suas virtualidades. Inquieta e emocionada. Em *O país de São Saruê* permanece íntegra e válida a boa linha da tradição documentarista, aqui banhada por forte sopro lírico. Nem as dificuldades financeiras, nem os precários negativos, nem o equipamento deficiente ou a restrita equipe prejudicaram o resultado final de uma obra que permanece, que sem dúvida permanecerá como um momento alto de nossa criação fílmica.

Agora, complementando e ajudando a resgatar a saga do filme, temos o livro. Nele Vladimir recupera, conforme ele mesmo afirma, na introdução sugestivamente titulada *Ao correr da câmera, ou Leia o filme e veja o livro*, o *documento do documentário*. É mostrada, de forma real, objetiva, a trajetória dramática da realização do filme, os percalsos enfrentados durante e após as filmagens, a cassação branca, a maneira como o filme pôde ser feito, quais as condições objetivas e subjetivas de trabalho, como resistiu às pressões até conseguir dar seu recado estético e humano.

Diz Vladimir: "O roteiro do filme não existia como prévio instrumento de trabalho". Ele filmou ao correr da câmera e de acordo com a inspiração de momento, improvisando. Mas sabia o que queria mostrar e como fazê-lo.

Foi a partir do trabalho de montagem, com as anotações feitas durante as filmagens, que se construiu o roteiro. Mais adiante, com a autenticidade que o caracteriza, esclarece Vladimir: "assim o que se vai ler em termos de roteiro é o que se estrutura a *posteriori*, transcrito passo a passo, a partir do filme pronto".

Isto não diminui o interesse pela obra. Pelo contrário. Temos até, quem sabe, uma visão mais abrangente da tarefa que se impôs o realizador e do estágio em que se encontrava à época (ou se encontra ainda hoje, sei lá) o cinema brasileiro.

Mesmo estágio que atravessa o povo brasileiro. De um lado, uma deslumbrada minoria que quer demonstrar o nosso desenvolvimento de nação adulta com uma sociedade próspera; de outro, a grande maioria, afundada na miséria, uma população pobre e desassistida.

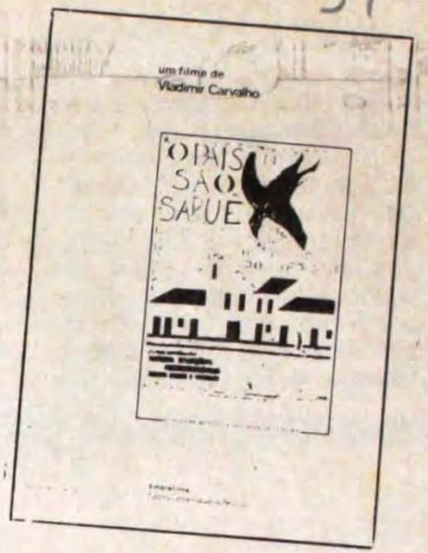
A recuperação que se processou não se restringe ao roteiro do filme nem às explicações de Vladimir Carvalho. No livro há muito mais. Temos, por um lado, uma excelente documentação fotográfica; temos o poema de Jomar Moraes Souto que ponteia as imagens; e temos também, uma série de depoimentos que buscam aclarar aspectos ligados ao filme, assinados por nomes como José Carlos Monteiro, José Carlos Avellar, Jean-Claude Bernardet, Ariano Suassuna, Clovis Senna, José Nêumanne Pinto.

Veja-se a maneira dialética como Vladimir constrói o contraponto entre os participantes do filme, de um lado os senhores letrados, de outro a população analfabeta, de um lado os que têm de sobra, do outro os que nem a sobra lhes toca.

É *a heresia de São Saruê*, como quer Vladimir Carvalho, numa definição lúcida, curta, definitiva. Este "Vertov das caatingas ou Flaherty de Euclides", conforme diz Glauber Rocha, soube criar para além do tempo e das injunções. Criar, de acordo com o que disse Silvie Pierre no *Cahiers du Cinema*, "um documentário tão forte e apaixonante que por vezes parecemos estar diante de uma obra de ficção, pela sensível poesia e mágica captação de uma dolorosa realidade".

Em síntese: o filme deveria ser exibido em nossas escolas, praças, parques; e o livro servir de tema para os alunos dos cursos de letras e de comunicação.

Perspectivas estéticas do cinema brasileiro é resultado do Seminário realizado em Brasília (setembro de 1985), durante o Festival de Cinema de Brasília, numa promoção da Universidade de Brasília e da Fundação Cultural do Distrito Federal. Com o



Seminário pretendeu-se um balanço do cinema nacional nos anos 70. Mais: examinar as perspectivas estéticas do cinema latino-americano e do brasileiro.

Claro que em tais eventos as discussões extrapolam do eixo central, se dispersam, abarcando temas paralelos. Mas tudo isto acaba por se tornar instigante — em especial se os debatedores se chamam Denoy de Oliveira, Geraldo Moraes, Geraldo Veloso, Inima Simões, Ipojuca Pontes, Ismail Xavier, José Carlos Avellar, Pastor Vega, Sílvio Tender, Walter Lima Júnior, Werner Schunemann, criadores e/ou estudiosos de nível.

Arte e indústria (nunca será demais insistir no fato) o cinema necessita de uma estrutura forte e firme para poder se realizar e dar uma contribuição válida à cultura do país. Mas não pode, nunca, a arte se subordinar à indústria, pois se temos exemplos de filmes artisticamente bem realizados que contaram com parcos recursos, não basta que estes sejam substânciais para que tenhamos produto final de boa qualidade. Pode sê-lo como acabamento, mas não como conteúdo.

Entre nós, lutando com dificuldades e com uma concorrência de leal, o cinema vem se processando através de ciclos mais ou menos estanques, podendo-se, sucintamente, citar o ciclo mineiro (de Cataguases com Humberto Mauro), o ciclo baiano, o ciclo da Vera Cruz quando se procurou copiar o modelo *hollywoodiano* dos grandes estúdios, o ciclo carioca da chanchada da Atlântida, o ciclo da pornochanchada, o ciclo do cinema novo. A contribuição (ou a não-contribuição) de cada qual é motivo de pesquisadores e não era o tema específico do Seminário. Mas não deixou de ser aflorado.

Ao reunir o resultado dos debates, a Editora da UNB presta um significativo serviço ao nosso cinema. Cinéfilos e estudiosos terão um curioso documento das atuais tendências e da visão que se tem da chamada sétima arte. E conforme diz a coordenadora Malu Moraes, pode-se com isto ajudar "a parcela de realizadores que luta pela construção de um cinema realmente independente em termos culturais e econômicos, gerando filmes voltados para o mercado interno e externo, procurando assim formas de expressão condizentes com nossas características definidoras".

1987

LEITURA/CRÍTICA — O ESTADO — Florianópolis, 03/05/87

Salim Miguel

Da importância de Ler-reler Antônio Cândido

38

UM novo livro de Antonio Candido é sempre uma grata satisfação, por nos permitir retomar contato com um dos nossos intelectuais mais lúcidos, mais conscientes, mais coerentes. Mesmo quando já conhecemos o trabalho ou parte dos trabalhos enfeixados no volume, relê-lo sempre nos acrescenta em conhecimento e fruição do texto. E é, também, a prova provada de que não há necessidade de escrever complicado para ser profundo. Basta, vá lá o truismo, saber escrever. Saber transmitir com pertinência, saber intuir o que está implícito ou explícito na obra examinada, qual a proposta básica. E desvelá-la devidamente.

O autor de *Formação da Literatura Brasileira*, de *Tese e Antítese*, entre vários outros títulos igualmente significativos, sabe fazê-lo, hoje em dia, como bem poucos entre nós, na sua área de atuação.

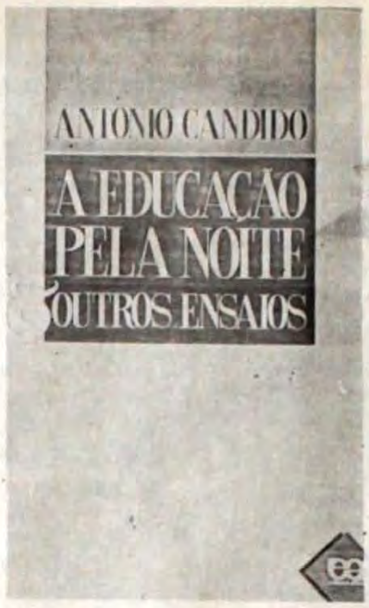
Há sempre, nos textos de Antonio Candido, uma contribuição bastante pessoal e inédita para o melhor conhecimento de um vulto ou de uma etapa, de um texto específico ou de uma obra no seu conjunto. De maneira clara, precisa, objetiva, ele nos conduz para a sua visão, sem forçar um dogmatizar, situando-nos em sua proposta de leitura e dando-nos a razão para isto. Claro que por vezes relutamos em aceitar suas colocações. E que já temos pontos de vista firmados, nossa leitura se distancia da que agora nos chega de forma insólita, desinquietando-nos e nos retirando de nossa cômoda posição.

Mas até isto é bom, é positivo, é instigante. Permite que, debruçando-nos sobre o trabalho, retomando o texto examinado, vendo-o sob nova luz, modifiquemos a leitura anterior ou a confirmemos.

Em não raras ocasiões, ao concluir a aproximação de leitura e leitura, ficamos nos perguntando como é que não havíamos nos dado conta de determinados pontos só agora percebidos, se a abordagem de Antonio Candido era quase a mesma que pretendíamos. Isto me ocorreu quando tomei conhecimento de *Ficção e Confissão*. Eu andava relendo Graciliano Ramos até a exaustão, queria entender mais e melhor um autor que me fascinava, que era e não era participe do chamado romance nordestino, aprofundando mais os temas, numa fusão perfeita do social e do psicológico. Sentia-me, por vezes, desnorteado em minha busca. Foi o ensaio de Antonio Candido que me abriu os olhos para aspectos ignorados do autor de *São Bernardo*. Claro que, com o passar dos tempos, e o espantoso crescimento da fortuna crítica de Mestre Graça, muitos outros trabalhos foram surgindo, alguns até bebendo nas mesmas fontes de Antonio Candido, alargando enfoques, discutindo colocações, discordando, modificando, penetrando na análise de uma prosa como poucas na literatura brasileira.

Mas o mérito de *Ficção e Confissão* permanece — e continua sendo leitura que se recomenda.

Neste livro de agora (*A EDUCAÇÃO PELA NOITE e outros ensaios*. Editora Ática SP-1987, volume I da



série Temas - Estudos Literários), Antonio Candido nos oferece um punhado de textos anteriormente divulgados, seja em palestras seja em órgãos de imprensa. Reuni-los em livro foi extremamente importante, até mesmo para quem já os conhecia ou conhecia parte deles. Vai permitir que os tenham em conjunto, numa visão abrangente; e possibilitar que um número maior de interessados possa, com real proveito, ter acesso a eles.

O livro está dividido em três partes, cada qual com quatro estudos que abrem novas perspectivas para a avaliação seja de autores ou de momentos e aspectos significativos da literatura.

Diz o autor na "Explicação" que "apesar de organizados em três partes, são independentes e não há ordem necessária de leitura". Assim sendo, o critério de leitura fica por conta do leitor, do seu maior interesse por um autor determinado ou por um tema.

O primeiro texto, que dá título ao livro, se detém na análise de Alvares de Azevedo, do seu teatro e de sua narrativa, examinando de que modo dois textos do poeta (*Macário* e *A noite na taverna*) podem ser aproximados. paraisso Candido se apóia em estudos críticos do próprio Álvares de Azevedo.

(Não pretendo - quem sou! - proceder a um exame crítico dos ensaios reunidos no livro. Meu intento é bem mais modesto: chamar a atenção dos leitores, em especial daqueles das áreas de letras e comunição, bem como de todos os interessados nos fenômenos da criação literária e da história da literatura, para esta série de instigantes textos que merecem (e precisam) ser conhecidos.)

Dois outros ensaios do primeiro bloco falam dos nossos primeiros baudelerianos e da poesia e ficção na autobiografia em Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava. Já em *Os olhos, barca e o espelho*, o tema é Lima Barreto.

na presente leitura do autor de *Policarpo Quaresma*. Antonio Candido está mais preocupado em pinçar algumas informações a respeito do *Diário íntimo*, do *Diário do Hospício*, e do romance inacabado *O cemitério dos vivos*. Neles temos um retrato dramático do homem e do artista. E cremos que, por mais que Lima tenha desejado se ater à realidade que vivia, existe, sempre, um componente ficcional se infiltrando. Aceitamos a colocação de Antonio Candido quando afirma: "diríamos, então, que se *O cemitério dos vivos* pode ser considerado um esboço de romance, o *Diário do hospício* não pode ser considerado documento pessoal puro, porque a cada momento parece que o escritor está ficcionalizando a si mesmo e ao ambiente onde se encontra..." Foi sempre, tanto ao descobrir o autor na nossa mocidade, como nas demais vezes que nos debruçamos sobre seus textos, a leitura que fizemos.

Na segunda parte Antonio Candido estuda quatro críticos, dois brasileiros e dois estrangeiros. São eles: Sílvio Romero e Sérgio Milliet, este um nome que necessita de urgente reavaliação de sua importância também como poeta e crítico de artes plásticas; de Giraldi Cintio, "o primeiro teórico da narrativa", que publicou em 1554 um tratado inovador; e o francês Fancan que, no dizer de Antonio Candido, "é talvez o primeiro teórico da ficção em prosa", no começo do século XVII, reivindicando, contra a opinião então corrente, "a dignidade do gênero".

Os quatro ensaios da última parte são característicos das preocupações básicas de Antonio Candido: os problemas da cultura e do subdesenvolvimento; o papel da literatura e a formação da sociedade brasileira; correlação entre Revolução de 30 e literatura; e, como fecho, um breve apanhado sobre as tendências da ficção brasileira de hoje.

Embora, conforme o próprio autor acentue na "Explicação", "alguns *(textos)* se destinavam a público estrangeiro, e isto explica não apenas certas informações dispensáveis para o leitor brasileiro, mas a ocorrência de idéias que já estavam noutros escritos do autor", nunca será demais voltar a eles, em especial se são ditos por alguém da qualificação de Antonio Candido.

No caso presente, não custa repetir o que tenho dito quando me debruço sobre textos de tamanho nível: melhor do que ficar falando deles, é procurar lê-los, absorvendo o que nos podem oferecer.

NOTA FINAL: No decorrer desta próxima semana (4-8 de maio) Antonio Candido estará em Florianópolis participando da Semana de Letras. É uma excelente oportunidade de voltar a ouvi-lo. E aproveitar também para ter, neste seu novo livro, um precioso autógrafo.

Não só Antonio Candido estará participando da Semana de Letras promovida pelos alunos da área, na UFSC. Outros nomes presentes são Eric Nepomuceno, Fernando Moraes, Moacyr Scliar, Eglê Franchi, Teixeira Coelho, Werner Zotz, Eglé Malheiros, Raul Antelo, Sergio Bellei, Walter Costa.

39 MIGUEL, Salim. Oportuna reedição. O Estado, Florianópolis, 08/03/1987, p. 10.

É Carnaval...

MUITO já se falou sobre o Carnaval e pouca coisa haveria a acrescentar no tocante à abordagens do tipo globais e generalizantes tão conhecidas das velhas sociologias tradicionais.

Todo mundo já leu ou ouviu em algum lugar o discurso do caos dionisíaco que se abate sobre as pessoas no período do Carnaval. Quebrando as inexoráveis rotinas que nos prendem à esfera da produção e do trabalho, rompendo as hierarquias rigidamente estabelecidas pela ordem social. É tempo de sonho, delírio e fantasia. Incertezas para o Estado e mistificação das massas, porque, na realidade, a sociedade não muda. Tempo de subverter valores e inverter papéis: mulher/homem, feio/bonito, rico/pobre, alegre/triste... e assim por diante na folia interminável de caos urbano, quando a miséria da cidade é coberta pelo manto da abundância de um rei de brinquedo.

Mas se a geneologia do Carnaval apresenta segredos complexos e insondáveis, tal não é o caso de sua etimologia, já exaustivamente dissecada pelos filólo-

animal, amarravam uma máscara no rosto e saíram correndo seminus pelas ruas.

Apresenta a laboriosa tese duas interessantes suposições. Com efeito, a primeira hipótese alega que a palavra Rupercalia, tendo perdido as letras "l", "p", "l" trocado o "u" por "v", ficou vercala. Após alguns sopapos, sacudidelas e revoluções históricas sobre seu próprio eixo obteve-se (com muita sorte!) a palavra careval. A corruptela popular tratou de introduzir as letras "n", suprimir o "e" e acrescentar mais um "a" na segunda sílaba. Chegando-se finalmente a conhecida expressão Carnaval.

As palavras andam muito, é verdade, e nestas jornadas é comum irem perdendo letras como as nobres famílias perdem seu orgulho e estirpe com o passar do tempo. No entanto, no caso desta ousada conjectura, a palavra teria não apenas que perder letras, mas fazer tamanha pantomima de modo que chegasse ao mundo moderno de pernas para o ar. Malabarismo difícil, mesmo para uma palavra tão rica de sig-

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

Oportuna reedição

REAPARECE agora em terceira edição revista e atualizada, *A Literatura no Brasil*, direção de Afrânio Coutinho, co-direção de Eduardo Faria Coutinho, numa co-edição da José Olympio Editora e Editora da Universidade Federal Fluminense.

É sem dúvida, uma reedição oportuna, que se fazia necessária. Nos seis alentados volumes, com quatro mil páginas, se contém um exaustivo levantamento da nossa produção literária, de seus primórdios até os dias atuais, levando-se em consideração a evolução de cada gênero.

São raros os trabalhos de tamanho fôlego que estudam com tal abrangência épocas, escolas, nomes. Temos, no passado, um Sílvio Romero, um José Veríssimo, um Ronald de Carvalho. Mais próximos, um Alfredo Bosi, um Antônio Cândido. Ou estudos setoriais, abordando este ou aquele aspecto, esta ou aquela época, um escola ou um movimento. Como exemplo significativo citaríamos Andrade Muricy e seu trabalho sobre o Simbolismo Brasileiro, há tanto esgotado e que está merecendo também reedição.

A primeira edição de *A Literatura no Brasil* em quatro volumes, apareceu entre 1955 e 1959, por iniciativa do prof. Leonídio Ribeiro e patrocínio da Instituição Larragoiti. Tinha planejamento, escolha de colaboradores e direção do professor, ensaísta e crítico Afrânio Coutinho. Nomes expressivos de nossas letras compunham sua extensa equipe de colaboradores. Ei-los: Aderbal Jurema, Afonso Arinos, Afrânio Coutinho, Albertus Marques, Alceu Amoroso Lima, Américo Jacobina Lacombe, Álvaro de Sá, Andrade Muricy, Antônio Cândido, Antonio Olinto, Antonio Soares Amora, Armando de Carvalho, Assis Brasil, Augusto Meyer,

Bandeira do Mello, Barreto Filho, Cândido Jucá, Carlos Burlamáqui Kopke, Cassiano Ricardo, Darcy Damaceno, Décio de Almeida Prado, Dirce Cortes Riddel, Domingos Carvalho da Silva, Edgard Cavalheiro, Eduardo Portela, Emanuel de Morais, Eugênio Gomes, Evaristo de Morais Filho, Fausto Cunha, Fernando de Azevedo, Franklin de Oliveira, Herman Lima, Hernani Cidade, Heron de Alencar, Ivo Barbieri, João Alexandre Barbosa, Joaquim Branco, José Aderaldo Castelo, José Paulo Moreira da Fonseca, Josué Montello, Luís da Câmara Cascudo, Luís Costa Lima, Luís Viana Filho, Mário da Silva Brito, Moisés Vellinho, Otácio de Faria, Peregrino Júnior, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Renato de Almeida, Rodrigo Otávio Filho, Segismundo Spina, Sonia Brayner, Valtensir Dutra, Walmír Ayala, Wilson Lousada, Wilson Martins, Wilton Cardoso, Xavier Placer.

A segunda edição é de 1968. Nela Afrânio Coutinho discutia, em longo prefácio, os critérios que nortearam a proposta da obra por ele dirigida, ao mesmo tempo em que rebatia as críticas surgidas quando do aparecimento da primeira edição. Dizia ele que ao elaborar o projeto tivera em mira "oferecer ao estudioso um instrumento de trabalho que fosse ao mesmo tempo uma revisão da história literária brasileira". E logo acrescentava que uma de suas preocupações era não perder de vista a massa de jovens, procurando "oferecer-lhes um instrumento prático e útil, com cunho didático no melhor sentido e de bom teor crítico, técnico e objetivo, acessível, atualizado não só no que respeita a teoria historiográfica e crítica, senão também quanto à informação".

A edição que agora vem à luz continua fiel à doutrina que norteou a elaboração da obra, justificada de forma tão veemente no prefácio à segunda edição. A presente atualização e revisão, diz Coutinho, leva em conta "os novos desenvolvimentos teóricos, críticos e historiográficos relativos à Literatura Brasileira".

Dividido em três partes básicas, na primeira parte (volume I) está abordada A língua literária, O folclore, O escritor e o público, Formação e desenvolvimento da língua nacional brasileira; na segunda parte (volume II, III, IV, V) encontram-se os Estilos da Época divididos em Era Barroca, Era Neoclássica, Era Romântica, Era Realista, Era de Transição, Era Modernista; na terceira parte (volume VI) temos as Relações e Perspectivas da Literatura Brasileira e a Conclusão.

Desde que *A Literatura no Brasil* foi escrita e publicada pela primeira vez, na década de 50, até nossos dias, grandes foram as transformações por que passou a sociedade brasileira. Tudo isto, lógico, se refletiu na literatura produzida a partir do então. Em sua reedição, a obra procurou acompanhar este movimento e dar uma visão do que vinha ocorrendo, reavaliando critérios e revendo posições. Mas isto se torna particularmente difícil numa obra acabada, que tinha em vista uma proposta definida. Além do mais, vários dos colaboradores estavam mortos, outros sem interesse maior em retomar e rever textos antigos.

Tudo isto não invalida o trabalho destas mais de quatro mil páginas, pelo contrário, mesmo que não houvesse a atualização ele valeria como documento de época.

A propósito ainda da atualização, o prefácio à terceira edição esclarece:

"Tendo o Modernismo, por volta de 1960, chegado a seu término como movimento renovador da maior importância, tendências outras, a partir da década de 60, imprimiram novos rumos à produção literária nacional, abrindo um período já cognominado de Pós-modernismo, através de grupos de vanguarda em todo o país".

E logo a seguir:

"Nesta altura do século (década de 80) a Literatura Brasileira atinge o estágio de total identidade e autonomia nacional. Publicada inicialmente na década de 50, esta obra acompanhou a evolução de nossa literatura durante a fase posterior ao Modernismo. Agora, um século depois da grande obra de Sílvio Romero, a sua reedição marca uma etapa decisiva da nossa Literatura".

Por tudo isto, e por permitir uma reavaliação de seus méritos (e possíveis deméritos) é que devemos saudar com entusiasmo esta terceira edição.

1987

40

LEITURA/CRÍTICA

Salim Miguel

Apoio às publicações culturais

NOVO suplemento literário (ou cultural) vem se juntar aos vários que já temos em circulação pelo país. Todos em formato tablóide, quase todos em papel jornal, de periodicidade semanal, quinzenal ou mensal, contendo entre 12 ou 16 páginas,prestam excelente serviço na divulgação, no apoio e no incentivo às atividades culturais.

O mais antigo, que já ultrapassou o número mil, hoje conhecido e respeitado internacionalmente, é o *Suplemento Literário* de Minas Gerais, semanal; o mais recente é o *Suplemento Cultural* de Pernambuco (acabamos de receber o nº 9). Outros:

D. O Leitura, de São Paulo; *Suplemento Literário*, do Amazonas; *Suplemento Literário*, do Pará; *Correio das Artes*, da Paraíba; *D. O. Leitura*, do Ceará. Todos impressos nas Imprensas Oficiais de seus respectivos estados.

Será bom registrar, também, a revista *Pau Brasil*, publicação bimestral sobre Ecologia e Cultura, editada pelo Departamento de Água e Energia Eletrica do Estado de São Paulo.

Pode ser até que, dentro do mesmo esquema de produção, existam outras publicações das quais não tenhamos conhecimento.

Para além delas, circulando graças ao esforço de grupos de abnegados, parece-nos oportuno citar *O Cataguases*, publicado em Cataguases, Minas Gerais; *O Escritor*, da União Brasileira de Escritores de São Paulo; *Verve*, do Rio de Janeiro; *Cacau Letras*, de Itabuna, Bahia; *Correio do Livro*, da Universidade de Brasília.

Neste registro, para justificar o que pretendemos colocar mais adiante, vamos nos limitar aos órgãos publicados pelas Imprensas Oficiais.

A experiência pioneira do *Suplemento Literário de Minas Gerais* provou sua validade pelos resultados que tem oferecido: divulgar uma produção literária que de outro modo não teria vasão; incentivar o surgimento de novos valores; possibilitar um intercâmbio útil entre intelectuais de diferentes estados e países. Por isso, e pela pressão exercida, o *Minas Gerais*, como é (re) conhecido, vem atravessando governos, crises, fases — e se mantendo incólume. Na esteira dele outros foram surgindo e se fixaram.

De que maneira funcionam?

A estrutura básica é simples, com pequenas alterações de órgão para órgão: um editor ou um conselho editorial composto de três membros, uma secretaria executiva, um serviço mínimo de expedição, pequeno espaço físico para uma redação. Que pode ser na própria Imprensa Oficial ou um outro local ligado à área específica do estado.

Também a abrangência, dependendo da filosofia de trabalho adotada, não varia muito: pode ser regional, restrita aos intelectuais da terra ou aberta aos do país, tratados de temas específicos ou de temas gerais, dedicando um espaço maior (ou o total de seu espaço) às atividades literárias ou àquelas culturais em seu sentido mais amplo.

Para exemplificar tomemos dois casos concretos: o do *Minas Gerais*, semanal e dedicado às atividades literárias, publicando ensaios, críticas, resenhas, entrevistas, poemas, contos, noticiários voltados para o livro ou fatos ligados à área das letras; o de São Paulo, mensal, dedicado às atividades culturais em geral, incluindo bom espaço para trabalhos que não versem temas literários. Entre eles, com pequenas variações, situam-se os demais. Ambos os citados, porém, se aproximam em alguns pontos: aceitam colaboração de outras regiões, de preferência solicitadas e publicam números monográficos, dedicados a um tema ou um autor. *D.O. Leitura*, de São Paulo, dedicou um número ao conto paulista; e há pouco tivemos no *Suplemento Literário* de Minas Gerais três números tratando exclusivamente da vida e da obra do escritor Murilo Rubião. É um documento inestimável para o melhor conhecimento deste precursor do fantástico, no momento em que ele completa 70 anos de vida.

Qual o papel que cabe a tais publicações?

Em primeiro lugar suprir uma carência e ocupar um espaço necessário. Todos sabemos o que significaram as publicações culturais que circulavam em órgãos tradicionais da nossa imprensa. Um *Letras e Artes*, por exemplo, dirigido nas décadas de 40/50 por Jorge Lacerda. De uns anos para cá, com a crise se acentuando, os suplementos, pelo alto custo e quase nenhum retorno em termos financeiros foram sendo suprimidos. Alguns permanecem (*Folhetim*, na *Folha de São Paulo, Cultura*, no *Estado de São Paulo, Idéias*, no *Jornal do Brasil; Jornal de Letras*, RJ; *Leia*, SP), mas não atendem ao número crescente de interessados, ou atendem a uma faixa restrita, seus colaboradores mais ou menos fixos. Em tempos que lá vão, quase todo jornal que se prezasse tinha seu suplemento ou sua página literária (ou cultural). Isto possibilitava a afirmação de nomes, o debate de idéias, o surgimento de novos valores. Pois é fato acaciano que ninguém escreve para a gaveta, quem escreve deseja se comunicar. E quantos possíveis valores não acabam desistindo ou se estiolando por não terem onde publicar e uma resposta para o que produzem!

Por que os governos de Santa Catarina, até agora, não se sensibilizaram diante das tentativas feitas de conseguir a publicação, no Diário Oficial, de um Suplemento? Não temos como saber. O que sabemos é que tentativas foram feitas sem nenhum resultado.

Quem sabe agora, com um novo governo que se inicia, a idéia se torne viável? A secretária de Cultura e Esporte, professora Zuleika Lenzi, vem da área cultural da Universidade, tem uma visão mais aberta. Está, pelo que sabemos, procurando dinamizar o setor, abrir novas frentes, agitar um ambiente parado. Um suplemento Cultural seria, inclusive, motivo de aproximação entre as diferentes regiões do estado, ajudando a acabar com o famoso ilhamento que tanto é citado, quase nunca resolvido, sempre esquecido.

Fica a sugestão.

Suplemento Literário
Publicação semanal do MINAS GERAIS, Órgão Oficial dos Poderes do Estado

AMAZONAS
SUPLEMENTO LITERÁRIO
PUBLICAÇÃO MENSAL DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS
Manaus novembro de 1986 ANO I nº 1 – 12 páginas.

D.O. Letras
Publicação Cultural
Da Imprensa Oficial do Ceará
Ano I Nº 4 Setembro de 1986

LEITURA/CRÍTICA

Salim Miguel

Um Documento Apaixonante e Veraz

41

É com profunda emoção (e renovada indignação) que volto a reler, tantos anos passados, *Um Brasileiro na Guerra Civil Espanhola*, de José Gay da Cunha, publicado agora pela Editora Alfa-Omega/SP, quando a cabam de decorrer 50 anos (1936/1986) do inicio daquelas lutas. A primeira edição apreceu em 1946, pela Editora Globo/RS.

Testemunho objetivo de alguém que participou diretamente de todo o horror da guerra, que soube pressentir ali a semente do que viria logo a ser a II Grande Guerra Mundial, o livro ganha, com a perspectiva do tempo, dimensão maior. E é um alerta para os dias de hoje. Embora envolvido nas batalhas o autor tinha clara visão dos acontecimentos futuros. Ele sabe transmitir, ainda quente dos campos de luta, um quadro dramático e chocante. São as contendas entre irmãos, as pequenas localidades devastadas, a fome, a miséria, o entre-choque de opiniões e tendências contrárias que ajudam, em última instância, o inimigo.

O texto me devolve emoções antigas, me faz perceber, tão à distância, de forma ainda mais clara, os equívocos que levaram o mundo a uma hecatombe como poucas na história da humanidade.

Não foi apenas no *front* interno que a derrotada da Espanha começou, talvez mesmo a derrocada no *front* interno tenha sido mera conseqüência do que vinha ocorrendo no *front* externo, como bem assinala José Gay da Cunha. Era a acomodação e era a dubiedade de homens como Chamberlain ou Daladier fazendo o jogo de Hitler, eram os delegados mandados pela Liga das Nações para ver o que não queriam ver (ou viam de maneira deformada). Tudo isto se refletia no comportamento dos homens envolvidos nas lutas e possibilitou a entrega da Espanha à sanha dos nazistas, na esperança de salvar a própria pele através de um conluio de cúpula. Vã ilusão.

Emocional sem deixar de ser informativo, o relato de José Gay da Cunha merece, ainda hoje, ser lido com atenção para que fatos semelhantes não venham a se repetir. Infelizmente a memória dos homens é curta (ou quer ser curta). Não estamos muito certo de que não se repitam... Aliás, continuaram se repetindo.

Gay da Cunha descreve o gradativo cerco que se foi montando na Espanha para minar a resistência dos combatentes da democracia, o apoio intensivo e ostensivo que se foi dando a Fanco com os batalhões italianos se multiplicando e os aviões alemães despejando bombas em cidades e vilas onde apenas se encontrava a população civil composta de crianças e velhos; mostra de que modo foram se criando as Brigadas Internacionais de voluntários e de que maneira subitamente foram desativadas com a desculpa de que era preciso provar que os espanhóis lutavam sozinhos (mas não se impedia que o apoio a Franco continuasse aumentando progressivamente); investiga o papel dos quinta-colunas e de como agiam. Tudo isto formando componentes que iam, aos poucos, minando a resistência.

Tenente do Exército Brasileiro, militante político ativo, José Gay da Cunha havia participado dos movimentos que culminaram nos acontecimentos de 1935. Expulso das Forças Armadas, foi condenado a oito anos de prisão.

Depois da chamada *intentona comunista*, muitos brasileiros ficaram sem condições de permanecer no país. Os que conseguiram escapar à caçada de Felinto Müller exilaram-se. José Gay da Cunha acabou em Buenos Aires. Ali, com outros brasileiros, resolveu unir-se às forças democráticas que lutavam na Espanha contra o caudilho Franco.

Chegar até os campos de luta e nela integrar-se não foi fácil. O autor revela como se deu sua caminhada, o navio *Belle Isle*, até a frente de batalha, quando conseguiu juntar-se às Brigadas Internacinais e ser incorporado.

A primeira imagem que tem das lutas nunca o abandonaria. E quando de sua estada, não faz muito, em Florianópolis, a ela referia com indignação.

Vamos ao relato:

"Nemo, Assis (outros dois brasileiros que participaram das Brigadas com José Gay da Cunha) e eu estávamos no subterrâneo da Praça Catalunha. As bombas explodiam com um barulho ensurdecedor. Saímos quando tocou a sirene. Um grande edifício de oito andares, que até poucas horas antes era o refúgio das crianças bascas, havia sido completamente destruído por uma bomba de ar líquido. A Av. Py Y Margall era um mar de sangue. Algumas crianças de dois ou três anos jaziam mortas meio atoladas no sangue. Os bombeiros e os voluntários da Cruz Vermelha tratavam de salvar aquelas que ainda tinham um pouco de vida e que estavam atulhadas nos escombros".

Prossegue o relato:

"Nesse momento, um destacamento de polícia estabelece cordões de isolamento. Algumas motocicletas da guarda de assalto abrem caminho para um *Lincoln* fechado. Do automóvel, descem um general francês, um coronel inglês, um coronel suíço, um coronel finlandês e um capitão chileno. Era o Comitê de Controle da Liga das Nações, que vinha verificar se os nacionalistas estavam bombardeando objetivos militares. Eu me lembro do meu amigo ocasional, Manfred Georg e de Mr. Flint. Ali, juntinhos de nós, estavam amontoados, em um mar de sangue, os corpos de mais de 200 crianças mortas. Debaixo dos escombros, gemiam mais algumas dezenas, gritando para que as salvassem. E a Liga das Nações mandava uma comissão de países da *Não Intervenção*, para verificar se o refúgio de crianças era um objetivo militar".

Continua Gay da Cunha:

"No dia seguinte, em todo o mundo, os jornais alemães, italianos e direitistas anunciavam que a heróica aviação nacional havia bombardeado com êxito o porto e as fortificações de Barcelona. A Liga das Nações, o Comitê de Não Intervenção comunicavam para a tranqüilidade da civilização, que os membros da Comissão de Controle estavam na Espanha verificando *in loco* se os nacionalistas bombardeavam outros objetivos que não os militares".

E acrescenta o autor:

"Quatrocentas crianças bascas refugiadas na Catalunha, separadas de suas mães, para não morrerem debaixo da metralha dos civilizadores que haviam destruído a cidade sagrada dos católicos de Euskadi, Guernica, haviam sido mortas por bombas de ar líquido, fabricada na Itália".

A transcrição foi longa, bem sei, mas ela é bastante ilustrativa. Só que, lendo-a, ao mesmo tempo que um frêmito de horror nos perpassa o corpo, ficamos perplexos ao constatar que situções semelhantes continuem existindo. Este filme já o vimos até a exaustão.

Haveria outros trechos para transcrever (ou citar). Como, por exemplo, a primeira participação do autor na frente de batalha, quando as situações têm que ser resolvidas no ato (pgs. 87/8/9); ou o ataque (pg. 111) quando Gay da Cunha não entende porque quatro ou cinco soldados não se desgrudam dele durante a luta feroz. Bem mais adiante tem ele (e tem o leitor) o esclarecimento: anarquistas que não se integravam à luta e quinta colunas infiltrados aproveitavam os momentos de corpo a corpo para matar os oficiais que os comandavam e assim, consciente ou inconscientemente, fazer o jogo de Franco.

A desmobilização das Brigadas Internacionais mostra o fim da Espanha, que durante anos viveria sob o tacão do ditador Franco; e mostra, por outro lado, que o mundo iria logo entrar num período de trevas que duraria de 1939 a 1945.

Documento importante e revelador, o livro de José Gay da Cunha precisa ser lido e meditado por todos. Apaixonante e veraz, é por igual objetivo e lúcido.

1987

Redescobrindo a mocidade

Curioso: embora tivéssemos chegado a Florianópolis no mesmo ano (1943), com alguns interesses comuns, ele apenas 10 anos mais velho do que eu, não posso dizer que tenha tido um contato constante com o Domingos Fossari. Ou Fossari, como se tornou mais conhecido. Nossos encontros (raros, o que é estranho na pequena cidade onde todos se cruzavam) eram cordiais, sentia-o excelente figura humana. Por motivos que não consigo explicar, nunca nos aproximamos. Se assim se deu no aspecto pessoal, acompanhei com atenção crescente o desenvolvimento do artista. Deste, para além de tantos trabalhos esparsos na imprensa, ou do álbum de caricaturas ou dos desenhos para as bromélias do padre Reitz, bastariam os reunidos em Florianópolis de ontem para lhe marcar, de forma definitiva, um lugar de destaque em nossas artes. Fossari recupera, com sensibilidade, com finura, uma cidade que devido à incúria de sucessivos administradores tende a desaparecer. Melhor dizendo: já desapareceu. E ninguém me convence de que a que nos oferecem em troca seja melhor. O que nos devolve ele? Ruas, fortes, casas, um engenho de farinha, o velho mercado, as rendeiras, os carrinhos de cavalo da Praça XV, o tear ilhéu, o bondinho de burros, o vendedor ambulante, o trapiche municipal do Miramar de tão saudosa memória.

Tudo isto, e tanto mais, só permanece graças aos traços precisos do artista, que buscou preservar assim a memória de quem timbra em não ter memória. Folheio o álbum: o aqueduto de São Miguel me devolve a infância. E de repente me detenho, saudoso, diante de um casarão da Praça XV, o dos Gama D'Eça, onde primeiro morei ao chegar a Florianópolis. É toda uma fase de minha mocidade, rica em descobertas, que retorna. Tento nela incluir o Fossari. Em vão. Mas se não me (re) surge a figura física do homem, recupero-o íntegro, de sua obra, pelo poder e fascínio da arte.

42

1987

Salim Miguel
Escritor e jornalista

LEITURA/CRÍTICA

43

Salim Miguel

Oportuna Reedição de um Comediógrafo

UMA reedição bastante oportuna — oportuna e necessária por nos devolver um autor significativo que precisa ser mais e melhor conhecido — *As melhores Comédias de Martins Pena*, que acaba de aparecer na série *Vamos Fazer Teatro*, da Editora Mercado Aberto RS-1987. Há muito nada se encontrava à venda deste que foi o nosso criador da comédia de costumes.

O mérito de Martins Pena, contudo, não se limita ao fato de ter sido o criador da comédia de costumes, ou ainda um criador sensível, que soube manipular a carpintaria teatral, mas também por ter sabido fixar e recriar com precisão hábitos e costumes de sua época e de seu meio.

A tal respeito temos preciosos depoimentos de dois críticos, Silvio Romero e José Veríssimo. Disse o primeiro: "Se todos os documentos e fontes históricas nos faltassem, seria possível reconstituir a vida da sociedade brasileira tão somente através das comédias de Martins Pena, porque essas comédias constituem documentos sociológicos da maior importância". E o segundo declarou: "Ingenuamente, desarticuladamente, com a observação sem profundeza, mesmo banal mas exata e sincera, traz para o teatro (Martins Pena) — pela primeira vez — a nossa vida popular e burguesa e quotidiana do tempo".

Um com a visão sociológica outro com a visão humanística, ambos situam evidamente Martins Pena e sua importância.

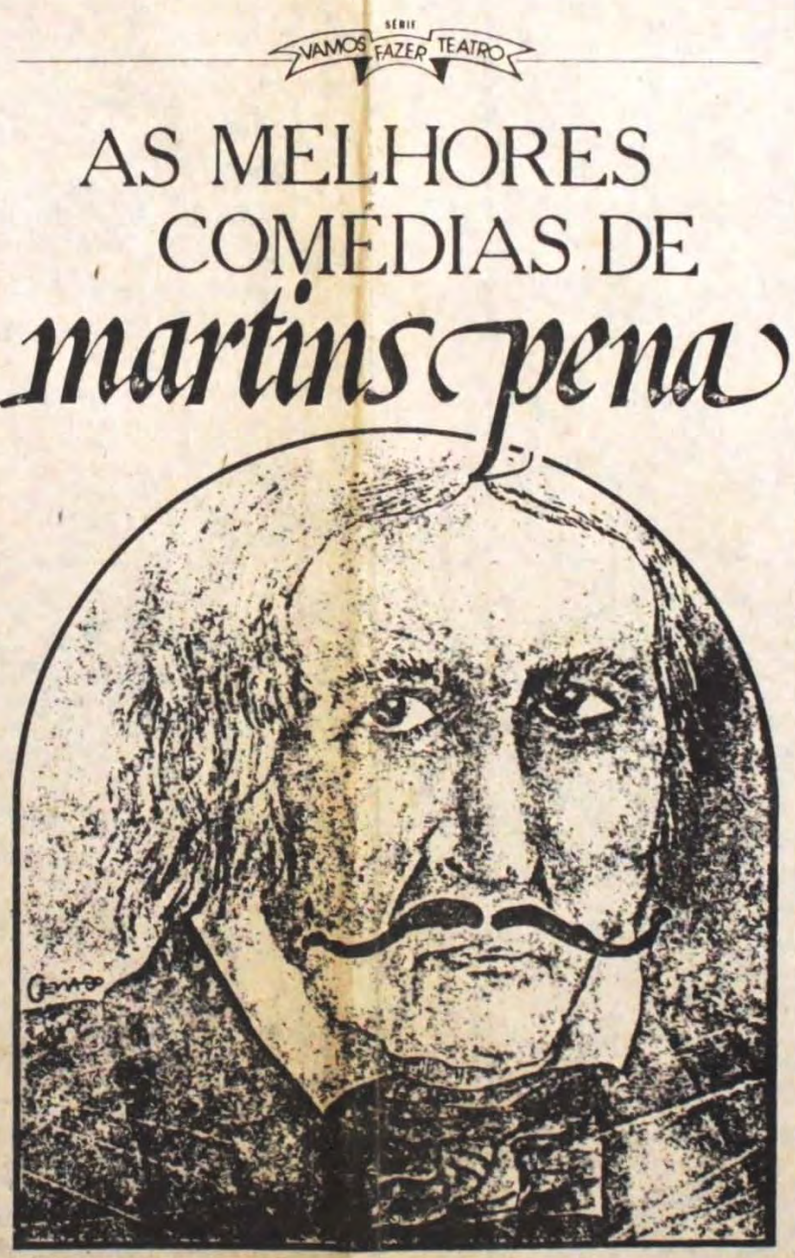
A edição da Mercado Aberto nos devolve, em boa hora, seis das comédias mais representativas do autor. Elas transmitem, com precisão, humor, singeleza, verdade, o ridículo e o patético da vida. A seleção inclui *O juiz de paz da roça*; *As casadas solteiras*; *O noviço*; *Os dois ou O inglês maquinista*; *O judas em sábado de aleluia*; *Quem casa quer casa*.

Outro crítico, poeta e historiador da literatura, Guilhermino Cesar, analisando a obra de Martins Pena já com a perspectiva do tempo, diz na apresentação ao presente volume que o autor "ultrapassou os primeiros românticos, antecipando-se inclusive aos realistas". E logo adiante: "Lê-lo é viver a oralidade das camadas intermediárias, daquelas que são o sal da terra; vem delas, da sua condição econômica, dos hábitos, das normas de conduta moral, das crenças religiosas e das crenças ideológicas, a mais rica matéria-prima, constantemente trabalhada pelo melhor teatro do Ocidente. Sem o atrito social, sem o homem em estado de tensão, não há verdadeira dramaturgia..."

Tudo isto se encontra, em estado puro, no teatro de Martins Pena. Nem é preciso aprofundar a pesquisa para chegar até o núcleo de sua dramaturgia. São achados sabarosos e pertinentes. Ele sabe intuir, sabe aprender, sabe sentir, sabe transmitir o que há de contraditório e informe na sociedade de seu tempo. Não dogmatiza, não ensina, não toma um ar professoral. Bom exemplo é o tema da peça três atos, *As casadas solteiras*. Temos ali a mulher querendo deixar de ser manipulada como objeto e temos o então domínio dos ingleses sobre a sociedade brasileira. A partir desse começo simples a trama se estrutura e constrói.

E nos dá uma visão bem humorada de todo um miúdo universo. Já na peça em um ato, *O juiz de paz da roça*, é ainda, de um lado, a moça que recusa a um casamento de conveniência, obrigando o homem a quem ama a fugir com ela, e de outro, o retrato do juiz de paz corrupto, imagem de um tempo que nem se sabe se sumiu de todo ou se permanece, com novas roupagesn, entre nós.

Cenas e situações, o cômico e o trágico, o risível e o patético vão se armando e se desenvolvendo com extrema simplicidade mas com eficiência, através de personagens típicos bem caracterizados que nos chegam por intermédio de uma frase, de um tique, de um detalhe na roupa, no andar, no modo de falar, no comportamento. Até num simples nome. Martins Pena sabia como atingir o espectador — daí o rápido sucesso de suas peças, daí o sabor que provocavam e que podem ainda provocar.



Claro que outras peças, sem desdouro, poderiam ter sido incluídas ao lado das selecionadas pela Mercado Aberto. Ou, quem sabe, mais adiante outro volume poderá se juntar ao presente. Limitemo-nos, entre as comédias, a citar mais alguns títulos. Vejamos: *Os irmãos das almas*, que nos coloca diante de um costume hoje em extinção (ou quase) e que sustenta num frágil fio de intriga do homem que recolhe um pouco para as almas e muito para si mesmo; *Os três médicos*, ferina sátira a respeito de uma classe, na linha Molière, aqui com três tipos caricatos, o alopata, o homeopata, o hidropata; *O namorador ou A noite de São João*, que por intermédio de um tipo que borboleteia de namorada em namorada, numa situação grata à maneira de ser do autor, ajuda a estruturar uma festa, a de São João, até hoje tradicional, especialmente em nosso ambiente rural; *Os meirinhos*, excelente retrato de um grupo de pitorescas figuras que discutem ao mesmo tempo que armam intrigas, bebem, jogam bilhar.

O linguajar é vivo, os diálogos certeiros, verazes. Martins Pena capta com vontade e verdade o que lhe está próximo, devolvendo-o com vida e sumo. São mulheres e homens, velhos e moços, da roça ou da cidade, sabidos ou ingênuos, intrigantes ou caçadores de dotes , juízes corruptos e militares venais — tantos outros, todos envolvidos num universo que identifica bem o Brasil de uma época pregressa. E que não está tão distante assim do Brasil de hoje.

Se os dramas de Martins Pena não fogem ao convencional, numa linha carregadamente romântica e pesada, suas comédias possuem, mesmo as menos realizadas, uma espontaneidade e um frescor que vencem o tempo e chegam a ultrapassar os modismos, mantendo incólume o interesse do leitor de qualquer tempo. E cremos que, por igual, poderiam manter o interesse do espectador.

Martins Pena soube, como nenhum outro de seu tempo e seu meio, criar numerosas situações (e uma extensa galeria de tipos) que retratam com exatidão o final do Primeiro Império, a Regência, o Segundo Império.

Critica-se o escritor por não ter ele aprofundado sua análise, limitando-se a observar os acontecimentos de perto mas sem procurar interpretá-los. Certo: ele apenas mostra, puxa até nós o que vê. Não denuncia nem censura participativamente. Seu propósito é documentar divertindo, não interpretar. A análise, a conlusão fica por conta do leitor e/ou espectador. Que eles decidam se o juiz corrupto merece castigo, se o comerciante desonesto merece a execração pública, se o caçador de dotes e a mulher infiel devem ser desmascarados, bem como todos os demais partícipes da comédia humana. O que lhe interessa é apenas revelá-los em todas a dimensão que possam ter, humanos e frágeis, como todas as possíveis qualidades e numerosos defeitos que compõem todo ser humano.

Mas, para além disso, implícita ou explícita, fica a lição de vida que Martins Pena quer nos deixar. E nos deixa.

Sob certos aspectos, a proposta do autor de *Quem casa quer casa* se aproxima, pela visão de mundo, da obra de outro exemplar criador brasileiro, o autor de *Memórias de um sargento de milícias*, Manuel Antonio de Almeida.

Criador inconteste da comédia de costumes, Luís Carlos Martins Pena, viveu apenas 33 anos (1815-1848), escreveu durante menos de 15 anos e deixou, entre dramas e comédias, 28 peças, a maioria em um ato. Chegaram até nós 24 de suas composições teatrais. Dezenove foram apresentadas com êxito nos palcos do Rio de Janeiro, sendo que nove foram impressas, sete delas em vida do autor.

1987

leitura/crítica

Salim Miguel

44

Nicarágua vista por Cortázar

É com paixão e gana, com entusiasmo contagiante, com fervor renovado (como ele mesmo diz) que Julio Cortazar escreveu este *Nicarágua — Tão violentamente doce*, que agora nos chega numa edição da Brasiliense/SP-1987.

Embora o texto (composto de blocos mais ou menos autônomos) vá somente até 1983, o quadro que se traça não deve ter mudado muito de lá para cá: de um lado o ingente esforço de um pequeno e pobre país para se recompor dos desmandos do regime ditatorial somosista; do outro os chamados *contra* que continuam cada vez mais atuantes, graças em especial à substancial ajuda norte-americana. É, mais uma vez, a repetição da história: a luta de Davi e de Golias.

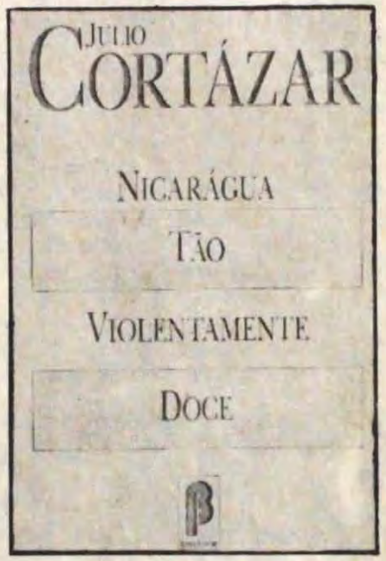
Ainda agora temos diante de nós, todos os dias, os meios de comunicação com novas notícias do escândalo Irã-Gate, onde se vê de que maneira o governo Reagan remeteu (e continua remetendo) fartos recursos aos contra, mesmo quando estava proibido pelo Congresso americano.

Assim sendo, se Cortazar não tivesse morrido em 1984, certamente continuaria sua cruzada de esclarecimento e seu permanente incentivo às forças populares da Nicarágua. A continuidade dos depoimentos teria enorme significado, vindo de uma voz que sempre lutou pelos direitos humanos. Mas o quadro não mudaria substancialmente. Seriam as crianças nas campanhas de alfabetização e na própria luta contra os invasores; seriam os trabalhos de reconstrução e de conscientização; seriam os bombardeios às vilas indefesas e a bem azeitada máquina de desinformação montada com fartos recursos e técnicas sofisticada; seria a tremenda e desigual luta de um país para mostrar o que estava (e está) querendo: simplesmente ter o direito de gerir o próprio destino.

Em seis ocasiões diferentes Cortazar esteve na Nicarágua, a primeira delas ainda durante o regime do ditador Somosa, em abril de 1976 e a última em 1983, um ano antes de morrer. Ele teve oportunidade de acompanhar a luta de um povo pela reconquista de sua dignidade e por melhores condições de vida. Não era apenas a luta pela difícil recomposição de um país destruído, mas também a luta na fronteira com os contra que a cada dia mais se armavam e mais recursos de fora recebiam, em dólares, em armamentos, em alimentos, em roupas, em tudo. Assim, em lugar do povo trabalhar para superar os graves problemas deixados pelos anos de luta contra as forças somosistas, eles tinham que continuar na luta, desviando os parcos recursos e concentrando-se para debelar os focos de resistência montados por elementos que vinham do antigo regime e que tinham o apoio da maior potência do mundo.

Se a primeira viagem de Julio Cortazar foi cheia de segredos, no sentido de furar o cerco dos guardas de Somosa, a segunda teve ingredientes que casam bem com a ficção do autor de *O jogo da amarelinha*. Devido a uma série de incidentes, entre eles o fato de haver sido roubado de todos os documentos, inclusive passaporte, Julio Cortazar acabou chegando à Nicarágua nada mais nada menos do que no avião particular (ou em um dos aviões, sabe-se lá), do ditador Somosa. É que, na pressa de fugir, o ditador foi obrigado a deixar muitas coisas, entre elas o avião que agora servia às forças do governo revolucionário popular dos *nicas* — conforme são conhecidos os habitantes da Nicarágua.

Cortazar não tem porque esconder



sua simpatia e sua admiração pelos novos governantes. Admira-os e admira o esforço que fazem, a luta que travam. Mas se assim faz, não esconde os problemas nem as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da reconstrução. Não é, diz ele, uma reconstrução tranqüila, fácil, amena. Pelo contrário. Mesmo sem os *contra* ela seria difícil. Assim então é cheia de sobressaltos, de imprevistos, de angústias. É que as lutas prosseguem. Lutas não só na frente interna, onde grupos de somosistas se infiltram e tumultuam e inquietam, mas as encarniçadas lutas na frente externa, com os contra sendo municiados desde o começo por polpudos dólares, com armas sofisticadas, com campanhas de desinformação.

Cortazar faz veementes apelos: quer mais apoio e mais solidariedade a um povo que busca seu próprio caminho. Cortazar se irrita: não sabe explicar porque um jornalista que deveria ser informado veicula dados que não conferem com a realidade. Cortazar se interroga: o que deve ser feito no sentido de criar uma clara consciência de que a luta que se trava na Nicarágua (da mesma forma como a que se travou em Cuba) é uma luta em prol dos países da América pobre e desprotegida contra os donos do mundo. Cortazar constata:

sim, existem os que logo se desiludem com a revolução, passando a atacá-la. Por que, quais os motivos? E aí temos um trecho característico, exemplar da maneira de ser e de reagir de determinadas parcelas da população. O trecho é um tanto extenso, mas vale transcrevê-lo. Ei-lo: "Certa vez eu pensei que se o socialismo pretende ser internacional, existe alguma coisa que o é mais do que ele: a burguesia. Os burgueses são absolutamente idênticos em qualquer país da Terra, e um burguês alemão reconhece um francês ou um uruguaio com mais rapidez que os socialistas chegam a reconhecer-se entre si. Por isso os burgueses da Nicarágua seguem exatamente o mesmo caminho e os mesmos procedimentos que os cubanos. Quando uma tirania se lhes torna excessivamente dura, seja a de Batista ou a de Somosa, ajudam a derrubá-la e se somam ao desfile da vitória, mas fique por aí, amigo: nada de deixar que o populacho leve as coisas a sério e queira meter-se com o que herdamos do papai, que ele herdou do vovô ou do que ganhamos com as multinacionais que afinal de contas fazem progredir o país e trazem as melhores importações. Não me esqueço de uma frase de Fidel Castro no dia seguinte ao da entrada em Havana, quando os carros dos burgueses desfilavam com galhardetes revolucionários. Ele disse ao Che: "Você já vai ver como esses galhardetes vão cair antes de um mês." E aqui não terá sido diferente."

Um dos nomes mais expressivos da literatura hispano-americana, autor de uma obra bastante significativa, respeitado e admirado por suas posições, Julio Cortazar deixa um depoimento que merece ser mais divulgado. O livro é instigante, deve ser conhecido no seu todo. Mas não me furto a indicar, aqui, trechos ou capítulos mais reveladores. O que transcrevi acima é um deles. Outro: "Os pés de Greta Garbo", onde com verdade e pitadas de humor Cortazar responde ao artigo do jornalista francês Marcel Niedergang, publicado no *Le Monde*. Depois de aclarar alguns pontos e retificar outros, ele conclui: "Cabe-me também terminar agora este comentário que quis que seja o mais construtivo possível: ninguém pode saber como terminaria se o escrevesse dentro de uma semana ou duas, porque aqui estamos vivendo cada minuto e os dados da história continuam sendo mexidos no copinho; mas sobre o que já passou, sim, podemos falar e temos a obrigação de fazê-lo sem exagerar os dados em nenhum sentido."

Outros capítulos que merecem atenção especial: *A Nicarágua vista por dentro — IV*, retrato de uma menina combatente de 15 anos; *Dez pontos sobre os is*, nova retificação ao trabalho de outro jornalista; *O escritor e sua atividade na América Latina*, texto lido num seminário de política cultural e libertação democrática na América Latina, onde Cortazar coloca o papel que cabe ao escritor como cidadão; e *Discurso no recebimento da Ordem Rubén Darío*, lido em fevereiro de 1983, exatamente um ano antes da morte do escritor.

LIVROS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO
*01. - **O Amor nos Tempos do Cólera** - Gabriel Garcia Marquez (Record)*
*02. - **Um Capricho dos Deuses** - Sidney Sheldon (Record)*
*03. - **O Perfume** - Patrick Suskind (Record)*
*04. - **O Preço da Honra** - Morris West (Record)*
*05. - **A Filha da Noite** - Marion Zimmer Bradley (Imago)*
NÃO FICÇÃO
*01. - **Só é Gordo quem quer** - João Uchôa Jr. (Guanabara)*
*02. - **A Arte de Separar-se** - Edoardo Giusti (Nova Fronteira)*
*03. - **História Secreta da Rede Globo** - Daniel Herz (Tchê)*
*04. - **Rumo à Estação Finlândia** - Edmund Wilson (Cia. das Letras)*
*05. - **Made in Japan** - Akio Morita (Cultura)*
AUTORES CATARINENSES
*01. - **Por que faltam os alimentos** - Egon Nort - (UFSC)*
*02. - **Jurisprudências Trabalhistas Catarinense** - (Lunardelli)*
*03. - **Comunicação nas Relações Humanas e Organizacionais** — Cesar Luiz Pasold (Estudantil)*
*04. - **Ondas Mentais Positivas** — Mari T. Koeche (Ed. do Autor)*
*05. - **Literatura Catarinense** — Pedro Albeirice da Rocha (Ed. do Autor)*

PESQUISA — ACEL — Associação Catarinense de Editores e Livreiros
FONTES — Livrarias: Catarinense, Lunardelli, Estudantil (Fpolis), Alemã (Blumenau) J. Rath (Lages), Lili Guntert (Joinville), Fátima (Criciúma), Menegatti (Concórdia), Urca (Tubarão).

1987

leitura/crítica

45 Enredos Aliciantes e Instigantes

Salim Miguel

Mais títulos expressivos chegam ao mercado na área do romance policial. Em comentário recente aqui publicado dizíamos que se o gênero prolifera e é de largo consumo no mundo todo, será bom agora assinalar que embora a grande maioria seja de subliteratura de linha de montagem, existem vertentes válidas como literatura, textos bem realizados seja na linha de detecção de um Conan Doyle ou uma Agatha Christie ou um Simenon seja na linha de ação com autores do nível de um Hammett ou um Chandler.

Três novos livros há pouco publicados merecem destaque. São eles:

Um tom cinzento de culpa, de John D. MacDonald, tradução de Rosaura Eichenberg, publicado pela Companhia das Letras SP;

O inimigo imediato, de Ross MacDonald, tradução de Leila de Souza Mendes e Paulo Henrique Britto, também publicado pela mesma Companhia das Letras; e

Um jeito tranquilo de matar, de Chester Himes, tradução de Alvaro Hattnher, publicado pela Editora Brasiliense SP.

Os dois primeiro autores, por exemplo, bebem tranquilamente nas águas de um Hammett, como poderiam beber nas de um Chandler. Ou em ambos, sei lá. O terceiro já tem uma linguagem mais própria, mais dura, mais direta, ao mesmo tempo em que se singulariz pelo fato de ser um negro numa sociedade de brancos e ter como personagens principais dois detetives negros.

John D. MacDonald, se bem que nome importante, é pouco conhecido entre nós. Ou quase desconhecido, a não ser por uns poucos contos. Cremos mesmo ser este o seu primeiro romance aqui publicado.

Ele tem uma vasta bagagem de mais de 70 romances e cerca de 500 contos, em grande parte deles aparecendo o detetive Travis McGee.

Narrado na primeira pessoa, McGee, espécie de Robin Hood, que rouba dos ricos para dar aos pobre e desvalidos, em lugar de floresta vive num barco, é irônico e bom *vivant*, sempre rodeado de belas mulheres, boas comidas e melhores bebidas. Ele luta pelos espoliados da sociedade, mas sem esquecer que precisa também viver. Revela com precisão o quadro de um mundo corrupto de políticos e policiais envolvidos numa sociedade corrupta onde prepondera o deus dinheiro.

A trama de *Um tom cinzento de culpa* se centra na morte de um amigo de McGee que se recusa a ceder um pequeno terreno encravado entre terrenos de um grupo poderoso que quer armar grossas negociatas.

Aliás, este filme não nos é estranho. Suas implicações aí estão no nosso corriqueiro dia-a-dia.

A partir daí, e em algumas ocasiões utilizando as armas dos inimigos, o autor cria um clima que envolve o leitor, levando-o a um destecho plausível.

Ross MacDonald, autor de *O inimigo imediato*, nos é bem mais conhecido. Ele e seu detetive Lew Archer já tem quase uma dezena de títulos publicados no Brasil.

Se aqui também a linha é a de um Hammett ou um Chandler, se também aqui a narrativa é na primeira pessoa, a estrutura deste "arqueiro" que luta contra a corrupção é diferente. Em geral, a partir de um começo mais ou menos padrão (Lew Archer chamado para investigar uma fuga, um desencontro, uma filha que larga o pai em companhia de alguém que não merece crédito) o autor recua até nos colocar num passado obscuro, onde tramas e subtramas revelam não só o passado da personagem que no primeiro momento motiva a história, mas muitas outras que em torno dela giram.

Também aqui temos o envolvimento do ser humano nas malhas da cidade grande, nos meandros da corrupção, nos políticos e nos policiais que buscam apenas o interesse próprio.

Aqui é um casal que chama Archer para descobrir e trazer-lhes de volta a filha que fugiu com um jovem deliquente. Mas já a partir deste início o próprio casal que o contrata se desentende. E de repente

o detetive está envolvido numa história com numerosas ramificações. E se ele está envolvido, logo, numa técnica comum ao romance policial, também o leitor se encontra envolvido e quer participar da perquirição, quer saber como tudo aquilo se desenvlveu até chegar a um início que em aparência nada tinha a ver com o cerne da trama.

Autor de mais de 20 títulos que tem Archer como personagem, o detetive de Ross apareceu em alguns filmes, um deles bastante conhecido e reprisado na televisão interpretado por Paul Newmann.

Já assinalados que o romance policial é um rico filão com numerosas vertentes. Se a parte maior é descartável, outra oferece um bom panorama da violência do nosso mundo, e especial dos grandes centros urbanos, ao de qualidades literárias e boa estruturação narrativa.

Os leitores que desejam mais violência, temperada com pitadas de humor (além da boa qualidade literária) se darão bem como os livros de Chester Himes e seus dois detetives negros, Ed Caixão e Coveiro Jones.

O insólito já começa pelo fato de, numa sociedade preconceituosa como a norte-americana, alguém ter a coragem de criar dois detetives negros — quando o normal é serem os negros, sempre ou quase sempre, os que estão do outro lado da lei, perseguidos e encurralados pelos mocinhos brancos que limpam a área. (Existe, ainda, a agravante do próprio autor ser um negro). Bem verdade que um outro lado modesto, se compara com os grandes chefões brancos. Os detetives negros atuam num bairro negro, lidam com marginais negros, se envolvem com personagens que possuem taras (como o branco que procura moças negras para nelas exercer seu componente de sadomasoquismo).

Num diálogo direto fustigante, temperado de humor, Himes traça um angustiante e dramático painel de determinado segmento da sociedade americana dos nossos dias.

E, ao contrário de Hammett, por exemplo, que foi detetive da agência Pinkerton, extraindo muito de suas histórias do conhecimento ao vivo que tinha da convivência policial x bandido, Himes passou sete anos atrás das grades, numa penitenciária estadual, por assalto a mão armada. Foi na penitenciária que escreveu sua primeira novela policial. E não mais parou. Desencantado com seu país, mudou-se para a Espanha, onde viveu o resto de sua vida, de 1953 a 1984, e onde escreveu a maior parte de sua obra.

Um jeito tranquilo de matar nos leva até mais uma noite no Harlem.

Estamos num bar infecto, onde a violência explode, em meio ao *jazz*, à dança, à bebida, às discussões que se transformam em brigas. Logo a ação se transfere para a rua, onde um branco é assassinado.

Os suspeitos fazem parte de um bando de adolescentes. E quando são destacados os investigadores negros Ed Caixão e Coveiro Jones. Aprofundando a investigação chegam até um caminho que não lhes interessaria, mais que envolve uma estranha comparsaria.

A ação é rápida, construída com precisão; o clima, exaperante, tenso e intenso, se mantém durante todo o decorrer da trama que inclui em sua intriga a própria família de um dos detetives negros. Uma leitura alucinante e ilustrativa.

1987

Mas isso eram tempos escolares, boemia. Ao redor do nada... za ficará aos cuidados das *curiosas*. cordeiros, sempre a espera do que já nos parece impossível.

Dois Títulos Ilustrativos

46

Salim Miguel

Dois títulos bastante ilustrativos para uma melhor compreensão do processo de colonização de Santa Catarina, e de como ele se fez, acabam de aparecer: *Crônica à margem da história de Rio do Oeste*, de Alice Bertoli Arns, edição da autora e *Índios e brancos no sul do Brasil — a dramática experiência dos Xokleng*, de Sílvio Coelho dos Santos, editora Movimento/PA — co-edição INL/ Brasília, este em 2ª edição.

Alice Bertoli Arns, natural da região que estuda, é professora no UFP e já nos havia oferecido outro trabalho expressivo, "Laguna, uma esquecida epopéia de franciscanos e bandeirantes"; Sílvio Coelho dos Santos é professor na UFSC, pesquisador e antropólogo, com vários livros publicados.

A recuperação do passado — e quantas vezes um passado nem tão distante assim — não tem sido tarefa fácil entre nós. Os documentos são raros, quando não inexistentes, as fontes de pesquisa escassas e insuficientes, bem poucos têm paciência de se debruçar e esmiuçar montes de papéis e anotações desordenadas, sem saber se vão conseguir extrair elementos que os ajudem e lhes permitam reaver parcela da história.

Daí o significado que adquire, por exemplo, uma crônica como esta de Alice Bertoli Arns ou de depoimento como o de Sílvio Coelho dos Santos.

Muito embora com propostas bem diferenciadas, os dois trabalhos acabam por nos ajudar a compreender um pouco melhor o proceso que levou o estado (e por via de conseqüência o país) ao estágio em que se encontra.

Mais do que a crônica de seu avô, o pioneiro e colonizador Luiz Bertoli, mais do que um retrato de família, a autora acaba por nos fornecer subsídios bastante valiosos para a história da colonização italiana em Santa Catarina.

Se por um lado ela teve a sorte de entrevistar-se e colher ao vivo as palavras de alguns dos pioneiros, de encontrar numerosas fontes primárias, por outro, nutrindo-se de suas próprias raízes, soube transmitir com singeleza e ordenar com propriedade o material, de forma a nos mostrar um painel convincente da época, do meio, dos percalços e das lutas que aquele punhado de seres enfrentou.

Lembramo-nos, aqui, de um livro há pouco publicado pela editora da UFSC, *Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil*, do Pe. Luigi Marzano, tradução do pe. João Lenoir Dall'Alba, onde o autor relata a chegada de um grupo de imigrantes e de que maneira viram eles a nova terra e quais os problemas da adaptação.

O ponto de partida do livro de Alice Bertoli Arns foram, como ela mesmo confessa, as recordações de infâncias, os causos que ouvia ou que lhe contavam. Mas também, as palavras do pai, que chegou criança a Rio do Oeste, vindo de Rodeio. Diz ela, em "À guisa de introdução", pp 13: "Sabendo, meu pai, que sempre esteve muito vivo em mim no sentido da História — pois, menina ainda, passava horas ouvindo a Luiz Bertoli narrativas do pioneirismo e da colonização que o levara até os extremos do Rio do Campo — incumbiu-me de registrar os fatos de Rio do Oeste".

E logo adiante, voltando a referir-se o quanto deve ao pai, Leandro Bertoli: "Leandro Bertoli, sentindo-se, em consciência, responsável pelo registro da história de sua terra, sentou-se e escreveu, a seu modo peculiar, mais de cem páginas manuscritas sobre fatos e acontecimentos do Rio do Oeste, procurando, assim, cumprir a vontade de seu mestre do Colégio Santo Antônio, de Blumenau, frei Estanislau Schaette".

O livro, escrito em estilo agradável, não se limita a relatar a penetração dos pioneiros nem da ocupação dos espaços no interior de Santa Catarina. Vai além: fala da paisagem, das periódicas enchentes, dos contactos com os elementos indígenas, dos aspectos sócio-econômicos e culturais da comunidade italiana, das festas religiosas tradicionais, do relacionamento humano, da educação e da cultura popular, da literatura oral e da música. Valorizam ainda o livro a abundante iconografia, os mapas e a musicografia.

Já a proposta de *Índios e brancos no sul do Brasil* se situa dentro de uma linha de atuação que marca toda a trajetória de Sílvio Coelho dos Santos. Ele narra, com emoção, anotando e documentando, a violenta conquista da terra, esclarecendo e aclarando aspectos de uma dramática aventura que começou no momento em que ocorreu o primeiro encontro dos índios com os brancos.

As palavras do índio Vechá Priprá, que o autor transcreve na "orelha" do livro são reveladoras na sua dramaticidade. Dizem: "Veja Sílvio, o branco diz pro índio se civilizá. Mas como chegá a isso se o índio não tem direito a nada; índio não é nada; não pode fazê nada em sua terra. Assim é melhó o índio se documentá. Deixá de sê índio. Eu não entendo: a terra é do índio, mas o índio não pode fazê nada". E um pouco mais adiante, numa declaração que é um grito de mágoa e desespero: "Mas, não. Promete. E nada. O índio fica esperando. Esperando. Não se sabe mais se vale acreditar. Eu já não acredito mais...".

É em cima deste quadro desolador que Sílvio Coelho dos Santos estrutura seu trabalho, esclarecendo e denunciando. Na introdução acentua ele: "Ela (a obra) é resultante de muito trabalho e cheia de amor pelo homem em estudo. Ela pretende oferecer dados concretos para o surgimento de medidas em favor dos integrantes do grupo e também fundamentar o estabelecimento de um indigenismo mais eficaz e atuante".

Mais de dez anos passados da primeira edição, infelizmente o quadro permanece o mesmo. Se é que não piorou. Daí a importância e a atualidade da reedição.

1987.

MIGUEL, Salim. Cinema e Mito. **O Estado**, Florianópolis, 12/07/1997, p. 8, Leitura & Lazer.

quiser. De perturbador fica o percentual que dizem nos diferenciar: um por cento. No mínimo, constrangedor.

leitura/crítica

Cinema e Mito

47

SALIM MIGUEL
Colaborador do Leitura & Lazer

Em inícios de junho realizou-se em Porto Alegre o Seminário Internacional sobre Atualidade do Mito, numa promoção da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com apoio do CNPq, da CAPES, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fullbright e do Conselho Britânico. Durante uma semana foram debatidos Mito e Teatro, Mito e Literatura, Mito, Filosofia e História, Mito e Psicanálise, Mito e Música, Mito e Cultura Brasileira. Convidado a participar, minha comunicação teve como tema Mito e Cinema. Transcrevo, a seguir, a parte final da comunicação, que se refere ao Brasil:

DE que modo se insere o cinema brasileiro no esboço que intentamos traçar? Qual seu significado na cinematografia universal? Já oferece contribuição própria? Dá uma idéia do que somos como povo, com todas as nossas diversidades e dificuldades? Teve o Brasil condições objetivas e subjetivas para criar uma linguagem cinematográfica específica e uma mitologia que a ela aderisse?

Já vimos que a primeira projeção no Brasil se deu apenas seis meses após a invenção do cinema. Mas não se tem data precisa da primeira rodada de manivela. Diz Alex Viany que muitos filmes em um rolo foram produzidos até 1910. Eram registros de acontecimentos sociais e políticos, ou cenas apanhadas em locais pitorescos. Já em 1906, no entanto, Antônio Leal produzia um filme de ficção baseado num crime notório. O filme teve diversos títulos, mas é lembrado como **Os estranguladores**.

Nem por isso a produção nacional de fitas teve uma caminhada regular ou tranqüila.

No decorrer de nossa história foram plantados no subconsciente popular inúmeros mitos. Um que deu muito trabalho para anular foi que o Brasil não tinha petróleo; e, por sinal, era bom que não tivesse pois não teríamos capacidade quer financeira quer técnica de explorá-lo. Entre outras coisas, dizia-se também que o brasileiro não sabia fazer cinema (e saberia fazer qualquer outro tipo de arte, pois questionava-se nossa literatura, nossa música, nossa pintura) e jamais teria condições práticas de ter uma indústria cinematográfica sólida e criativa. Tal afirmação reforçava a atitude hipercrítica para com nossas realizações eventuais. Enquanto isso, do cinema de fora tudo se aceitava.

De repente, isolado, surgiu não se sabe como nem porque, um **Limite**, de Mário Peixoto. Em torno dele se formava toda uma irreal mitologia. Mais citado do que visto, mais aplaudido do que apreciado, seu exemplo não proliferaria e seu realizador ficava neste filme único, prometendo outros que jamais sairiam do papel ou de sua cabeça.

Anos vazios se passavam. Quase não se tomava conhecimento da obra de Humberto Mauro. Depois, aos poucos, despontavam outros títulos: **Os canceiros**, de Lima Barreto;**O pagador de promessas**, de Anselmo Duarte; **Vidas secas**, de Nelson Pereira dos Santos; **Sá Bernardo**, de Leon Hirshmann; **Deus e o diabo na terra do sol**, de Glauber Rocha. Alguns mais...

Até hoje nossa produção vem se processando em ciclos mais ou menos estanques. Tendências e influências pululam, se sobrepõem, se entrechocam. Não se pode falar em predomínio constante, mas é patente a preponderância do modelo americano e o desejo de imitá-lo. Não existiam (nem existem) recursos para seguir os grandes espetáculos cecildemilianos, incompatíveis com a realidade social e econômica do país e que nada significam em termos de arte. Nem a vanguarda francesa nem o expressionismo alemão motivavam produtores e público. A penetração dos cinemas inglês, russo, japonês sempre foi pequena. Durante algum tempo, a partir da década de cinqüenta, uma saída provável pareceu estar no neo-realismo italiano, de temas viáveis e menor custo.

Falemos dos ciclos. Eis alguns: o de Cataguases com a figura predominante de Humberto Mauro. O da Atlântida, com a chanchada que laborava uma espécie de pastiche ou paródia do musical e da comédia americana. O baiano e o mineiro em busca de suas raízes. O gaúcho, recuperando um modo de ser da juventude dos anos setenta e o da Vera Cruz, na década de cinqüenta, tentando transplantar para o nosso meio, irrealisticamente, uma indústria moldada nos grandes estúdios **hollywoodianos**. Por fim, o cinema novo e a pornochanchada.

A ordem cronológica pode não ser esta nossa desordem. Pouco importa para o que pretendemos.

A pornochanchada apelava para os instintos mais primários, vivia do epidérmico, utilizava-se de meia dúzia de fórmulas estereotipadas. Tem sido salientado, com propriedade, a ligação do filme pornô com o AI-5. Banido o debate e o questionamento das artes de massa (e não só delas), apelou-se para a aparente transgressão dos bons-costumes, enquanto se reduzia o sexual ao genital, reforçando o estereótipo do brasileiro com os testículos na cabeça.

Com o cinema novo abria-se uma promissora fase. Era o assim chamado **cinema de autor**. Uma câmera na mão, uma idéia na cabeça.

Se por um lado puxava para o neo-realismo italiano, no que diz respeito a orçamentos baixos e a uma certa visão desmistificadora da vida, por outro, investia, quase sempre, num intelectualismo distanciado dos produtores que temiam arriscar-se nele e mais distanciado do espectador comum, a quem a mensagem custava a chegar ou não chegava. Criava-se novo impasse, que mesmo com o surgimento da Embrafilme (pensada para um outro diferente contexto político) não fi solucionado.

Tornava-se difícil criar um padrão, uma marca identificadora. Discutia-se que os filmes estavam sendo feitos para ganhar prêmios em festivais. O mercado interno continuava dominado pelas superproduções, pelos filmes sem conteúdo, que nada contribuíam para melhorar o nosso produto ou o nosso espectador.

Forjar uma indústria forte? Forjar uma arte? Forjar mitos? Competir mesmo internamente com o produto estrangeiro?

De que maneira?

Carmen Miranda seria a nossa Greta Garbo? Cadê nosso Carlitos? Estaria na pele de um Grande Otelo ou de um Oscarito?

Queremos deixar bem claro: não que eles não tivessem qualidades histriônicas ou carisma. Mas faltava ao nosso cinema um embasamento, uma proposta, uma continuiade. Faltava, acima de tudo, pensar-se o cinema como arte e como indústria. Uma indústria atenta à nossa realidade, ao que temos a mostrar como povo, não querendo imitar ou copiar modelos alheios a ela.

Tomemos um exemplo: o do filmusical.

Rio, zona norte, de Nelson Pereira dos Santos poderia ter sido um rico filão. Dar início (ou continuar, se pensamos nas chanchadas musicais da Atlântida) a uma prolífica mitologia do compositor popular, do sambista de morro, do sambista de carnaval, do cantor rural. Não houve como prosseguir. Ficou-se naquele embrião.

E por insólito que pareça, nessa trilha o melhor resultado (sabemos das restrições que se levantaram e das críticas que continuam se fazendo ao filme) é o do diretor francês Marcel Camus, calcado na peça de Vinícius de Moraes. Queremos nos referir a **Orfeu da Conceição**, onde um tema da mitologia grega é adaptado à nossa realidade de hoje.

Aqui é bom esclarecer que, embora defendendo leis protecionistas para nosso cinema (número mínimo de dias de exibição, preço do filme virgem e do equipamento, taxação do produto estrangeiro, combate à venda em *pacotes*) - pois estamos na situação, que seria ridícula caso lhe ignorássemos as causas, de lutar para conquistar o mercado brasileiro, embora nesta posição, não defendemos reserva de mercado temático ou confinamento temático. Que outros nos usem como tema (e nos reservamos o direito de gostar ou não) e que nossos artistas se sintam livres para explorar o mundo sem fronteiras e o tempo sem limites. Apenas é bom lembrar que, para que a mente possa sonhar, as raízes que buscam a seiva precisam de chão.

Prossigamos com exemplos: o futebol. Como explicar a inexistência de uma filmografia sobre a paixão maior do brasileiro!

Mais exemplos? O cangaço. Nem importa, para o que pretendemos, saber se a melhor escola seria a de um Lima Berreto ou de Glauber Rocha. O tema em si é o que interessa - e suficientemente rico, havendo campo para abordá-lo de todos os ângulos imagináveis. A maneira de tratar o tema é outra história. Melhor: outro filme.

Basta percorrer, mesmo que superficialmente, o nordeste. Logo nos deparamos, entranhado no povo, o mito do cangaço. Pois, conforme acentua René Gardies ao examinar a obra de Glauber Rocha, "o universo mítico permite a seus signos uma impressionante disponibilidade. Estão livres para migrar e para depositar seu sentido tanto entre juncos brumosos como no ventre da areia ardente: fica abolida a distância entre uma e outra. Tal geografia tem uma regra fundamental: a **não-contradição**.

O CINEMA, como toda arte que se preze, deve ampliar sempre mais seu leque de abrangência, deve possibilitar vários níveis de leitura, deve, também, preservar um componente lúdico.

Paulo Emílio Salles Gomes dizia ser o cinema "a mais impura das artes e seu destino é refleti-las todas". Se assim é, porque então não termos uma indústria fílmica contínua, ambiciosa, que elabore seus mitos, que trace um expressivo painel do país, de sua gente, de suas transformações? Pois, como dizia o profeta Noel Rosa, "o cinema falado é o grande culpado da transformação".

Perfeito.

Uma transformação que nos atinge, que nos toca, que nos influencia. Quer queiramos quer não. E que transita em nosso cotidiano (con) viver.

Chegaremos lá? Chegaremos. Basta querer.

Como nos gostosos seriados de antanho, aguardemos com ânsia o próximo episódio. Quando o Minotauro deverá ser derrotado acabando com a incredulidade e a desesperança que campeiam entre nós.

Vamos torcer pelo **happyend**.

Ajudando, lógico, a acontecer o **happyend**.

leitura/crítica

SALIM MIGUEL
Colaborador do Leitura & Lazer

Teatro de Alencar, Unidade e Diversidade em Dois Ensaios

A aceitação do romancista José de Alencar foi mais ou menos imediata. E continua até hoje, com reedição periódica de alguns de seus títulos mais significativos. Publicando sucessivamente trabalhos na área, em abordagens diversas, que iam do romance histórico aos perfis de mulheres, ele revelou com sensibilidade aspectos da realidade de seu tempo e de seu meio (ou do nosso passado) e soube chegar até o público que consumia seus livros e não lhe negou aplausos. A fortuna crítica do romancista Alencar também é bastante expressiva.

Claro que seus índios idealizados (as Iracemas de lábios de mel e os hercúleos Peris) mereceram restrições dos estudiosos, por retratarem deformativamente um povo, não correspondendo em quase nada ao estereótipo que Alencar traçava.

Isto, contudo, de maneira alguma invalida-lhe a obra, que permanece até hoje como um momento importante de nossas letras. Não podemos, parece-nos, compará-lo a um Machado, um Pompéia, um Manuel Antonio de Almeida, para ficarmos em nomes que lhe estão mais próximos no tempo. Mas nossa literatura não é tão rica em valores a ponto de ignorar um José de Alencar, nem a contribuição que ele deixou para a criação de um modo de narrar autenticamente brasileiro.

Também o político José de Alencar teve posição de destaque em seu meio e em sua época, projetando-se por sua postura e por suas colocações a respeito dos problemas nacionais.

Por outro lado, escrevendo sobre nossas letras e depondo sobre seu próprio papel como intelectual, soube ele situar com percuciência o problema da escrita e o problema da língua nacional, o papel do romance e o papel do romancista na sociedade.

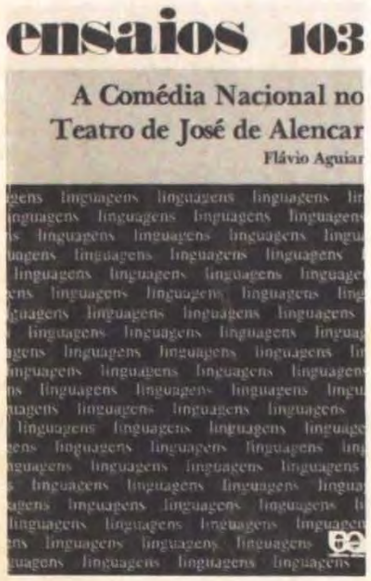
Não é nosso intuito, aqui, entrar especificamente no mérito da obra alencariana, nem aprofundar uma análise qualitativa dela. Mas ver, tendo como base dois ensaios não há muito publicados, de que maneira se insere, no que ele deixou, a produção teatral.

A primeira observação é que seu teatro nunca mereceu maior aceitação. Bem verdade que a maioria de suas peças foi representada. Alencar conseguiu ver no palco figuras de sua criação circularem em carne e osso, emocionarem e intrigarem o espectador. Mas aí mesmo, se comparadas com outras atividades suas, tiveram repercussão menor e dimensão menor. E quem nos garante que a representação não se deva, no todo ou em boa parte, ao prestígio do que gozava Alencar romancista e político.

Hoje pouco ou nada se fala das peças alencarianas — menos ainda são reeditadas ou representadas.

No entanto elas não ficam muito a dever a outras peças da época, como as de um Martins Pena ou um Joaquim Manuel de Macedo. Isto para não falar em Machado de Assis, cujas peças também não se destacavam pela qualidade, se comparadas com seus contos ou romances.

Todas, em conjunto, significam um determinado estágio de nosso processo da criação literária, refletem a visão que se tinha da dramaturgia e do papel da encenação. Mais ainda: da avassaladora influência de modelos exteriores, predominantemente franceses.



Tais aspectos, e muitos outros, estão situados com precisão nos ensaios de Flávio Aguiar (**A comédia Nacional no Teatro de José de Alencar**/Ed. Atica-SP-1984) e de Myrna Bier Appel **Idéias encenadas: o teatro de Alencar**/Ed. Movimento-RS-1986).

Primeira observação: como entender que num curto período de tempo apareçam dois exaustivos trabalhos sobre o teatro de Alencar, examinando-o com minúcia? O que teria levado um Flávio Aguiar, ficcionista e professor e um Myrna Bier Aguiar, ensaísta e professora, a vasculhar arquivos empoeirados, a se deterem no pó das bibliotecas para recuar até o passado e tentar exumar uma parcela reconhecida como menor na obra alencariana.

Certo, ela ajuda a entender no seu todo homem e obra; claro, ela ajuda a melhor compreendê-lo permitindo que cheguemos até ele e a sua concepção da função da obra de arte.

Embora publicados com uma diferença de três anos, cremos que o levantamento do material, a ordenação do que foi possível recolher e as dificuldades enfrentadas devem ter sido semelhantes. E deve ser de igual interesse dos estudiosos debruçar-se sobre os dois textos e ver de que maneira um e outro chegou ao teatro alencariano.

Nosso propósito é menor. Queremos apenas deixar sucintas anotações a respeito. Principalmente chamar a atenção dos interessados para estes dois importantes ensaios. Trabalhos assim ajudam a mais e melhor conhecer e compreender o processo de criação.

Myrna acentua que "entre as diversas áreas escassamente estudadas inclui-se a dramaturgia alencariana" e Flávio alerta: "fique o leitor dessa obra avisado de suas (minhas) dificuldades de começá-la." Mas ambos venceram com brilho o desafio, realizando uma pesquisa que nos devolve não só a obra teatral de José de Alencar, mas também um pouco mais do homem e de suas preocupações.

Se divergências existem entre os ensaístas (e elas são mais do que naturais) pelo menos em pontos básicos os dois concordam.

O primeiro: para ambos Alencar tomou como mestre na realização de sua obra teatral alguém que lhe parecia o melhor autor de sua época, Alexandre Dumas Filho. Francês, claro. Isto, também ambos acentuam, pode ser observado na estrutura e no clima das peças, no ritmo e no andamento da ação, na criação das personagens — e até no tom meio palavroso.

Outra aproximação nos parece necessária. É quando chegam à análise das peças, coincidindo em boa parte. Tomemos apenas um exemplo: **O Demônio Familiar**, uma das peças mais conhecidas (ou menos desconhecidas, sei lá!) de Alencar. Desde sua primeira apresentação a crítica se dividiu, criando-se uma pequena polêmica em torno do tema e da proposta ali implícita: seria ela abolicionista ou escravagista?

Flávio e Myrna concordam em que, muito embora o autor não o pretendesse e buscasse até mesmo uma postura progressista, **O Demônio Familiar** é conservador e tem laivos escravagistas. A postura do branco em relação ao negro é, na melhor das hipóteses, "paternalista".

Mas os ensaios não se esgotam em tais questões. Eles vão além, buscam avaliar qualitativamente os trabalhos, são instigantes e abrangentes. Nem se limitam a uma análise formal, textual, esquemática, seca. Situam o homem e o artista no centro mesmo de seu universo e de seu tempo, querem dali extrair o que mais importa para a compreensão do ser humano.

A respeito do trabalho de Myrna diz, com muita pertinência, Donaldo Schuler: "Unindo o rigor da análise à fluidez da exposição, Myrna Appel, ao examinar o teatro de Alencar, desperta as inquietações de uma personalidade que se destacou no delineamento de nossa individualidade literária".

Isto é válido também para o ensaio de Flávio Aguiar.

Por tudo que os dois ensaios contêm, e muito mais, pois permitem vários níveis de interpretação, são leituras que nos acrescentam em conhecimento e verdade. E se é bom conhecermos qualquer um dos ensaios, melhor ainda nos determos na leitura de ambos com o que possam comportar de unidade e diversidade.

tada projetou o **Marron** sobre a calçada. Era muita algum dia recusou uma foto do folclórico **Taréco**.

leitura/crítica

SALIM MIGUEL
Colaborador do Leitura & Lazer

49

Um Ensaio Instigante

CREIO ter sido em fins da década de 50 ou nos inícios da de 60 que fiquei conhecendo mais diretamente Péricles Prade. Talvez antes já nos tivéssemos cruzado em lançamentos ou pelos bares da noite florianopolitana. Nós estávamos saindo da experiência de dez anos do Grupo SUL; procurávamos suprir o vazio que então se fez. Pouco depois partíamos para outra publicação de vida curta, mas que marcou espaço nas letras catarinenses e que, sem explicação, é hoje raramente citada (o jornal **Roteiro**). Além de aglutinar nomes vindos do **SUL**, reunia outros que logo se projetariam.

Foi através das Edições Roteiro que viriam a aparecer, pouco depois, os dois primeiros livros de poesia de Péricles Prade. E já naquela época era evidente sua inquietação intelectual, sua ânsia de buscar caminhos próprios. Mas ele não se satisfazia com a produção poética ou com os artigos sobre temas variados que ia espalhando pela imprensa. Queria mais: ensaiava-se também na crítica de artes plásticas, queria investigar o fenômeno da criação de forma abrangente, preparava-se para o exercício da advocacia.

É de 1963 seu primeiro livro de poesia, **Este interior de serpentes alegres**, numa linguagem surrealista que já tem em embrião algumas das linhas que definiriam sua trajetória futura. Do mesmo ano é **Ah! lâmina**, prosa poética, onde Prade prossegue em sua caminhada e no qual poderiam ser vislumbradas características da literatura fantástica, de que viria ele a ser um dos precursores no estado. Claro que se aprofundarmos mais a investigação, se recuarmos mais, poderemos chegar até o mágico e o fantástico que perpassam a ilha de Santa Catarina e que podem ser detectados na obra de Franklin Cascaes (suas pesquisas do folclore ilhéu de raiz açoriana). A esta rica vertente somam-se, em Péricles Prade, o que ele buscou abeberar em sua infância interiorana e nas leituras de autores estrangeiros que o marram. Cremos, também, que em um Murilo Rubião. Deve-se ainda anotar a influência de artistas plásticos, em especial um J. Bosch ou um Rreughel. E porque não citar um E. Meyer.

De 1964 é o segundo livro de poesia de Prade, **Sereia e Castiçal**, onde o autor dá mais um passo na procura de uma narrativa específica e na criação de sua linguagem. Passa, então a colaborar com mais freqüência na imprensa, a participar de reuniões e debates, firme na defesa de suas idéias e de sua concepção da arte.

Em 1970 (creio que já então se encontrava morando em São Paulo) aparece o livro que viria situar Péricles Prade na literatura de seu tempo e de seu meio. A partir daí, já publicando por editoras de fora do estado, passando a chamar a atenção da crítica para sua obra, consolidaria uma posição como poeta e como prosador, com títulos do nível **Alçapão para gigantes; Nos limites do fogo; Os faróis invisíveis**. É bom observar-se a simbologia implícita ou explícita nos títulos de Péricles Prade e que remetem o leitor para o inusitado — mas um inusitado que se encontra presente e flagrante no dia-a-dia.

Agora, resultado de sua atuação constante no terreno das letras e da maior divulgação de seu trabalho, aparece na Itália um exaustivo ensaio sobre a obra de Péricles Prade: **Frontiere dell' immaginario - Mito e rito nella serittura de Péricles Prade**, por Franzina Ancona.

A autora busca, numa análise minuciosa e documentada, as raízes primeiras da produção de Prade, demorando-se em investigar as fontes que levaram à criação de uma obra que se desdobra entre a prosa e a poesia, mas numa linha tão tênue que, em muitas ocasiões os dois campos se confundem e interpenetram.

Antes de tecermos breves considerações a respeito do ensaio gostaríamos de nos referir ao **Prefácio** de Gianfranco de Turris; mais especialmente ao trecho onde ele acentua que 'Il fantastico' attuale ha, in genere, una quase ovvia funzione: quella di transgredire il reale". Perguntamos: será isto mesmo? Ou mais e melhor: o fantástico, hoje, neste nosso tão conturbado mundo, interfere de tal maneira no real que se torna parte inseparável dele?

No caso específico de Péricles Prade o fantástico não tem uma delimitação (como não tem num Borges ou num Rubião), ele pode tanto partir de uma situação comum como de uma palavra, uma frase, explodindo numa simples colocação objetiva ou subjetiva ou a partir de uma situação base-limite.

Tomemos como exemplo flagrante a história de **O herói salva a cidade dentro de um sapato** (in **Os milagres do cão Jerônimo**). A frase que abre o causo é comum, banal, corriqueira: **o sapato ainda está cheio d**água. A partir dela podemos tomar várias direções, imaginando as intenções do autor. Mas já a partir da segunda frase (**Os habitantes, submersos após a inundação, constatam a presença indesejável do perigo**), vamos entrando no clima que o autor pretende criar, para mais adiante definir sua proposta. Nem importa, aqui, para o leitor, situar-se melhor no contexto, saber que o autor provém de uma região onde as enchentes são periódicas. O que importa, acima de tudo, é passar a participar do que está sendo narrado — e aceitar-se ou não a narrativa.

Já em outro conto (**O servo de Schedin**, in **Alçapão pra gigantes**). Prade nos introduz de maneira direta na proposta que pretende nos transmitir. Diz ele: "No cesto encontrei doze ovos de chumbo". Mas se o início é inusitado, logo abaixo temos uma explicação que nos remete para um tempo que já conhecemos ou que poderá ocorrer mais hoje mais amanhã: "Sou o servo do príncipe Schedin, único sobrevivente da terrível catástrofe ocasionada em seu império". Será que não estamos arriscados a participar de tal catástrofe? Ou nem um único servo de Schedin sobrará para relatá-la?

O ensaio de Franzina Ancona pode não nos explicitar o que acabamos de escrever. Mas ela nos instiga a que façamos nossas próprias descobertas, que voltemos aos textos de Péricles Prade. E aí deve estar, também, a função de um trabalho de crítica.

Partindo de uma proposta que tem como base "a formosa deformidade", extraída de um autor do Século XV (Dionigi Certosino), a ensaista italiana vai, lentamente, armando sua trama e nos introduzindo na leitura de Péricles Prade. Claro que, como todo autor que se preza, Prade pode (e deve) também possibilitar outros níveis de leitura. Pobre do escritor (do artista) cuja leitura se esgota numa primeira leitura.

Fiquemos, por enquanto, aqui, naquela leitura que Franzina Ancona nos oferece. Ela, sem dúvida, alarga nosso campo de conhecimento da obra e da personalidade do escritor catarinense, ela nos desvenda segredos que devemos colocar e discutir, ela avança (e por vezes recua) na sua análise do fato literário para, por fim, concluir que se não é facil examinar um autor com tais preocupações, mais dificil se torna se é, como no caso de Péricles Prade, um autor ainda em preço de criação, que tem uma longa caminhada pela frente.

Instigante e percuciente, o trabalho de Franzina de repente nos revela como toda a obra de Prade pode ser examinada a partir de uma bi-polarização ou bi-orientação, conforme diz ela, começando por um mundo presente (a maturidade) para se imbricar num mundo passado (a infância). Aliás, é bom aqui acentuar, um escritor, um poeta, um pintor, um músico, vive-nutre-se da infância, reelaborando-a e recriando-a permanentemente - para, através dela, dar seu recado e melhor se situar e compreender seu tempo e seu meio.

Concluimos com palavras da própria autora em seu capítulo "Conclusione", quando ela insiste que é difícil por a palavra fim em um estudo sobre a obra de um autor como Péricles Prade, ainda em evolução. Mas sem dúvida ensaios como o presente são importantes por nos permitirem uma avaliação do escritor e de seu processo na elaboração de sua linguagem e de sua pessoal e intransferível mitologia.

1987

SALIM. Contribuição de Peso. **O Estado**, Florianópolis, 03/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.

Contribuição de Peso

SALIM MIGUEL

50

Mais um importante título para o melhor conhecimento do passado e seus reflexos no presente acaba de aparecer. Trata-se de **A presença italiana no Brasil**, volume de mais de 500 páginas, organizado por Luis A. De Boni e publicado graças ao apoio da Fondazione Giovanni Agnelli.

Resultado de um simpósio realizado em São Paulo entre 21/25 de outubro de 1985, o livro é substancial e abrangente. Conforme diz o organizador, "foi planejado para ser uma panorâmica sobre o tema". E possibilita, no que estamos de acordo com De Boni, "uma visão de conjunto", embora, claro, "não esgote o assunto".

Temos, então, um total de 25 comunicações, todas de real interesse, abordando temas que vão do trabalho de Dante de Laytano ("Italianos na extremadura meridional do Brasil") abrindo o volume, passando por outros como o de Décio Freitas ("Os fanáticos do cosmopolitano") ou de João Leonir Dall'Alba ("Imigrantes italianos em Santa Catarina"), até o de Pietro Maria Bardi ("O Museu de Arte de São Paulo — uma contribuição à cultura brasileira"), fechando-o. Mais adiante iremos nos deter em alguns deles.

Curioso observar como nos últimos tempos vem se ampliando os estudos históricos, no sentido de resgatar a memória do passado, tão relegada durante longos anos. Lógico que não se trata de uma produção sistemática ou sistematizada. Por vezes o trabalho não vai além da simples recolha do material, coletando-o apenas, sem uma análise ou um aprofundamento maiores. Mas a pura preservação das fontes primárias já é um dado significativo. Permite que se resguardam documentos que de outra maneira acabariam por se perder para sempre. E que mais tarde venham servir para que pesquisadores sobre eles se debrucem e os avaliem.

Vamos nos limitar, aqui, a relacionar alguns títulos, subordinados à imigração e colonização italianas há pouco publicados e que nos chegaram.

Comecemos por **Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil**, do Pe. Luigi Marzano, tradução de João Leonir Dall'Alba, publicado pela Editora da UFSC, co-edição Prefeitura Municipal de Urussanga. É um retrato vivo e sensível por alguém que acompanhou um grupo de colonos em busca da nova terra, no caso o sul catarinense. O Pe. Marzano soube fixar o dia-a-dia destes homens, desde o momento da partida, revelando os problemas com que eles se defrontaram até se adaptarem e integrarem.

Se este foi o depoimento de um patrício que aqui chegou no início do século com a leva de imigrantes, já os dois seguintes se diferenciam por serem trabalhos de pesquisadores cujo enfoque deve ser outro.

Ná há muito, menos de dois meses, neste mesmo espaço nos referimos à **Crônica à margem da história do Rio do Oeste**, de Alice Bertoli Arns. Professora e historiadora, filha de alguém que ajudou a desbravar uma região do Vale do Itajaí, a autora soube transmitir com pertinência e ordenar com propriedade o amplo material que lhe chegou às mãos. Mais: teve demoradas conversas com alguns dos homens que iniciaram o processo de ocupação das terras, além de examinar as mais de cem páginas deixadas por Leandro Bertoli *Sobre fatos e acontecimentos do Rio do Oeste*.

Vencer ou Morrer — camponeses trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas do Brasil, de Renzo M. Grosselli, tradução de Ciro Mioranza e Solange H. Luques, já tem outra abordagem. O autor se deslocou da Itália e durante meses (ou anos) percorreu núcleos de colonização italiana em Santa Catarina e no Espírito Santo. O resultado é um estudo exaustivo e minucioso. Só o volume dedicado a Santa Catarina (em processo de produção pela Editora da UFSC, devendo ser lançado em fins de setembro com a presença do autor) tem mais de 600 páginas e um amplo material iconográfico. Aqui caminham lado a lado a busca de fontes, a pesquisa de dados confiáveis e a interpretação do fato com todas as suas implicações e conseqüências.

Voltemos ao livro de Boni. Não podemos, neste espaço dominical, nos deter em todas as comunicações, embora todas tenham interesse. Vamos nos limitar a algumas que mais nos motivaram.

Luis A. de Boni examina *A colonização no sul do Brasil através dos relatos de autoridades italianas*. Ele chega à conclusão de que uma das principais dificuldades é a "falta de documentação" e quando existe é difícil de ser detectada. Depois mostra que muitas das promessas feitas aos colonizadores não eram cumpridas, sendo o problema da educação, talvez o mais preocupante.

Colônia Cecília: anarquistas no Paraná é o tema da comunicação de Beatriz Pellizzetti. Experiência de uma comunidade socialista utópica, a respeito dela, embora existam alguns trabalhos, ainda não se escreveu o suficiente. O médico-veterinário Giovanni Rossi é uma figura fascinante por sua proposta de uma nova sociedade fundada em preceitos que ainda hoje inquietam. A Colônia Cecília sobreviveu e de 1890 a 1904. Depois seus componentes se dispersaram. E durante anos Rossi viveu em Santa Catarina, atuando no Vale do Itajaí. Se a respeito de sua atuação no Paraná existem alguns trabalhos (ensaios como o livro de Zélia Gattai, **Anarquistas, graças a Deus**; ou o romance **Colônia Cecília**, de Afonso Schmidt) pouco se sabe de sua presença em Santa Catarina podendo-se anotar referências num trabalho de Theobaldo Costa Jamundá, **Pessoas Ilustres ligadas a Santa Catarina**. Há alguns anos, fez-se o episódio um filme na França, mas não teve maior repercussão no Brasil.

Existe também uma curiosa comunicação a respeito da arquitetura residencial rural norte-italiana e a de imigração italiana no Rio Grande do Sul, de Júlio Posenato, mas não temos nenhuma referência sobre a tão característica arquitetura italiana em Santa Catarina.

Rovílio Costa mostra de que maneira se pode situar "A literatura dialetal italiana como retrato de uma cultura" e, entre outros, se refere ao trabalho do catarinense José Curi com seu **Raconti de Rio Cedro**, contos escritos em dialeto vêneto. Mas não encontramos nenhuma referência a Juó Bananere, pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, autor de **A divina encrenca**, poema macarrônico em dialeto ítalo-português, "cuja sátira contribuiu para desmoralizar o parnasianismo", conforme acentua Otto Maria Carpeaux.

A comunicação de Miroel Silveira é sobre *A presença italiana no teatro brasileiro*. Sobre o tema cremos que ele poderia ter se detido mais, indicando nomes de atores e autores que participaram (ou participam, como um Gianfrancesco Guarnieri) da criação de nosso teatro.

Com a competência de sempre, Antonio Hohlfeldt fala da cultura italiana e da literatura brasileira, referindo sempre autores descendentes de italianos ou escritores que trabalharam em seus livros com personagens italianos. Ele recua até o primeiro texto italiano que fala do Brasil, o de Amércio Vespucci (1504), dizendo que "a partir daí, até o final do século XIX, sobe a mais de meia-centena o conjunto de trabalhos que, de um modo ou de outro, abordam o nosso país". Depois de estudar a participação que autores do presente século tiveram na literatura brasileira (um Menotti del Pichia, descendente de italianos e participante da Semana de Arte Moderna, ou um Antônio de Alcântara Machado escrevendo de modo tão pertinente sobre os italianos **Bras, Bexiga e Barra Funda**, Hohlfeldt chega aos nossos dias, examinando a obra de um Ary Quintella, um Domingos Pelegrini Jr, um Marcos Rey (pseudônimo de Edmundo Donato, um Sabato Magaldi, entre tantos.

Para finalizar, estranhamos a ausência de uma comunicação sobre cinema. É inegável a participação italiana em nosso cinema, especialmente na fase da Vera Cruz, quando A. Cavalcanti se utilizou da mão-de-obra de técnicos e artistas italianos importados ou que já se encontravam aqui, como un Luciano Salci ou um Adolfo Celi.

1987

leitura/crítica

Salim Miguel

Dois artistas, algumas aproximações

DOIS livros, duas propostas, duas visões, dois nomes carismáticos, duas vidas plenas em final de carreira, dois títulos de singular interesse, o mesmo tempo cronológico de quase um século. Melhor: deste nosso século, que viu nascer e se expandir com força incomum uma nova arte.

Estamos nos referindo a autobiografia de John Huston: *Um livro aberto,* tradução de Milton Persson, L&PM-edições/PA e a biografia de Katherine Hepburn por Anne Edwards *Uma mulher fabulosa,* tradução de Roberto de Cleto, Editora Francisco Alves/RJ.

São dois dos últimos sobreviventes (ou os dois últimos, sei lá!) dos chamados *monstros sagrados* de Hollywood. Ambos com mais de 80 anos; ambos com uma brilhante carreira que vem do início da chamada *sétima arte*; ambos tendo participado de todas as transformações por que ela passou e convivido com praticamente todos os mais expressivos nomes que transformaram um *brinquedo,* — no dizer dos próprios criadores, os Lumière, — numa arte e numa indústria poderosíssima, John Huston e Catherine Hepburn depõem — e depõem não por ouvir dizer, mas com pleno conhecimento de causa, partícipes que foram de quase toda a história do cinema.

A concepção que eles têm do cinema pode até ser diferente. Deve até ser diferente. Mas algumas aproximações são possíveis, necessárias, inevitáveis. De relacionamento não muito fácil, egocentrícos, cônscios do próprio valor, em pouco tempo se transformaram em nomes exponenciais da *usina de sonhos,* na feliz classificação de Ehrenburg, dominaram o meio em que viviam e determinaram de que maneira queriam participar, dirigir, atuar, selecionando filmes e papéis. Nem sempre, claro, o resultado foi o que desejaram. Mas na maioria das vezes souberam se impor e transmitir com precisão.

Fizeram caminhos quase paralelos. E quando pela primeira vez se encontraram num filme, o resultado não poderia ser melhor. Logo produziram um clássico inegável: *Uma aventura na África.* Também, não podia ser de outra maneira. A equipe que se reuniu era exponencial: o ensaista e romancista inglês, C.S. Forester, forneceu o argumento; o roteirista (junto com Huston), também excelente crítico de cinema e autor de um importante romance *Morte na família* se chamou James Agee; o ator foi Humphrey Bogart; e Jack Cardiff o cinegrafista. Isto para não falar no pessoal de apoio.

Vale a pena confrontar os dois capítulos, nos quais tanto Huston como Hepburn se demoram na descrição do que foram as filmagens, uma aventura paralela tão fascinante, quanto a que estava sendo filmada.

A carreira de John Huston é singular. Filho do ator Walter Huston, teve uma vida aventuresca, *foi boxeur*, foi domador, foi caçador, foi jornalista, foi contista de mérito, antes de ir trabalhar na capital do cinema como argumentista e roteirista. Sua estréia como diretor não poderia ter sido mais auspiciosa. Foi com *The Maltese Falcon* (que no Brasil se chamou *Relíquia Macabra),* baseado no romance de Dashiell Hammett. Logo, outros títulos igualmente expressivos se seguiriam. Raro o aficcionado por cinema que não se lembre de *O Tesouro de Sierra Madre,* de *Paixões em fúria,* de *O segredo das jóias,* de *A glória, de um covarde,* de *Moulin Rouge,* de *O diabo riu por último,* de *Moby Dick.* Tornou-se um mito como diretor, por sua capacidade e por suas excentricidades. Mesmo doente, amarrado a uma cadeira de rodas e a um tubo para minorar os problemas com o enfisema, continua atuante. Terminou, há pouco, mais um filme. E não fez por menos: baseou-se num conto de Joyce.

O livro de Huston se lê com permanente interesse e agrado; flui como um bom texto ficcional; possue doses de aventura, de ternura, de humor. E traça, com pertinência, o perfil de nomes que fazem parte da constelação hollywoodiana. Veja-se, por exemplo, o retrato de seu pai, Walter, de Orson Welles, de Bogart.

Não menos singular é o livro biográfico de Katherine. Minuciosa, detalhista, a biógrafa Anne Edwards vai construindo lentamente a trajetória de alguém que se traçou um projeto de vida e o cumpriu. Filha de família abastada, o pai, médico conceituado; a mãe figura de destaque em sua época, atuando nas frentes feministas, Katherine tem agora uma biografia que a revela no mais íntimo, desde suas lutas iniciais, contra a estrutura que encontrou na Hollywood do início de 1930, até sua própria personalidade difícil, exigente consigo mesma e com os outros. Os capítulos de seu longo relacionamento com outro grande nome do cinema, Spencer Tracy, mostram de que maneira foi ela abdicando de algumas posições, pois embora separado da mulher e já tendo tido numerosos casos com outras mulheres, o ator sempre se recusou ao divórcio, por ser católico. Os mais velhos que se interessam por cinema certamente se recordarão de filmes como *Quatro irmãs,* ou *Mary Stuart,* ou *Teatro da vida,* ou *A mulher do dia,* ou *A costela de Adão,* ou *Num lago dourado.*

Enquanto Huston era um artista preocupado com o que dizer e o como dizer, Hepburn começou como uma atriz mais instintiva, que só com o passar dos anos foi se dominando até adquirir o status de grande intérprete. Mas sempre soube dar seu recado.

Se do livro a ela dedicado, é o retrato de alguém que vai se autoconhecendo aos poucos, no de Huston temos um homem que vai se aperfeiçoando como ser humano e como artista. Assim, para dar um exemplo significativo, temos todo o capítulo 35, que começa na página 408, onde ele fala em estilo e gramática no cinema. Melhor do que resumir, mutilando o pensamento de Huston, vamos, a seguir, transcrever um trecho que nos parece de inquestionável utilidade, não apenas para quem lida com cinema, mas para todos aqueles que se preocupam com o processo de criação artística.

Estilo e gramática

Acho que não sou um diretor de estilo marcante. As pessoas dizem que sim, mas não posso concordar com isso. Não vejo a menor semelhança, por exemplo, entre A Glória de Um Covarde e Moulin Rouge. *Por mais observador que seja o crítico, duvido que seja capaz de afirmar que foram feitos pelo mesmo diretor. Já Bergman tem um estilo inconfundível. É um dos melhores exemplos da* teoria do autor *aplicada ao cinema. Não creio que exista método mais perfeito de fazer filmes: o diretor concebe a idéia, passa para o papel e transforma em imagens. Como está criando tudo sozinho, controlando todos os aspectos da obra, seus filmes adquirem unidade e diretriz. Admiro diretores como Bergman, Fellini e Buñuel, em que cada filme está, de certo modo, vinculado a suas vidas particulares, mas nunca adotei esse método. Sou eclético. Gosto de me inspirar em outras fontes, que não tenham nada a ver comigo; além disso, não me considero simples, única e exclusivamente diretor de cinema. É uma coisa para a qual tenho certo talento e uma profissão, cujos princípios assimilei no decorrer dos anos, mas também tenho um pouco de talento para outras coisas, cujos princípios também assimilei. A idéia de me dedicar a uma única atividade na vida me é inconcebível. Meu interesse por boxe, literatura, pintura e cavalos tem sido, em determinadas fases de minha vida, tão importante para mim, em todos os sentidos, quanto dirigir filmes.*

Eu estava falando em estilo, mas antes de falar em estilo, é preciso falar em gramática. Porque existe, de fato, uma gramática no cinema. As normas são tão inexoráveis como as da linguagem e se encontram nas próprias imagens. Quando é que a câmara inicia ou dissolve uma cena? Quando é que se deve escurecer, usar uma panorâmica, o carrinho e cortar? As regras que determinam esses recursos técnicos são bem definidas. De vez em quando, é lógico, devem ser contrariadas e desobedecidas, mas a gente precisa saber que existem, pois o cinema tem muita coisa em comum com os nossos processos fisiológicos e psicológicos — mais do que qualquer outro meio de comunicação. É quase como se houvesse um rolo de filme atrás dos nossos olhos... como se nossos próprios pensamentos fossem projetados na tela.

No cinema, porém, prevalece um sentido do tempo diverso do da vida real; e do teatro também. Aquele retângulo iluminado lá em cima, cheio de sombras em movimento, exige *toda a atenção do espectador. E o que nele aparece tem que satisfazer essa exigência. Quando ficamos sentados na sala de uma casa, não há nada que reclame com exclusividade a nossa atenção. Ela passa de um objeto para outro, divaga dentro e fora da sala. Escutamos barulhos que vêm de várias procedências; pode-se até sentir o cheiro da comida, de lá da cozinha. No interior de um cinema, onde a nossa atenção se concentra totalmente na tela, o tempo realmente anda mais devagar e a ação precisa ser acelerada. Além disso, tudo o que acontece na tela não pode ferir nosso senso de harmonia. E nós conseguimos isso seguindo os princípios corretos da gramática cinematográfica.*

Pequeno trecho do capítulo onde Huston coloca os problemas sobre estilo e gramática no cinema

1987

O ESTADO Leitura & Lazer

Editor:
Zeni Rates
Subeditor:
Jeferson Lima
Repórteres:
Cláudia Erthal
Joca Wolff
Patrícia Grillo
Paulo Clóvis Schmitz
Tayana Cardoso
Rossana Espezin

leitura/crítica

Salim Miguel 52

Ody Fraga, um amigo que se foi

COM a morte do Ody Fraga, vitimado por um edema pulmonar agudo, vai-se mais uma parte de minha juventude, dos anos de sonhos, de esperanças, de entusiasmo, de efervescência.

Paro e penso: a implacável ceifadora das gentes aos poucos, de forma inexorável, dizima o chamado Grupo Sul. Agora que nos aproximamos do quadragésimo aniversário do surgimento do movimento, que tantas e tão duradouras marcas deixou na cultura catarinense, olho para traz e conto nossos mortos.

Começou, logo no início (década de 50) com o Antônio Paladino (mais conhecido como Toninho), que fora dos primeiros a integrar o Círculo de Arte Moderna, movimento que acabou conhecido como Grupo Sul. Já na década de 70, tragado pelo violento golpe militar no Chile, morto em pleno Estádio Nacional como tantos outros, foi o Wânio José de Mattos. Anos mais tarde o Anibal Nunes Pires, professor, poeta, incentivador cultural, um dos líderes do grupo. Pouco depois o Marcos Farias, cineasta, o escultor Moacyr Fernandes, o pontor José Silveira D'Ávila.

Ody F. e S. ou Ody Fraga e Silva, ou Ody Fraga. Assim se assinou.

A notícia de sua morte alcançou-me em viagem. Fiquei abismado. E lamentando o nosso desencontro quando estive, em agosto do ano passado, durante a Bienal Internacional do Livro, em São Paulo. Telefone: para a casa dele, como sempre fazia, me imformam: o Ody acabou de sair. Deixei meu nome e o telefone do hotel. Não deu notícia, voltei a telefonar, outra vez não estava, preparando um roteiro ou nova filmagem, novamente peço que anotem meu nome e o telefone. Nada. A Eglê pede que eu insista, me recuso, não volto a telefonar.

Agora esforço-me. Quero recuperar o momento exato em que pela primeira vez o vi. Não consigo. Sei apenas que de repente Ody surgiu entre nós, empolgou, dominou, com suas tiradas sarcásticas, sua ironia, seu riso solto.

Baixinho, elétrico, vivo, inteligente, de resposta pronta, Ody vinha de experiência em um Seminário, a respeito dele corriam histórias que ele não confirmava nem desmentia: de noite escapolia do Seminário, ia ver filmes e peças proibidas, era mulherengo, levava para o internato livros e revistas que não podiam entrar naquele ambiente, discutia com os professores, era um elemento desagregador. Um dia fugiu — ou foi expulso. Nunca consegui tirar a limpo.

Que fazíamos nesta época, fim da II Grande Guerra?

Procurávamos entender o mundo e nele nos situar, emendávamos discussões que se prolongavam noites adentro, em casas de amigos, nas praças, em bares, nos restaurantes, imaginávamos mil e um projetos irrealizáveis, logo partimos para um tablóide que revelou as primícias do nosso imaturo fazer literário, queríamos mais, muito mais, mexer com a pasmaceira local, irritar os acadêmicos, criar um clube de cinema, uma revista, uma editora, um grupo de artistas plásticos.

Ody interferiu: e por que não um grupo teatral? Logo, com sua lábia, nos convenceu. Surgia assim o Tecam — Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna. Era 1947.

Por algum tempo estudamos peças, discutimos, decidimos, recuamos. Acabamos optando por um espetáculo com três peças em um ato. Foi apresentado em fins de 1947. Não ficamos na simples apresentação. Queríamos mais: a discussão do fazer teatro, o estudo da história do teatro, as escolas de interpretação, Brecht, Stanislawski. Ainda: o espetáculo serviu para ajudar a levantar recursos para a publicação, em janeiro de 1948, do primeiro número da revista Sul.

Durante alguns anos Ody foi o condutor do nosso grupo teatral, escrevendo peças, dirigindo, interpretando, montando espetáculos que fizeram época: Sartre pela primeira vez no Brasil, uma inesquecível **Cândida**, de Shaw, a adaptação de **Pinocchio** para o público infantil. E peças que serviam de laboratório, sem chegarem ao público muito embora longamente ensaiadas. Lembro-me, por exemplo, de **Um taciturno** de Roger Martin Du Gard e da peça em um ato, **O mundo começou às cinco e quarenta e sete**. Agora, por mais que me esforçe, tenho o título insólito, mas não consigo me lembrar do nome do autor. Sei que era português.

Mas Ody era insofrido. Teatro não lhe bastava. Escrevia contos, poesia, artigos que abalavam o ambiente. De tudo participava, em tudo interferia, opinava, debatia. Adorava uma discussão. Adorava, ao contrário da maioria de nós, falar em público. Discorria com facilidade sobre qualquer tema. Para provocar e agitar o ambiente, volta a meia programávamos uma palestra seguida de debate. Quem o orador? Ody, claro. Que sempre tinha audiência.

Até que um dado episódio, se não acabou com as palavras, interrompeu-as por bom tempo. Já contei o causo, mas não custa repeti-lo. Programamos nova palestra. Divulgamos data, tema, local, hora. Tudo bem definido. No dia, cedo, sentamos num bar esperando a hora de nos dirigirmos para o local. Começamos a beber e a discutir. Bebemos e discutimos tanto que esquecemos a palestra. No outro dia (ou dias depois), o desembargador Fontes não nos perdoou. Com seu jeitão tranqüilo e irônico, chegou-se para nós e despejou: "arte moderna, é, hein, sim senhores, assim nunca vi, nem o conferencista aparece na conferência". E nós, fingindo a maior inocência: "que conferência, professor?" Ele: "aquela do senhor Ody Fraga e Silva, não se lembram? Vocês podem não ter ido, mas eu fui e esperei lá mais de hora".

O Ody não se perturbou: "professor (para nós não era desembargador, era professor), se desejar e tiver tempo, faço a palestra agora mesmo e aqui".

Ody não era de esquentar lugar. Mesmo participando efetivamente do grupo, mesmo dirigindo o grupo teatral, lançando atores, escrevendo na revista, participando dos ciclos no clube de cinema, adorava mudar de ares, viajar, conhecer novas gentes e novas terras.

Um dia, atendendo a convite do Jorge Lacerda e do Paschoal Carlos Magno, lá nos fomos, jovens e sequiosos provincianos, conhecer o Rio, *tentacular* metrópole que nos atraía e fascinava. Fomos, vimos, contactamos, voltamos, Quer dizer: menos o Ody. Ficou por lá. E nunca mais voltou. A não ser para rápidas temporadas ou curtos passeios, rever a família e os amigos.

Do Rio mudou-se para o interior de São Paulo, de lá para a capital paulista, onde afinal se fixou. Continuava (esporadicamente) se comunicando com os amigos, mandava colaboração, dizia do que inventava, dos planos, dos projetos, em que trabalhava, atuou na imprensa, na Fundação Anchieta, prosseguia no teatro, bandeou-se para o cinema, ao qual dedicou os últimos anos de sua vida.

Eu costumava brincar com ele: "Ody, me expliva a radical transmutação que sofreste, se és capaz. Como é que tu, que escrevias peças tão herméticas e inteletualizadas que tu mesmo mal entendias, que tanto te preocupavas com a expressão cênica, num passe de mágica te bandeaste para a pornochanchada?" E ele, entre sério e galhofeiro: "vê só, tu és preconceituoso, não há uma distância tamanha, e eu sei que estou através da pornochanchada, dando também meu recado neste tempo tão duro que vivemos. É preciso buscar uma segunda leitura mais atenta, para além das aparências".

A trajetória do Ody é um exemplo vivo e profundo dos caminhos e descaminhos percorridos por um trabalhador intelectual no terceiro mundo. Pode-se até discordar de suas colocações e de suas realizações no cinema, embora ele tivesse a respeito uma visão crítica e realista. Dizia mesmo que a pornochanchada era a filha dileta do AI-5, refletia o momento que vivíamos. Tinha sobre a questão cultural brasileira idéias claras e avançadas. Quando falava a respeito ressurgia nele o jovem brilhante, irônico, esperançoso.

Ao se traçar a história cultural de Santa Catarina e do Brasil no pós-Guerra, Ody Fraga (ou Ody F. e S. ou Ody Fraga e Silva) estará presente com sua força contestadora, com sua irreverência, com sua inteligência ativa, com sua criatividade precursora. A contribuição do Ody ficará como um marco, pois já está impregnada na pesquisa e na insatisfação que se faz presente no processo cultural brasileiro. E no momento em que se fizer uma avaliação isenta do filme brasileiro, sua contribuição deverá ser reconhecida.

Mas quanto a nós, Eglê e eu, não é disso que se trata. Choramos, ambos, o amigo que se foi, aquele que passávamos tempos sem ver, mas com quem sempre reatávamos o bate-papo iniciado na véspera. Sempre instigante, sempre interrompido, nunca concluído.

IGUEL, Salim. Dorotéia, Distinta Vaca. **O Estado**, Florianópolis, 04/10/1987, p. 4, Leitura & Lazer.

leitura/crítica 53

Salim Migue

Dorotéia, Distinta Vaca

NA coluna do último domingo falei da morte do amigo Ody Fraga, tecendo considerações a propósito de sua figura e do papel que ele desempenhou no Grupo SUL. Ody, que nos derradeiros anos se dedicou por inteiro ao cinema, pouco deixou publicado. A farsa **A morte de Damião**, pelos Cadernos SUL, peças em um ato e artigos na revista SUL, trabalhos de crítica e crônicas esparsos em jornais. Chegamos a anunciar um volume reunindo suas críticas. Nunca foi completado. Durante algum tempo Ody prometeu publicar um livro de contos, do qual já tinha o título, CRUZ DAS ALMAS. Insatisfeito com o resultado, acabou abandonando-o. Dele me mandou dois originais. Um, "Dorotéia, distinta vaca", que tem a marca de seu humor, é o que transcrevo a seguir. Nele está presente um dos Ody. Pois, como tantos (ou como todos) foi vários, foi o hermético das primeiras peças em um ato, foi o pornochanchadeiro dos filmes da *boca do lixo* em São Paulo, foi o crítico cáustico, foi o poeta sensível. Quem sabe um dia poder-se-á reunir em volume os vários Odys...

* * *

Era uma vaca distinta. Raça: holandesa vermelha e branca. Possuía documentos irrefutáveis da pureza de estirpe. Registro nos diversos serviços especializados. Conhecida nas rodas governamentais a cargo dos negócios agro-pecuários. Na Holanda mesmo, seu país natal, se guarda com orgulhosa eficiência farto documentário sobre sua ascendência e primeiros anos de vida. Era, sem dúvida, uma vaca distinta, ruminando carinhosas rações. Com veterinário assistente. Tratador exclusivo (espécie de criada de quarto). Vida rigorosamente programada dentro de horários cientificamente pré-estabelecidos. Acabava de ser eleita, numa grande exposição nacional, a campeã da raça, recebendo afagos do governador, do Secretário da Agricultura, até do Ministro de Estado, os quais reunidos, por certo, não poderiam competir com ela em distinção, pois suas fichas genealógicas morriam nos cartórios onde foram registrados, com vagas referências aos pais, ligeiras aos avós, somadas a duas testemunhas mentirosas, que juraram falso serem filhos de quem eram, coisa que ao certo não sabiam.

Era uma vaca distinta. Retornando dos diversos concursos, das diferentes exposições, cumulada de taças, detentora de vitórias deslumbrantes, deu-se a desgraça. Caiu na mais profunda das apatias. O veterinário, grandemente preocupado com os sofrimentos de tão ilustre paciente, diagnosticou tal e tal doença, prescrevendo-lhe enorme receita. A vaca, distinta como sempre, levantou a altiva cabeça coroada de louros, deitou o olhar plácido na cara mais ou menos animalóide do veterinário (por estranho mimetismo certamente) e jogou-lhe nas bochechas um desdenhoso Múúú!

Faleceram as ciências veterinária e curandeira (porque o Perdigão, velho prático no tratamento do gado das fazendas da região, foi chamado) em atinarem com as razões do sofrimento da vaca, ou melhor, da distinta vaca.

— Acho que é saudade, dizia o veterinário, numa tentativa de estabelecer doutrina sobre psicologia animal.

— Múúú, respondia a vaca desmoralizando o coitado.

— A alimentação é correta? Perguntava seu Zuza, aflito proprietário da respeitável vencedora de concursos.

— Múúú!

Grave problema. Profundo drama.

* * *

Em Cruz das Almas, sua nova terra, o vereador Policarpo, autor indefectível de projetos de lei dando nome às novas ruas, propôs à Câmara de Vereadores chamar-se qualquer logradouro público de DOROTÉIA (assim se chamava a distinta vaca). Sua bancada imediatamente o apoiou. A edilidade já tinha denominado Coronel isso, General aquilo, Capitão aquiloutro, Vereador Fulano, Professor Beltrano, a diversas ruas. Afinal de contas, quem eram estes senhores? Medíocres celebridades municipais.

— Sim, o meu nobre colega Policarpo foi feliz na sua propositura. Quem, Senhor Presidente e Senhores Vereadores, trouxe para Cruz das Almas maior número de vitórias? Quem nos trouxe fama nacional? Internacional até? Claro que a vaca Dorotéia. Por isso, declaro ser o meu voto favorável ao projeto do ilustre colega. Tenho dito. — Assim discursou o vereador Braulino, na sessão em que o projeto de lei foi apresentado.

O presidente da Câmara, fazendo uma exceção, falou de sua alta tribuna.

— Esta Presidência considera a homenagem em foco das mais justas. Era, por sinal, nosso propósito descer ao plenário, requerendo a medida em apreço. O nobre vereador Policarpo Assunção se nos adiantou, o que não tira a primazia de nossa idéia, nem o nosso entusiasmo em apoiá-la.

Já o vereador Pedro de Alencar, da bancada da oposição, considerando pertencer a distinta vaca Dorotéia a destacado membro situacionista, discursou desta maneira:

— Senhor Presidente! Caros colegas! Querendo votar em sã consciência e não possuindo maiores informações sobre a ilustre figura que se pretende homenagear, solicito à Mesa remeter ao sr. Prefeito Municipal o seguinte pedido de informações: 1. - Está comprovada oficialmente a genealogia de Dorotéia? 2. - Pertence ela de fato ao rebanho de nosso Município? 3. - Os prêmios que levantou são reconhecidos pelos poderes públicos? 4. - É animal digno da admiração de nossos munícipes? De posse destes elementos, Senhor Presidente, darei o meu voto. - Entregou o requerimento ao secretário e sentou-se.

Iam os debates acalorados quando o vereador Antônio Rivera, voltando da sala do café, pediu a palavra, requerendo regime de urgência para o projeto, pois acabava de ser informado estar a vaca Dorotéia passando mal. Foi grande a consternação no recinto.

* * *

— Múúú!

Quinze dias eram passados sem qualquer alteração no estado de Dorotéia. Seu Zuza já havia utilizado todos os recursos possíveis. Até uma junta veterinária, reunindo os mais ilustres especialistas nacionais, foi convocada. Fracassavam os sábios.

* * *

O jornalista Amadeu Rodrigues, provecto diretor de A VOZ DE CRUZ DAS ALMAS, hebdomadário social e noticioso, lançou em uma das edições dominicais editorial bastante apreciado, que terminava assim:

"Não faltará à ilustre Dorotéia, por certo, o carinho da população amorável desta terra. Os cruzalmenses, que em tantas vicissitudes têm demonstrado fortaleza de espírito, vencem com ânimo forte estes dias aziagos, nos quais, com os riscos porque passa Dorotéia, se compromete a mais ilibada glória conterrânea". — Como em tudo e por tudo o jornalista Amadeu Rodrigues erguia preces aos céus, assim fechava o festejado artigo: - "Ergamos nossas preces aos céus, para que Cruz das Almas conte com a ventura de ver Dorotéia, a gloriosa, restabelecida, completamente curada, a fim de conquistar lá fora novos louros para nossa querida terra".

* * *

Esgotados todos os recursos científicos, soltou-se Dorotéia para os campos, a fim de viver só, longe dos curiosos, os seus derradeiros dias de vida.

Eis quando se deu o milagre, que resultou no maior escândalo de Cruz das Almas nos últimos cinqüenta anos. Passado um mês, seu Zuza mandou homens à procura de Dorotéia. Não teve coragem de ir pessoalmente, temendo encontrá-la morta.

Voltaram os homens fazendo grande algazarra. Dorotéia, a distinta vaca, não só ainda estava viva como gozando de perfeita saúde, totalmente recuperada da perniciosa e desconhecida moléstia.

— Que teria causado a cura? Indaga seu Suza enquanto se prepara para ir ao encontro da distinta vaca.

— Um zebú!

— O quê?

— Sim, anda de amores com um zebú.

* * *

Seu Zuza não permitiu qualquer companhia. Dirigiu-se só ao encontro de Dorotéia. Encontrou-a pastando placidamente sob as vistas do seu amado.

— Mas Dorotéia! Exclamou num misto de angústia e alegria.

— Múúú, respondeu-lhe a vaca toda coquete.

— Você me decepcionou.

— Múúú!

— Eu que reservava para você o melhor. Ia mandar buscar na Holanda um touro especial, de alta linhagem.

— Múúú!

— É, consolou-se seu Zuza, o coração de vaca tem razões que a própria razão desconhece... Imperscrutável mistério...

* * *

Os amores de Dorotéia foram o assunto de Cruz das Almas nos três meses seguintes. O vereador Policarpo retirou, as pressas, o seu projeto de lei homenageando a distinta vaca. O oposicionista Pedro de Alencar aproveitou o escândalo para um longo discurso reclamando a moralização dos costumes em Cruz das Almas. O jornalista Amadeu Rodrigues noticiou o restabelecimento de Dorotéia com apenas três linhas na secção de notícias diversas.

Dorotéia passou a viver na companhia do seu querido zebú. Era feliz, mas deixou de ser distinta.

leitura/crítica

54

O Cinema em Foco

SALIM MIGUEL
Colaborador do Leitura & Lazer

A recente publicação, pela Editora Tchê/Pa-1987, de Festival do Cinema Brasileiro de Gramado/*levantamento dos seus 14 primeiros anos, de Luiz Carlos Carrion, recupera a trajetória, nem sempre tranqüila, daquele que, começando modestamente, acabou por se transformar no mais importante, badalado e concorrido acontecimento de promoção e avaliação cinematográfica do país. Temos aqui, de maneira ordenada e minuciosa, um precioso retrospecto do Festival e de seu significado de 1973 a 1986, reunindo vencedores, críticos, biofilmografias, fotografias.*

Num estilo fluente e agradável, Carrion nos leva até a pitoresca cidade gaúcha que se tornou nacional (ou internacionalmente, sei lá) conhecida através do evento e de seus meandros, sendo hoje esperada com ansiedade a preparação de cada próximo festival e disputado um lugarzinho para assisti-lo. E num suspense digno do mais autêntico Hitchcok ficam-se todos a indagar até quando ele se manterá, se para o ano que vem conseguirá algum apoio. Porque é mais do que sabido que no Brasil nada garante a permanência das promoções exitosas e necessárias. Existem sempre mil componentes, mil ingredientes que, num já, ou interferem ou até acabam com aquilo que parecia inacabável.

Esperemos que isto não ocorra (ou não ocorra tão cedo), com o Festival de Gramado. Ele ajuda a sustentar a frágil chama do nosso cinema, que luta, até em nosso próprio mercado, com armas desiguais para se sustentar, se afirmar e revelar um pouco do que somos como povo. E do que podemos realizar no campo das artes.

Não é comum, entre nós, a preocupação com a preservação e/ou a recuperação da memória cultural — ou da memória nacional como um todo, de modo geral. Daí o significado ainda maior de que se reveste o presente trabalho. E conforme acentua o crítico Luiz César Cozzatti, "O Carrion pertence à raça dos pesquisadores, lamentavelmente em franca extinção".

O fato deve ter alguma explicação: quais os motivos que levam uma categoria, no caso específico os pesquisadores, à quase extinção*"? Certamente o desestímulo pela atividade, a falta de apoio para com um trabalho relevante mas que acaba por se perder diante da indiferença quase generalizada.*

Cinéfilo de primeira hora, como ele próprio se confessa, cinéfilo que se fez na magia das salas escuras, o autor estudou, anotou, vasculhou, pediu. Pois além de se utilizar de seu arquivo pessoal, procurou, para complementar o trabalho que agora nos oferece, a colaboração de técnicos, produtores, diretores, artistas, estudiosos.

Assim, temos uma visão ao mesmo tempo panorâmica e detalhada do desenrolar do Festival e de seu significado para o cinema brasileiro. Acompanhando-o podemos detectar claramente as tendências do nosso cinema, suas variações e vacilações, os percalços enfrentados, a luta do dia-a-dia, a posição da Embrafilme, a posição das comissões julgadoras, a busca de um lugar ao sol dos iniciantes, com fofocas, brigas, intrigas, etc. Tudo enfim que faz (e torna) os festivais um prato cheio para o público.

(Aqui gostaria de deixar um depoimento de carater pessoal: tendo feito parte do júri de 1981, que premiou Cabaret mineiro, *de Carlos Alberto Prates Correia, posso afirmar que as deliberações são tomadas com total liberdade e independência, sem quaisquer interferências seja de quem for. Pressões nem tão indiretas até que devem existir, como em todo acontecimento semelhante. Mas elas não interferem no julgamento final, nem há, por parte dos organizadores, ingerência no resultado. Naquele ano existiam outros títulos significativos, havia um que chegava confiante na vitória, o público pouco sabia a respeito do filme de Prates Correia, a comissão tinha consciência de que* Cabaret Mineiro *não era um filme fácil, mas era provocador e instigante, com uma proposta mais avançada em termos de estrutura e pesquisa. Na minha participação de voto declarei que em termos de mercado claro que* Eu te amo *tinha mais apelo popular e era mais viável para o mercado, já em termos de impacto e denúncia social ficaria com* O homem que virou suco *ou* Até a última gota, *mas tinha-se que pensar também na contribuição específica ao processo fílmico que deixava entrever a fita mineira).*

Volto ao livro do Carrion.

Ele é um manual necessário para quem pretenda examinar a nossa produção dos últimos tempos, situa os premiados e os demais participantes, transcreve críticas de colunistas de vários estados, dá a filmografia das equipes técnicas e artísticas e uma sinopse da história.

E embora o pesquisador cinematográfico Michel do Espírito Santo diga que "o desenvolvimento da pesquisa cinematográfica no Brasil... tem progredido muito", existe muito ainda por fazer. Esperamos, por isto, que iniciativas como a de Carrion (e da Editora) proliferem.

Falando em proliferar: a Tchê parece que resolveu investir para valer no cinema brasileiro. E exatamente sob o título Cinema Brasileiro ela inicia nova coleção, que pretende publicar roteiros de filmes significativos. Começa por O homem da capa preta, *de Sérgio Rezende, vencedor do Festival de Gramado de 1986.*

Filme de larga aceitação pública, o livro agora publicado reúne, além do roteiro, amplo material informativo, fotos, depoimentos, anotações de filmagem. Torna-se, assim, um documento precioso para os cinéfilos e demais interessados em cinema a começar pelo mero espectador que vai à sala escura em busca de fruição ou conhecimento.

Para a geração mais velha, que acompanhou a trajetória de Tenório Cavalcanti, o homem da capa preta que durante anos dominou a Baixada Fluminense, uma atração extra é tentar aproximar a figura que conheciam de nome da figura que agora vão encontrar na tela — mitificada. Ou mistificada.

1987

O ESTADO

leitura/crítica 55

Salim Miguel

O Cinema em Santa Catarina

AGORA que acaba de chegar às livrarias *O CINEMA EM SANTA CATARINA*, de José Henrique Nunes Pires e outros, pesquisa pioneira lançada pela Editora da UFSC, co-edição Embrafilme, torna-se ainda mais oportuna a publicação do texto de *Marcos Farias* que ora iniciamos. Nas anotações que o cineasta catarinse faz, ele não fala só de um projeto que acalentava a implantação de um pólo cinematográfico em nosso Estado, mas tece considerações que continuam mais do que válidas a respeito da importância do cinema no país.

Os autores do livro mostram que foi a luta de Marcos e de seu desencanto por não conseguir o apoio esperado. Mas nunca será demais insistir no tema. Vejamos a última tentativa:

Marcos Farias chegou a criar, com amigos, uma Produtora em Florianópolis, a Maralto, que se complementaria com outra no Rio com idêntica denominação. Começou a preparar o roteiro de um primeiro filme, que seria ao mesmo tempo laboratório para os interessados em cinema. O roteiro se baseava em histórias de autores catarinenses. E embora tivesse uma unidade e uma linha comum, poderia, por igual, ser desdobrado em vários curtas.

Pois bem. Tudo pronto, a produtora legalmente registrada, ele partiu em busca de recursos. Diga-se logo de início que Marcos não queria apoio paternalista, que lhe fossem liberados recursos sem retorno. O que desejava era um financiamento através do BESC, financiamento em condições que permitissem a realização do filme que mostraria os nossos hábitos, costumes, paisagens, etc. Durante meses lutou com a burocracia. E enquanto para um filme que nada teve, ao final, a ver com Santa Catarina, eram liberados recursos substanciais, o pedido de financiamento do Marcos empacou em não se sabe que escalões. Agora o mais curioso da história é que, enquanto isso, a Embrafilme liberava sua parte no projeto, que ficava apenas na dependência da outra.

Nesta primeira parte do trabalho de Marcos, antes de entrar diretamente no tema que sempre o preocupou (*Possibilidades da indústria cinematográfica em Santa Catarina*) ele coloca suas opiniões sobre como encara o cinema e seu significado para um país do terceiro mundo. Ou mesmo do primeiro.

Quando de novo se volta à falta numa Cinemateca Catarinense e em produção cinematográfica entre nós, julgamos oportuna a publicação deste inédito. Quem sabe agora ele será mais útil e nos ajudará na implantação de uma cinematografia entre nós.

CONSIDERAÇÕES

1. A existência de uma indústria produtora de filmes em Santa Catarina acha-se, naturalmente, condicionada à conjuntura da indústria de cinema nacional. E é sabido que a situação do cinema brasileiro é precária. Produzem-se filmes no Brasil. Há mais de 50 anos que se produzem. Mas ainda não existe uma indústria. Esta só vai surgindo agora, aos trancos e barrancos. Os motivos são vários. A indústria de filmes é desse tipo que exige uma série de indústrias suplementares, que pressupõe um mercado interno poderoso capaz de remunerar o capital investido na produção, que demanda grandes capitais, que exige pessoal técnico e artístico altamente especializado e competente, etc, etc... E até há pouco, não existiam essas condições básicas para o florescimento de uma indústria cinematográfica no Brasil. Na verdade, a sorte comercial e industrial do cinema brasileiro acha-se, indissoluvelmente, ligada ao destino do processo de industrialização e desenvolvimento econômico-nacional. O mercado de cinema expandir-se-á na medida da expansão econômica e das alterações demográficas que ocorrem no país. A indústria produtora firmar-se-á na medida em que se fortalecer o cercado. Todavia, o processo desta indústria poderá ser acelerado ou retardado, em vista de providências tomadas num sentido ou noutro, de fatores intervenientes que impliquem numa ou noutra direção. Daí a exigência de conhecer e de penetrar a realidade dessa indústria, de compreender a intimidade do processo. E ademais, por outro lado, a necessidade de intervenção governamental no sentido de criar as bases indispensáveis para o levantamento de uma produção cinematográfica sólida e vigorosa.

O intervencionismo é uma característica do Estado Moderno. Os problemas básicos das nações transformaram-se em problemas de governo. O Estado Moderno assume o destino econômico e social das nações. E o cinema está incluído entre essas nossas preocupações governamentais. Não apenas motivos econômicos e financeiros originam esta política, mas e sobretudo, razões culturais e sociais. A importância do cinema como meio de comunicação, como arte, como fato cultural e social não pode ser esquecida, se pudesse esquecê-lo como industria ou comércio. Os governos das nações civilizadas, por isso mesmo, tomam o encargo de criar as condições indispensáveis, para o desenvolvimento da cinematografia de seus países.

* * *

Encontramos a indústria cinematográfica mundial estruturada em três sistemas diversos: 1º - indústria privada, sem intervenção do governo, é o caso dos EE.UU.; 2º - indústria estatal, sistema socialista adotado na URSS e democracias populares; 3º - indústria privada, porém gozando da proteção do Estado, é o caso da maioria das nações ocidentais.

Muitas e diversas são as medidas adotadas pelos governos. A primeira e da qual dependem todas as outras, é a criação de conselhos ou Comissões permanentes, destinados a promover pesquisas e levantamentos da situação do comércio e da indústria de cinema no país e no estrangeiro, e, baseados nesses estudos, proporem as medidas indispensáveis ao florescimento desse comércio e dessa indústria.

Porque o cinema, conforme já referimos, é desse tipo de atividade que exige uma série de indústrias suplementares, são favorecidas e incentivadas estas indústrias. Porque um bom cinema exige profissionais competentes, são criadas escolas, institutos filmotecas e outros centros de ensino teórico e prático para formação e aperfeiçoamento de pessoal. Ademais, uma produção de elevada categoria exige instalações industriais adequadas. Estas instalações exigem grandes investimentos. E o cinema, muitas vezes, porque não oferece alta rentabilidade e por outros motivos, não consegue atrair os capitais necessários. Tomam, então, os governos, a incumbência de cobrir esta lacuna. A Itália, com seus fabulosos estúdios de *Cinecitta*, um dos maiores e mais bem equipados do mundo, é um exemplo desta orientação.

Mas, a base de uma indústria produtora de filmes é o mercado interno, consubstanciado no comércio de exibição. E esta atividade passa a merecer os maiores cuidados das autoridades públicas, seja através do controle do número e da localização das salas exibidoras, para que não fiquem umas regiões desprovidas de cinema e outras com excesso, seja através do incentivo à expansão do comércio, concedendo-se favores fiscais e outros privilégios, especialmente, às salas localizadas nas pequenas comunidades e nas zonas rurais e semi-rurais. Além do comércio exibidor, a distribuição também sofre intervenção estatal, por isso mesmo que constitui problema nevrálgico do negócio cinematográfico, e, em muitos casos, (Brasil inclusive), um ponto de estrangulamento das atividades produtoras. Assim organizaram-se empresas distribuidoras estatais ou para-estatais na Itália, na Dinamarca, na Índia. Relacionado a estes problemas surge o da exibição dos filmes nacionais. As fitas estrangeiras, porque já foram pagas ou quase pagas nos mercados de origem, podem ser oferecidos aos exibidores por um preço menor que a produção autóctone, e, além disso, fitas, muitas vezes, de qualidades comerciais mais relevantes; para evitar essa concorrência danosa, promulgaram-se leis de obrigatoriedade de exibição das fitas produzidas no país. Naturalmente, o *quantum* varia de acordo com o volume de produção dos diversos países. A França determina 5 semanas por trimestre, a Itália 25 dias, a Inglaterra exige 30% de programação nacional, e assim por diante. Não basta porém, se houver um grande nº de filmes no mercado, as rendas de cada um serão reduzidos. Logo, limitam-se as importações de filmes estrangeiros. Organismos estatais encarregam-se de determinar as cotas a serem importados de cada centro produtor. Assim ocorre na França, na Inglaterra, na Dinamarca, na Argentina, etc... E ainda, estabelecem-se pesadas taxas alfandegárias para a entrada dos filmes estrangeiros, contribuindo desta sorte, para diminuir as importações, para compensar a concorrência que fariam aos filmes nacionais e ainda para a criação de *fundos* especiais a serem aplicados na indústria produtora. Itália, Alemanha, França, Inglaterra e outros adotam esse sistema, e, ainda bloqueiam grandes parcelas das rendas auferidas pelos filmes estrangeiros, o que, por um lado, significa economia de divisas, e por outro, incentivo às co-produções internacionais.

O financiamento da produção é outra prática generalizada. Este financiamento, às vezes, atinge a mais de 50% da produção anual, e é comum situar-se em mais de 25%. O Sistema varia em cada nação; em geral, instituem-se *fundos cinematográficos*, provenientes ou das tarifas alfandegárias cobradas dos filmes estrangeiros ou/e de sobretaxas incidindo sobre os ingressos; também são criadas carteiras de crédito especialmente nos bancos oficiais, para este exclusivo objetivo de financiar a produção. Além de financiar, os órgãos de cinema do Estado instituem sistemas de bonificações aos produtores e premiações anuais aos melhores filmes de longa e de curta metragens. Incentivam-se as exportações dos filmes nacionais. Subvencionam-se agências de divulgação cinematográfica e patrocinam-se festivais de cinema.

Assim, por esses e outros meios, os governos procuram proteger a indústria cinematográfica. Apesar disso, não é raro surgirem crises graves nas cinematografias de todos estes países. Crises que poderiam significar uma derrocada, se as autoridades públicas não estivessem astutas e prontas a colaborar para solucioná-las.

Marcos Farias

continua

O ESTADO

leitura/crítica 56

Salim Miguel

Marcos Farias fala de cinema — II

EMBORA escrito há alguns anos, este texto inédito de Marcos Farias não perdeu o interesse. Com pequenas modificações o enfoque continua atual e plenamente válido. Nesta segunda parte ele aborda o problema da situação da indústria cinematográfica mundial em relação à brasileira, analisa o mercado e a relação custo/retorno. Tudo isto para melhor justificar suas colocações e porque acreditava na implantação de uma indústria fílmica entre nós. Vamos ao escrito:

Os grandes produtores mundiais de filmes dispõem de mercados internos poderosos, e é o poderio desses mercados que determina a amplitude e a importância da produção. Por outro lado, um país sem um grande mercado, dificilmente poderá dispor de indústria cinematográfica saudável. Conforme já escrevia o Sr. J. Deheinzelin: "A razão reside na própria natureza do produto fílmico. Enquanto qualquer produto industrial não pode ser vendido a um preço inferior ao seu custo, sem causar prejuízo ao produtor, o filme, já pago no mercado de origem, pode ser exportado e exibido até de graça, sem prejuízo. De modo que se chega a uma situação paradoxal: um filme de 400 milhões de cruzeiros, já pago no mercado de origem, pode ser oferecido ao exibidor por um preço muito mais barato do que um filme de 2 milhões de cruzeiros, que ainda precisa ser pago no mercado interno. De outra parte, pelo mesmo preço, pode-se assistir a um filme de 400 milhões ou de 2 milhões de cruzeiros. A concorrência aparece extraordinariamente desigual e favorável ao mercado que, por sua capacidade, possibilita as maiores rendas internas: eis a razão do domínio de Hollywood sobre o mercado mundial".

De fato, os EUA, ao lado da União Soviética, constituem um dos dois maiores mercados de cinema do mundo, com cerca de 19 mil salas, absorvendo 2 bilhões e 600 milhões de espectadores anuais. Seguindo de perto e, ocasionalmente, ultrapassando os Estados Unidos, como centros produtores, aparecem Japão e Índia. A grandeza do mercado japonês, três vezes superior ao do Brasil, com mais de 5.200 salas exibidoras e uma freqüência anual de 885 milhões de espectadores, constitui sólida base para sua indústria produtora. A Índia, além de vender em seu território duas vezes mais ingressos do que nós, costuma dublar boa parcela de seus filmes, em duas ou mais línguas, para exportação para países orientais. É verdade que, ainda no Oriente, encontramos duas exceções: Hong-Kong e Egito, grandes produtores com reduzido mercado interno. Explica-se, porém: boa percentagem da produção de ambas as nações é realizada especialmente para exportação para países africanos e/ou asiáticos, usando-se além do sistema de dublagem, a prática da realização de diferentes versões de cada filme, a fim de satisfazer aos diferentes mercados.

Na Europa, vamos encontrar a União Soviética, 1º mercado mundial, cuja produção só não é maior por motivos alheios à indústria e mais, Inglaterra, Itália, Alemanha, França e Espanha. Os três primeiros dispõem de grandes mercados.

Há, contudo, outras exceções na Europa e na América. Sem falarmos nas democracias populares, cuja situação é diversa, anotaríamos, com apreciável produção, México, Argentina, Suécia e Dinamarca. Também se descobrem razões. O México se, de uma parte, dispõe de fraco mercado interno, de outra, conta com a América Latina, cuja identidade lingüística facilita sobremaneira a exportação; a indústria dinamarquesa apoia-se em legislação especialíssima, que se assemelha, sob vários aspectos, à existente nas democracias populares; a Suécia procura compensar a baixa freqüência com o alto preço dos ingressos e a Argentina vale-se de inteligentes medidas protecionistas e das possibilidades do mercado latino-americano. E apesar disso, a indústria desses países não é sólida. Graves comoções abalam constantemente as atividades produtoras da Argentina. No México não é raro ocorrer o mesmo. Salva-se a Dinamarca; mas o caso dinamarquês é um caso especial. Há alguns anos, em 1949, escreviam os Senhores Arthur Elton e Peter Brinston, em trabalho realizado para o Film Center de Londres, "A indústria cinematográfica em 6 países da Europa", que a indústria cinematográfica dinamarquesa era a mais sólida e firme da Europa, e suas características poderiam e deveriam ser estudadas não só pelos pequenos países mas também pelos grandes produtores.

A indústria de cinema européia vive em crises. As causas diretas são diversas, mas repousam, no fundo, na deficiência do mercado interno. O caso inglês configura-se em problema de distribuição, dado o caráter rigidamente monopolístico do comércio exibidor, impedindo que o filme britânico arrecade a receita que o mercado lhe possibilitaria. Na Itália e na França, a depressão econômica ocasionou uma retração nos investimentos destinados ao cinema. Observe-se, entretanto, que os mercados internos de ambas as nações, não estavam oferecendo receitas compatíveis, e o mercado externo retraía-se ante nova ofensiva norte-americana. Na França, o problema era mais grave porque o mercado interno francês, como o espanhol, mal cobre o custo de produção, e a indústria precisa contar com as rendas provenientes do exterior, para se manter no mesmo ritmo de atividade. Os franceses apelam, então, para constantes reajustamentos nos preços dos ingressos, e para as co-produções internacionais, que possibilitam a ampliação do mercado.

Na verdade, os centros produtores europeus sucumbiriam, se não fosse a intervenção protecionista dos governos.

Situação do comércio e da indústria de cinema no Brasil — Vimos que os grandes produtores mundiais de filmes dispõem dos maiores mercados de exibição. Resumindo, poderíamos compreender a posição dos diversos mercados em 6 grupos:
a - USA, URSS, Inglaterra - mais de 1 bilhão de espectadores por ano; b - Japão, Itália, Alemanha Oc. - entre 700 e 900 milhões de espectadores por ano; c - Índia e França - entre 400 e 700 milhões de espectadores por ano; d - Brasil, Espanha e Canadá - entre 250 e 400 milhões de espectadores por ano; e - China, Polônia, Tchecoeslováquia, Austrália, México, Argentina, Bélgica e Áustria - entre 100 e 250 milhões de espectadores por ano; f - menos de 100 milhões de espectadores por ano.

Note-se que USA e URSS contam com mais de dois bilhões de espectadores, enquanto a Inglaterra não vai além de 1 bilhão e 200 mil; a Índia, com mais de 700 milhões de espectadores, tem sua importância diminuída pelo baixo preço dos ingressos, e a França, com pouco mais de 400 milhões de espectadores, cobrando um dos preços mais altos do mundo, assume valor comercial mais relevante; o Canadá, como a França, coloca-se em melhor posição devido ao elevadíssimo preço dos ingressos, enquanto ocorre o contrário com o Brasil (preço equivalente ao da Índia). Assinale-se, por fim, que dentre todos, 4 nações destacam-se, por vultoso surto de desenvolvimento do comércio cinematográfico, tendendo pois a ultrapassar suas atuais posições — Japão, Itália, Alemanha Oc. e Brasil, e, destas, ainda poderíamos selecionar duas, cujas condições de expansão revelam-se mais amplas: Japão e Brasil.

No plano mundial, o mercado de cinema do Brasil coloca-se em 10º lugar, tendendo, entretanto, para posições cada vez mais relevantes. Em 1956, o Serviço de Estatística da Educação registrava a existência de 3.317 salas exibidoras funcionando no país, perfazendo um total de 1.771.802 lugares, e, assinalava a realização de 1.271.412 sessões durante o ano, freqüentadas por 352.132.968 espectadores. Deve-se todavia, para bem compreender o caráter do mercado, notar, de um lado, que das 3.317 salas computadas, cerca de 1.149 são aparelhadas apenas com projetores de 16mm, o que retira boa parte de sua importância, e de outro lado, aperceber-se do extraordinário incremento que vem empolgando o comércio cinematográfico, entre nós.

O ESTADO

leitura/crítica 57

Salim Miguel

Marcos Farias fala de cinema - III

NESTA terceira parte de seu depoimento, Marcos Farias fala (voltamos a lembrar que o texto dele tem já alguns anos e que estamos transcrevendo apenas trechos) do surgimento do cinema entre nós, das primeiras experiências, do crescimento do número de expectadores, da implantação de empresas ambiciosas em São Paulo, como a Vera Cruz, a Multifilmes, a Maristela, e do porquê do fracasso delas. À época analisada a empresa produtora de melhor resultado continuava sendo a Atlântida, com seus filmes populares. Em certo trecho — o que continua válido até hoje — ele assinala que o custo médio da produção cinematográfica no Brasil é dos mais baixos do mundo. E explica porque.

Antes de entrarmos no texto do Marcos, vamos a duas notícias:

1 - Do dia 30/10 a 08/11, na Praça XV, em frente à Catedral, teremos a II Feira do Livro de Florianópolis. Cremos que depois do sucesso da primeira ninguém tem dúvida quanto ao êxito da segunda. Vamos todos prestigiar, participar, divulgar. Além dos descontos normais de todas as Feiras de Livros, das centenas de novos títulos, teremos cerca de 50 lançamentos e autógrafos. Será um momento de confraternização entre os próprios autores e entre autores e leitores;

2 - Acaba de ser distribuído, com a mesma qualidade de tratamento gráfico e de textos, o número 3 de Nicolau, órgão cultural da Secretaria de Cultura do Paraná, publicado através da Imprensa Oficial do estado vizinho. Já ultrapassam a uma dezena tais suplementos de vários estados, o mais tradicional deles, com mais de vinte anos de circulação é o de Minas Gerais. Mas, sem dúvida, que o melhor realizado até hoje é o do Paraná. Matéria variada e de nível, um excelente tratamento editorial e gráfico, ele dá um recado importante, promovendo, incentivando, divulgando. E o de Santa Catarina, quando sairá?

Agora vamos ao texto de Marcos, que tanto batalhou por um cinema em Santa Catarina e morreu com a mágoa de nada ter conseguido:

"Embora se realizem filmes, no Brasil, desde o início do século, somente a partir da Segunda Guerra Mundial, é que foram dados os primeiros passos no caminho da industrialização. A fundação da Atlântida, em 1941, marcou o início dessa fase. O surgimento da Vera-Cruz, com um capital de 25 milhões de cruzeiros, em 1949, logo seguido pelo da Multifilmes (15 milhões) e Maristela (10 milhões), foi o passo seguinte e decisivo para dar uma instituição capitalista ao cinema nacional. Pela primeira vez os homens-de-negócio brasileiros investiram largas somas na indústria de filmes. As empresas paulistas puderam, assim, construir grandes estúdios, modernos e bem equipados, contratar pessoal técnico e artístico estrangeiros, planejar uma produção contínua.

Entretanto, o país não dispunha de condições para empreendimentos desse vulto. A iniciativa paulista era muito superior às possibilidades do mercado nacional. Não poderia obter êxito. Por sobre isso, os homens encarregados de conduzir as empresas não estavam a altura de tais funções. Dos 18 filmes produzidos pela Vera-Cruz apenas um gerou lucros; as fitas das Multifilmes e da Maristela não obtiveram melhor sorte, nenhum conseguiu lucros, alguns não obtiveram nem 40% do custo.

A derrocada não tardou, primeiro a Vera-Cruz, logo a Multifilmes e a Maristela. Afundou-se a tentativa paulista, repercutindo em todo o país. As atividades de produção se interromperam por algum tempo. E ao se reiniciarem, os produtores vinham cheios de cautela, temendo quaisquer gastos e quaisquer ousadias, interessados em seguir a orientação da única empresa produtora, que jamais deixou de obter lucros — a Atlântida. E seguindo esta orientação é que a produção nacional recompôs-se e hoje se desenvolve, já com melhores perspectivas.

Atualmente, a Atlântida é a maior empresa produtora do país, uma das únicas que mantém pessoal permanente e um programa de produção contínua. Considere-se, porém, que o caso da Atlântida é um caso a parte dentro da indústria de filmes nacional. Propriedade do grupo Severiano Ribeiro, que controla o maior circuito de exibição do país, a maior distribuidora nacional, laboratório bem equipado, a Atlântida, com um capital registrado de 10 milhões de cruzeiros, detém uma posição privilegiada, com riscos mínimos e alta margem para lucros. Apesar destas vantagens, o programa da empresa é exageradamente cauteloso e estritamente comercial — produções baratas numa linha já testada diante do público, o filme carnavalesco e a comédia-musical, a base de comediantes famosos do rádio e do teatro.

Salvo iniciativas recentes, como a da empresa de cine-atualidades Hebert-Richers, que se engajou, desde 1956, num programa de filmes de longa-metragens, na mesma linha da Atlântida, isto é, *chanchadas-musicais*, e, fitas de filmes publicitários como *Cilsa* e *Cine-Castro*, que se iniciam no longa-metragem, neste 1958, salvo estes casos e pouco mais, após o fracasso dos empreendimentos paulistas, quase toda a atividade produtora, no Brasil, tornou-se dispersa. Hoje, como sempre, a grande maioria dos produtores são os chamados "independentes", isto é, grupos que se associam pra a produção de um filme, e que poderão ou não realizar um segundo. Assim, o número de empresas que surge e desaparece é grande. O produtor independente, no mais das vezes, dispõe apenas do título legal, do registro da firma, por vezes nem disso e utiliza o nome de outra empresa, quando por ventura realiza um filme. A linha de produção dessas "firmas" é a pior possível, ou melhor, a tradicional: chanchadas musicarnavalescas.

Os paulistas dispõem de melhores condições do que os cariocas, além de contarem com bons estúdios, passaram a gozar, nos últimos tempos, de financiamento por parte do Banco do Estado, e ainda, a receberem as bonificações provenientes da taxa adicional cobrada sobre o preço dos ingressos. O cenário também é dominado pelos "independentes", os quais, como os cariocas, alugam estúdios, contratam laboratórios e pessoal para cada produção isoladamente. As grandes empresas transformaram-se em alugadoras de estúdios. Se bem que dos escombros da Vera-Cruz tenha surgido uma nova empresa, que segue a mesma linha de produção da antecessora, e, aliás, com a mesma sorte: prejuízos sucessivos. Na verdade, enquanto o cinema carioca industrializa-se, o paulista continua perdendo terreno. Ainda sofrendo as conseqüências da crise de 1953. Há razões para este fato. O cinema paulista é ainda pior do que o carioca, apesar do mais alto nível técnico. E pior, porque de um lado não atinge êxito artístico, e de outro, não agrada ao público. Em outras palavras, não serve à arte cinematográfica e não serve, antes prejudica, a indústria.

O custo médio de produção, no Brasil, é dos mais baixos do mundo. Enquanto um filme norteamericano custa, em média, aproximadamente 100 milhões de cruzeiros, um italiano ou francês cerca de 10 milhões e um inglês 30 milhões de cruzeiros, o orçamento médio do filme brasileiro não vai além de 3 milhões de cruzeiros, portanto, ao lado de países como a Suécia, Dinamarca, Noruega (4 milhões) e alguns outros, de produção barata.

Este é um fato curioso, pois é sabido que todo o equipamento e toda a matéria-prima utilizados na produção dos filmes são importados, e em condições não muito vantajosas. Se examinarmos o material necessário à realização dos filmes, veremos que seu preço, no Brasil, só pode ser mais caro do que no estrangeiro. Assim as instalações industriais de estúdio e laboratórios, produtos químicos, material fotográfico, material de iluminação, de maquiagem, filmes virgens, etc. Apenas o material humano pode ser mais barato...

Poderíamos encontrar explicação para este fato em duas ordens de fatores: 1: — o baixa custo da mão-de-obra (incluído todo o pessoal, de diretores a operários), responsável por 50%, no mínimo, das despesas no estrangeiro, e aqui não subindo além de 30%; e 2: — a inexistênca de equipamentos e instrumental de qualidade superior e/ou a não utilização de meios materiais indispensáveis a uma produção de certo nível. Em suma, o baixo custo da produção se reflete em baixíssimo nível técnico e artístico. A melhoria de nossos filmes, por conseguinte, exige o aumento das despesas de produção; aliás, basta recordarmos que as grandes empresas paulistas, quando procuraram elevar o padrão de suas fitas, aumentaram abruptamente os gastos, que subiram a 4 e 5 milhões de cruzeiros; isto numa época em que os cariocas não gastavam mais de 1 milhão com seus Musicarnavalescos. A derrocada das empresas paulistas teve por efeito a compressão dos orçamentos até os limites da possibilidade, e só recentemente e com extrema prudência, é que os produtores recomeçaram a abrir um pouco mais os cofres, em benefício de um cinema melhor.

O ESTADO

leitura/crítica 58

Salim Miguel

Marcos Farias fala de cinema IV

Estamos concluindo, hoje, a transcrição de parte do trabalho de Marcos Farias sobre cinema. Conforme já acentuamos, o trabalho é de alguns anos, mas continua válido. Se em alguns trechos ele foi superado, em outros mostra a visão que o cineasta catarinense tinha do processo. Vamos a ele:

A produção cinematográfica em Santa Catarina iniciou-se com o Clube de Cinema de Florianópolis, sob a liderança de Armando Carreirão, que, reunindo uma equipe de produtores gaúchos radicados em São Paulo, organizou uma empresa cinematográfica, para realização de um filme de longa-metragem. A iniciativa obteve êxito e o filme foi realizado. Pronto o filme de longa-metragem e na impossibilidade de estabelecer imediatamente um programa contínuo em longa-metragem, por falta de capital, a firma passou a dedicar-se à produção de jornais cinematográficos. A produção de fitas de longa metragem, em bases descontínuas, intermitentes, é uma característica da "indústria" de cinema nacional, por isso que os produtores não dispõem de recursos para iniciar uma nova realização enquanto não retorna o capital investido na anterior, e, quando ocorre, o que é freqüente, prejuízos, a empresa paralisa suas atividades. Isso é um mal. Uma produção de filmes em bases industriais não se pode deter pelos efeitos causados por uma unidade: os prejuízos de uma fita podem ser cobertos pelos lucros de uma outra; um plano de produção contínua jamais pode esquecer, e de fato não esquece, a possibilidade de prejuízos; uma produção descontínua entretanto vive em perplexidade, e os prejuízos de uma fita significam a derrocada.

A solução adotada por A. Carreirão e "Sul-Cine Prod.", entretanto, foi excelente. A produção de jornais cinematográficos, de documentários de "relações públicas" e de filmes publicitários, tem-se transformado, no Brasil, nos últimos tempos, num dos ramos mais interessantes, comercialmente, do negócio cinematográfico. Os sucessos comerciais obtidos nesse campo, podem ser inferidos do fato, conforme foi assinalado, de diversas empresas desse tipo de filmes, já se haverem engajado, por uma evolução natural, em produções de longa metragem. Lembramos o caso de H — Richers, produtor de jornais cinematográficos, que vem se dedicando, desde 1956, simultaneamente à produção de longa-metragem; lembramos, também, o caso de empresas produtoras exclusivamente de filmes de propaganda, como "Cilsa" e "Cine-Castro" que já se iniciam num programa contínuo de filmes de longa-metragem. São fatos sintomáticos. Ora, o mercado catarinense era plenamente virgem ao aparecimento de "Sul-Cine Prod", e considere-se que em mercado com amplas possibilidades. A expansão industrial e comercial de Santa Catarina é cada vez mais acelerada, e esta expansão implicará uma necessidade sempre maior de utilização do cinema como meio de comunicação com o público, por isso que o cinema é mesmo o mais poderoso meio de comunicação, por isso que é um veículo que atinge mais profundamente sua clientela do que a imprensa e o rádio.

Assim é que a solução da "Sul-Cine Produções" não poderia ter sido melhor. No futuro, na medida que a empresa conseguir um "status" comercial mais elevado, é possível que se estabeleça uma produção contínua de longa-metragem. Até então, porém, será um programa descontínuo. O trabalho em cine-atualidades ocupará a empresa. Da sorte neste setor dependerá o destino do outro. De outra parte, os sucessos que obtenham nestes cine-jornais, poderá suscitar o surgimento de empresas concorrentes, o que, dadas as características, ainda frácas do mercado, será prejudicial a todos.

Tudo isto vem à baila para reforçar nossa idéia de que a existência de uma indústria cinematográfica no estado depende de duas ordens de fatores:

1: — política comercial de cooperação ou aglutinação das empresas de produção e exibição no estado;

2: — intervenção protecionista das autoridades públicas.

1:) Sabe-se que um dos pontos de estrangulamento da indústria de filmes, no Brasil, é a distribuição. Por isso as empresas produtoras que dispõem de distribuidoras próprias são as que contam com maior possibilidades de êxito. A organização de uma empresa distribuidora é mesmo um imperativo de sobrevivência das organizações de produção. Todavia, a vida de uma firma distribuidora depende das possibilidades de colocação dos produtos, isto é, de contar com casas exibidoras para projeção de seus filmes. E não é tão simples, dadas as características do comércio, a obtenção dessas casas. Daí porque o sucesso das firmas distribuidoras nacionais depende de que estejam ligadas a grandes circuitos de exibição. E eis que se coloca o problema em Santa Catarina. De um lado encontramos a organização industrial consubstanciada em "Sul — Cine Prod.", e, de outro, o comércio exibidor, concentrado e monopolizado, especialmente, através dos "Estabelecimentos Daux", que, com mais de 40 salas de projeção no estado, absorvem mais de 50% das receitas de bilheteria. A criação de uma empresa distribuidora de filmes, parece, assim, de interesse para ambos os grupos, e a organização de uma sociedade por parte de tais grupos seria, sem dúvida, a solução "ótima" para o problema.

O poderio comercial do grupo "Daux" teria forças para instalar a empresa e abrir as portas dos circuitos nacionais para os produtos que tivessem de colocar; atividade em curta-metragem da "Sul-Cine Prod." poderia satisfazer as necessidades de fornecimento de jornais cinematográficos o outros complementos. De outra parte, a aglutinação de ambos os grupos no setor da distribuição, poderia levá-los, o que também seria conveniente, a uma estreita cooperação no setor produtivo. Ou seja, poderia ser estabelecido um programa contínuo de produção de longa-metragem, em unidades co-financiadas por "Sul-Cine Prod." e "Daux". O surgimento de uma produção nessas condições teria todas as probalidades de êxito, a indústria produtora estaria assentada em bases sólidas. E é isto, ao cabo, o que se deseja. Uma indústria produtora de filmes, catarinense, de características realmente "industriais", isto é, uma indústria economicamente saudável e vigorosa.

2:) Já frisamos suficientemente a necessidade de intervenção governamental para proteger e criar as condições necessárias ao surgimento de indústria cinematográfica. Frisamos também que, enquanto não surge uma legislação industrial de caráter substantivo, são as medidas adjetivas e regionais que podem ir possibilitando a existência de uma indústria de filmes no Brasil. Em Santa Catarina também, que medidas podem ser tomadas? Muitas e diversas, falaremos de algumas. Os exemplos vêm de São Paulo, como sempre pioneiro. Em 1955, a Prefeitura do Município de São Paulo criou na Secretaria de Educação e Cultura, a Comissão Municipal de Cinema que elaborou projeto de lei que o Executivo encaminhou à Câmara dos Vereadores e foi aprovado em 31/12 do mesmo ano. Criava, esta lei (4.859), um adicional sobre o imposto de diversões públicas, que reverteria em benefício da indústria de produção, através de um sistema de bonificações, com base na renda bruta auferida pelas fitas. A medida é da maior importância, porque sem ônus para os cofres públicos, somente com um pequeno acréscimo no preço dos ingressos, revela-se de largo incentivo para os produtores, por isso que aumeta substancialmente suas receitas. A lei, naturalmente, é de caráter municipal, atende apenas aos produtores paulistas; porém, os legisladores, com certeza, pensando na possibilidade de medida semelhante ser promulgada no Distrito Federal, ofereceram reciprocidade aos municípios que dispusessem de legislação idêntica. E de fato, neste 1958, foi apresentado na Câmara de Vereadores do Distrito Federal projeto de lei igual ao promulgado pelo município paulista. Porto Alegre pretende seguir o mesmo caminho. Florianópolis também poderia seguir. Na verdade, não fosse a cláusula da reciprocidade e esta medida só interessaria aos grandes centros urbanos, capazes de propiciar receitas volumosas. Em vista desta cláusula, porém, interesse maior concerne às pequenas cidades, por isso que as bonificações provenientes de tais cidades pequenas, como Florianópolis, por exemplo, dificilmente alcançam somas consideráveis, em geral, não sobem a mais de 50 mil cruzeiros, enquanto podem atingir a 1 ou 2 milhões em São Paulo ou no Distrito Federal, de sorte que ao produtor carioca ou paulista pouco importa o benefício procedente de uma tal comunidade, mas interessará sumamente ao produtor florianopolitano gozar das vantagens da lei carioca ou paulista. Ou seja, medida como esta, interessa aqui, não pelos benefícios diretos que possa originar, mas porque permite auferir privilégios de legislação análoga existente nos grandes centros urbanos do país. Assim, acreditamos que a promulgação de lei deste teor seria uma grande contribuição que o governo municipal de Florianópolis poderia oferecer à indústria cinematográfica catarinense.

Uma segunda medida, cuja aplicabilidade poderia ser estudada, é a do financiamento aos filmes de curta-metragem. O exemplo mais recente, neste sentido, vem ainda de São Paulo. A Comissão Estadual de Cinema consignou uma verba anual de 2 milhões de cruzados para financiar a produção de filmes documentários, mediante um processo de seleção com base nos roteiros-planificados. A importância do fato nem precisa ser ressaltada. O documentário no Brasil, em geral, é primário porque só é exercido como propaganda e, portanto, sempre limitado a imposições dos patrocinadores. Os documentários brasileiros não documentam, fazem propaganda direta. E por isso também, dificilmente, podem atingir nível artístico mais elevado. De outra parte, o próprio comércio desse tipo de filmes é dominado por uns poucos grupos, que se interessam, em geral, mais pelo "negócio" do que pela realização do filme. Eis porque se torna indispensável medida como a adotada em São Paulo. O governo catarinense poderia adotar política semelhante. A concessão de uma verba anual de 1 ou 2 milhões de cruzeiros, para financiamento de filmes documentários, seria de inestimável interesse, não para os cineastas catarinenses, mas, principalmente, pelo que tais filmes representariam como propaganda e divulgação do estado, pelo Brasil a fora. Tais filmes tornariam Santa Catarina conhecida no Brasil. Isto é uma necessidade. No Brasil pouco se conhece do Brasil. Que sabemos nós da Paraíba? E de Alagoas? O mesmo talvez que os paraibanos e alagoanos sabem de nós — nada. Pois, o filme documentário é o instrumento ideal de informação. E mais, é também o instrumento ideal de educação e persuasão. Assim, é fundamental o amparo desse gênero de filmes, por parte das autoridades públicas.

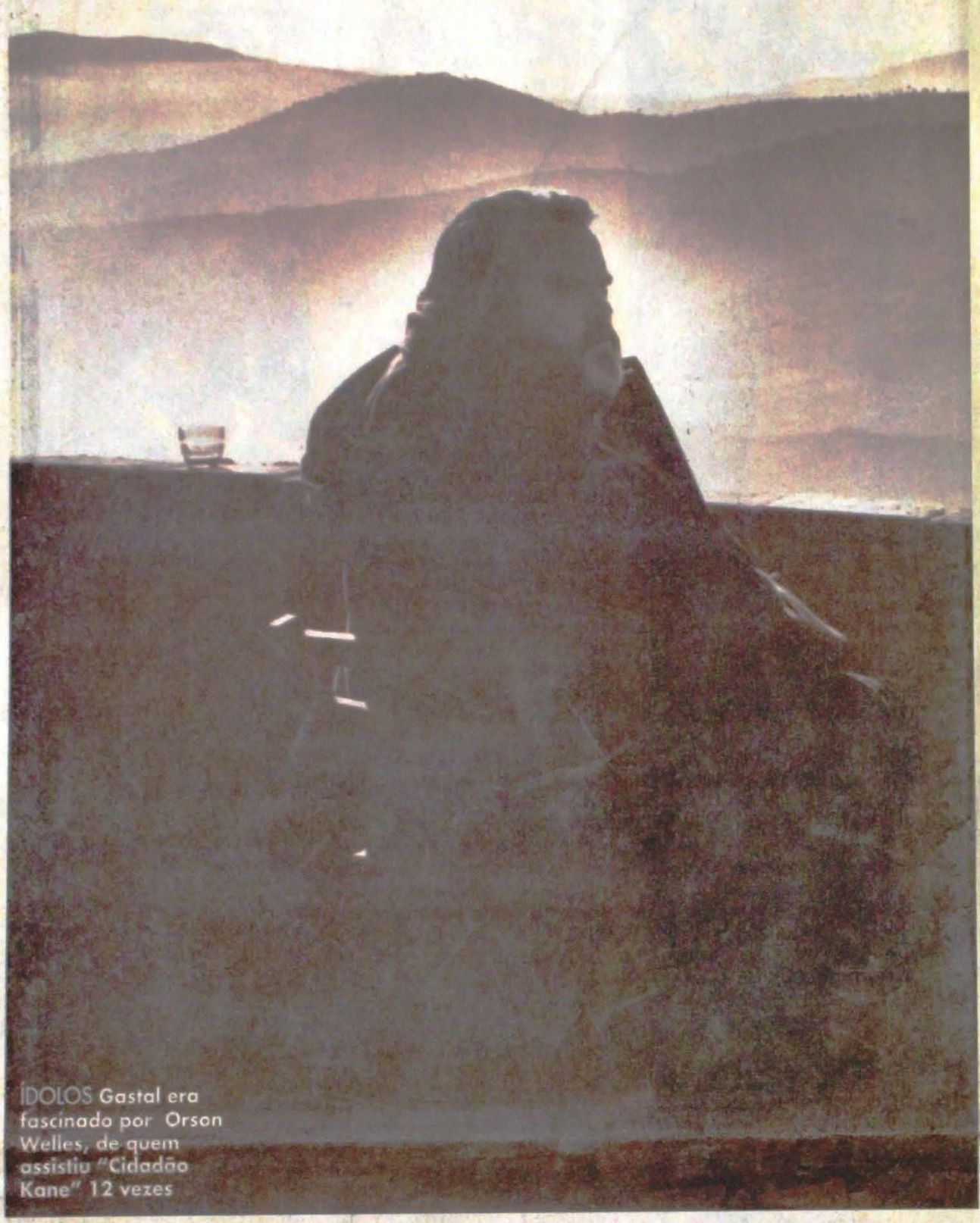
Uma terceira medida, e da maior relevância, seria a construção de estúdios, para alugar e ou ceder aos produtores nacionais. Esta seria uma medida de excepcional interesse para o estabelecimento definitivo de uma indústria produtora de filmes de longa-metragem no estado. A construção de estúdios, modestos mas bem equipados, não demandaria grandes capitais, e de outra parte, serviria não apenas aos produtores locais, mas a todos os produtores que se sentissem atraídos pelas possibilidades cinematográficas catarinenses. Ademais, os estúdios poderiam ser mantidos pelos próprios aluguéis, embora estes, naturalmente, devessem ser facilitados aos produtores locais.

59 MIGUEL, Salim. Gastal - A paixão pelo cinema. **A Notícia,** 09/09/1996, p. 1, Anexo.

Anexo

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 1996

FOTOS DIVULGAÇÃO



ÍDOLOS Gastal era fascinado por Orson Welles, de quem assistiu "Cidadão Kane" 12 vezes

Gastal

A paixão pelo cinema

Um dos criadores do Festival de Gramado tem parte de seu trabalho resgatado em revista

AMOR AO GÊNIO **Calvero, personagem-síntese de Chaplin em "Luzes da Ribalta", um dos pseudônimos usados por Gastal**

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA ANEXO

59

"Cadernos de Cinema de P.F. Gastal", volume organizado por Tuio Becker (Unidade Editorial Porto Alegre/Prefeitura Municipal – 1996), recupera parcela do trabalho do incansável batalhador das artes e nome dos mais significativos da história do nosso cinema. Engana-se, porém, quem imagina que Gastal exerceu apenas a crítica. Poder-se-ia até mesmo dizer que, sob certos aspectos, foi ela complementar à sua múltipla atividade. Ele fez muito mais: criador do Clube de Cinema de Porto Alegre, promotor cultural, incentivador de eventos como o Festival de Cinema de Gramado, editor do modelar "Caderno de Sábado", órgão cultural do "Correio do Povo", aglutinador de cineclubistas, ativo representante do INC no Rio Grande do Sul. E, talvez mais importante, figura humana exemplar.

O envolvimento de Gastal com o cinema foi precoce, permanente, total, desde sua infância em Pelotas. E aumentou com o decorrer dos anos. Falar com Gastal era falar basicamente de cinema. Diga-se, a bem da verdade, não só de cinema. Mas acabava-se discutindo cinema. Quase sempre. Ou sempre.

Agora, ao resgatar textos publicados no "Diário Popular", de Pelotas, quando o autor mal completara 19 anos, e avançar até fins da década de oitenta, Becker não só possibilita que se tenha uma idéia da evolução do crítico, como também de sua fidelidade a alguns pressupostos da sétima arte. Exemplos: a paixão permanente por nomes que definiram e deram estruturação ao cinema, um Chaplin e um Welles, para ficarmos com dois de seus ícones; o fascínio por determinados filmes, tendo assistido 12 vezes (em pouco tempo) a "Cidadão Kane", e 23 a "Em Busca do Ouro", assinala Becker.

Quando necessitou diversificar sua atividade em outro órgão da Empresa Caldas Júnior, editora do "Correio do Povo", Gastal, que já havia adotado o pseudônimo de Ecran, não teve dúvida, optou por Calvero, o personagem síntese de Chaplin em "Luzes da Ribalta".

PIONEIRO

Gastal fez parte da galeria de nomes que marcaram a trajetória do cinema no País, que ajudaram a entender o cinema como a arte do nosso século. Não nos referimos, aqui, a produtores e/ou diretores, mas a críticos, colunistas, pesquisadores, incentivadores, enfim, a todos aqueles que propugnaram por uma nova postura para o cinema, arte e indústria tão complexa. Talvez a tentativa pioneira no gênero, no Brasil, tenha sido com "O Fã", órgão do Chaplin Club.

A plêiade a que queremos nos referir é mais recente. Teve, entre outros, um Walter da Silveira, na Bahia, um Paulo Emílio Salles Gomes, no jornal O Estado de São Paulo, na Cinemateca de São Paulo, na Universidade de Brasília, um Cosme Alves Neto, na Cinemateca do Rio de Janeiro, o Gastal, no Rio Grande do Sul. Enventualmente, alguns podiam atuar em outras frentes, como Alex Vianny, também diretor, autor da "Introdução ao Cinema Brasileiro" e de filmes ("Agulha no Palheiro"; "Rua sem Sol"; "A Noiva da Cidade").

Não posso me furtar a um depoimento pessoal. Os primeiros contatos com Gastal foram em fins da década de quarenta. Iniciava-se, em Florianópolis, o movimento cultural que se tornaria conhecido como Grupo Sul. De repente alguém disse, vendo a indigência da programação nos cinemas, faltanos um Clube de Cinema, a exemplo dos que surgiam pelo País. E outro alguém, diante do impasse, lembrou, vamos apelar para o Gastal. Apelamos. Logo nos atendeu, orientou, ajudando a estruturar o clube e a selecionar os primeiros filmes. Só tempos depois fui conhecê-lo pessoalmente. E desde o primeiro momento, a impressão era a de sermos amigos desde crianças. Nunca mais deixamos de nos comunicar e/ou encontrar. Toda vez que ia a Porto Alegre (e durante anos ia muito, como correspondente de jornais gaúchos, colaborador do "Correio do Povo", para seminários de cultura, para a Feira do Livro), não deixava de procurá-lo. Conversávamos sobre tudo. Principalmente, claro, cinema, com a qual me envolvera, também uma das minhas paixões.

SENSIBILIDADE E INTELIGÊNCIA

O último encontro foi em 1994, durante a Feira do Livro. Visitei-o em casa, ele já adoentado, recebido por outra sua eterna paixão, a mulher Dinah. Fez questão de levar-me até o local onde estava seu enorme acervo, composto de livros em vários idiomas, revistas idem, boletins, recortes, fotos, depoimentos, inestimável documentação para o melhor conhecimento não só da história do nosso cinema. Por convênio com uma instituição (GBOEX), ele era o curador — e estava tentando colocar tudo em ordem, ciente da importância que aquilo teria para os aficcionados ou não. Ao nos despedirmos, sem imaginar que seria uma despedida final, saí com a convicção de que, tão importante quanto o acervo, era o próprio Gastal, humanista que nos atraía por sua sensibilidade e inteligência, sua simplicidade e companheirismo. Com sua morte neste ano, aos 74 anos (na mesma semana morria também o Cosme), perdemos um grande amigo e perde, por igual, a cultura brasileira uma grande figura.

60 MIGUEL, Salim. Contestado na literatura. **A Notícia,** 16/08/1996, p. 3, Anexo.

FOTOS DIVULGAÇÃO

Luta armada reuniu metade do exército brasileiro, civis e a polícia militar contra os revoltosos messiânicos

Contestado na literatura

Luta armada travada em território catarinense, rende mais dois livros: "O Bruxo do Contestado" e "Os Rebeldes Brotam da Terra". Mas o episódio ainda não teve seu Euclides da Cunha, que a relatasse em toda a sua grandeza

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA ANEXO

Transcorridos mais de oitenta anos (1912/1916), as lutas do Contestado continuam provocando controvérsias, polêmicas, instigando e intrigando. De que maneira se tornou possível pobres gentes despreparadas resistirem, durante tanto tempo, a mais de metade do exército brasileiro, a civis, à polícia militar; como e por que se mantiveram firmes e combativos na defesa de suas terras, seus interesses, seu modo de vida, derrotando batalhões bem equipados: por que execravam tanto a recente república e bradavam pela volta da monarquia, mesmo sem saber o que uma e outra significavam ao certo?

Sequelas das lutas permanecem vivas, perpassam o inconsciente coletivo – e se a denominação "contestado" decorre de uma disputa territorial entre Paraná e Santa Catarina, as motivações foram bem mais complexas e profundas, envolvendo invasão de terras, penetração de grupos estrangeiros, como a Brazil Railway e a Lumber, com a conivência de autoridades, derrubada de florestas para a abertura da estrada de ferro, devastação e morte – e, sem dúvida, também um componente messiânica centrado em João Maria e José Maria.

Costumo reiterar que o Contestado não teve, para o bem e para o mal, um Euclides da Cunha. Com "Os Sertões", documento fundamental para a melhor compreensão de determinado momento da realidade brasileira, Euclides da Cunha delimitou espaços, amarrou concepções, marcou em definitivo um tema que extrapolou sua área de atuação específica. A partir de "Os Sertões", ainda que se o queira refutar, é ele referência obrigatória para todos que se debruçam sobre o problema, impossível fugir à diretriz por ele traçada, mesmo quando se pensa em outros movimentos.

DUAS OBRAS

O mesmo não ocorre com o Contestado que teve, sob vários aspectos, dimensões mais abrangentes do que Canudos. Mas continua, embora a importante bibliografia já existente, em aberto para novas investigações. Aliás, é bom assinalar, outros movimentos assemelhados ocorreram por diversos estados brasileiros (Rio Grande do Sul, Goiás, Ceará). Nenhum teve o seu Euclides da Cunha, a repercussão de Canudos.

Neste 1996, exatos oitenta anos do fim dos combates, o Contestado volta à tona em duas obras ficcionais: "Os rebeldes brotam da terra", de Alcides Ribeiro J. da Silva, Ed. FTD/SP; e "O bruxo do Contestado", de Godofredo de Oliveira Neto, Ed. Nova Fronteira/RJ.

Se as duas obras se aproximam pelo tema, distanciam-se – e muito – na proposta, com enfoques que se diferenciam.

No primeiro há uma narrativa direta, cronológica, onde o elemento novo é a aproximação entre Canudos e Contestado. Um ex-soldado que combatera contra Antonio Conselheiro, vem para Santa Catarina em busca de vida nova; de repente se vê envolvido nas lutas do Contestado, só que agora ao lado dos jagunços. E é através deste fio tênue que nos chega, com toda a sua violência e dramaticidade, a crueza das batalhas no Irani, em Caraguatá, em Taquarucu, em todos os redutos para os quais vão sendo empurrados homens, mulheres, crianças. De um lado, armas modernas (até aviões); do outro, espadas de madeira, fuzis e revólveres arcaicos. Ainda assim, as derrotas das forças legais são freqüentes. Escrito para o público adolescente, o livro tem estrutura sólida, prende todo tipo de leitor e retoma aspectos que não podem, nem devem, ser esquecidos. Também não é maniqueista, embora não esconda a simpatia pelos desprotegidos.

DOIS TEMPOS

A proposta de "O bruxo do Contestado" é bem mais ambiciosa. Não temos, aqui, um acompanhamento cronológico das lutas. Nem mesmo acronológico. É como num jogo de armar. O que o autor busca, o que ele pretende é, por intermédio de vozes diferenciadas, recuperar um passado que ainda marca gerações e famílias, incrustrado no imaginário popular. Para isso se utiliza de um artifício: o texto que vamos ler resulta de cadernos manuscritos, encontrados num palacete em demolição no centro de São Paulo. O livro de Godofredo se desdobra em planos que se superpõem. Quem escreve é uma mulher de cerca de 50 anos, em fase terminal de vida. Mas é este um entre os demais artifícios que compõe o livro, pois a mulher não participou das lutas; apenas quer, neste ano de 1981, reavaliar o ontem, seu ontem e de outros seres, puxando para o hoje o que transcorrera em localidade próxima à região conflagrada. O que ela intenta? Escrever a história do bruxo, que se desenrola em 1942, quando o Brasil se prepara para participar da luta contra o nazi-fascismo. Aí outro elemento extemporâneo se interpõe: é através de discussões, do entrechoque entre famílias, de quase ensaios, de conferências, de versões muitas vezes contrapostas que a (pseudo) autora busca a estruturação de sua história e a recuperação do passado. Intercalando reflexões e avaliações do que sentiu e viveu, ela titubeia entre se manter fiel às recordações e a tentativa de analisar o que ocorrera à época. Melhor: às épocas.

Uma possível chave para a apreensão do livro (outras existem, e cabe ao leitor buscá-las) é a da página 63, com o título "- Hotel – 22/1/1981", onde se lê: "... Foi pensando neles que decidi jogar fora O bruxo do Contestado. Tudo o que eu tiver escrito será lido segundo a cabeça do leitor! Nossos amores são amores tântalos. Eu escrevo um texto e ele, o espertalhão, lê outro que não escrevi!" E a seguir: "Claro que o leitor não quer ser escravo de um texto e vai à luta. Desse desejo de liberdade sairá o seu próprio "O bruxo do Contestado". Sabe ele muito bem que a escrita vem travestida, é enganadora, e que ela pode matar o sentido da palavra. O leitor se arma e contra-ataca. Para mim, muito mais aterrorisante que a folha branca é essa reação do leitor. De fato, a escrita é, para nós dois, o crivo da imaginação".

A transcrição talvez seja longa, mas serve para esclarecer a proposta inscrita pelo (a) alter ego de Godofredo de Oliveira Neto. São as vozes da comunidade, este imaginário popular que devolve reelaborado o que fora real. Não temos, em nenhum momento, uma visão direta, objetiva, das lutas; no entanto, seja por Gerd, o chamado bruxo do Contestado, seja por intermédio de outros membros da comunidade, vamos tomando conhecimento do que ocorreu. Resta a dúvida: tal conhecimento, visto por interposta pessoa que aqui tudo intermedeia será o autêntico, o real? Mas o que constitui o real naquilo que vai sendo mitologizado? Através de tão diferenciadas vozes temos, por um lado, a situação que o País atravessa com a 2ª Grande Guerra; e por outro, a tentativa de reconstituir e reavalizar o Contestado com suas implicações, a ponto de muito desejarem, como o bruxo, uma efetiva participação nas lutas, ou um recuo no tempo, para que tudo volte a ser como antes, bem antes de 1912.

INTERESSE

Outra vez me intrometo: tomei conhecimento do Contestado, com toda a sua carga de esperanças e frustrações, na adolescência, em Biguaçu, entreouvindo conversas mantidas na vendola de meu pai, espécie de centro de reuniões. Isso nas décadas de 30/40. Já na de 50, morando em Florianópolis, fui um dia procurado pelo Maurício Vinhas de Queiroz. Queria pesquisar em fontes primárias, em documentos. Me procurara por sugestão de um amigo comum do Rio de Janeiro. Durante meses, ele viajando pelo Estado, toda vez que retornava a Florianópolis, o assunto se tornou tema obsessivo para nós ambos. E eis que me dou conta, eu tinha ali à mão, ao meu lado, uma pessoa que possuía dados fundamentais, morava em Lages por ocasião das lutas. Era João Octávio, avô da Eglê, minha mulher – e que muito ajudou Maurício. E me provocou. Ativou lembranças.

O tema renasceu. Comecei a fazer anotações paralelas às do Maurício, sem clara idéia do destino daquilo, certamente não para um ensaio, quem sabe um conto, uma peça teatral, um romance. Não demora, nova interferência: Guido Wilmar Sassi me escreve, estava com um primeiro tratamento de que viria a ser seu romance "Geração do deserto". Empolgado, estendia-se em minúcias, como iam surgindo as figuras, tomando corpo, ficção e realidade se fundindo num todo harmonioso.

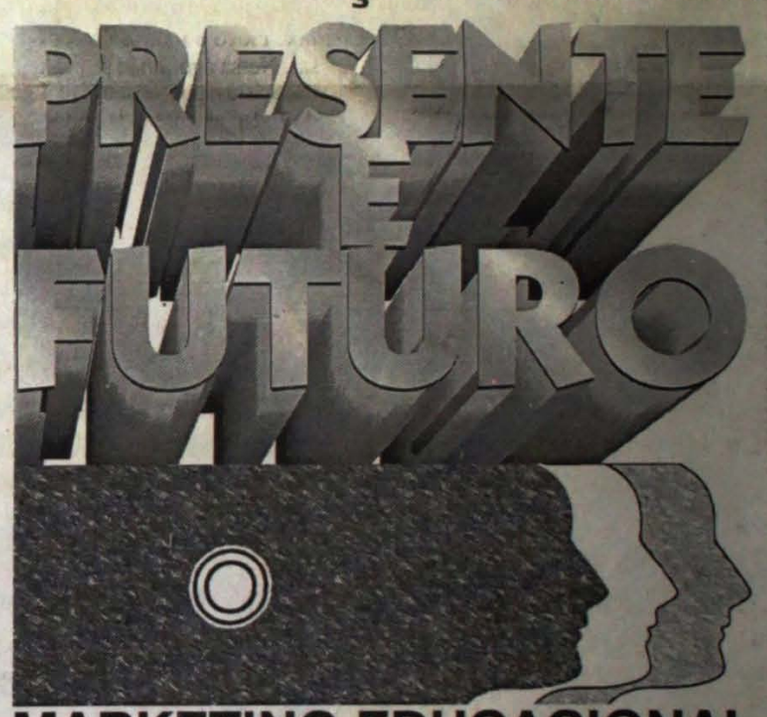
Vejo-me, outra vez, na obrigação de fazer uma citação, agora minha. Dizia eu, num prefácio que era carta, para a 2ª edição do livro: "... desisti. Ao saber que, pouco antes, havias te atirado de cabeça no assunto". E mais adiante: "Larguei de mão o projeto..."

Mas se desisti de escrever sobre o Contestado, continuei arrebanhando tudo o que aparecia. E já temos títulos significativos na ensaística (Maurício Vinhas de Queiroz, Osvaldo Rodrigues Cabral, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Marli Auras, Nilson Tomé, entre tantos), e na ficção. Ao que me consta, o primeiro é "Casa verde", de Noel Nascimento, publicado em 1963. A raiz para o livro está explicitada em uma das dedicatórias: "Ao sargento Sebastião, peludo que virou pelado – meu pai. "Situações definidas, personagens consistentes, recolha de documentos, como a "Carta aberta à Nação", do Imperador Constitucional da Monarquia Sul Brasileira, D. Manuel Alvez de Assumpção Rocha, transcrição de versos como o do capítulo 14, que começam assim: "No dia seis de setembro/Seguia de Porto União/O capitão Matos Costa/Para o campo de São João/Ia com setenta praças/A fim de reconhecer/Não sabia aquele bravo/Que era o dia de morrer". No ano seguinte, 1964, surge "Geração do deserto", do Guido Wilmar Sassi, denso relato, no qual seres reais e de criação ficcional adquirem igual ressonância, a partir da verdade e da vida que lhes insufla o autor. "O jagunço", de Fernando Osvaldo de Oliveira, é de 1978. Num estilo correntio, a reconstituição se faz através do desencontro de um casal de jovens que se ama, Nhoca e Mariazinha. A separação e a ânsia de reencontro servem ao autor para que de sua versão de tudo que ocorreu, embora subintitule o livro de "Um episódio da Guerra do Contestado". De 1994 é "Império caboclo", de Donaldo Schuler. E agora, numa aproximação com "O bruxo do Contestado", podemos retomar o fio interrompido. É que os dois romances se interpenetram. Num texto carregado de alusões, o pseudo-autor de "Império caboclo", também aqui espécie de auter ego, é surpreendido ao receber, no hotel onde se hospeda, um pacote. Abre-o. E se depara com documentos inéditos sobre a conflagração. Eles haviam sido encontrados num casarão de Florianópolis. E o que seriam tranqüilas férias de um casal, se tranforma num torturante desafio para o narrador, que sai em busca de elementos para montar e completar o que falta. O romance de Schuler também apresenta vozes múltiplas, anônimas, com o processo narrativo se fragmentando para, por intermédio da fragmentação, se recompor.

Todas estas contribuições são válidas. Permitem que possamos refletir mais (e melhor) a respeito de um movimento que dizimou milhares de vidas e marcou traumaticamente o Estado. Mas o tema é extremamente rico, é fascinante. Continua a espera de novas contribuições. Mais uma está a caminho: o escritor Adolfo Boos Júnior promete, para o próximo ano, outro romance de um universo que parece inesgotável.

Obras estão sendo lançadas na Bienal do Livro, em São Paulo

CURSO BURTI DE PRODUÇÃO GRÁFICA

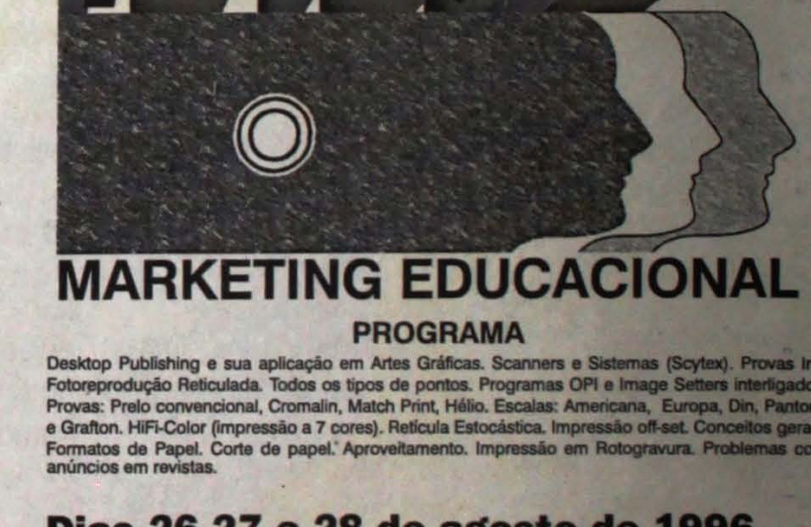


MARKETING EDUCACIONAL

PROGRAMA

Desktop Publishing e sua aplicação em Artes Gráficas. Scanners e Sistemas (Scytex). Provas Iris Fotoreprodução Reticulada. Todos os tipos de pontos. Programas OPI e Image Setters interligados Provas: Prelo convencional, Cromalin, Match Print, Hélio. Escalas: Americana, Europa, Din, Pantone e Grafton. HiFi-Color (impressão a 7 cores). Retícula Estocástica. Impressão off-set. Conceitos gerais Formatos de Papel. Corte de papel. Aproveitamento. Impressão em Rotogravura. Problemas com anúncios em revistas.

Dias 26,27 e 28 de agosto de 1996
Local: Auditório da Fecomércio
Rua Felipe Schmidt, 785 - Térreo



INSCRIÇÕES: Rua Anita Garibaldi, 77 - Sala 501 - Fone: (048) 222.3815
Das 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 19:00 horas
Preço: R$ 35,00 - Inclui apostila e certificado - Vagas limitadas

Promoção:
IOESC
Sindicato das Agências de Propaganda do Estado de Santa Catarina

O BRUXO DO CONTESTADO, DE GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO, EDITORA NOVA FRONTEIRA (RUA BAMBINA, 25, BOTAFOGO, CEP 22251-050, RIO, FONE: 021 537-8770, 205 PÁGINAS.
OS REBELDES BROTAM DA TERRA, ALCIDES RIBEIRO J. DA SILVA, EDITORA FTD, RUA RUI BARBOSA, 1567, BELA VISTA, SÃO PAULO, CEP 1326-010, FONE: 011 253-5011, 138 PÁGINAS.

◆ LITERATURA

61

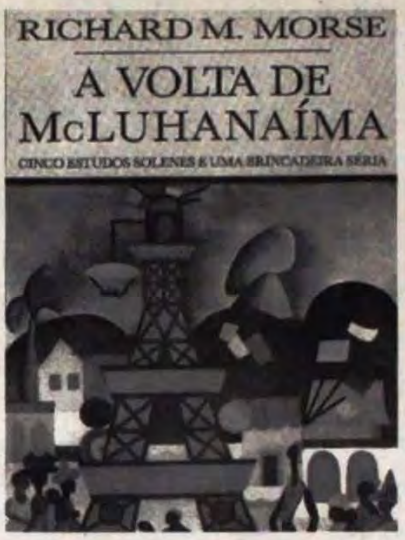
Encontro com Richard Morse

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA ANcapital

Cinco de novembro. Chego a Brasília para o 1º Encontro da Cultura Brasileira, promoção do Ministério da Cultura, do governo do Distrito Federal, da UNB. Estou na recepção do hotel. Falta pouco até que a condução venha nos levar ao Teatro Nacional, local da abertura. Olho de um lado para outro, em busca de conhecidos.

Alguém me chama, acena. É o Muniz Sodré, jornalista, professor, escritor. No Rio de Janeiro, trabalhamos na mesma empresa jornalística. Com meu retorno para Florianópolis, continuamos nos comunicando e encontrando. Me dirijo até ele. Ao lado, um senhor alto, mais para magro, cabelos louros-brancos rareando. Muniz apresenta-o: "É o professor Richard Morse, conhece?" E eu, antes que o Muniz prossiga, conheço, sim, dos livros, e esperava encontrá-lo aqui. Acrescento, talvez o professor Morse não se lembre, mas colaborou em uma revista que circulou em Florianópolis, a Sul, década de 50. Sem dar tempo para que eu prossiga com a explicação, Morse, com aquela precisão que caracteriza seu trabalho de brazilianista, me interrompe para esclarecer, num português de sotaque carregado porém impecável, lembro-me sim, mas minha colaboração começou em fins da década de 40. E na dedicatoria no livro que lhe levei para autografar, ele se refere à colaboração e a satisfação de afinal nos conhecermos pessoalmente.

Num átimo recuo no tempo, recupero a Florianópolis tão agradável da primeira metade do século, quando um grupo de jovens dá início ao movimento cultural e artístico que viria a se tornar conhecido como Grupo Sul. E que visava não apenas mexer com a pacatez da cidadezinha, questionar os falsos valores, inquietar, como também deixar um recado estético e humano. Movimento aberto a quem quisesse colaborar, da terra, ou de qualquer parte do mundo.



De que maneira chegou a colaboração do Morse? Não consigo me lembrar. E a interrupção, quais razões a motivaram? Não sei. Sei, sim, que lhe gravei o nome, adquiri seus livros saídos no Brasil. Da mesma forma como ocorreu com Angel Crespo, da Espanha que traduziu para o espanhol poemas da Eglê Malheiros (há pouco foi publicado em português seu importante "A vida plural de Fernando Pessoa"), que nunca consegui encontrar pessoalmente, ou um Luandino Vieira, colaborador de Angola (que então se assinava José Graça), com quem me encontrei, anos depois, num Congresso de Escritores em São Paulo. Fico só nesses exemplos.

Muniz disse meu nome, Morse quer informações sobre a Sul, o que eu fazia. E durante três dias (5/7-11) nos encontramos várias vezes, faleilhe da funda impressão que seus livros me causaram. A propósito de "O espelho de Próspero", seu livro mais conhecido entre nós, diz Antonio Cândido: "Terminada a leitura, cada um verá que raras vezes tomou conhecimento de uma visão tão inspiradora e original das relações entre a face anglo-saxônica e a face ibérica do Novo Mundo." E Mathew Shirts, referindo-se a "A volta de Mcluhanaíma": "Richard Morse é um dos poucos pensadores americanos originais de hoje."

Eu lhe levara livros meus. No último encontro, Morse estava com "Primeiro de abril - narrativas da cadeia". Disse-me que começara a leitura. Espero que o ajude a avaliar o que foi aquele período.

Pergunto-me: que impressão levará do Encontro? Sua substancial conferência, "A cultura brasileira em perspectiva comparada", proferida no auditório Petrônio Portella, (do Congresso Nacional), com capacidade para mais de 600 lugares, contou com uma audiência de 23 pessoas, incluídas as que ali estavam por obrigação. Morse merecia bem mais, que sua conferência fosse na Universidade de Brasília, com presença compacta de professores e alunos. Ele certamente nada perdeu, embora não deva ter saído satisfeito; perderam, e muito, os que não tiveram oportunidade de ouvir sua instigante exposição. Caso venha a ser publicado, seu trabalho será outra valiosa contribuição de Morse para o melhor conhecimento de nossa cultura e reforço de nossa auto-estima e auto-confiança como nação.

1995

62

Anexo FAMÍLIA

Ilustração Guto

ONTEM	HOJE
Nas noites de verão as pessoas saíam às calçadas, cadeiras na mão. Os velhos, os donos da casa sentavam-se à porta. Amigos conhecidos, visitas ocasionais. O que interessava eram os casos de família, a educação dos filhos, política, escola, árvores genealógicas, a igreja condenando os ciganos que acampavam na cidade. As rodas às vezes estendiam-se pelas calçadas, sem perigo. Haviam poucos ônibus, caminhões levavam leite. As crianças brincavam, corriam, atravessavam ruas, os homens fumavam e as mulheres passeavam.	*Nas noites de verão ou todas as noites, o pai abandona a mesa e dirige-se à deusa dos raios azulados, que espera o toque. Todos se ajeitam, ninguém conversa, não há o que falar. Os filhos não perguntam e estão proibidos de interromper. A mulher mergulha na telenovela. Não haverá visitas, conversas esparsas durante os comerciais. Silenciosa, a família contempla a caixa, recebendo, recebendo, enquanto o corpo suportar estarão ali. Depois sonham com as coisas vistas, nunca sentidas. Imunizadas que estão contra a própria vida.*

■ IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO, NO LIVRO "DENTES AO SOL" (GLOBAL EDITORA)

Salim Miguel

O personagem-narrador desta instigante ficção (Dentes ao Sol) de Ignácio de Loyola Brandão começa afirmando que foi alijado de sua comunidade por seus concidadãos, que "reunidos no Lago da Câmara fizeram pública votação, usando cédulas de antigas eleições". Na verdade, com o decorrer da narrativa, onde exorciza seus fantasmas, constatamos que ele é que se alijou do mundo, de seu meio ambiente. Não soube, como tantos outros, enfrentar os problemas. E aí se auto-marginalizou, se colocou, consciente ou inconscientemente, num ostracismo do qual agora não sabe — ou não pode ou quer — sair. Talvez seja tarde, deixou-se dominar, vencer. E aos poucos, na busca da compreensão de um passado que insiste em sobreviver e que ele ainda quer modificar, o narrador vai se envolvendo e nos envolvendo em seu mundo de realidades e absurdos.

A memória é um elemento fluídico que tem uma disciplina própria à qual ela se subordina. A natureza da memória, como chave para a estrutura do tempo e do eu, é fundamental. Mas há nela uma lógica interior que é necessário saber apreender. E que funciona de forma inexorável no processo de reconstrução da vida para T Mann "o tempo é o meio da narração como o meio da vida". A recaptura do passado, a reconstituição do tempo ontem, então vai se tecendo de maneira fragmentária, aparentemente tumultuada. Sendo a mente humana um instrumento de registro, as pesquisas em torno de tempo e memória vêm se ampliando e contribuindo para um melhor conhecimento do homem, com a ciência confirmando e sistematizado aquilo que a literatura antecipa e intui.

Preocupado com o fazer literário e com o destino do ser humano, Ignácio de Loyola Brandão, mais uma vez aqui como em Zero, trabalha em planos aparentemente independentes, em blocos compactados, movimentando uma humanidade sofrida e vencida. E ao final nos dá um painel de uma cidade interiorana do Brasil, com suas intrigas, suas contradições, seus entrechoques. Que é, na verdade, um microcosmo que reflete o macrocosmo.

Como um fatigado operador de cinema que girou a manivela sem notar que o filme foi colocado sem a ordem preestabelecida e que agora é muito tarde, o narrador de Dentes ao Sol também não percebe ser impossível voltar para se situar logicamente no seu pequeno mundo antigo. Tenta recuar, reconstituir exatamente o passado, se possível refazê-lo com a experiência do ontem e do hoje. E aí se perde-reencontra.

A volta dos fantasmas enche as noites do narrador. Lúcido ou confuso, memória da cidade como ele se auto-intitula, diz estar isolado por querer saber, vivendo com "as horas ao inverso, giro em volta do relógio, para o fundo". E a seguir: "eu, dentro e fora de minha cidade, não pertencendo ao nunca pertencido".

A temática de Ignácio de Loyola Brandão é centrada sobre o homem e seus desencontros, o homem esmagado pela engrenagem. Esta constatação pode ser observada a partir de Depois do sol, seu primeiro livro, volume de contos no qual o autor pega algumas vidas desgarradas e as joga no entrechoque com o ambiente hostil. Agora, o quadro se amplia. Dominando melhor seu instrumento de trabalho, apelando para o absurdo que está no dia-a-dia, ele traça um painel bem mais profundo e por vezes virulento. Se a linguagem é mais trabalhada, se o enfoque é mais ajustado, as situações, dentro de outro contexto, se repetem. E não só elas. Também figuras de seu primeiro livro se repetem, numa busca de unidade ficcional, como o Bernardo do último conto de Depois do Sol e que aqui participa deste Dentes ao Sol.

Referências ao cinema ponteiam o livro, situando-o no tempo e no espaço, e criando uma inter-relação entre o que se passa na cidade, o que o narrador vai procurando reconstituir, e os filmes que marcaram sua geração. Ele diz: "vivíamos intoxicados com o cinema americano". E pensava que a vida pudesse transcorrer como num filme, com a lógica armada e manipulada por trás das câmeras e que depois de pronto e projetado a gente acompanha sem tropeços do começo ao fim. Agora, sentado na sua janela/vigia que dá para a cabine de projeção, ele conclui que não é assim.

"Às seis e meia da tarde, as coisas são piores. É quando a pessoa se vê inteiramente consigo, à janela". E a memória se povoa de fantasmas, e os fantasmas querem se reagrupar num tempo que não é deles, forçar uma presença. Mas o narrador-personagem-autor quer ir além, quer descobrir no que errou, onde errou — se foi ele quem errou. A tentativa com Clarice, no hoje da cidade, ilumina alguns aspectos do livro, mostra-o novamente fracassado e fracassando. E em angústia se interroga: "gozei mesmo ou só tirei uma dúvida? São anos demais sonhando com obsessão. E se a ida para São Paulo não passasse disso? Uma obsessão que terminaria explodindo como bexiga". Memória, fatos, sentidos, elementos, mitos — tudo se funde dentro dele, envolvendo-o num mundo de absurdos e incongruências. E em tudo isto a presença de Nancy é uma constante, algo a que ele quer se agarrar mas que lhe foge. "Sempre que a noite é quente e o cheiro das madressilvas sufoca, eu me lembro de Nancy". Presença-ausente, espécie de elemento acionador de todo aquele mundo perdido, também ela não é mais. Como todos os outros não são mais, pois, diz ele, "se pergunto não respondem. Se falo, calam". E quando saí do hospital, onde "Nancy me visitou", vai procurá-la, faz a última tentativa, inútil, de integração. Antes de doar "este corpo (o livro?) que me ajudou quarenta anos"... para os "estudantes (leitores?) se debruçarem sobre ele e o estudarem".

Salim Miguel, *em "O Castelo de Frankenstein" — Volume I (Editora da UFSC — Co-Edição Lunardelli)*

LIVROS

O ESTADO - Fpolis, 11/02/81

63

As dúvidas (e certezas) de Porã

Salim Miguel

Nesta pequena novela (**Porã**, de Antonio Hohlfeldt, edições Antares-INL/MEC, RJ, 1980), de intensa ressonância existencial e de profundo sentido humano, o Autor traça um quadro lírico-amargo de um mundo que está, ao mesmo tempo, longe/perto de todos nós. Através da história de um indiozinho, narrada numa linguagem exata e densa, somos introduzidos num universo ficcional perturbador por suas implicações e pelo que deixa entrever de entrechoque entre dois mundos antagônicos. Mas que nem por isso deixam de se influenciar mutuamente.

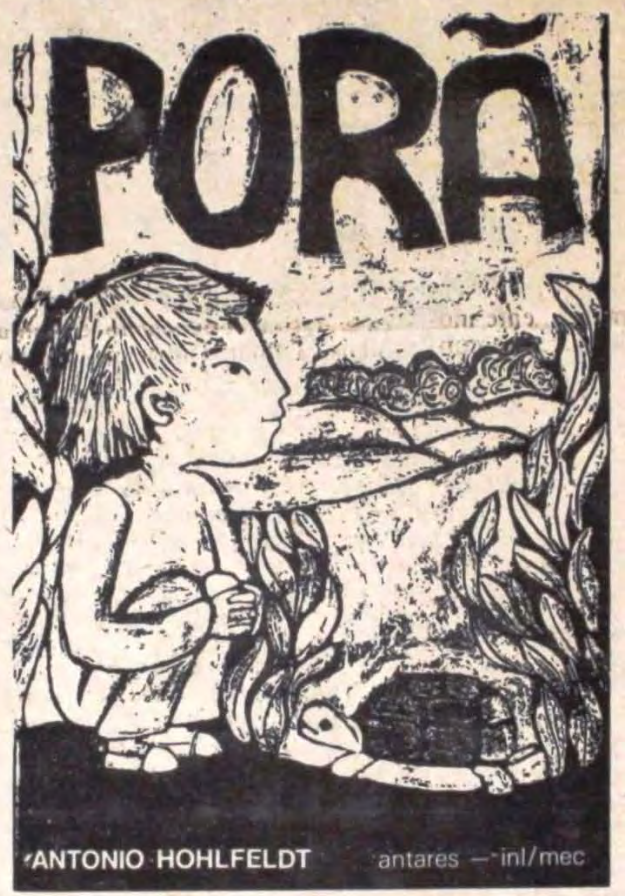
Se por um lado há um jogo inter-relacionado de sensações indefinidas e de entretons, que fluem continuamente, há por outro uma unidade temática intrínseca no desenrolar desta história das perplexidades de Porã, retirado de seu mundo nativo e atirado num ambiente que ele desconhece e que lhe parece hostil.

A narrativa é construída em dois planos ou blocos distintos. Começa a se estruturar a partir da primeira pessoa do singular, num clima lento, de indecisão, como se o personagem estivesse sondando, avaliando, sentido bem o que vai enfrentar (e para quê) ao ser retirado do seu "habitat". Isto é colocado logo na primeira frase do texto ("Por que a professora tinha feito aquilo comigo?"). A pergunta é, por igual, como uma indagação que se faz o próprio personagem, questionando-se, e, também, para o leitor, que assim é introduzido logo no cerne do drama, questionando-o. A partir daí, também ele, leitor, fica interessado em saber o porque do ato da professora.

Temos, assim, um elemento instigador e acionador. Tal proposta atrai para a leitura, puxa para os incidentes e conduz a uma melhor fruição do texto.

Mas logo adiante, com outra frase enigmática ("Que eu tenho muita dor no fundo de mim e que eu não quero mais voltar para a escola."), o tema é aparentemente abandonado.

Com a interrupção brusca passamos ao outro plano ou



bloco, agora narrado na terceira pessoa, onde o Autor se torna onisciente e onipresente. Também aqui, o início do período situa bem o indiozinho. Só que agora visto de outra perspectiva. Por alguém que tem o poder de vê-lo de fora ("Porã está na cidade."), através de uma constatação que não deixa lugar para dúvidas; e das sensações e emoções a respeito daquilo que Porã vê, partindo de uma variação do início da frase (como se fosse uma nota musical onde lá bem no fundo se pudesse perceber tal variação) e de uma conclusão que já é uma reação interior (Porã vê a cidade e não entende direito para que ela serve).

Da indecisão inicial do personagem à lenta tomada de consciência há toda uma caminhada, para a qual interferem vários elementos e uma comparsaria de maior ou menor presença. Porã sente, avalia, pesa o seu lado e o lado dos outros. Quer compreender. Embora algo ele aprenda ou intua, muita coisa lhe escapa. Surgem, então, cenas de vida dos índios, lendas, mitos, crendices, que ele vai incorporando. Também inicia seu aprendizado do "outro lado", o lado dos brancos.

O contraponto - primeira-terceira pessoa - marca o desenrolar da história, que se constrói e reconstrói de pequenos episódios, de diálogos, de situaçẽs simples, onde aspectos de todo um modo de viver são iluminados. E iluminados, para usar um trecho do próprio Hohlfedt, como se o fossem por aquelas chamas que "botaram as línguas de fora para uns gravetos secos, que não tinham queimado ainda, e um fogareu subiu alto, como dando bom-dia para Porã". Então o entendimento começa a chegar a Porã.

O cuidado com o texto, com o saber transmitir, com o acreditar no leitor, são marcas principais deste livro. Hohlfeldt entende que o público juvenil, para quem o livro é especialmente dirigido (mas não só para ele) merece ainda maior atenção dos escritores. Daí o pesar cada palavra, dosar o sentido íntimo de cada frase criando uma narrativa envolvente e sem qualquer ranço doutrinário.

Também as ilustrações de Jussara Gruber merecem uma palavra especial. Elas não só se integram ao espírito narrativo, como compreendem e transmitem perfeitamente a idéia básica do livro.

A simbologia dos náufragos na ficção de Mário Pontes

SALIM MIGUEL

A ambientação deste primeiro romance(*) de Mário Pontes é a mesma de seu livro anterior, **Milagre na Salina** (contos). Estamos, outra vez, em Nova-Esperança, lugarejo nordestino que já conhecemos. E para nos (re) introduzir em seu universo ficcional, o autor se utiliza de um artifício: Ribas, o pressuposto narrador, que é também personagem, bem mais tarde, ao procurar reconstituir e relatar os fatos então ocorridos, começaria à maneira dos antigos cronistas: "Era ao anoitecer de segunda-feira, 11 de janeiro". Logo este tom é abandonado para ser retomado ao final.

Para Mário Pontes, isto (a linguagem do contador da história) não só é deliberada, como também uma "espécie de dívida que o autor paga aos narradores populares, contadores de causos e cantadores de viola, com quem convivi na infância e foram meus primeiros mestres". E que tão fundamente o marcariam.

Então, numa trama complexa na sua aparente simplicidade, uma extensa galeria de tipos, bem diferenciados na maneira de agir e reagir, começa a transitar, todos entrelaçados e inter-relacionados. Através de uma palavra, um gesto, uma sugestão, Mário Pontes traça a psicologia e fixa a personalidade de cada qual deles, com seus problemas específicos, incertezas e esperanças, compondo um microcosmo que reflete o ser humano em todas as suas dimensões e perplexidades.

O motivo aparente que deflagra e acelera a ação é a aproximação de um destacamento desgarrado da Coluna Prestes. Como um rastilho, a notícia se difunde. Seu mito, sua aura, causam temor e expectativa. A cidade se mobiliza.

O período: segunda semana de janeiro de 1926. E muito embora a chegada dos revoltosos à cidade não se concretize, em cada personagem ela provoca uma reação, emoções contraditórias, acirrando animosidades que jaziam latentes.

Ainda que centrada no professor, vítima final de tudo aquilo, a simbologia dos náufragos tem, por suas implicações, um alcance bem mais amplo. Contrapondo-se a ele, também vítima, um ex-empregado do circo. Com isto Mário Pontes une as pontas de sua história, pois por intermédio destes dois seres na aparência tão diversos, ele interliga os demais. E deixa entrever que, de uma maneira ou outra, náufragos todos são.

Sabendo, com maestria, construir e manter o clima, erguer e manipular sua miúda humanidade, num estilo enxuto e numa estruturação direta, Mário Pontes cria situações que, ao mesmo tempo, influem no comportamento dos personagens e resultam no envolvimento do leitor.

É o incêndio do circo e é o mundinho da farmácia onde os boatos fervilham; é o bar com sua fauna e é a igreja com seu mistério; é a política e é a indefinição.

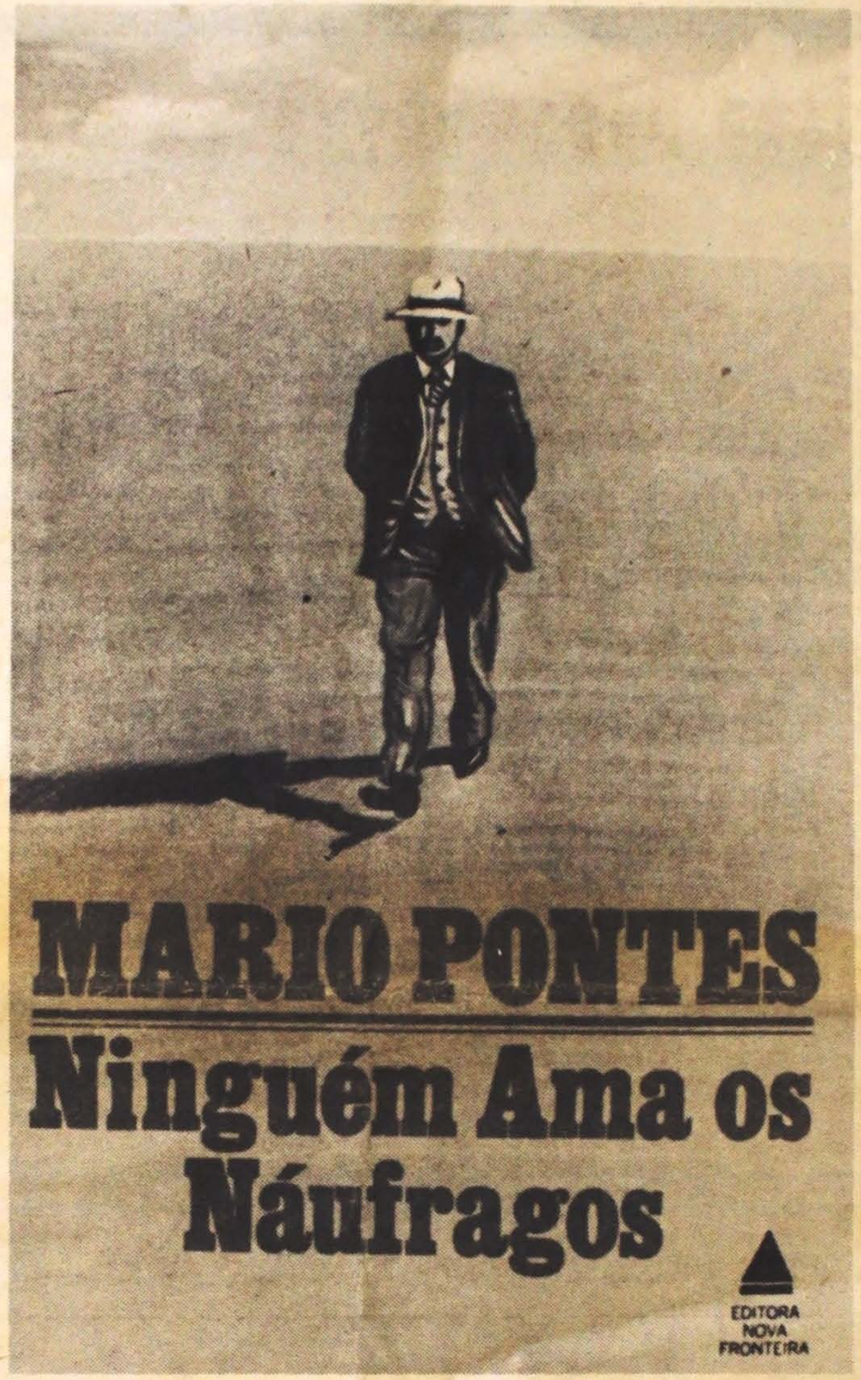
E, também, são, entre outros, estranhas e humanas figuras como Madá e Chico/Tupã, o professor e Ribas, Bianor e Lobo, Dona Flávia e o padre, gente-gente, autêntica e sofrida.

Na sua montagem seqüencial, o livro tem uma grande força, tem humor, tem ironia, tem drama e tem comédia. Mas o que toca mais fundo, resultado dessa fusão, é o calor humano e a simpatia com que Mário Pontes encara sua gente e sua terra. Procurando compreendê-la e fazer com que a compreendamos.

Nem importa seu final amargo e pessimista. Pois, como ele constata, saindo de um sonho mau é preciso que saibamos e "possamos nos preparar para o pesadelo seguinte".

E se por um lado o estilo preciso e a propriedade narrativa possuem poder de fruição e possibilitam um livro que prende e inquieta, por outro temos uma reflexão exata sobre nosso tempo e nossa gente.

Crítico, ensaísta, estudioso do fenômeno literário e estético, sob vários aspectos a arte de Mário Pontes se situa numa família onde estão criadores do porte de um Gogol ou um Cesare Pavese.



(*) ***Ninguém ama os náufragos,*** **romance de Mário Pontes. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981. pp. 198.**

LETRAS & LIVROS

65 MIGUEL, Salim. Livro - a nova vedete. **Correio do Livro,** nov. 86/jan.1987, p. 5.

LIVRO
a nova vedete

65

Salim Miguel
Romancista, ensaista e diretor executivo da Editora da UFSC

Mais de 600 mil visitantes, cerca de 800 mil exemplares vendidos, 150 mil consultas aos computadores instalados no local, 2.346 ônibus transportando quase 250 mil crianças de São Paulo, Rio, Paraná, Santa Catarina, 650 autografadores deixando sua marca nas mãos de incontáveis e inusuais adquirentes, um faturamento de Cz$ 30 milhões. Eis uma estatística preliminar sobre o evento. Tudo isto num período de dez dias.

Do que estamos falando? Até há pouco várias conjecturas poderiam ser feitas. Menos uma: não se trata de livro. Pois bem: trata-se exatamente desse produto tão esquivo e no qual poucos ainda acreditam, falando-se até mesmo em sua extinção diante dos novos meios de comunicação, mais facilmente assimiláveis, embora jamais consigam substituí-lo. Os dados acima não dizem tudo. São uma parcela dos resultados (e da importância) da 9ª Bienal Internacional do Livro, promovida (21/31 de agosto) em São Paulo, no Parque Ibirapuera, pela Câmara Brasileira do Livro, e que revelou, para espanto de muitos, uma nova vedete: o livro. Vedete que ocupou, nos diferentes órgãos de comunicação do País, um espaço inusitado.

Mais de 20 países participaram da mostra, ocupando 188 estandes, num total de 8 mil metros, 6 mil painéis, 18 quilômetros de prateleiras, 3,5 quilômetros de bancadas, 5.500 **spots** para iluminação, 12 mil metros de carpetes. Tudo isto para que fossem expostos cerca de 100 mil títulos diferentes e mais de um milhão de exemplares de livros de todas as tendências e para todos os gostos. Querem mais informações? Eis-las: as pesquisas revelaram que a grande maioria dos visitantes era de jovens, que houve equilíbrio entre homens e mulheres, que quase todos trabalham e/ou estudam, que boa parte não tem o hábito de comprar livro.

Inês Guerreiro/Arquivo Leia

BABEL

O visitante incauto que por acaso ali caísse encontrar-se-ia numa verdadeira Babel: bandos de guris (gafanhotos insaciáveis como alguém os apelidou) percorrendo os estandes e arrebanhando tudo que encontravam em matéria de catálogos, folhetos, cartazes; mais adiante, fila de espera para o autógrafo (foram mais de 600 autores de todas as procedências e categorias), com o editor nervoso se desculpando diante do público e do escritor porque o livro ainda não chegara, "ficou pronto só ontem à noitinha, e para maior azar o avião atrasou, mas vai estar aqui logo-logo"; ali pertinho, noutro estande, o bebê de meses observa perplexo os pais erguerem um muro de livros no vazio de seu carrinho; pouco depois, é a venezuelana que não consegue se fazer entender; e na Praça da Cultura, entre um **show** e outro, os assim chamados alternativos dizem seus poemas, crônicas, contos, ensaios, conclamam o público a lhes comprar as obras (pagas com recursos do próprio bolso), berram **slogans** reclamam do espaço que lhes coube, alertam para que não deixem de visitá-los "ali pertinho", insistem em que o que há de novo e inventivo "está com a gente". São três compactos pavimentos de gritos, risos, burburinho, vozes conhecidas ou estranhas, estranhos idiomas se alternando e misturando.

Durante todos os dias (manhã, tarde, noite) era a multidão se acotovelando, percorrendo os estandes, examinando os títulos, dizendo "estou só dando uma bispada, daquele ali tem muitos exemplares volto depois pra comprar, ou vou encomendar pelo reembolso", pedem catálogos, orientação, "me perdi", onde fica o estande da editora tal, "você sabe se já teve o autógrafo do escritor x?" Além dos expositores tradicionais (Portugal, Espanha, França, Itália, Estados Unidos, URSS, Inglaterra) viam-se novos atraindo curiosos e interessados, que se detinham só para folhear um livro ou fazer perguntas, em especial nos estandes da Nicarágua, de Cuba, da OLP. E no Brasil, lado a lado, conviviam em harmonia desde os sofisticados estandes das grandes editoras até os modestíssimos das alternativas. Igualmente ansiosos (e eufóricos) querendo mostrar o que estavam produzindo.

ATRAÇÕES

Nos primeiros dias os destaques foram para a prensa de Guttenberg (todos queriam uma pagininha, com o tipógrafo se esfalfando para atender às solicitações e aos pedidos de posar para as fotos ao lado da impressora "ao meu lado, sim, é uma lembrancinha que quero levar pro meu filho/irmão/pai/mãe/tio/namorada/amigo/parente"), no estande de outra estreante, a Alemanha; e para as gravuras, que sumiram como num passe de mágicas, no estande da China. Havia, também, os que queriam saber a história do livro, desde a sua criação até a impressão final, ou como se faz papel — e lá estava tudo montado para satisfazer a avidez dos eternos curiosos. Depois, eram os múltiplos lançamentos e os eventos paralelos. Logo, não se podia controlar tudo o que estava acontecendo e onde — tantos eram os acontecimentos paralelos e simultâneos em tantos lugares diferentes. Até que vinha a saturação, "vamos dar um tempo e voltar amanhã de tarde".

Editores, autores, livreiros, jornalistas, visitantes, simples curiosos, compradores, agentes literários, todos de agenda na mão, iam anotando, revisando, riscando, se informando, "isto aqui eu não posso perder, em que estande fulano autografa, e sicrano, como fui me esquecer da hora e do número do estande, poxa será que vou ter que voltar até lá em baixo pra conseguir aquele livro que não comprei, não agüento mais, aqui não tem não, vou me sentar e tomar um chope, comer um pão-de-queijo quentinho, é preciso também não esquecer o estômago, ai meus pés, e a saída, onde está a saída?".

Mas isto era uma parte do todo: havia o V Seminário Latino-americano de Literatura Infantb-Juvenil, o encontro com o Houaiss sobre problemas de tradução, o debate com o Celso Furtado sobre o projeto Sarney de incentivo à cultura, o Simpósio sobre Bibliotecas, a Premeira Mostra Nacional de Ilustradores de Livros Infantis e Juvenis.

No estande da Livraria Camões podia-se bater um papo com o José Saramago, autor de **Memorial do Convento**; no da Editora Nova Fronteira com Josué Montello que autografava sua **Ficção Completa**; no da José Olympio era o Fernando Cristovão esperando que chegassem os primeiros exemplares de seu ensaio sobre **Graciliano Ramos**; e na Record, Fernando Sabino, tendo ao lado Ligia e Alfredo Machado, lançava a qüinqüagéssima edição do seu **Encontro Marcado**, que comemora 30 anos de publicação. Mais pra baixo era a catarinense Edla van Steen e o alagoano Ricardo Ramos, cercados de amigos, no estande da Global. E até atores dando uma de autores: a Rita Lee, o Morais Moreira, a Bruna Lombardi deparando-se com filas intermináveis. Para concorrer com eles só um Jorge Amado...

ESPERTOS

E os experts (ou espertos, sei lá!) em mercadologia, o que dizem eles, como explicar e/ou justificar, numa crise sem igual que o Brasil atravessou (atravessa, dela mal-e-mal começa a sair) tal interesse pelo livro, este primo-pobre? Talvez exatamente o fator crise ajude a compreender o fenômeno seja ele o deflagrador de todo um processo de conscientização, chamando a atenção para um produto tão malsinado e marginalizado. Será então que já nos devemos dar por satisfeitos? Não, de jeito nenhum! É apenas um início. O índice de leitura é insignificante, o gosto pela leitura pequeno, continuamos editando pouco (e mal), em tiragens pequenas, a distribuição é precária, o número de livrarias insuficiente, os leitores despreparados comprando muitas vezes (por falta de informação ou informação equivocada) os Sidney Sheldon da vida, o relacionamento editor x autor distribuidor x livreiro é insatisfatório. E como saber quando um livro, por sua proposta humana e estética deve chegar até o consumidor, pelos caminhos normais, e quando há um elemento que extrapola o puramente literário? Pululam por aí as contrafações importadas, tomando o lugar de nossa produção e ocupando um espaço que é nosso de direito: os assim chamados livros de linha de montagem.

Mas os sintomas são positivos. E uma primeira constatação se faz necessária: editores estão satisfeitos, livreiros estão satisfeitos, até mesmo autores começam a se animar. E se tudo isto persistir, quem sabe amanhã ter-se-á verdadeiramente a profissão de escritor entre nós. Com mercado estável, aumento de tiragem, melhor distribuição.

OPINIÕES

De que maneira encaram tudo isto os homens do setor? Alfredo Weiszflog, presidente da Câmara Brasileira do Livro, com otimismo. Fala da importância da Bienal e que ela cumpriu seus objetivos: promover o livro, o autor, as realizações do mercado editorial. José Gorayeb, coordenador geral da Bienal, concorda e não vê razão para a mudança de local preconizada por expositores. Diz que ele é adequado, podendo abrigar maior número deles. Uma boa medida seria reduzir os estandes a um máximo de 90m2. Portugal, por exemplo, ocupou 300m2. Gorayeb também não acha viável a idéia de se dividir o espaço por temas específicos. Contra-argumenta: "E as editoras que possuem uma gama diversificada de títulos como ficarão?" Maria do Carmo, da PUC e das Editoras Universitárias, acha que a experiência do trabalho em conjunto foi válida. "Mas vamos dar sugestões" — acrescenta.

E os autores, onde ficam? Certamente (com raras exceções) não vão lá pela venda, mas pela possível promoção, pelos contatos com o público e com outros autores, pela possibilidade de encontros com colunistas "que possam dar uma forcinha pro meu livro", ou com um agente literário (a Carmen Balcells, por exemplo). E Hélio Pólvora, jornalista, ficcionista, crítico literário, resumindo tudo, dizia com razão que é preciso avaliar mais profundamente o fenômeno. Que o interesse pelo livro não seja passageiro. Concluindo: esperemos que dure e ajude o Brasil em sua caminhada.

Correio do 8 LIVRO

66

Agosto-Outubro 1986

Características e ações das editoras de universidades

Salim Miguel

Romancista, ensaista e diretor executivo da Editora da UFSC

Diante da diversidade de problemas peculiares a cada região, num país da extensão territorial do Brasil, não nos parece haver uma fórmula capaz de englobar num todo único o programa a ser desenvolvido pelas editoras universitárias.

Numa constante realimentação, pela resposta que receba do Estado em que atua, atenta a tudo que ocorra em redor, um projeto de editora universitária tem que ser suficientemente flexível para se adaptar às exigências em permanente mutação do universo a que se propõe servir.

Em primeiro lugar espera-se que sejam projetos culturais e não projetos comerciais. Como consequência, as editoras universitárias necessitam realizar um trabalho alternativo e/ou de complementação, e não de concorrência às editoras comerciais.

Sendo um projeto cultural, precisa ser também um projeto político no sentido mais profundo da palavra, já que pode contribuir para a independência e libertação do povo, o avanço cultural, e o melhor conhecimento da realidade em que se vive.

Um projeto cultural desse tipo, se de um lado tem de ser sensível aos reclamos e solicitações do espaço, em que atua, por outro tem de ter consciência das metas a médio e a longo prazos que se propõe, para não oscilar conforme os ventos da moda ou os interesses pessoais.

Numa editora universitária, existem itens sobre os quais não pairam dúvidas: a necessidade do livro-texto, das séries didáticas, das publicações periódicas, bem como de outros trabalhos importantes mas que devido ao alto custo e ao retorno lento não encontram guarida nas assim chamadas editoras comerciais.

Outros itens, no entanto, podem ser polêmicos. Um deles é o que se refere à literária.

É exatamente aí que se colocam em evidência as peculiaridades regionais.

Tomemos o caso de Santa Catarina.

Não havendo editoras comerciais de porte, capazes de abarcar a produção literária; sendo difícil furar o eixo Rio/São Paulo (ou Rio Grande do Sul e Minas Gerais) principais pólos editoriais do País, o autor da província não tem como publicar. E não tendo como publicar e se tornar conhecido, pouco importa o seu mérito, as portas das editoras não se lhe abrem. Se isto ocorre com o autor do livro técnico ou didático, que bem ou mal, conta com um mercado a ser alcançado, o que dizer do autor da chamada criação literária?

Com a crise, o espaço nos órgãos de comunicação foi se tornando a cada dia mais restrito. Como o nome do autor não circula, ele não se torna conhecido. Não dando vazão ao que produz, ele se sente gradativamente desestimulado.

Aí pode — e a nosso ver, deve — entrar a Editora Universitária. Não visando lucro, mas apenas procurando equilibrar (se possível) receita e despesa, ela tem que bancar autores considerados difíceis e de retorno lento, mas que tenham um recado a dar, ou nomes novos que tragam uma mensagem estética ou humana revolucionária que mereça ser conhecida.

Sintetizando, parece-nos que a filosofia de uma editora universitária num país do Teceiro Mundo, como o Brasil, pode ser assim definida:

1 — busca de títulos importantes, mas quase sempre de retorno lento, que tragam uma contribuição válida para o processo de desenvolvimento social e cultural do país, difíceis de serem aceitos por editoras comerciais; 2 — títulos que reflitam e discutam a universidade como um todo, com seus acertos e desacertos; 3 — títulos que signifiquem um projeto cultural e deixem um retrato e uma memória do que se produz na comunidade universitária; 4 — títulos que possibilitem a ampliação do leque de abrangência, visando sempre mais a uma integração universidade/comunidade, inclusive com permanente incentivo ao surgimento de novos valores; 5 — publicação de livros que abarquem, indistintamente, todas as áreas do saber; 6 — títulos que estimulem a diversificação e melhoria da produção intelectual, num sadio processo de emulação; 7 — fortalecimento dos Conselhos Editoriais a fim de permitir uma seleção de títulos cada vez mais rigorosa; 8 — pensar o livro como um bem necessário e insubsituível, objeto de conhecimento e fruição; 9 — tornar possível, pelo permanente intercâmbio, que as editoras ajudem a romper o isolamento social; 10 — contribuir para que a universidade se transforme num fórum permanente de debate aberto ao jogo de idéias.

Revivendo a trajetória de Lampião pelo Nordeste brasileiro, ou debatendo a independência política do País e de seus vizinhos latino-americanos, os livros universitários são um panorama do que se pensa e se publica hoje nas Editoras Universitárias de todo o País

A MARCHA DE LAMPIÃO. Raul Fernandes — Um levantamento da vida em Mossoró, no ano de 1927, quando a cidade foi invadida por Lampião e seu bando. Cidade de comerciantes, feirantes, conhecida como a capital do Oeste no Rio Grande do Norte, Mossoró ainda guarda as marcas da invasão dos cangaceiros. Livro de pesquisa histórica, editado pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Código 00010; 308 pp. Cz$ 40.00.

A FORMAÇÃO DAS NAÇÕES LATINO—AMERICANAS. Maria Ligia Prado — A autora aborda o processo de independência política das nações da América Latina e o conceito de liberdade em cada uma dessas nações. Se para Bolívar liberdade era sinônimo de rompimento com a Espanha, para Dessalines, era sobretudo fim da escravidão. Livro da Editora da Unicamp. Código 00011; 82 pp. Cz$ 24.00.

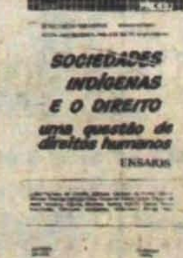
COMO NORMALIZAR TRABALHOS TÉCNICO—CIENTÍFICOS?. Heloísa Rios Gusmão e Eliana Souza Pinheiro — Onde se deve localizar o sumário de um livro? Quais os elementos de uma separata? Quando e que você pode suprimir palavras de um título? Editora da Universidade Federal Fluminense publica em convênio com o PROED. Código 00012; 158 pp. Cz$ 27.00.

ESTUDOS SOBRE QUATRO REGIONALISTAS. Nelly Alves de Almeida — o livro apresenta os aspectos linguísticos e estilísticos de quatro escritores brasileiros profundamente marcados por seus vínculos regionalistas: Bernardo Élis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos e Mário Palmério. Publicação pela Editora da Universidade Federal de Goiás Código 00013; 300 pp. Cz$ 70.00.

ESTADO E CAPITAL ESTRANGEIRO NA INDUSTRIALIZAÇÃO MINEIRA. Clélio Campolina Diniz — Professor de Ciência Econômica, o autor fornece, neste livro, os elementos básicos para se compreender a participação do capital estrangeiro na economia de Minas Gerais neste final de século. Editado pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. Código 00014; 260 pp. Cz$ 14.00.

INTRODUÇÃO À BOTÂNICA SISTEMÁTICA. Alarich H. Schultz — Obra que se pode considerar um verdadeiro dicionário de Botânica, indispensável aos cursos de Ciências Naturais, foi toda revista e atualizada pelo autor para a quarta edição, agora publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Código 00015; 382 pp. Cz$ 64.40.

O DISCURSO AUTORITÁRIO DE CAIRU. João Alfredo Montenegro — Ensaio sobre o conceito analítico do discurso autoritário, tomando-se como exemplo o pensamento político do Visconde de Cairu. Editado pela Editora da Universidade Federal do Ceará, em convênio com o PROED. Código 00016; 274 pp. Cz$ 15.00.



SOCIEDADES INDÍGENAS E O DIREITO, uma Questão de Direitos Humanos. ensaios — Resultado de uma série de encontros do Departamento de Ciências Sociais da UFSC, o livro mostra a problemática das relações entre as minorias étnicas e o Estado. Uma edição da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina em convênio com o CNPq. Código 00017; 190 pp. Cz$ 12.00.

HISTÓRIA DAS IDÉIAS DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE. Glaucio Veiga — A história de um dos cursos de Direito mais antigos do Brasil e de sua contribuição para as idéias jurídicas desde o Império até nossos dias. Publicação da Editora da Universidade Federal de Pernambuco. Código 00018; 4 vols. Cz$ 57.40.

A Editora Universidade de Brasília, cumprindo com o seu objetivo de melhorar a circulação do conhecimento, estabeleceu convênio com a Editora Thesaurus, de Brasília. A partir de agosto você terá acesso às obras da Thesaurus pelo Clube do Livro da UnB.

DICIONÁRIO DOS PEIXES DO BRASIL. Hitoshi Nomura — Obra de referência, apresentando as denominações científicas e as famílias dos peixes do Brasil, além dos nomes vulgares pelos quais são conhecidos. 462 pp. Cz$ 220,00. Cód. 00019

POESIA DE FERNANDO PESSOA, diversos — Primeiro volume dos Cadernos de Literatura, a poesia de Fernando Pessoa é apresentada em cuidadosa seleção realizada por Fernando Mendes Vianna, com bom número de ilustrações. 131 pp. Cz$ 40,00. Cód. 00020

DIREITO POLÍTICO DO SUFRÁGIO NO BRASIL. Maria Arair Pinto Paiva — Tese que mostra o histórico objetivo dos princípios da instituição do voto desde as suas origens na democracia grega até a democracia contemporânea. 287 pp. Cz$ 70,00. Cód. 00021

SOL E CHUVA — RITOS E TRADIÇÕES, Altimar Pimentel — um trabalho de cultura popular sobre todos os rituais ligados à previsão do tempo assim como os meios para abrandar os rigores das estiagens e das inundações. 116 pp. Cz$ 40,00. Cód. 00022

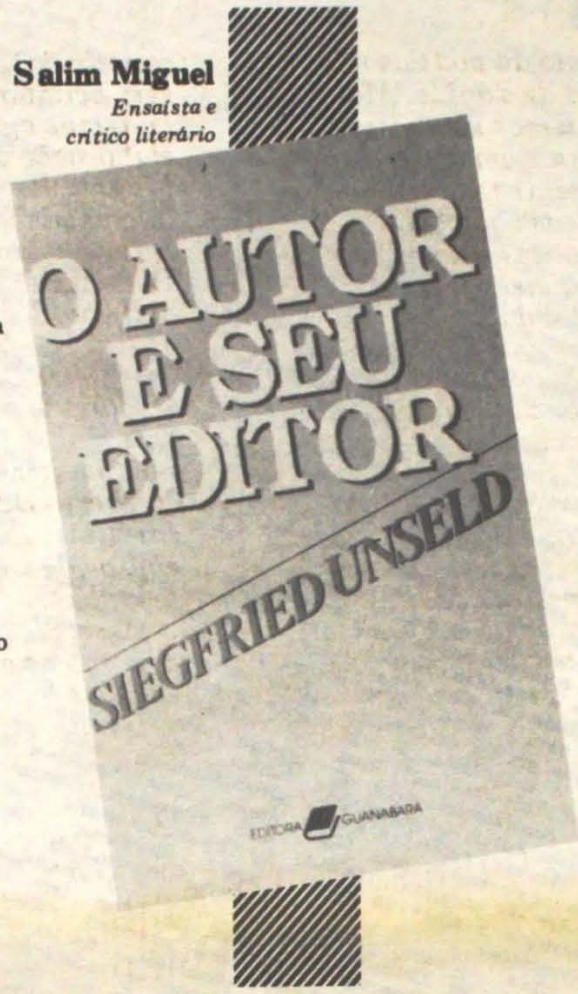
DICIONÁRIO ANALÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, Francisco dos Santos Azevedo — Um dicionário que apresenta soluções rápidas e ideais para todos os que, ao escrever, procuram palavras afins, evitando a repetição de termos corriqueiros. 685 pp. Cz$ 220,00. Cód. 0023

O DESTINO DE UM HOMEM, Mikhail Cholokhov — Pequena novela que conta a história do cossaco Sokolov durante a II Guerra Mundial, um personagem inesquecível, ligado a um terrível destino. Uma pequena obra prima da literatura mundial. 95 pp. Cz$ 35,00. Cód. 0024

67 MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **Correio do Livro,** abr./jun. 1987, p. 18

Relação autor x editor - uma análise

Salim Miguel
Ensaísta e crítico literário



De que maneira se pode estabelecer os limites da (boa) convivência entre autor e editor? Até que ponto os interesses de ambos se confundem e em que momento se distanciam? Qual a visão que um autor tem do papel de um editor e este daquele? Como deve ser o relacionamento mútuo para que dele resulte algo verdadeiramente positivo? Os textos de um jovem e revolucionário autor conseguem ser apreendidos com facilidade por um editor? Estará ele sensível a tais mensagens? E ainda que isto aconteça não terá que pensar duas vezes antes de aprová-lo para publicação, já que necessita de retorno imediato para continuar editando? Até onde investir, aguardando que um dia o novo se torne aceito pelos leitores e rentável? E se isto não ocorrer? E se o novo não demonstrar as qualidades imaginadas a uma primeira leitura?
A propósito destas e de outras colocações, com exemplo de autores hoje famosos e de como foi o contato que mantiveram com editores, depõe o editor alemão Siegfried Unseld, que desde 1959 dirige a Suhrkamp.
Vamos a dois exemplos ilustrativos. Ele afirma no primeiro:

«O mal-estar persistente que caracteriza a relação entre o autor e seu editor é resultado da própria atividade do editor, que, como Jano, tem duas faces. Ele precisa — conforme diz Brecht — produzir aquela «mercadoria sagrada que é o livro», e **também** vendê-la, isto é, precisa associar a atividade intelectual ao comércio, para que aquele que escreve essa literatura possa viver e aquele que edita tenha condições para fazê-lo».

Mas o editor se vê, não raras vezes, envolvido num conflito entre diferentes papéis. Pensando do modo que está acima explicado ele se limitaria a publicar aquilo que já tem uma garantia de saída, clássicos ou nomes feitos. Mas e os novos, onde ficam? Será válido investir neles, esperar algo deles num futuro problemático? Vejamos o que Unseld diz a respeito:

«Uma editora literária que leva a sério a sua tarefa não cessará jamais, ainda que os tempos sejam difíceis, de publicar a literatura jovem, por mais que ela encontre dificuldade em se afirmar junto aos leitores e compradores».

Equilibrar-se entre estes dois pólos (publicar para sobreviver e se afirmar, mas sem ignorar o jovem, a mensagem nova) será então o papel de um editor que não vise apenas lucro, mas que tenha uma compreensão mais profunda e exata da importância e do alcance de sua atividade.

Tais temas, e muitos outros paralelos ou correlatos, estão presentes em **O autor e seu editor**, de Siegfried Unseld, que aparece pela Editora Guanabara/RJ. Editor, e mais, dirigindo uma das principais editoras alemãs, Unseld coloca e discute, com conhecimento de causa, numerosos problemas ligados à profissão, estudando de maneira objetiva o papel do editor na comunidade e sua atuação em seu meio e em seu tempo. Dá-nos, assim, uma radiografia de seu complexo trabalho e dos meandros em que precisa navegar.

Ele começa por um capítulo significativamente intitulado «A missão do editor de textos literários», buscando ver as implicações que isto comporta. Parte, a seguir, para examinar de que maneira se processou o relacionamento de editores com autores do porte de um Hermann Hesse, um Bertold Brecht, um Rainer Maria Rilke, um Robert Walser. É curioso observar que enquanto os três primeiros se fixaram num editor que lhes deu condições de produzir e de se sustentarem, o último (independentemente do valor de sua obra) não teve tal oportunidade. Textos em prosa e verso de Walser, de inegável qualidade — diz Unseld — foram sistematicamente recusados por editores que já haviam publicado trabalhos do mesmo autor, ou por outros editores. A explicação para tal fato como quase sempre, é dúbia. Não se referiam à qualidade, mas ao mercado, a não aceitação do tipo de texto que ele produzia. Isto se refletiu de maneira profunda na personalidade instável de Walser, fazendo com que passasse seus últimos anos num sanatório. Só tempos depois de sua morte, e graças a um amigo que nos lembrou o Marx Brod de Kafka, sua obra foi (re) descoberta e passou a ser valorizada.

Mas o problema não é tão simples. Poder-se-ia questionar: caso um editor tivesse resolvido bancar a produção literária de Robert Walser isto teria resolvido seus problemas íntimos; lhe devolveria a confiança em si mesmo; sua produção seria mais consequente; teria a aceitação do público e da crítica? Ou, como tantos outros, antes e depois dele, encontrava-se Walser com uma escrita bem à frente de sua época? São questões que permanecem em aberto. Mas a conclusão de Siegfried Unseld é a favor do autor. Diz ele no fecho do primeiro capítulo de seu livro:

«A literatura é sempre aquilo que os autores fazem dela. As responsabilidades do editor literário podem ter mudado um pouco no fluxo do processo de comunicação literária, mas no fundo permanecem as mesmas: estar à disposição do autor, aberto àquilo que sua obra traz de novo, e contribuir para a sua difusão. Oxalá todos os editores tivessem essa mesma abertura, considerassem o produto livro da mesma forma que Brecht, uma «mercadoria sagrada» que tem implicações com a cultura e a civilização, implicações que vão para muito além do simples retorno financeiro.

No caso presente há mais. Unseld discute não apenas o papel do editor na produção do livro. Ele tem uma visão crítica aguçada; e suas colocações a respeito de Brecht, Hesse, Rilke são altamente pertinentes. Ele nos dá, ao mesmo tempo, um retrato do homem e do escritor, fala das certezas e dúvidas que o assaltam nos momentos da criação, do relacionamento com os editores e com os colegas de ofício, da importância do que nos legaram e da influência que exerceram. Por tudo isto, é livro que se recomenda, tanto para autores como para editores e leitores em geral. Ilumina aspectos controversos e que necessitam ser debatidos e definidos com objetividade.

Código GB001. 312 páginas. Cz$ 335,00

Código Civil Esboço

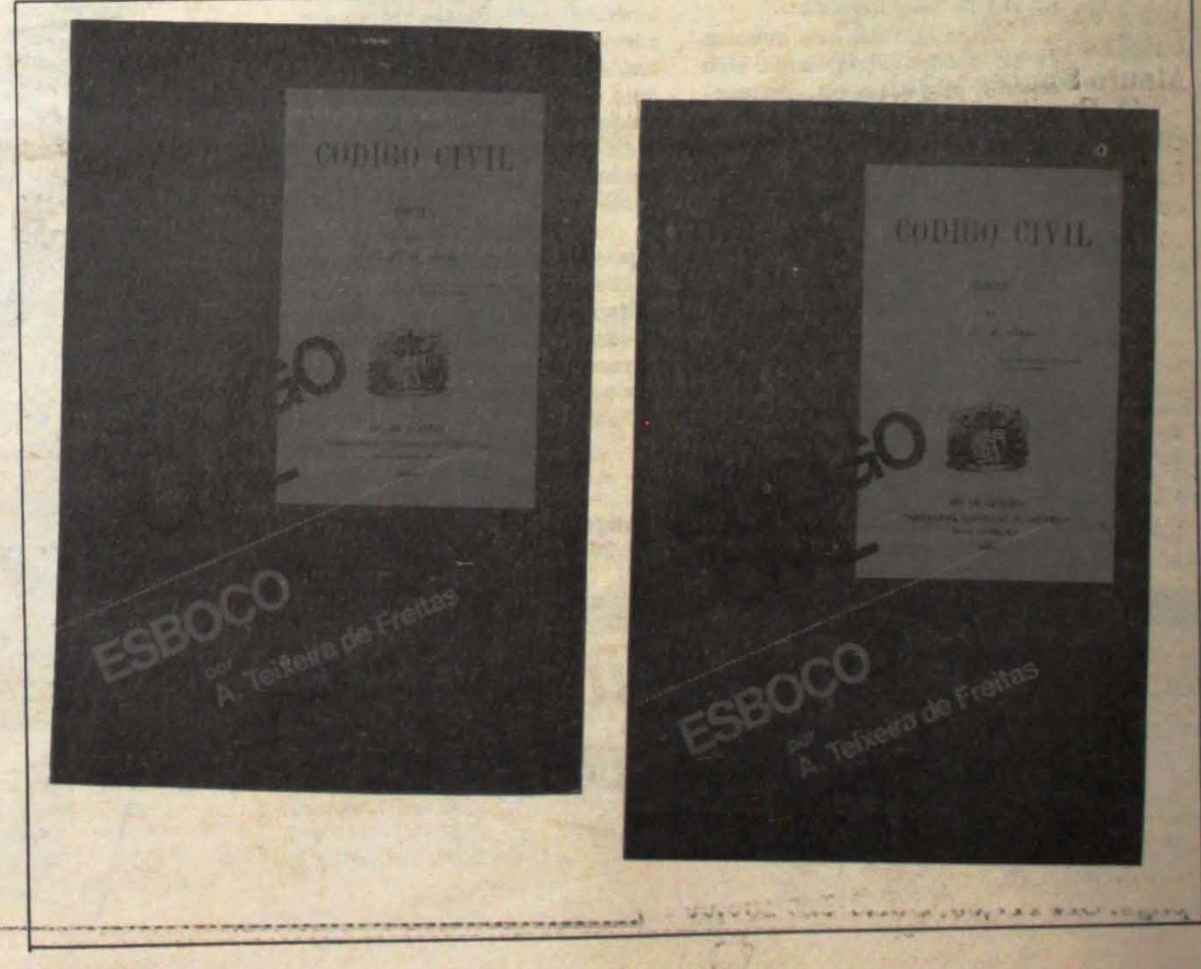
Augusto Teixeira de Freitas

Nascido na Bahia, em 1816, Teixeira de Freitas formou-se advogado em 1837. Sempre requisitado para grandes tarefas, uma delas foi a elaboração da consolidação das leis civis, a pedido do governo imperial de 1855. Legou-nos, também, a primeira e mais importante obra jurídica brasileira, o **Código Civil**, que ele próprio denominou **Esboço** e que só foi publicado mais de vinte anos após sua morte, em 12 de dezembro de 1883. Em toda a vida jamais exerceu cargo ou função pública. Esteve sempre alheio às atividades políticas de sua época e não freqüentou a sociedade. Era modesto, retraído, viveu para dedicar-se ao Direito e à família.

Os 4.908 artigos do **Esboço** foram publicados em sete partes consecutivas, à medida que ficavam prontos. Depois do sétimo e último fascículo, ficou faltando a publicação de mais de 308 artigos, a maioria em manuscrito. Sua obra ficou inacabada, apesar de ter-lhe dedicado oito longos anos. Mais pelo descaso do governo, que o havia contratado para escrever o **Código Civil**, do que propriamente pela saúde, já debilitada, e pela falta de pagamento ao trabalho realizado — custeado apenas nos três primeiros anos.

Apesar de cem anos terem se passado, não deixa de ser justa a homenagem do Ministério da Justiça ao publicar, em co-edição com a Universidade de Brasília, o **Esboço** do **Código Civil**, tal como foi escrito por Augusto Teixeira de Freitas. A obra divide-se em dois volumes totalizando 663 páginas de História.

Código 09563. 663 páginas. 2 vols. Cz$ 583,00. Sócio Cz$ 408,00



68

Se elas falassem...

Gazeta 13-12-45

SALIM MIGUEL

A renovação é necessaria em todos os setores. Não só nas artes ou numa ante; não so no terreno do pensamento. Mas em tudo, em qualquer campo. Sempre tem sido assim: renovar ou inovar, o que não é a mesma coisa. Transformar. Porque renovação subentende que os mesmos moldes com novas formas é que ainda estão em vigor; quase uma transformação. Enquanto que inovação -, como já o diz a palavra, fazer novo; e é muito mais dificil, exigindo maior pesquisa e estudo, com mais perigo de queda.

No Brasil de agora podem-se notar as duas correntes; ambas com a sua importância e valor; ambas pugnando por um melhor conhecimento do homem e das coisas do país — tanto na sua psicologia como reação aos fatos internos e externos que se desenrolam no mundo. Não é no entanto, por ora, nossa inenção estudar tais fatos, que nos levariam para caminhos muito diversos dos que pretendemos trilhar. Diremos sòmente: Sempre os homens tem se batido por se encontrarem mais e melhormente a si mesmos — e sempre tem surgido diante deles os que não os compreendem. Pessoas que não evoluem nem sabem ser tolerantes. Pessoas que combatem os que querem tentar algo próprio, ou tentar dizer as coisas diversamente das formas já ditas.

Mas será que tais pessoas não compreendem que êste desejo de dar algo próprio é inato ao homem, nasce com êle, faz parte de sua personalidade? Será possivel que nunca o tenham sentido, que desde sempre estiveram presos ao já feito- Até nas minimas coisas, sempre o homem sente a satisfação de poder dizer: "Eu fiz isto assim"; ou: "Eu pensei isto assim" sem que encontre quem lhe retruque: "Mas fulano já fez e assim mesmo, você em nada adiantou, em nada contribuiu, você é um mero copista e aproveitador". Por isto devemos ao menos tentar.

Não implica tal fato de fazer coisa própria em pertencer a uma determinada corrente literaria, à êste ou aquele movimento. Não! As correntes são feitas, o homem é que para facilitar tarefa, lhes dá diversas denominações. Porque, no fundo, em verdade, não há corrente. Cada qual diverge dos demais, é senhor de seu modo de expressão, sofre influência, é preso sòmente à sua época, ao meio em que vive, aos costumes, modos de ser, dos quais participa e para os quais contribui com uma parcela maior ou menor — de acordo com sua capacidade.

Não se vai exigir por isto que pessoas já de certa idade, as mais das vezes envelhecidas mentalmente mesmo quando novas, compreendem e aplaudam in totum as novas gerações e o que elas fazem. A capacidade de percepção e captação humana vai até determinado limite e estaciona. Muito justo. Acontece com a maioria. O que se pede, é que tais pessoas *não critiquem* o que não podem entender. Isto sim não é justo. Então só porque não podem entender não presta?

Agora, o que não é possível é entender ou admitir que muitos jovens, para os quais não há motivo justo de estacionamento, permaneçam embasbacados diante de expressões de cultura às mais das vezes mediocres do passado que pouco ou nada lhe dizem á sensibilidade. Que admirem tais vultos, isto é lá com eles. Mas querer impingí-los como a última palavra, absolutamente não. Admirar e mesmo assim conscientemente — só o que é bom. Êste resiste a tudo. Tratar, se possível, de ultrapassá-lo. Não de ser maior — o que é coisa inteiramente diversa. Mas podemos ultrapassar grandes vultos, não por nós, e sim porque nossa época *em si* já possui importantes conhecimentos antes ignorados...

Estas considerações nos vieram à mente por motivo da leitura do volume de Walter F. Piazza ("se elas falassem... "(contos de minha terra) — edição do autor — Florianópolis — 1949). Porque, como já dissemos, ser moderno não implica em pertencer a arte moderna. Muitos destes nada tem de modernos. Enquanto que outros mesmo contra a arte moderna, são modernos. E não se pense que estamos sofismando ou tratando de lançar confusão. Não nos agrada o mero paradoxo. Ser moderno portanto é uma condição quase inerente à própria pessoa, ao modo de ser do individuo. Ser moderno também é para muitos uma conquista difícil. O que não significa ser bom ou máu. Assim como se pode ser bom ou máu sem ser moderno. Pois esta é uma questão que vem muito depois. Depende de análise, de estudo e pesquisa e procura de filiação, de vàlor da obra, de importancia da mesma pelo valor da forma ou contendo e ainda ambas as coisas juntas, afim, de multiplos fatores.

Assim diremos: Walter F. Piazza não é moderno. Assim diremos também: Walter F. Piazza não é acadêmico.

Continua na 2ª. página

Se elas falassem...

(Continuação da 1ª página)

Diremos então: Walter F. Piazza está em busca de uma maneira própria de se manifestar. Mesmo que ao escrever êle não o queira, ou queira tentar uma ou outra forma, só fará se prejudicar. Êle por enquanto deve ser o que é. De um certo sabor antiquado, mas com um estilo que tende para uma compreensão de si mesmo. O artista age movido por estranhas forças. E rá duas especiais de artistas: os que já conseguiram atingir um tal estado de maturidade que sabem ter uma auto-critica suficientemente boa, e os outros, os que não são senhores lúcidos de suas criações, a quem elas dominam e tiranizam. Walter pertence ao segundo grupo. Não possui ainda o dominio critico de seu metier. Pelo que lhe escapam muitas vezes certos trechos inexpressivos...

Mas Walter precisa primeiro ser visto com um estudioso da história. Sòmente depois podemos partir para saber se o autor, tentando dentro do próprio gênero história, outra modalidade, pode ser bom ou máu...

"Se elas falassem..." um titulo que por si só já sugere duvidas. "Elas" quem? O leitor não tem a obrigação de adivinhar. Mas como "elas" em geral se refere a mulheres... O caso é que não se trata de mulheres. Porém onde o A. parece ter acertado menos é no sub-titulo. "Contos de minha terra". Contos... bem sabemos que conto é um denominação de sentido enormemente elastico, lato. Mas pela própria factura dos trabalhos enfeixados melhor caberia a denominação "histórias". "Histórias de minha terra". História no duplo sentido, que muito bem sentaria ao volume; no de simples história, fato veridico, "histórico". Partindo deste prisma, podemos tentar analisár as histórias do volume. Formam uma unidade; apesar de histórias com emas diversos e desligados uns dos outros. Mas formam uma unidade pela maneira como estão desenvolvidos, pelos temas em si, pelo espírito que todos possuem e que os liga. São reminiscências, casos contados, ou que o autor ouviu dizer, histórias essas que existem em todos os municipios, na voz dos velhos homens do povo, transmitidos de uns para outros, se transformando com o passar de muito tempo em folclore, a espera de quem os saiba recolher, coligir, publicar. Sob este aspecto o livro de Walter F. Piazza é de sumo interesse. Ele rememora com carinhoso cuidado os "fastos" de sua terra. Tem um olhar de poesia para os acontecimentos mais simples. Sente-se que é um apaixonado de seu torrão natal. Porém mais apaixonado ainda, especialmente apaixonado... da história. Às vezes mesmo deixa de contar, para escrever história.

É o caminho natural, pelo menos assim nos parece do autor. A história, o estudo da história, a pesquisa, os esclarecimentos dos fatos relativos ao passado...

Gênero dos mais ingratos o que o autor pretende. Mais ainda a tentativa deste livro: a história estilisada. Exige uma preparação e adaptação enorme. Por isto, o trabalho nos parece mais uma tentativa primeira. Promissoras aliás. Melhor mesmo do que muito livro que conhecemos tido como bom. Pelo espírito de estudo que possui.

A linguagem em geral é boa; mas não de todo depurada. O estilo ás vezes titubeante; sem contudo demonstrar inteiro desconhecimento do metier. A maneira de narrar tem suas vacilações; porém pelo tom geral do volume não chega a prejudicar demasiadamente. Há trechos porém bastante bons, de uma beleza serena, sem rebuscamentos tão naturais em que está começando. Outros contudo o seu tanto piegas, de um sentimentalismo balofo, quase de literatice, destoando, fazendo decair bastante o volume...

Mas é inegavel o valor do livro. E muitas falhas são mais que naturais numa estréia, que esperamos com a continuação será promissora e de importancia neste minguado ambiente das letras catarinenses. Pais que já é tempo do Estado entrar na luta das letras do Brasil, deixar de ser méro espetador, contribuir, influir no movimento artistico do país.

(De "O Globo", do Rio).

CINEMA

69

Dublagem: Um absurdo

Volta-se a falar, e agora com maior insistência, já que a matéria se encontra na Câmara Federal, na dublagem dos filmes que nos chegam. Absurdo maior não se poderia imaginar. De qualquer ângulo, sob qualquer aspecto que se queira analisar o problema, êle nos aparece de um ridículo sem par. Só pequenos interêsses inconfessáveis ou ignorância do problema permitem um apôio à idéia. E não adianta falar em ajuda ao cinema nacional, porque não é nem poderia ser. É um desestímulo e um desserviço ao cinema. É preciso não se ter os menores rudimentos da arte cinematográfica, quase diríamos não se haver ido nunca a um cinema, para se admitir, ainda que ao de leve, a dublagem. Na Europa, em alguns países onde ela é tradicionalmente usada, há uma campanha constante pelo extermínio da medida. Nos clubes de cinema, sempre que possível, são importados cópias no idioma original, para projeção. E aqui, agora, fala-se na implantação da mesma medida. A quem interessará ela? Não ao probrezinho e sempre incipiente cineminha nacional, que lucro algum terá com a medida.

Será, então, o letreiro o ideal? É claro que não. Mas como ste ideal não existe, dos males o menor. Por isto é que ainda existem tantos saudosistas do cinema mudo...

As pequenas experiências feitas, entre nós, com dublagem, há alguns anos, foram deploráveis em todos os sentidos. Lembramo-nos ainda muito bem de um filme, até que por sinal um bom filme, de uma série semi-documentária ("A Casa da Rua 92"), na qual um ator chamado Loyd Nollan era dublado por não sabemos que ator de rádio teatro. Nada mais lamentável do que o ator abrindo a bôca, a gente esperando a voz correspondente e saindo uma que nada nos dizia. Rizadas gerais no cinema.

É preciso compreender que cada país tem, além da sua língua própria, do idioma que lhe corresponde, a sua própria maneira de gesticular, acompanhando o que está dizendo. Aliás nem é preciso ir-se a países diferentes. Aqui mesmo, nas nossas diferentes regiões, temos maneiras diferentes não só de dizer as coisas, como ainda de usar as mãos, o corpo, os olhos, todo o rosto, ao dizê-las e para dizê-las. É engano pensar-se que falamos só com a bôca, com o movimento dos lábios. Falamos com o corpo todo, falamos com a personalidade que temos, com o que o meio ambiente em nós condicionou e falamos ainda com o que trazemos de carga ancestral em nós. Pois bem, êste é um grave aspecto contra a propalada dublagem. Mas se nos disserem que é êste um aspecto subjetivo do problema, retrucaremos que outro objetivo e bastante, será, então, o não haver coincidência possível na articulação entre o que se está dizendo, em inglês por exemplo, no filme, e o que se vai dizer em português. O movimento nunca será perfeito e deixará uma impressão de inautenticidade. Não basta? Tem mais: já imaginaram grandes atores (um L. Olivier em Hamlet) que sabem **dizer** o que estão dizendo, dando a entonação exata e criando a personagem também através da fala, substituidos pelos nossos quase sempre lamentáveis atores de rádio teatro? É o fim do fim? E o cantores então? Um Louis Armstrong por um Vicente Celestino... Não, nem de brincadeira devemos permitir um semelhante isto. Não é trabalhar por um cinema nacional, não é trabalhar por uma cultura nacional, permitir-se a dublagem. É o reinado da contrafação e do absurdo.

JORNADA CINECLUBISTICA

No Rio, patrocinada pela Federação dos Cine Clubes, de 21-24 de janeiro, será realizada a terceira jornada cineclubistica brasileira, para a qual estão sendo convidados, além de elementos dos clubes de cinema de todos os Estados, outras pesosas interessadas na sétima arte. Vários são os problemas em debate e que por certo merecerão a devida atenção dos participantes. Estes encontros são importantes, sob muitos aspectos e permitirão, além do mais, uma troca de informações e experiências do que se está fazendo pela divulgação do bom cinema. Esperamos que a presente jornada tome uma posição firme contra a ameaça de dublagem que pesa sôbre o cinema. No mais, auguramos felicidades aos promotores da iniciativa, entre os quais se encontra o jovem catarinense Marcos Farias, Presidente da Federação dos Cine Clubes do Rio e um dos nossos bons estudiosos dos problemas ligados ao cinema.

S. M.

70 MIGUEL, Salim. Um memorialista do conto. **Gazeta de Notícias,** 15/11/1959, p. 1.

otícias
CEARÁ
NTO
OVEMBRO DE 1959
IBERAL

o serviço com al-
beças.
x x x
es corriam rápidos
no de cada um co-
ser nervosamente
is novamente deve-
pagos o aluguer, a
tinuo e outras pres-
escritório continua-
fatòriamente fre-
mas a sua receita,
mente inferior às
normais, não cor-
ao labor do pro-
que já pisava o
o como quem sobe
or infelicidade, esta-
va-se em véspera de eleições e um seu companheiro de infância, candidato a um cargo, teve a inspiração de lhe mandar casos sôbre casos de eleitores, para "atencioso exame". Em cada cartãozinho, dizia-lhe, em afetuoso final:

"Grato por mais êste obsêquio, disponha do..."

E assim é que, para não acabar despejado, ou também candidato a vereador, resolveu o nosso bom doutor fechar seu escritório e entregar, desiludido, suas salas com vista para o mar...

70

UM MEMORIALISTA DO CONTO

SALIM MIGUEL

Em trabalho anterior salientamos que, os dois ramos principais do conto, (o conto com começo, meio a fim à Maupassant e o conto fixação-deflagrante à Mansfield e Tchecof) não são mais estáticos e imutáveis. Estes dois ramos hoje se subdividem em inúmeros outros, se entrelaçam e bifurcam. Donde as tantas variantes dêste difícil e importante gênero da história curta.

Literatura autônoma, com uma linguagem própria que a caracteriza e identifica, o conto atravessa uma fase de grande aceitação entre o público ledor. As frequentes antologias de contos, os volumes individuais, os ensaios a respeito, o interêsse sempre crescente dos editôres, a publicação regular em periódicos, tudo atesta a pujança e influência do gênero.

No Brasil, embora poucos sejam os nomes que se realizaram integralmente no conto, sempre foi grande o número de contistas. Iludindo os menos avisados, que o julgavam categoria menor e mais fácil, preparação para o romance, a êle muitos se atiravam, poucos contudo atingindo uma alta qualidade literária. Mas, sob muitos aspectos, esta inflação não deixa de ser um bem. Dá vitalidade possibilitando mesmo o aparecimento de grandes valores. Bem sabemos que uma literatura não se faz sòmente de grandes nomes. E' até acaciano dizer-se que os grandes, os que se sobrepõem é às custas do esfôrço inglório dos que permanecem num anonimato ou semi.

São sem conta, nos últimos anos, os volumes de contos publicados. São inúmeros os autores que se têm firmado através da história curta. E se é verdade que bem poucos, pouquíssimos têm trazido uma contribuição verdadeiramente nova e pessoal, muitos tem publicado volumes de real interêsse e que valorizam o conto, dando-lhe autenticidade e fôrça.

O ano que passou viu a estréa de alguns autores e a confirmação do valor de outros. E', por exemplo, o caso de Hélio Pólvora (1), que se bem estreante em volume, não pode ser considerado um nome novo nas letras. Contista, crítico, Hélio Pólvora já era conhecido nos meios intelectuais muito antes da publicação de "Os Galos da Aurora". O volume lançado pela Editora Civilização Brasileira apenas veio confirmar as qualidades do ficcionista bahiano.

Memorialista antes de tudo — e isto êle deixa entrever já na epígrafe do livro ao citar Tennyson: "...In looking on the happy autumn field And trinking of the days that are no more" — o A. retoma o passado que não volta, para recriá-lo, situando-se para isto numa linha intermediária entre o conto tradicional e o conto moderno. Sem se sujeitar contudo a nenhum dos dois, embora, frisemos, se aproveite de ambos na realização de sua obra literária. Vivendo de reminiscências, êle vai lentamente erguendo suas histórias com fragmentos do passado, construindo seus causos, relatando-os como quem conversa, pachorrentamente, despreocupadamente. Por vêzes mesmo ficamos em dúvida: será aquilo que ali está diante de nós a procura de uma expressão própria, de uma linguagem intencional, de uma busca formal, estilística? Ou, pelo contrário, é a maneira de ser pessoal do autor, um ignorar consciente ou inconsciente de fórmulas ou estilos, contando da maneira como os contos lhe surgem na memória, numa mera transposição da realidade?

De qualquer forma, o que importa acima de tudo é a qualidade do que vem contido; é a maneira como vem contado; é o que o autor tem para nos contar; é a autenticidade de tudo aquilo; e é a mensagem estética e humana que nos transmite.

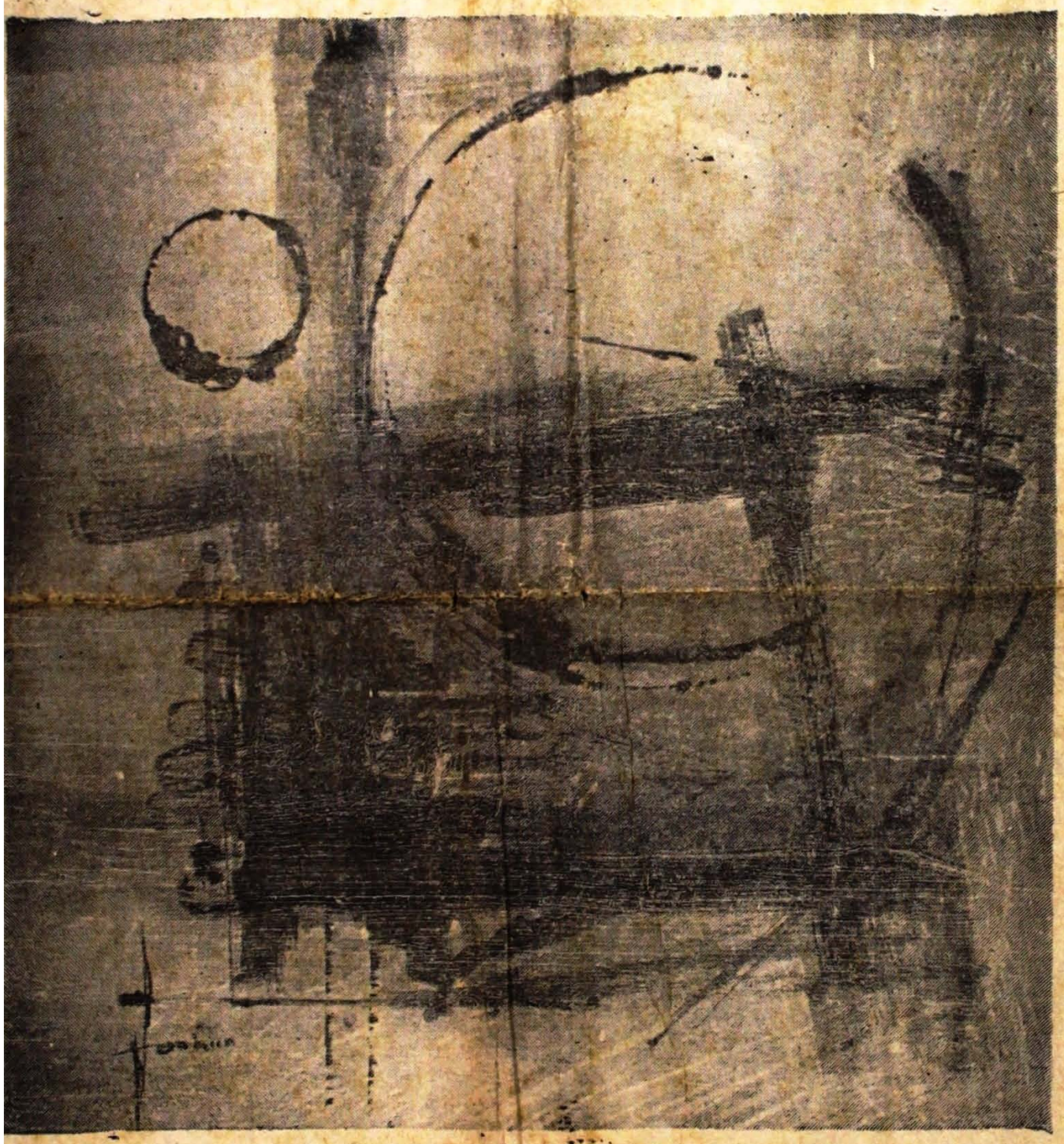
Já dissemos que o autor é acima de tudo memorialista. Nem êle procura encobri-lo, muito pelo contrário. Como memorialista, seu volume possui uma unidade específica que não é sòmente a unidade da qualidade dos trabalhos. E' antes uma unidade de tema, de concepção, de criação ou melhor diríamos recriação do mundo, mais especificamente ainda do mundo infantil. Com uma linha uniforme, com os personagens se erguendo e repetindo na história, voltando-se individualizando, adquirindo gradativamente uma personalidade, formando um todo, o Autor deixa entrever, nestes contos, paralelamente ao contista que sabe o que quer contar, o romancista em embrião.

Prejudicará isto ao contista? Não o cremos! "Os Galos da Aurora", por exemplo, conto que dá título ao volume, é um grande trabalho por si só, pela fôrça que possui, pela maneira como está realizado, pela contribuição estética e humana que aporta ao gênero. O conto se cria, se ergue e realiza com exatidão, vive pela fôrça íntima que o anima, pelas figuras que o compõem. Ali tudo é autêntico, é vivo. A paisagem, os bichos, as figuras humanas. E tudo se completa, naquela prosa vívida e saborosa, tudo se entrelaça, tudo se conjuga para nos dar um conto pleno de humanidade e interêsse.

Perderá por acaso o conto se soubermos que êle se entrosa nos demais, como o elo de uma corrente se entrosa no seguinte? Não lhe dará isto até mesmo mais fôrça? Aliás pouco importa. Autônomo ou parte de um todo, o conto está realizado com precisão, por um escritor de pulso — e é o que importa de verdade.

Compreendendo a infância e seus problemas — nêste ponto gostaríamos de aproximá-lo do PIA' de Guido Wilmar Sassi — suas crianças são crianças de verdade, e como tal reagem e se sentem. Liricamente estas pequeninas e frágeis criaturas se erguem diante de nós, com seus problemas específicos. Deixamo-nos levar por aquelas vidas que o autor captou e fêz chegar até nós. Quanta simpatia pelo garoto que sonha com seu velocípede? Mas quantos e quantos garotos desejando o seu velocípede não passaram antes diante de nossas retinas, com dramas talvez mais punjentes? Eis aí a diferença porém. Aqui o autor soube nos transmitir sua mensagem, chamar nossa atenção para aquela particularidade e torná-la portanto alguma coisa de diferente, de única. Mesmo quando o conto se chama "A Velha Joana" e não é dos mais felizes do volume, o que importa pròpriamente não é a velha Joana, o que

(Continua na 2ª Pagina)



Desenho de Floriano Teixeira

M PATIFE LIMPO

Notícias de Santa Catarina

-A Hora- P. Alegre 17-11-1956

Florianópolis no Panorama Teatral Brasileiro

"A BARCA DE OURO"

FLORIANÓPOLIS, 31 de outubro (Do correspondente) — Pela TAC — O Teatro Catarinense de Comédia, dirigido por Sálvio de Oliveira, acaba de apresentar a tragédia de Hermilo Borba Filho, "A Barca de Ouro". Peça ousada, difícil, conforme declara o próprio autor na entrevista que nos concedeu, com ela o grupo do TCC lavrou mais um tento. Contando com elementos na sua maioria estreantes, ainda assim o Prof. Sálvio de Oliveira conseguiu realizar um bom trabalho de equipe, limpo, correto, com boas marcações e bonitos jogos de cena, enfim, um bom espetáculo teatral. A destacar o ótimo cenário de Antonio Faria, muito bem realizado pela equipe do TCC. Sensível, precisa, a direção de Sálvio de Oliveira. Dos intérpretes, a destacar, em primeiro plano, Gilda Maria, que desde a sua entrada em cena criou um tipo — um tipo difícil, complexo, contraditório. Logo abaixo, Tito Correia, [illegible] Luz, Cileide Costa e Mi[illegible]o Mattos. A propósito do espetáculo [illegible]mos oportunidade de ouvir as impressões do Diretor e Crítico Teatral Fortunato Ferreira, que veio a Florianópolis especialmente para assistir a peça. Fortunato Ferreira que é gaúcho e durante muito tempo fez teatro em Pôrto Alegre, tendo montado bons espetáculos, não escondeu seu entusiasmo pela realização do TCC. Declarou:

"A seriedade com que o T.C.C. apresentou seu espetáculo, veio colocar Florianópolis no panorama teatral brasileiro.

Pode-se dizer com orgulho, que aqui também se faz teatro, e bom. Ao movimento literário catarinense (SUL), brilhante sob todos os aspectos e que tornou Santa Catarina conhecida em todo o Brasil, veio juntar-se mais êsse grupo, equilibrando o Estado com o que se vem fazendo de importante em nossos principais centros culturais.

Isso tudo justifica plenamente todo o apoio que os ilhéus devem dar aos seus moços que vêm trabalhando, incessantes, por um Brasil melhor".

FLORIANÓPOLIS — (Do correspondente Salim Miguel) — Pela TAC — Esteve em Florianópolis, onde veio para assistir à estréia da sua Tragédia "A Barca de Ouro", o teatrólogo Hermilo Borba Filho. Foi logo depois da estréia, quando o procuramos para que nos dissesse alguma coisa a respeito da maneira por que vira a sua peça na montagem do Teatro Catarinense de Comédia, que nasceu a idéia desta conversa para os nossos leitores. Hermilo Borba Filho se colocou logo à nossa disposição.

Natural de Pernambuco, o autor da "História do Teatro" se encontra em São Paulo há três anos e meio, trabalhando como crítico teatral da "Última Hora" paulista e como um dos diretores da Revista "Visão".

Sabíamos do intenso movimento teatral pernambucano. E muito embora afastado há algum tempo de lá, Hermilo Borba Filho ainda assim poderia nos dar algumas informações.

— "Quando em Pernambuco fundei e dirigi o Teatro do Estudante de Pernambuco, que se pode dividir em três fases. Primeira fase, a dos espetáculos inteiramente gratuitos, com despesas do nosso próprio bolso; segunda fase, a da "Barraca" (inaugurada por Paschoal Carlos Magno), quando demos espetáculos em feiras, pátios de escolas, fábricas, adros, praças públicas, etc.; a terceira fase foi no Teatro Santa Izabel, com espetáculos pagos. Eis nosso repertório: "Sapateira Prodigiosa", de Lorca; "O Urso", de Checov; "O Segredo", de Sender; "A Casa de Rosmer"; "Quando Despertarmos de entre os Mortos", de Ibsen; "Cantam as Harpas de Sião", de Ariano Suassuna; "Édipo Rei", de Sófocles; "Otelo", de Shakespeare; "Vento do Mundo" e "Três Cavalheiros a Rigor", de Hermilo Borba Filho, além dos seguintes espetáculos infantis: "Cabra Cabriola", de Hermilo Borba Filho; "Mãe da Lua", de José de Morais Pinho e "As Caiporas" de Genivaldo Wanderley. Realizamos diversos concursos de peças, onde descobrimos autores do porte de um Ariano Suassuana, um José de Morais Pinho, um Aristóteles Soares, um Isaac Gondin Filho, um Vanildo B. Cavalcanti, um Ruy Amazonas, um José Laurêncio de Melo e um Gastão de Holanda. Editamos também, tendo lançado três livros: "Palhano", de José Laurêncio de Melo; "Zona de Silêncio", de Gastão da Holanda; e "Teatro" de Hermilo Borba Filho.

Teatrólogo, crítico teatral, autor de uma boa "História do Teatro", Hermilo Borba Filho vem, desde há muito, se interessando a fundo pelo problema do teatro no Brasil. Ninguém melhor do que êle, portanto, para nos falar a respeito do nosso movimento teatral, do que se está fazendo e de como está sendo feito.

— "O teatro brasileiro tomou uma feição importante de pouco mais de dez anos para cá. Antes era o que se via por aí a fora. Era o teatro olhado como filho bastardo pelos nossos intelectuais. Atividade secundária a que não se dedicavam e à qual olhavam com pouco caso ou condescendência. Foi graças a alguns grupos de amadores e profissionais honestos que uma nova maneira de encarar o problema começou a se notar. À frente dos amadoristas é preciso não esquecer Paschoal Carlos Magno com o seu Teatro do Estudante do Brasil. Paschoal criou um novo amor pelo teatro, fomentou o aparecimento de grupos por todos os recantos do Brasil.

Lembramos que nos últimos anos tem aparecido no Brasil, diversos autores já com algum interêsse. Se não se podem considerar ainda inteiramente realizados, contudo...

— "E' claro — nos interrompeu Hermilo — quando falo em autor nacional não quero dizer, de maneira alguma, que estejamos no mesmo pé de há vinte anos atrás. Mas acredito que um maior auxílio ao autor nacional, um incentivo ao seu trabalho, virla, com o tempo, possibilitar o aparecimento de novos autores, de outras vocações. Repito: embora já bem melhor, a situação do autor de teatro, entre nós, ainda não é igual a de outros artistas, havendo mesmo certos setores que fazem restrições ao nosso trabalho. Mas o panorama vai mudando rápidamente, graças ao esfôrço conjunto det odos os que amamos o teatro. Hoje em dia procura-se fazer teatro em todos os recantos do Brasil. Grupos de jovens se reunem, discutem, montam peças. Isto tem um valor inestimável.

Queríamos saber o que achara Hermilo, da montagem de sua tragédia, pelo TCC.

— "Eu acho que raras vêzes um espetáculo de amadores contou com elementos tão positivos: a direção sensível e inteligente de Sálvio de Oliveira, o bonito cenário de Antonio Farias, a honestidade e sobretudo a seriedade artística dos intérpretes e, o que é muito importante, o apoio da imprensa e dos poderes públicos de Santa Catarina, permitiram isto. Confesso que desembarquei com muito medo. Não estava acreditando que uma peça como "Barca de Ouro", difícil e ousada, fôsse realizada com tão bom gôsto. Por tudo isso acho que os do Teatro Catarinense de Comédia cometeram um ato de heroismo, temeridade, coragem".

Hermilo Borba Filho tem dois livros a serem lançados: "Alberto Cavalcanti, filme e realidade de um diretor", pela Editora Páginas Ltda. e "Os caminhos da Solidão", romance, edição de José Olympio.

Hermilo Borba Filho vive só da sua atividade intelectual. E como desejássemos que nos dissesse mais alguma coisa, declarou:

— "Vivo exclusivamente do que escrevo. Um dos diretores da revista "Visão", crítico de teatro do jornal "Última Hora" de São Paulo, tradutor de peças e livros e também vendendo minha mercadoria que são minhas peças. Infelizmente não aprendi a fazer sabão nem a fabricar sapatos" — concluí êle.

Gilda Maria (Corina) e Tito Correia (o pai), numa das cenas de "A Barca de Ouro"

A Hora - P. Alegre - 10-11-1965

72

NOTÍCIAS DE STA. CATARINA

PASCHOAL CARLOS MAGNO ENTRE NÓS

FLORIANÓPOLIS, 31 de outubro (Do Correspondente) — pela TAC — Diplomata, teatrologo, crítico teatral, criador e principal incentivador do movimento teatral dos estudantes no Brasil, é Paschoal Carlos Magno nome sobejamente conhecido. Ainda agora, quando do seu retôrno ao Brasil, para servir na Divisão Cultural do Catete, foi-lhe tributada, por amigos e admiradores, grande manifestação. E' importante destacar que seu retôrno se deve, em grande parte, ao movimento que de todo o país se fêz, através de cartas, telegramas, etc. remetidas ao Catete, pedindo a volta de Paschoal.

Convidado por Sálvio de Oliveira, veio Paschoal Carlos Magno a Florianópolis para assistir a estréia da tragédia de Hermilo Borba Filho, "A Barca de Ouro".

Em declarações que nos prestou, teve ocasião de acentuar Paschoal Carlos Magno: "Sou dos que lutam pela descentralização do teatro brasileiro. E' de muita importância o desenvolvimento do nosso teatro no Rio e em São Paulo, em fase de autêntica ascensão. Mas tão importante é também o que se está realizando em todos os centros do país, em relação ao teatro. Faz-se teatro nas universidades, colégios, oficinas, fábricas, adros de igrejas, pátios de escolas, praças públicas, etc. E' urgente pois a criação de elencos provinciais, formados de elementos locais — atores, cenógrafos, pessoal técnico — visando tornar o teatro um fato cotidiano e não um fato de exceção. Além disto criando o "elemento-público" e o aumentando dia a dia.

"O Teatro Catarinense de Comédia não pode parar. Tem um alto destino a cumprir E' copiando o bom exemplo dos países mais civilizados de que o nosso — lembro entre outros a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos — que dará ao homem de Santa Catarina que não pôde viajar ou nunca saiu do seu chão, a possibilidade de ver as grandes peças, que são apresentadas nos grandes centros ou de representar peças de autores brasileiros inéditos ou não.

"'A Barca de Ouro" é rica de substância poética. No seu tema e nos seus subtemas percebe-se que estamos diante de um grande autor cuja universalidade reside na maneira como compreende e transmite a humanidade de seus personagens. Pode-se discordar dêle ou da peça, mas negá-lo ou ao seu trabalho, seria um ato de cretinismo ou de cegueira intelectual.

"O espetáculo reafirma um diretor: Sálvio de Oliveira, que reputo um dos melhores diretores que o Brasil possui. Êsse Sálvio de Oliveira que tanto ama Santa Catarina, se quisesse sacrificar êsse amor e emigrar definitivamente para o Rio ou São Paulo, seria em pouco tempo um dos nossos maiores diretores...

"A montagem de "A Barca de Ouro" é de alta qualidade. Ótimos cenários de Antônio Faria, distribuição de luzes, intervenção de efeitos sonoros. Diante dos interpretes repito que acredito em Deus e no Brasil, pois se trata de um milagre... A maioria deles é de gente que nunca viu um teatro e cujo comportamento cênico é impressionante. Nomes? Lembro, neste apressado depoimento, Gilda Maria, Cileide Costa, Tito Correia, Miro Morais Ezio Luz, todos os demais que nos dão impressão de experiência, de conhecimento cênico e com falhas possíveis de serem fàcilmente emendadas. O Teatro Catarinense de Comédia precisa continuar. E continuará porque tem à frente do seu destino a bela coragem, a inteligência e desinterêsse de Sálvio de Oliveira, secundado pelo muito talento e pela muita devoção ao ideal de Gilda Maria, sua companheira de vida e de sonhos".

EDIÇÕES CATARINENSES

FLORIANÓPOLIS, 31 de outubro (Do Correspondente) — pela TAC — Não sem poder falar em movimento cultural e artístico em Santa Catarina, nos últimos dez anos, sem se falar no grupo da "SUL". Quer fazendo teatro, quer mantendo o Clube de Cinema, quer promovendo exposições de artes plásticas, quer ainda possibilitando a vinda até Florianópolis de personalidades do mundo cultural brasileiro, a tarefa realizada por "SUL" é de singular importância. Mantendo há perto de dez anos uma revista de caráter exclusivamente cultural, tem divulgado trabalhos de um sem número de jovens, permitindo, por outro lado, aproximação com outros grupos dos mais distantes recantos do país e mesmo do exterior.

No seu plano de edições, dividido em "edições" e "cadernos", já tem sido publicadas algumas obras recebidas com louvores pela crítica nacional.

Ainda agora acabam de ser lançados mais três volumes, "Macaco-Prego" lembrança sul-americana de Mateus-Maria Guadalupe e "Terra Fraca", poemas de Aníbal Nunes Pires, nos "Cadernos Sul" e "Teodora & Cia." contos de A. Boos Jr nas "Edições Sul".

Por ocasião do lançamento, foram os autores homenageados com um churrasco, ao qual compareceram inúmeras pessoas, tendo sido os homenageados saudados, em nome da revista e da editora, pela poetisa Eglê Malheiros, redtora da revista "SUL". Eglê Malheiros teve oportunidade de destacar no seu discurso, a unidade, a camaradagem, que durante todos êstes anos tem imperado entre os integrantes do grupo. "Não procurando ninguém impor seus pontos de vista aos demais, todos se respeitando mutuamente e tratando ùnicamente de trabalhar em prol do desenvolvimento da cultura entre nós, o que se vem fazendo através de "SUL" é um exemplo Divergindo quer em política quer em filosofia, em religião ou em outros assuntos de importância, isto nunca foi empecilho para que todos se congregassem e realizassem uma tarefa que já hoje é de inegável importância no cenário cultural não só de Santa Catarina mas do Brasil. Porque — destacou ainda Eglê Malheiros — concordam naquilo que é especificamente, no caso, o essencial: a divulgação e defesa da cultura". No discurso citado teve oportunidade de salientar a importância das edições recém aparecidas, notando com justeza que Aníbal Nunes Pires não teve pressa de aparecer, porque queria aparecer seguro: que Mateus-Maria Guadalupe, um nome já consagrado pelo seu amor à cultura, tinha auxiliado a editora com a publicação de seu trabalho, enquanto que A. Boos Jr. era um jovem de grande valor na ficção catarinense e que havia se iniciado através das páginas da revista, ali tendo feito sua estréia nas letras.

Em nome dos homenageados falou inicialmente Mateus-Maria Guadalupe. Destacou que muito antes de aqui chegar, já conhecia Santa Catarina, isto pela revista "SUL". O que mais o impressionara fôra o espírito de camaradagem, de compreensão de pesquisa honesta que caracterizava o grupo. Aqui chegando teve oportunidade de comprovar a veracidade do que antevira pela revista. E se por acaso viesse a sair de Florianópolis, uma das melhores recordações que levaria, seria a do contato com o grupo que estava fazendo a revista. Todos trabalhando com inteira independência, sem procurarem impor seus pontos de vista uns aos outros, vinham realizando uma tarefa cultural de importância e que ficaria como um exemplo, em Santa Catarina

Aníbal Nunes Pires também teve oportunidade de falar, em seu nome e no de A. Boos Jr., tendo frisado o milagre de amizade que era a revista, o trabalho constante que vinha sendo feito, a divulgação lá fora, através da revista, das coisas de Santa Catarina.

O orador seguinte foi o ensaista e crítico Nereu Correia. Referiu-se com extrema simpatia à revista e ao movimento. Destacou a simplicidade, a precisão dos poemas do Aníbal. Notou que havia, na introdução ao volume "Contistas Novos de Santa Catarina", destacado mui justamente o conto de A. Boos Jr., à época se iniciando na difícil arte do conto, reconheceu a análise dos tipos, em especial de "Macaco-Prego", a maneira como o trabalho fôra realizado, na obra de Mateus-Maria Guadalupe. Destacou ainda dois fatos curiosos e característicos, demonstrativos da penetração da revista. Manoelito de Ornellas, o escritor gaúcho, ao chegar a Portugal, em contato com os jovens intelectuais portuguêses, uma das primeiras perguntas que lhe haviam feito era justamente se conhecia o "Grupo da SUL". O ex-governador do Estado, sr. Irineu Bornhausen, antes de assumir o govêrno de Santa Catarina, havia sabido da existência da revista em Paris. Isto demonstrava a difusão, a penetração que a revista atingira

O último orador foi o desembargador José do Patrocínio Gallotti. Referiu como em Santa Catarina, antes do atual movimento, os intelectuais precisavam viver isolados, cada qual "enfurnado em sua caixinha de fósforo", conforme um intelectual da geração passada lhe havia dito, caso contrário se entredevorariam".

Notícias de Santa Catarina

Em entrevista exclusiva à "A HORA"

73

CONFISSÕES DO ESCRITOR MARQUES REBELO

FLORIANÓPOLIS, 24 (do corresponte (Salim Miguel) — pela Tac — Desde sua primeira visita, devem fazer oito anos, que Marques Rebelo gostou de Florianópolis. Da cidade com seu jeitão tranquilo, para êle homem nada tranquilo, com sua paisagem e seu casario velho, até mesmo com seu vento sul. "Gostando volto!" nos disse Marques Rebelo daquela vez. E voltou. E tem voltado periòdicamente, para descansar e para rever os amigos e admiradores que aqui deixou. A cidade o acolhe com a mesma simpatia de sempre, quase imutável, pois sabe-o um amigo, um velho viajor e conhecedor de cidades. Entrega-se — e Marques sabe descobrir logo os segredos, dono que é dos segredos da cidade mais difícil: Rio de Janeiro.

Falar do escritor Marques Rebelo nos parece inútil. Não há hoje entre nós pessoa interessada, ainda que medianamente, pelos problemas da cultura, que o ignore. A par do escritor, e um dos nossos melhores escritores contemporâneos, é um divulgador e incentivador das artes, tendo percorrido o país e países do exterior levando mostras da nossa pintura, organizando exposições, proferindo conferências, criando museus, num trabalho constante e persistente de divulgação. Pequeno, vivo, de uma atividade extraordinária, com um riso constante e sarcástico, é além do mais um nome temido e respeitado. São famosas as suas tiradas. E é admirada a sua franqueza, a coragem e sinceridade com que diz o que lhe parece a respeito do que vê.

Agora, beirando os 50, o autor de "A Estrela Sobe" é um nome consagrado. Mas nada de posar de figurão. Permanece jovem de espírito, o mesmo jovem de antes. Apenas um jovem com maior dose de experiência, mais vivido, mais cético e... mais humano. No fundo o que Marques Rebelo esconde, juntamente com o Edi Dias da Cruz, é uma grande dose de solidariedade humana, de compreensão, sob aquela capa de ceticismo.

A Livraria Martins de São Paulo iniciou há pouco o lançamento das "Obras Completas de Marques Rebelo", muito embora o autor não tenha ar de haver completado a sua tarefa nem dado por inteiro a sua mensagem.

Como não poderia deixar de ser, tão logo soubemos da chegada de Marques, tomos procurá-lo, levar-lhe o nosso abraço. Foi no meio da conversa que surgiu a idéia dêste bate-papo para os nossos leitores. Marques concordou. Começamos:

— Que achou de Florianópolis, agora nesta sua visita, depois de uma ausência de quatro anos?

— "Ao chegar encontrei-me logo com a eletricidade, que faltava quando da minha última visita e que, me parece, animou muito a vida daqui, dando uma atividade maior ao ambiente catarinense. Isto, enfim, deu campo para um velho pensamento meu: não basta haver eletricidade. E' preciso saber fazer bom uso dela. Algumas vezes o dinamismo que ela provoca é muito mais contra a humanidade do que a favor. Muitas vezes até mesmo não é bom substituir a calma pelo alvoroço. A cidade, vítima da energia elétrica, começou a progredir. Sente-se orgulhosa porque as estatísticas dizem que o índice da população dobrou. Outra coisa curiosa: constatei que há orgulho por uma inovação que da minha última visita não havia: "buates" Ora, não sei que espécie de progresso possa ser este"!

Como sabíamos de seu amor pela Florianópolis de casario simples, perguntamos:

Há quatro anos não vinha a Florianópolis. Encontro com a luz. Impressões da cidade e do Govêrno Jorge Lacerda. "Orgulho" pela existencia de buates. Planos para o Museu de Arte Moderna. Movimento do grupo "SUL". Problemas das edições no Brasil. Obras completas, para terminar a atividade literária. "Encerrei minha carreira de escritor com "Espêlho Partido", obra de vinte anos de trabalho, e que se não é importante, é grande e vai aborrecer uma porção de sujeitinhos importantes com a idéia que eu tenho dêles".

— Você já reparou nos novos edifícios?

— "Já. Infelizmente. Substituição dos antigos casarões que tanta graça e característica própria davam à cidade, emprestando-lhe uma fisionomia particular, e que deveriam ser conservados como exemplo de boa tradição, por bobagens de cimento armado".

Marques Rebelo para, pensa um pouco e continua:

— "Enfim, nós devemos marchar com o tempo e com êstes homens que fazem o tempo. Procurar aproveitar essa onda de energia para realizar obra valiosa, boa, duradoura. E aqui, quero crer, que, agora, isto possa realmente ser realizado, pois o Estado está entregue a um administrador capaz e verdadeiramente responsável".

— Foi a convite do Governador que veio desta vez a Florianópolis?

— "Sim. Pediu-me êle que dessemos uma olhada, o Flávio de Aquino e eu, na obra que há oito anos fundaramos: o Museu de Arte Moderna de Florianópolis. Acreditamos que o que falta ao Museu é uma sede, realmente técnica, funcional, com pessoal especializado, que permita guardar o patrimônio já bastante valioso, que permita se realizem exposições, conferências, cursos, enfim, um museu realmente vivo e atuante. Isto é o que vai ser feito. Então, a cidade e o Estado terão um centro de cultura que seria indesculpável não ter, exatamente no momento em que se abre para a cidade um novo ritmo de realizações.

"Também aproveitamos — prossegue êle — para olhar o que está se fazendo no grupo "SUL", e só encontramos uma dificuldade para que o trabalho dêstes jovens dê melhores frutos. E' que a parte gráfica das suas publicações esteja num nível muito baixo, muito aquém do que entre nós já se faz, nos tempos de hoje, em matéria de artes gráficas. Há necessidade urgente de se remodelar e aperfeiçoar o parque gráfico catarinense a arte gráfica no Estado. Isto me parece premente e inadiável.

Arte gráfica não constitui um luxo. Não basta que o conteúdo de uma obra seja importante. E' indispensável que se apresente de uma maneira que seja fácil e agradável, convide à leitura. Vejamos aqui mesmo no Brasil, onde as artes gráficas são ainda bastante precárias. Tem havido, contudo, nos últimos anos, um grande esfôrço para renová-las e atualizá-las. Os resultados aí estão. Observe-se as nossas últimas edições. Já apresentam um aspecto gráfico realmente melhor. E note-se que na imprensa — jornais e revistas — essa melhoria é manifesta. Jornal e revista que não for bem feito, bem paginado, bem impresso não tem vez. Nossos editores já estão compreendendo isto e é bom que aqui também se faça um esfôrço no sentido de melhorar o padrão de apresentação".

De Marques Rebelo, a Livraria Martins Editora iniciou, há pouco, em edição gráfica das melhores, as 'Obras Completas", que entre inéditos e reedições atingirá 15 volumes. Já apareceram "Marafa" e "Cortina de Ferro". Um dos escritores menos convencionais que conhecemos, não podíamos imaginar o Marques metido em roupagens de "obras completas". Mesmo porque obras completas pressupõe fim. E muito embora êle diga e repita que encerrou sua carreira literária, não poderemos crer nem concordar com as razões que para isto apresenta. Vemos que muito ainda poderá nos dar de valor em prol da cultura nacional, da minguadíssima cultura nacional, diria êle. Mais um motivo para que os que tenham alguma coisa para dizer, uma mensagem a transmitir, não se calem. A próxima pergunta que lhe fizemos, portanto, foi:

— Autor já de obras completas, como se vê você nesta roupagem?

— "Olha, rapaz, foi foi um contentamento, um alegrão que eu tive e que não pensava ter. Poder ver todas as minhas obras reunidas num único editor, numa edição uniforme, enfileiradinha".

— Quando espera ter todos os livros publicados?

— "O cálculo do Martins é ter até meados de 57 editado os 14 primeiros volumes. Aí então começaria a ser lançado o "Espelho Partido", em 5 volumes num total de mais ou menos 2 mil páginas, aparecendo de dois em dois meses um volume. Mas isto não se pode garantir, por causa do papel, já que as cotas para os editores são cortadas incrìvelmente".

— Modificou alguma coisa nas reedições?

— "Só em "Marafa". Fiz uma revisão geral do trabalho para esta publicação, que considero definitiva. Você sabe, o livro nunca me agradou. Para a segunda edição já havia mudado alguma coisa. Mas desta vez refundi o livro por inteiro, tornando-o uma coisa mais sólida, só agora me satisfazendo. Nos outros pràticamente não mexi. Um que outro detalhe, mais nada. Além das reedições, há livros novos dentro das "obras", como por exemplo "Correio Europeu", comentários e impressões sôbre 13 ou 14 países e "Cortina de Ferro", um livro deliberadamente só sôbre a Tchecoeslováquia e URSS. Reservei para o fim "Espelho Partido", com o qual, como já disse, encerro minha atividade literária. Neste livro venho trabalhando há vinte anos. E se não tiver nenhuma outra virtude, terá o de ser grande.

E' um panorama da vida brasileira nestes últimos 20 anos. Vai aborrecer muita gente, uma porção de sujeitinhos importantes com a idéia que eu tenho deles. E com êle, insisto, findará minha vida literária. O que tinha para dizer, aí fica dito. Não creio poder, daqui para diante, dizer algo mais do que isto que vai dito nas "obras", em especial "Espelho Partido", no qual trabalhei vinte anos, síntese de tudo que vi e senti. E que se não é importante, é grande, concluí, com uma gargalhada, Marques Rebelo".

Notícias de Santa Catarina

Entrevista com o escritor e jornalista Afonso Varzea – Dois trabalhos a serem publicados: República do Piratiní e República Juliana – Planos para o Museu de Arte Moderna

FLORIANÓPOLIS, 18 (Do Correspondente *Salim MIGUEL*) — pela TAC — De volta de Pôrto Alegre, onde esteve com um grupo de geógrafos, encontra-se entre nós o escritor e jornalista Afonso Varzea. Nome sobejamente conhecido jornalista e geógrafo, é filho do escritor Virgilio Varzea, que nasceu em Florianópolis e que pode hoje ser considerado o nosso melhor marinhista. Afonso Varzea se bem não tenha seguido os rumos do pai, no que tange aos problemas do mar, seguiu-o na vocação de escritor. Tem já uma vasta bagagem literária, composta, principalmente, de estudos e pesquisas, que lhe asseguram um lugar de destaque entre os nossos estudiosos. Resolvemos aproveitar a breve estada do autor de "Manual de Geografia", entre nós para entrevistá-lo.

— "Há cinco anos não revia Pôrto Alegre" — começou êle, quando lhe dissemos que éramos do jornal A HORA e ao que vinhamos. "Achei Pôrto Alegre uma verdadeira maravilha, tendo voltado encantado com a cidade, com a sua gente, com tudo o que vi e senti. Visitei o Instituto de Educação, o Colégio Piratiní, Colégio Júlio de Castilhos e trouxe dessas casas de ensino a melhor das impressões. No Colégio Piratiní dei uma aula sôbre geografia às mocinhas e rapazes. Durante tôda a minha estada fui cercado de gentilezas pelos geógrafos sul-rio-grandenses. Estre êsses fiquei cativado — e devo destacá-lo — pela maneira gentilíssima porque me tratou, a professôra Leonor Teixeira. Leonor Teixeira, que eu já conhecia do recente XVIII Congresso Internacional de Geografia há pouco realizado no Rio, e onde teve uma atuação brilhante. Também muito me cativou o modo como fui recebido pelo Governador do Rio Grande do Sul, engenheiro Ildo Meneghetti e pelo Dr. Adail Morais, quando da minha ida ao Palácio."

A respeito de Florianópolis, Afonso Varzea declara que aqui esteve, pela última vez, em 1950.

— "Vim - diz-nos êle - com o propósito de me encontrar com o Dr. Aderbal Ramos da Silva, então Governador do Estado, a quem fôra incumbido de entrevistar politicamente. Recebeu-me muito amàvelmente na sua residência de Coqueiro".

— Que achou de Florianópolis nesta visita de agora?

— Só posso dizer que melhorou muito e que a imprenssa lisonjeira que já tinha da cidade, agora duplicou. Vejo que a cidade progride. Surgem novos prédios, há um movimento mais intenso em todos os setores. Quanto ao setor pròpriamente cultural, quero salientar o grupo da "SUL" que a meu ver vem reeditando com um elan moderno o que Virgilio Varzea e Cruz e Sousa fizeram na década de 1880. Tenho tido algum contacto com outros elementos e encontro sempre pessoas interessadas nos mais variados problemas da cultura. Tive oportunidade de avistar-me com o Governador do Estado, o Dr. Jorge Lacerda, que é também homem de imprensa, jornalista que militou durante anos na imprensa do Rio, e saí com a melhor das impressões. Da sua capacidade de realização muito há que esperar."

— Sôbre suas atividades literárias, declarou o nosso entrevistado:

— "Este ano estou inteiramente dedicado à técnica geográfica. Já porque era membro do XVIII Congresso Internacional de Gografia, já porque tenho duas geografias em reedição: "Geografia do Distrito Federal" e "Manual de Geografia", êste em coautoria com o grande professôr e geógrafo José Veríssimo da Costa Pereira, falecido o ano passado, a bordo de um avião, quando efetuava estudos de geo-morfologia no vale do Amazonas.

"A respeito dêste livro é bom salientar que, quando apareceu, em 1932, revolucionou a técnica da didática geográfica no país pelos métodos adotados.

"Devo lançar, até novembro, outro livro sôbre técnica geográfica, com um novo método inovador. Chama-se "Que é Geografia?"

Um dos livros de maior sucesso de Afonso Varzea é "A Volta do Mundo Por Dois Garotos", que é dedicado a seu pai, Virgílio Varzea e que se encontra já em décima edição, coisa rara no Brasil. Traz ilustrações de F. Aquarons.

Afonso Varzea vem, nos últimos anos, se dedicando a uma tarefa exaustiva: classificação do arquivo deixado por Virgílio Varzea, que é enorme, compondo-se principalmente de cartas de quase todos os escritores brasileiros e portugueses contemporâneos do autor do "Brigue Flibusteiro".

Prepara ainda dois inéditos documentadíssimos e que nos parecem de um valor inestimável. Trata-se da "República do Piratini", estudo da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, trabalho para o qual seu pai Virgilo Varzea se dedicou com afinco, realizando pesquisas, com muitos depoimentos inéditos colhidos nos próprios locais dos acontecimentos e que foram percorridos por Virgilio Varzea e "A República Juliana", que é um estudo detalhado e minucioso dos "Farrapos" em Santa Catarina. Só os autógrafos que ilustram êstes dois volumes são de um grande valor. Seria mesmo de grande interêsse que os govêrnos dos dois Estados tratassem da edição das obras em questão. E' mesmo de se estranhar que documentos tão valiosos para a compreensão de um dos períodos mais complexos da vida do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, permaneçam até hoje inéditos, ignorados, impossibilitando que se faça maiores estudos e se tenha uma visão nítida dos problemas da época.

Aproveitando a permanência entre nós do escritor, a Diretoria de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura convidou-o para realizar duas palestras, uma no Teatro Álvaro de Carvalho e a segunda na Faculdade de Filosofia.

A primeira, "Virgílio Varzea e os marinhistas americanos", abordando aspectos poucos conhecidos da personalidade dêste escritor que é um dos mais importantes do país no gênero. E ningém melhor do que Afonso Varzea para nos esclarecer a respeito de Virgilio Varzea.

A segunda "Geografia do Oceano", será realizada dia 18, quando Afonso Varzea terá oportunidade de dar aos ouvintes uma visão geral do problemo que estudará.

PLANOS PARA O MUSEU DE ARTE MODERNA DE FLORIANÓPOLIS

FLORIANÓPOLIS, 19 (H) — pela TAC —A convite do Governador Jorge Lacerda, estiveram em Florianópolis, o escritor Marques Rebêlo e o arquitéto e crítico de artes plásticas Flávio de Aquino. Aquí vieram tratar do "caso do museu". Como se sabe, há quase oito anos, quando da sua primeira vinda a Florianópolis, Marques Rebêlo, que aqui viera para trazer uma exposição de Arte Contemporânea, encontrando um grupo de pessôas interessadas, deixou organizado o Museu de Arte Moderna. O museu, através de doações, foi crescendo e hoje já possui um patrimônio valioso. Tem contribuido de maneira poderosa para uma melhor compreensão dos problemas da arte, em especial da arte moderna. E' diretor do Museu o conhecido pintor Martinho de Haro, prêmio de viagem à Europa pelo Salão Nacional e sem dúvida o nosso melhor pintor. Martinho de Haro tem trabalhado incansàvelmente para levar avante o museu, chegando mesmo a prejudicar sua vida de artista para cuidar dos assuntos do museu. Mas o problema do museu é mais complexo. Exige não só dedicação; exige também colaboração ativa, participação de outras pessoas; exige interêsse por parte do govêrno; exige local adequado. Com tudo isto vai contar agora o museu. O atual governador, dr. Jorge Lacerda, que foi um dos fundadores do museu, mandou chamar Marques Rebêlo e Flávio de Aquino precisamente para isto: levar avante os planos do museu. Há muito que havia uma planta para um edifício a êle destinado, do arquitéto Flávio de Aquino, planta simples, funcional econômica — e que agora vai ser construida. Na recepção oferecida a Marques Rebêlo e Flávio de Aquino, pela direção do museu, onde estiveram presentes diversas personalidades, políticas, jornalistas, artistas, escritores, etc. o governador do Estado, Dr. Jorge Lacerda, teve oportunidade de, falando, prometer que iria estudar com carinho o caso do museu e que logo seria concretizado o sonho dos seus diretores. Lá estava a planta, que poude ser admirada por todos os presentes. Depois falou Marques Rebêlo, que destacou o papel exercido pela atual direção do museu. Historiou ràpidamente como nascera o museu, a participação dele, do governador Jorge Lacerda, do grupo de jovens da revista "SUL", de outras pessoas interessadas; falou das doações, preciosas. Terminou dizendo que, no novo prédio, o museu teria oportunidade de realizar uma tarefa importantíssima de divulgação e melhoria do gôsto cultural e artístico. Pediu que todos ajudassem o museu nas suas campanhas. Um museu, disse mais êle, deve ser uma coisa viva, atuante, não mero lugar de se guardar quadros, mas onde se realizem exposições, debates, conferências, cursos etc. Foi sem dúvida proveitosa a vinda dêstes nossos dois amigos que deram um bom impulso ao M.A.M., de Florianópolis.

CINQUENTENÁRIO DO COLÉGIO CATARINENSE

Nos dias 14, 15 e 16 realizaram-se as comemorações do cinquentenário de fundação do Colégio Catarinense, modelar estabelecimento de ensino, que durante êstes anos vem batalhando em pról do ensino e da cultura entre nós. Nêste seu meio século de existência, o Colégio Catarinense tem formado gerações e gerações, algumas delas hoje em postos de destaque quer na política, quer no ensino, como nas artes, nas letras, na indústria, no comércio etc. Fundado em 1906 pelo Cel. Vidal de Oliveira Ramos, Pe. Provincial Carlos Schaeffer S. J. e Padre Luís Schuler S. J., e atualmente dirigido pelo Padre oJsé Carlos Nunes S. J.

Do vasto programa de comemorações destacamos: dia 14, inauguração da "Vila Fátima", no Morro das Pedras, às 12,30 horas. Às 13 horas, no mesmo local, foi oferecido um churrasco aos presentes. Às 16 horas inauguração do oratório São Luiz na Fazenda Stella Maris, em Rio Tavares. No dia seguinte, além de missa e competições esportivas, realizou-se um almoço de confraternização de mestres e ex-alunos, no Lira Tênis Clube. À noite, no Teatro Álvaro de Carvalho, sessão solene comemorativa, quando fizeram uso da palavra o Diretor de Cultura do Estado, prof. Agostinho da Silva, representando o Secretário de Educação e Cultura, o dr. Jorge Lacerda, atual Governador do Estado, ex-aluno, tendo sido a sessão presidida pelo Cardeal D. Jaime Câmara, que também foi aluno do tradicional estabelecimento. Dia 16 tiveram prosseguimento as festividades, encerrando-se às 19 horas, com Missa e Te Deum na Catedral Metropolitana.

74

MIGUEL, Salim. Lembranças de Gama D'Eça. **Correio da Manhã,** 27/03/1965, p. 3. 2º Caderno.

75

Lembranças de Gama D'Eça

Othon da Gama Lobo D'Eça foi figura de projeção no meio literário de Santa Catarina. Embora pouco conhecido fora de sua província, Salim Miguel recorda, neste artigo, aspectos curiosos e marcantes da vida do autor de Homens e Algas.

Salim Miguel

Alto, magro, gestos exuberantes, grande "papo", não só parecia, inclusive fisicamente, mas era, nesta nossa época fria e desumanizada, um D. Quixote autêntico, investindo, com seus sonhos, contra os moinhos de vento da ilha.

Nosso conhecimento datava de longe, transformando-se, muito embora a diferença de idade e as divergências estéticas, em amizade sólida e boa.

Conversávamos muito, onde quer que nos encontrássemos. Melhor: eu ouvia-o muito. Gostava êle de falar — e tinha, na minha pessoa, um ouvinte atento.

Prosador e poeta, pintor, pianista, professor e orador, personalidade multiforme, em tudo se exercitou. Daí o não ter deixado obra volumosa, muito embora as suas virtualidades e potencialidades. Ainda assim, o que deixou é plenamente válido, não só por suas qualidades intrínsecas, como também pelo calor humano que era uma marca constante a impregnar tudo o que fazia.

Sonhava muito. Surgia sempre com mais planos, novos planos, esquecendo-se das limitações do meio ambiente. Desejava um movimento cultural e artístico intenso em tôrno da "sua" academia. Brincando, muitas vêzes eu lhe dizia ser êle a prova provada da falibilidade dos ditados. Com êle, uma andorinha só fazia verão. Movimentava a academia, não a deixou fenecer, organizava concursos, pensava numa editora e numa revista, promovia debates e reuniões, fazia divulgação pelo rádio e pelos jornais, procurava atrair novos nomes que viessem não só instilar sangue nôvo ao organismo, como dinamizá-lo.

Falei de seus sonhos: um dêles era justamente preencher as 40 vagas da academia. Havia, dizia-lhe eu, o que me parecia absurdo, cadeiras virgens. Êle se ria, naquele seu riso largo, reclamava contra os novos que temiam o "sodalício". E eu lhe retrucava não ser bem mêdo, mas um receiozinho de que alguma formidanda tragédia ocorresse com a entrada dos novos na vetusta academia, anquilosada que era, acabando-se, com a infusão violenta, ela ou êles. Ria-se muito, ria-se mais, e, num sestro todo seu, retrucava: "— Com você não há jeito mesmo!"

Outro de seus sonhos: uma condecoração ("não se ria, por favor, escute..."). Nos últimos tempos falava muito em morte, não a temendo, mas, sim, receando morrer antes de haver, ao menos uma vez, colocado uma condecoração à lapela. Quebrava a cabeça em interrogações: um livro sôbre o Paraguai; quem sabe se Portugal; sua família era das mais tradicionais, descendia diretamente do Barão de Batovi; ou quem sabe compraria uma condecoração?

O que em outros poderia parecer ridículo, era nêle profundamente humano e comovente.

Não a conseguiu, a morte andou mais ligeiro.

Mas, a meu ver, que não acredito em tais espécies de condecoração, êle teve a melhor, a maior, a de uma vida bem vivida, a da estima e consideração de todos.

Seus planos literários eram muitos. Destacava-se uma reedição de "Homens e Algas", livro que é um misto de reminiscências e crônicas, onde se reflete e transmite bem a vida do homem do litoral catarinense, com seus costumes e suas tradições: uma plaquete, onde reuniria seus versos e que intitularia "Versos que não rasguei", esclarecendo: "— Amanhã ou depois, morto eu, vêm aí a público trabalhos escritos sòmente num desabafo ou versos de circunstância, versos da juventude que hoje não teriam mais o menor significado. Quero me prevenir." — e suas memórias.

Não sei se teria tido tempo para completar a revisão.

Personalidade múltipla e fascinante, uma outra faceta a merecer atenção era a de colecionador. E como todo colecionador que se preza, mito e realidade, ao fim, se fundiam nêle, formando um todo único.

Suas coleções, especialmente a de pratos, são preciosas. Possui peças únicas, de grande valor, catadas ao longo de anos, através de viagens muitas vêzes infrutíferas na busca de uma suposta peça, catalogadas com carinho, mostradas com indisfarçável orgulho.

Lembro-me de uma de suas estórias que merece transcrição. Sem o brilho da frase, os gestos tão expressivos, a mobilidade fisionômica, o colorido e entusiasmo que punha em tudo que narrava, ei-la:

Visitava o interior da ilha. Parara na casa de um caboclo. Foi entrar e lá viu na pecinha rústica que era ao mesmo tempo sala e cozinha, um prato. Reconheceu-o logo, de valor inestimável. Se fôsse propor a compra, o caboclo, esperto, negaceria, acabaria não vendendo ou pedindo um preço exorbitante. Que fazer? Um colecionador sempre descobre expedientes. O dêle foi simples e eficaz. Estava com fome, perguntou se o caboclo poderia lhe preparar uma bóia. Um pirão, um peixe assado, ou mesmo ovos, lingüiça frita. Que sim, retrucou o outro. Chamou a mulher, mandou que preparasse, ficaram conversando de uma coisa e outra. Pronta a comida, alegou pressa, uma desculpa qualquer, comeria no caminho, só que precisava de um vasilhame. Fingiu olhar, apontou para o prato, ali solitário, ofereceu comprá-lo, serviria para transportar a bóia. Não houve dificuldade. Transação concluída sem esfôrço, despediu-se rápido, pouco adiante atirava fora a comida, de posse do precioso prato, uma autêntica jóia já não me recordo de que procedência, muito embora eu a tivesse examinado demoradamente e lido as indicações que lá estavam gravadas e que êle complementava com as informações a respeito que me fazia ler num grosso livro, ao mesmo tempo em que adicionava explicações que colhera algures.

Não fui ao entêrro, que contou com enorme multidão, presentes personalidades de tôdas as tendências, camadas e colorações, gente do povo acotovelando-se com a elite cultural e social, amigos humildes, simples conhecidos ocasionais, Florianópolis em pêso participou da última homenagem.

Não fui ao entêrro. Preferi, já que a distância logo se interporia entre nós, imaginá-lo vivo exuberante, causeur, abanando-me de seu carro, parando para umas palavrinhas, interrompendo o barbeiro para, com seus movimentos bruscos, contar um causo, parado na porta do Ponto Chic, rodeado de amigos, gesticulando e rindo, revendo seus versos, pensando sempre em reativar a Academia Catarinense de Letras, em conseguir a condecoração, escrevendo suas memórias, que conteriam tanto da história de Santa Catarina, de seus homens e feitos, memórias com revelações que causarão escândalo e cuja publicação, sempre me afirmara êle, só se deverá dar alguns anos após a sua morte.

Não fui ao entêrro. Ser-me-ia difícil ver, ali, parado e imóvel para sempre, alguém que tanto amara a vida, alguém que sabia viver, que sabia apreciar os bons momentos que a vida proporciona, alguém que representava entusiasmo e movimento.

Com Othon da Gama Lôbo D'Eça não desapareceu apenas uma das figuras literárias e humanas mais curiosas e inteligentes de Santa Catarina. É tôda uma geração, da qual era êle expoente insigne, e tôda uma maneira de reagir e pensar, é todo um temperamento exuberante que encarava a vida por um prisma pessoal e romântico, que some.

Tribuna da Fronteira — Rio Negro/Mafra, 29 de maio de 1982

Gritos da Fortaleza

Com mais de vinte livros publicados, o poeta português A. Vicente Campinas lançou, no ano passado, o volume "Gritos da Fortaleza" (Edição do Jornal do Algarve — Portugal — 1981), onde reuniu um impressionante bloco de versos compostos ao tempo de seu encarceramento pela ditadura de seu País, hoje deposta.

Embora produzidos no limitado da cela, no convívio cotidiano com a coorte própria dessas prisões, entre os anos de 1947 e 1950, ele preferiu acreditar no futuro, ainda que remoto e aleatório, do que maldizer aquele presente tão amargo.

Seu livro é um prolongado grito de esperança, um grito a reboar nas paredes frias e impessoais da prisão, repetindo sua fé na liberdade, uma bandeira desfraldada em palavras. Não podendo escapar "à intranqüila certeza de estar preso", ele se impõe "destroçar essa fronteira". Embora acompanhando o que ocorre ao seu redor e se sentindo vigiado "em quanto quero e quanto penso", conclui com lucidez e fé: "Sei que lá fora há risos e alegrias certezas de futuro e de bom senso".

Nos momentos de desalento, ao sentir que sucumbe à macabra realidade, reage com energia: "Mesmo no umbral da loucura/será crime de loucura esquecer que há sempre dia na noite de negridão".

Vencendo a solidão, o exílio, o medo, ele vê os dias se escoarem através da janela, pois "Através dos quadrados da janela/sabia que o sol estava em evolução...".

Com essa evolução haveriam de chegar os dias livres, a doce e total liberdade. No presente, porém, concluía o poeta, "É beber a lágrima sem desesperar"./"É rasgar a carne/sem ter de gemer". "Em plena derrota/ter o sol de esperança".

Assim convencido da grandeza de sua luta, põe o poeta em versos de arte sofrida e sentida o horror daqueles dias que passam. Apesar de tudo, a luta vale a pena, pois "Que a luta não é/somente lutar:/ — É saber esperar/sem desesperar".

Luta, fé, esperança, tudo se coloca num dia impreciso do futuro que é hoje. Dia que chega afinal, porque a esperança não esmoreceu, talvez, exclama o poeta,

"por ter um sol dentro de mim!"

Enéas Athanázio

Conto Brasileiro: Um bom levantamento

76

Salim Miguel

Tomando como ponto de partida o volume **Papéis Avultos,** de Machado de Assis, publicado em 1882, Henrique L. Alves preparou, para a 8.ª Feira Internacional de Livros, de Buenos Aires, inaugurada a 1.º de abril de 1982, uma plaquete intitulada **Panorama do Conto Brasileiro,** a fim de acompanhar a mostra. Nestes 100 anos de contos, estão relacionados títulos e autores das mais variadas tendências e estilos, que se dedicaram ao gênero e que marcaram um lugar dentro dele na história da literatura brasileira. Embora assinalando que uma visão cronológica do conto brasileiro recuaria até 1836, com a publicação de "A Caixa e o Tinteiro", de Justiniano José da Rocha, in "O Chronista" (RJ), o organizador justifica o porque da escolha da data de 1882. Trata-se — diz Alves — de obra (**Papéis Avultos**) a consolidar o gênero literário como expressão criativa".

Resultado do esforço e da pesquisa de um incansável batalhador das letras, o trabalho serve como fonte para uma visão global e cronológica da história curta e da quase totalidade de seus cultores entre nós. Nunca será demais acentuar que mesmo romancistas e poetas, como um Lima Barreto ou um Carlos Drummond de Andrade, não resistiram ao fascínio da história curta.

Na apresentação ao seu levantamento, Henrique L. Alves situa o problema, falando de suas principais vertentes, do "boom" do conto nas décadas de 60 e 70, e da "multiplicidade desses segmentos que dá expressão ao conto com nova dimensão a cada experiência vivida pelo autor". Mais adiante acrescenta ele que a relação irá alimentar o banco de dados e a sua complementação tem por objetivo o de fixar o vasto panorama do conto brasileiro.

Esta pesquisa vem sendo feita há muito tempo pelo ensaísta e contista de São Paulo e a participação na Feira de Buenos Aires foi uma promoção da Câmara Brasileira do Livro e do Sindicato Nacional de Editores de Livros, com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (Divisão de Feiras e Turismo), Embaixada do Brasil na Argentina (Setor Cultural) e Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

De Santa Catarina ou residentes em Santa Catarina estão presentes os seguintes contistas: W. Rio Appa, Enéas Athanázio, Raul Caldas Filho, Almiro Caldeira, Flávio José Cardozo, João Nicolau Carvalho, Glauco Rodrigues Corrêa, Ieda Inda, Harry Laus, Lausimar Lus, Holdemar Menezes, Salim Miguel, Péricles Prade, Guido Wilmar Sassi, Deonísio Silva, Silveira de Souza, Cruz e Sousa, Edla van Steen, Virgílio Varzea, Emanuel Medeiros Vieira.

Um número bastante significativo, sem dúvida, mostrando que há quantidade, qualidade e variedade entre os cultores da história curta em Santa Catarina. Mas o número poderia ser ampliado com mais alguns nomes. Entre eles: Othon Gama D'Eça, Tito Carvalho, Adolfo Boos Jr., Herculano Farias, David Gonçalves, Amilcar Neves, Bento Silvério, Amaline Issa, Osmard de Andrade, Jair Francisco Hamms, isto para nos limitarmos apenas aos que já possuem livros publicados.

Página Literária

Coordenador: Enéas Athanázio

Dois Contos de Felício Raitani Neto

I — SAUDADE

Quando levantou a cabeça, vi as suas faces rubras, e as lagrimas nos olhos conferiam-lhe singular brilho de intima satisfação. Num átimo recobrou de si, dando conta de minha presença, atendendo ao meu apelo. Há tempo a observava, surda e cega ao meio circundante, à música-prefixo de sua novela. Dei o recado e me fui.

Relembro agora as impressões sentidas ao observar aquele verdadeiro estado de transe da viúva.

Ora, quem os viu e agora a vê: toda amor, toda chorosa, saudosa!

Verdade que os conheci já velhos e ranzinzas. Verdade, também, que italiano não muda, é o jeito, estão sempre a disputar aos altos brados, com muito nome feio, maldições extensivas até a setima geração.

No calor da briga costumava o falecido lembrar que desde sempre ela fora bicha ruim, desancou-o com o salto da botinha que ele, de joelhos, fora experimentar no seu pé, justo quando nesta postura reverente, já então noivo, tentara arrebatar-lhe um beijo. Carícia de mula, costuma-se dizer..

Momentos antes de ele morrer discutiram, na passagem de retorno do banheiro, a propósito da cansativa reclamação de estar o sanitário sempre ocupado. Imprecando, encaminhou-se para a penumbra do quarto, onde há mais de mês encafuara presa de profunda melancolia. Sentou-se na beirada da cama, nem tempo de recolher as pernas, descalçar os chinelos, tombou fulminado por uma apoplexia, o corpo jazido de através por sobre o leito.

Pensei que ela sentisse alívio, nem chorasse, pois no calor da discussão rogava praga: "Que morra de uma vez esse cachorro, assim me dá sossego... Que vá para o inferno!"

Bem ao contrário: sentiu, e sentiu muito. Todo mês mandava rezar missa, até que os familiares cansaram de levantar de madrugada para assistir ao ofício. Convenceram-na a converter o sacrifício em óbolo aos pobres, em intenção à alma do falecido.

Naquele dia fui levar um recado a ela. Como fosse chegado, quase de casa, entrei portão a dentro e fui ter onde sabia encontrá-la, sentada a uma pequena mesa encostada à janela da cozinha, toda ouvidos no noticiário e fofoquinhas da "Revista Matinal", ou na sua novela preferida.

Geralmente, enquanto aguardava que acionasse a maçaneta da cremona e abrisse as duas folhas da janela com seus movimentos lerdos, pousava os olhos num pano de parede que muito apreciava, saído do malão do enxoval. Bordados em azul uma nesga de nuvem e um casal de andorinhas em pleno vôo, no bico de um bem feito laço de fita da mesma cor sustendo dois corações justapostos, destacados em vermelho, da cor da casa com chaminé fumegante. E, em toda a extensão do alvejado pano de saco, letras bordadas também em azul, este dito de amor tirado do sacrário da sabedoria popular:

Onde dois corações batem com fidelidade
O amor cresce até a eternidade

Nesse dia, porém, surpreendi-a em êxtase, com a cabeça baixa, as faces incedidas, olhos brilhosos a fitarem a efígie do marido no cartão tarjado de preto, a murmurar a oração impressa, assim parecia, — mas a mim palpitou que dialogava com o falecido, que lembrava eram dias vividos a dois, momentos de fugaz felicidade.

II — APENAS UM SUSTO

Saí da casa da garota eufórico, leve como se planasse, contando prolongar o gosto do beijo na boca. Três ou quatro casas além recobrei do alheamento, sacudido por este estribilho:

— *Se a lua contasse*
Tudo o que vê...
De mim e de você
Muito teria que contar:
Contaria que nos viu beijando...

Era o namorado da moça vizinha, protegido pela sombra da glicínia da área. Muitas vezes os surpreendi a beijarem-se, também... Passei, fingi nada escutar. E logo me intrigou um pedestre, metido em uma capa à gaúcha, que dei pela frente. Ora diminuía a marcha, ora acelerava. Estranhando os modos, acautelei-me e procurei regular os meus passos. Pretendia dobrar a primeira esquina, embora a travessa fosse mais despovoada e mais escura, para apanhar condução duas quadras além. Mas o estranho enfiou por ela. Aquilo me desnorteou um tanto e pôs-me desconfiado. Antes tinha-o em mira, agora o teria pelas costas. Resolvi assim mesmo seguir em frente e vencer a contra-gosto a ladeira úmida e escorregadia. Tratei de caminhar o mais depressa possível, ganhar distância... Tinha certeza de que o estranho apenas fingira dobrar a esquina, que tornaria para me seguir. Não querendo dar mostra de medo, controlava pela sombra que se projetava a cada poste de iluminação que eu vencia. Quando me julguei com alguma vantagem, voltei-me e vi que o vulto realmente vinha no meu encalço. A sombra dele quase me alcançava, embora, calculei, ele procurasse se conservar o espaço que nos separava. Por isso senti-me seguro e também por que atingira o calçamento — a civilização, enfim, como em tom de gracejo costumava dizer à namorada ao despedir-me exatamente naquele ponto. Resolvi, pois, não mais dobrar a esquina, adotando a mesma tática. Não me descuidando, lógico, de controlar pela projeção das sombras e pelo rumor dos passos do estranho que agora subia das lajes. Tal como previra, o vulto, atingido o topo da ladeira, virou a esquina. Aí retornei e enveredei pela mesma esquina, pois realmente era o caminho mais curto para apanhar condução. E, claro, senti-me seguro tendo-o pela frente, tanto mais que ele agora se distanciava a passos largos, não sem se voltar, temeroso...

Encontramo-nos, afinal, no ponto do bonde. Embora guardando prudente distância, olhamo-nos desconfiados, estudando-nos, e custei a reconhecê-lo à fraca luz que se coava de um foco tomado pela copada de um pé de magnólia, pois o chapéu, que trazia enterrado na cabeça por causa do frio e da leve neblina, fazia sombra no seu rosto moreno. Alegramo-nos ao desanuviar-se a tensão. Recobrado o ânimo, acabou me confessando que andava receoso e armara-se, pois na semana anterior alguém, que não descobriu jamais, o fizera andar duas quadras sem olhar para trás, tangido nas costas pela pressão de um objeto metálico que irradiava frio por toda a espinha. Abrindo a capa mostrou-me enorme facão, desses de abrir picada no mato.

Edição O Formigueiro, Curitiba, 1980).
(Do livro LONGE LONGE,

Resenha

— PONTA DE LANÇA NA PRAÇA é uma coletânea em prosa e verso organizada pela Editora Juruna (Uberaba — MG), reunindo diversos autores. Releva notar, dentre os participantes, o nome da escritora paranaense AMÁLIA MAX, cujo conto "Silvinha, Zuleika e Eu" é muito interessante e bem escrito, revelando uma contista criativa e original na maneira de estruturar a narrativa. De leitura agradável e absorvente, a pequena estória se situa entre as melhores do livro.

— RESISTENCIA é o título do livro de estréia do poeta, advogado e jornalista blumenauense ROBERTO DINIZ SAUT. O volume, editado pela Fundação Casa Dr. Blumenau, reúne poemas fortes e incisivos, divididos em três partes que se completam, e tem apresentação do também poeta, contista e crítico VILSON DO NASCIMENTO. O volume foi apresentado à imprensa e será em breve lançado nas dependências da mesma Fundação.

— NOVANTOLOGIA é uma das mais recentes coletâneas da Editora do Escritor (S. Paulo), reunindo quinze poetas de várias regiões brasileiras, merecendo destaque os poemas de Olney Borges Pinto de Souza, de São José dos Campos, poeta que vem chamando a atenção da crítica e dos leitores.

— CRIAR EDIÇÕES, casa publicadora curitibana que tem à frente o catarinense ROBERTO GOMES, lançando novos e interessantes títulos: TIRADENTES — O MITO E A NAÇÃO, de Sérgio Faraco, em que realiza uma severa dissecação da figura de Tiradentes; PASSAGEIRO DO TEMPO BREVE, poesias de ANTÔNIO MILANO e O MENINO QUE DESCOBRIU O SOL, livro para crianças de ROBERTO GOMES, obra premiada no 1.º Concurso Nacional de Literatura Infantil, em 1979, e a primeira incursão desse autor no difícil gênero. EDIÇÕES CRIAR estão se afirmando rapidamente como uma das boas editoras do país e vieram abrir novas opções aos escritores do Sul.

— REVOADA DE PÁSSAROS NEGROS, edição do Colégio Brasileiro de Poetas, é também um volume que reúne diversos poetas de Mauá, no Estado de São Paulo, entre eles ARISTIDES THEODORO, colaborador desta página.

— JANELA PARA O MAR, poemas e imagens, é um pequeno livro em que os catarinenses PAULO PRADO (poeta) e TARCÍSIO MATTOS (fotógrafo), reúnem suas produções artísticas, estabelecendo uma ligação muito íntima entre o verso e a paisagem física e humana da Ilha. O resultado é surpreendente e agradável, revelando ambos sensibilidade para ver e traduzir o lado poético da existência. Eles fazem questão de enfatizar que o seu livro é um lançamento independente.

— FLÁVIO JOSÉ CARDOSO, conhecido contista catarinense, lança-se agora como cronista, reunindo cerca de 40 crônicas no volume ÁGUA DO POTE (Edição UFSC/Lunardelli).

77 MIGUEL, Salim. Um Livro Pungente. **Folha Acadêmica,** 01/05/1961, p.5.

mando um fundo sôbre o qual Pedro é dado como devendo aparecer. E esta organização do café em um fundo, é uma primeira anihilação." (L'ÊTRE ET LE NÉANT, p. 44).

Anteriormente a isto, Sartre nos havia mostrado que "o café por si mesmo, com seus fregueses, suas mesas, suas banquetas, seus espêlhos, sua luz, sua atmosféra famosa e os ruídos de vozes, de pratos entrechocando-se e de passos que o enchem, é uma totalidade de ser". Sem dúvida, Pedro não se encontra no café; está "ausente de todo o café; sua ausência congela o café", e Pedro se transforma em "o nada sôbre o fundo de anihilação do café".

Partindo dêste exemplo de café, deduz Sartre, seu duvidoso princípio metafísico — de acôrdo com a filosofia de Heidegger — conforme o qual "o não-ser não vê as coisas pelo juizo de negação; é o juizo de negação, ao contrário, que está condicionado e sustentado pelo não-ser". (Ibid., p. 46).

Quando Sartre trata de provar sua atrevida, porém, muito interessante tese de que a lógica clássica, com seu princípio de identidade, não é válida para a personalidade humana, "que é o que não é e não é o que é", o demonstra mediante o do moço do café; um "garção de café" que sòmente "põe-se a ser um moço de café". (Ibid., pgs., 97-99).

Por fim, em sua novela LE SURSIS, Sartre descreve as reflexões de seu jovem heroi Boris, um estudante de filosofia na Sorbona, que em vésperas de ser mobilizado na segunda guerra mundial, medita por esta "profunda" maneira filosófica:

"Eu poderia calcular o número de vezes que ainda iria ao café: admitamos que vou duas vezes ao dia e que serei incorporado dentro de um ano; isto faz 730 vezes! 730 vezes! Que pouco! (SARTRE, Les Sursis, p. 215). (3)

Como vemos, Sartre chega inclusive a medir uma vida humana pelo número de possíveis visitas ao café. Moderno Protágoras, considera o café como a medida de tôdas coisas.

Mais adiante veremos que, ao complexo de Édipo de Freud, ao complexo de inferioridade de Adler e ao complexo de Prometeu de Bachelard, agrega Sartre seus complexos de Acteón e de Jonas. Cremos que há outro complexo ainda, no qual o próprio Sartre está sofrendo. Podemos insinuar que se denomine "complexo de Pascal"? Não nos referimos ao grande filósofo e matemático francês Pascal, mas ao comerciante armenio Pascal, que em 1672 abriu o primeiro café parisiense na praça do mercado de Saint-Germain.

Não obstante, seu complexo de café não impede a Sartre ser um escritor e filósofo ricamente dotado. É possível que juntamente estimule sua imaginação! Jules Michelet, o grande historiador francês, conta que o café concentrado que Diderot e Rousseau tomavam diàriamente no Café Procope — também situado no Boulevard Saint-Germain — redobrava o ardor de suas ardentes almas" pois o café é um poderoso alimento do cérebro... aclara a imaginação... e aumenta a pureza e iluminação. (J. Michelet, La Régence, 1874). Isto pode ser especialmente verdadeiro com referência ao café bebido em um estabelecimento parisiense, pois fazem já dois séculos que Montesquieu declarou que nos cafés de París sabem como preparar esta bebida "de tal maneira que produz talento naqueles que a tomam. Pelo menos — ajunta sarcàsticamente Montesquieu — quando saem dalí, todos êles se consideram quatro vezes mais inteligentes que quando entraram." (Montesquieu Lettres Persanes, 1721).

Talvez essa seja a razão pela qual, ao sair do Café de Flore ou do Café du Pont Royal, tantos existencialistas parisienses consideram como descobrimentos filosóficos revolucionários, muitas coisas que todo o mundo conhecia desde tempos sem filosofar.

A PSICANÁLISE DE FREUD E A DE SARTRE

As diferenças entre a psicanálise de Freud e a de Sartre só podem ser explicadas após um cuidadoso estudo das diferenças de suas subjacentes filosofias. Algumas observações preliminares mostrarão a necessidade dessa investigação.

A psicanálise de Freud se ocupa da personalidade humana, cuja essência não está separada de sua existência. Assim, a pessoa que Freud encara tem um caráter definido, cujo núcleo, o **ego,** não só está determinado pela realidade mas também pelo **superego,** que representa a influência dos pais, mestres, as tradições raciais, nacionais e familiares, a educação, o ambiente social, etc... Finalmente, o **ego** freudiano está determinado pelo chamado **ello ("id"),** que representa a herança, e sobre tudo os instintos. O **ello** é o inconsciente. Dentro dêste último, Freud admite uma "herança arcaica". (Freud, An Outline of Psychoanálysis, W. W. Norton and Co., New York, 1949, pgs. 14-17, 42-43, e 62).

Assim, a psicanálise de Freud é definitivamente determinista.

A psicanálise existencial de Sartre, pelo contrário, se baseia sôbre a suposição de pessoas cuja existência precede à sua essência, pessoas que, portanto, possuem caráter. Sem rodeios diz Sartre: "não há caráter; há sòmente uma projeção (projet) de si mesmo". (Sartre, L'Être et le Néant, p. 637). Afirma desta maneira que herança, ambiente, educação, constituição física, etc., não são mais que "ídolos de explicação". Sartre nega a existência de uma "natureza humana", e diz enfàticamente: "A psicanálise existencial rechaça o postulado do inconsciente." (Ibid, p. 658).

Enquanto a psicanálise empírica de Freud busca determinar os complexos de um indivíduo, a psicanálise existencial de Sartre procura determinar a "eleccion original" de uma pessoa. Esta porém é completamente livre, de modo que a psicanálise existencialista é bàsicamente anti-determinista.

Sartre finalmente — sob a influência de Gaston Bachelard — tenta estabelecer também uma "psicanálise das coisas", cujo propósito é desrelar "os conteúdos metafísicos" de qualidades tais como roxo, amarelo, azedo, doçura, viscosidade, etc... (Ibid., p. 695).

A verdade é que, com tudo isto, nos achamos muito distantes da psicanálise empírica de Freud, embora Sartre não negue que, metodològicamente, lhe deva muito.

Estas breves alusões servem para demonstrar que as diferenças entre a psicanálise empírica de Freud e o existencialismo de Sartre são tão importantes, que só um minucioso estudo da filosofia subjacente dêste último abrirá caminho para sua verdadeira compreensão.

(1) Título da obra original: Sartre's Philosophy and Existencialist Psychoanalysis.

(2) Atualmente, Sartre não mais freqüenta êsses cafés.

(3) Na tradução brasileira, pela Difusão Européia do Livro: página 225. (NOTAS DO TRADUTOR).

Um Livro Pungente

SALIM MIGUEL

"Mi pecado es terrible
quise llenar de estrellas
el corazón del hombre..."

Assim se inicia o poema **Autobiografia,** de Marcos Ana, que é o primeiro do volume "Poemas desde la cárcel" e que será uma constante da obra. Com êle, o autor nos introduz num clima todo especial, mas poèticamente realizado, criando uma poesia de combate, autêntica e forte.

Quem será Marcos Ana?

Diz uma pequena nota no volume:

"Marcos Ana é o pseudônimo de um poeta que se fez na Penitenciária de Burgos, onde cumpre, desde há vinte ano, uma condenação injusta como prêso político."

Esquecido, para o nosso caso, embora não nos pareça possível, êste aspecto do problema, pouco importa saber quem é e o que foi o autor antes dêstes vinte anos de prisão. Valorativamente, de um ponto de vista puramente estético, não aumentará nem diminuirá o significado de sua poesia.

Interessa-nos, isto sim, e muito, a mensagem que êle nos dá, uma mensagem dolorosa, mas cheia de fé nos destinos do homem. Não uma mensagem demagógica, de auto flagelação e comiseração, mas positiva. E sempre dentro de um denso clima poético, com a valorização ao máximo da palavra e do que vem dito.

"Muros hirsutos. Asperas certezas
dond eel hombre se duele cada dia.
Apretada oquedade de llaga y fosa."
(Prision Central)

Isto tem fôrça. Cada verso é fechado e inteiriço em si mesmo, embora se complete e crie mais fôrça ainda no verso seguinte.

O pequeno volume, composto de poucos poemas, é antes de tudo um livro pungente e um grito de alarma. Custa-nos, por isto mesmo, fazer uma leitura fria e calculada, numa tentativa e procura de análise e valoração de elementos puramente estéticos e formais. O volume, com seu calor humanos e sua dramaticidade, nos arrasta para outros planos, onde o que vale acima de tudo é a mensagem que ali se contém e que nos chega vinda dos fundos de um cárcere infécto. E de alguém que há vinte anos vem resistindo a tudo e a todos, mantendo intacta a sua dignidade humana — com isto dignificante a própria humanidade.

"Por eso aquí entre rejas
en diecinueve inviernos
perdí mis primaveras...
(Autobiografia)

Isto está realizado dentro da mais pura tradição da lírica hespanhola, como muito bem anota o poeta paulista Rolando Roque da Silva, prefaciador e tradutor do volume, acentuando mais que "a sua poesia não poderia apresentar acentos diversos nem se realizar em tôrno de diversa temática. Mesmo porque falam por sua voz todos os cativos e injustiçados de Espanha."

(Conclui na 6a. página)

David Gonçalves: "O escritor tem sido o maldito das sociedades".

O conto e os contistas de Santa Catarina

78

Não há, na verdade, uma contínua e expressiva tradição literária em Santa Catarina, com muitos nomes significativos em qualquer área. Se na poesia um Cruz e Sousa de destaca, altaneiro e solitário, colocando-se entre os vultos mais importantes não só do simbolismo, mas de toda a produção poética brasileira, o mesmo já não ocorre na prosa de ficção do passado. O presente é mais promissor, embora haja necessidade de uma triagem que só a passagem do tempo, com seu distanciamento permitirá.

Onde se podem detectar alguns nomes com uma contribuição própria é na história curta. No romance, teríamos, sem entrar no mérito ou num juizo valorativo extremo, um Tito Carvalho, uma Lausimar Laus, um Almiro Caldeira, um A.Sanford Vasconcelos, um Guido Wilmar Sassi, um Ricardo Hoffmann.

Já a história curta começa a existir, como realização de algum valor, bem antes, a partir de Virgílio Varzea; passa, a seguir, por Othon Gama D'Eça e a geração da Academia Catarinense de Letras; vem depois o Grupo Sul; e desemboca, então, no momento atual, talvez o mais numeroso e diversificado.

Mas existem, nisto, longos hiatos, como se tudo fosse se processando por ciclos estanques. Se não, vejamos:

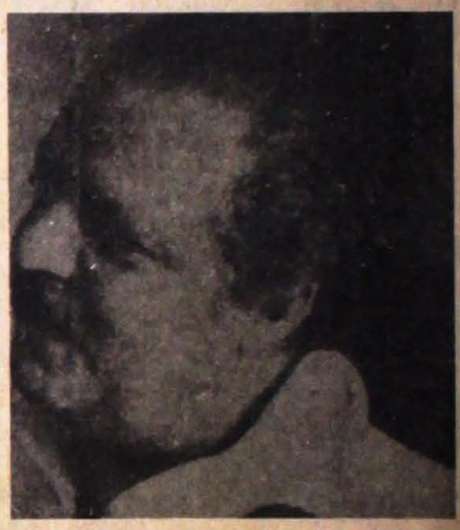
Virgílio Varzea é um nome isolado, como o é um Othon Gama D'Eça. Depois há o vulto igualmente isolado de Tito Carvalho. Mais tarde, o Grupo Sul, que busca uma proposta nova em termos de criação e (re)visão do fenômeno literário como um todo indissolúvel. E daí, ao agora.

Cronologicamente, o trabalho de Varzea é dos fins do século passado e inicios do atual; D'Eça das primeiras décadas do século XX; Carvalho dos finais de 30; e o Grupo Sul da década de 50. A partir de então, até chegarmos a atualidade, nomes esparsos, como um Miro Morais, um Oldemar Menenzes, um Emanuel Medeiros Vieira, um Flávio José Cardozo. A floração (vá lá o palavrão) de hoje, juntando gerações e tendências, revela talentos que continuam uma obra, começam ou se afirmam, procurando dar um recado humana e esteticamente válido.

Mas se não existe uma continuidade na literatura catarinense, há isto sim, e é inquestionável, uma constante a marcá-la, um mesmo tema, a percorrer todo este descontínuo caminho: a presença do mar. Que talvez se explique (ou não se explique), no todo ou em parte, pelo tipo de colonização do nosso litoral, todo feito por portuguêses e açorianos.

Intente-se um breve apanhado e isto pode ser observado facilmente. A começar por Varzea, chamado, com algum exagero, o primeiro marinhista da prosa brasileira, até os mais recentes autores, o mar é uma presença constante, diríamos mesmo até obsedante. Que está na obra de um D'Eça, um Holdemar Menezes, um Miro Morais, um Silveira de Souza, um Almiro Caleira, um Flávio José Cardozo, um Raul Caldas, um Adolfo Boos Jr. Mesmo quando não está explícito, como nestes autores, encontra-se implícito no fazer literário de vários outros.

Outra vertente seria a regional, onde além de um Guido Wilmar Sassi (que transcende o regionalismo), estão um Tito Carvalho, um Enéas Athanázio, um Nelson Ubaldo. Outra a de fundo histórico. Mas há ainda vertentes (e ricas),



que se entrelaçam e fundem. Analisando o aqui e o agora de nossa realidade, estão também autores que praticam a introspecção, o fantástico, o memorialístico, o mítico e o real em todas as suas dimensões. O certo é que a prosa catarinense (e em especial o conto) começa a se fazer mais presente. E não apenas em termos do Estado. Hoje ela ultrapassa as nossas fronteiras, é parte integrante da literatura brasileira, com uma série de nomes que se podem embrear, sem receio (e nisto não vai nenhuma espécie de oba-oba), com o que de melhor se está praticando em outras regiões do país.

Nos livros individuais que sairam ou estão saindo, e nas antologias (a começar pelo **Contistas Novos de Santa Catarina,** edição do Grupo Sul, coordenação de Osvaldo F. de Melo e Salim Miguel, passando pelo **Panorama do Conto Catarinense,** de Iaponam Soares, indo até **Assim Escrevem os Catarinenses,** organizado por Emanuel Medeiros Vieira, e chegando ao **21 Dedos de Prosa,** editado pela ACEs/Cambirela), temos um abrangente mapeamento do conto catarinense, suas tendências e variantes, seus cultores "efetivos" ou "esporádicos", todos atentos ao que se vem realizando e procurando dar uma contribuição pessoal e original para a afirmação do gênero.

Salim Miguel

O escritor Salim Miguel lançou em 1979 o livro de contos "A morte do tenente e outras mortes", considerado o seu melhor trabalho no gênero. Ele foi o líder e incentivador do Grupo Sul e recentemente apareceu em uma reportagem-depoimento publicada neste jornal. Como crítico literário é um dos maiores conhecedores da literatura catarinense. Atualmente trabalha em vários projetos literários.

INGLES
FRANCÊS
ALEMÃO
PARA ADULTOS E CRIANÇAS
Métodos rápidos e eficientes
Também inglês técnico-comercial
ENDGES E PINK AND BLUE
Fone: 22-2611
Rua Otto Boehm nr. 7

79 MIGUEL, Salim. Recuperando a infância. **Suplemento Literário,** 12/11/1983, p. 3.

79

Salim Miguel

Recuperando a infância

Num misto de memória e ficção, muito mais memória do que ficção, Fernando Sabino busca, neste seu novo livro, "O Menino no Espelho", recuperar sua infância. O livro teve, ao mesmo tempo, duas edições: uma para ser distribuída pela MPM como brinde de fim de ano, e a outra mandada para as livrarias pela Editora Record. Em linguagem direta e lírica, plena de sugestões e entretons, Sabino nos introduz em seu mundo por igual fascinante e mágico, composto de pequenos incidentes que adquirem singular significado. Sob muitos aspectos, este romance (como quer o autor), retoma, se bem que só centrado nele mesmo, o fio de "Encontro Marcado", romance que logo de sua publicação tornou Sabino um dos nomes mais expressivos da moderna prosa brasileira. Também ali, numa trama ficcional, bem mais ambiciosa, ele recria sua juventude inquieta vista ainda pelo próprio jovem. Em "O Menino no Espelho" a proposta é a visão da infância recriada e reelaborada a partir do homem maduro, já com um distanciamento bem maior. Curiosamente houve um longo interregno até que o autor retomasse não só a si próprio, mas sua própria obra ficcional de mais fôlego. Durante anos esteve na crônica, no jornalismo, no cinema. Há pouco lançou "O Grande Mentecapto", e agora este "O Menino no Espelho". Debruçar-se sobre "Encontro" e "O Menino" e analisá-los deve ser tarefa grata àqueles que se preocupam com os problemas da criação literária e do desvelamento do ser humano. Na sua unidade intrínseca, "O Menino no Espelho" se fecha num todo circular, subordinado à feliz epígrafe tomada a Wordsworth, "O menino é o pai do homem". A partir daí desfilam, então, episódios que nos revelam a sensibilidade de Sabino para erguer, lá do fundo da memória, sua infância perdida, seres e bichos que o acompanharam ao longo dos anos e que agora retornam vivificados pelo sopro da criação. E se ele não a recupera íntegra por inteiro, se certamente em muitos momentos a reelabora, serve-se dela para nos dar uma prosa forte. Valorizando ainda mais a edição (pelo menos a que foi distribuída pela MPM) planejamento gráfico e ilustrações do grande artista plástico que é Carlos Scliar. Assim, mais uma vez, a exemplo do que vem fazendo há alguns anos (com Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, entre outros) a MPM nos brinda com um livro que lado a lado reúne qualidade literária e tratamento gráfico primoroso, revelando um bom gosto que precisa — e deve — ser imitado.

1983

Reynaldo Bairão

"O Menino no Espelho"

Não resta a menor dúvida que Fernando Sabino caminha vertiginosamente para uma fecunda maturidade literária. Este seu terceiro romance — anteriormente publicou "O Encontro Marcado" e "O Grande Mentecapto" — sem favor algum vem colocá-lo entre os nossos melhores ficcionistas, ainda que haja nestas páginas admiráveis, estilisticamente, uma pronunciada tendência ao memorialismo, num vertiginoso mergulho no passado, como se ele estivesse à procura do tempo perdido no sentido mais proustiano do termo.

Sim, na verdade, "O Menino no Espelho" (Editora Record, Rio de Janeiro), em que pese a sua extrema simplicidade, é obra vertical, estando longe daquela linearidade típica de obras desse teor. Leitura obrigatória a pessoas de nove a noventa anos, como é insinuado na orelha do livro, esta obra de Fernando Sabino possui, entretanto, uma particularidade que a distingue das demais em seu gênero: ao lado de um intenso lirismo, uma grande seriedade e uma não menor profundidade no tratamento temático vem proporcionar ao leitor mais exigente, momentos de uma insofismável satisfação estética, advinda, principalmente, dos "achados" literários encontrados por seu autor. Aliás, esta preocupação de Fernando Sabino já está clara e patente em seus dois outros romances, assim como em alguns contos seus, como por exemplo no excelente "O Homem Nu", peça meio kafkiana e que inaugura entre nós o realismo fantástico. Neste "O Menino no Espelho", essa busca de uma inquebrantável unidade é facilmente obtida, prolongando o mesmo *quid* que já caracterizara suas ficções anteriores, especialmente "O Grande Mentecapto". Contudo, essa unidade, aqui no caso, parece aliar-se a uma verdadeira catarse de Fernando Sabino em relação ao seu passado, à sua menínice. Tudo parece vir, espontaneamente, à tona, sem nenhuma dificuldade, sem seu autor forçar a nota. Ao contrário. Tudo flui como água de um riacho precioso e inesgotável. Tudo flui de dentro da alma deste poeta inconteste que, apesar de escrever em prosa, transporta para a ficção carradas de uma poesia maior.

Obra essencialmente coesa. "O Menino no Espelho" possui dez capítulos, contando ainda com um prólogo e um epílogo que se interligam, justapondo passado e presente como num *flash-back* psicológico e cinematográfico. Ao evocar sua infância, o romancista mescla, com mão de mestre, a realidade e fantasia, transcendência e magia, transpondo para a literatura aquele acúmulo de experiências, produto da imaginação e do realmente vivido há tantos anos atrás. Cenas se sucedem normalmente sem os atropeios das técnicas rebuscadas de uma falsa vanguarda tão em moda em nossos dias. De capítulo a capítulo uma indisfarsável singeleza vai atravessando as páginas deste livro, ora tendendo para o dramático, para o sofrido visceralmente na carne, ora tendendo para o mágico, para o lirismo leve, dando razão à memória e à recordação. Neste sentido, lembramo-nos do "Memorial de Aires", de Machado de Assis, ainda que tão opostas sejam as duas obras, porém ligadas por essa mencionada singeleza que amalgama todas as urdiduras de suas respectivas criações literárias.

Pois é nessa trama que reside a maior qualidade deste novo romance de Fernando Sabino. Da experiência com aeroplanos ao mistério da casa abandonada, sempre vamos encontrar o romancista atento aos fios que ligam os acontecimentos que estão sendo narrados. Uma constante tendência ao supra-realismo nos parece ser outra tipicidade deste ficcionista, chegando mesmo, às vezes, às raias da obra-prima, como acontece no capítulo VII, justamente o intitulado "O Menino no Espelho", que dá nome ao livro, e que trata com muito talento do problema de desdobramento da personalidade de Fernando, o personagem principal do romance. Nessa mesma linha supra-real, aliás muito boa, a seqüência de quando o personagem fica invisível (da página 47 à página 51). Páginas de profunda poesia. Páginas que lembram as melhores d'"O Grande Mentecapto".

David Salles

Recriando o mágico

Será mesmo um romance, ou um livro de memórias? Segundo o autor, Fernando Sabino, trata-se de um romance, e isto está escrito no frontispício de "O Menino no Espelho" (Rio de Janeiro, Record, 1982. 196p). Não obstante, cabe insistir que são rigorosamente memórias, não por causa da reprodução do retrato do autor "à época dos acontecimentos narrados"; mas justo por constituírem os capítulos do romance a mágica recriação das lembranças de infância de um personagem histórico — Fernando —, que, adulto e narrador, perderia, em si mesmo, aquela capacidade de transubstanciação do mundo concreto. Precisamente a capacidade que obriga os escritores a construir, por meio de romances, o mundo ficcional que aspiram tornar real.

De fato, essa metamorfose inerente ao rótulo de romance é que dá a medida da maestria com que o ficcionista Fernando Sabino reconstituiu as suas memórias da infância, sem possibilitar que o adulto-narrador asfixiasse o menino-personagem com sua autoritária redução racionalizadora.

Numa literatura, como a brasileira, em que as primeiras recordações já permitiram ficcionalizações da mais alta *réussite* intelectual — a exemplo de "O Ateneu", de Raul Pompéia, e "Menino de Engenho", de José Lins do Rego — e também livros de memórias que constituem apêndices de prestígio para explicar a magnitude da obra romanesca de alguns ficcionistas — como "Infância", de Graciliano Ramos, e "Meus Verdes Anos", do mesmo Lins do Rego — é muito saudável que o novo livro de Sabino não mereça a menor credibilidade como obra de memorialista e, entretanto, preserve grande dimensão recriadora como livro de memórias infantis.

Desde logo, não se trata de distinção sutil. Básico é o fato de o autor Fernando Sabino ter menos importância que seu personagem. Não sei se esta inversão hierárquica foi mesmo intencional. Se houver sido, mais completo terá sido o êxito do narrador de "O Menino no Espelho", pois, pela credibilidade que somente damos ao maravilhoso quando situado no contexto da infância, a narrativa de Sabino adquiriu aquela plausibilidade inquestionável que, em "The Rhetoric of Fiction", Wayne C. Booth chamou de *authoritative telling* (a maneira de contar em que não duvidamos do autor).

Por isto mesmo, a referida inversão hierárquica não põe "O Menino no Espelho" no mesmo barco de aventuras de "Menino de Engenho" ou de "Meus Verdes Anos", dados como exemplo de romance e de memórias infantis. Nos livros de Lins do Rego (como nos de Pompéia e Graciliano) o ponto de vista da voz narrativa não se desvencilha da racionalidade e da filtragem do adulto que rememora, nostálgico ou crítico, as fantasias, as emoções inéditas ou as angústias do adulto antes de livrar-se de sua fragilidade infantil. O adulto é solidário ao menino, mas não o privilegia, não o faz onipotente como criança. Antes, torna-o um instrumento de indagações com o objetivo similar àquele a que alude Paulo Mendes Campos num poema igualmente chamado "Infância", ou seja, busca o menino como "infância-texto", como "explicação das aves que o comem" (ao adulto).

Diversamente, o narrador Fernando Sabino cumpre a inversão proposta na epígrafe de Wordsworth que tonaliza seu livro: "O menino é pai do homem". Prefere o menino ao adulto, faz deste um submisso àquele, não apenas como tema, mas seguramente como fronteira da verdade e impostação do discurso narrativo, já que este último introjeta e incessantemente explicita a superioridade do menino sobre o homem. A infância não constrói o texto de Sabino; o texto, sim, traz em si mesmo o ser, a qualidade infantil.

Diga-se *ser infantil* sem propósito de ênfase, mas como inquirição prospectiva acerca do destino desse livro. Ele é tanto um legítimo romance para adultos em busca do "Tempo Perdido", como também, sobretudo, um admirável romance para adolescentes, as excitações da véspera no espelho individual da própria narrativa.

Com efeito, excetuando-se o magnífico, "epílogo", dispensável sobre certo ângulo — e que nos impõe a desilusão e a fragilidade do homem maduro na hora trágica da verdade —, o romance é, todo ele, o primado da criança, com seu poder mágico de ultrapassar os limites do mundo real, a força da gravidade, a idade da razão, a lógica, os códigos coercitivos, a rotina e a tristeza. Não por acaso, no capítulo homônimo ao título do romance, quando o personagem Fernando adquire o dom da ubiqüidade na personalidade de Odnanref, ele externa a função suprema dessa dupla existência: "para que a vida fosse uma fonte permanente de alegria e distração" (p. 137).

Lembremos que no "prólogo" do romance, o adulto posicionara-se como narrador num tempo determinado, o "meu tempo de menino" (p. 13). Por esta razão, no "epílogo", a intromissão do adulto fica ostensivamente extrapolante ao tempo narrativo, pois "pára de escrever" (p. 193). É o autor quem então aparece, o adulto. Contemplando a última linha de seu texto ainda na máquina de escrever, o autor contempla a si e ao romance propriamente dito, como no "mundo dos espelhos", onde "era possível viajar para o passado, correr os séculos (...) e a criação do universo" (p. 137). Esse funcional artifício da estrutura romanesca faz o epílogo dispensável, repito, porque a dimensão existencial e temporal que nele se reflete ficou retida, imanente e pulsante, nos dez capítulos do romance anteriores ao epílogo.

Aliás, essa formalização narrativa não apenas justifica chamar "O Menino no Espelho" de um romance contido num livro de memórias. Mais que isto, autoriza que a verdade do menino-personagem seja maior que a do adulto-narrador. Por quê? Porque essa formalização distingue às claras os dois tempos, o mágico e o racional. Tanto que, à maneira daquele romance *descartável* de Graciliano Ramos, "Vidas Secas", também em "O Menino no Espelho" o tempo narrativo dos dez capítulos mencionados suprimiu a ordem cronológica, podendo-se rearmá-los com a ordem que se queira, pois a matéria da memória não possui linearidade histórica.

Enfim, com as velas abertas à aventura, o romance forja cada corte da memória a partir do verossimilhante, dos limites humanos. Mas este é sempre o ponto de partida, para em seguida penetrar no imponderável que escapa à razão, às leis físicas, embora configure o universo das recorrências culturais e psicológicas presentes no menino Fernando. Recorrências que impulsionam a ação e a trama: futebol, Mandrake, Tarzan, Super-Homem, fantasmas, gigantes, fascinoras misteriosos, o dom de voar dos pássaros, Alice no País das Maravilhas, bichos e a primeira amada.

Nas suas aventuras, o menino Fernando conhece "ao vivo" os seus heróis, que, de fictícios, se tornam reais. Mentira do Menino? Não, falta de poder dos adultos. Tanto que ele se sai bem de todas as suas peripécias. Sempre, porém, com uma lição que fica para toda a vida. Como aquela, de quando dialoga, de igual para igual, com o mágico Mandrake:

"— Então sou mais poderoso que você — disse o menino.

— Não, porque o seu poder vai acabar e o meu vai continuar eternamente.

— Como é que você sabe?

— Sei, porque o meu mundo é o das figurinhas, onde tudo dura para sempre, ao passo que, no seu, tudo começa e acaba".

Em tudo isto, talvez a maior mágica seja do próprio Fernando Sabino. Autor de apenas três romances, cada um deles à sua maneira, adquiriu um lugar permanente para ficar na ficção brasileira.

80 MIGUEL, Salim. Nosso companheiro, jornalista, Flávio Costa, **Fatos e Fotos,** 31/10/1976, p. 126.

80

NOSSO COMPANHEIRO, JORNALISTA FLÁVIO COSTA, EDITOR-CHEFE DA REVISTA TENDÊNCIA, FALECEU ESTA SEMANA, EM CONSEQÜÊNCIA DE UM DESASTRE AUTOMOBILÍSTICO. NESTA PÁGINA, NOSSA SINCERA HOMENAGEM

Flávio José Barbosa da Costa, ex-diretor de FATOS e FOTOS, estava dirigindo Tendência (revista de Economia e Finanças) até terça-feira passada, quando — em conseqüência de um desastre de automóvel — a morte foi colhê-lo no hospital. O texto que se segue é do redator-chefe de Tendência, Salim Miguel, que o conheceu desde os tempos de adolescência.

UM dia, não há muito, Flávio Costa me procurou. Ainda não trabalhávamos juntos na mesma divisão, muito embora estivéssemos na mesma empresa e nos déssemos desde antes de aqui nos reencontrarmos. Me procurou com um pedido que eu desejaria não atender. Que nunca imaginei me voltasse a ser feito agora por outra pessoa. Flávio queria que eu escrevesse duas laudas a respeito de um amigo comum: Macedo Miranda. Havíamos, Macedo e eu, trabalhado juntos na revista FATOS e FOTOS, que Flávio então dirigia. Ele me pedia que falasse do meu relacionamento com Macedo Miranda, de sua figura humana, do intelectual consciente. Fiz a matéria, a custo, repetindo que eu preferia, sempre, escrever a respeito da vida. E Flávio me devolveu uma frase que eu sempre lhe dizia: nós nunca acreditamos que a morte nos alcance.

Vejo-me, agora e aqui, diante de uma situação idêntica. E por uma trágica ironia, preciso escrever a respeito do próprio Flávio. Por mais que me esforce, não consigo, traumatizado com o impacto do que aconteceu, expressar o que sinto. Em tais momentos ficamos repetindo lugares-comuns, dizendo "que bom sujeito era ele", "como foi acontecer", pensando que poderíamos ter feito alguma coisa, evitado o inevitável. Fazendo o quê? Tudo inútil.

E nos lembramos de fragmentos de conversa, de fatos passados perdidos na memória, de planos irrealizados, de sonhos em comum. Puxo o fio da memória. O Flávio que conheci estudante, de maneira muito rápida, era o jornalista que começava a se destacar, o contista (frustrado, me diria depois) com bom domínio do fazer literário, o defensor do patrimônio nacional que viria a demonstrar mais tarde, no Departamento de Turismo de Salvador, quando lutou pela restauração do Pelourinho, um espírito inquieto e inquiridor, instigante e perturbador. Como jornalista ele se afirmou, sem nunca abdicar do sentido de busca.

Depois daquele contato inicial, perdemo-nos de vista. E só nos fomos reencontrar em Bloch Editores. Aqui ele foi tudo: o homem para resolver problemas que surgiam, o *quebra-galho*, o repórter atilado, o *copy-desk*, o encarregado de resolver a situação da sucursal de Salvador ou de Paris, o chefe de reportagem de *Manchete*, o diretor de FATOS e FOTOS o editor das revistas especializadas.

Mas Flávio, com toda a responsabilidade que lhe cabia, não podia — e não sabia — ficar parado. Tinha sempre novas idéias, queria coisas novas e maiores, escrever livros, remodelar as publicações. E viver. Conhecer gente e lugares. De sua viagem à China, com a primeira missão comercial brasileira, resultou um depoimento vivo, mostrando aspectos da vida e da gente, completado com fotos de seu constante companheiro Gervásio Batista. E Gervásio nos ficava relatando episódios não incluídos, que mostravam a maneira hábil de Flávio atuar, extraindo o máximo de informações. As reportagens — e depois o livro — resultaram palpitantes e imparciais, refletindo a visão de um homem sensível e o pulso de um jornalista com perfeito domínio do *métier*.

Agora, começara, ao lado de seu exaustivo trabalho na editoria de quatro revistas, os planos para um novo livro. Desta vez, um painel da França, do que ele vira e sentira, de suas conclusões, do fascínio que aquele país exercia nele.

Mas não se dava por satisfeito. Incentivava os outros, novos e menos novos. Insistia. Queria que todos produzissem. E produzindo, vivessem.

Esta é uma faceta — pálida por certo — de um Flávio múltiplo que conheci. Com suas virtudes e seus defeitos. Humano a mais não poder. Mas se o retrato é pobre e pálido, a homenagem ao amigo é a mais sincera e sentida. □

"EM SEUS ROMANCES, ELE JAMAIS APELOU PARA O HERMETISMO, ÀS VEZES CONFUNDIDO COM A GENIALIDADE"

25/3/74

MACEDO MIRANDA

Para seus leitores e admiradores, ele era o escritor de talento, conhecido, apenas, através das páginas de seus romances. Para nós, de FATOS E FOTOS e Manchete, ele era também o companheiro de redação e o amigo do dia-a-dia. Os mais velhos o admiravam pelo zelo e correção profissional. Os mais novos o tratavam com o respeito e carinho que se dedica a um mestre. Um mestre na literatura e no jornalismo. Um mestre no julgamento isento e equilibrado dos fatos que sempre chegam quentes às redações. Um mestre na redação de qualquer matéria, fosse ela de carnaval, política, sociedade ou futebol. Para nós, além da importância de sua obra literária, contava o companheiro. O que sentimos falta é de Macedo Miranda

Do jornalismo à literatura

ROTEIRO DE UMA LUCIDEZ

■ A obra de Macedo Miranda é uma das mais respeitáveis e importantes da literatura brasileira. Seu peso crítico é indiscutível. Como obra, é tarefa, trabalho, suor — e já foi dito que não existe gênio, mas suor, suor e suor. Imprensado (literalmente) entre a imprensa e o livro, ele soube cavar espaço para *A Pequena Comédia,* uma série de romances que constituem um dos melhores painéis de nossa moderna ficção. Para isso, escolheu como tema o seu próprio chão — uma cidade do Vale do Paraíba, espremida entre a decadência da economia e a cadência do desespero de seus personagens. Numa linguagem sóbria, trabalhada (poucos como ele sabiam trabalhar a linguagem), Macedo Miranda construiu sem alarde uma saga de homens e subomens que explicam o adjetivo *pequena* colocado antes de sua grande *comédia. A Hora Amarga* (1955), *Lady Godiva* (1957), *A Cabeça do Papa* (1962), *Roteiro da Agonia* (1965), *O Deus Faminto* (1967), *O Sol Escuro* (1968), *O Rosto de Papel* (1969), *O Pão dos Mortos* (1971), *Sábado Gordo* (1972) são instantes de um painel que continuaria em *Abismo Abismo* (cujos originais estão na Editora Civilização Brasileira), *Nenhum Passarinho* e *Crucificação ao Alcance de Todos.* Doze títulos que enfeixam uma das mais sólidas e conscientes tarefas literárias de um ator brasileiro em todos os tempos. Não são romances de circunstâncias, dirigidos ao sucesso imediato, mas construídos rigidamente, com a severidade que não faz concessões nem apela para o hermetismo que muitas vezes é tomado como genialidade.

O escritor Macedo Miranda foi exatamente aquilo que conseguiu ser como homem: digno e bom. Por isso mesmo, a sua obra recebeu o respeito da crítica, que nele constatou a seriedade do trabalhador literário em seu mais alto nível. Mas nem por isso fez-lhe a elementar justiça de reconhecer a excelência. Esta tarefa, de resto, ficará a cargo do tempo. Se é verdade que a época dos romances passou, se os modernos meios de transmissão de imagens e mensagens tornaram obsoleto o fatigado gênero literário, o certo é que, onde houver lugar para a palavra impressa — e suas histórias de amor e fome, de miséria e sonho — neste território haverá espaço para o fluminense José Carlos Macedo Miranda, cuja lucidez foi equivocadamente tomada por amargura. Um de seus personagens *(O Pão dos Mortos)* declara em um poema que "de mim, nem eu resto". Esta feroz lucidez marca um momento de consciência em nossa aventura humana.

Carlos Heitor Cony

A LIÇÃO DE UM HOMEM

81

■ Confesso minha completa falta de coragem: não o fui ver doente nem morto. Explico: prefiro manter viva a imagem de meus amigos. E quando sou forçado a ir a um enterro, faço questão absoluta de não ver a cara do morto. Tento, agora, alinhavar algumas impressões a respeito de Macedo Miranda. Homem e escritor que escondia, sob uma aparente frieza, grande dose de compreensão e simpatia. Conhecia bem o bicho-homem.

Como expressar o significado de nosso relacionamento, iniciado num momento difícil para mim? Vejamos. 1965. Eu chegara ao Rio. À procura de emprego, em conversa com amigos, fui apresentado ao Fernando Pinto. "Saí de FeF — me disse —, dá uma chegada lá." Dei. Me encaminharam ao Macedo Miranda, chefe de Redação. Recebeu-me com seu jeito calado. O que eu desejava? Disse-lhe. Mandou-me copidescar um texto. Pediu-me que voltasse no dia seguinte. Voltei. Suas primeiras palavras: "Por nós, pode começar agora, se você quer mesmo trabalhar. Acerte logo com os homens." E me deu algumas indicações breves, incisivas, valiosas. Durante um ano convivemos diariamente. Ele conhecia como poucos sua profissão. E sabia, como quem não quer nada, transmiti-la aos demais. Depois, por mais quase oito anos, fomos companheiros de empresa e almoço.

Eu conhecia o romancista. Lera *Lady Godiva, A Cabeça do Papa,* contos esparsos. Ainda assim, o jornalista me surpreendeu. De uma grande capacidade de trabalho, inteligência ágil, sabia enxergar o essencial da notícia e trabalhar como poucos uma matéria. Porém, admirei mais ainda o homem Macedo Miranda. Amargo na sua visão do mundo, quieto e íntegro, sem fazer a chamada *vida social literária,* vivia para a sua obra, por ela se sacrificando. *A Pequena Comédia,* série de romances interligados pelo clima, por personagens que sumiam e voltavam, pelo tratamento literário, pela região que descreviam, retratava, através de Resende (sua cidade natal mal encoberta por outro nome), um período da vida brasileira. Escrevendo com ânsia e garra, não fazia concessões. Criara o seu mundo particular e nele se movimentava à vontade, melhor do que no mundo real que em muitas coisas ele não aceitava. Acompanhei a gestação da maioria dos romances, li-os todos. Formavam um bloco, refletiam uma concepção do mundo. Nunca tiveram o favor do público. Faltou a Macedo Miranda a figura de um agente literário, que lhe trabalhasse o livro depois de publicado. Infenso à badalação, ao compadrismo, ficou como que marginalizado numa época em que o elogio fácil e de favor campeia. Procurava, em tudo, ser fiel a si mesmo e à sua obra. A principal lição que deixou foi a do trabalho paciente e obscuro, incompreendido muitas vezes. E a de coerência. Viveu e morreu por e para a sua obra. Em cada livro escrito era como se fosse deixando um pouco dele mesmo, do melhor de si mesmo, do mais puro e autêntico. E parecia estar se esvaindo. Ela o consumiu cedo, essa obra, que retrata muitas das ansiedades e frustrações não só do homem e do escritor Macedo Miranda, mas da nossa época.

Salim Miguel

Romancista brilhante e jornalista extraordinariamente capaz, Macedo Miranda tinha sobretudo um grande senso de responsabilidade profissional. Para ele, todas as matérias eram importantes. De sua visão equilibrada e isenta do mundo, dependiam seus companheiros de redação. De sua amizade e convivência, sincera e suave, se orgulhavam.

UM MESTRE DA REDAÇÃO

■ Conheci Macedo Miranda em 1963, quando ele era redator-chefe de FATOS E FOTOS. Mas só 10 anos depois passamos a trabalhar juntos, na mesma Redação. Eu dirigindo FeF, ele reconduzido ao posto que ocupara antes, com segurança e brilho, por tantos anos. Considerei essa aquisição um prêmio e um estímulo ao nosso trabalho. Macedo era *um braço* na Redação, todos sabíamos. E com sua experiente colaboração tocamos o barco com mais rapidez e segurança. Ninguém, como ele, para dar o tom certo numa matéria controvertida. Nem para desbastar um árido e emaranhado texto e transformá-lo numa reportagem perfeitamente legível e agradável, uma hora depois. Mas isto eu já conhecia, como conhecia o excelente escritor que ele era, autor de romances como *A Cabeça do Papa, Lady Godiva* e *O Sol Escuro,* entre outros.

Uma surpresa para mim, porém, foi sua extrema agilidade dentro da Redação, em todos os setores.

Eu costumava lhe dar, sempre, os textos mais pesados, que ele digeria tranqüilamente, dentro da medida estipulada, nem uma linha a mais, nem uma a menos. Um dia, porém, ele se chegou a mim, com seu jeito tranqüilo, e disse: "Flávio, não receie me dar textos mais leves, até mesmo comentários de moda... Não estou falando isto para me livrar das reportagens *indigestas,* você sabe, um texto leve às vezes é mais difícil do que os relatórios. Quero dizer que para mim é o mesmo. Eu faço qualquer texto na Redação. Deixo para ser *gênio* em casa. Aí, sim, nos meus livros só escrevo o que quero e como quero..." E, de fato, passei a dar ao Macedo até reportagens sociais e turísticas, além de moda e assuntos políticos e internacionais.

Ele tinha aquela extraordinária capacidade de transformar tudo numa pequena — ou grande — obra-prima. Textos impecáveis, no tom justo e na medida certa. Sem nunca reclamar nada. Por tudo isto, nós todos o considerávamos um companheiro ideal e um profissional brilhante, muito embora seja uma espécie de impropriedade usar tal adjetivo em relação ao Macedo. Brilhante, sim, por seu trabalho, por seu talento, por sua garra profissional. Mas discreto, infenso às badalações das rodas literárias ou sociais, esquivo à publicidade fácil, um tanto desligado até mesmo da promoção de seus *romances e de seus livros — sua paixão.* Poucos conhecem a importância literária da obra de Macedo Miranda, como poucos conheceram o seu inexcedível zelo profissional, a não ser seus amigos mais chegados, seus colegas, seus leitores, seus conterrâneos de Resende, que ele amava. Por isto, com o seu desaparecimento, perde a imprensa carioca um batalhador obstinado, que lhe dedicou 23 anos ininterruptos de sua vida. Perde a literatura brasileira um romancista seguro, que nos poderia dar ainda muitas e importantes obras. E perdem todos uma excelente figura humana, que a cidade grande não conseguiu corromper e que quis repousar na tranqüilidade de sua Resende natal.

Flávio Costa

MUSEU PARA RESENDE

■ Conheci Macedo Miranda em 1949 quando, juntamente com Marques Rebelo — dois grandes amigos falecidos —, fui à inauguração do Museu de Arte Moderna de Resende. Macedo já estivera no Rio e freqüentava o apartamento de Rebelo no morro da Viúva, onde eu e muitos outros nos encontrávamos aos sábados. Assim, o Museu de Resende nasceu de uma transa entre Rebelo e Macedo, que então exercia um cargo de assessor na prefeitura local e com isso conseguiu o apoio oficial para a iniciativa. No museu havia obras de Djanira, Segall, Guignard e de tantos outros pintores brasileiros que hoje são vendidos por milhões. Há 25 anos Macedo já revelava seu ar calmo, seus modos tranqüilos, seu falar sem pressa, seu humor fino, levemente mordaz que com poucas palavras definia uma pessoa ou situação.

Ao esfuziante e crítico humor de Rebelo, ele acrescentava o seu, isento de ódio ou de ressentimento. Rindo quase mansamente, ele se deliciava ouvindo os outros, tirando os óculos para rir melhor. Em sua terra já era um homem conhecido e respeitado, mas nem por isso deixou de carregar quadros, subir escadas de carpinteiro ou bater pregos para que a exposição pudesse ser armada. Literatura, jornalismo ou amizade, Macedo cultuava com a mesma dedicação, perfeição e pontualidade. Durante anos perdi-o de vista. Vim encontrá-lo quando passei a trabalhar nesta empresa.

Éramos, diariamente, parceiros de mesa. O caráter de Macedo Miranda não mudara, seu humor afinara-se ainda mais. Mas nos últimos tempos sentia-se doente e a última vez que o vi rejuvenescido e alegre foi quando esteve em Resende e Itatiaia, a fim de realizar uma reportagem. Resende e Macedo sempre se deram muito bem.

Flávio de Aquino

82|MIGUEL, Salim. Dentro da noite, um clarão. **Cacau-letras,** ago./set. 1986, p. 3, Opinião/Ensaio.

DENTRO DA NOITE, UM CLARÃO

82

Salim Miguel *

Fiel à sua temática baiana, conferindo-lhe porém um dimensão universal, Hélio Pólvora constrói, em **O grito da perdiz**, um momento alto da prosa brasileira atual. Quatro contos longos, quase novelas, compõem o volume. Neles estão presentes – e aperfeiçoadas – as virtualidades de um criador que já deu boa amostra de seu talento em livros como **Os galos da aurora, Estranhos e assustados, Noites vivas, Massacre no Km 13.**

Temos aqui um ficcionista que é também crítico, atento ao fazer literário e às multiplas implicações do texto. E se o crítico está vigilante e dá um alerta ao ficcionista na elaboração de sua linguagem e de seu estilo, em nenhum momento há interferência indébita. São duas entidades autônomas que convivem harmoniosamente.

Introspecção e recriação do real marcam fundamente a ficção de Pólvora e parecem ser as suas vertentes básicas. Atente-se para o primeiro conto, "Além o mundo azul", com seu jogo de recua-avança, onde o tema predominante é a recuperação da infância, numa tentativa de sobre ela refletir, desvelando o seu mistério e fascínio. Mas o autor entende que o passado nunca chega íntegro, ele nos volta fragmentado e reelaborado, tempo e memória trabalhando numa recomposição impossível. Para que tudo isto alcance o leitor, é utilizada uma linguagem dúctil e nuançada. Daí a insistência na captação de um clima de entretons, mesclado a um erotismo que banha tudo, envolvendo afilhado e madrinha.

Isto é transmitido através do uso de palavras-chave num contexto não erótico, de sugestões e recorrências. Por exemplo, a utilização de palavras como "intumescência" ou "penetração". Mas nada disto vem gratuitamente: são recursos expressionais pensados, calculados, para criar um clima de envolvimento que leva o leitor a participar daquele universo. Para o escritor, cada palavra tem um peso, um som, um volume, uma cor, uma dimensão, uma medida justa. Sua inserção na narrativa dá a projeção exata da proposta e ilumina a intenção do autor.

Se no primeiro conto o que se busca é a recuperação da infância e o esclarecimento de um dúbio relacionamento afilhado-madrinha, no que dá título ao volume temos, através de uma história dentro da história, o tema do ciúme. O fio condutor é simples: dois homens se internam na mata, para uma caçada de perdizes. Há a mata com seus ruídos, os homens, o cachorro, a busca das aves, o silêncio rompido por curtos diálogos. É uma espécie de interregno, quando o real se impõe: a miserável casa de família onde eles chegam. Mas dentro deles existe algo muito mais profundo e recôndito. É o ciúme, que não se explicita, mas está no jogo que se vai compondo e recompondo, nas meias palavras que vão sendo atiradas como iscas, e não aceitas voltam ao dono. Repare-se na insistência com que se fala no cio da perdiz, nas artimanhas com que ela busca o macho, para entregar-se, aquela "depravada". Se a provocação não é aceita, o presumível amante nunca assumindo a provocação, ou ao menos se referindo à mulher do outro, que insiste em falar nela, na última linha do conto tudo como que se coloca de forma reveladora. Mas até aí, um longo caminhar de idas-e-vindas foi percorrido,a violência latente contida a custo, tênue casca de civilização mal-e-mal encobrindo a fera existente dentro do ser humano. Tudo isto nos chega com uma descrição precisa do meio-ambiente em que os personagens atuam, integrando-se à paisagem mostrada com precisao e sacudida com o ribombar dos tiros de espingarda, numa simbologia de grande força e impacto. O perfil psicológico dos dois homens que se odeiam é traçado minuciosamente, com uma autenticidade de doer. Tudo o mais que os rodeia, a própria mulher causadora do conflito, tem uma tonalidade gris, aparece sob uma luz difusa como o próprio amanhecer na mata. Só o ódio perdura.

Enquanto o primeiro conto é narrado numa falsa terceira pessoa e o último numa terceira pessoa onisciente, o terceiro, "Bicuíba: uma biografia" é na segunda pessoa; e como o próprio título informa é a biografia de um pobre ser, um brasileiro, largado na vida e sofrendo-a. O conto começa como que desarticulado, refletindo aquela existência que vamos acompanhar cronologicamente. E quando nos apercebemos, fomos agarrados por essa vida desimportante que revela uma dramaticidade angustiante, fundada numa verdade onde se entrelaçam o social e o humano. Também aqui é de profundo significado a simbologia implícita, na qual aquele irônico Bicuíba (uma árvore da lei, resistente) é apodo de um ser fraco, mas que de sua fraqueza faz força para resistir e vencer (vacilamos, ficamos a pensar se a palavra "vencer" se adequa ao caso) os percalços de uma vida que foi e não foi vivida integralmente.

Por fim, a história mais enigmática e difícil, "O arrenegado", parábola sobre o poder e a opressão, que joga com luz e sombra, busca os arcanos da percepção, investiga o ser humano no que ele tem de mais recôndito, fala de fome e miséria. Aqui é onde os tipos mais claramente se integram ao meio físico, às crendices e aos medos astuciosamente manipulados pelo Coronel, para se aproveitar da força de trabalho que ele quer continuar dominando. O Surdo, no caso surdo que enxerga longe e surdo ao canto de sereia do Coronel, é talvez o único que conscientemente não quer se submeter.

Mais uma vez, sem fazer literatura alegórica, o autor utiliza símbolos: o Surdo, ao mesmo tempo em que é um ser de carne e osso (embora feito de palavras), representa o inconformismo, a insubordinação a um **status quo** injusto e desumano. Joga-se então o jogo da manipulação, utilizando-se intimidação e subterfúgios para que o dominador continue dominando e o dominado submisso. No caso, a epígrafe de Gogol ("Este lugar está enfeitiçado. Aqui há um embuste de Demônio. Mas quem teria chamado Herodes, esse inimigo da humanidade?") serve para aclamar a proposta de Hélio Pólvora, que se fecha com o final, quando o Coronel, impossibilitado de derrotar o Surdo (e por via de conseqüencia Jaime, o filho do Surdo), os expulsa, pensando que assim seu domínio continuará absoluto. Mas algo se insinuou, algo que começa a corroer e que, mais cedo ou mais tarde, irá modificar a correlação de forças, fazendo-a pender, afinal, para o lado do Surdo. Tudo que o Surdo e o filho tinham foi destruído; eles são expulsos; mas a esperança, tênue, longínqua, permanece. É a frase de Jaime, o jovem ("Ele me paga, um dia eu pego ele"), ao responder ao lamento do pai, o Surdo ("Queimaram uma gota de ilúsão e um pingo de sabedoria e uma multidão de palavras"), abre como que um clarão naquela noite que eles ainda enfrentam.

* *Ficcionista e crítico, diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.*

O GRITO DA PERDIZ

Prêmio Nacional Nestlé de Literatura

Hélio Pólvora

São quatro histórias poderosas em que se mesclam a força telúrica, o misticismo agreste, o erotismo e a violência, numa linguagem de impressionante beleza. (. . .) É uma obra-prima universal.
Fausto Cunha
(O Globo, 28-12-1982)

À venda, em Itabuna, na Livraria Vitória, Bookshop do Hiper-Messias, banca de Nélson Pichane (Praça José Bastos) e banca da Praça Octávio Mangabeira. Pedidos à DIFEL, Av. Vieira de Carvalho, 40, 5º, Centro, CEP 01210, São Paulo, SP, Tel. (011) 221-5388.

83

LIVRO

7.S- 5/1

Um ensaista coerente

A coerência no trato da coisa literária e no estudo dos autores é uma constante na obra de Nereu Correa. Desde que publicou seus primeiros artigos e ensaios, no início da década de 50, vem firmando e afirmando essa tendência, que se mantém plenamente neste seu novo volume (1). Aqui, ele não só analisa obras e autores os mais diversos, como, igualmente, se situa é a sua crítica diante do fenômeno artístico.

Muito embora atento ao que possa estar surgindo de avançado no campo da ensaística, Nereu Correa não se deixa levar por modismos. Ao contrário, mesmo quando, por vezes, aplica à sua crítica elementos de autores que inovam, é sempre em abono do que lhe é peculiar e típico.

Para o autor de "Cassiano Ricardo — o prosador e o poeta", a crítica não é um exercício exotérico, calcado em números. Ele não procura a simples desmontagem do texto, na busca de locubrações que pouco ou nada representam para a melhor compreensão dos autores estudados e de seus trabalhos.

Crítico impressionista (embora deteste as catalogações), quer usufruir, para além do possível conhecimento que a escrita possa lhe dar, também o prazer da leitura. Sentir o autor, penetrar em seu mundo, decifrar sua mensagem, ver o jogo de contrastes entre o que está dito e o que vem sugerido.

Assim, este novo livro do autor de "O Canto do Cisne Negro e outros ensaios" procura, antes de tudo, se comunicar e transmitir algo da experiência de Nereu Correa no manuseio dos livros.

Por certo, alguns temas poderiam ser mais desenvolvidos. E se não o foram, talvez isto se deva ao fato de que os ensaios enfeixados são trabalhos publicados antes em jornais e revistas. A limitação do espaço obriga a uma redução da idéia a ser desenvolvida, por um lado; mas, por outro, muitas vezes a concentração pode possibilitar que o autor se limite ao básico, sem divagações que poderiam encompridar o trabalho sem lhe adicionar nada de substancial.

A colocação e o enfoque para seus trabalhos Nereu Correa dá desde o início, no "Prólogo", ao declarar: "No que respeita a técnica adotada, devo advertir que, se acaso o leitor espera encontrar nestas páginas ensaios ao nível das abordagens científicas, acompanhadas de longas e exaustivas explorações textuais, com toda certeza ficará desapontado."

Talvez. Mas certamente não o leitor ou estudioso que vai a um volume de ensaios em busca de dados e informações a respeito de seus autores, no sentido de esclarecer dúvidas e entrar mais no âmago do texto.

E isto ele encontra em Nereu Correa. Seja numa resenha onde situa o romance de Ricardo L. Hoffman, seja no ensaio mais longo e ambicioso onde vai tentar detectar a tapeçaria lingüística de Euclides da Cunha, fazendo ver melhor no tecido de emaranhados que compõe a grande saga dos sertões.

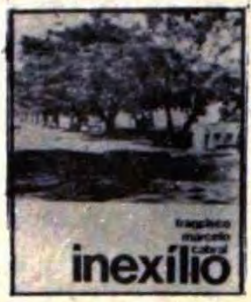
Há, no livro do ensaista catarinense, uma variedade de temas e abordagens, que vão das conotações estético-estilísticas nos romances de Adonias Filho às pesquisas que R. Magalhães Jr. continua fazendo em torno da vida e da obra de Cruz e Sousa. A unidade, assim, não vem propriamente dos temas escolhidos (podendo tanto ser prosa, poesia, ensaio, crítica ou outro qualquer), mas do tratamento que Nereu Correa lhes dá. A tecla em que mais se bate é a da desumanização da arte, mostrando que, na literatura, um dos primeiros e mais notórios sinais desse processo é a despersonalização do escritor e o conseqüente desaparecimento do estilo como expressão pessoal da arte de escrever. Mostrando que à crítica também cabe parcela da culpa nesse processo, continua o ensaista afirmando que "a maioria dos ensaistas recém-saídos das nossas universidades se situam ao nível dos computadores" dando a impressão de que eles se despojam daquilo que a máquina jamais poderá substituir no homem: o "tonus" pessoal da criação, a centelha interior.

Salim Miguel

(1) **A tapeçaria lingüística d'Os Sertões e outros ensaios,** *de Nereu Correa, Edições Quíron/Mec-1978 — 176 pp — Cr$ 65,00.*

LIVRO

84



Inexílio *(Imprinta, Rio-1979) poesia de Francisco Marcelo Cabral. O A., nesse poema forte e inovador, de rica sensibilidade, recupera Cataguases, a cidade mítica da infância e de todas as inquietações da mocidade. Cataguases de sonho e verdade, feita de barro, urina, suor e esperanças. Não hesitando em quebrar a música do verso, contraponteia todo o poema com notas de pé de página, em prosa quase convencional, quase um* **palo seco**, *a harmonizar de forma audaciosa com a melodia interrompida.*

Mas não é um lamento, nem se reduz à saudade essa lembrança sobre a cidade que já não é mais; é uma reorganização interior para continuar o duro ofício de viver sem trair a vida.

Mais uma vez Cataguases que, por razões inexplicadas, se afirmou em nossa geografia intelectual com o movimento de "Verde" e vários nomes de projeção nas letras e nas artes, se faz presente através de um poeta moderno e maduro, que muito tem a dizer. Quem conheceu FMC no grupo "Meia-Pataca", surgida na década de 50, já apostava nele. E com razão. Também com muita razão o livro é dedicado a Francisco Inácio Peixoto.

Marcado para o dia 28, às 18,30 horas, no salão de atos da Reitoria, no campus universitário da Trindade, o lançamento de Bulha d'Arroio, *contos de Tito Carvalho, edição crítica da professora Danila Carneiro da Cunha Luz Varella, Publicado há exatamente 40 anos, em 1939, em Florianópolis, numa edição pequena, o livro do escritor catarinense merecia uma reedição como a de agora, onde é feita uma análise do texto, com pesquisas em jornais e revistas e anotação das modificações introduzidas pelo Autor ao enfeixar os trabalhos em volume. Regionalista que retrata hábitos e costumes da serra, Tito Carvalho retornaria ao tema com o romance* Vida Salobra. *Nereu Correa assinala em sua introdução que algumas páginas de* Bulha d'Arroio *ficaram bastante conhecidas. Este é o quinto volume da coleção "Ensaios Catarinenses", da Universidade Federal de Santa Catarina.*

31

LIVRO

85

O viajante das nuvens *(Ed. Salamandra, Rio, 1978), de Haroldo Bruno, mostra uma nova faceta de um conhecido ensaísta e romancista. Já em terceira edição, recebida com entusiasmo pela crítica e pelos leitores, esta novela para a juventude revela-se de grande inventiva. Narra, em tons de fábula nordestina, as caminhadas fantásticas de Leocádio, o jovem sonhador que um dia tem de partir e experimentar a realidade de suas aventuras. Lá se vai pelas terras do Nordeste, ao encontro de gente e lendas, aprendendo a coragem, o destemor, o medo, o assombro — e descobrindo a mulher. Amadurecido, volta à casa paterna para enfrentar a lida diária, mas não se furta, de novo, a viajar nas nuvens, pois sonhar e refletir não atrapalham a vida; enriquecem-na.*

Com raízes em nossa poesia popular, HB teceu um livro de poucas páginas, mas repleto de sensibilidade e peripécias, novo a cada leitura.

Dirige-se a uma faixa difícil de leitores, os adolescentes, com rara felicidade. Linguagem clara, fluente, sem concessões, escrito por alguém que respeita a inteligência e a sensibilidade do leitor.

É difícil ressaltar passagens e episódios, pois a novela tem equilíbrio e unidade. Mas duvidamos que alguém, rapaz ou menina, velho ou moço, se esqueça do Capitão Coriolano Gonçalves Canazedo do Amparo, da Casa Verde da Sé, comandante da Nau Catarineta, ou da cena de idílio entre Aparecida e Leocádio.

A mesma editora, que apostou no futuro, lembrando-se dos jovens, programou outro livro deste Autor que, apesar do seu renome na literatura para adultos, aspira a ser conhecido também entre a juventude. Trata-se de **O misterioso rapto de Flor do Sereno**, *em breve nas livrarias.*

LIVRO

86

Revisitando o Oeste

Com **São Miguel**, *romance de Guido Wilmar Sassi, dava-se a revelação de um mundo novo na ficção brasileira. Aos frequentes temas de então, ao romance urbano e ao romance nordestino, às tentativas de romance introspectivo de um Cornélio Pena e ao romance épico de um Guimarães Rosa, vinha se incorporar o romance social de uma região desconhecida e áspera do sul do Brasil. Era um novo sul. Não o sul dos imigrantes, não o sul dos romances de Érico Veríssimo. Mas o sul fronteiriço com a Argentina que começava a ser desbravado, tendo, no caso, como núcleo central o drama dos madeireiros e as enchentes do Rio Uruguai.*

A trama é simples e efetiva, incorporando técnicas do romance moderno, mas sem fugir à história, ao enredo que prende o leitor. O município de São Miguel, no extremo oeste de Santa Catarina, espera pelas enchentes para que a madeira estocada às margens possa descer pelo rio Uruguai em direção à Argentina, onde é vendida. As balsas vão se amontoando, os problemas vão se acumulando, tanto dos donos como dos humildes balseiros. Os dias passam, dias de céu azul, sem uma única nuvem. Tudo já foi tentado. Em vão. Já se apelou para o velho que com suas rezas "alumiava o caminho" e tudo conseguia, já apelaram para o novo padre a fim de que ele apressasse a procissão como era feita antigamente, já insistiram para que fosse feito o lava-pés do santo à beira do rio. Só faltava, mesmo, conforme afirmava a crendice popular, "que alguém morresse no rio para que as chuvas chegassem e com elas a enchente." Enquanto isso não acontecia, vidas e histórias iam se entrelaçando.

Mas, embora pudesse parecer idêntico, havia uma modificação sutil se infiltrando e corroendo tudo. É um mundo em processo de deterioração — concluem com desânimo Jango Tigre e Coronel Gracílio, um estranho mundo onde estão eles perdendo a força, em que ingredientes novos vêm compor o extrato social, em que os pobres continuam pobres, é certo, mas os ricos já podem bem ser outros, alientgenas, vindos de outras regiões e com idéias exóticas, modificando o ambiente social e a composição de forças, trazendo componentes que desestruturam um mundo que ali se acreditava estanque, intocável.

Não há personagens principais. Há determinantes de um mesmo drama individual/coletivo, vidas miudinhas que aparecem ou desaparecem na medida em que são necessárias ou dispensáveis para a melhor apreensão do todo. Elas surgem, se apresentam, participam, dão seus recados, recuam, adicionam algo de vital àquele universo. Com pulso firme, com garra, onde os diálogos são peça importante para a compreensão da psicologia e da sociologia ambientes, Guido Wilmar Sassi vai erguendo um rico painel onde dramas e entrechoques se fundem e cristalizam, com vidas se entrelaçando e complementando.

O romance é estruturado em dois blocos: o primeiro em um determinado dia de agosto; o segundo durante alguns dias de setembro. As epígrafes tanto podem ser tiradas de livros, de folhinhas, de frases de parachoque de caminhões ou dos próprios personagens do romance.

A linguagem é rica de sumo e vivência, com uma estranha força interior que vem do fundo conhecimento que o Autor tem daquele mundo e que arrasta o leitor, envolvendo-o. As vidas que se entrecruzam no desenrolar da ação, tornam-se, pelo poder narrativo da ficção de Sassi, presença sufocante. Sejam personagens como Pedro Rossi, que precisa do dinheiro da madeira para subir mais na vida, seja do balseiro Mário, à espera da enchente para poder casar. Aqui, de novo, a madeira é uma obsessão na literatura de Guido Wilmar Sassi. Não só tem preponderância, como uma das seqüências de maior impacto emocional é a morte de Mário, soterrado sob uma avalanche de toras. Ambos os personagens, como tantos outros, têm vida e autenticidade humanas. E se para Péricles Eugênio da Silva Ramos, "a morte de Leonor é digna de uma tragédia shakespereana", Paulo Rónai diz que "avesso ao impressionismo e à improvisação, o escritor procede com toda a fidelidade cabível dentro de uma obra de ficção, no setor de nossa sociedade".

Com quase vinte anos de seu lançamento, o romance do escritor catarinense Guido Wilmar Sassi continua atual, tanto pelo que nele está dito, como pela maneira exata com que foi dito. E tem, certamente, um lugar garantido na história da literatura brasileira.

Salim Miguel

São Miguel — romance de
Guido Wilmar Sassi — 2.ª edição
Antares/Mesc — Rio/Brasília, 1979
261 pp — Cr$ 65,00

---

87 MIGUEL, Salim. Dois Literatores. **O Estado**, Florianópolis, 1981.

SOIS LITERATOS?

Mesa que presidiu a solenidade de entrega dos prêmios, tendo-se da esquerda para a direita, Mauro Corte Real, do grupo Habitasul, Jair Hamms, Sec. de Comunicação Social de Santa Catarina, Günter Schieper, prefeito de Canela, Péricles Druck, presidente do grupo Habitasul, Barbosa Lessa, Sec. de Cultura, Desporto e Turismo do Rio Grande do Sul, Francisco A. Caldas, diretor do "Correio do Povo", Jayme Copstein, Coordenador do Concurso.

"Então sois literatos?" — a pergunta me atingiu de supetão. E antes de responder, perplexo com a acuidade do homem, lembrei-me de outra pergunta parecida feita a um acadêmico (da ABL) no dia da posse. O causo, em rápidas palavras: o dito acadêmico entrou num táxi e pediu que o levassem à Av. Pres. Wilson, no Rio, sede da Academia Brasileira de Letras.

Espantado e intrigado, o motorista olhou para aquela figura toda paramentada e espadachinesca, com uma espada enorme. Não era época de carnaval, certamente terá pensado, não tinha conhecimento de nenhum bal e de

fantasia. "Que bicho então era aquele que descia de uniforme em seu carro? Não resistiu: virou-se para o passageiro e entre uma manobra ágil para livrar-se de um ônibus e outra para ultrapassar um colega, perguntou: "Sois rei?"

Agora estava eu ali em situação idêntica. Esperando degustar tranquilamente queijos e vinhos e agredido com aquele inocente-afrontoso "então sois literatos?" No plural mesmo.

Felizmente minha aparência era bem comum, embora tivesse ao meu lado, um vero-acadêmico.

Mas a estória começara um pouco antes, quando minha mulher, o referido acadêmico (da ABL, por coincidência) e eu, famélicos e apressados, rumamos nos antecipado e lesado cedo demais em busca dos queijos e dos vinhos prometidos.

Era em Canela, RS, no Hotel Laje de Pedra. Havíamos sido convidados, junto com outros escritores e jornalistas de vários Estados, para a festa de entrega dos Prêmios Habitasul/Correio do Povo — Revelação Literária/81.

Ao chegarmos no hotel, o primeiro aviso: às 16 horas um lauto café colonial (no qual mal toquei) e à noite, queijos e vinhos (para os quais me reservei). Na entrada da cave, gentil e vigilante, o gerente atalhou os três apressadinhos. Para informar que "infelizmente o local aquela noite estava "reservado". Com a mania de fazer graça sem graça que às vezes me ataca de forma insopitável, retruquei na bucha: mas nós somos "das reservas".

Pra que? O homem abriu um "lauto sorriso, pleno de vinhos e queijos, abriu a porta, e mandando-nos entrar perguntou-afirmou: "então sois literatos?" Bem feito, pensei pra mim mesmo, que a lição te sirva... Ainda bem que não nos rotulou de "beletristas".

"Literatos" à parte, pelo quarto ano consecutivo, os organizadores da promoção reúnem escritores e jornalistas, de vários Estados, para a festa de entrega dos prêmios aos vencedores, sempre no mesmo local. Prova de que a promoção já se consolidou, não só por suas características próprias e inéditas, mas também por revelar, a cada ano, novos talentos, alguns deles já confirmados, tendo passado a colaborar com regularidade na imprensa, outros com livros publicados e bem recebidos pela crítica.

O concurso é realizado em cinco etapas mensais, nas categorias conto, crônica, poesia, infantil. Os premiados em cada etapa recebem Cr$ 40 mil e já se candidatam para o prêmio revelação (Cr$ 100 mil mais placa de prata). Outro dado importante e que nos parece único no país é o fato de que, no próprio ato da revelação do nome do vencedor (melhor diria dos vencedores, pois há um vencedor em cada uma das quatro categorias) o livro com os autores premiados já está sendo distribuído. Nele estão incluídos os autores revelação do ano, os ganhadores dos prêmios mensais e, mais, os autores que receberam a indicação de "destaque" durante todo o período de realização do concurso.

No caso específico deste ano, a promoção valeria se só tivesse servido para revelar um jovem, o do vencedor na categoria poesia. Pois Paulo Ricardo Becker, 20 anos, com o longo poema "A cidade, o homem" justifica plenamente a premiação, revelando, de chofre, um autêntico poeta, de grande força e inventiva. Ao domínio formal e estilístico, ele une uma inquirição profunda do ser humano, suas angústias e esperanças.

Se bem que o trabalho se feche num todo de grande unidade e significado, exigindo detida leitura de todo ele, não nos furtamos ao prazer de dar, aqui os versos com que Becker abre seu poema:

"A cidade, onde o homem
se trava,
ergue em ferro e em frio
seu corpo
e anuncia o seu tempo sem
cor.
Em seus traços de asfalto e
concreto
não há rosto de coisas
humanas.
(Há o turvo comércio de
tudo.
A indústria do dia, rugindo.
O mecânico fluxo das horas.)

Por fim, para os catarinenses, uma notícia auspiciosa (já que o concurso é realizado para gaúchos nascidos ou residentes no Rio Grande do Sul): estão adiantados os entendimentos para que, talvez a partir do próximo ano, nos mesmos moldes, a promoção passe também a se realizar em Santa Catarina.

Da esquerda para a direita, os quatro autores revelação do ano: Luiz Alberto Hebeche, conto; Iria Müller Poças, infantil; Virgínia Cappelli de Andrade, crônica, Paulo Ricardo Becker, poesia.

TOBAGO

Um poeta lê outros poetas

Se têm sido sempre numerosos, em quantidade e qualidade, entre nós, os poetas, não são nada numerosos, por outra parte, os estudiosos do fenômeno da criação poética. Menos ainda os que sabem com propriedade se debruçar e analisar criação e criadores, dando-nos uma visão do fazer poético em todas as suas implicações e da proposta humana e estética do poeta.

Daí a importância que adquire um livro como este *A sombra de Orfeu*, de Ivan Junqueira, há pouco aparecido pela Editora Nórdica/Pró-Memória/INL. Reunindo 31 ensaios, é livro onde um também poeta e tradutor fala com pertinência e sensibilidade do poema e de poetas.

Abre o livro longo ensaio sobre Eliot (de quem aliás Ivan Junqueira é tradutor); ele nos aproxima do grande poeta de "Quatro Quartetos", para que melhor possamos chegar até o íntimo mesmo da mensagem que nos é proposta. E aí começamos a questionar a epígrafe extraída de Dámaso Alonso ("Que nada se interponga — si es posible — entre el lector y la obra"). Não, não é possível. Mesmo que cada um de nós deva ter a sua leitura própria, deve sentir a seu modo o poema e nele penetrar, é preciso que possamos confrontar esta visão com a de outrem, seja ele poeta ou ensaísta ou ambas as coisas. Este outrem, com suas colocações, nos provoca, nos açula, faz-nos pensar mais, no sentido de que tenhamos condições de ampliar a leitura (ou leituras) que um texto deve proporcionar no sentido de nos enriquecer.

Reunião de trabalhos publicados na imprensa nos últimos tempos, eles nos revelam, ainda assim, uma unidade que é resultado do trabalho de alguém que já tem, a partir de sua própria criação poética, uma linha traçada, um sentido do estético e do humano. Por isso, os ensaios se fecham num todo "de consciência estética e de estilo" como bem assinala Mauro Gama.

Não se pense, porém, que Ivan Junqueira se dedica só a estudar vultos como um Eliot. A maior parte de seus trabalhos busca iluminar aspectos da obra de poetas brasileiros, velhos ou novos, conhecidos e menos conhecidos.

Assim, se por um lado ele quer situar no lugar devido um Dante Milano, nome importante que não teve ainda o reconhecimento do leitor e da crítica, por outro chama a atenção para Olga Savary, de quem diz que, em sua poesia, se observa "o matrimônio do pensamento que se **emociona** com a emoção que **pensa**."

Há, em quase todos os trabalhos do volume, anotações pertinentes que mereceriam ser mais debatidas, aceitas, discutidas, recusadas. E gostaríamos, aqui, de chamar atenção para uma aproximação que necessitaria ser feita a propósito de Mário Quintana, quando Ivan assinala que a crítica literária brasileira... "jamais se ocupou como devia desse imenso poeta que é Mário Quintana." Reconhecendo a validade da colocação, ainda assim fazemos uma ressalva: é preciso não esquecer o modelar ensaio que ao poeta gaúcho dedica o crítico e ensaísta Fausto Cunha — certamente quem melhor entre nós intuiu a grandeza do autor de tantas obras-primas.

1984

89

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

A festa em vida

UM livro instigante e surpreendente, que muito nos acrescenta em conhecimento e verdade, e que se devora com a mesma paixão de um bom romance — eis como pode, sucintamente, ser classificado este *Memórias de um Cimarron*, de Miguel Barnet, que agora nos chega numa edição da Marco Zero/RJ, em tradução de Beatriaz A. Cannabrava. O *Testemunho* (como foi qualificado) que aqui temos, em linguagem saborosa e coloquial, é importante e significativo. É o depoimento de alguém que acompanhou boa parte da história de Cuba (vista do lado dos perdedores) de meados do século passado até inícios deste.

Esteban Montejo, negro, ex-escravo, com mais de 100 anos, ainda lúcido, relata, em palavras coloridas e sábias, sua saga, idêntica a de tantos outros como ele, em tantos países desta nossa América. Mostra o que era a vida dos escravos arrancados de seus países, colocados em porões infectos, vendidos como mercadoria, de que maneira eram obrigados a trabalhar sob o guante dos feitores, o tratamento desumano que lhes davam os senhores, que os escolhiam pela idade, pelos dentes, pela força física, pela beleza. Assim selecionados iam servir nas mais diferentes tarefas, desde o amanho da terra e usinas de açúcar, até o trato com as sinhazinhas.

O livro me puxa para o passado, me devolve a infância. Me vejo de novo em Biguaçu. Criança, na vendola do meu pai. A gente ali se formava rodas para cavaquear e beber pinga. Sentado no chão, ou, se já era muito tarde nó quartinho que ficava encostado à vendola, eu passava horas atento aos *causos*, ao riso. Em especial do preto velho Ti Adão, que tanto me marcou e que, de forma direta ou indireta, aparece em muito do que escrevo. Numa técnica inconsciente de história-puxa-história (que agora venho reencontrar no *Memórias de um Cimarron*) o preto velho, também ele nos seus bem-vividos 100 anos (ou próximo disso), cabeleira toda branca, bebendo, pitando, cuspinhando para os lados, ia emendando *causos* de sua própria vida, da vida de outros pretos, mitos, lendas, fantasias, fantasmagorias, histórias e estórias de fazendas por onde trabalhara, de patrões que tivera, de figuras com quem convivera, de personalidades que conhecera ou das quais tivera conhecimento por ouvir dizer, de mulheres e mulheres que possuíra. Moças, meninas, velhotas, pretas retintas, mulatas, brancas. (E aqui também encontro, no livro que acabei de ler, o mesmo fundo sensualismo percorrendo tudo, atravessando tudo como uma lava ardente).

Sem dúvida Ti Adão é o nosso Esteban Montejo. Ou um de nossos inumeráveis Esteban Montejo. O que nos faltou (e aqui me incluo) foi alguém com a sensibilidade de Miguel Barnet, capaz de intuir a importância de tal legado, recolher e saber transmitir toda uma psicologia, uma sociologia, uma antropologia, um modo de vida de um grupo humano transplantado de seu habitat contra a vontade e que se vê cerceado em sua liberdade. Aí procura lutar, quer resistir. Lutar não só para manter sua identidade, mas até para o simples sobreviver. Se possível livre, dono de seu destino.

Ao explicar de que maneira chegou ao projeto do livro, Barnet acrescenta que a partir de determinado momento, embora a proposta básica fosse mantida, "freqüentemente, uma palavra, uma idéia, despertavam em Esteban recordações que o afastavam do tema. Essas digressões foram também muito valiosas porque traziam para a conversa elementos que talvez não houvéssemos descoberto".

O resultado é um texto quente, que ressuma vida. Aquele *Cimarroh* (palavra que em Cuba quer dizer escravo fugido, que prefere viver isolado na mata lutando para manter a liberdade) soube criar e recriar, com propriedade, não só passagens de sua própria existência e de sua gente. Soube mais. Foi além: traçou, com pertinência, do ponto de vista dos lá de baixo, um painel da vida de Cuba dos canaviais e dos engenhos de açúcar, da Cuba da dominação espanhola. Da Cuba da Abolição da Escravatura, da Cuba das lutas pela Independência, de figuras conhecidas ou desconhecidas com as quais conviveu e que tiveram participação decisiva em tais lutas. E fica implícito que se em determinado momento as lutas representaram libertação do jugo espanhol, criaram condições para a penetração norte-americana. Já quase ao

final de seu testemunho, diz Esteban: "Os americanos agarraram Cuba com engodo. É verdade que não devemos pôr neles a culpa de tudo. Foram os cubanos, os que obedeceram, os verdadeiros culpados. Aí há terreno pra investigar. (pág. 182)".

Mas é necessário que se fique atento a todo o livro, a outras significativas passagens, quando Esteban nos dá verdadeiras lições de sabedoria. Ao dizer, por exemplo (pág. 90) com inteira razão: "É melhor não se fazer tanta homenagem pros mortos, como se faz agora, porque na verdade tudo isso é hipocrisia. Tanto antigamente como hoje. Eu quero minha festa em vida." Ou então, pouco adiante, referindo-se à sua idade e aos esquecimentos que ela provoca, em especial para os fatos mais recentes: "Mas idade é idade e ninguém fica velho por gosto."

90 LEITURA/Crítica

Salim Miguel

Fernando Pessoa e sua inesgotável arca

Durante anos não se teve nenhuma certeza sobre a produção deixada por Fernando Pessoa. Seria o pouco (o livro Mensagem, os poemas em língua inglesa e os esparsos na imprensa) que ele publicara em vida? Intuia-se a existência de algo inédito. Mas qual seria o volume e a importância do espólio? Ninguém sabia o quanto poderia atingir esse algo e seu verdadeiro significado.

De repente, de uma arca perdida no tempo e magicamente recuperada, começam a surgir mais e mais inéditos. A arca parecia inesgotável. E seja através do ortônimo ou dos heterônimos mais cresce aquele que viria a ser, depois de Camoês, o principal nome da poesia portuguesa.

Ainda agora acabam de chegar até nós, no Brasil, novos textos de Fernando Pessoa. Trata-se do **Livro do Desassossego**, por Bernardo Soares, publicado pela Editora Brasiliense/SP, com seleção e introdução de Leyla Perrone-Moisés. Bernardo Soares (é o próprio Pessoa quem afirma) não chega a ser heterônimo, como o foram Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Alberto Caieiro. Diz Pessoa que é Soares um semi-heterônimo, que só aparece em determinadas circunstâncias, em fases crepusculares, quando ele mesmo se sente cansado.

Cabe-me aqui, antes de deixar algumas anotações a propósito da edição brasileira do **Livro do Desassossego**, um depoimento pessoal. Os primeiros contactos que tive com a estranha e fascinante personalidade de Fernando Pessoa foram através de três livros que me chegaram de Portugal, remetidos por Manuel Pinto, poeta, amigo de Marques Rebelo, que se tornou meu amigo epistolar (e a quem devo o conhecimento de boa parte da moderna literatura portuguesa), que seria um dos correspondentes da revista Sul no exterior. Eis os livros: **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**, de Jacinto do Prado Coelho, na 1ª edição, publicada pela revista Ocidente, Lisboa/1949; **Poesia**, de Fernando Pessoa, introdução de Adolfo Casais Monteiro, volume da coleção Antologia de Autores Portugueses e Estrangeiros, Ed. Confluência, Lisboa/1945; e **Fernando Pessoa, notas a uma biografia romanceada** de Eduardo Freitas da Costa, Guimarães e Cia Ed. Lisboa/1951, onde eram feitas algumas colocações e retificações a respeito da biografia de Fernando Pessoa escrita por João Gaspar Simões, biografia que só mais adiante vim a conhecer. Pouco depois a revista Sul publicava poemas de Pessoa; e Élio Balstaedt uma resenha ao livro de Gaspar Simões, criticando passagens da biografia, e que teve alguma repercussão em Portugal — o que para nós, jovens iniciantes do Grupo Sul na longínqua Florianópolis, foi a glória.

Por intermédio de Prado Coelho tomei conhecimento da existência do quase heterônimo Bernardo Soares. Diz Coelho que "ajudante de guarda-livros em Lisboa, autor das prosas poéticas do **Livro do Desassossego**, Soares é o menos fecundo e o mais apagado dos heterônimos, isto é, não é uma personalidade diferente da sua, mas a sua personalidade mutilada ("sou eu menos o raciocínio e a afetividade" F.P.), definição aliás pouco rigorosa. Surge em pessoa quando este se encontra cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição". A colocação de Coelho é pertinente, menos num ponto. Vê-se agora que, à época, ele não tinha, então, conhecimento da arca e/ou de seu conteúdo: a prosa poética e intimista de Bernardo Soares que possibilitou, na edição portuguesa, mesmo com algumas supressões, um livro de mais de 600 compactas páginas, e na brasileira 402 páginas.

A transcrição que fiz do livro de Coelho pode parecer longa, mas serve para situar algumas constantes no que se refere a Fernando Pessoa e mostrar o impacto que o poeta me causou. Melhor: causou na maioria de nós jovens. Pedimos mais a Manuel Pinto: veio a biografia escrita por João Gaspar Simões. Pouco depois saía, no Brasil, **Um Fernando Pessoa**, de Agostinho da Silva, ensaísta, poeta, filósofo, professor, tradutor (que viera viver no Brasil e aqui lecionar, inclusive em Florianópolis), publicado pelo IEL/RS; e logo, ao ganhar de um colega de infância e amigo, já falecido, Pedro Bosco, a **Obra Poética** de Fernando Pessoa, na Editora. Aguilar, imaginei que afinal iria conhecer tudo (ou quase) que o autor deixara. Vã ilusão. Felizmente. A arca foi, aos poucos, despejando novos inéditos de Pessoa ou de seus heterônimos, revelando novos aspectos de sua personalidade. E mostrando que tanto ele, quanto sua arca, são imprevisíveis.

Volto ao **Livro do Desassossego**. E saio da leitura com o mesmo encantamento que me proporciona qualquer texto de Pessoa. Ainda os menos realizados. Porque há neles, sempre, a marca de um autêntico criador, que se questiona e inquieta ao mesmo tempo que nos questiona e inquieta. Infinitamente vário e uno, na desigualdade e unicidade, conforme bem assinalou Jacinto do Prado Coelho.

O Livro do Desassossego que agora nos chega na edição brasileira é uma seleção dos textos da edição portuguesa. E tem, a exemplo daquele, seus méritos e seus desméritos. Diz Leyla Perrone-Moisés, que se encarregou da seleção e introdução: "Esta edição do **Livro do Desassossego** é discutível. Como todas, passadas ou futuras, por uma razão ou por outra. A nossa não é uma edição completa do livro; é uma seleção de fragmentos feita a partir da

edição portuguesa em dois volumes". Logo a seguir, Leyla acrescenta com inteira razão: "Mas haverá sentido em falar em "edição completa" de uma obra que não tem nem nunca terá um "corpus" definitivo?" Perfeito.

Trabalhando em cima de rascunhos, de anotações, de textos soltos, de frases truncadas, de palavras incompletas e rasuradas, nunca se poderá afirmar que esta ou aquela seria a edição do **Livro** conforme a teria desejado Fernando Pessoa. Se é que ele a desejou. O **livro** será sempre um texto aberto, sujeito a numerosas e diferentes interpretações. E poderíamos encerrar estas anotações, que visam acima de tudo chamar a atenção para o **Livro**, anotações que se nos afastaram do trabalho de Leyla (é importante ler-se a "Introdução" ao volume) nos aproximaram de novo de Pessoa, com aquilo que diz, à página 49, Bernardo Soares: "Quando outra virtude não haja em mim, há pelos menos a da perpétua novidade da sensação liberta". No mais, é confrontar a edição das "manchas temáticas" portuguesa com a por "tópicos" ou "capítulos" brasileira. E tentar penetrar no universo pessoano, diverso e uno.

91

CRÔNICA

Tércio da Gama: explosão de cores

Salim Miguel*

"Mais cor é impossível", costumava repetir Harry Laus a respeito do artista, o que pode ser comprovado na presente exposição da Galeria do Badesc, que fica aberta até 30 de abril. Ela possibilita uma reflexão sobre a arte de Tércio da Gama, de sua visão peculiar e original sobre o processo de criação. Ao mesmo tempo em que é fiel à sua proposta inicial, busca renovar-se, manter-se atualizado, sem abdicar de suas raízes culturais.

Acompanho Tércio desde os idos de 50. Tenho mesmo, datado de 1958, um de seus primeiros trabalhos. No modesto casario, tão típico de nossa terra, nota-se, por um lado, sua já preocupação com o uso da cor, que balisaria toda a sua carreira como artista plástico, e por outro, uma tênue influência de Volpi, tanto na simplicidade da forma como no cuidado com o detalhe.

Aliás, para ser mais exato, antes do casario tenho, do Tércio, de 1956, outro trabalho, uma charge, onde apareço mais baixo, mais gordo (premonição do artista?), rosto redondo, sobraçando meus três primeiros livros. Há também ali a mesma explosão de cores (hoje infelizmente diluída).

Como podem constatar, acompanho a trajetória do amigo desde seus primórdios. E mesmo durante os anos em que morei fora, sempre que vinha a Florianópolis dele procurava me informar ou com ele me encontrava, interessado em saber o que estava fazendo - e como fazia o que fazia.

Elétrico, seu falar corrido, seu riso solto, sua postura indagativa diante do mundo e dos dilemas do viver ajudam a compor sua figura de artista consciente. Que fez parte do histórico e fundamental GAPF - Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, por onde transitaram, nas artes, os nomes mais significativos daquela geração - e que completa, neste 1998, 40 anos de criação.

Não sou crítico de arte, mas, se não bastasse a frase de mestre Laus, está na hora de justificar o "explosão de cor" do título. Se há uma permanente marca identificadora na obra de Tércio é a utilização da cor. São cores quentes, quase puras, aplicadas na tela em pinceladas fortes, rítmicas, como quem busca recapturar o inteiro sol violento, a plena luz cegante se derramando sobre tudo e todos - marcas enfim da nossa terra e do nosso meio. É uma busca constante de seu próprio caminho desbravando, desbravando veredas desconhecidas, lendo, debruçando-se sobre trabalhos dos que o precederam.

A presente exposição de Tércio é temática. Surgiu num jato. Ele se propôs reelaborar sua Florianópolis tão pessoal, com seus mitos, seu folclore, o fantástico que domina mentes e espíritos dos habitantes ilhéus. E, ano do centenário da morte de Cruz e Sousa, lembrou-se de homenagear nosso vate maior, com uma das mais instigantes telas da exposição.

Os que se deslocarem até a galeria, se ainda não lhe conhecem a obra terão uma agradável surpresa: encontrar o artista em plena maturidade. Mas é bom alertá-los: ele é o que lá se encontra e muito mais. Posso ser questionado: em que sentido?

Primeiro, no sentido de que é uma exposição temática, centrada num universo fechado; segundo, o irrequieto Tércio pesquisa, sempre buscando ultrapassar seus limites - o que deve ser a marca primordial do verdadeiro artista, perene insatisfeito com o que realizou, lutando por realizar mais.

O título "Ilha dos meus amores" é paradigmático. O amor (como a cor) é paixão, explode em tudo que o artista produz. É um amor entranhado pela terra, pelas inusitadas paisagens, pelos hábitos, pelos costumes, pelas tradições, pelas gentes, tudo sublimado numa pletora de cores, que por vezes chegam a nos ofuscar.

Dizia, linhas acima, que a exposição retrata e não retrata a totalidade de mundo do artista. Sim, é bem ele que ali se encontra. Mas só com o conjunto de sua obra poderemos ter uma exata visão de sua rica personalidade. Isso não vai demorar. Tércio nos promete, para breve (setembro?), no MASC, uma retrospectiva. Então poderemos recuperar, com calma, sua caminhada e sua constante procura. Enquanto isso não chega, é bom dar uma passada no Espaço Cultural Fernando Beck, ali na Av. Mauro Ramos. Depois deste sugestivo trailer, é esperar o filme. Deste artista que é, também apaixonado por cinema e quadrinista fanático. ■

*Salim Miguel escreve todas as sextas-feiras nesta coluna

As possibilidades do reinado

~~A CORÔA NO REINO DAS POSSIBILIDADES — Miro Morais~~
~~Editôra Leitura, Rio de Janeiro, 1967~~

A desintegração da personalidade humana e a tragédia do existir num mundo massificado e em decomposição; a conseqüente (ou inconseqüente) procura de novos valôres numa outra sociedade (ou forma de vida) mais pura, primitiva e/ou em formação — eis a raiz da experiência que, em têrmos de ficção, intenta realizar o escritor catarinense Miro Morais neste seu romance sugestivamente denominado *A Coroa no Reino das Possibilidades*. Sim, porque para o autor tudo não passa de vagas possibilidades num mundo de incertezas, vacilações e absurdos, o próprio ser e existir não indo além de uma ilusão que procuramos captar e concretizar — e quando mal percebemos algo de objetivo, logo tudo se esvaiu e escorreu por entre nossos dedos. E já nós mesmos, como entidade, não mais somos.

À vida das cidades com sua engrenagem viciada e sua contaminação, contrapõe Miro Morais uma vida simples à beira-mar, numa colônia de pescadores. Mas será ela melhor em têrmos absolutos — ou mesmo relativos — do que a outra da qual o autor-personagem procura se evadir? Nesta dúvida vai êle se debatendo e martirizando, numa procura de respostas e soluções que são de ontem, permanecem agora e continuarão sempre.

Neste livro de estréia não aparece Miro Morais com as indecisões dos principiantes. Mais: domina bem o seu instrumento de trabalho. Utiliza uma linguagem insinuante e plástica, onde cada palavra se junta harmoniosamente à seguinte para adquirir um valor de símbolo. E faz chegar até nós, entrelaçados, o mundo *primitivo*, cruel e áspero dos pescadores, em seu contacto permanente com os elementos, e o mundo complexo e sofisticado do *civilizado* das cidades, com suas angústias existenciais e suas contradições. Ao final, a conclusão, sob muitos aspectos, é melancólica: ao fim e ao cabo tudo é igual. E a procura de uma nova vivência não está nas exterioridades, nem no coletivismo, nem no individualismo, mas no próprio homem como entidade autônoma que se busca e se encontra a si mesmo. Mas sim, também é dessa funda melancolia e dessa constatação que acaba por surgir um tênue fio de esperança: se tudo é igual, a salvação está no próprio homem, não no que êle aparenta ser, mas no que êle pode intrìnsecamente ser.

Na ficção brasileira dos últimos tempos o livro de Miro Morais é, sem dúvida, uma experiência sob muitos aspectos nova, e curiosa sempre. Fundindo e erguendo lentamente pequenas estórias e histórias, causos e casos, construindo uma galeria de tipos e personagens que logo se humanizam, dá, ao final, uma unidade que é o resultado de aparente fragmentação. Ao interligar aquelas vidas, passadas e presentes, o autor, num estilo o seu tanto filosofante, procura compreender e interpretar a raiz das coisas, busca respostas para os porquês, se interroga, interroga os sêres, viventes e inanimados, interroga o próprio leitor.

Miro Morais há muito que vem lutando para dominar o seu instrumento de trabalho: a palavra. Ela, para êle — e me parece que para todo o autêntico criador — é como um animal vivo e arisco, que é necessário domesticar, tornar maleável e plástico, mas é preciso conseguir isto mantendo-lhe a fôrça e a autenticidade. Se o autor o alcançou integralmente — e alguém o terá conseguido alguma vez? — é outra história. Figuras, paisagens, meio ambiente, tudo se integra para transmitir a visão lírico-amarga do autor. Se aqui temos, em poucos e precisos traços, a descrição de um tipo, que nos surge exato e íntegro em parcas pinceladas, noutro trecho o que nos chega é uma paisagem, um momento do dia ou da noite, a fusão entre céu, mar, terra, com suas cambiantes, e é quando, mais do que descrever, o autor procura nos fazer ver o que êle vê, sentir o que êle sente. Transportando-nos para aquêle mundo — que não é o nosso (nem o dêle) — quer que o compreendamos e nêle nos integremos, quer que nos despojemos de nossos preconceitos adquiridos ao longo de uma vida e uma sociedade viciada para tomarmos novos hábitos. Mas uma dúvida e uma interrogação permanecem: conseguiremos nós isto, conseguirá o autor o que deseja, ou, mais fortes do que o novo meio, acabaremos por dominá-lo, assimilando êle os nossos vícios sem que nos dê, de contrapartida, as suas virtudes potenciais? "Mas como poderei eu continuar lançando todos os dias minha rêde de ilusões ao mar — diz êle — se os desmentidos romperam suas malhas como feras incontroláveis?" Creio que a pergunta permanecerá no ar, irrespondida.

275 1958 ~~Salim Miguel~~

Machadinho - ainda e sempre

— **Salim Miguel** —

Machadinha é uma cachaça Machadinho é um estado de espírito, Machadinho é um vício. Perene, sempre e sempre, que se torna mais vivo e persistente com o passar do tempo. Atual cada vez mais atual e autêntico. Que o diga o bom amigo — e machadinho de primeira fila — José Garcia. Você lê e relê, volta a ler e reler, sempre com novo encontro, sempre fazendo novas e fascinantes descobertas naquêle mundo. Machado de Assis só faz crescer com o passar dos tempos. Aquela maneira de narrar, insinuando mais do que dizendo, tão dele, nos tinge fundo na sensibilidade. A legião dos admiradores do nosso maior escritor aumenta sempre Machado, é bem verdade, não se entrega, não se desvenda, a uma simples leitura, pedindo, exigindo releituras. Daí, então, o penetrarmos no âmago do que êle quer nos transmitir, só com paciência e amor.

Contista antes de tudo, dizem muitos críticos e estudiosos de sua obra, a discussão a respeito de quais seriam seus melhores contos é interminável.

Catando e catando, colecionando tudo que se refere a MA, sejam livros, artigos e notícias em revistas e jornais, etc, José Garcia, volta e meia nos aparece com uma novidade. Há pouco foi uma recente edição contendo os 30 melhores contos de Machado de Assis. Contendo os "30 melhores" é maneira de dizer, porque o leitor poderá ir ler aquêles 30, dali sair para uma releitura das obras e encontrar outros 30.

Agora, José Garcia escavou num velho livro de Mário Matos, editado em 1939 pela Companhia Editora Nacional e intitulada Machado de Assis, um curioso capítulo intitulado "OS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E A PREFERÊNCIA DOS CRÍTICOS" E lá está à página 308 da referida obra:

LÚCIA MIGUEL PEREIRA: Cantiga de Esponsais, O Espelho, Missa do Galo, Noite de Almirante, Umas Férias e Evolução;

ALFREDO PUJOL: O Enfermeiro, O Alienista, Uns Braços, Missa do Galo, O Emprestimo, Último Capítulo, Anedota Pecuniária, A Causa Secreta, D. Paula, Trio em lá Menor, Teoria do Medalhão e Uma Senhora;

AUGUSTO MEYER: Trio em lá Menor, D. Benedita, Um Homem Célebre, O Alienista e O Espêlho;

TEIXEIRA SOARES: Conto de Escola, Noite de Almirante, A Chinela, Turca, Um Erradio, Pai contra Mãe, O Relógio de Ouro, Entre Santos, Uns Braços e Um Homem Célebre;

VIANA MOOG: Galeria Póstuma, A igreja do Diabo, Teoria do Medalhão, O Alienista e Viver;

PEREGRINO JUNIOR: Um Capitão de Voluntários, Conto de Escola, Um Homem Célebre e Trio em lá Menor;

SÍLVIO ROMERO: O Cônego, O Enfermeira e A Igreja do Diabo;

MÁRIO MATOS: Conto de Escola, Anedota do Cabriolet, Noite de Almirante, a Chinela Turca, Missa do Galo, O Emprestimo, Um Homem Célebre, Cantiga de Esponsais, Um Apologo, A Segunda Vida, Uns Braços, Uma Senhora e D. Paula.

Confronte-os, leitor, com a sua própria preferência. Desta maneira, o que é sempre ótimo, terá uma boa desculpa (se é que há necessidade dela) para nova releitura do grande Machadinho.

E proximamente divulgamos as preferências de alguns do principais machadianos de Florianópolis.

CRÍTICAS DE
SALIM MIGUEL
SOBRE AUTORES
PORTUGUESES
E EUA
INGLESES E
OUTROS EUROPEUS

ZENO VERSUS FREUD

A Consciência de Zeno, de Italo Svevo. Trad Ivo Barroso. Editora Nova Fronteira. 404 páginas, Cr$ 404.

Salim Miguel

QUASE 60 anos após sua publicação (em 1923), chega afinal ao Brasil um livro — **A Consciência de Zeno** — que continua intrigando e desafiando críticos e leitores. Seu autor: Ettore Schmitz, aliás Italo Zvevo, um judeu — italiano — austríaco, misto de comerciante de sucesso medíocre, escritor incompreendido e violinista amador. Tudo isso ajudou a moldar sua invulgar personalidade e lhe permitiu manipular com precisão a fina percepção os instrumentos da criação artística, adiantando-se à sua época e seu meio. O estreito relacionamento com James Joyce, que viveu boa temporada em Trieste, foi benéfico para ambos, pela freqüente troca de idéias e mútua crítica do que escreviam. No **Ulisses**, muitos analistas do fenômeno literário identificam Joyce como o modelo de Stephan Dedalus, enquanto reconhecem Zvevo em Leopold Bloom.

O que o livro de Italo Zvevo nos apresenta, com fina sensibilidade e virulenta ironia, é o grotesco e o fantástico de um universo convencional e banal. Aqui acompanhamos a trajetória de Zeno Cosini, personagem fascinante no qual o autor deve ter jogado muito de si mesmo, de seus fantasmas, inquietudes, perplexidades.

Zeno oscila entre a verdade e a mentira, numa ficção inventada por ele mesmo sobre a sua própria realidade, procurando iludir seu psicanalista — ou se iludir. E a dúvida se aprofunda: será que fala a verdade, quando não mente? Será que falta à verdade quando mente? Mentira e verdade se interpenetram naquele mundo. Se nos lembrarmos de que Zeno por sua vez é ficção (o quanto de verdade e mentira consciente ou inconsciente o autor nele colocou?) estamos diante de uma estrutura romanesca de jogo de espelhos.

"Rever a minha infância? Já lá se vão mais de 10 lustros, mas minha vista cansada talvez pudesse ver a luz que dela ainda dimana, não fosse a interposição de obstáculos de toda espécie, verdadeiras montanhas: todos esses anos e algumas horas de minha vida".

É quase certo, sem dúvida, que neste trecho inicial se encontra a chave principal para a compreensão da complexa personalidade do autor e de tudo aquilo que procura nos transmitir através de seu personagem.

Utilizando um artifício ficcional, Zvevo faz, ao mesmo tempo, uma análise e uma crítica da psicanálise. O livro, narrado na primeira pessoa, é, em linhas gerais, o tornaviagem de Zeno Cosini, negociante triestino (a Trieste austríaca de antes da I Guerra Mundial). Reflexão sobre a vida e seres humanos, tentativa de recuperação do ontem para melhor procurar compreender o hoje e automaticamente (não seria seu grande engano?) melhor se compreender, Zeno tenta redigir, para seu psicanalista, esse passado que o marcou tão fundo. Mas o passado nunca nos chega íntegro, da forma vivida, porém como é visto hoje, à distância, com extrapolações, recorrências, modificações, acréscimos, supressões. Então, esta busca é uma falácia. E de maneira tumultuada, desestruturada e acronológica, vão ressurgindo os incertos estudos universitários, a paixão por uma jovem e o subseqüente casamento com a irmã dela, o sufocante passar dos anos, a jovem amante (tentativa infrutífera de volta ao antes, à juventude), pequenos episódios e sua compulsiva fixação num "vício terrível", o fumo, conforme insiste reiteradas vezes, vício do qual não consegue se livrar e cuja razão não sabe explicar.

Nesta transcrição, que Zeno pretende fiel, há, consciente ou inconscientemente, um tanto de mistificação. Nem é para o psicanalista; é para si mesmo. Zeno reconstrói um Zeno que é e não é ele: um ser mítico, artificialmente moldado, que se vai armando à medida que escreve (ou melhor, elabora sua autobiografia real-fictícia) para o analista e, ao mesmo tempo, para exorcizar seus fantasmas.

Aí aprofunda-se a descoberta do ser humano e seus obscuros desígnios. E num complicado e fascinante jogo de esconde-revela-esconde, o personagem-autor quer mostrar-nos como a superação das contradições interiores e o entrechoque com o mundo exterior não se consegue nunca pelo crescente mergulho egocêntrico (o que seria o círculo de ferro da psicanálise) mas pela intersubjetividade, pela absorção da consciência social, pelo se volver também para os outros e pela ininterrupta luta para alcançar o conviver.

Zvevo, leitor e estudioso de Freud, assim, ao mesmo tempo em que realiza um romance de linha psicanalítica, faz, igualmente, a própria crítica da psicanálise, questionando sua validade científica com um todo.

Salim Miguel, jornalista e ficcionista, fundou e dirigiu as revistas literárias Sul e Ficção.

MÊS DO LIVRO DE DIREITO FRANCÊS
20% DE DESCONTO
até dia 31 de agosto
Livraria das Nações.
Av. Copacabana — 610/ sl 203 Tel: 257-4969

Centro Brasil Democrático
UNIBRADE
CURSO DE LITERATURA

Data	Título da conferência	Professor
18/8	QUE É LITERATURA?	Nelson Werneck Sodré
25/8	A LÍNGUA LITERÁRIA	Celso Cunha e Antonio Houaiss
1/9	A LITERATURA BRASILEIRA HOJE	Heloísa Buarque de Hollanda
8/9	O ROMANCE BRASILEIRO	Luis Felipe Ribeiro e Antonio Torres
15/9	O CONTO BRASILEIRO	Lygia Fagundes Telles
22/9	A POESIA BRASILEIRA	Affonso Romano de Sant'Anna
29/9	A CRÔNICA E A MEMÓRIALISTICA BRASILEIRAS	Otto Lara Resende
6/10	O TEATRO BRASILEIRO	Dias Gomes e Yan Michalski
13/10	LITERATURA E CULTURA	Ferreira Gullar

★ LOCAL: Teatro Clara Nunes - Shopping Center da Gávea -

95 | MIGUEL, Salim. Italo Svevo, aliás Ettore Schmitz, aliás Leopoldo Bloom. **Jornal do Brasil,** 21/10/1978, p. 4, Livro.

95

ITALO SVEVO

ALIÁS ETTORE SCHMITZ ALIÁS LEOPOLD BLOOM

Salim Miguel

HÁ 50 anos morria na Itália, vitimado por um acidente de automóvel, aos 67 anos de idade, o comerciante senhor Ettore Schmitz. A notícia seria apenas o simples registro de mais um fato corriqueiro no dia-a-dia de uma cidade, se Ettore Schmitz não fosse, também, o escritor Italo Svevo, auto de *La Conscienza de Zeno*.

Nascido em Trieste, então grande porto da Áustria, em 1861, descendente de judeus-austríacos, Schmitz-Svevo é por formação e por escolha um escritor italiano. Sua profunda influência, seja de forma direta ou indireta, se faria sentir de maneira acentuada na literatura de vanguarda, especialmente na obra de Joyce. Para muitos estudiosos ele é Leopold Bloom, enquanto Joyce é Stephan Dedalus, em *Ulisses*.

Una Vita, seu primeiro romance, é de 1892. Em 1898 aparece *Senilitá*, onde o jovem traça com precisão e sensibilidade o perfil dramático de um homem de meia-idade num rápido processo de esclerose. (*Senilitá* foi adaptado para o cinema por Mauro Bolognini, que conseguiu captar o clima denso e cheio de nuanças do romance).

Mas ambos os livros naufragaram num mar de indiferentismo. Passaram desapercebidos num mundo literário em transição, que vagava entre o verismo de um G. Verga e uma arte modernosa na linha de G. d'Annunzio.

A pesquisa interior que Svevo empreendia, o desvendamento do ser humano e suas angústias existenciais, sua busca incessante de um estilo de narrar contido e irônico onde se nota o leitor crítico e um tanto cético das teorias de Freud e da psicanálise, não podiam mesmo motivar leitores e críticos da época. O comerciante Ettore Schmitz então ressurge, recolocando num segundo plano o escritor Italo Svevo.

É quando chega a Trieste (em 1905, ali ficando até 1915) um jovem: James Joyce. Também escritor em formação, também sem condições de sobreviver na sua Dublin, essa Dublin que marcaria tão fundamente toda a sua obra, a partir de *Chamber Music*, passando pelos instigantes contos de *Dublinenses* para se cristalizar na obra-prima que é *Ulisses*.

E se dá, no dizer de Richard Ellman, biógrafo de Joyce, o encontro de dois dos maiores escritores do século. James Joyce vai procurar viver de suas aulas de inglês. Um de seus alunos, já na faixa dos 40 anos, é o senhor Ettore Schmitz. Ou melhor: Italo Svevo.

As afinidades entre os dois são múltiplas: no amor às letras, no amor à música (Svevo toca violino, Joyce é pianista), na inquietação e na busca de uma literatura de vanguarda que fugisse aos canones consagrados, na maneira como ambos haviam sido recebidos ao publicarem seus primeiros escritos. Até mesmo na vida, pois Ettore-Svevo se sente um estranho e deslocado em seu meio e Joyce teve que sair do seu em busca de um canto que o aceitasse - mas continua um desenraizado.

Desse convívio, renasce o escritor Italo Svevo e se afirma o escritor James Joyce. São possíveis mesmo algumas aproximações entre as duas obras-mestras, que investigam até o mais profundo o ser humano. E até no tempo elas se aproximam, com *Ulisses* aparecendo em 1922 e *La Conscienza de Zeno* em 1923. A primeira sofreu numerosas pressões, inclusive da Censura. E o público não tomou conhecimento da segunda. Alertados por Joyce, escritores franceses como Larbaud e Cremieux, ou italianos como Montale, saudaram *La Conscienza de Zeno* como um dos mais expressivos livros das primeiras décadas do século.

Joyce e Svevo vistos por Bérénice Cleeve

Além dos três romances mencionados, Svevo escreveu ainda *La Novela del Buon Vecchio e della Bella Fanciulla*, publicado em edição póstuma em 1929, dois volumes de contos, igualmente de publicação póstuma, cinco peças teatrais, páginas dispersas, correspondência, ensaios e artigos, um deles analisando a obra de Joyce e aclarando muitos aspectos da personalidade e do universo literário de seu amigo.

Embora seja considerado uma das vertentes da literatura de vanguarda e tenha influenciado Autores do porte de Joyce, Svevo, escritor italiano, filho de judeus austríacos, continua, 50 anos depois de sua morte, totalmente ignorado no Brasil. E em boa medida também na Itália.

Mas é, certamente, em *A Consciência de Zeno* onde se encontram todas as virtudes e potencialidades do narrador e algo de sua própria vida, com os fantasmas que o acompanhavam, com a impossibilidade de largar o "grande vício", o fumo, como revelou agora num depoimento para uma revista italiana sua filha Letzia. Para ela, o pai era um homem alegre, amoroso, de final de vida e equilibrada e feliz. Assim, embora com inquestionáveis elementos autobiográficos o livro não é uma confissão, mas uma obra literária constituída, uma reflexão sobre a vida, uma aproximação para ver melhor as coisas.

Zeno Cosini, rico negociante triestino (A Trieste austríaca de antes da I Grande Guerra) redige, para seu psicanalista, os principais acontecimentos de sua vida passada. Ali vão ressurgindo os incertos estudos universitários, a morte do pai, a paixão por uma jovem e seu casamento com a irmã dela, o lento e sufocante passar do tempo, sua fixação no fumo, "vício terrível" que não consegue abandonar, a confortável vida em família e a amante que ele agora mantém, seus negócios comerciais mais ou menos realizados, sua estranha angústia, pequenas vitórias e maiores fracassos. Mas há nisto tudo um tanto de mistificação. A consciência de Zeno reconstrói um Zeno que ele é mas que é igualmente um ser mítico, que ele vai criando à medida que escreve para o analista, num jogo de esconde-esconde. Svevo quer mostrar, em *Zeno*, como a superação das contradições interiores não se consegue pelo crescente mergulho egocêntrico (o que seria o círculo de ferro da psicanálise); assim não há saída. A possibilidade de conseguir isso é, justamente, a intersubjetividade, a consciência social, o se voltar para os outros.

Enquanto realiza um romance de análise psicanalítica, Svevo faz, também, a própria crítica da psicanálise, questionando sua validade como um todo. Zeno está e não está em seu mundo. Assim Svevo traça, ao mesmo tempo, um retrato desse homem e de sua época. Pois o tempo de Zeno é um tempo doente e o personagem é, por consequência, também um doente. Para Carpeaux, o romance "é a história de um fracasso, escrito por um velho fracassado. Mas o romance é sutilmente humorístico" Carpeaux observa que Zeno é um neurótico que não procura o psicanalista para se curar nem para deixar de fumar. Ele precisa de seus demônios e de seu vício, "pois a neurose é como um navio em que continua saindo para o mar da aventura — e voltando para o porto da mediocridade segura". Já para Robbe-Crillet *"ce que nous dit ainsi Italo Svevo, c'est que, dans notre société modern, plus rien n'est naturel"*.

Ao traçar o perfil de Joyce e do que Joyce realizou, Svevo conclui com afirmações que são válidas também para ele. Diz: "muitas vezes, com o *Ulisses* nas mãos, pergunto-me porque Joyce não quis ser mais claro. Há nele uma ausência absoluta de legendas. Era necessário que faltassem. E inútil perguntar-se por que. A ausência delas torna a obra de Joyce mais austera. Bastaria a menor palavra estranha à representação dessa obra para fazer com que, de alguma forma, explodissem todas essas perfeitas construções".

O mesmo é pertinente para Svevo. Que 50 anos depois de morto continua ignorado no Brasil. Valeria, a propósito, repetir aqui o que disse Phillipe Soupault, um seu admirador de primeira hora, ao constatar na década de 50 que Italo Svevo, depois de um breve período de prestígio nos círculos culturais e entre poucos leitores voltava a ser (ou continuava) esquecido. "Que injustiça!", reclamava ele.

96

O AMERICANO INTRANQÜILO

Salim Miguel

Henderson, o rei da chuva, de Saul Bellow. Trad. Fernando Py. Nova Fronteira, 1978, Rio. 284 pp. Cr$ 125.

CONSTANTEMENTE acionado por uma voz interior que lhe repete "quero", "quero", mas sem explicar nunca o que quer, Henderson, o rei da chuva, vai tentando traçar o seu roteiro íntimo, em busca de si mesmo e de sua identidade.

Este gigantesco milionário americano, de 55 anos, aristocrata brutal e lírico, que desejava ser médico mas que vai criar porcos, num impulso que também não sabe explicar (talvez apenas para contrariar um colega judeu), de repente larga tudo, riqueza, mulher, filhos, vida "estável", e se manda para a África.

Mas é a dele uma África toda pessoal, até mesmo irreal, fruto de uma imaginação delirante e de um espírito turbado. A caminhada de Henderson por esta África, em companhia de um preto que sonha possuir um jipe e que, sob a promessa de tê-lo, o seguirá até os minutos finais, leva-o à descoberta de um mundo estranho e complexo em seu primitivismo. Lá, entre os Wariri, vai ele encontrar o Rei Dahfu, que abandonara o estudo da Medicina para voltar a viver entre os seus.

As longas conversas, lógicas e absurdas, entre Henderson e Dahfu, nos revelam o entrechoque de duas personalidades, de duas mentalidades distantes e próximas, de dois mundos adversos. Qual deles, porém, o mais autêntico? O do criador de porcos em luta com seus demônios interiores, ou o do rei que busca num leão o pai perdido?

Parece-nos que uma chave para este romance de Saul Bellow, naralo na primeira pessoa, pode ser encontrada logo na primeira página do livro, quando ele diz:

"The forgiveness of sins is perpetual and righteousness first is not required". Henderson lera isto, "o perdão dos pecados é perpétuo e a honradez prévia não é exigida", num tempo distante, em um dos muitos livros, recheados de notas de dinheiro, que seu pai lhe legara. Agora quer voltar à frase, desnudá-la.

Mais uma vez o problema da graça e da salvação é colocado: será o homem salvo na medida de sua fé ou na de suas ações; a graça depende da alma a ser salva ou da misericórdia da divindade?

BELLOW

As mesmas questões que incendiaram a alma de Lutero e de Calvino e lhes nortearam a visão teológica retornam. Para o americano moderno, contudo, a simples posse da riqueza, sinal de que o Senhor o vê com bons olhos, já não apazigua.

O que acompanhamos, então, é um jocoso embate travado entre o americano intranquilo e as projeções oníricas do que ele imagina ser a vida natural, só divisada por outro sonho, desta vez coletivo, o sonho induzido das histórias em quadrinho e dos romances de aventura. E quando Henderson ergue uma estátua gigantesca e logo vem a chuva tão ansiada, a cena nos parece uma paródia de Tarzan.

Neste seu quinto romance, o escritor americano Saul Bellow, prêmio Nobel de literatura de 1976, tem nos "comics" uma de suas principais fontes de inspiração na recriação de uma humanidade estranha. Henderson é o fulcro de tudo, tudo o mais simples comparsaria. E ao contrário dos demais livros de Bellow, aqui ele não só exercita um humor violento e virulento, como, pela primeira vez, não tem judeus como protagonistas.

Situando-se e à sua literatura, dizia ele ao receber o prêmio Nobel que "o valor da literatura repousa naquelas intermitentes impressões verdadeiras. Um romance avança e retrocede entre o mundo dos objetos, de ações, de aparências, e este outro mundo, do qual as impressões verdadeiras saem e que nos leva a crer que o bem que buscamos com tamanha tenacidade — e em face do mal com tamanha obstinação — não é ilusório".

Publicado em 1959 nos Estados Unidos, **Henderson, o rei da chuva** só agora chega ao Brasil, muito embora exista uma tradução portuguesa lançada na década de 60.

Salim Miguel, contista, romancista, editor de Ficção.

Unamuno vê a existência sem saídas

Editora Nova Alexandria lança "Três Novelas Exemplares e um Prólogo", em que o autor espanhol desvenda com ironia as desventuras humanas

☐ Por Salim Miguel

A mesma proposta ficcional parece dominar *Três Novelas Exemplares e um Prólogo*, de Miguel de Unamuno (1864-1936). Uma continua a outra e, ao atravessá-las, está a preocupação com a estrutura narrativa e a visão de mundo. Personagens tirânicas e dominadoras são as principais marcas nela inscrita: na primeira, Raquel, a viúva, amante do fraco dom Juan; na segunda, Carolina, a filha do empobrecido Marquês de Lumbria; e na última, Alejandro, que só sabia dizer *eu*.

Uma leitura assim simples é enganadora. Pode-se encontrar outras marcas: pessimismo, ironia, retrato de parcela da sociedade, fusão do psicológico e do social, análise da alma humana e, amparando-se em Cervantes, explicar que "exemplar" refere-se mais ao plano estético do que moral. Se bem que este segundo componente se entremostre e perpasse as tramas.

As três novelas — ou quatro, pois Unamuno afirma que o instigante prólogo é "de certa forma outra novela, a novela de minhas novelas" — possuem unidade de tratamento e temas. Em todas, há a mesma intenção em desvelar o ser humano com suas angústias e incertezas, não visto exteriormente, mas do íntimo, através de suas reações, seus medos, suas dores, suas arrogâncias, suas dúvidas, sua força que é fraqueza.

Assim, em "Duas Mães", a viúva empurra o amante para outra mulher, a fim de que tenha o filho que ela não pode ter. Em "O Marquês de Lumbria", temos duas irmãs e o mesmo homem envolvidas numa paixão doentia, sem saída visível. E em "Nada Menos que um Homem Inteiro", o homem cruel, auto-suficiente, praticamente compra a mulher do pai empobrecido. Em tudo, há o retrato amargo da classe média ou alta e de uma decadente nobreza, em contraposição a um mundo em transformação, que subjaz.

Crítico dos críticos, Unamuno costumava dizer que a realidade "não é o que os críticos chamam de realismo". Para criar, pedia: "Esperem o dia em que tragam a lume os personagens nus, a alma de sua alma, o que desejam ser, num grito, num ato, numa frase." E acrescentava: "Qual é a realidade íntima, a realidade real, a realidade eterna, a realidade poética e criativa do homem? Seja homem de carne e osso ou seja um desses que chamamos de ficção, é a mesma coisa. Porque Dom Quixote é tão real quanto Cervantes; Hamlet ou Macbeth, tanto quanto Shakespeare; e o meu Augusto Pérez tinha talvez suas razões para me dizer, como me disse, que talvez eu não fosse mais do que um pretexto para que sua história e as dos outros, inclusive a minha própria, chegasem ao mundo."

Figura múltipla, Dom Miguel deixou ensaios e ficção, poesia e memorialística, crítica e debates, foi professor e homem público por sua atuação. Em muitos momentos, inovou e revolucionou. Por exemplo, em *Niebla*, que intitulou *nivola*, contrapõe-se à novela espanhola (o nosso romance). O protagonista, Augusto Pérez, chegado a uma situação-limite, revolta-se e não vê outra saída a não ser o suicídio. Temos outra vez, aqui, o problema da *saída*, tão freqüente em Unamuno. Leva o caso ao A., que discorda, e para mostrar quem manda, faz com que seu personagem tenha um derrame.

Mas o livro também se abre de forma inusitada, com um personagem menor (Victor Goti), a quem Dom Miguel de Unamuno pede que esclareça aspectos da trama e, logo, insatisfeito com a solução, contesta-o. O tema foi ampliado por Pirandello em *Seis Personagens à Procura de um Autor*; a partir daí, foi retomado por outros escritores até a exaustão.

Humanista, agitador de idéias, Unamuno teve papel importante em momentos cruciais da vida espanhola. Foi exilado durante a ditadura de Primo de Rivera, no final do século passado. Morreu no governo de Franco.

Polêmico, um texto que bem pode caracterizar Unamuno é *Contra Esto e Aquello*. Mas para além da obra ensaística (*La Agonia del Cristianismo*; *El Sentido Tragico de la Vida*) deixou contribuição expressiva na poesia (*Poemas del Destierro*) e na ficção (*Niebla* foi há pouco traduzida entre nós com o título de *Névoa*).

Infelizmente continua desconhecido (ou pouco conhecido) no Brasil. Esperemos que estas envolventes novelas chamem atenção para sua obra e sua vida. Lamentamos apenas que a tradução, em certos trechos, não seja mais cuidada, deixando de revelar todas as virtualidades do A. e a força de sua paixão, tão explícita que por vezes beira o melodrama.

Miguel de Unamuno: personagens que revelam o homem num grito, num ato, numa frase

☐ **TRÊS NOVELAS EXEMPLARES E UM PRÓLOGO**, de Miguel de Unamuno, tradução de Mustafa Yazbek. Nova Alexandria, 103 págs. R$ 19,20.

Salim Miguel é escritor

mo e com-
atuação na
iva do Es-
alizado e
).

elemento
política
ndo os re-
3 de ou-
el pres-
simpatias
círculos
e no me-
médica.
s e ami-
com a-
o cargo
ião Bra-
secção

te, sem
crifí-
tiva, o
ainda
mostras
berosdade
sses co-
com ta-
assombro
da Cons-
e cria o

lítica de
na tri-
licas no
os que se
1946 e
o P.S.D.
enagens

G. B. S.

"Morreu George Bernard Shaw!".

As estações de rádio, dia dois mandaram ao ar esta noticia: morreu George Bernard Shaw.

É como se uma instituição houvesse ruido. Sim porque o irrequieto irlandez era bem isto: uma instituição.

Quase centenário, mas sempre lucido, sempre bem vivo dele se pode dizer que viveu seus 94 anos viveu-os integralmente. Sim, até o final instante manteve-se firme no seu posto com suas "boutades", a rir e zombar de tudo do pobre e orgulhoso convencimento desta nossa humanidade tão "superior" à face da terra.

Ficamos a pensar na morte do autor de "Candida". E não nos é possivel levar a coisa muito a sério. A morte de Shaw nos parece antes mais uma das suas tiradas de efeito, mais um dos inumeraveis truque em que era ele useiro, pois o cabotino de gênio nunca se cansava de zombar do que quer que fosse e sempre tinha uma frase de espirito ou uma pequena malvadeza para tudo.

"— Morri, ein" — parece nos dizer rindo a sacudir a barbinha mefistofélica, como diante de uma grande tirada.

"— Morreste, ein" — nós lhe retrucamos. E é só o que nos vem a mente dizer pois tudo o mais fugiu. E rimos com êle.

Não não é humanamente possível tratarmos da morte de G. B. S. com seriedade, essa seriedade rigida e cretina, muito circunspecta dos homens donos do mundo que tornam tudo na vida tão desagradável e sêco e sem graça. Então façamos como se a morte não fôsse mais do que uma piada de mau gôsto que êle nos lança. Vamos recebê-la com espirito esportivo rir, contar as anedotas de que êle tanto gostava, ridicularizar os costumes antiquados zombar de tudo o que é enfatuado. Ah, como G. B. Shaw abominava as pompas vãs as manifestações ôcas, e enfatuamento as atitudes estudadas... de seriedade e compungimento. Porque, de atitudes estudadas só caricatamente só para zombar dos outros, para escarnecer ou então para se taxar o melhor o maior o unico gênio aparecido e oferecido ao mundo nestes ultimos dois seculos. Nisto êle era cheio. Interrogado certa vez sôbre os grandes escritores atuais, dava um nome modestamente: G. B. S. Sôbre outro escrevia George B. Shaw. Mais um G. B. Shaw. Ainda outro: G. Bernard Shaw. E assim continuava. Não se sabia nunca quando êle brincava e quando falava sério. Porque tudo nele se confundia, se entrelaçava se unia para formar o homem integral em toda a sua verdade. Um homem á moda dele... diga-se de passagem. Morto! Então nos pomos mui mansamente a imaginar Shaw do lado de lá no qual não acreditava — ou acreditava, quemo poderá afirmar jamais! — metido em complicações a enfiar o nariz onde não era chamado, a investigar tudo com seu olhar atento e critico a sobre tudo lançar sua verve corrosiva... construtiva ou não. Analisando as coisas fazendo-se passar pelo crivo da experimentação antes de as aceitar.

Continua na **3***a. pagina*

G. B. S.

Espirito aberto para todos os fatos, sempre pronto a olhar e analizar nunca negando ou aceitando aprioristicamente foi, sempre nos quase cem anos de sua vida atravessando épocas as mais diversas, costumes outros modos de ser e reagir contrários fundamentalmente foi, diziamos, um espirito da época e meio que estava a humanidade vivendo. Sabia se integrar, acompanhar, se acomodar às transformações quando estas vinham melhorar o homem dar-lhe mais liberdade ou torná-lo um pouco mais feliz e conciente. Nunca permaneceu de lado mero espectador. Tudo isto sem ceder, sem prejuizo de sua personaidade própria. E sempre resmungando. Não fazia como os velhos reacionários e gagás que, regra geral, estagnam, olham para tudo que surge com suspeita ás vezes infundada criticando pelo mero prazer de criticar. Ele não, pois se a tudo atacava é porque estava na sua maneira de ser, no seu todo na sua formação, sabendo o que fazia e reconhecendo que neste mundo vazio e triste tudo muda e se transforma.

Era humano. Possuia, portanto falhas. Intransigente, egocentrista auto-suficiente, etc. Sempre em guarda, desconfiado. Irritava por vezes. Porém, ocasiões havia em que tudo não passava de mera atitude. Aliás, a nosso ver no fundo êle não passava de um pobre sentimentaloide muito grande, um lírico enxarcado de amos á humanidade, mas que travava de esconder-se atravez suas atitudes galhofeiras e suas sátiras. Espécie de couraça.

Escreveu de tudo. Foi desde romancista fracassado até moralista à moda dele, filósofo idem critico, etc. Mas foi especialmente, teatrologo dos maiores apesar dos pesares. E é aqui que repousa sua fama e por onde êle ficará... Publicou grande numero de livros que quando lançados sempre traziam algo de novo, uma perfidia ou uma lição. Suas péças, algumas de alto teor artistico quando apresentadas sucitavam fortes debates, eram atacadas e defendidas intransigentemente. O que prova o valor delas. Somente não se diz nada do que está absolutamente sem importancia. "Candida", "Major Bárbara", "Joana D'Arc", "Cesar e Cleopatra", "Homens e Superhomens", tantas e tantas mais, trazendo criticas de costumes aos altos meios, á sociedade granfina pedante e vazia, debatendo problemas sociais, tentando o teatro de idéias a mera sátira, brincando com a história, ou simplesmente não trazendo nada. G. Bernard Shaw era sempre brilhante mordaz e cheio de verve. As vezes mesmo demais. Ferindo, ferindo sem nada respeitar. Esta verve, que era como uma segunda natureza nele melhor que "era êle", manteve-a até o final. Ainda escrevia quase com o mesmo vigor, aos 93 anos apresentou seu ultimo trabalho nos palcos londrinos, e as noticias nos dizem que êle estava presentemente concluindo outra peça.

Mas a morte o apanhou. Porém êle resistiu, rindo não cedendo senão depois de se ter com ela divertido, galhofado. Foi assim:

Há tempos um passeio — pois ainda dava passeios a pé — caiu e quebrou uma perna. Esteve longo tempo internado mal sempre vociferante e zombando de todos que o cuidavam médicos, enfermeiras, pessoas que iam saber dele que o queriam entrevistar.

Melhorou para espanto das gentes. Andou para duplo espanto das gentes. Ja todos achavam que êle sarara, ficaria bom completo, completaria os cem anos permaneceria para semente. E brusco bumba. Já bom, morreu. Caiu de cama, logo piorou esteve quase 25 horas em coma, dia dois deste mês morreu. Quase que é o caso de se dizer se não parecesse piada em se tratando de pessoa com 94: inesperadamente. Morreu inesperadamente. Foi sua ultima tirada de efeito blague final. E que blague...

Esperemos as noticias que nos darão maiores detalhes. Vejamos se antes de cair em coma terá êle dito qualquer coisa. Porque quando da melhora, interrogado se era verdade que tencionava chegar aos cem decarou ao reporter: "Meu caro na minha idade não se pergunta a um homem se pretende continuar a viver. Mas sim quando irá morrer. Porque o mais certo é hoje vivo, amanhã enterrado".

E como quase sempre acertou.

Fpolis 3-11-950.

S. M.

O ESTADO - Fpolis, 10 de Agosto de 1980

LIVROS e AUTORES

A consciência de Zeno

99

Uma estrutura romanesca de jogo de espelhos

Considerado pela crítica como uma das principais vertentes da literatura de vanguarda dos inícios do século, Italo Zvevo, pseudônimo literário de Ettore Schmitz, é autor de um livro da maior importância para todos que se preocupam com o fenômeno da criação literária: A consciência de Zeno. **Outros livros seus bastante expressivos são** Uma vita **e** La novela del buon vecchio e della bella fanciulla, **além de** Senilità, **romance onde retrata com precisão e sensibilidade o perfil dramático de um homem de meia idade em rápido processo de esclerose, e que foi transformando em filme por Mauro Bolognini. Zvevo deixou, ainda, contos, teatro, ensaios e artigos sobre problemas culturais. Tendo influenciado autores como James Joyce e E. Montalle, elogiado por escritores do valor de um Larbaud, Soupault, Robbe-Grillet, Richard Elmann e Otto Maria Carpeaux, só agora seu principal livro aparece no Brasil, numa tradução de Ivo Barroso, em edição da Nova Fronteira.**

Quase sessenta anos após sua publicação (em 1923), chega afinal ao Brasil um livro (**A consciência de Zeno**), que continua intrigando e desafiando críticos e leitores. Seu autor: Ettore Schmitz/Italo Zvevo, um judeu/italiano/austríaco, misto de comerciante de sucesso medíocre, escritor incompreendido e violinista amador. Tudo isso ajudou a moldar sua invulgar personalidade e lhe permitiu manipular com precisão e fina percepção os instrumentos da criação artística, adiantando-se a sua época e seu meio. O estreito relacionamento com James Joyce, que viveu boa temporada em Triestes, foi benético para ambos, pela frequente troca de idéias e mútua crítica do que escreviam. No **Ulisses**, muitos analistas do fenômeno literário identificam Joyce como o modelo de Stephan Dedalus, enquanto reconhecem Zvevo em Leopold Bloom.

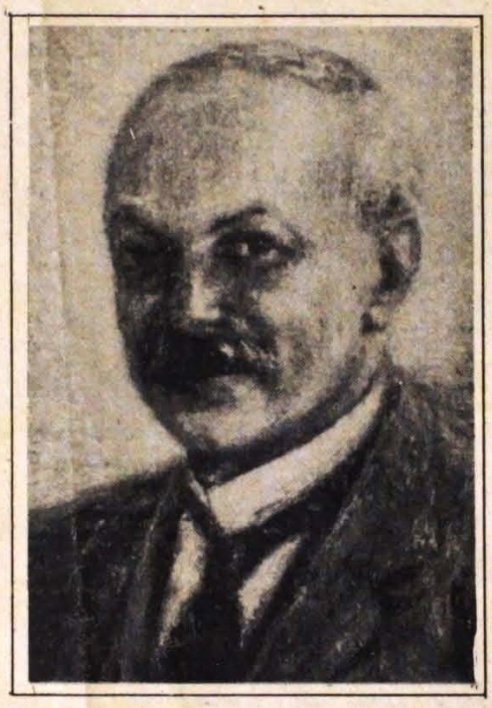
O que o livro de Italo Zvevo nos apresenta, com fina sensibilidade e virulenta ironia, é o grotesco e o fantástico de um universo convencional e banal. Aqui acompanhamos a trajetória de Zeno Cosini, personagem fascinante no qual o Autor deve ter jogado muito de si mesmo, de seus fantasmas, inquietudes, perplexidades.

Zeno oscila entre a verdade e a mentira, numa ficção inventada por ele mesmo sobre a sua própria realidade, procurando iludir seu psicanalista — ou se iludir. E a dúvida se aprofunda: será que fala a verdade, quando não mente? será que falta à verdade quando mente? Mentira e verdade se interpenetram naquele mundo. Se nos lembrarmos de que Zeno por sua vez é uma ficção (o quanto de verdade e mentira consciente ou inconsciente o A. nele colocou?) estamos diante de uma estrutura romanesca de jogo de espelhos.

"Ver minha infância? Mais de dez lustros me separam dela e meus olhos míopes poderiam talvez chegar até ali se a luz que todavia se reflete não fosse interceptada por obstáculos de todo tipo, autênticas altas montanhas: meus anos e algumas horas do passado".

É quase certo, sem dúvida, que neste trecho inicial se encontra a chave principal para a compreensão da complexa personalidade do Autor e de tudo aquilo que procura nos transmitir através de seu personagem.

Utilizando um artifício ficcional, Zvevo faz, ao mesmo tempo, uma análise e uma crítica da psicanálise. O livro, narrado na



primeira pessoa, é, em linhas gerais, tornaviagem de Zeno Cosini, negociante triestino (a Trieste austríaca de antes da I Guerra Mundial). Reflexão sobre uma vida e seres humanos, tentativa de recuperação do ontem para melhor procurar compreender o hoje e automaticamente (não seria seu grande engano?) melhor se comprender, Zeno tenta redigir, para seu psicanalista, esse passado que o marcou tão fundo. Mas o passado nunca nos chega íntegro, da forma vivida, porém como é visto hoje, à distância, com extrapolações, recorrências, modificações, acréscimos, supressões. Então, esta busca é uma falácia. E de maneira tumultuada, desestruturada e acronológica, vão ressurgindo os incertos estudos universitários, a paixão por uma jovem e o subsequente casamento com a irmã dela, o sufocante passar dos anos, a jovem amante (tentativa infrutífera de volta ao antes) à juventude, pequenos episódios e sua compulsiva fixação num "vício terrível", o fumo, conforme insiste reiteradas vezes, vício do qual não consegue se livrar e cuja razão não sabe explicar.

Nesta transcrição, que Zeno pretende fiel, há consciente ou inconscientemente, um tanto de mistificação. Nem é para o psicanalista; é para si mesmo. Zeno reconstrói um Zeno que é e não é ele: um ser mítico, artificialmente moldado, que se vai armando à medida que escreve (ou melhor, **elabora**) sua autobiografia (real/fictícia) para o analista e, ao mesmo tempo, para exorcizar seus fantasmas.

Aí aprofunda-se a descoberta do ser humano e seus obscuros desígnios. E num complicado e fascinante jogo de esconde-revela-esconde, o personagem-autor quer mostrar-nos com a superação das contradições interiores e o entrechoque com o mundo exterior não se consegue nunca pelo crescente mergulho egocêntrico (o que seria o círculo de ferro da psicanálise) mas pela intersubjetividade, pela absorção da consciência social, pelo se volver também para os outros e pela ininterrupta luta para alcançar o (com) viver.

Zvevo, leitor e estudioso de Freud, assim, ao mesmo tempo em que realiza um romance de linha psicanalítica, faz, igualmente, a própria crítica da psicanálise, questionando sua validade científica como um todo.

Salim Miguel

LIVROS

Os ecos da rosa

Paralelamente à estrutura detetivesca que atravessa toda a concepção de **O nome da rosa**, erudito e fascinante **best-seller** de Umberto Eco, outra prospecção detetivesca vem sendo feita onde quer que o romance seja publicado.

Coisa semelhante tem ocorrido no Brasil, onde o livro, lançado pela Editora Nova Fronteira, se tornou logo famoso e disputado, alcançando, fato raro entre nós, meia dúzia de edições em pouco mais de um mês.

As matérias, numerosas, até agora publicadas são unânimes em alguns pontos: aproxima-se **O nome da rosa** do romance policial na linha daqueles de Conan Doyle; anota-se a estreita semelhança entre Sherlock Holmes e Guilherme de Baskerville (e para maior similitude chamam a atenção para o sobrenome Baskerville, lembrando de imediato um dos mais admirados casos de Holmes, **O cão dos Baskerville**"; indicam também que o nome do narrador de **O nome da rosa,** Adso, soa parecido com o nome do narrador das histórias de Sherlock, o inefável Watson; alerta-se para o fato de o monge Jorge de Burgos, velho, cego, amante de livros e labirintos, enfurnado em bibliotecas, lembrar o escritor argentino Jorge Luís Borges — e assim por diante. Isto para nos referirmos apenas ao mais conhecido, pois certamente na Itália outras aproximações (inclusive com a realidade de hoje do ponto de vista político) deverão e continuarão sendo feitas.

Pois bem, a propósito deste tão badalado romance do conhecido semiólogo e teórico da comunicação, há uma aproximação que até hoje não vimos ser feita. Ou, se o foi, dela não tomamos conhecimento. Vamos, então, adicionar mais uma pedrinha ao edifício que se vai aos poucos construindo em relação a esta primeira obra de ficção do autor de **A obra aberta**. Trata-se de uma paráfrase de um trecho do **Zadig**, de Voltaire, aquele que se refere a um cavalo e a dedução que Zadig faz mostrando conhecer o animal sem nunca tê-lo visto. Para que se possa ter uma idéia, eis os dois trechos:

"É o cavalo que melhor galopa: tem cinco pés de altura, e cascos pequenos; tem uma cauda de três pés e meio de comprimento; seu freio é de ouro de vinte e três quilates; as ferraduras são de prata de onze denário — diz Zadig.

— Que caminho tomou? Onde está? — pergunta o monteiro-mor.

— Não o vi — respondeu Zadig — E nunca ouvi falar dele."

Acusado de ter roubado o cavalo, Zadig assim se defende:

"Quanto ao cavalo do rei dos reis, sabei que, passeando pelos caminhos desse bosque, percebi marcas de ferraduras de um cavalo; ficavam todas a distância igual. Eis aí, digo eu, um cavalo que tem um galope perfeito. A poeira dos troncos, num caminho estreito com não mais de sete pés de largura, estava um pouco varrida à direita e à esquerda, a três pés e meio do centro do caminho. Esse cavalo, disse eu, tem uma cauda de três pés e meio, que, pelo movimento para a esquerda e à direita, varreu essa poeira. Vi sob as árvores, que formavam um caramanchão de cinco pés de altura, folhas caídas dos galhos havia pouco tempo, e compreendi que o cavalo havia tocado nelas, e que portanto ele tinha cinco pés de altura. Quanto ao freio, devia ser de ouro de vinte e três quilates; pois ele arranhara as chapas de uma pedra que reconheci ser uma pedra de toque, na qual fiz o teste. Verifiquei, finalmente, pelas marcas que as ferraduras deixaram em outro tipo de cascalho, que ele estava ferrado em prata de onze denários".

Vamos, agora, à descrição que faz Guilherme, ao se aproximar do monastério para onde ia com Adso, para um despenseiro que andava em busca de um cavalo.

"Agradeço-vos, senhor despenseiro", respondeu cordialmente meu mestre, "e tanto mais aprecio a vossa cortesia quanto para saudar-me interrompestes a perseguição. Mas não receeis, o cavalo passou por aqui e dirigiu-se para o atalho da direita".

"Quando o vistes?", perguntou o despenseiro.

"Na realidade não o vimos, não é, Adso?", disse Guilherme voltando-se para mim com ar divertido. "Mas se estais à procura de Brunello, o animal não pode estar senão onde eu disse".

O despenseiro hesitou. Olhou Guilherme, em seguida o atalho, e por fim perguntou: "Brunello? Como sabeis?"

"Vamos", disse Guilherme, "é evidente que andais à procura de Brunello, o cavalo favorito do Abade, o melhor galopador de vossa escuderia, de pelo preto, cinco pés de altura, de cauda suntuosa, de casco pequeno e redondo mas de galope bastante regular; cabeça diminuta, orelhas finas e olhos grandes. Foi para a direita, estou vos dizendo, e apressai-vos, em todo caso".

Adso narra que o despenseiro hesita de novo, mas logo toma o atalho à direita e pouco depois volta com o cavalo acima descrito. Atônito, Adso quer saber de que maneira o mestre chegara àquelas conclusões a respeito de um animal que nunca vira. Eis as explicações:

"Quase me envergonho de repetir aquilo que devias saber. No trevo, sobre a neve ainda fresca, estavam desenhadas com muita clareza as marcas dos cascos de um cavalo, que apontavam para o atalho à nossa esquerda. A uma distância perfeita e igual um do outro, os sinais indicavam que o casco era pequeno e redondo, e o galope bastante regular — disso então deduzi a natureza do cavalo, e o fato de que ele corria não desordenadamente como faz um animal desembestado. Lá onde os pinheiros formavam como que um teto natural, alguns ramos tinham sido recém-partidos bem na altura de cinco pés. Uma das touceiras de amoras onde o animal deve ter virado para tomar o caminho à sua direita, enquanto sacudia altivamente a bela cauda, trazia presas ainda entre os espinhos longas crinas negras..."

"Sim", disse, "mas a cabeça pequena, as orelhas pontudas, os olhos grandes..."

"Não sei se os tem, mas com certeza os monges acreditam piamente nisso..."

E quem desejar o resto, que vá ao livro. Nele, quem sabe, com mais conhecimento, engenho e arte, acabará descobrindo outras chaves. A minha contribuição (minha?) fica por aqui.

REGISTRO

Brasil Filmes Ltda., baixa comédia de Ipojuca Pontes, Ed. Codecri, RJ. Parábola, em linguagem saborosa e atual, na qual através de uma empresa cinematográfica o autor nos revela outra empresa maior, o Brasil, e seus desmandos. No caso, qualquer semelhança não será mera coincidência. O Autor conhece bem o(s) tema(s) e sabe tratá-lo(s).

* * *

O vento nas vidraças, de Roberto Bittencourt Martins, LePM editores, RS. Com seu primeiro livro, o romance **Ibiamoré — o trem fantasma,** o Autor marcou um lugar próprio na moderna ficção brasileira. Agora, com estas novelas, densas, inventivas, escritas com extrema propriedade, ele confirma suas altas qualidades de narrador. É conferir.

* * *

Memórias dos condenados, de Augusto Ferraz, Ed. Civilização Brasileira, RJ. O insólito, mas um insólito que subsiste no dia-a-dia, é a marca registrada deste Autor. Não é sem motivo que, já em seu livro anterior, **Lição para viver,** a crítica o aproximou de um Poe. A tensão constante que perpassa pelas histórias impregna também o leitor.

* * *

O som e a fúria, de William Faulkner, trad. de Fernando Nuno Rodrigues, Ed. Nova Fronteira, col. Grandes Romances. A decadência de uma família narrada por um mestre; se não há um núcleo central, conforme anotou Sartre ao referir-se a este romance, há toda uma atmosfera a envolver em sua teia personagens retraçados por um dos mais expressivos criadores dos nossos tempos. É indispensável ler Faulkner.

* * *

Christine, de Stephen King, trad. de Luiz Ibañez, Ed. Francisco Alves, Col. Mestres do Horror e da Fantasia. Um **triângulo** amoroso composto por **quatro** participantes. Pois Christine, o Plymouth 1958, adquire uma força para além do imaginável. Um romance de horror com todos os ingredientes para prender o leitor em sua teia até o inesperado final.

* * *

Marechal Eurico Gaspar Dutra: O dever da verdade, Edição organizada por Mauro Renault Leite e Novelli Júnior, Ed. Nova Fronteira, RJ. Levantamento da vida e da ação política de um homem que durante meio século teve participação importante na vida brasileira. Inúmeras informações confidenciais são aqui pela primeira vez divulgadas.

* * *

Atualidade de Monteiro Lobato, uma revisão crítica, org. de Regina Zilberman, Ed. Mercado Aberto, RS. Reunião de 21 ensaios de autoria de nomes bem conhecidos, este livro dá uma visão do escritor, editor, ensaísta e polemista que foi Lobato, mostrando de que forma ele participou de sua época e qual o significado dessa participação

O método clínico: usando os exames de Piaget, de Terezinha Nunes Carraher, Ed. Vozes, RJ. O livro descreve como aplicar oito exames piagetianos da maior importância e explica porque educadores e psicólogos modernos têm reconhecido cada vez mais a necessidade de abandonar os testes de Q.I. em favor de outras teorias e exames.

* * *

Ditadura econômica versus democracia, de Marco Antônio de Souza Aguiar, Marcos Arruda, Parsifal Flores, Ed. Codecri/Ibase, RJ. Elaborado a partir de pesquisas e utilizando como apoio o Banco de Dados e a cronologia do Ibase, o livro examina os problemas da política salarial, desemprego e recessão. Apresentação de Teotônio Vilela e il. de Henfil. Volume 3 da col. Em Cima do Fato.

* * *

Gênese: As origens do homem e do universo, de John Gribbin, Ed. Francisco Alves, RJ. Um passeio fascinante sobre a evolução do homem e do cosmos. A proposta: a humanidade não é só produto da evolução da vida na terra ou de um único sistema solar ou gaxália, mas de uma estrutura inteira do Universo em que vivemos.

Salim Miguel

101 | MIGUEL, Salim. A propósito das traduções de Conrad. **O Estado**, Florianópolis, 17/06/1984, p. 26, Livros.

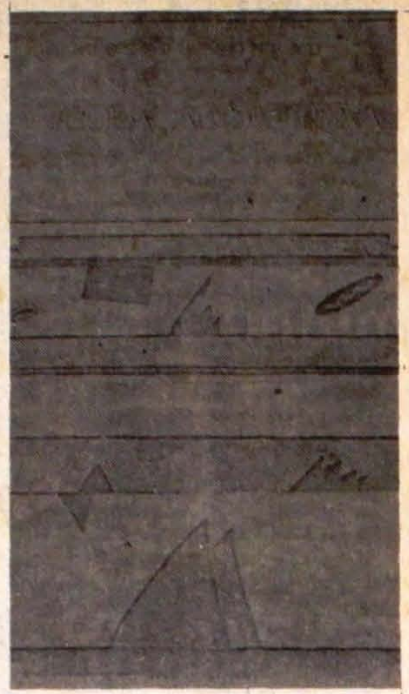
A propósito das traduções de Conrad

Tradutor/traidor — foi do que imediatamente nos lembramos ao compulsar as três traduções da novela **Heart of Darkness**, de Jofeph Conrad. Uma para o português, duas para o "brasileiro". As discrepâncias já começam pelo título. Na edição portuguesa, em tradução de Moura Reis, incluída no volume **Mocidade — uma narrativa e outros contos**, Livraria Civilização — Porto, se chama **Ténebra**. As duas traduções brasileiras são bem mais recentes, saíram quase concomitantemente. Na da Editora Brasiliense, tradução de Marcos Santarrita, o livro se denomina **O Coração das trevas**; já na da Global Editora, tradução de Hamilton Trevisan, optou-se por **O coração da treva**, no singular. Trevisan justifica assim o singular: "Senti que a escuridão, a névoa, a imprecisão e a incerteza vital a que Conrad quis sintetizar em sua magífica novela era singular no sentido mais pleno dessa palavra. Porque o singular significa simplesmente que o coração da treva é o coração humano. Trevas, plural, facilita a dispersão da ansiedade, da culpabilidade do medo da morte de cada indivíduo".

Mas vamos adiante. Vejamos, como exemplo, logo o primeiro período das três traduções. Comecemos pela de Moura Reis. Ei-lo: "A Nellie, uma chalupa de recreio, rodou o ferro sem o mais pequeno panejar das velas, e ficou em repouso. A maré principiava a encher, o vento estava quase em calma e como o seu destino era descer o rio, a única coisa a fazer era fundear e esperar o virar da maré".

Comparemos, agora, com as duas traduções brasileiras. Eis a de Marcos Santarrita: "O Nellie, iate de cruzeiros, guinou para o lado da âncora sem um adejar das velas e imobilizou-se. As águas subiam, o vento quase sem parar, e como a embarcação descia o rio, a única coisa que podia fazer era paràr o mesmo e esperar a virada da maré".

E aqui o mesmo trecho na tradução de Hamilton Trevisan: "O Nellie, iate de cruzeiro, cabeceou em direção à âncora, sem uma pulsação sequer das velas, e imobilizou-se. A maré estabilizara-se, o vento quase não soprava e, devendo descer o rio, so lhe restava permanecer fundeado à espera do refluxo".



Sao detalhes, são coisas que podem ser consideradas de somenos importância, mas que, por vezes, podem modificar todo um sentido, ou mutilar a proposta do autor. Aliás, no caso de Conrad, é necessário assinalar o que a crítica inglesa destaca: o fato de ele só ter adquirido o domínio do idioma inglês quando adulto, faz com que sua construção da frase tenha uma característica toda peculiar, um estranhamento que pode (e dá) um sentido todo especial ao seu texto, à sua construção. Impossível se torna, sabemos, traduzir todos estes componentes. Mas, achamos, para os alunos dos cursos de letras, do inglês, seria de grande interesse confrontar o original com as traduções do Marcos e do Hamilton (a de Moura Reis é mais difícil, não cremos que o livro ainda seja encontradiço em nossas livrarias), examinando problemas como o da tradução literal e tradução literária, reelaboração do texto, fidelidade ao texto ou fidelidade à forma — até onde é possível. Isto para não se falar, é lógico, na fruição do texto, no quanto inquieta a prosa de Conrad e em sua inquestionável importância como ficcionista.

Mas sendo a tradução um mal necessário, e não tendo como dela escapar se desejamos conhecer o que de bom se publica em outro idioma, é conviver com ela, e na medida do possível, lutar para que seja não só melhorada, mas para que se transforme numa profissão, com especialistas bem remunerados — e não mais um "bico".

Dito isto o que mais? Ah, sim, que é preciso ler e reler Conrad, um dos grandes criadores das letras inglesas (não só inglesas), com uma obra única pelas preocupações formais, pela estrutura, pelas preocupações com o ser humano, por uma visão de mundo tão pessoal e original que o situa num lugar à parte entre os mais significativos ficcionistas dos nossos tempos.

Redescoberto agora, entre nós, graças ao sucesso do filme calcado neste texto (o filme se intitulou **Apocalypse Now**), ao contrário do que afirma Roberto Mugiatti no prefácio da edição do Brasiliense, Conrad não é um desconhecido no Brasil, nem aqui surge pela primeira vez. Para não falarmos nas edições da Francisco Alves (**Vitória e Lord Jim**) ha bem pouco aparecidas, é bom lembrar que a Editora Globo, em sua fase áurea, lá pela década de 40/50, andou publicando algumas das obras mais significativas da literatura universal. Entre elas, algumas com mais de uma edição, **A flecha de ouro, Vitória, Lord Jim, Tufão,** de Conrad; e que, pela Boa Leitura, mais recentemente, com o título de **Perdição e contos da inquietude**, aparecia o volume originariamente denominado **Almayer's Folly - Tales of Unrest.**

Para concluir este registro: 1 - de inegável interesse para os estudiosos do fenômeno da criação literária e do processo de criação ficcional, são as pequenas introduções, do próprio autor, para cada um de seus romances ou volumes de contos, onde ele explica e justifica muito de sua proposta de autor; 2 - por que aproveitando-se a voga, não se traduz, por exemplo, **Nostromo,** talvez o seu texto mais instigante e inquietante (e oportuno neste momento de crise da nossa América), e que muitos consideram sua obra-prima.

Engano: obra-prima, no caso de Conrad, é quase tudo o que ele escreveu. E ler e conferir.

S.M.

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

102

Passeio pela poesia grega

Com **Poesia Moderna da Grécia,** recente título da Editora Guanabara/RJ, José Paulo Paes nos oferece um passeios fascinante por um novo/antigo mundo. Mas ele, também excelente poeta, além de acurado ensaísta, crítico, tradutor, não se satisfaz em apenas traduzir os poemas diretamente do grego, o que por si só seria uma empreitada difícil e meritória. Vai adiante: acrescenta-lhes explicativo prefácio, textos críticos sobre os autores e notas esclarecendo passagens dos poemas.

Poder-se-ia perguntar: por que alguém vai, hoje, se debruçar sobre uma literatura tão pouco difundida? O normal tem sido voltarmos os olhos para a literatura norte-americana (que nos chega aos borbotões); ou então algum best-seller de outra nacionalidade; e nos debruçarmos sobre os numerosos (e importantes) autores que nos são vizinhos e que conosco têm tantos pontos em comum. Estes precisamos conhecer melhor.

No caso da Grécia o normal seria continuarmos lendo (e por vezes estudando) os autores clássicos, que nos chegam do fundo do tempo. Um Homero, por exemplo. E de repente, devido ao sucesso do filme, temos a tradução de um **Zorba, o Grego,** de Kazantzakis. Quase só. Ou só.

Dissemos "explicativo prefácio". Sim. Embora pequeno em tamanho, é ele explicativo no sentido de nos informar das preocupações de Paes e de que maneira veio a se interessar pela Grécia e seus poetas modernos. Diz ele: "Meu interesse pela Hélade remonta aos bancos escolares. Converteu-se em paixão pela Grécia de hoje quando, na idade madura — aquela em que o turismo se torna uma espécie de serviço militar obrigatório — pude enfim conhecê-la de perto". Na volta, Paes resolve estudar grego a fim de conhecer os poetas gregos. Daí à tradução foi um passo natural. Uns poucos autores ele conhecia de leituras em inglês, alemão, francês, italiano, espanhol. Não fez estudos regulares. Através do autodidatismo e de uma vontade férrea e disciplinada chegou a dominar o idioma de tal forma que lhe possibilitou traduzir, com paciência e dicionários, boa parte dos principais poetas de fins do século aos mais recentes. Começando pelo que chama "Raízes e Fundadores".

São vertentes, tendências, visões diferenciadas, tentativas de apreensão e conhecimento de mundo, aproximações com outras sensibilidades que nos acrescentam em conhecimento e verdade.

Talvez os únicos nomes familiares (serão?) ao público brasileiro sejam Kazantzakis (devido a **Zorba, o Grego**) e Kaváfis (na tradução do próprio José Paulo Paes). Parece-nos que nem mesmo os dois poetas ganhadores do prêmio Nobel (Seferis, 1963 e Elytis, 1979) tiveram qualquer repercussão entre nós. No entanto, além deles, vários outros (vê-se agora pela tradução de Paes) possuem uma voz pessoalíssima no transmitir, no pensar a vida e pensar a arte. Kariotákis, por exemplo: "Há vinte anos jogando/com livros, não com baralho/há vinte anos jogando./ Vida é o que tenho perdido/ (in Estrofes)"; ou o premiado Alytis quando canta que "O tempo é a sombra célere dos pássaros/ Meus olhos escancarados em meio às suas imagens". Haveria outras citações a fazer, de poetas que tanto dizem à nossa sensibilidade e tanto nos acrescentam. Mas ficamos com Paes em sua admiração por Kaváfis, sem dúvida uma das grandes vozes da poesia mundial. Os novos poemas aqui incluídos vêm confirmar o que dele já conhecíamos (**Poemas,** trad. do grego por José Paulo Paes, Ed. Nova Fronteira/RJ, 1982). Lemos e relemos em busca de um trecho que melhor sintetizasse a poética de Kaváfis. Não há. Há tudo. Dele é preciso ler muito para conhecê-lo, até nos impregnarmos de sua dicção tão vital. Mas algumas constantes perpassam seus versos com tal freqüência que se tornam obsessivas: ilhamento, ironia, erotismo, desnudar-se. Vejamos: "Nestes quartos sombrios, os dias de estupor/que eu passo, a procurar em vão janelas por/toda parte. Que alívio não seria/" (in As Janelas); "Sem cuidado nenhum, sem respeito nem pesar,/ ergueram à minha volta altos muros de pedra/" (in Muros); "O que esperamos na Ágora reunidos?" (in Ágora); "Volta outras vezes e domina-me /frêmito amado, volta outras vezes e domina-me" (in Volta); "Nove e vinte. Passou depressa o tempo/ desde as nove quando acendi a lâmpada/ e me sentei aqui. Fiquei sentado sem ler/ e sem falar. Com quem falar/ se estou sozinho nesta casa?" (in Desde as nove); "Chegar onde chegaste não é pouco/, nem é pequena a glória que fizeste". (in O primeiro degrau); "A boca, os lábios dele/ feitos para a plenitude/ de volúpias sutis" (in Retrato de um jovem de vinte e três anos pintado por um seu amigo coetâneo diletante).

Falamos em aproximações. Já na primeira leitura de Kaváfis, ao tomar conhecimento de sua vida, observamos a singularidade que o coloca perto de Fernando Pessoa. Ambos com o pai morto cedo, ambos com a mãe casando de novo, ambos indo estudar (e impregnando-se tanto do idioma) inglês, ambos vagando solitários pela noite em busca de amores proibidos, ambos publicando pouco em vida.

Talvez, com sua acuidade de poeta e de analista, de estudioso dos fenômenos da criação literária e da inter-relação vida/obra, José Paulo Paes pudesse se interessar pelo tema e investigá-lo.

103 MIGUEL, Salim. Fernando Pessoa e sua inesgotável arca. **O Estado**, Florianópolis, 05/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.

Salim Miguel

Fernando Pessoa e sua inesgotável arca

103

Durante anos não se teve nenhuma certeza sobre a produção deixada por Fernando Pessoa. Seria o pouco (o livro Mensagem, os poemas em língua inglesa e os esparsos na imprensa) que ele publicara em vida? Intuia-se a existência de algo inédito. Mas qual seria o volume e a importância do espólio? Ninguém sabia o quanto poderia atingir esse algo e seu verdadeiro significado.

De repente, de uma arca perdida no tempo e magicamente recuperada, começam a surgir mais e mais inéditos. A arca parecia inesgotável. E seja através do ortônimo ou dos heterônimos mais cresce aquele que viria a ser, depois de Camoês, o principal nome da poesia portuguesa.

Ainda agora acabam de chegar até nós, no Brasil, novos textos de Fernando Pessoa. Trata-se do **Livro do Desassossego**, por Bernardo Soares, publicado pela Editora Brasiliense/SP, com seleção e introdução de Leyla Perrone-Moisés. Bernardo Soares (é o próprio Pessoa quem afirma) não chega a ser heterônimo, como o foram Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Alberto Caieiro. Diz Pessoa que é Soares um semi-heterônimo, que só aparece em determinadas circunstâncias, em fases crepusculares, quando ele mesmo se sente cansado.

Cabe-me aqui, antes de deixar algumas anotações a propósito da edição brasileira do **Livro do Desassossego**, um depoimento pessoal. Os primeiros contactos que tive com a estranha e fascinante personalidade de Fernando Pessoa foram através de três livros que me chegaram de Portugal, remetidos por Manuel Pinto, poeta, amigo de Marques Rebelo, que se tornou meu amigo epistolar (e a quem devo o conhecimento de boa parte da moderna literatura portuguesa), que seria um dos correspondentes da revista Sul no exterior. Eis os livros: **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**, de Jacinto do Prado Coelho, na 1ª edição, publicada pela revista Ocidente, Lisboa/1949; **Poesia**, de Fernando Pessoa, introdução de Adolfo Casais Monteiro, volume da coleção Antologia de Autores Portugueses e Estrangeiros, Ed. Confluência, Lisboa/1945; e **Fernando Pessoa, notas a uma biografia romanceada** de Eduardo Freitas da Costa, Guimarães e Cia Ed. Lisboa/1951, onde eram feitas algumas colocações e retificações a respeito da biografia de Fernando Pessoa escrita por João Gaspar Simões, biografia que só mais adiante vim a conhecer. Pouco depois a revista Sul publicava poemas de Pessoa; e Élio Balstaedt uma resenha ao livro de Gaspar Simões, criticando passagens da biografia, e que teve alguma repercussão em Portugal — o que para nós, jovens iniciantes do Grupo Sul na longínqua Florianópolis, foi a glória.

Por intermédio de Prado Coelho tomei conhecimento da existência do quase heterônimo Bernardo Soares. Diz Coelho que "ajudante de guarda-livros em Lisboa, autor das prosas poéticas do **Livro do Desassossego**, Soares é o menos fecundo e o mais apagado dos heterônimos, isto é, não é uma personalidade diferente da sua, mas a sua personalidade mutilada ("sou eu menos o raciocínio e a afetividade" F.P.), definição aliás pouco rigorosa. Surge em pessoa quando este se encontra cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição". A colocação de Coelho é pertinente, menos num ponto. Vê-se agora que, à época, ele não tinha, então, conhecimento da arca e/ou de seu conteúdo: a prosa poética e intimista de Bernardo Soares que possibilitou, na edição portuguesa, mesmo com algumas supressões, um livro de mais de 600 compactas páginas, e na brasileira 402 páginas.

A transcrição que fiz do livro de Coelho pode parecer longa, mas serve para situar algumas constantes no que se refere a Fernando Pessoa e mostrar o impacto que o poeta me causou. Melhor: causou na maioria de nós jovens. Pedimos mais a Manuel Pinto: veio a biografia escrita por João Gaspar Simões. Pouco depois saía, no Brasil, **Um Fernando Pessoa**, de Agostinho da Silva, ensaísta, poeta, filósofo, professor, tradutor (que viera viver no Brasil e aqui lecionar, inclusive em Florianópolis), publicado pelo IEL/RS; e logo, ao ganhar de um colega de infância e amigo, já falecido, Pedro Bosco, a **Obra Poética** de Fernando Pessoa, na Editora. Aguilar, imaginei que afinal iria conhecer tudo (ou quase) que o autor deixara. Vã ilusão. Felizmente. A arca foi, aos poucos, despejando novos inéditos de Pessoa ou de seus heterônimos, revelando novos aspectos de sua personalidade. E mostrando que tanto ele, quanto sua arca, são imprevisíveis.

Volto ao **Livro do Desassossego**. E saio da leitura com o mesmo encantamento que me proporciona qualquer texto de Pessoa. Ainda os menos realizados. Porque há neles, sempre, a marca de um autêntico criador, que se questiona e inquieta ao mesmo tempo que nos questiona e inquieta. Infinitamente vário e uno, na desigualdade e unicidade, conforme bem assinalou Jacinto do Prado Coelho.

O Livro do Desassossego que agora nos chega na edição brasileira é uma seleção dos textos da edição portuguesa. E tem, a exemplo daquele, seus méritos e seus desméritos. Diz Leyla Perrone-Moisés, que se encarregou da seleção e introdução: "Esta edição do **Livro do Desassossego** é discutível. Como todas, passadas ou futuras, por uma razão ou por outra. A nossa não é uma edição completa do livro; é uma seleção de fragmentos feita a partir da

edição portuguesa em dois volumes". Logo a seguir, Leyla acrescenta com inteira razão: "Mas haverá sentido em falar em "edição completa" de uma obra que não tem nem nunca terá um "corpus" definitivo?" Perfeito.

Trabalhando em cima de rascunhos, de anotações, de textos soltos, de frases truncadas, de palavras incompletas e rasuradas, nunca se poderá afirmar que esta ou aquela seria a edição do **Livro** conforme a teria desejado Fernando Pessoa. Se é que ele a desejou. O **livro** será sempre um texto aberto, sujeito a numerosas e diferentes interpretações. E poderíamos encerrar estas anotações, que visam acima de tudo chamar a atenção para o **Livro**, anotações que se nos afastaram do trabalho de Leyla (é importante ler-se a "Introdução" ao volume) nos aproximaram de novo de Pessoa, com aquilo que diz, à página 49, Bernardo Soares: "Quando outra virtude não haja em mim, há pelos menos a da perpétua novidade da sensação liberta". No mais, é confrontar a edição das "manchas temáticas" portuguesa com a por "tópicos" ou "capítulos" brasileira. E tentar penetrar no universo pessoano, diverso e uno.

Salim Miguel

Relação autor x editor: uma análise

De que maneira se podem estabelecer os limites da (boa) convivência entre autor e editor? Até que ponto os interesses de ambos se confundem e em que momento se distanciam? Qual a visão que um autor tem do papel de um editor e este daquele? Como deve ser o relacionamento mútuo para que dele resulte algo verdadeiramente positivo? Os textos de um autor jovem e revolucionário conseguem ser aprendidos com facilidade por um editor? Estará ele sensível a tais mensagens? E ainda que isto aconteça não terá ele que pensar duas vezes antes de aprová-lo para publicação, já que necessita de retorno imediato do capital investido para continuar editando? Até onde investir, aguardando que um dia o novo se torne aceito pelos leitores e vendável? E se isto não ocorrer? E se o novo não demonstrar as qualidades imaginadas a uma primeira leitura?

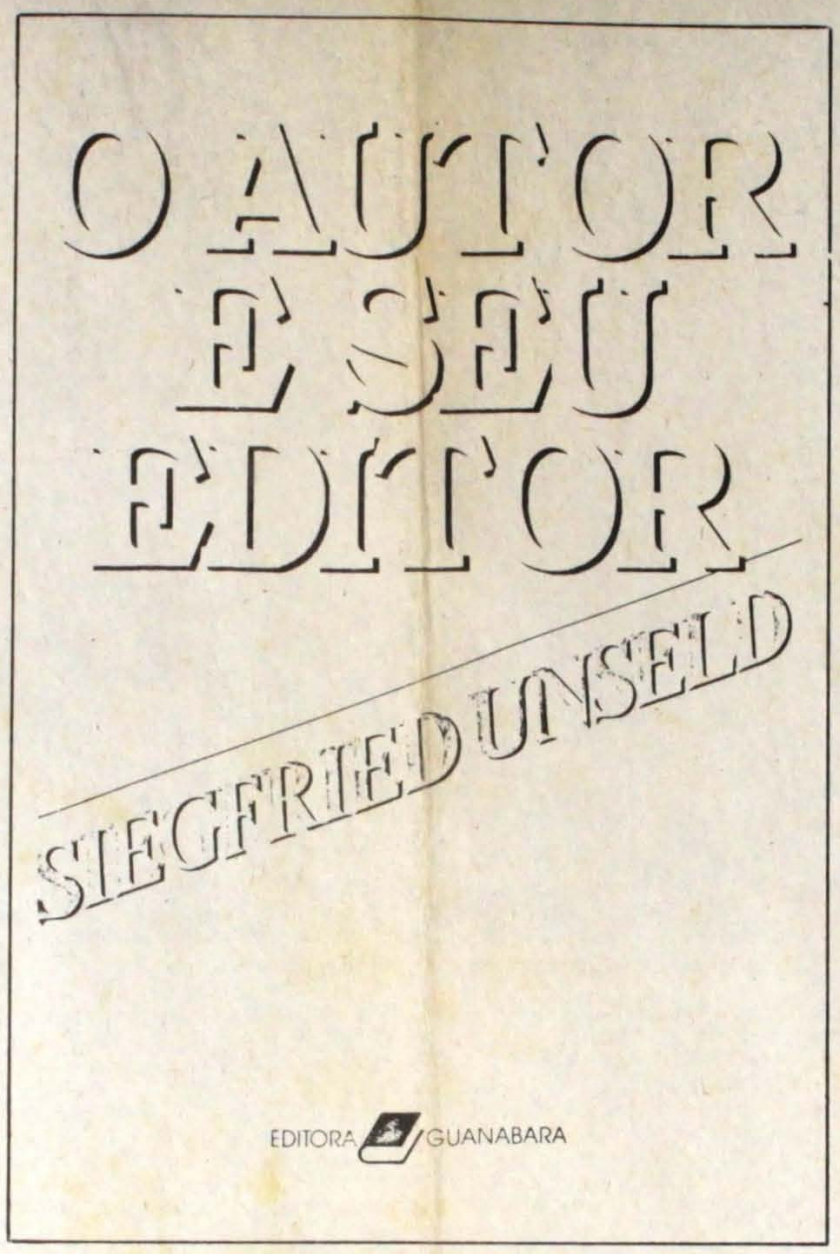
A propósito destas e de outras colocações, com exemplos de autores famosos hoje e de como foi o contacto que mantiveram com editores, depõe o editor alemão Siegfried Unseld, que desde 1959 dirige a Suhrkamp. Vamos a dois tópicos ilustrativos. Ele afima no primeiro:

"O mal-estar persistente que caracteriza a relação entre o autor e seu editor é resultado da própria atividade do editor, que, como Jano, tem duas faces. Ele precisa - conforme diz Brecht - produzir aquela "mercadoria sagrada que é o livro", e *também* vendê-la, isto é, precisa associar a atividade intelectual ao comércio, para que aquele que escreve essa literatura possa viver e aquele que edita tenha condições para fazê-lo."

Mas o editor se vê, não raras vezes, envolvido num conflito entre diferentes papéis. Pensando do modo que está acima explicado, ele se limitaria a publicar aquilo que já tem uma garantia de saída, clássicos ou nomes feitos. Mas, e os novos, onde ficam? Será válido investir neles, esperar algo deles num futuro problemático? Para Unseld parece que sim. Vejamos o que ele diz a respeito:

"Uma editora literária que leva a sério a sua tarefa não cessará jamais, ainda que os tempos sejam difíceis, de publicar a literatura jovem, por mais que ela encontre dificuldade em se afirmar junto aos leitores e compradores."

Equilibrar-se entre estes dois pólos (publicar para sobreviver e se afirmar, mas sem ignorar o jovem) será então o papel de um editor que não vise apenas lucro, mas que tenha uma compreensão mais profunda e exata da importância e do alcance de sua atividade.



Tais temas, e muitos outros paralelos ou correlatos, estão presentes em *O autor e seu editor*, de Siegfried Unseld, que acaba de aparecer pela Editora Guanabara RJ. Editor, e mais, dirigindo uma das principais editoras alemãs, Unseld coloca e discute, com conhecimento de causa, numerosos problemas ligados à profissão, estudando de maneira objetiva o papel do editor na comunidade e sua atuação em seu meio e em tempo. Dá-nos, assim, uma radiografia de seu complexo trabalho e dos meandros em que precisa navegar.

Ele começa por um capítulo significativamente intitulado "A missão do editor de textos literários", buscando ver as implicações que isto comporta. Parte, a seguir, para examinar de que maneira se processou o relacionamento de editores com autores do porte de um Hermann Hesse, um Bertold Brecht, um Rainer Maria Rilke, um Robert Walser. É curioso observar que enquanto os três primeiros se fixaram num editor que lhes deu condições de produzir e de se sustentarem, o último (independente do valor de sua obra), não teve tal oportunidade. Textos em prosa e verso de Walser, de inegável qualidade - diz Unseld - foram sistematicamente recusados por editores que já haviam publicado trabalhos do mesmo autor, ou por outros editores. A explicação para tal fato, como quase sempre, era dúbia. Não se referiam à qualidade, mas ao mercado, a não aceitação do tipo de texto que ele fazia. Isto se refletiu de maneira profunda na personalidade instável de Walser, fazendo com que passasse seus últimos anos num sanatório. Só tempos depois de sua morte, e graças a um amigo que nos lembrou o Max Brod de Kafka, sua obra foi (re) descoberta e passou a ser valorizada.

Mas o problema não é tão simples. Poder-se-ia questionar: caso um editor tivesse resolvido bancar a produção literária de Robert Walser isto resolveria seus problemas íntimos; lhe devolveria a segurança em sim mesmo; sua produção seria mais conseqüente? Teria a aceitação do público ou da crítica? Ou, como tantos outros, encontrava-se ele com uma escrita bem à frente de sua época?

São questões que permanecem em aberto. Mas a conclusão de Siegfried Unseld é a favor do autor. Diz ele no fecho do primeiro capítulo de seu livro:

"A literatura é sempre aquilo que os autores fazem dela. As responsabilidades do editor literário podem ter mudado um pouco no fluxo do processo de comunicação literária, mas no fundo permanecem as mesmas: estar à disposição do autor, aberto àquilo que sua obra traz de novo, e contribuir para a sua difusão."

Oxalá todos os editores tivessem esta mesma abertura, considerassem o produto livro da mesma forma que Brecht, uma "mercadoria sagrada" que tem implicações com a cultura e a civilização, implicações que vão para muito além do simples retorno financeiro.

No caso presente há mais. Unseld não discute apenas o papel do editor na produção do livro. Ele tem uma visão crítica aguçada; e suas colocações a respeito de Brecht, Hesse, Rilke, são altamente pertinentes. Ele nos dá, ao mesmo tempo, um retrato do homem e do escritor, fala das certezas e das dúvidas que os assaltam nos momentos de criação, do relacionamento com os editores e com seus colegas de ofício, da importância do que nos legaram e da influência que exerceram. Por tudo isto, é um livro que se recomenda tanto para autores como para editores e leitores em geral.

JUVENAL ROTTEN O PÓS-CRÍTICO

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

Coerência entre vida e obra

Razão e motivo de alegria e tristeza, fartura e miséria, vida e morte, o rio Guadiana, que divide, em sua algárvia margem, Portugal da Espanha, serve de tema para o romance *Fronteiriços*, de A. Vicente Campinas, publicado pela Editora Nova Realidade, de Lisboa. *Fronteiriços* reaparece, em segunda edição revista, depois de 30 anos de seu lançamento. A primeira edição foi apreendida pelo famigerado Pide, serviço de segurança da ditadura salarazista.

Poeta, ficcionista, ensaísta, A. Vicente Campinas é autor de vasta obra em prosa e verso; mas sua obra, que é importante como realização literária e como documento humano e social, se confunde com sua vida de lutas, de combatente pelas liberdades democráticas e pela dignidade do ser humano.

Dividido em seis capítulos (ou blocos) que se interligam e complementam, o romance de A. Vicente Campinas se estrutura a partir de tramas e sub-tramas que têm como fulcro o rio Guadiana e a vida de pescadores, contrabandistas, policiais, homens, mulheres, crianças, velhos, seres que retiram do rio sua subsistência. Pode-se mesmo dizer que vivem em função do que o Guadiana lhes oferece de bom e de mau.

A técnica narrativa de Campinas é clara, direta, objetiva: toma, como ponto de partida, a significação que o rio tem na vida de todas aquelas pessoas, sejam elas do lado de cá ou do lado de lá. Lógico que ele centra sua preocupação no lado de cá, no lado português, servindo as rápidas presenças de elementos espanhóis como complementação ou elo de ligação para o melhor entendimentos de determinados episódios.

A história de *Fronteiriços* (melhor, as múltiplas histórias) começa a nos

chegar vista através dos olhos do menino Tónio, narrada na primeira pessoa. E mesmo quando, como no segundo capítulo, o autor sai da primeira para a terceira pessoa, aparentemente abandonando Tónio, é como se ele continuasse a nos transmitir toda a sua visão daquele mundo, um mundo injusto e cruel, mas ao qual não falta a solidariedade dos humildes.

Lirismo e humor se fundem na linguagem do autor - o que nos parece uma constante de sua escrita. Para além disso há sempre a denúncia contra as injustiças, a trágica visão de um mundo que não é o que deveria ser. Campinas sonha com um mundo no qual todos se dêem as mãos e lutem por uma vida mais digna e melhor.

Mas, se isto pode deixar a impressão de uma literatura datada, de uma obra panfletária e dogmática, é errônea. Em A. Vicente Campinas temos a força de uma autêntico narrador, que sabe erguer, com precisão e sensibilidade, cenas e figuras, sejam elas calçadas na realidade (um exemplo seria o contrabandista Ti Currito, a quem o livro é dedicado e de quem diz Campinas: "lembrando Ti Currito, que foi contrabandista valente e trabalhador escravizado pelas circunstâncias de vida, o qual encantou a minha juventude com o relato de suas aventuras), sejam criações ficcionais (e aí citaríamos o pescador Manuel Patacho). Mas até onde realidade e fantasia se confundem no entrecho do romance é difícil dizer. Isto, em lugar de representar uma falha, é um mérito a mais. Assim deve ser a marca do verdadeiro criador: A. Vicente Campinas nos convence da verdade que nos está relatando, faz-nos participar de seu universo como se fôssemos parte íntima dele.

Existem, no decorrer do romance, passagens altamente expressivas, fortes, confirmando o pulso de um escritor que sabe trabalhar seu tema. Citaríamos, entre tantas outras, a sequência da briga no boteco, quando Patacho se sente diminuído porque não lhe querem fiar uma cachaça. Ou todo o longo trecho da perseguição aos contrabandistas, passagem que acompanhamos com funda emoção, torcendo pelos contraventores, que são contraventores não porque o desejam, mas porque a isto os conduziu e os obriga uma sociedade injusta.

Voltemos ao livro. E vemos que, também nós, estamos inconscientemente praticando uma injustiça, limitando-nos a citar apenas aqueles dois episódios. E o drama de mãe e filha que precisam se entregar à prostituição para sustentarem os seus, depois de queimarem todas as outras etapas possíveis e impossíveis em busca de emprego? E o ataque ao quartel? E a reflexão de Patacho quando sabe que seu barco, fonte de alimento de sua família, fora destruído pelo temporal? Diz ele em certo trecho: "Quereria ter estado no meu barco e ter lutado, nele, contra o mar maldito. Talvez o pudesse ter salvo. Ou, não o podendo salvar, melhor teria sido que nos perdêssemos os dois. Ao menos, morria o cão, acabava-se a raiva".

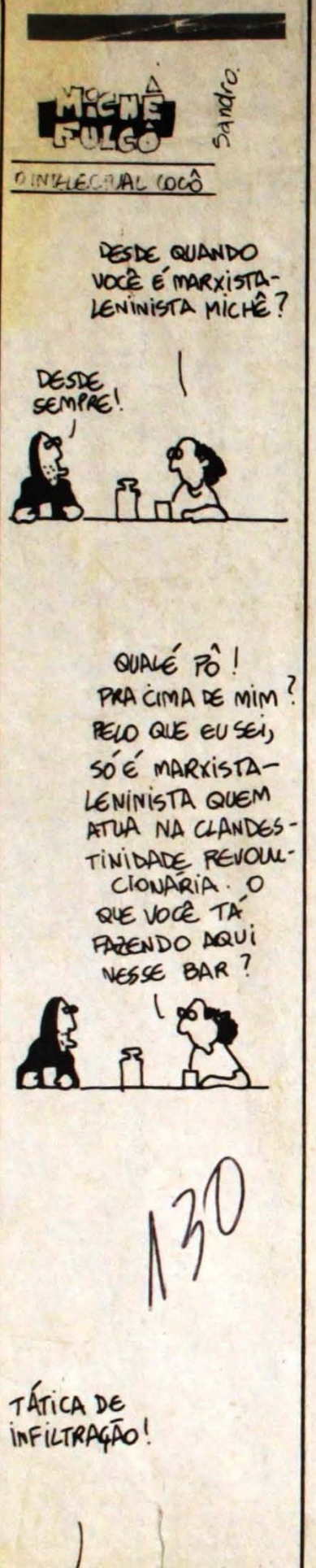
Isto nos remete para outro aspecto do livro. Os ditos populares, os provérbios, tão repletos de sabedoria e de verdade. E percebemos, então, que no livro de Campinas há muito de uma realidade que nos diz também muito de perto, diz de perto aos nossos pescadores, aos homens do nosso litoral. Deixamos aqui a sugestão para alguém que queira se debruçar sobre os problemas dos pescadores portugueses e dos pescadores brasileiros, que vivem e sofrem a mesma luta, e tentar uma aproximação, até mesmo a nível de linguagem, de psicologia, de preocupações.

Certamente deve haver muito de autobiográfia na figura do Tónio. Nascido na Vila Real de Santa Antonio, A. Vicente Campinas colocou, sem dúvida, muito do que viveu e presenciou, neste livro. Não só nesse.

Há passagens que transparecem em toda a sua obra. Para ficarmos em apenas dois, e na prosa: nos contos de *Travessia* (também apreendido pela Pide) e nas crônicas de *Rio, esperança - Guadiana, meu amigo*, este um título publicado em 1983.

Velho amigo dos tempos da revista Sul, na qual colaborou, A. Vicente Campinas viveu muitos anos exilado. E só depois da volta de Portugal à liberdade, retornou para seu país, retomando um trabalho, literário e político, que o situa entre as figuras mais autênticas de sua terra, seu tempo, seu meio.

106 MIGUEL, Salim. Relação autor x personagem numa novela modelar. **O Estado**, Florianópolis, 28/12/1986, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.



LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

Relação autor x personagem numa novela modelar

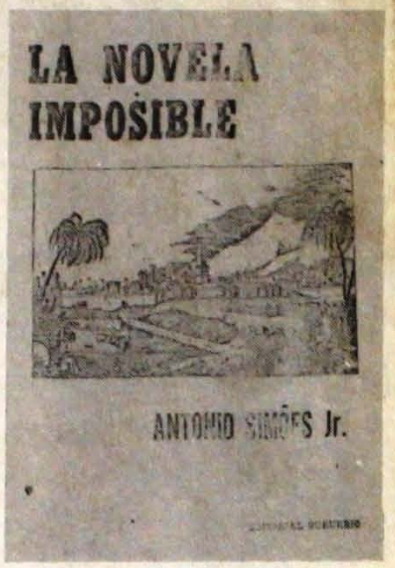
106

CRIATURA e criador não poucas vezes se confundem na ficção. Melhor dizendo: criatura e criador na maioria das vezes se confundem numa obra, onde o criador acaba colocando em seu trabalho o melhor de si mesmo, saindo dele vazio e mais pobre, passando para suas criaturas boa parte do seu pensar e agir. Por isso costuma-se dizer que não raro a obra supera (ou deveria superar) em interesse, seu autor. E quase sempre um criador, por mais prolixo e diverso que possa parecer, acaba por deixar, no fundo, uma peça única com várias faces e contornos.

Alguns destes, e muitos outros problemas ligados à produção literária, estão colocados e discutidos em *La novela impossible*, de Antonio Simões Jr., publicada pela editorial Suburbio, Buenos Aires.

Aliás, a preocupação com a inter-relação autor x personagem é constante em Simões Jr. como se pode observar neste trecho extraído de outro livro seu, *El milagro*, publicado por Nuenas Ediciones Argentinas. Logo no *Prologo*, dirigindo-se aos espectadores, diz ele: Permíteme que me incluya en el rol de los personajes de esta obra...", para a seguir continuar esclarecendo mais seu pensamento: "sin embargo, hoy dia y ya en las postrimerías del siglo XX, el que cuenta un cuento, escribe historias, concibe un poema, una partitura, esculpe, pinta, puede considerarse simultaneamente autor y personaje, es decir, una dualidad de pensamiento y accion enbarcada en un buque transorceado en el mar de la estética." A transcrição é longa, mas necessária, e situa bem a concepção do autor de *La maquina de los sueños*, outro de seus significativos títulos.

Escritor português radicado há mais de trinta anos na Argentina, Antônio Simões Jr, é autor de uma obra expressiva que se desdobra pelo depoimento, pelo teatro, pelo conto, pela novela, pela crítica. E



em todos os gêneros tem dado clara demonstração de seu talento e de sua capacidade de análise, examinando com percuciência o ser humano e sua destinação.

Como tantos outros intelectuais (e combatentes) portugueses, que foram obrigados a sair de sua terra durante a ditadura salazarista (ou lá permaneceram em condições precárias e difíceis) travamos conhecimento com Antonio Simões Jr. durante a década de 50, quando mantínhamos aqui a revista *Sul*. Mas, ao contrário do que ocorreu com outros, não nos recordamos de que maneira chegamos até ele — ou ele chegou até nós. A verdade é que, de lá para cá, temos mantido regular correspondência, temos tido conhecimento do que vem ele realizando, uma obra silenciosa que devido às condições difíceis não alcançou ainda o lugar merecido. E foi através da prestimosa colaboração de Antonio Simões Jr. que tomamos conhecimento de nomes importantes da literatura hispano-americana.

De títulos como *Vieja cronica de Olhão* e *Pequenos burgueses*, passando por *La mariposa y el cuervo* e *Marruecos ayer-hoy*, publicados na década de 50 e inícios de 60, até os mais recentes, como *El milagro; Judas y Midos; Los gatos; La maquina de Los sueños*, é um longo percurso percorrido. Neles, sem abandonar suas preocupações sociais, Antonio Simões Jr. vai transfundindo a realidade que o cerca com uma visão mais profunda do ser humano, sua destinação, sua luta anterior.

Tudo isto, e muito mais, se concretiza nesta novela impossível, que começa com uma frase que, de pronto, nos introduz no clima que o autor busca: "Todo lo que me circunda, pese a su aspecto sugestionador de pesadilla, a su aire mohoso, infecto, es lo que se dice real, palpable, definible, en sus contornos geográficos". A partir daí acompanhamos o ir-e-vir de alguém que se busca e se questiona, num clima de real-fantástico de investigação e de humor.

Qual o verdadeiro narrador? O que ele busca? A quem se dirige? O que quer desvendar? O narrador na primeira pessoa é um ser fictício, que o autor quer nos impingir, ou é o próprio autor? De repente nos alerta: não sabe mais se ele é a criação ou o criador.

Mas o leitor que se deixa levar por tais especulações também se ilude. Para além delas há toda uma preocupação com o humano, com o homem, entidade que se busca e se perde nos meandros do mundo. E então ele (qual ele, o autor ou seu personagem? Pouco importa, pois ambos são uma e a mesma pessoa) diz: "Hay voces em mí que sé que no son mías, pero que no sé de quienes son. En cada recodo de mi itinerario, recto y azaroso a la vez, voy exhumando figuras y hechos sepultados en mi mente, que configuran estelas subyacentes de mis navegaciones. Empero, yo busco ahora otra cosa: una sombra más esquiva y volatinera: busco a Eximeno".

Eximeno. Eis uma das chaves possíveis para acompanharmos a trajetória desta fantástica novela e das figuras que por ela transitam. Através, já agora, de Eximeno, acompanhamos a caminhada de um homem que atravessou países e mares — e que de repente, de um outro continente, desta nossa América, procura reconstituir tal caminhada.

Continuemos a leitura. Pouco adiante, Antonio Simões Jr. aclara mais o que pretende ao nos envolver em sua trama. Diz: "Pareceme entonces que se invirten los papeles protagónicos, que pasa a ser él (**Eximeno,** grifo nosso) el autor y yo el protagonista. Entre ser y no ser, veo no sé qué de irreverencia en el licuar de mis ideas". Mas Simões Jr. não se dá por satisfeito, continua, ele (ou Eximeno?) quer nos inquietar ainda mais. E acrescenta: "Ah, sí; eres tú. Acostumbrado a soñar que te soñaba, a fantasmatizarte, desde que te partiste hacia tierras de América, me olvidaba que tu presencia aquí es ahora una realidad". Sonhar que te sonhava!

Como acentua J.F.G. numa nota sobre o texto: "*resulta así no solo una búsqueda del tiempo perdido, sino de los seres y del propio ser perdido. Seguir esta narración en sus vericuetos, en sus idas y venidas, en suas avances y retrocesos, resulta una aventura fascinante de la imaginación y el pensamiento que recomendamos com entusiasmo!*"

Leitura estimulante, leitura apaixonante que oferece numerosos níveis de interpretação. Ao concluirmos o texto, uma certeza: *La novela impossible* acaba se transformando, sob muitos aspectos, numa novela modelar, na qual seu autor-personagem, criador-criatura, transfunde o psicológico e o social, o real e o fantástico, fazendo com que tudo isto nos chegue com precisão e verdade.

1985

O permanente fascínio de um livro

LEITURA/CRÍTICA — Salim Miguel

O recente reaparecimento de um clássico da literatura universal, ("As mil e uma noites, na tradução de Aluísio Abranches) pela Editora Anima RJ-1986, é um fato auspicioso e motivo de satisfação. Ainda mais no caso de uma obra que é, por igual, una e múltipla nas suas diferentes versões orais e escritas, que continua a intrigar (e a encantar) tanto simples leitores em busca do prazer do texto, como estudiosos interessados, conforme diz Jamil Almansur Haddad, "em firmar conceitos e estabelecer categorias".

Com sua complexidade, seu estilo coloquial, seu folclore, sua descontinuidade no tratamento diferenciado dos mesmos temas, sua fantasia explosiva e delirante, sua mistura do mágico e do real, *As mil e uma noites* tem mantido, em todo tipo de ouvinte e/ou leitor, um fascínio inextinguível através dos séculos, superando modismos, hábitos, costumes, escolas literárias, preconceitos. E nem é menor a influência que exerceu e continua a exercer em literaturas de todos os países e em todas as épocas. Para ficarmos em pouquíssimos nomes citaríamos apenas um Boccacio, um Cervantes, um Gil Vicente, um Defoe, um Bortes.

Em Boccacio e Cervantes *(Decameron* e *Don Quixote*) é a estrutura narrativa e é a técnica da história-puxa-história com todas as suas imbricações e consequências; em Gil Vicente e Daniel Defoe é um tema reelaborado: no *Auto de Mofina Mendes* temos o vaso de leite partido pelo qual escorrem todos os sonhos de grandeza e que é uma versão do causo do mercador que vai vender vidros cortados e enquanto imagina a multiplicidade de seus lucros e a futura vida faustosa que levará, os vidros se estilhaçam e tudo some, enquanto a raiz da história de *Robinson Crusoé* se percebe na primeira das aventuras de *Simbad, o marujo*; já no argentino Borges é a permanência nos temas do labirinto e do maravilhoso que se encontra embutido no dia-a-dia. Aliás, o autor de *El Aleph* nunca escondeu sua paixão pelo livro, ao qual se reporta com freqüência, citando ainda a profunda influência que *As mil e uma noites* teria tido sobre autores da importância de um Chaucer.

Mas as influências não ficam por aí, elas pupulam, se desdobram. Temo-las em nossas lendas, em nosso folclore, em nosso populário, em recolhas feitas por especialistas do porte de Luís da Câmara Cascudo, em centenas de historietas que embalaram nossa infância e adolescência. São textos e textos que se nutriram (recriados, readaptados, reelaborados, copiados de acordo com as necessidades e a psicologia de cada povo) numa mesma matriz: *As mil e uma noites*.

Além do fascínio que o livro exerce, da magia de um texto que se desdobra a cada (re) leitura, outros problemas se colocam e permanecem em aberto: não há, mesmo em árabe, um texto único e fidedigno, mas inumeráveis variantes tanto em quantidade como em qualidade, tanto nas versões como nas orais que se transmitem de geração em geração.

No caso específico do árabe o problema se torna ainda mais complexo, porquanto o árabe que se fala no dia-a-dia coloquial não é o mesmo que se fala numa linguagem erudita e muito menos o que se escreve.

Pode-se mesmo afirmar, sem receio de erro, que existem distâncias intransponíveis entre um e outro. A propósito diz Haddad no ensaio a que já nos referimos anteriormente:

"No árabe, entre o falar culto e o falar popular, são terríveis as discrepâncias".

Lembro-me bem: nas conversas com meus pais, em nossa casa de Biguaçu, era corrente o uso do árabe. Eu entendia praticamente tudo o que eles diziam. Mas quando um deles declamava um poema ou lia um trecho em prosa, tudo mudava, eu mal apreendia o som, um som assemelhado à fala coloquial, sem conseguir chegar ao sentido do que estava sendo dito.

Foi por intermédio de meus pais que primeiro tomei conhecimento das histórias do livro, causos que eles conheciam, que haviam encantado a infância de ambos e que agora me encantavam.

Um pouco mais tarde fui ler em português as aventuras de Sindbad, o marujo, e a história de Aladim e a lâmpada maravilhosa. Mas só em 1961 me chegou às mãos uma edição completa e inexpurgada, publicada pela Editora Saraiva, de São Paulo, organizada sob a supervisão de Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, na tradução de Nair Lacerda (prosa), Domingos Carvalho da Silva (poesia), com introdução de Jamil Almansur Haddad, cotejo dos textos árabes por Suleimann Khalil Safady e ilustrações de Aldemir Martins.

Mergulhei no livro, que li e reli com crescente encantamento e que a cada releitura oferece novos níveis de entendimento.

Tem-se como certo que se a divulgação e difusão (com possível ampliação e readaptação de histórias) se deu através do árabe, é ponto pacífico que a matriz do livro são histórias persas. O que não se pode afirmar foi como, quando, onde surgiram e de que maneira chegaram às terras árabes. A partir daí os pesquisadores se defrontam com a desigualdade dos textos. Os originais árabes conhecidos devem ir a mais de uma dezena; e a outro tanto ou mais as versões para diferentes idiomas.

A primeira versão de que se tem notícia no Ocidente deve-se ao orientalista francês Antoine Galland. Outras bastante conhecidas e apreciadas são as inglesas de Edward Lane, de Mardrus, de Richard Burton e a do italiano F. Gabrielli. No Brasil, sem dúvida, a mais completa é a edição publicada pela Saraiva, há muito esgotada.

A que agora nos chega foi feita a partir da tradução inglesa de N.J. Dawood, publicada pela primeira vez em 1954 pela Pinguim Books. Embora na tradução se fale em "texto integral", na verdade é uma seleção das mil e uma histórias de que se compõe o livro. De qualquer forma, e muito embora algumas impropriedades, mantém-se o fascínio de textos plenos de poesia e verdade, de fantasia e humor, de aventura e amor, de intriga e heroísmo, de apólogos e fábulas, de estória e história.

Falamos de impropriedades. São numerosas: "que Alá lhe recompense por sua..."; "Você sabe porque lhe mandei chamar..."; "O rei determinou ao carrasco que decepasse o médico..." (o certo seria que decapitasse o médico, ou então de decepasse a cabeça do médico); "alguns ocupavam-se do cozinhar e lavar..."; "mas não conto a ninguém quem você é ou lhe matarão...", além de períodos e frases mal concluídas e confusas.

Para concluir, dois exemplos das diferenças que existem entre um texto e outro de uma mesma história. Vejamos um trecho da História de Bacbuk (ou Bakbuk), o primeiro irmão do barbeiro. Eis o início na edição Saraiva: "Deves saber, ó Emir dos Crentes, que o mais velho de meus irmãos, o que ficou coxo, chamava-se Al-Bacbuk, e esse nome lhe foi dado porque, quando começava a falar, parecia sua voz o gorgolejo de um cântaro que se esvazia. Seu ofício era o de alfaiate, em Bagdad". Agora, o mesmo início na edição Anima: "Saiba, Príncipe dos Fiéis, que o mais velho de meus irmãos, que é manco, foi, na sua juventude, alfaiate, e morava em Bagdad".

Aqui, na história de Bakbak, o terceiro irmão do barbeiro, outro exemplo da maneira diferente como o mesmo tema é tratado. Na edição Saraiva: "Bacbac, o cego, chamado O Carcarejador inchado, é meu terceiro irmão, e tinha o ofício de mendigo, sendo um dos principais da confraria dos mendigos, em Bagdad, nossa cidade. Um dia, a vontade de Alá, e o destino, quiseram que meu irmão chegasse, mendigando, à porta de uma casa muito grande. Meu irmão Bacbac ia gritando as invocações habituais para pedir esmola: Ó doador! Ó generoso! batendo com o bastão à porta da casa". E na edição Anima: "O meu terceiro irmão, aquele que é cego, Príncipe dos Fiéis, chama-se Bakbak. Certo dia, mendigando pelas ruas de Bagdad, o destino o encaminhou a uma certa casa. Ele bateu na porta, na esperança de ganhar uma moeda, ou alguma coisa para comer. O dono da casa perguntou, do lado de dentro, Quem é? mas meu irmão que conhecia os truques de sua profissão, não respondia antes que a porta fosse aberta..."

Agora é curtir as histórias — se possível confrontando as diferentes versões.

LEITURA/CRÍTICA

Salim Miguel

A mentira de um sonho

QUERENDO fugir à grande mentira que é sua vida, um homem acaba se envolvendo em mentira ainda maior. Assim pode, sucintamente, ser resumido o romance policial *Amor e Morte*, de Ruth Rendell, que acaba de aparecer, na tradução de Andréa Oliveira da Costa, em edição da Francisco Alves, RJ-1987.

Mas a trama não é tão simplista, nem se fecha neste esquema. Pelo contrário. A partir do jogo entre sonho e mentira, mentira e mentira, mentira e verdade, Ruth vai bem mais longe em sua perquirição. Abre novas veredas na sua busca, questionando o porquê da inquietação que move o ser humano.

A proposta da autora inglesa (enre nós, pela mesma editora, já existe dela outro livro publicado, *Noturno para Margaret*) não se circunscreve à linha tradicional do romance policial (ou criminal). Ela propõe alargamento da temática, manipulando novos ingredientes.

Ruth Rendell, ao mesmo tempo em que nos segura à sua trama, interessando-nos no seu desenrolar e nos suspense, cria um clima opressivo de investigação e de análise da alma humana, dando-nos uma obra de ação (e de reação) exterior e interior.

A história se desenvolve em vários planos que se entrelaçam e complementam. Aqui não há, como no costumeiro livro policial, de um lado o detetive e do outro o criminoso situados em compartimentos estanques, como se bem e mal pudessem estar claramente definidos. Nem a preocupação central é a procura incansável da solução para o enigma, pistas se superpondo a pistas até o desenlace, com a vitória do bem e a derrota do mal. Há, claro, tal desenlace, afinal estamos em pleno domínio do gênero. Só que ele é conseqüência mais ou menos lógica do que se vai desenrolando e dos problemas que estão sendo expostos.

A estruturação e o encaminhamento dos fatos se fazem através de um amiente carregado de tensões, de dubiedade, de insólito envolvimento, que nos revela uma intrigante (e instigante) galeria de tipos psicologicamente bem caracterizados, cada qual vivenciando seus problemas, seus anseios, suas dúvidas, seus desejos, seus sonhos. De repente, aquelas vidas estão entrelaçadas.

Lancemos um olhar sobre elas.

É o gerente da pequena agência bancária da pequena cidade de Suffolk, Alan Groombridge, insatisfeito com sua vidinha cinza, com a pálida tarefa que lhe coube, com a insatisfatória família que lhe coube, com o meio ambiente que lhe coube, que se refugia na leitura e no sonho que lhe advém dessa leitura, deslocando-o fantasiosamente para a pele de personagens ficcionais (e se recriando uma vida artificial); é a mulher fria e insensível e o filho ambicioso; é a filha enganadora na sua aparente pureza e o sogro senil; é a jovem Joyce, também trabalhando na agência bancária, vendo-não-vendo o gerente, ela nos seus vinte anos imaginando-o um macróbio aos trinta e oito anos; são os dois jovens desajustados, desenraizados, que assaltam o banco; é a mulher desiludida em busca de novo amor; e é o sonho-fantasia de Alan tornado realizável pelo assalto da agência — o que o leva para o outro lado da vida, um lado que ele idealizava, imaginando-o pleno de realizações, de verdade, de amor.

Sem querer (ou querendo, sabe-se lá), Alan está outra vez envolvido num universo de fantasia, de mentira, mentiras que se vão sucedendo, enredando-o cada vez mais, sem que possa-queira se livrar.

A trama, bem urdida, coleia, se bifurca, se...

Mas, como nos bons policiais, mesmo nos não-convencionais (e este é um exemplo de policial não-convencional), é imprescindível não entregar o ouro. É preciso deixar que o leitor, aos poucos, vá se inteirando (e integrando) do que está sendo narrado, acompanhando a trajetória dos personagens, vendo de que maneira eles conseguirão (ou não conseguirão) se safar das situações que surgem, e fazer sua própria leitura do texto.

Então, boa leitura.

Só que, por nosso lado, aproveitamos a deixa para aflorar outro assunto ligado ao tema.

Não vamos, pode se tranqüilizar o leitor, voltar ao velho e revelho assunto sempre em debate: literatura policial pode ser ou não pode ser incluída no rol das literaturas? É marginal? Possui qualidades?

Isto nos parece secundário a esta altura da história. Ainda assim, para ficar nuns poucos nomes e provocar discussão, cremos que um Hammett, um Chandler, um Simenon, quer se queira quer não, pertencem à literatura e à categoria de escritores — bons escritores. E é bom não nos esquecermos que na raiz da literatura policial está um Poe.

Falamos em Simenon. Seria interessante confrontar seu romance *O homem que via o trem passar* com este *Amor e Morte*. Podem-se encontrar curiosas e úteis aproximações.

Mas dizíamos ser nossa intensão aflorar outro ponto ligado ao tema. Queremos nos referir à pletora de mulheres que se dedicam à literatura policial. E literatura policial de nível.

Será que existe algum ensaista ou estudioso que já se tenha detido a examinar o fenômeno? Ignoramos. Que seria curioso, seria.

Podemos dar um empurrãozinho relacionando alguns nomes (todos, fato curioso, escrevendo em inglês), na certeza de que teremos esquecido outros.

Vamos a eles (ou melhor, a elas): Agatha Christie (a mais conhecida), P.D. James, Magdalen Nabb, Margery Allinghan, Ngaio Marsh, Patrícia Highsmith, Doroty Sayers. E Ruth Rendell, naturalmente.

Se o leitor é um aficcionado do gênero gostaríamos de saber quais delas conhece e quais lhe parece melhor dão seu recado. E, por certo, adicionar novos nomes à lista.

1987 FIM

CLÓVIS MEDEIROS

109 MIGUEL, Salim. A propósito do Fervor Camiliano. **O Estado**, Florianópolis, 26/04/1987, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.

A Propósito do Fervor Camiliano

109

Leitura/Crítica/Salim Miguel

A CABO de receber mais um volume, o V, da *Correspondência de Camilo Castelo Branco* (edição Livros Horizonte/Instituto Português do Livro/1986), organizado e comentado, como os anteriores, pelo infatigável Alexandre Cabral, escritor a quem os camilianistas e a literatura portuguesa já tanto devem.

Da mesma forma que nos anteriores Cabral, que vem se dedicando exaustivamente ao estudo da vida e da obra de Camilo, não se limita a recolher e divulgar a correspondência.

Aqui, cada carta é detidamente situada no tempo e no espaço, analisada em relação ao conjunto e às circunstâncias do momento que o escritor vivia.

Neste V volume são dez os destinatários, entre eles nomes como Cândido de Figueiredo, Trindade Coelho, Bulhões Pato, Faustino Xavier de Novais, este mais conhecido entre os brasileiros por ser o irmão da Carolina, mulher de Machado de Assis.

Antecede cada carta uma informação objetiva e sucinta a respeito do destinatário, sua relação com o autor, data da remessa, a exata ou a provável, a transcrição da carta e um breve comentário onde Cabral informa se teve vista ao autógrafo ou se limitou a transcrição de outra fonte, bem como o significado da correspondência remetida.

No caso que mais de perto interessa ao leitor brasileiro, por exemplo, diz Alexandre Cabral: "o epistolário conhecido de Camilo/Faustino Xavier de Novais é, em nosso parecer, uma pequena e insignificante amostra do que terá sido..." e prossegue: "E as restantes espécies? Pareceram na voragem do tempo ou encontram-se sonegadas em inviolável cofre forte?"

A recolha ordenada e criteriosa da *Correspondência de Camilo*, extremamente volumosa e valiosa (pelos subsídios que fornece para a melhor compreensão de sua psicologia), como tudo na vida daquele homem torrencial, é instigante e intrigante. E nos permite o conhecimento de outra faceta tanto de sua maneira de ser e reagir e de sua atividade criadora, como de seu tempo e de seu meio.

Toda vez que me chega mais um volume desta inesgotável (e fascinante) epistolografia, me interrogo, entre abismado e incrédulo: como é possível?

Sim, insisto debruçado sobre o texto, como é possível, com a vida explosiva, tumultuada, dramática, conturbada que levou, mais trágica do que o mais trágico de seus romances, enfrentando os problemas que enfrentou (prisões, fugas, polêmicas, fome, envolvimento com mulheres, amizades e inimizades ferozes, duelos, doenças) tenha conseguido realizar a obra que realizou. Uma obra composta de cerca de 200 títulos, resultado de uma atividade literária de 40 anos, dos 65 que viveu.

Nestes 40 anos, informa Alexandre Cabral baseado em documentos e em pesquisas próprias ao vasculhar obra e vida, deixou Camilo Castelo Branco em torno de 60.000 páginas. Isto mesmo, sessenta mil páginas redigidas, entre obras originais compreendendo ficção, poesia, ensaios, mais polêmicas, escritos diversos, traduções, correspondência. Nem por outro motivo foi ele considerado ainda em vida, por seus contemporâneos, o *Primeiro Romancista da Península*.

Diz Alexandre Cabral: "A vasta obra de Camilo Castelo Branco, nos mais diversos domínios, não se explica nem se entende por si mesma. Se a sociedade justifica o comportamento do homem, são as vivências do homem que tornam hoje compreensível a complexidade e amplitude do legado do escritor".

Só assim torna-se possível compreender a arraigada paixão, o verdadeiro fanatismo (quase diria religioso) dos autênticos camilianos, que se dedicam com fervor a esmiuçar vida e obra do autor de *Amor e Perdição*. Foi, sem dúvida, um profissional das letras, em tempo integral, que vivia (e sofria) de e com sua pena.

Os camilianos acabam por se transformar em propugnadores de uma nova seita: e transformaram a casa de S. Miguel de Seide num ponto de peregrinação.

Lembro-me bem: lá estive em maio de 1985. Ao chegar a comitiva de escritores brasileiros, já nos esperavam. Mas, graças ao empenho e ao aviso antecipado de Alexandre Cabral, me esperavam em particular.

Não foi sem profunda emoção que, mesmo continuando dividido entre Camilo e Eça, ambos descobertas de minhas primeiras leituras, percorri as terras que circundam a casa, visitei as salas, me detive a examinar seus objetos de uso pessoal ou primeiras edições e originais, recebi a coleção do Boletim da Casa de Camilo. Fiz anotações. Infelizmente perderam-se, junto com outro material precioso, como, por exemplo, a mais recente edição da *História da Literatura Portuguesa*, autografada por Oscar Lopes. Explico rapidamente: no Porto, o volume de livros comprados e ganhos já era substancial. Eglê e eu íamos prosseguir viagem. Alguém, nome agora pouco interessa, no consulado do Brasil, muito gentilmente se prontificou a nos mandar os livros para o Brasil. Não chegaram. Cobrei. Resposta: não posso fazer nada, encaminhar/encaminhei, não tenho culpa se não chegaram...

Neste desabafo me perdi. Não faz mal. Lembro que minhas primeiras leituras de Camilo foram *Amor de Perdição; Uma agulha no palheiro; Novelas do Minho*. Nem sei se ainda em Biguaçu ou logo depois de mudar para Florianópolis. Quase ao mesmo tempo me chegava às mãos o *Camilo desconhecido*, de Alberto Pimentel.

Volto aos camilianos. Fico no exemplo de Alexandre Cabral. Ficcionista de inegáveis méritos, nome que logo após a publicação de seus primeiros livros, fins da década de 30 inícios de 40, se projetou como um dos mais expressivos nomes das letras portuguêsas, pode-se afirmar sem medo de erro que quase relegou (ou relegou?, sei lá) seu próprio trabalho criador a plano secundário para se preocupar apenas com a recuperação e divulgação da obra de Camilo.

Penso em livros de Cabral como o romance *Margem Norte*, e os contos de *Histórias do Zaire* ou *O sol nascerá um dia*. Isto para não me referir a textos que ele não relaciona em suas obras, como os romances *Fonte de telha* e *Malta brava* ou a peça *As das faces*.

São hoje cerca de 20 os títulos em sua bibliografia que tratam de Camilo Castelo Branco: *As polêmicas de Camilo* (9 volumes); *As novelas de Camilo* (2 volumes); *Escritos diversos de Camilo Castelo Branco; Camilo Castelo Branco, roteiro dramático dum profissional das letras; Subsídios para uma interpretação da novelística camiliana; Correspondência de Camilo Castelo Branco* (5 volumes). E, não tenho dúvida, outros volumes virão.

Para concluir estas notas, duas observações:

1 - O que leva um escritor a, de repente, se esquecer de si mesmo para se dedicar à obra de outro de modo tão cabal? No Brasil, exemplo parecido com o de Alexandre Cabral, se bem que não levado a tal extremo, seria o de Cassiano Nunes com a correspondência de Monteiro Lobato. Aqui, o próprio Lobato já havia nos dado parte substancial de sua epistolografia. Aquela trocada com Godofredo Rangel. Agora, além do que já havia divulgado, Cassiano Nunes nos brinda com *Monteiro Lobato vivo (1882/1948)*.

2 - Como explicar que homens do tipo de Camilo, com uma vida tão complicada, para além de obra tão diversificada e numerosa, tenham ainda deixado um tal volume de correspondência. É o caso, para nos referirmos a outros autores, de um Lobato entre nós. Ou, em outras condições, de um Flaubert.

Numa carta, convenhamos, o homem se desvela bem mais do que num diário ou numa autobiografia. Ela é escrita apenas para o destinatário — o que nos permite chegarmos ao autor em sua maior intimidade. Com isso, conhecê-lo mais e melhor. Caso da correspondência de Camilo. Que, convenhamos, escreveu demais para o número de anos que viveu.

1787

LEITURA/CRÍTICA

Salim Miguel

O Poder da Palavra

MAIS de vinte anos após sua morte, Dashiell Hammett volta, graças ao poder da palavra, a exercer sua primeira profissão: detetive particular. Lá está ele inteiro em seu ambiente típico, com suas angústias, seus sonhos, sua integridade, seus porres monumentais, sua inquietação, no romance *Hammett*, de Joe Gores, publicado há pouco entre nós pela Ed. Graal RJ.

(Não faz muito passou aqui o filme calcado no mesmo texto e dirigido por Win Wenders. Mas o livro é superior, de mais impacto emocional, mais criativo)

Para os admiradores da obra (e da tumultuada vida) desse americano intranqüilo é um prato cheio.

Antes, porém, de tecer breves considerações a respeito do livro onde, ressurreto, Hammett se envolve num clima peculiar, que é o clima característico de sua própria obra, creio ser de interesse deixar algumas anotações sobre o autor de *A Chave de Vidro*.

Nascido em 1894 e morto em 1961, Hammett foi, por igual, o atilado detetive particular (da agência Pinkerton), o participante de duas guerras mundiais, o bem sucedido escritor que fez carreira fulgurante, passando das páginas da revista *Black Mask* para os livros nas mais importantes editoras americanas, o argumentista e roteirista de Hollywood, requestado e paparicado, o partícipe de uma agitada história de amor com outro grande nome das letras norte-americanas, a escritora Lilian Hellmann, o homem que sabia comer e beber bem (principalmente beber), o político consciente e fiel a

seus ideais, o perseguido pelo macarthismo que acabou levando-o à prisão por suas idéias e por se recusar a ser um delator.

Esta rápida síntese pode não deixar perceber a importância de Hammett como renovador (ou criador, sei lá) de uma literatura policial que passou a ser aceita como literatura e respeitada e que teve seguidores importantes (como um Ross MacDonald, um John D. MacDonald, um Raymond Chandler). Isto para nos limitarmos a três que são conhecidos no Brasil.

No curto período entre seu início de carreira e sua brusca parada (cerca de quinze anos), Hammett deixou alguns títulos dos mais significativos da literatura policial da época — melhor seria eliminar o *policial*, deixando apenas literatura. E da mesma forma como se inicia, pára. Depois desse período fértil, nos restantes quase 25 anos que viveu nada mais conseguiu produzir. Como se estivesse esvaziado, uma bateria sem possibilidade de recarregar. Editores reclamavam promessas de originais não entregues, críticos lhe cobravam o prosseguimento de uma obra em processo. Nada saía. A prisão, já no final da vida, o amargou. A prisão e a incompreensão feroz de uma época de terror. Porém não foi por isso que ele deixou de escrever, já o deixara antes, deixara de fazê-lo sem um motivo lógico. Nunca se conseguiu tirar a limpo se o motivo fora incapacidade ou desencanto. Mas para fixar-lhe o nome entre os mais expressivos criadores de sua época bastariam títulos como *Estranha Maldição, A Chave de Vidro, A Safra Vermelha, O Falcão Maltês*. Claros que deviam ser calcados em sua vivência de detetive particular. Se fosse só isso, porém, todo detetive particular seria um novo Hammett. Há nele talento, capacidade de apreender e recriar com vigor a realidade que o cerca, analisando as contradições de um país que ele ama mas que lhe surge injusto e do qual ele traça um retrato amargo e dramático.

Ainda há pouco apareceu, entre nós, pela Ed. Companhia das Letras, excelente biografia de Dashiel Hammett, *Uma Vida*, de Diane Johnson.

Volto ao romance de Joe Gores onde, pelo poder mágico da palavra temos, de novo, diante de nós, a figura da Hammett, com todos os elementos, todas as situações, todo o clima, todos os personagens que marcaram e caracterizaram sua literatura. Gores pesquisou a cidade de São Francisco, buscou a ambientação típica nos livros de Hammett, debruçou-se sobre a galeria de detetives que ele criou, em especial o sem nome da Continental Op e o Sam Spade. A estruturação da trama é idêntica, os personagens poderiam muito bem ter saído da pena de Hammett, envolvidos numa trama que o tinha como criador e como investigador.

A proposta de Gores é fascinante: Hammett se vê envolvido na preparação de um novo romance. Encontra-se, como a maioria dos criadores em determinadas circunstâncias, num impasse. Acabou de se separar da família, ainda não se desligou da mulher e das duas filhas, não firmou seu relacionamento com Lilian Hellmann, borboleteia de mulher em mulher, de porre em porre, ali mesmo ao seu lado, em outro quarto, está uma jovem que o excita, que o atrai, que se lhe oferece. Mas ele tem escrúpulos em se aproveitar dela, então vagueia pela noite de São Francisco, uma São Francisco que lhe é tão conhecida, tão íntima, em busca de alívio e de inspiração. O palco está montado. E é quando surge do passado o imprevisto, na pessoa de um amigo, detetive como ele fora um dia, que persiste na profissão. Quer que Hammett o ajude na decifração de um mistério. Hammett se recusa — está em outra. Isto provoca a morte do amigo, o que cria um drama de consciência no escritor, julgando-se em parte culpado pela morte. Retoma a antiga profissão e leva adiante a investigação, questionando-se permanentemente se é justo abandonar o livro que escrevia.

A partir daí estamos em pleno universo hametiano. Os personagens parecem saídos de seus livros, situações que já conhecíamos de outros textos ressurgem. Só que é bom esclarecer: não se trata de mero pastiche sem valor, mas de uma criação autêntica, de estranha força narrativa, onde, embora se assenhoreando de figuras que bem poderiam ser criadas por Hammett, e de situações que ele adoraria trabalhar, Gores nos oferece um original bem estruturado, um romance com valores próprios, que nos arrasta da primeira até a última página, prendendo-nos à fruição do texto e à preocupação com o social e o humano.

O final do romance de Joe Gores, com sua carga de masoquismo e erotismo, nos remete para um texto modelar de Hammett, em *O Falcão Maltês* também no final, quando Spade descobre toda a perfídia que se esconde na aparente ingenuidade carregada de sensualismo que explode da mulher envolvida na história. E nem se torna necessária uma aprofundada prospecção detetivesca para o leitor aficcionado chegar até outros tipos que atravessam a trama e que são da galeria preferida de Hammett.

A melhor colocação a respeito deste instigante *Hammett* é, sem dúvida, o do artigo publicado no *The New York Times Book Review* quando diz:

"O estilo de Hammett, o ambiente em que viveu... Gores, a seu modo, apresenta tantos recursos quando o próprio mestre, pintando uma São Francisco de 1928 bastante evocativa: mostra sua beleza, sua corrupção, seus policiais e políticos sórdidos. Não deixe de ler este livro".

Perfeito. Agora é ler e curtir.

Pretendíamos continuar este artigo informando sobre outros três títulos (*O Inimigo Imediato*, de Ross MacDonald; *Um Tom Cinzento de Culpa*, de John D. MacDonald; *Um Jeito Tranqüilo de Matar*, de Chester Himes, os dois primeiros publicados pela Ed. Companhia das Letras e o terceiro pela Ed. Brasiliense) da área, bastante expressivos. Só que nosso espaço acabou. A admiração por Hammett, que vem de longa data, dos saudosos tempos da Coleção Amarela, da Editora Globo de Porto Alegre, fez com que nos alongássemos demais. Voltaremos oportunamente ao assunto.

Questão em aberto

SALIM MIGUEL

PRIMEIRO problema que se coloca diante de uma leitura de **O Jardim do Éden**, romance de Ernest Hemingway, tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho, que acaba de aparecer pela Editora Nova Fronteira/RJ: até que ponto é correto revelar aquilo que se encontra no espólio de um escritor e que ele decidiu não publicar? Quais os motivos que o teriam levado a assim proceder? Insatisfação com o resultado final? Ou por considerar que o trabalho ainda merecia retoques?

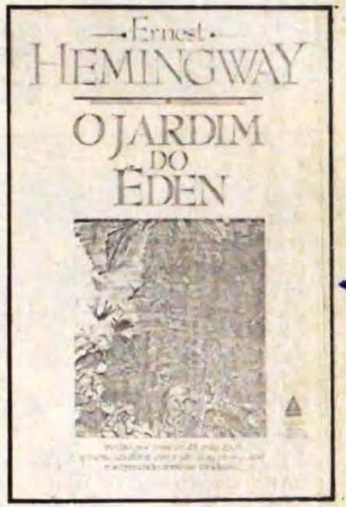
No caso em foco existe outro fator agravante: iniciado em 1946, conforme foi amplamente divulgado, o presente texto nunca chegou a ser dado por concluído, embora muitas vezes retomado entre uma e outra obra que ia sendo publicada. Isto comprova que o autor estava descontente com o que até então alcançara. Ao cometer suicídio, quase vinte anos depois, continuava a mexer nos originais, a retomar uma história que não lhe parecia pronta para chegar ao leitor.

Acrescentará este título algo à obra do autor de **O velho e o mar**? Numa nota breve o editor esclarece que "este romance não estava concluído à época da morte do autor". Logo a seguir: "fizemos alguns cortes no manuscrito e algumas correções de rotina editorial. Além de uma quantidade ínfima de interpolações de somenos importância, cujo objetivo foi dar maior clareza e uniformidade, nada foi acrescentado". Pode até ser que, neste segundo caso, assim tenha sido. No primeiro (referência aos cortes), restará sempre uma dúvida: o manuscrito original tinha cinco ou seis vezes o tamanho do romance dado à luz. Indaga-se: quais os critérios para os cortes; havia alguma indicação de Hemingway nesse sentido; de que maneira foram feitos; considerou-se basicamente quais fatores; seria esta a proposta do autor? São questões, parece-nos, que permanecerão em aberto.

Este é um aspecto do problema. Outro: qual o papel de **O Jardim do Éden**, se examinarmos outros títulos, no conjunto da obra do escritor americano? Que contribuição trará para o melhor conhecimento de sua maneira de ser e de escrever, de sua psicologia, de suas preocupações com o que fazer e o como fazer literários, com o recado humano e estético implícito ou explícito?

Cremos, sem dúvida, que os leitores em busca de alguns momentos de fruição sairão satisfeitos da leitura. E que os analistas do fenômeno da criação gostarão, quem sabe, de se debruçar esmiuçando aspectos formais, buscando aproximações, discutindo como foi estruturada tal personagem, de que maneira foi (ou deveria ter sido) resolvida tal ou qual situação para um melhor encaminhamento da trama. Mas também não deixarão de sair meio frustrados, desejando ter tido acesso às quase duas mil páginas do original.

Lembramo-nos, aqui, de um exemplo quase semelhante: a publicação de **Tragédia da Rua das Flores**, romance de Eça de Queiroz, desencavado também depois de longos anos, que nada contribuiu para o melhor conhecimento do autor e/ou de sua obra, que tem em **Os Maias** um de seus pontos mais altos e que trata de tema semelhante.



Ernest Hemingway, homem e escritor, teve uma carreira curiosa, ambos se fundindo e confundindo. Louvado em vida, inclusive por sua vida aventurosa e por sua contribuição às letras, considerado um dos expoentes da prosa americana, figura de proa da Geração Perdida, passou a ser depreciado depois de morto. Aliás, não é isto incomum. Sem desejarmos entrar em análises qualitativas de valor, poderíamos citar de passagem, entre tantos outros casos, o de um Anatole France, na França, e o de um Coelho Neto entre nós.

Voltemos, contudo, às anotações a propósito do **Éden** de Hemingway. Como na grande maioria de sua obra, há aqui muito de autobiográfico. O jovem escritor David Bourne possui a inquietação e as paixões de seu criador. E não será preciso muito para descobrir na figura de Catherine, a mulher de Bourne, um pouco de Zelda Fitzgeral e outro tanto de Gertrudes Stein. A primeira com sua compulsão pela bebida que a levaria à loucura e a outra com seu lesbianismo. Na segunda mulher do triângulo, Marita, há embutida a segunda mulher de Hemingway, que ele conheceu mais ou menos na época da história.

A trama é simples. Bourne acabou de ter publicado mais um livro, bem aceito pelo público e pela crítica, acabou de casar, vai com sua mulher Catherine passar a lua-de-mel no sul da França e na Espanha. Sua vida se resume a fazer amor, comer (pouco) beber (muito), dar rápidos passeios, banhar-se nu num trecho deserto de praia, esperar as notícias de seu editor, que lhe chegam periodicamente com recortes elogiando a obra. Até quase metade do livro é isto que temos. Mas há uma inquietação latente, Catherine sente-se invejosa do êxito do marido e quer mais atenção, reluta em aceitar que ele a troque por uma máquina de escrever. São novos textos em preparo. Ela passa a beber mais, sai sozinha, logo dois componentes de sua personalidade se manifestam: a loucura e o lesbianismo. É quando, de inopino, surge a terceira personagem. O triângulo está formado. E as conseqüências são provocadas por Catherine, que tanto deseja se relacionar sexualmente com Marita, como deseja vê-la na cama de David. A partir daí o clima se torna tenso e mais angustiante a cada dia. E as mais de 300 páginas estão centradas basicamente nestas três personagens.

Excelente narrador, Hemingway sabe dosar e trabalhar seu texto. Aqui, contudo, ele não escapa às armadilhas. Por isso, talvez, como se sentisse muito envolvido, não conseguiu resolver algumas situações e nem concluir o livro. Nele estão, sem dúvida, as virtualidades que tornaram Hemingway num autor que sabia chegar ao leitor e envolvê-lo com sua trama: um diálogo vivo e fluente através do qual se erguem e criam as personagens; rápidas e impressivas descrições que ajudam a situar e configurar a trama, agilidade na condução da história. Tudo leva à fruição de um texto onde humor e sensibilidade se conjugam. Mas falta (ou sobra) alguma coisa. O escritor percebia isto. E certamente por percebê-lo não conseguiu levá-lo a bom termo. Há repetição de situações que chegam a saturação, existem desníveis na condução do clima. Mas existem também capítulos envolventes e instigantes que nos devolvem o prazer da leitura.

O início do capítulo XV (pág. 167/8) é um exemplo dos problemas que um escritor enfrenta na sua luta solitária com a palavra no sentido de domá-la sem lhe retirar a força. Revela bem como Hemingway funde com precisão duas narrativas, a do romance que está escrevendo e o da ficção que o personagem Bourne está escrevendo.

David Bourne ouve o motor do carro sendo acionado. É Catherine que vai dar um passeio. Logo ele passa a se sentir "completamente desligado de tudo, exceto da história que estava escrevendo e na qual vivia à medida que a construía". Prossegue Hemingway-Bourne: "Agora enfrentava, uma após outra, as passagens difíceis que tinha temido e, conforme o fazia, as pessoas, o campo, os dias, as noites e o tempo estavam ali enquanto escrevia. Continuou trabalhando e sentia-se tão cansado como se tivesse passado a noite atravessando o deserto vulcânico e o sol o tivesse pego, e aos outros, com os lagos secos e sombrios mais a frente ainda". É o cansaço mental da criação que logo se transforma em cansaço físico. E é a fusão de ambos.

A história se desenrola (a que Bourne escreve) numa África que Hemingway conhecia e amava quase tanto quanto França e Espanha. Bourne continua engolfado na escrita. E logo mais adiante temos um pequeno e significativo trecho que serve bem para situar a proposta da escrita do autor de **As Neves de Kilimanjaro** e serve, por igual, como exercício de reflexão para todos que se preocupam com o papel da escrita, quando autor e personagem se interpretam e completam, criando uma empatia que deve também atingir o leitor. Ei-lo: "Não era ele, mas à medida que escrevia passava a ser e quando alguém o lesse, finalmente, seria quem quer que o lesse e aquilo que encontrassem ao alcançarem a escarpa, se até lá chegassem, e ele os faria chegar a sua base por volta do meio-dia daquele dia; então, quem quer que lesse a história encontraria o que havia lá e haveria de possuí-lo para sempre".

Eis um trecho que vale ser meditado por quem sabe escrever e por quem sabe ler. E que nos deixam outra questão em aberto: afinal não terá valido a pena recuperar do esquecimento este **jardim**, com o que possa conter de informe e inquietante em seu estranho **Éden**?

Revisitando MIGUEL TORGA

112

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA ANEXO

A publicação, entre nós, de alguns títulos ("A Criação do Mundo"; "Bichos"; "Contos da Montanha"; "Novos Contos da Montanha"), da ampla e diversificada obra de Miguel Torga, é fato bastante auspicioso. Resgata uma falha. Dá idéia da importância de um dos nomes mais significativos da literatura portuguesa.

Embora tenha passado parte da vida no Brasil, é aqui praticamente desconhecido. Avesso a badalações e editoras, publicando e distribuindo seus próprios livros, ainda assim se tornou admirado pela crítica e por leitores fiéias. Meu propósito não é falar dos livros ora publicados. Faço um retrospecto.

1950. Número 12 da revista Sul. Entre as colaborações, "Prece", poema de Torga. Junto com o poema havia chegado um volume do "Diário", que ele vinha publicando, em edição própria, com regularidade. (Me parece justo assinalar que, no mesmo número, publicávamos poema de outro nome igualmente significativo da moderna poesia portuguesa "Carne Viva", de José Régio.

Explicação necessária: Sul, desde logo, pretendeu se abrir, nunca foi de um grupo fechado. Tanto que já no número dois, por exemplo, aparecia artigo de Gabriela Mistral, a chilena prêmio Nobel de Literatura; no mesmo número, "A Mulher que Passa", poema de Vinícius de Moraes. No seguinte, três, "A Tarde Imóvel", poema do gaúcho Reinaldo Moura, com carta de incentivo ao nosso trabalho. No número quatro, "Minha Nossa Senhora do Desterro", de Beatriz Bandeira, poeta gaúcha que havia lecionado em Florianópolis.

Não pretendo deter-me relacionando o que se ia publicando. Pulo para o número oito, onde, em tradução do des. Hercílio Medeiros, aparecia na peça em um ato, "O Prazo de Romper", do francês Jules Renard. No nono, o artigo "Teatro Experimental em New York", de Richard M. Morse, que se tornaria um dos mais respeitados brasilianistas, autor de obras como "O Espelho de Próspero" e "A Volta de MaCluanaíma". No número 11, entre os outros poetas portugueses, Fernando Pessoa, com "Poema", que começa assim: "Ditosos a quem acena/Um lenço de despedida/São felizes, têm pena.../Eu sofro sem pena a vida".

E no mesmo número 12, antes referido, ao lado de Torga, estava o poeta e ensaísta uruguaio Gaston Figuera, com "Broadway, esquina 12".

Este número encerrava a primeira fase da Sul, que mudava de formato. Não só. Reexaminava também algumas de suas propostas. Ampliava-se.

É que, ao mesmo tempo em que se ia aumentando (e revelando) colaboradores de Santa Catarina e do Brasil, buscava-se alargar fronteiras, num relacionamento enriquecedor com outras gentes e outras culturas. Ao se encerrar o ciclo da revista, com o número 30 (dez./jun. 1957/58) havia-se publicado trabalhos das mais variadas procedências, tornando Sul um veículo de integração. Em nosso derradeiro número lá estavam, por exemplo, seis jovens poetas argentinos, hoje nomes expressivos das letras do país vizinho, num projeto pioneiro do que agora se convencionou chamar Mercosul.

Embora o Grupo Sul (que começou como Círculo de Arte Moderna) espécie de rebento tardio da Semana de Arte Moderna de 1922) completa 50 anos em 1997, não é disto que pretendo falar. Mas a introdução se tornou necessária para explicar o que virá.

VOLTA A TORGA

O poema publicado causou impacto entre os "novos" de Florianópolis, o livro circulou de mão em mão. Todos queriam mais. A essa altura já se sabia que Torga residira no Brasil, não trabalhava com editoras, ele mesmo publicava e comercializava seus livros, era médico, e um tipo estranho de bicho do mato. A solução foi apelar para o nosso correspondente, o também poeta Manuel Pinto, a quem havíamos chegado graças ao Marques Rebelo, e que nos abastecia do que ia aparecendo nas letras portuguesas. (Em compensação, daqui recebia o que ia surgindo na literatura brasileira). Não demorou: logo tínhamos outros volumes do "Diário", bem como os livros de contos "Bichos"; "Contos da Montanha", devorados com sofreguidão e crescente interesse.

Leitor contumaz de literatura brasileira e portuguesa, tendo, ainda criança, me iniciado ao mesmo tempo em Machado e Eça, foi só a partir da década de quarenta que passei a tomar contar mais efetivo com o universo mais recente da literatura portuguesa — e a chamada africana de expressão portuguesa.

Ao que me conste, ainda que tenha passado boa parte de sua adolescência no Brasil, Torga só teve um livro aqui publicado. E isto porque a censura salazarista proibira a circulação em Portugal, ao mesmo tempo em que prendia o autor. A receptividade, pelo menos por parte do público, não deve ter sido muita. Nada mais saiu. Agora, afinal, Torga sai do limbo injusto em que se encontrava. Os livros lançados pela Editora Nova Fronteira dão a dimensão do escritor. Esperemos que a resposta seja a merecida e novos títulos surjam.

Jamais perdi Torga de vista. E em 1985 tive a satisfação de conhecê-lo.

Um grupo de escritores, graças a Cremilda Medina e seu livro ("A Posse da Terra — escritor brasileiro hoje"), recebeu convite para uma temporada em Portugal, a fim de manter contatos com instituições culturais e escritores. Um dos nomes anotados para visitar só podia ser Torga. Muitos de nós duvidaram. Ele raramente recebia alguém, não gostava de papo com muita gente.

Estávamos em Coimbra. Ele morava perto. Não custava tentar. Nossos embaixadores não podiam ser melhores: Heloisa Ramos, viúva de Graciliano, e o filho Ricardo. Mais tarde eles nos disseram: ao saber que éramos brasileiros, não foi preciso convencê-lo. À noite veio ao nosso encontro no hotel. Ficou horas.

Simples, afável à sua maneira, não vou dizer que era um homem extrovertido que se expande. Não! Mas para nós, pelo menos, não foi bicho xucro, colocou-se à disposição, respondeu a nossas perguntas, falamos de livros, de sua obra, da passagem pelo Brasil, de quase tudo. Mas Torga gostava de se preservar. Por vezes ria mansamente, desviava o assunto quando era estritamente pessoal. Éramos mais de vinte, cada qual querendo saber dele, uma pergunta engatilhada. Eu, tímido, introspectivo, queria me chegar, sem saber como. Foi preciso um empurrão, talvez da Eglê, minha mulher, talvez do Ricardo. Até que me vi próximo a Torga, falei dos livros que havia lido, da profunda impressão que me causaram. E num ímpeto: claro que você não deve se lembrar, faz muito tempo, mas a primeira coisa que li sua foi um poema, em uma revista. E ele: numa revista? E eu: sim. E ele: qual revista? E eu: numa revistinha que tínhamos em Florianópolis, a Sul. Torga pensou um pouco, como quem busca, depois me olhou, respondeu, sim-sim, me lembro, quem pediu o poema e falou do trabalho de vocês foi um amigo, me mostrou um número de revista, falou do esforço de vocês naquele momento tão difícil para nós, com a censura. Parou, rememorativo. Conversamos mais um pouco, perguntou o que eu fazia, outros interferiram, na despedida trocamos mais algumas palavras.

Vou agora à descrição que de Torga faz o poeta Alberto da Costa e Silva, ex-embaixador do Brasil em Portugal. Está em "A Criação do Mundo". Nada a acrescentar ao perfil traçado. É um retrato mais do que pertinente. Não quero me antecipar ao possível leitor, retirando-lhe a satisfação da descoberta. E depois de mergulhar na criação do mundo, tenho certeza, irá aos outros livros, chegando até os tão humanos contos de "Bichos".

Prece

Miguel Torga

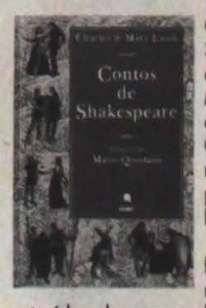
Senhor, deito-me na cama
e a todo o comprimento
sou sete palmos de lama
sete palmos de excremento
da terra mãe que me chama.

Senhor, ergo-me do fim
desta minha condição
onde era sim, digo não
onde digo não, digo sim,
mas não calo a voz do chão
que grita dentro de mim.

Senhor, acaba comigo
antes do dia marcado
um golpe bem acertado
o tiro dum inimigo
qualque pretexto tirado
dos sarcasmos que te digo.

◆ Sul nº 12, Fpolis, 1950; incluído na Antologia Poética, pág. 246.

Indicações literárias



CONTOS DE SHAKESPEARE, de Charles & Mary Lamb, tradução de Mário Quintana, editora Globo, 358 págs. Escrito em 1806, o livro é formado por 20 narrativas leves extraídas das peças do grande gênio do teatro universal. O objetivo da coletânea era possibilitar às crianças e adolescentes formar uma idéia esquemática da obra de Shakespeare, sem pretender substituir a leitura dos textos originais. Mas, embora originalmente destinado aos jovens, o livro dos irmãos Lamb obteve enorme sucesso entre o público adulto de língua inglesa, servindo como excelente introdução à leitura e compreensão do teatro shakespeariano. É uma oportunidade de ouro ler este livro e se abeirar do imaginário precioso de Shakespeare.

DEDO-DURO & MENINÃO DO CAIXOTE, de João Antônio, licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Record (rua Argentina, 171, CEP 20921-380, fone 021-585-2000, Rio de Janeiro, RJ), 246 págs. Uma das obras-primas do genial escritor João Antonio, recentemente falecido, "Dedo-Duro..." traz personagens que se confundem com o autor. São em sua maioria do submundo: jogadores de sinuca, prostitutas, traficantes, alcagüetes; há também gente do futebol, da música popular e da publicidade — todas visceralmente identificadas com o seu meio de vida e de morte, que lhes modula os sentimentos e a fala, em perpétua revolta contra a sociedade, cuja pressão os esmaga, sejam eles marginais ou não. João Antônio era o nosso Boca de Inferno contemporâneo.

A criaç

JOEL GEHLEN
EDITOR DO ANEXO

"A Criação do Mundo" (Editora Nova Fronteira), o principal livro de Miguel Torga, é um retrato íntimo da formação e da vida de um escritor. Escrito em tom autobiográfico, é um relato da vida privada, os afãs, viés e solidões deitados à página como se fossem considerações em voz alta. Cada capítulo do livro está repartido num dia da semana em que Deus criou o mundo, segundo a Bíblia. É uma obra foi sendo escrita como um diário, mas não é um diário porque Torga, neste mesmo período que o livro cobre, escreveu e publicou um volumoso diário. O escritor português morreu em 1995, aos 88 anos, sem terminar "A Criação do Mundo", que ficou sem o sétimo dia.

São escritos a deitar desdizeres, apanágios como que palavras-pérolas na conta de um colar. Escalavrando locuções, frases, construções linguísticas que são puros epítetos. Jóias sublimes, que convida o leitor a parar e apreciar seu efeito devastando nossas certezas. A prosa de Torga vai assim, como num diário catando as miudezas que cercam a vida, as mudanças provocadas pelas estações na terra onde medram urzes, as vozes que falam pelos símbolos rurais. E Torga vai anotando as vicissitudes do espírito diante de cada totem interior irremediavelmente partido, faz o inventário incansável de tudo. O homem empurrado pela força obscura e teimosa do destino, que fala demasiadamente de si e no entanto é o mundo inteiro no ser único e múltiplo.

O livro inicia com um dia de estudo na vida de um campônio de Agarez. Deste menino rural acompanhamos sua trajetória passando pelo homem cheio de angústias até o ancião que se despede consciente de que os dias vindouros não são mais

◆ LITERATURA

113

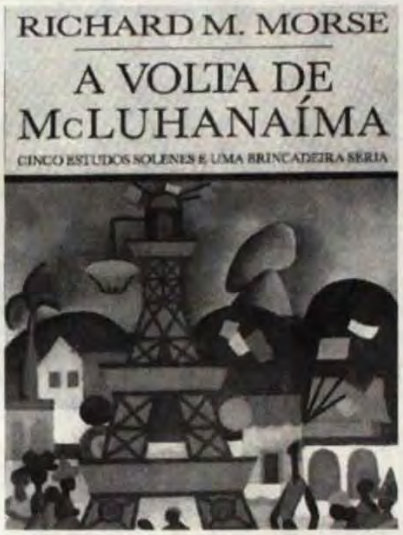
Encontro com Richard Morse

SALIM MIGUEL
ESPECIAL PARA ANcapital

Cinco de novembro. Chego a Brasília para o 1º Encontro da Cultura Brasileira, promoção do Ministério da Cultura, do governo do Distrito Federal, da UNB. Estou na recepção do hotel. Falta pouco até que a condução venha nos levar ao Teatro Nacional, local da abertura. Olho de um lado para outro, em busca de conhecidos.

Alguém me chama, acena. É o Muniz Sodré, jornalista, professor, escritor. No Rio de Janeiro, trabalhamos na mesma empresa jornalística. Com meu retorno para Florianópolis, continuamos nos comunicando e encontrando. Me dirijo até ele. Ao lado, um senhor alto, mais para magro, cabelos louros-brancos rareando. Muniz apresenta-o: "É o professor Richard Morse, conhece?" E eu, antes que o Muniz prossiga, conheço, sim, dos livros, e esperava encontrá-lo aqui. Acrescento, talvez o professor Morse não se lembre, mas colaborou em uma revista que circulou em Florianópolis, a Sul, década de 50. Sem dar tempo para que eu prossiga com a explicação, Morse, com aquela precisão que caracteriza seu trabalho de brazilianista, me interrompe para esclarecer, num português de sotaque carregado porém impecável, lembro-me sim, mas minha colaboração começou em fins da década de 40. E na dedicatoria no livro que lhe levei para autografar, ele se refere à colaboração e a satisfação de afinal nos conhecermos pessoalmente.

Num ótimo recuo no tempo, recupero a Florianópolis tão agradável da primeira metade do século, quando um grupo de jovens dá início ao movimento cultural e artístico que viria a se tornar conhecido como Grupo Sul. E que visava não apenas mexer com a pacatez da cidadezinha, questionar os falsos valores, inquietar, como também deixar um recado estético e humano. Movimento aberto a quem quisesse colaborar, da terra, ou de qualquer parte do mundo.



De que maneira chegou a colaboração do Morse? Não consigo me lembrar. E a interrupção, quais razões a motivaram? Não sei. Sei, sim, que lhe gravei o nome, adquiri seus livros saídos no Brasil. Da mesma forma como ocorreu com Angel Crespo, da Espanha que traduziu para o espanhol poemas da Eglê Malheiros (há pouco foi publicado em português seu importante "A vida plural de Fernando Pessoa"), que nunca consegui encontrar pessoalmente, ou um Luandino Vieira, colaborador de Angola (que então se assinava José Graça), com quem me encontrei, anos depois, num Congresso de Escritores em São Paulo. Fico só nesses exemplos.

Muniz disse meu nome, Morse quer informações sobre a Sul, o que eu fazia. E durante três dias (5/7-11) nos encontramos várias vezes, falei-lhe da funda impressão que seus livros me causaram. A propósito de "O espelho de Próspero", seu livro mais conhecido entre nós, diz Antonio Cândido: "Terminada a leitura, cada um verá que raras vezes tomou conhecimento de uma visão tão inspiradora e original das relações entre a face anglo-saxônica e a face ibérica do Novo Mundo." E Mathew Shirts, referindo-se a "A volta de Mcluhanaíma": "Richard Morse é um dos poucos pensadores americanos originais de hoje."

Eu lhe levara livros meus. No último encontro, Morse estava com "Primeiro de abril - narrativas da cadeia". Disse-me que começara a leitura. Espero que o ajude a avaliar o que foi aquele período.

Pergunto-me: que impressão levará do Encontro? Sua substancial conferência, "A cultura brasileira em perspectiva comparada", proferida no auditório Petrônio Portella, (do Congresso Nacional), com capacidade para mais de 600 lugares, contou com uma audiência de 23 pessoas, incluídas as que ali estavam por obrigação. Morse merecia bem mais, que sua conferência fosse na Universidade de Brasília, com presença compacta de professores e alunos. Ele certamente nada perdeu, embora não deva ter saído satisfeito; perderam, e muito, os que não tiveram oportunidade de ouvir sua instigante exposição. Caso venha a ser publicado, seu trabalho será outra valiosa contribuição de Morse para o melhor conhecimento de nossa cultura e reforço de nossa auto-estima e auto-confiança como nação.

114|MIGUEL, Salim. Eça, Renovador. **Gazeta das Letras,** 08/01/1950, p. 1.

MECANICISMO

SEIXAS NETTO

Um dos maiores erros cometidos pelos historiadores é registrar diferentes escolas autônomas de filosofia na atualidade. Há, irrevogàvelmente, um eterno circulo vicioso filosofia-ciência. Uma experiência científica resulta, sem dúvida alguma, de hipótese filosófica. Por outro lado, a hipótese filosófica, a concepção mais adiantada, é resultante imediata da experiência. E não foi sem outro propósito a nossa definição: *"Entre o cientista e o laboratório existe a profundidade inconcebível da filosofia"* (OS PROBLEMAS DO TEMPO E DO ESPAÇO).

Não existe mais a filosofia-teórica, pura e eficientemente metafísica. A filosofia contemporânea é uma extensão dos laboratórios, dos observatórios astronômicos... Para figurar esta proposição deve recorrer-se à "pilha de eletricidade". A filosofia é o *"negativo"*; o positivo, a experiência; o *"excitante"*, os fracassos teóricos e experimentais. E dêsde os primeiros dias essas *"placas"* vêm sendo *"ligadas"* produzindo a *"luz"*, a sabedoria humana...

"A proporção que se foi tornando maior a distância com relação aos clássicos dum glorioso passado, os olhos foram ficando mais livres para se verem as realidades e o mundo de problemas inteiramente novos que se ia levantando, ao mesmo tempo que uma nova conciência se foi também formando para sabermos melhor como aceitar a herança dêsse mesmo passado. Assim, a obra do século XIX, mesmo nas suas baixas e curvas filosóficas, aparece-nos sob uma outra luz. A Filosofia encontrou-se de repente colocada, ao acordar de novo, diante duma quantidade incalculável de grandes temas e problemas que, por sua vez exigiram um renovado esforço de aplicação, bem como o emprego de novos principios e métodos". — (*Heiz Heisoeth — A Filosofia do Século Vinte*. págs 14-15).

A fragmentária filosofia da antiguidade foi-se unindo até que, no inicio dêste século, depois de ligeira confusão de partes, apresentou-se um corpo relativamente sólido de doutrina filosófico-experimental: *O Mecanicismo*, com três setores: *Mecanicismo Deter-*

Continúa na 7ª página

A PROPÓSITO DE RECENTE LIVRO

A propósito do recente livro do jornalista Walter F. Piazza, "SE ELAS FALASSEM...", recebeu êste conterrâneo, entre outras apreciações, uma carta do Cmdte. Lucas Alexandre Boiteux que, também, é natural de Nova-Trento, e onde se lê:

"Foi para mim agradável surpresa o recebimento de teu interessante trabalho histórico-literário "Se elas falassem...", cujas figuras e fatos descritos e narrados vieram recordar minha meninice tão cheia de episódios saudosos e já tão distantes!

"Se as águas límpidas, bulhentas e saltitantes do querido ribeirão do Alferes, nas quaes desnudo tanta vez mé banhei pudesse recordar comigo os tempos d'outróra, estou certo que muitos outros fatos interessantes e dignos de memória ressaltariam alguns deles eu já os havia fixado, em prosa chilra, e bem verdade, nos meus lazeres e nas horas de cismas e de muita saudade. Como Stecchetti eu desejaria também decantar o travesso ribeirão do Alferes, o "bel fiumel del mio paese" e com êle seu fiel companheiro, o rio do Braço, cenário que foi de muitos casos merecedores de serem contados. O teu livro, meu caro Walter, leve, cintilante, expressivo, me fez um bem imenso! Foi um suave estímulo à minha memória e um balsamo ao meu coração.

"Fez reportar-me, em pensamento, ao querido torrão natal e rememorar os dias de uma infância que passei tão descuidada e tão feliz. E, como me é grato, neste momento, após as páginas, que acabo de relêr de teu revivescente e recordativo trabalho, fazendo meus os tercetos de Belmiro Braga, murmurar:

"Ah! como guardo na memória, [viva
Essa infância risonha, fugitiva,
Passada entre os carinhos dos [meus Pais.
Tudo, tudo passou... Mòfar quem [há de
Das lágrimas que choro de sau- [dade
Daqueles dias que não voltam [mais!"

Como é doce recordar! E as belas e evocativas páginas que escreveste me levaram a saborear mais uma vez o fruto agridoce da saudade."

Dêsse modo o trabalho do jornalista Walter F. Piazza está sendo devidamente apreciado.

ODE III

AOR SEIXAS RIBEIRO

O documento impresso no meu rosto
na tentativa da lágrima e da morte
não me faz esquecer... sòmente o tédio
Impulsionou o coração adiante
do chegado itinerádio de criança.

Saudades do Sul. Do frio.
O casaco pobre; quadro da infância distante,
mostrando a pausa
do sentimento das últimas lágrimas
musicais da lucidez tranquila.

Os intrépidos sonhos, adiante perdidos.
A memória de minha mãe
que me trouxe do exilio para o exílio
é a paixão intrépida e desesperada.

Estarei destinado ao olvido?
Nunca me faltaram dos esquecimentos,
nunca fui o real, fui sempre o incapaz
de rasgar o lenço que abrigou
a primeira lágrima quente de um Anjo.

[*Do livro "Regresso Eterno"*]

Eça, Renovador

SALIM MIGUEL

"A rotina, numa das suas formas mais estupidas, é a persistência caturra numa primeira impressão".

Eça de Queiroz

Melancólicamente poderíamos começar com um paralélo: se gostássemos de paralélos e comparações. Acharíamos que êste nosso pobre mundo é muito micho e vulgar, muitissimamente corriqueiro. Pobre e sem novidades, tudo se repetindo. Um velho mundo que não se peja de retornar sempre e sempre, em tôdas as latitudes e épocas às mesma coisas, dos mesmos métodos de ataque e defesa; cada qual querendo ter a mais inteira razão, sem ceder nada, sem conceder nada aos demais; cada qual sendo possuidor da verdade última, querendo conhecê-lo integralmente.

Porque, em aparência, em superficie, a coisa assim se dá. Porém aprofundando, vemos que há diferenças no sentir, no reagir, no analisar. E que tudo sendo o mesmo, não o é, pois está sempre sofrendo modificações imperceptiveis. É que as coisas são e não são ao mesmo tempo. No nosso caso o que sobra é o mesmo ponto de partida, a aparência — e dela podemos tirar conclusões se não indênticas mas que possuem muitos pontos de contacto, semelhanças de ver e sentir. Cuja diferença é de período, época e costumes. Podendo contudo ser utilisada para um paralélo.

Poderíamos agora, dentro dêsse prisma que traçamos, achar igualdade entre Eça de Queiroz e Mário de Andrade. Pelo sentido renovador da obra deles, primeiro. Pelo que trouxeram como contribuição ao periodo em que viveram e no que ajudaram a tirar a literatura e arte de sua rotina. E terceiro porque ambos foram taxados de "desescritores de livros".

Não é nossa intensão saber se ambos tiveram outros pontos de contacto no sentido artístico — o que não vem ao caso, nem estudaremos no momento. O importante, por ora, é que ambos sofreram ataques, ambos não conheciam — no dizer dos literatos que nada fazem, dos literatos de algibeira e fracassados — a lingua que manejavam.

No entanto, nada mais absurdo, nada menos contra a verdade insofismável dos fatos que saltam à vista ainda do mais cego e intransigente. Porque nos resta saber "o que significa conhecer a lingua".

(Continúa na 3ª página)

Gazeta das Letras

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A GAZETA"

ORIENTAÇÃO DE WALTER F. PIAZZA

ANO I — Florianópolis, domingo, 8 de janeiro de 1950 — Número 1

ARTUR RAMOS E O HOMEM BRASILEIRO

OSVALDO F. DE MELO

[Da Sub-Comissão Catarinense de Folclore]

Há dois meses, o fatalismo da morte roubou ao Brasil a sua maior figura nos domínios da antropologia e da etnologia, principalmente no que concerne aos problemas da aculturação do negro na América.

Na velha Paris, quando em plena atividade — naquela atividade que sempre o carcterizara e que o havia levado à presidência da Comissão de Ciências Sociais da UNESCO — Artur Ramos se despediu dêste mundo. Fecharam-se aqueles olhos tão compreensíveis, que viram o que muitos outros não viram debaixo da pele, do cérebro e do coração do negro e do mestiço.

Foi uma perda grave, e o mundo científico chorou. E não só os eruditos, analistas, etnólogos, e antropólogos. Chorou o Mané Zango, o negro Muafá, o cafuso, o cabôclo o estudante da Faculdade, o folclorista, o homem da rua — a quem um calçamento exótico modelou de maneira que os outros não comprendem e por isso o achincalham...

Para uns desapareceu o incansável defensor de seus direitos, de sua existência, de sua realidade; para outros faltou o mestre querido, com suas palavras de fé e de estímulo — vózes e lamentos do cérebro e do coração.

—

Foram 45 anos de existência e quase isso de trabalho e dedicação ao Brasil e à humanidade. Nascido numa família onde a ciência e a literatura tinham guarida, Artur Ramos começou cedo a sua formação cultural. Mais tarde, seria homem de ciência a par de escritor primoroso.

A medicina despertou nêle a curiosidade e o senso de pesquiza. Foi um psiquiatra de idéias sadias, dizem-nos os seus livros: Primitivismo e Loucura (1931), Estudos de Psicanálise (1921), Psiquiatria e Psicanálise (1934), etc.

Quando seus pendores, levados por recordações que lhe afloraram do sub-consciente, conduziram-no ao caminho da antropologia, sua obra avultou-se de maneira extraordinária. Surgiram o Folclore Negro no Brasil (1935), As Culturas Negras no Novo Mundo (1937) e outras obras notáveis.

A libertação política e formal, que Isabel assinou em 1888, pouco representa ante a libertação científica e moral, que Artur Ramos oferece ao negro brasileiro, em seus livros.

Conhecedor da formação étnica do nosso povo, foi-lhe fácil estudar as suas manifestações mentais. Daí as magnificas conclusões sôbre o homem do Brasil, indispensáveis a todo aquele que se disponha ao estudo do folclore brasileiro.

Artur Ramos nos deixou. Scripta manent, contudo. E, felizmente, a sua contribuição escrita ao estudo das ciências sociais está perpetuada.

Falando sôbre a sua personalidade, Alceu M. Araujo, disse há pouco: "Artur Ramos" orixalá do Negro do Brasil. Eu, mais afoito, diria: Artur Ramos: emancipador científico do homem do Brasil.

POEMA

Ao sr. P. de A. C. em homenagem aos seus elevados dotes de humanidade.

AOR SEIXAS RIBEIRO

Essa belesa de sombras concentradas
na mesmissima vontade sem conforto
não te revolta .. ....
os idilios vivos ....
sem a música dulcissima das coisas?

E essa longa vaidade indiferente
a tôdas as vaidades que houvera
Agora, ...
antes e depois das caravelas
glorificando o vendaval da vida?

Pois a mim me revolta o concentrado
sorriso das coisas impossiveis
e o rosto dos tiranos derrotados.
Oh! noites! .....
Oh! glória! aonde te inclinas?

Morrem tiranos e hipótritas.
Nascem Cristos e Cruzes
e nascem luzes ressurgindo os sons.

(Do livro "Regresso Eterno")

Antologia Machadiana

Washington, (Serviço da União Pan-Americana) — Acaba de ser publicado pelo Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana uma antologia de seleções das obras de Joaquim Maria Machado de Assis, o famoso escritor brasileiro do século XIX. O quarto volume da série "Escritores da América" intitulado "Machado de Assis Romancista", editado e preparado por Armando Correia Pacheco contem trechos escolhidos das obras principais do grande romancista do Brasil.

Dr. Pacheco, nascido em Curitiba, Paraná, atualmente residindo em Washington, D. C., é Especialista em Filosofia e Letras da União Pan-Americana e tem os titulos de Bacharel em Filosofia e Ciências Sociais e Políticas pela Universi-

Continúa na 7ª página

POETAS NOVOS

Por *A. Roland de RENEVILLE*

Quando m 1891, Jules Huret, que fazia um inquérito sôbre a evolução literária, pediu a Paul Verlaine uma apreciação sôbre as inovações técnicas dos poetas simbolistas, que o classificavam entre êles, recebeu de seu interlocutor uma resposta inesperada. Verlaine, com efeito, disse-lhe, de modo familiar, palavras de protesto contra as novas formas de expressão empregadas pelos que se consideravam seus discípulos, e referiu-se, especialmente, ao verso livre: "Eu amplici um pouco a disciplina do verso — observou —, e não fiz mal; mas não o suprimi. Para haver verso, é preciso haver ritmo. Atualmente, fazem-se versos de mil patas! Já não são versos, é prosa, algumas vezes mesmo uma linguagem que ninguem entende... *E sobretudo, isso não é francês, não, isso não é francês!* E chama-se a isso versos ritmicos! Mas nós não somos latinos, nem gregos!"

Parece que há sessenta anos de distância, os novos poetas se confabularam para dar razão a Verlaine. O verso livre está sofrendo um desapêgo cada vez mais acentuado, enquanto que o verso regular ganha os sufrágios dos novos poetas. E esta observação não serve apenas para certos poetas célebres, que começaram a usar em seus primeiros passos o verso livre, voltando mais tarde ao verso regular, como Jules Superviele e Paul Eluard. E confirmada também pela análise que se pode fazer das obras de poetas que estão ainda em seu período de ensaio. Deve-se concluir daqui, sem dúvida, que o gênio da lingua francesa reconquista, através desses poetas, suas exigências e direitos, sem que se possa, no entanto, ignorar a contribuição valiosa do verso livre à métrica francesa sob o principal impulso de Arthur Rimbaud.

Assim, Claude Roy publicou uma coletânea de poemas em versos regulares, sob o titulo de *Le poète mineur*. Como lema de sua obra, apresenta a definição que o dicionário nos dá da palavra menor tomada em suas várias acepções, o que lhe permite jogar em diversas direções e alimentar um equívoco no espirito do leitor: a palavra "mineur" designa, com efeito, o homem que trabalha debaixo da terra, mas a expressão de poeta menor refere-se a um poeta de segunda ordem. Claude Roy quer dizer com isso que seus poemas são o resultado de uma meditação sôbre seus problemas interiores e que nos apresenta com modéstia. Todavia, numa nota anexa, declara da frma mais explicita que a primeira acepção do seu titulo todas as preferências. "As fontes intimas onde êstes poemas vão buscar a sua água (talvez o seu frescor), escreve êle, não são, no entanto, a meus olhos "mineures", na acepção restritiva do termo. Mas, melhor, na acepção em que as minas são mais profundas".

Assim, como o autor pressentiu, encontra-se, com efeito, muita graça e frescor nos *Nocturnes*, nos *Bestiaires*, e nas peças elogiadas do *Poè e mineur*. Seus alexandrinos são harmonicos e passa, às vezes, por êles um ritmo de canção bordado por um jogo finissimo de imagens, todas coloridas de flores e de chamas, repercutindo os gritos e os passos de um fauno familiar. Todavia, a admiração que Claude Roy tem por Aragon e Supervielle não o deixa compor uma lingua e uma mitologia capazes de nos fazerem esquecer outras em que êle tantas vezes sonha. Consiste aí, a reserva que Claude Roy foi o primeiro a fazer a seus poemas e que se refleto no próprio titulo. Entretanto, seria injusto não se apercebber da profundidade e sinceridade dos sentimentos purissimos que nêles se exprimem. A rainha das paixões distancia um pouco o autor de seus mestres: seus poemas de amor revelam um verdadeiro lírico, em posse de um canto pessoal. É nesses cantos dedicados a Claire que Claude Roy se nos mostra como um poeta comovente e profundo.

O poeta Philippe Dumaine é o editor e criador de "A l'enseigne de Phomme mélitant" que contem obras de seus amigos e dêle próprio. Uma composição, de que êle é autor, *Agression de l'inconnu*, abre a série de poemas que se propõe revelar-nos. Philippe Dumaine e os poetas do seu grupo, tais como Louis Emié, que publica *Les dormeuses*, e Pierrette Sartin, a quem devemos *Visages de l'absence*, são fiéis à forma regular do verso, afetando não levar em linha de conta inovações às vezes sistemáticas de seus predecessores imediatos, salvo no que respeita ao uso de rima, cujos rigores Philippe Dumaine e Pierrette Sartin estudam. Verlaine teria, decerto, louvado êsse respeito pelo ritmo da versificação francesa, mas teria, por outra parte, lamentado não encontrar sempre nas poesias desses votos essa joia de pouco preço que era para êle a rima, mas que teve sempre o cuidado de levar a seus próprios versos. A êsse respeito,, as poesias de Emié ter-lhe-iam dado satisfação. E penso também que não condenaria em absoluto as harmoniosas assonâncias de Pierrette Sartin.

A coletânea de Philippe Dumaine desenvolve-se sôbre o tema do poeta concentrado em sua vida interior, que, como uma árvore, não quer dar ao mundo senão uma forma aparentemente insensivel, mas que logo deve ceder à *Agression de l'inconnu* Sente a necessidade de compor a fisionomia que dêle esperam os outros homens. E só pelo amor escapa às exigências de um mundo que êle se desvia e encontra, por seus prestígios, um universo sem defeito.

São as fisionomias de todos que foram em busca da quimera e que desapareceram para sempre em suas emboscadas que povoam a obra de Pierrette Sartin. Suas *Visages de l'amour* sossobraram numa pesquiza de amor que corresponde à própria expectativa.

Philippe Dumaine e Pierrette Sartin rehabilitam, como se vê, a poesia de tema. Todavia, o lirismo puro tem ainda em suas obras parte predominante , e o tema da obra é apenas um pretexto e uma justificação para os "elans" que êle provoca.

Não sucede o mesmo com Louis Emié, cujo conjunto *Les Dormeuses* é constituido por um longo poema e uma série de sonetos escritos sob invocação de Persephone, Louis Emié desenvolve em alexandrinos de um classicismo sem concessões o tema por êle escolhido, e sua meditação toma às vezes o passo às potências da emoção. Os mistérios da personalidade que se dissolve no sonho e no amor, ligada com o mito de Persephone, inspiram-lhe versos perfeitos, que seria, decerto, do agrado de Paul Valéry. Testemunham, com efeito, um rigor, um amor do oficio, um sentido da harmonia que honram grandemente seu autor. Mas lamenta-se, às vezes, que uma certa secura intelectual nem sempre seja temperada em Louis Emié por essa sensualidade das idéias e êsse delírio metafórico que talvez tivesse evitado os perigos da poesia filosófica.

(S. F. L.)

Letras daqui, d'acolá e d'além...

• • Nas livrarias de Florianópolis no último semestre de 1949, tivemos o prazer de registrar o aparecimento de alguns nomes da terra: Walmor Cardoso da Silva com "Idade 21", poemas, Cadernos Sul; Walter F. Piazza com "Se elas falassem...", "Contos de minha terra", edição do autor; e o Prof. Altino Flores com "Gœthe, os "novos" e os "velhos", artigos de polêmica enfeixados em volume.

• • O Romance Russo de Melchior de Voguê, em tradução de Brito Broca. O livro do conhecido crítico e ensaista francês apareceu em 1886 e foi através de suas páginas que o público francês começou a travar conhecimento com a poderosa literatura russa, antes quase que totalmente desconhecida dos leitores franceses. A importância dêste livro-conforme acentuou o tradutor — não foi sòmente a de revelar o "território desconhecido do romance russo, mas também a de ir ao encontro à filosofia materialista em que repousavam as diretrizes estéticas do realismo e do naturalismo".

• • Pouco a pouco vão sendo divulgados os nomes de alguns dos livros que aparecerão no próximo trimestre: "RUY", estudo de interpretação de Américo Jacobina Lacombe, diretor da Casa de Ruy Barbosa; "NABUCO,, biografia do escritor e estadista brasileiro, por Mucio Leão; "MELEAGRO" (depoimento e pesquisas sôbre a Magia Branca no Brasil), por Luiz da Câmara Cascudo; "PROVINCIANOS", coletânea de ensaios de Aderbal Jurema, diretor da revista "Nordeste", editada em Recife. Outras obras que serão lançadas ainda em 1950: "POESIAS", de José Paulo Moreira da Fonseca; "CANTOS", de Olympio Mynat da Fonseca. Traduções: "DIARIO", de Joseph Goebbels; "NAVIO FLUTUANTE", romance da norte-americana Edna Ferber.

• • O diretor de cinema Leitão de Barros (que filmou a vida de Castro Alves), vem de publicar em Portugal uma obra intitulada "COMO EU VI CASTRO ALVES", em que apresenta alguns fatos novos sôbre a vida do grande poeta e principalmente sôbre Eugênia Câmara. Leitão de Barros visitará breve o Brasil.

• • Tôda a correspondência e publicações para êste suplemento literário devem ser remetidas para o seguinte endereço: WALTER F. PIAZZA — Caixa Postal, 308 — Florianópolis.

Eça, Renovador

Continuação da 8ª página

para um escritor. Quais as características primordiais dos que conhecem a lingua. O que os identifica? Ser gramático ou filólogo? Ou saber manejá-la? Tenha-se em conta que muito raramente um gramático ou filólogo é escritor, sabe manejar a língua, tem a liberdade de cometer um "erro" em proveito da beleza da frase ou maior compreensão do trecho. Em geral tais pessoas possuem um estilo seco, duro, nada maleável, sem grande vibratilidade. Será ainda que é o gramático ou filólogo que faz a lingua? Não! O povo, os escritores, êstes sim, fazem a lingua. Êles, a criam, a matam, êles fazem renascer um vocábulo antigo, ou constróem neologismos. Os fazedores de regras vêm muito depois, quando tudo já está prâticamente pronto, liquidado — quando o povo e os escritores já estão se preparando para novas descobertas e tentativas.

Saiba-se de uma vez por tôdas: a lingua não é uma coisa morta; a lingua está, como não podia deixar de ser, em constante evolução, em transformação perene, em marés de fluxo e refluxo. Dentro de um mesmo país, como o Brasil, quase na mesma época, a lingua tanto falada como escrita, não é idêntica, não é literalmente a mesma, igual, sofre modificações de uma parte para outra, de uma zona, para outra, tanto prosódica como ortogràficamente. Às vezes tem sentido inteiramente diverso, significado vário.

Se assim é dentro de um mesmo período, como não querer que a [illegible]rua acompanhe as modificações por que passam os povos, os modos de ser e reações diversas em épocas e costumes diversos? Seria o mesmo que matar a lingua — e o povo, que é a língua viva.

Eça de Queiroz, com seu grupo — os Vencidos da Vida — renovou as letras de Portugal, que antes dêles estavam em verdadeiro estado de estagnação, de parada em formas que antes poderiam ter sido boas e novas mas já não serviam à época. Também Eça, como não podia deixar de ser, foi taxado de iconoclasta e ignorante. Talvez até alguém tenha pensado ou escrito um artigo intitulado: "Eça, desescritor de livros." Não é de espantar. Pois êle sofreu centenas de críticas ferozes, dos Pinheiros Chagas e Bulhões Patos da época. E gente que sempre existiu e existirá. Gente que não quer ver; que não procura compreender; que faz questão em não enxergar. Frisemos no entanto: ninguém está a exigir que todos compreendam, que nunca existam acadêmicos ou retardados. Em absoluto. Agora também tudo tem limite. Seria o caso de ainda hoje se querer desconhecer o valor de um Eça ou Mário, só porque êles não pactuaram com o que vinha sendo feito e se procuraram caminhos próprios. Mas podemos também transcrever:

"Além disto havia a irritante questão da língua. Eça de Queiroz transformou o português — não com o fim de crear escola (*lembremo-nos de Mário: "Não quero discípulos. Em arte: escola igual a imbecilidade de muitos para vaidade de um"*) mas no louvável intuito de imprimir definitivamente à língua uma nova diretriz com novas possibilidades de brilho, de beleza e de maleabilidade. Era ainda aqui um inovador — e, como todo inovador, começou por "forçar a nota". Mais tarde, encontrou o justo equilíbrio e chegou quasi à perfeição, mas — tal é a força de penetração duma idéia feita num país de grande indolência mental — ainda hoje se escreve gravemente que Eça de Queiroz não sabia português e desconhecia as regras mais elementares da gramática — o que parece insinuar que os escritores são a consequência das gramáticas, em vez de serem as gramáticas a consequência dos escritores, e que, ou a língua chegou ao fim da sua evolução, se tornou insuscetível de aperfeiçoamento ou modificação, cristalizou definitivamente, isto é, morreu, ou, como no Baixo Império, existem em Portugal duas línguas: uma que se fala e outra que se escreve! O certo é que Eça de Queiroz conheceu a sua língua como poucos e o domou como ninguém. Haveria ingenuidade em notar ignorância onde só houve propósito..." (Prefácio de José Maria D'Eça de Queiroz, pág. XIV e XV, ao volume "Cartas inéditas de Fradique Mendes", de Eça de Queiroz).

Convenhamos: a transcrição é grande — prá nós que não gostamos de transcrever pois achamos que os nossos argumentos devem bastar — mas vale a pena.

Tem duplo valor, também. E o que se diz — ainda que vozes isoladas e só poderemos crer que ignorando totalmente o movimento das letras no Brasil atual — de Mário de Andrade, a quem chamam de "desescritor de livros". Sem compreenderem tais pessoas que Mário sòmente depois de conhecer profundamente a língua, a formação da língua, a gramática, é que concientemente (como Eça) procurou "de propósito" tentativas novas de expressão.

Já nada falaremos — e aqui não é mesmo o lugar adequado para tal — do movimento dos novos e suas tentativas. Prá que? Só faremos ainda uma transcrição do Eça, que pedimos emprestado ao Volume de Vianna Moog, "Eça de Queiroz e o século XX": "*A força severa do espírito precisa destas precursoras explosões de vida*". Ou quem sabe se preferem esta: "*Para ser ponderado, correto e imóvel há tempo de sobra na velhice.*" E ainda poderemos modestissimamente, oferecer uma de nossa pobre e despretenciosa autoria: Se outro valor não houvesse no movimento dos novos, só um bastaria. E é o de ter feito voltar à Eça donde se achavam afastados *há séculos*, velhos e gloriosos nomes da cultura acadêmica. Não concordam?

"Desescritor de livros!" Pois sim... Então perguntamos: o que é um "escritor de livros"? Tentemos responder nós mesmos.

Para tais pessoas, "escritor de livros" é o que repete, é o que imita, é o que se subordina, é o que não tem atitude própria. Chame-se êsse "escritor" Pinheiro Chagas ou Ataulfo Paiva, não importa; para as tais pessoas acima citadas, são êles os escritores. Todos os que têm personalidade própria, partindo de tal prisma, chegaremos a conclusão que são "desescritores". O que significa os maiores vultos de tôdas as literaturas do mundo; as mais importantes e que mais contribuiram para o patrimonio da humanidade.

Leia-se a obra de Eça. Qualquer coisa. De qualquer volume. E tôda ela uma lição, a lição conciente de um artista que sabia. Tinha compreensão do fenômeno artistico em si, da coisa para, em estado virgem, da matéria para ser aproveitada ao bel prazer do artista. Porque, os que são artistas, tem a liberdade de mover as coisas de acôrdo com o seu modo de ser, com o material próprio à sua arte. Os outros, façam o que fizerem, desaparecerão. Eça de Queiroz sabia da luta que o artista tem que travar com o meio, quando êle é um verdadeiro artista. Porque êste nunca se subordina à glória fácil, ao gosto vulgar, nunca se deixa jungir ao carro dos que seguem a trilha enorme e infindável dos mediocres, não se submete às normas prefixadas — caso tais normas, tais cânones não satisfaçam seu desejo ou não estejam aptos a manifestar seu temperamento artístico. O artista é um ser plenamente livre — tem o direito de se manifestar livremente. De construir sua obra. De pesquisar. E isto tem sido feito pelos artistas de vanguarda em tôdas as épocas, de modo mais ou menos trabalhoso.

A lingua, em Portugal, vinha se repetindo dentro de um mesmo processo, nas mesmas normas que antes, muito antes, haviam sido boas. Mas que a custa de repetição, de emprêgo demasiado e inintelligente, se haviam gasto, fossilizado. Não correspondiam mais às aspirações do momento, não traziam contribuição alguma, não tomavam mais conhecimento do mundo atual. Aquele fim de século exigia uma maneira própria de ver as coisas. E aí surgiu aquele florecimento das letras portuguesas. Os que estavam impregnados de um falar ou escrever que já ficára para traz, num passado remotíssimo, esperneiram. Pareceram vencer. Mas em vão. A marcha inexorável do tempo mostrou que Eça e os dêle estavam certos. Foi dura a luta, porém. Os velhos fósseis que dormiam nas suas cadeiras acadêmicas, com suas idéias rançosas, se ergueram ofendidos. Contra os hereges. Quiseram terçar armas. Discutir mostrando argumentos de meio século. Porque viram que estavam parados lá no fundo, que enquanto o mundo e as idéias avançavam, êles se haviam perdido nos meandros de improficuas discussões.

Foi essa incompreensão que sempre tem acompanhado os novos, que sofreu Eça. Quando da publicação de seus livros. Nuns foi taxado de plagiário. Noutros de impatriota. Atacavam-no pelo que fez e pelo que deixou de fazer. Por imoralidade e ignorância.

Repitamos aqui sempre: arte não é moral nem imoral. Mas boa ou má. Só assim deve ser vista. Porque: que é ser imoral em arte? ignorante?

Será moral o que esconde, o que põe "panos quentes" na sujeira da alma humana, o insincero, o que ignora, por mêdo, os problemas do homem?

Será sábio o que copia, o que vê a língua como uma coisa fria e impessoal, morta e liquidada, perfeita, o que nada tenta, fica sòmente no já feito pelos outros?

(Continuação da 1ª página)

Eça, Renovador

Mas o grande Eça diz bem. Nós nunca sabemos nada, nunca podemos nada. E o que nos ataca é sempre digno e bom, sem poder errar — e especialmente se defende o estabelecido, o já acatado contra novo e comprado mesmo com sem ser material contra o novo:

"Você é terrível, Chagas! Ou se trate dum livro, ou dum raciocínio, ou dum herói, ou dum sistema, eis que você me aponta o dedo, e exclama com tédio:

"Vejam aquilo! Que ignorância! Não leu nada. Não sabe nada.

Depois uma pausa. E pondo-se bem em evidência, batendo na barriguinha pedagógica palmadinhas acariciadoras, eis que você murmura para os lados, banhado em riso e gozo:

— Agora, olhem para mim! Vejam isto! Que sabedoria! Li tudo. Sei Tudo".

(Eça de Queiroz — "Meu caro Pinheiro Chagas" in "Notas Contemporâneas" — pág. 89).

Por que acharão as pessoas, sempre, que sabem tudo? E que ninguém pode avançar além delas. Ou será medo de que se lhes descubra o magro saber. Pura auto defesa. Aliás mais do que justificável. De quem sempre tendo sido o ídolo da terra, vê seu reino invadido por novas gentes que nada respeitam sem conhecer e que tudo analisam. Compreenderam agora o sentido desse "nada respeitam"à Ou é preciso explicá-lo?

Achamos que a confusão deve ser de vocábulos. De maneira de exprimir. Doutro modo não nos é possível entender certas pessoas presumidamente "cultas". Ou será cultura tão mesquinha que não percebe as coisas que vão além de um limite infinitamente curto — limite êste para êles máximo e que ninguém nunca poderá ultrapassar. Ou que não oquerem compreender o constante progresso do mundo. Mas não! Há coisas velhas, mais velhas do que êles, e que continuam a defender ou atacar estabanadamente — ou então a fazer confusão, de má fé — o que ainda é mais grave. Enquanto continuam.

Imoral, em arte. Imoral em arte é o que plagia, o que faz obra falsa, o que não diz aquilo que sente, o que se ludibria e ao seu tempo, o moralista caduco e vesgo, aquêle que na vida tendo sido boêmio e fazendo suas "farrinhas", escreve sonetinhos doces prá menininhas colegiais pseudo ingênuas: enfim: o que macula e mente. O deturpador conciente da arte e da alta finalidade e verdade, em arte, nunca podem ser imorais. Porque, tornemos até fazer calar fundo em certos espíritos, o artista sempre parte do princípio de que arte não é moral nem imoral. Transcende, vai além, está fora de tais definições.

E ignorante?

Ignorante é o que acha a língua perfeita, uma coisa acabada, sem possibilidade de novas adaptações aquele que se considera o último dos sábios, o que põe a gramática acima de tudo, antes da língua; quem para não vincular mais uma frase constrói um período todo errado, ou o que teme colocar um pronome obliquo no início da frase, ou o que mesmo não sabe, ou o que pensa que sabe tudo, ou pior ainda o que erra por prazer e para "mostrar" aos outros. Tais pessoas não são artistas. Mas artistas de feriado, prá divertimento, prá passatempo de província, não sentem na carne a necessidade psicológica do trabalho conciente e sofrido. O artista é um ser produzido pela fatalidade, por uma inadiável e fundamental fôrça íntima, às mais das vezes inexplicáveis. Que o conduz e tiraniza. Que o obriga a agir até contra tudo e todos. A procurar um sentido estético próprio, uma razão de ser dele, que diverge do comum.

E por não seguir a rotina pela incapacidade de adaptação, fica sendo:

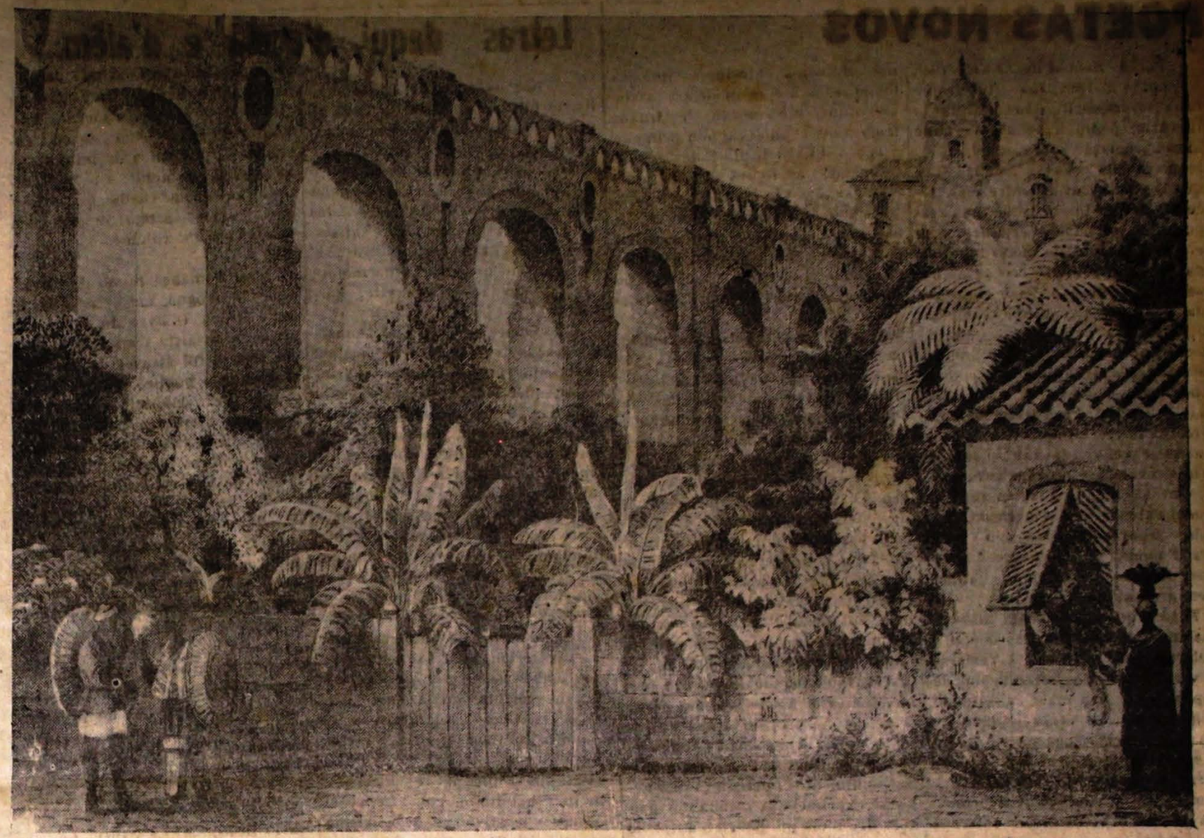
Eça de Queiroz (ou Mário de Andrade tanto faz) "desescritor de livros". Que título para um artigo no qual, certamente, os acadêmicos lá da época, se teriam deliciado. E como seriam louvados e elogiados pelos que vão atraz do mais fácil, do que brilha com mais facilidade!

Senão vejamos: Tome-se qualquer livro de Eça. É de ataque e procura. Compare-se com qualquer livro acadêmico (qualquer "Tristezas a beira mar"). É só. Não diremos mais nada, porque supomos que conhecem as duas correntes. E para quem quer ver... qualquer explicação é supérflua.

Supomos que conhecem também o drama dos livros de Eça. Cada publicação acolhida com pouco caso, as críticas acérrimas, as afrontas sofridas, as chacotas... Assim com "O crime do Padre Amaro"; "O primo Basilio"; "Os Maias"; todos os outros. Mas Eça não recuou. Como verdadeiro artista que era. Sabia que estava com a razão. E que êle e seus companheiros de da Academia de Letras se perdiam em inócuas e improdutivas, estereis discussões boçais sôbre colocação de pronome e acentuação. Esquecidos de que tinham uma língua viva e uma cultura, um grande legado literário a resguardar. Esquecidos dos vultos clássicos que haviam formado a língua, não para que ela ficasse no mesmo, mas evoluir a medida que o povo evoluía e com êle se transformar. E se me dizem, por favor, qual estilista maior, mais torturado da língua, do que Eça? Quem mais do que o torturou a forma? Êle mesmo confessava possuir parca imaginação, mas que supria com capricho de estilo, martirizando o mais possível a forma para dela tirar tudo o que lhe podia oferecer. Dizia lidar com a maior liberalidade possível com a língua, utilizá-la da maneira que melhor lhe servisse, tendo sido, em sua época, um verdadeiro revolucionário, um renovador na mais pura acepção da palavra e que hoje ficaria envergonhado dos admiradores retrogrados que possui. Sem imaginarem, tais admiradores, na contradição em que estão caindo, ao louvor um inovador como Eça e atacar um outro como Mário de Andrade. Por que? Eça de Queiroz diria para seguir a lição de revolta que êle pregou — e não para o imitar, lhe imitar os tiques, o estilo, nada. Diria que na época êle foi bom, foi de vanguarda. Que hoje continua sendo bom, grande, enorme escritor. Que soube gravar seu período, transmiti-lo a nós. E que nós devemos fazer o mesmo com o nosso, para os do futuro. Diria assim: "Mas sobretudo sustento que, se a uma literatura faltarem os inovadores, revolucionando incessantemente a Idéia e o Verbo, essa literatura, sujeita a uma disciplina canônica, bem cedo se imobilizará sem remissão numa mediocridade fria e castigada — sobretudo se nela predominam as inteligências claras, frias, comedidas e imitativas, como na literatura francesa. De sorte que, para possuir uma literatura ideal, forte mas fina, original mas equilibrada, fecunda mas sobria, será necessário que nela de certo modo se contrabalancem duas forças — a Tradição e a Invenção;..." ("A academia e a literatura" — carta a Mariano Pina — Eça de Queiroz in Vol. "Notas contemporâneas").

É isto que Eça queria, só foi conseguido integralmente no Brasil, depois de 22. Quando o intelectual começou a se preocupar com o po-

Continúa na 7ª página



O Aqueduto dos Arcos — Rua de Mata Cavalos [1832] — hoje Praça dos Arcos — [Gravura de THEREMIN]

Alguns literatos poloneses de hoje

Na Polonia, "o leitor de rua" considera o escritor um pouco como a um guia espiritual. Esta é uma tradição nacional, oriunda dos tempos das partilhas sucessivas e das ocupações estrangeiras, quando os livros que circulavam secretamente, invisíveis aos olhos dos policiais tzaristas, prussianos e austríacos, traziam as palavras de ordem da insurreição, verberavam os opressores e prefiguravam as alegrias de uma liberdade recobrada. Os grandes românticos poloneses, Mickiewicz e Slowacki, cujos centenários a Polônia celebra êste ano, inflamavam assim os combatentes e encorajavam os hesitantes nos dias sombrios do passado. Seu exemplo permanece e os escritores contemporâneos aspiram a desempenhar também o papel de mensageiros e educadores da nação.

Dois sucessos literários importantes marcaram o ano de 1949. O romance autobiográfico de Lucjan Rudnicki, "O velho e o novo", que atingiu uma tiragem de 100.000 exemplares, é o relato de meio século de experiências dum filho do povo, que trava um conhecimento doloroso com a sociedade e se revolta contra a iniquidade da exploração do homem. Estas memórias, contadas com invulgar talento e dotadas de um otimismo vigoroso e de confiança no futuro melhor que está sendo edificado, valeram ao seu autor o primeiro prêmio nacional de literatura.

Uma obra notável sôbre Mickiewicz, do poeta Mieczyslaw Jastrun foi consagrada pelo prêmio anual de "Renascimento" (revista literária Odrodzenie), concedido no dia da Festa Nacional de 22 de Julho.

O prêmio "Renascimento" de 1948 foi oblido pelo livro "Cinza e diamante" de Jerzy Andrzejewski — um corajoso corte de bisturi no cáos ideológico de após guerra, que retrata o impasse em que foram jogados jovens "terroristas", manobrados do exterior. O prêmio de 1947 reverteu ao mestre da língua já consagrado Jaroslaw Iwaszkiewicz por suas duas últimas coletâneas de novelas "Novo amor" e "Novelas italianas". O laureado do primeiro prêmio "Renascimento" instituido em 1946 foi Tadeusz Breza autor de "Muralha de Jericó", pintura incisiva de homens que se achavam no poder na Polônia de antes de 1939.

A guerra e a ocupação serviram de tema para numerosos romances, novelas e "testemunhos". "Os Medalhões" de Zofia Nalkowska, de uma simplicidade voluntária, trazem documentos abaladores sôbre os campos de concentração, assim como "As fumaças de Birkenau", de Seweryna Szmaglewska e "As grades", de Pola Gojawiczynska.

Ao lado dessas três escritoras, Andrzejewski em "A Noite", Zukrowski em "O país do silêncio", Putrament em "Santa bala", Filipowicz em "Paisagem impassível", Brandys em "Antigona" e "Sansão" e sobretudo Adolf Rudnicki nos primeiros volumes de "A época das fornalhas" evocam a tragédia dos homens sob a opressão hitlerista.

"Da barricada ao vale da fome" de Michal Rusinek, o "O caminho passava por Narwiok", e as "Treze novelas" de Ksawery Pruszynski recolocam-nos diretamente nos combates da última guerra.

—

A literatura polonesa de hoje abraça todos os gêneros: desde o realismo socialista até o simples divertimento do espírito. Os escritores não mais se contentam porém em encantar os ociosos; êles se sentem cada vez mais obrigados a responder à espectativa de todo um povo, desejoso de ver seus sentimentos e suas esperanças, desde que o preço das alegrias estéticas não é mais medido por uma parte ínfima da nação.

115 | MIGUEL, Salim. Escritor brasileiro, este desconhecido no Brasil. **O Estado**, Florianópolis, 02/06/1985, p. 26, Livros.

Portugal: uma viagem, primeiras anotações

A greve dos correios impediu-me de cumprir o prometido: publicar, em substituição à minha coluna Livros, algumas primeiras impressões da viagem à Europa. Aliás, sem saber da greve, mandar as matérias, mandei. Acontece é que não chegaram. Não tiveram como. Ficaram retidas em qualquer ponto entre Rio e/ou São Paulo.

As duas primeiras, colocadas no correio, em Lisboa, dia 30 de abril, só dia 28 de maio, justamente quando eu descia no aeroporto Hercílio Luz, aportaram em Florianópolis. E a outra, postada em Paris dia 19 de maio, ainda está por chegar.

Mas se as matérias podem ter perdido algo em atualidade, pode ser que tenham se enriquecido com as fotos que agora lhes acrescento.

E parece-me que as observações continuam válidas e pertinentes. Publico, assim, de uma só vez as duas primeiras; e fico à espera da terceira. Quem sabe dia desses aparecerá!

Paço Real de Sintra

Escritores brasileiros no Palácio Foz, durante a noite de autógrafos

I - ESCRITOR BRASILEIRO, ESTE DESCONHECIDO NO BRASIL

Lisboa, 29 de abril — Um vôo de oito horas e quarenta e cinco minutos (Rio/Lisboa) direto, possibilita muitas coisas: a gente lê, bebe, come, vai ao banheiro, anda para esticar as pernas, tenta dormir, conversa. Conversa-vai-conversa-vem, acaba-se sabendo quem é o vizinho onde mora, o que faz, para onde vai. Pois bem, depois de conversar com a Eglé, imprensada ao meu lado no banco central (para quatro pessoas), da TAP, de conversar com os companheiros de viagem que estavam no banco de trás (e que eram a viúva e o filho de Graciliano Ramos), conversei com a minha vizinha. Aliás, para ser exato, foi ela que ao me ver falar com Heloísa Ramos e Ricardo Ramos, perguntou se eu era escritor. Afirmei que sim, meio a contragosto, pois continuo me apresentando, mais à vontade, como jornalista. E ela: estes aí com quem o senhor falava são parentes do escritor Graciliano Ramos? E eu: sim. E ela que emocionante, sou formada em letras por uma universidade de São Paulo, e durante um semestre estudamos **Angústia**.

Daí a conversa engrenou, ela ia ao encontro do marido, que com ela curso de especialização em Paris. Mais adiante me perguntou se havia outros escritores no avião. E eu que sim, vários, pois rumava a Portugal para o lançamento de um livro de entrevistas da jornalista Cremilda Medina. Quais eram os escritores que ali estavam? Comecei citando, obviamente, os paulistas. E pela mais conhecida: Lygia Fagundes Teles. Tudo bem, a Lygia já havia dado uma palestra para a turma da moça. Mas livro mesmo da Lygia ela não tinha lido. Daí por diante foi um desastre. A jovem formada em letras não conhecia nem de nome, um Ignácio de Loyola Brandão, um Ivan Ângelo, um José Paulo Paes, uma Renata Palottini, um Antonio Soares Amora, um Ricardo Ramos, uma Julieta de Godoy Ladeira. Temeroso, fiquei por aí: se estes, que eram paulistas, ela não conhecia, imagine-se os outros! Mas a jovem foi simpática. Anotou meu nome e o título do meu romance — e disse que ao voltar ao Brasil vai procurá-lo. Eis a vantagem inicial das viagens...

Lógico, existem outras. Amanhecemos num belo sábado em Lisboa, e lá estavam nos esperando o Arthur Henrique Villanova Nogueira, secretário da Embaixada do Brasil e o Alçada Baptista, diretor do Instituto Português do Livro e também representante do Ministério da Cultura. A Cremilda Medina havia organizado tudo, um programa intenso, sintomático, que levava em conta não só o lançamento do livro (**Escritor Brasileiro Hoje — a posse da terra**), uma exposição do livro brasileiro no Palácio Foz, mas também contactos com escritores e jornalistas e visitas a pontos turísticos e históricos de Portugal.

Sábado mesmo, dia de nossa chegada, fizemos a primeira incursão. E como não podia deixar de ser, a uma casa de fado. Antes disso, porém, demos uma volta a pé por algumas ruas de Lisboa, compramos jornais e revistas, conversamos com o povo. Por toda parte, duas constantes: o pesar pela morte de Tancredo, ainda tão viva, presença em todos os órgãos de comunicação e na voz do povo, bem sintetizada nas palavras de um motorista, que, é claro, quando nos soube brasileiros pelo sotaque, nos disse com a maior simplicidade: "que pena, e agora como vai ser sem o doutor Tancredo?" e a campanha pelas próximas eleições em Portugal, pois muros, paredes, jornais, radios, conversas, tudo gira e se concentra no tema, a empolgar a população de uma maneira geral.

Domingo, dia 28, demorada visita a Lisboa e Sintra, tendo a nos acompanhar Fernando Antonio Batista Pereira, historiador de arte, que nos levou — e de tudo falou com extrema pertinência — até lugares históricos, como o imponente Castelo de São Jorge, de onde se tem uma visão ampla da cidade de Lisboa, depois ao Convento da Madre de Deus, onde se encontra um Museu com toda a história do Azulejo (aí ficamos sabendo que o azulejo veio de Portugal para o Brasil utilizado em pátios internos e interior de residências e voltou do Brasil para Portugal quando passou a ser utilizado em fachadas de prédios), passando pelo Terreiro do Paço e pelo Chiado, seguindo para o Mosteiro dos Jerónimos, construído em inícios de 1500, local onde estão os túmulos de Vasco da Gama e Camões e para onde está sendo levado o Fernando Pessoa. Mas a impressão maior, neste início de viagem, talvez tenha sido Sintra, para nós que aprendemos a ler em Eça de Queiroz. Aliás, a cada passo parecia-nos que estávamos a cruzar com personagens do grande escritor, vê-los desfilar diante de nós, conversar com eles. E o almoço no restaurante do palácio Seteais, complementado com a visita ao Palácio da Vila e ao convento dos Capuchos, foi um fecho perfeito para nos começar a situar em Portugal.

Agora é aguardar o lançamento do livro de Cremilda Medina e os posteriores contactos com escritores, em Lisboa e outras cidades. Mas se nem no Brasil os escritores brasileiros são conhecidos, até mesmo por formandos em letras, o que esperar em Portugal?

Da esquerda para a direita: Arthur Henriques Villanova Nogueira, da Embaixada do Brasil em Portugal, Salim Miguel, Sinval Medina, José Paulo Paes, durante a recepção oferecida pela Embaixada do Brasil

II Alargando os laços culturais

Lisboa, 30 de abril — "Pois-pois", então és o Salim Miguel da revista **Sul**?

Confesso, não é sem profunda emoção que ouço isto. Saber que mais de 30 anos decorridos, escritores de Portugal se lembram do que representou o contacto, deles e nosso, atravessando os mares, numa época difícil para eles com a ditadura salazarista, quando quase nada sabíamos uns dos outros (não que hoje se saiba muito mais!).

Foi chegar ao Palácio Foz, onde se deu o lançamento, às 18 horas de ontem, do livro de Cremilda Medina, **Escritores Brasileiros Hoje — A posse da terra**, edição da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, de Lisboa, co-edição Secretaria de Cultura de São Paulo, e ouvir repetidas vezes a frase lá de cima. Eram escritores como Fernando Assis Pacheco, que afirmava ter estreiado em **Sul**, aos 18 anos, "mandei timidamente uns poemas e foi com alegria que os vi publicados", e um Manuel Ferreira, que dizia, "veja só, aqui estamos, o Assis Pacheco e eu, vários anos nos separando e ambos nos lembrando do que a revista **Sul** representou como ponte de ligação entre escritores portugueses e brasileiros da década de 50". Depois o mesmo se repetiu quando encontramos o Alexandre Cabral, e o Luis Amaro, o A. Vicente Campinas, o Antonio Rebordão Navarro, o Egito Gonçalves, outros mais.

O livro de Cremilda retoma e amplia tais laços culturais, numa perspectiva mais ampla. E complementa, também, o livro anterior publicado em 1983, no qual estão reunidos escritores portugueses. Ela começa publicando as entrevistas em jornais do Brasil e de Portugal (**O Estado de São Paulo, Suplemento Literário do Minas Gerais, O Primeiro de Janeiro**), depois reúne as entrevistas em livro, juntando um texto de cada entrevistado para dar uma idéia do tipo de trabalho dele. No caso de Portugal foram 30 os autores entrevistados. No caso do Brasil, 54. Mas para Gremilda isto não basta. Pronto o livro, ela vai à luta — e consegue o milagre de arranjar patrocínio para que parte dos escritores estejam presentes ao lançamento. Doze escritores portugueses estiveram no Brasil para o lançamento do livro português; e cerca de vinte brasileiros se encontram em Portugal. Também isto não é o suficiente para Cremilda. Ela organizou uma minuciosa exposição-feira do livro brasileiro em Portugal, que ficará aberta até o dia 12 de maio. Lá se encontram representadas quase todas as editoras; e grande número de escritores brasileiros, das mais diferentes gerações e tendências, tem pela primeira vez oportunidade de ver um livro seu exposto fora do país.

Falando por ocasião do lançamento e da abertura da exposição, Alçada Baptista, diretor do Instituto Português do Livro, acentuou a importância do acontecimento para uma aproximação maior entre nossos povos e um melhor conhecimento do que se produz na área cultural. E disse esperar que não se ficasse apenas neste fato, já de si tão importante, mas que ele servisse para estreitar e aprofundar os laços culturais entre Brasil e Portugal.

O interesse foi intenso, com os escritores portugueses não só mantendo demorado contacto com todos nós, querendo saber da situação do escritor brasileiro neste momento de abertura política, mas percorrendo os estandes dos amplos salões do Palácio Foz, buscando um título que há muito procuravam ou interessando-se por um autor ou um livro de que nunca tinham ouvido falar.

Um primeiro resultado concreto começou a surgir, paralelamente ao trabalho da Cremilda: uma professora e tradutora da Hungria prepara uma antologia do conto brasileiro, tendo como ponto de partida o livro da Cremilda Medina e os contactos que começa a manter com os escritores brasileiros que aqui se encontram.

E como ninguém é de ferro, terminado o lançamento fomos todos ao restaurante da Cooperativa dos Marinheiros. Lá, saboreando um excelente vinho verde e pratos típicos, ampliando o papo com escritores portugueses, em busca de objetivos comuns visando a difusão do livro, tínhamos, ainda, uma vista de Lisboa para turista nenhum botar defeito.

A programação prossegue. Hoje, dia 30, recepção da Embaixada do Brasil, encontro com estudantes de Letras na Universidade de Lisboa, jantar com escritores portugueses do Pen Clube. Amanhã, dia 1º de maio, visita à Arrábida-Sesimbra, depois visita ao Museu de Évora, no Alentejo, onde pernoitaremos. Em Évora se vem fazendo uma experiência de reforma agrária; esperamos ter chance de falar com alguém que nos dê informações a respeito.

A programação elaborada pela Cremilda com o Ministério da Cultura de Portugal vai até o dia 8, incluindo noite de autógrafos dos escritores brasileiros aqui presentes, visitas a Coimbra (e a famosa Universidade) e ao Porto.

E tem mais.

O ESTADO - Fpolis, 09/06/85

LIVRO

Salim Miguel

Paris: anotações preliminares

Melhorou, sim. Vejamos:

Se a primeira remessa mandada de Lisboa, com as duas colaborações publicadas dia 2, levou exatamente 28 dias (30 de abril a 28 de maio) para chegar até Florianópolis, e a segunda, colocada no correio em Paris a 19 de maio, chegou aqui no dia 3 de junho (portanto 16 dias) houve um significativo progresso de 12 dias. O que muito me anima e conforta.

Sendo assim, parece-me fora de dúvida que da próximo vez poderei, tranqüilamente, mandar as colaborações para o jornal, de qualquer parte, que elas serão publicadas enquanto eu ainda estiver em viagem.

Mas enquanto isto não acontece, vamos à terceira matéria.

Paris, 19 — De Lisboa, um salto até Paris. Explico: é que as máquinas de escrever da Europa não escrevem brasileiro. E minha letra é ilegível. Em Lisboa utilizei a máquina que a Cremilda Medina ali mantém para eventualmente produzir suas matérias; mas já no restante da viagem por Portugal (Évora, Coimbra, Porto) e pela Espanha (Madrid, Toledo, Barcelona), fiquei impossibilitado de mandar notícias, pois não me adaptei ao teclado das máquinas, tão diferente do nosso...

Foi preciso chegar a Paris - e ao velho amigo Pedro Taulois - para retomar estas anotações. Deixemos, contudo, até a volta ao Brasil o que ficou para trás - e vamos às primeiras e certamente imperfeitas impressões parisienses.

Descemos, numa quarta-feira pela manhã, dia 15, na gare de Austerlitz, vindos de Barcelona. Reserva de hotel já tínhamos. Neste dia providenciamos logo a volta de trem (comboio, como dizem os portugueses) para Lisboa. E fomos tomar um primeiro contacto com as ruas de Paris, as gentes de Paris, o clima tão peculiar de Paris, os vinhos e os queijos de Paris. A noite, levados pela Annie e o Pedro (e à convite deles), jantamos num restaurante pequeno mas acolhedor e de excelente comida, daqueles que para entrar só com reserva antecipada.

Dia seguinte era feriado (a Europa não perde para o Brasil em matéria de feriados). E em Paris, num feriado como daquela quinta-feira, dia 16, os parisienses, prudentemente, somem. As ruas, as praças, os monumentos, os teatros, os cinemas, os bares, os restaurantes, tudo fica tomado por indescritíveis máquinas fotográficas empunhadas por turistas de todas as procedências, colorações e idades (neste início de primavera em especial os alemães, já que o marco está em alta diante do franco, e os indefectíveis japoneses, sempre em silenciosos grupos) - e por cocó de cachorro.

Mais um casal de turistas perdido entre milhares de turistas, Eglé e eu fizemos o que todo turista faz (menos empunhar a inexistente máquina fotográfica): navegar por entre embasbacados turistas, escapar do cocó, ver o Sena e a Torre Eifel, percorrer lugares tão conhecidos de livros e/ou filmes, fotos, descrições, visitar a Praça da Ópera, ir ao Louvre (e repetir a frase tão consagrada, "a gente precisa de dias ou semanas para ver tudo..."), emocionar-se.

Só como era feriado, tivemos que deixar o Louvre para o dia seguinte. Já havíamos percorrido o Jardim de Luxemburgo, já havíamos atravessado ruas e ruas de livrarias e sebos (então nos lembrávamos de amigos, mais especialmente de gente como o Iaponan Soares, o Ubiratan Machado, o Flávio José Cardozo, o Silveira de Souza), já havíamos nos demorado diante de monumentos e casas. E claro, para enfrentar a maratona de caminhar e ver, já havíamos provado mais vinho e mais queijo... De repente, eis-nos diante da Notre-Dame. Entramos, examinamos tudo com curiosos olhos de turista que já havia lido **O Corcunda de Notre-Dame** (e visto o filme correspondente).

Na praça bem em frente, o tradicional vendedor de lavanda com sua carrocinha e seu burrico. Fomos até ele, enfrentamos a fila que coleava. E a surpresa: o homem parecia dominar todos os idiomas. Na nossa frente, alemães, italianos, espanhóis, japoneses, suecos. A todos ele se dirigia no respectivo idioma. Eglé caprichou no francês. Inútil. Ele: a senhora é brasileira. Eglé: sim. Ele: espero que não de São Paulo, é muito poluída. Eglé: não, mais ao sul. Ele: ainda bem. Eglé: conhece o Brasil? Ele: não. Elgé: o senhor fala todos os idiomas? Ele: todos não, alguns, mas para mim um dos mais difíceis é o português do Brasil.

Claro que com isto ele nos ganhou, como já havia ganho os outros. Acabamos comprando sacolinhas de lavanda, frascos de lavanda que vinham acompanhados de uma foto dele em primeiro plano com o burrico, tendo ao fundo a Notre-Dame. Ao sair, Eglé, acariciando o burrico não se conteve: simpático, o seu burrico, tem nome? E ele, com a cara mais tranqüila, sem nenhuma expressão: sim, chama-se Mitterrand.

Não conseguimos saber, pela entonação ou pela expressão fisionômica, se era um elogio ou uma crítica.

E continuamos turistando. Só que nós tínhamos uma vantagem sobre os demais: assessores especialíssimos para assuntos de Paris, nas pessoas da Annie e o Pedro Taulois, nos orientando (quando não nos acompanhando) sobre o que ver e aonde ir em tão poucos dias. E logo logo localizamos outro catarinense amigo, o Luiz Alberto (popular Lulu) de Andrade, e a mulher Eugenia Fernandes. Com o Lulu havíamos trabalhado na **Manchete**, percorrido o Brasil. Excelente fotógrafo e excelente papo, ela por igual excelente papo e excelente repórter, há doze anos os dois navegam entre Nova Iorque, Paris.

Nestes dias, de que conversa um brasileiro de passagem pela Europa, em especial se encontra velhos amigos, um deles desde 1964 vivendo fora do país, e o outro a metade disto? Claro que do Brasil e da política brasileira, dos anos de sufoco e da abertura. E aí, inevitavelmente, surge a figura de Tancredo Neves que, se emocionou todo o Brasil com sua luta pela vitória e contra a morte, sensibilizou também brasileiros e estrangeiros com sua viagem pela Europa e América, revelando um novo Brasil. Não é raro que, ao se declarar uma pessoa brasileira, logo apareça o nome de Tancredo. Creio que aí ainda não se pode imaginar o que ele fez para ajudar a modificar a imagem do Brasil no exterior, tão desgastada depois de mais de vinte anos de regime militar.

Lógico que o espaço dedicado ao Brasil, nos órgãos de comunicação, é ainda bastante reduzido, o exótico domina, Paris está cheia de cartazes do café brasileiro El Gringo. Mas pelo menos o noticiário agora é positivo - e penso que deve se ampliar na medida em que todos sentirem que a situação no país se modificou para valer.

Passado o feriado, continuamos a andar. E como se tem (e é gostoso!) de andar em Paris. Pois se a pessoa não está disposta a percorrer livrarias, galerias de arte, ir ao cinema ou teatro, aos shows, visitar casas que foram de personalidades famosas nas artes, nas letras, na política, descobrir por onde andou este ou aquele escritor ou artista que admiramos, ir aos bairros - basta só andar. E depois sentar tranqüilamente num bar, pedir um sorvete, um aperitivo (nós pedíamos vinho e queijos). E então ver os outros andarem...

Nós andamos, o óbvio ululante, como diria o Nelson Rodrigues. Mas também fizemos outras coisas. Na sexta-feira fomos ao Louvre. O que dizer além dos lugares comuns que se repetem em tais ocasiões? Que para ver alguma coisa, tivemos que fazer algumas opções, escolher salas, nem pensar em outras, passar de olhos fechados. Para algumas telas (Gioconda, por exemplo), nem tentar chegar perto, pois há sempre uma multidão que dela não se afasta.

Ontem sábado, 18, foi então um dia especial. Com Annie e Pedro fomos a Chartres, ver a Catedral com os vitrais mais famosos da Europa. A fama é justificada. Além disso, Annie havia morado em Chartres durante os anos de guerra. E nos traçou um retrato simples, porém dramático, do que foram aqueles dias, ela menina na escola, ao soar das sirenes correndo para o primeiro abrigo subterrâneo, sem saber para qual deles teria ido a família...

De Chartres, Pedro lembrou: "por que não vamos agora ver onde Proust passou alguns anos de sua infância, junto a **Tante Leonie?**" E lá fomos nós. Chegamos já no fim da tarde, depois de circular pela cidadezinha, visitamos toda a casa, examinamos os livros até encontrar um volume da Editora Globo, estivemos em seu quarto, na cozinha, sala, vimos uma exposição fotográfica de Nadar, ali retratadas personalidades que são personagens do livro **Em busca do tempo perdido**, fomos ao jardim com suas árvores floridas.

E para que não aconteça o que aconteceu com minha neta quando visitou a Disneylandia (voltou sem uma foto e até hoje suas amiguinhas duvidam que ela lá esteve), documentamos devidamente a visita, ajudados por uma máquina fotográfica providenciada pela sempre previdente Annie.

Na volta, ao anoitecer, fomos conhecer Montmartre. E é claro que só havia turistas. Custamos a conseguir onde sentar (ainda bem que não é domingo, lembrou o Pedro) e - óbvio - tomar outro vinho acompanhado de queijos. Foi um dia perfeito, com Paris iluminada em todo o seu esplendor a nossos pés. Com um pequeno senão. Já no caminho do hotel, batendo papo, nos informando do trabalho que Annie e Pedro realizam (ambos lecionando na Sorbonne e divulgando a literatura brasileira) e informando-os mais sobre o novo Brasil - imaginamos estar no Brasil. Então o Pedro atravessou um sinal vermelho - foi devidamente ferrado pela polícia de trânsito. Não houve jeitinho brasileiro que resolvesse a parada.

Hoje, último dia de visita vamos ao Centro Pompidou. Além do que há para ver naquele mundo, incluindo o próprio prédio, existe uma exposição que dizem boa, sobre vida e obra de Fernando Pessoa. A noite, despedida, vamos jantar com a Eugênia e o Lulu. Amanhã é a volta para Lisboa onde ficaremos soltos mais dois dias. Depois, Brasil.

Ah, sim, mas o Brasil esteve presente durante toda a viagem. Nos papos, nas discussões, no lançamento do livro, na promoção da literatura brasileira. E como se isto não bastasse, no Porto ficamos num hotel sito à rua Santa Catarina; e em Paris, no hotel du Bresil, em pelno Quartier Latin. De repente, fomos entrando no velho prédio todo recuperado, e lá na fachada, a seguinte informação: neste prédio morou, de 1885 a 1886, Sigmund Freud.

Agora até o Brasil!

117 | MIGUEL, Salim. Do coração e de várias emoções. **O Estado**, Florianópolis, 16/06/1985, p. 26, Livros.

O ESTADO - Fpolis, 16/06/85

Salim Miguel

Do coração e de várias emoções

Entrei, cumprimentei, sentei, pedi "leve-me à Travessa do Abarracamento de Peniche". A motorista do táxi me olhou, arrancou, perguntou "onde mesmo o senhor deseja ir?". Eu repeti. E ela: "onde fica mesmo, que eu trabalho mais pra estes lados da cidade". E eu: "é perto da rua do Século". E ela: "ah, sim, esta sei, mas o senhor podia ir andando que chegava mais rapido e economizava os escudos". E eu: "só que não conheço quase nada de Lisboa, e dificilmente chegaria, mais rapido ou menos".

De novo, depois de 26 horas de trem (comboio para os portugueses) de Paris até Lisboa, estava eu na capital portuguesa. Preparava-me para retornar ao Brasil. Antes da volta, havia amigos a rever, alguns passeios a dar, livrarias e galerias de arte para visitar, livre agora da programação oficial. E, também, não podia deixar de ir até a Feira do Livro, que se inaugurara às vésperas de minha volta.

Enquanto me dirigia ao encontro do prof. Agostinho da Silva, e a motorista me fazia as inevitáveis perguntas sobre o Brasil (e o que achara de Portugal), eu relembrava os dias passados na Espanha e em Paris, as emoções mais fortes. Fui chamado de volta pela motorista, "parece-me que esta travessa, como a maioria do bairro, é vedada a táxis". E eu: "não faz mal, deixe-me no ponto mais próximo". Lá chegando vimos que a Travessa do Abarracamento de Peniche (prof. Agostinho, diante da minha curiosidade, me explicaria pouco depois a procedência do nome, que vinha do grande terremoto de Lisboa) era uma das raras que permitiam passagem de carros. E logo, logo eu estava revendo e conversando com o prof. Agostinho da Silva. Quase trinta anos nos separavam do último encontro, ele ainda em Florianópolis (viera da Paraíba, mudando-se depois para Brasília antes do retorno a Portugal, "mas continuo naturalizado brasileiro", me diz ele), tendo aqui ajudado a implantar a Faculdade de Filosofia, participando ativamente de movimentos culturais, incentivando os mais jovens.

Antes da chegada dele a Florianópolis, nós já o conhecíamos de nome (e a seu trabalho), ele havia inclusive colaborado com alguns poemas na revista SUL. E então relembramos que, nos cadernos SUL, havíamos editado a novela **Macaco-Prego**, que ele assinara com o pseudônimo de Mateus-Maria Guadalupe.

Mais velho? Claro. O tempo não passa impunemente por nós diria acaciamente o conselheiro Acácio. Mais velho, esclareça-se, fisicamente. Pois intelectualmente (e isto podem comprová-lo todos os que com o prof. Agostinho continuam mantendo contacto, um Ernane Bayer ou um Hamilton Savi, do Brasil, um Luiz Amaro ou um Alexandre Cabral, em Portugal) ele continua o mesmo espírito lúcido e inquiridor, de tudo sabendo e de tudo querendo ser melhor informado. Perguntou por velhos e novos amigos, discutimos literatura, arte, cultura em geral, política, a vida, os velhos e os novos tempos; as bruscas viradas que o mundo dá.

Eu sabia que ele tinha uma insuficiência cardíaca. Ao me despedir (não quis demorar muito), perguntei-lhe como conseguiria um táxi. E ele: "vou acompanhá-lo até uma rua onde eles passam fáceis". E eu: "mas professor, o senhor vai ter que descer toda esta escada (mora num terceiro andar), caminhar comigo, o senhor precisa descansar, se cuidar. Basta que me indique". E ele: "sei disso, não se preocupe. Depois, veja, durante oitenta anos o coração cuidou de mim sem que eu me lembrasse que ele existia, é justo que eu agora cuide dele".

A visita seguinte foi ao Luiz Amaro, da revista **Colóquio/Letras,** que dedica substancial espaço à literatura brasileira. Novamente lá, um papo informal a respeito dos velhos tempos — e falei-lhe de minha frustração por não ter, neste roteiro portucalino, conseguido me encontrar com o Manuel Pinto, poeta e incentivador cultural, que tanto nos ajudou na aventura da SUL, divulgando a revista em Portugal e (nas então colônias, mandando-nos livros e colaborações. laborações.

Havia mais: já no dia da volta, tínhamos absoluta necessidade de chegar até a praça Luiz de Camões e ver a estátua do Eça de Queiroz, onde, aos pés do vulto feminino debruçado sobre ele se pode ler a frase famosa: "sobre a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da fantasia". Fico em dúvida se as palavras são exatamente estas.

Eglê e eu não queríamos perguntar; queríamos chegar por nós mesmos. Tínhamos uma vaga idéia. Guiados por ela fomos andando; e acabamos dando exatamente nos dois lugares.

No almoço, resolvemos sair dos restaurantes, ótimos, populares. Afinal era a despedida. Conclusão: come-se bem seja num restaurante caro, seja num mediano ou num gostoso boteco de Lisboa. Será só comida, ou o vinho também ajuda?

Era preciso, ainda, um novo contacto com o velho amigo Alexandre Cabral, excelente ficcionista e maior autoridade em Camilo Castelo Branco, e com o também excelente escritor A. Vicente Campinas. Que nos levou até a Feira do Livro, nos pagou um magnífico jantar no Solar dos Presuntos (que serve excepcionais pratos de frutos do mar e que recomendamos fervorosamente) e nos acompanhou até o aeroporto de Lisboa, ali "sofrendo" conosco até as três horas da madrugada, pois com a parada por um dia da TAP tivemos um atraso de duas horas no vôo. Não houve jeito de fazer o companheiro e amigo Campinas nos deixar antes de nos ver caminhando para o avião.

Agora, a última imagem se funde: é o Campinas nos acenando enquanto se dirige para a saída do aeroporto — e é o avião da TAP se preparando para deixar uma Lisboa envolvida pela tranqüila noite.

Mais nove horas (não entendi porque foram oito e quarenta e cinco para chegar a Lisboa e nove para chegar ao Rio) e estaremos no Brasil.

Pensando: se Paris exerce um estranho fascínio e prende logo a chegada tornando-se íntima, se Madrid nos lembra, apesar da sua monumentalidade, antigas cidadezinhas brasileiras, com suas ruas aos domingos tomadas de famílias inteiras enfatiotadas passeando pelas praças, invadindo os cafés, os bares, os restaurantes, bom mesmo é a gente se sentir em Lisboa. É que estamos um pouco (muito!) em casa.

No meu caso, então, me sinto ainda mais à vontade. Estou duplamente em casa como brasileiro e como árabe. Não há maneira de esquecer: durante longos anos (nem sei quantos) os árabes dominaram a Península Ibérica e ali deixaram marcas profundas e indeléveis, que até hoje podem ser claramente percebidas nos hábitos e costumes, na arte e na cultura; e durante outros tantos anos (nem sei quantos) os portugueses dominaram o Brasil, deixando aqui outras tantas marcas. Que curiosamente hoje se refletem por igual em Portugal.

Eça de Queirós: ~~revisitado~~ Cartas 2

Há algum tempo, em carta-prefácio para um livro de Guido Wilmar Sassi (reedição do romance **Geração do deserto**), eu dizia que com as facilidades da comunicação telefônica estava se acabando a prática da epistolografia.

Agora, ao ler a **Correspondência** de Eça de Queirós, coordenada, prefaciada e anotada por Guilherme de Castilho, chego a uma conclusão que ficou implícita em minha carta: constatei, mais uma vez, o quanto uma tal correspondência pode esclarecer a respeito de um escritor, situando-nos melhor em seu tempo e espaço.

Nestes dois volumes com quase 1.300 páginas, editados pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, na Biblioteca de Autores Portugueses, com distribuição para o Brasil pela Livraria Camões, temos uma clara visão da época, da vida e da obra do autor de **Os Maias.**

Pela primeira vez se reúne, em ordem cronológica, não só o que andava disperso mas numerosas cartas até então inéditas. Isto nos oferece a possibilidade de acompanhar o homem e o escritor em toda a sua trajetória. São opiniões e informações sobre a própria obra e como ele a vida, expedindas por vezes com franqueza rude, sobre seu tempo, sobre seus contemporâneos, sobre países em que viveu ou que percorreu. E, também, ele nos fala dos Vencidos da Vida e de suas idéias socialistas.

Ali se encontram frases que depois correriam mundo, como a que diz existir mais cultura em um beco de Paris do que em toda Nova Iorque, ou as que ressurgiriam muito depois ditas por outros, como a que fala de um amigo "que **estava** ministro", ou ainda aquela que logo nos remete para o título de um livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade, **Fazendeiro do ar**. No caso de Eça, em carta a um amigo, ele se refere a **Castelos no ar.**

Caso houvesse necessidade de uma justificativa para a reunião em volume deste mais do que expressivo acervo que nos devolve o homem em sua intimidade, dirigindo-se informalmente a parentes e amigos, citaríamos trecho da **Correspondência de Fradique Mendes**. Diz Eça: "Eis aí uma maneira de perpetuar as idéias dum homem que eu afoitamente aprovo — publicar-lhe a correspondência..." E pouco depois: "Além disso uma correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem..." Mais adiante: "Temos depois que as cartas dum homem, sendo o produto quente e vibrante de sua vida, contém mais ensino que a sua filosofia — que é apenas a criação impessoal do seu espírito".

A correspondência agora enfeixada nestes dois volumes acompanha a vida de Eça desde 1967 até 9 de agosto de 1900, dias antes de sua morte, ocorrida a 16 de agosto. Começa falando do sonho de Eça em lançar uma revista, que surgiria mais tarde, e termina com uma carta na qual diz a sua mulher Emília, que continua doente e que vai consultar um especialista em Heidelberg, depois de haver peregrinado por outras regiões em busca de cura.

Mas não é só a vida que seguimos através de suas cartas: é sua experiência em Havana como cônsul, sua passagem por Nova Iorque, sua procura de casa onde residir em Londres, depois em Paris, onde viria a morrer, sua permanente luta com a palavra em busca da expressão mais acertada para a transmissão de suas idéias. Para além da vida do escritor temos um retrato pertinente do homem em constante dificuldade financeira, e do homem-artista que sabia ver e transmitir o mundo que o cercava e as figuras com quem convivia.

Documento humano, documento de um artista, a **Correspondência** nos devolve o Eça que descobrimos na distante infância (um de nossos primeiros artigos publicados foi a propósito dele e de sua importância). Ele foi, com Machado de Assis, das primeiras descobertas e dos primeiros deslumbramentos literários. Revisitado agora, tantos anos decorridos, permanece o mesmo, com sua ironia e sua perspicácia, sua visão do social adiante de seu tempo e sua funda sensibilidade, que nos chegam vivas e atuais nestas quase 550 cartas.

1984

1/9

Saramago: apontamentos

Salim Miguel

1- Década de 70, eu morava no Rio de Janeiro.

2- Continuava me correspondendo com escritores portugueses que haviam, na década de 50, participado da aventura da revista SUL.

3- Certo dia chega uma carta. Entre outras notícias, falava de um tal de José Saramago que, afinal, se decidira pelas letras. A Impressão é que eu devia saber quem era Saramago.

4- A SUL havia publicado dezenas de escritores de língua portuguesa. E sabíamos de outros, de quem se recebia livros.

5- Não posso afirmar, mas a carta devia ser do romancista Alexandre Cabral, maior autoridade em Camilo Castelo Branco. Ou do Manoel Ferreira, também romancista e estudioso da literatura africana de expressão portuguesa. Posso aventar outros nomes: o poeta Manoel Pinto, um dos correspondentes da SUL, A. Vicente Campinas, que vivera anos exilado na França devido à ditadura salazarista, o Antônio Simões Jr., exilado em Buenos Aires, e até o Óscar Lopes, co-autor com Antônio José Saraiva de excelente História da Literatura Portuguesa.

6- A carta falava de um primeiro livro (década de 40), seguido de um silêncio de 20 anos, quebrado em 1966 por Os Poemas Possíveis; mais quatro anos de silêncio e, em 1970, com Provavelmente, alegria, engrena pra valer, com quase um livro por ano. Curioso, pedi mas não recebi nenhum dos livros.

7- Só fui ler Saramago em 1982, quando a DIFEL/SP publicou Levantado do Chão; o entusiasmo por aquele texto denso e tão diferente foi indescritível; só foi superado, em 83, quando li Memorial do Convento, a cujo respeito fiz brevíssimas anotações.

8- Eu voltara para Florianópolis. Em viagem ao Rio, saí em busca de Saramago. Só encontrei o volume de contos Objeto, quase. Em visita a um casal amigo, Laura e Cícero Sandroni, falei com tamanho entusiasmo do escritor, que ao me despedir me deram Manual de Pintura e Caligrafia, autobiografia ficcional, que acompanha a trajetória do Autor, suas lutas, e se encerra com o fim do salazarismo.

9- Em 1985, fui com um grupo de escritores, graças à jornalista Cremilda Medina, a Portugal, atendendo a convite do Ministério da Cultura, para o lançamento do livro A posse da terra-escritores brasileiros hoje.

10- Queria conhecer escritores com os quais me correspondia ou que admirava. Além dos já citados, estive com Miguel Torga, Fernando Namora, Egito Gonçalves, Lídia Jorge, Eugênio de Andrade, Fernando Assis Pacheco e tantos mais, menos Saramago. Mas saí de lá com livros dele, como o recém-lançado O ano da morte de Ricardo Reis, em que o Autor se impregnou tanto de Fernando Pessoa a ponto de bem poder ser mais um de seus heterônimos. Ganhei, do amigo A. Vicente Campinas, A Noite. Peça simbólica, que se passa na redação de um jornal, noite metafórica, quando desmorona o salazarismo - e cujo pálido amanhecer pode significar também a democracia.

11- Na Bienal do Livro de São Paulo (1986 ou 88) afinal fiquei conhecendo Saramago. Conversava eu com o Antônio Houaiss, quando o escritor ia passando. Viu Houaiss, eram grandes amigos, parou, fui apresentado, ficamos ali uns 40 minutos. Por mais que me esforce não tenho idéia precisa do que conversamos, certamente sobre a Feira, livros, o projeto de defesa da língua portuguesa. Dois dias depois, novo encontro, agora presente o Rouanet, íamos todos para um debate.

12- Claro que continuei acompanhando o Escritor, cada novo livro uma confirmação, até seu nome começar a ser cogitado para o Prêmio Nobel de Literatura, que lhe foi atribuído em 1998, num grande acerto da Academia Sueca. Saramago não é apenas a maneira de narrar personalíssima, diferente; não é somente o homem fiel a suas idéias; não é só um escritor de força inusitada; não se limita à fruição de um texto que fascina. É mais: ele provoca e faz pensar – ideal buscado por todo escritor que se presa e respeita o leitor.

13- Saramago na Ilha. Doutor *honoris causa* pela UFSC e almoço com escritores. Esta é outra história. Dela, certamente, outros se ocuparão.

CÓDIGO PARA VAZADO

Jorn. GERALDO GALVÃO FERRAZ
Cad. de Sábado/Jornal da Tarde-SP
FAX Nº (011) 8562257 ou 8564555

120

OBS:

AS EXEMPLARES NOVELAS DE UNAMUNO

Salim Miguel

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

A mesma proposta ficcional parece dominar as 3 novelas exemplares e um prólogo, de Miguel de Unamuno, sendo uma a continuação da outra, e a atravessa-las a preocupação com a estrutura narrativa e a visão de mundo. Personagens tirânicas e dominadoras são as principais marcas nelas inscrita: na primeira, Raquel, a viúva, amante do fraco Don Juan; na segunda, Carolina, a filha do empobrecido Marquer de Lumbría; e na última, Alejandro, que só sabia dizer eu.

Uma leitura assim simples é enganadora. O A. exige mais. Também se pode encontrar outras marcas: pessimismo; ironia; retrato de boa parcela da sociedade; fusão do psicológico e do social; análise da alma humana; e, amparando-se em Cervantes, explicar que o "exemplares" [illegible] mais ao plano estético do que moral. Se bem que este segundo componente se entremostre e perpasse as tramas.

As três novelas - ou quatro, pois Unamuno afirma que o instigante prólogo é "de certa forma, outra novela; a novela de minhas novelas" - possuem unidade de tratamento e temas. Em todas a mesma intenção em desvelar o ser humano com suas angústias e incertezas, não visto exteriormente, mas do íntimo, através de suas reações, seus medos, suas dores, suas arrogâncias, suas dúvidas, sua força que é fraqueza. Assim, em "Duas mães", o amante da viúva, que o empurra para

OBS:

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

outra mulher, a fim de que tenha o filho que ela não pode ter, e o debate sem saída para a armadilha que ajudou a erguer, embora ironicamente se chame Don Juan; em "O marques de Lumbría", temos duas irmãs e o mesmo homem, envolvidas numa paixão doentia, também sem saída visível; em "Nada menos que um homem inteiro", o homem, cruel, autosuficiente, que praticamente comprou a mulher do pai empobrecido, sem compreender o que está causando a ela e a si mesmo, até a tragédia final, única saída. Em tudo, o retrato amargo da classe média ou alta e de uma decadente nobreza, em contraposição a um mundo em transformação, que subjaz. O que importa é a maneira como tudo nos chega, o poder de captação da realidade.

Crítico dos críticos, Unamuno costumava dizer que a realidade "não é o que os críticos chamam de realismo". Para criar pedia: "esperem o dia em que tragam a lume [os personagens] nus, a alma de sua alma, o que desejam ser, num grito, num ato, numa frase". E acrescentava: "Qual é a realidade íntima, a realidade real, a realidade eterna, a realidade poética e criativa do homem? Seja homem de carne e osso ou seja um desses que chamamos de ficção, é a mesma coisa. Porque Don Quixote é tão real quanto Cervantes; Hamlet ou Macbeth tanto quanto Shakespeare; e o meu Augusto Pérez tinha talvez suas ra-

OBS:

zões para me dizer, como me disse, que talvez eu não fosse mais do que um pretexto para que sua história e as dos outros, inclusive a minha própria, chegassem ao mundo." (in Niebla)

Figura múltipla, Don Miguel deixou ensaios e ficção, poesia e memorialística, crítica e debates, foi professor e homem público por sua atuação. Em muitos momentos inovou e revolucionou. Por exemplo, Niebla, que intitulou de nivola, em contraposição à novela espanhola (o nosso romance), e onde o protagonista, Augusto Pérez, chegado a uma situação limite se revolta e não vê outra saída a não ser o suicídio. Temos outra vez, aqui, o problema da saída, tão frequente em Unamuno. Leva o caso ao A., que discorda, e para mostrar quem manda, faz com que seu personagem tenha um derrame. Mas o livro também se abre de forma inusitada, com um personagem menor (Victor Goti), a quem D. Miguel de Unamuno pede que esclareça aspectos da trama, e, logo, insatisfeito com a solução, contesta-o. O tema foi ampliado por Pirandello em "Seis personagens em busca de um autor; e a partir daí retomado por outros escritores até a exaustão.

Humanista, agitador de idéias, Unamuno teve papel importante em momentos cruciais da vida espanhola, tanto no final do século passado, como neste, quando foi exilado durante a ditadura de Primo de Ri-

OBS:

vera e morrendo de desgosto na de Franco. Contraditório e polêmico, um texto que bem pode caracterizá-lo é Contra esto e aquello. Mas para além da obra ensaística (La agonia del cristianismo; El sentido tragico de la vida), deixou contribuição expressiva na poesia (Poemas del destierro) e na ficção (Niebla foi há pouco traduzida entre nós com o título de Névoa).

Infelizmente continua desconhecido (ou pouco conhecido) no Brasil. Esperemos que estas envolventes novelas chamem atenção para sua obra e sua vida. Lamentamos apenas que a tradução, em certos trechos, não seja mais cuidada, deixando de revelar todas as virtualidades do A. e a força de sua paixão, tão explícita que por vezes beira o melodrama.

1995

3 novelas exemplares e um prólogo, de Miguel de Unamuno, tradução de Mustafa Yazbek, Ed. Nova Alexandria, São Paulo, 1995, pp103

CÓDIGO PARA VAZADO

Ao
Editor do Caderno de Sábado/Jornal da Tarde
FAX Nº (011) 8562257 ou 8564555

OBS:

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

Não vou discutir alterações, ou até cortes, em meu texto sobre Unamuno, alterando inclusive citações do próprio Autor, publicado no Caderno de Sábado/JT-SP,03-06-95.

Inaceitável é o corte no ante-penúltimo parágrafo, que se inicia: "Humanista e agitador de idéias..." Como foi publicado se comete grave erro histórico, situando a ditadura de Primo de Rivera em fins do século passado, quando em meu texto digo claramente que foi neste. Eis o trecho original: "Unamuno teve papel importante em momentos cruciais da vida espanhola, tanto no final do século passado como neste, quando foi exilado na ditadura de Primo de Rivera..."

Não entendi, também, o corte da palavra "desgosto" e da referência à ditadura de Franco.

Atenciosamente

Salim Miguel

Ref. 001.0058

CRÍTICAS
SOBRE AUTORES
HISPANO-AMERI
CANOS

COMUNICAÇÃO JUVENTUDE PARTICIPAÇÃO

X CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
FLORIANÓPOLIS, SC: 28/OUTUBRO A 1º/NOVEMBRO/1981

PROMOÇÃO
UNIÃO CRISTÃ BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PATROCÍNIO
UFSC/UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

121 MIGUEL, Salim. Aguardem o próximo capítulo. **O Popular.** 20/08/1978. p.7, Suplemento Cultural.

Aguardem o próximo capítulo

Tia Júlia e o Escrevinhador, de Mário Vargas Llosa. Trad. Remy Gorga Filho, Nova Fronteira, 1978 Rio, 282 pp., Cr$ 140

Aparentemente sem a ambição (e também sem a dimensão) de outros livros seus, este novo romance de Mário Vargas Llosa coloca em debate um tema fascinante: os problemas do fazer literário e da própria atividade de escrever. Durante todo o seu desenrolar, Llosa se questiona a propósito de Pedro Camacho, Autor de radionovelas de estrondoso êxito.

Camacho escreve com extrema paixão, praticamente durante as 24 horas do dia, só pensa em seus escritos, nas situações dúbias em que envolve personagens, no estranho mundo que vai criando - e no que sacrifica para criar este mundo. É tanta a garra com que se empenha, que a partir de um determinado momento acaba por confundir realidade e fantasia. "Eu trabalho sobre a vida, minhas obras, aferram-se à realidade como a cepa à videira", diz ele. Então, por que esta caricatura de vida, por que não é Camacho um autêntico criador, um verdadeiro escritor, mas apenas um escrevinhador? Em que medida um escritor, quando vai dominando o seu *métier*, corre o risco de se transformar num mero escrevinhador em busca do público que conquistou e do sucesso fácil? Por que abandona a inquirição e que fio tão fino é este que separa um do outro? Onde se perde ele?

São questões que Llosa se põe e que procura desvendar em seu livro. Mas a interrogação permanece.

A ação de *Tia Júlia e o Escrevinhador* decorre na primeira metade da década de 50. Os Genaro, donos de duas estações de rádio do Peru, estão cansados dos *scripts* que recebem de Havana; ouviram falar no fenômeno boliviano Pedro Camacho e em suas radionovelas. Ele é contratado, vem para Lima, onde agora trabalha infatigavelmente, não só escrevendo mas também interpretando e dirigindo. É um autor de tempo integral. Prepara, simultaneamente, diversas novelas para diferentes horários, situando-as nos vários bairros de Lima. A fórmula é sempre a mesma, ainda que abordem problemas de variadas classes sociais. E são sempre estereótipos.

Lima e todo o Peru param para ouvir as novelas, sofrem com as personagens, discutem o desenrolar dos acontecimentos como se os estivessem vivendo, aguardam com ansia o próximo episódio. As novelas fazem jorrar rios de lágrimas dos milhares de ouvintes, causam pasmo e expectativa. Emocionam, divertem, *instruem*.

Então, o que faltará para que os trabalhos de Camacho sejam literatura, boa literatura, boa literatura? - interroga-se Mário. Essa é a busca que empreende.

Acontece que, no mesmo edifício, numa sala contigua à de Camacho, redigindo os noticiários que alimentam a morbidez de outra faixa da população ávida de informações, está o próprio Mário (Marito ou Varguinhas, como é mais conhecido). Tem 18 anos, sonha ser escritor, perpetra seus primeiros contos calçados numa realidade que vê ou pressente, analisa o mundo que o cerca e o bicho Camacho, faz, enfim, seu aprendizado para a vida e para as letras.

Seus pais vivem nos Estados Unidos, ele, com os avós. Estuda Direito, sem nenhum entusiasmo. Pais e parentes pretendem vê-lo doutor. Mas ele quer escrever. E quando vem a conhecer a tia Júlia, mais velha, divorciada, por quem acaba se apaixonando e é correspondido. A família não pode saber, seria um escândalo. Eles se encontram às escondidas.

Com estes elementos, intercalando sua própria história romanceada e narrada na primeira pessoa em contraponto com as novelas que Pedro Camacho cria, Llosa nos oferece uma narrativa instigante e repleta de humor.

Ao contrário de outros livros seus (*Conversa na Catedral*, pro exemplo), onde joga com multiplicidade de planos, rompendo com a cronologia e a linearidade e utilizando técnicas de vanguarda para a criação de seu mundo ficcional, *Tia Júlia e o Escrivinhador* tem estrutura e desenrolar mais diretos. A cada capítulo das aventuras de Mário e da história de Camacho, segue-se uma das novelas para rádio de Camacho.

Mas esta aparente facilidade do romance, que avança regularmente no tempo, pode até ser ilusória. Pois aqui também Llosa exige releitura (ou um outro plano de leitura, para que se possa penetrar em suas intenções mais profundas e alcançar o sentido último do que nos quer dizer.

É que, ao mesmo tempo em que Camacho vai se enredando em suas histórias, se prendendo e prendendo nos livros que cria, com personagens surgindo inesperadamente em novelas que não lhes pertencem, morrendo ou ressuscitando, adquirindo outras personalidades, Mário, sem sentir, vai também se envolvendo com tia Júlia, com a família, com a complicada e enorme parentela, com amigos e conhecidos, montando com sua vida uma trama novelesca. Com suas implicações e desdobramentos, a história de Mário e tia Júlia adquire contornos tão melodramáticos e risíveis quanto os das novelas de Camacho.

Será então, que um *dramalhão* nasce da maneira, inábil de tentar dar verossimilhança ao que realmente acontece ou foi inventado? E que fazer se a realidade real pode ser tão ou mais estranha e fantasiosa do que a realidade criada pela imaginação fértil e alucinada de um Camacho, mesmo quando este diz que trabalha sobre a vida?

Mas, apesar de tudo isto, dos problemas que levanta, a impressão que o livro deixa é a de que lhe fica faltando algo. Trabalhando aqui (o que é uma de suas características mais marcantes) ainda mais em cima de seu próprio *eu*, de suas vivências, de fatos que lhe estão extremamente próximos, é como se Llosa tivesse tido receio de enfrentar sua verdade mais verdadeira e de levar até as últimas consequências o desvendamento de si mesmo e de tia Júlia.

Escamoteia algo? Quem o sabe?

E o fecho do livro poderia ser muito bem como o fecho de uma das novelas de Pedro Camacho, com interrogações a Mário? Para onde encaminhará sua literatura que vem merecendo o favor do público e da crítica? Tia Júlia, depois de separar-se de Mário, o que fará? E como reagirão os cunhados que viraram sogros ao casar Mário com a prima Patrícia?

É a vida copiando a ficção.

Aguardem o próximo capítulo.

Salim Miguel

LIVROS

EU TE DIREI AS GRANDES PALAVRAS

Augusto Frederico Schmidt

Depois de publicado pela primeira vez em 1975 pela Editora Nova Aguilar, com edição esgotada desde o ano passado, a Editora Nova Fronteira publica o livro de Augusto Frederico Schmidt, *EU TE DIREI AS GRANDES PALAVRAS* contendo poemas e versos escolhidos, com uma apresentação de Alphonsus de Guimaraens Filho, o soneto em louvor de Augusto Frederico Schmidt de Manoel Bandeira e uma cronologia da vida e obra do poeta.

Auguto Frederico Schmidt nasceu e viveu no Rio de Janeiro em 1906 - 1965. Foi o grande poeta que primeiro se afirmou do Movimento Renovador de 1922 e em contraposição do mesmo, tendo se imposto pela originalidade de sua dicção, diferençando-se desde logo dos demais do seu tempo e se destacando como alguém que trazia mensagem nova, na verdade ainda não explorada por nenhum outro, tal o seu poder de sugestão e o real encantamento de suas imagens perturbadoras.

Em *EU TE DIREI AS GRANDES PALAVRAS*, (nome extraido de um de seus poemas mais belos) tem uma primeira parte que contém a seleção de seus numerosos versos desde Canto do Brasil em 1928 até Caminho do Freio 1964. Já a segunda parte se compõe de versos escolhidos entre os muitos que a viúva do poeta , Dona Yedda Schmidt confiou ao organizador do livro.

A nova Fronteira irá publicar em breve do mesmo autor *CANTO DA NOITE* que foi um dos seus livros mais importantes.

Preço : Cr$ 70,00- Páginas: 152.

O sucesso da novela de televisão *Maria, Maria*, fez com que se redescobrisse *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha, a base do seu roteiro.

Maria Dusá, agora lançado em nova edição pela Editora Ática, na sua famosa série didática "Bom Livro", estava esquecido há anos; sua primeira publicação foi em 1910, quando se destacou como um dos principais romances de tom regionalista da época.

Maria Dusá tem como ambiente a zona de mineração baiana de diamantes, por volta de 1860; a personagem-título - uma das mais importantes figuras de personagem feminina no romance brasileiro do tempo é uma bela mundana que renuncia à sua vida, sacrificando-se pelo objeto de seu amor. Isso contra um quadro que Lindolfo Rocha soube pintar com muito talento: uma sociedade rude, de homens brutais, ansiando por prazer e riqueza, onde se superpõem pessoas vindas de toda parte em busca de fortuna a qualquer preço.

Além da crônica da época, feita com minúcias, *Maria Dusá* empolga ainda hoje por sua trama bem armada, pelo impecável uso da linguagem. regional feito por Lindolfo Rocha e, em especial, pela convicção e pela verdade que se desprendem do personagem Maria Dusá, uma heroina que está entre as mais significativas da ficção brasileira de nosso século.

Maria Dusá, em edição da Ática, incluida na Série Bom Livro, além dos cuidados editoriais normais da Ática, tem prefácio de Afrânio Coutinho e suplemento de trabalho organizado por Antonio Alcyr Bernárdez Picora.

Relembrança

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

122

DA ARTE DE SABER NARRAR

Fecha-se o novo livro de Gabriel García Márquez, *O amor em tempos de cólera*, Ed. Record/ RJ, com uma interrogação: como é que com um tão comum e frágil fio de história consegue ele nos agarrar de tal maneira, fazendo-nos participar intensamente de seu universo ficcional; e de que modo García Márquez sabe extrair tamanho fascínio narrativo armando uma trama que já conhecemos desde suas primeiras linhas e intuímos como vai se desenrolar.

Melhor: que já conhecemos de bem antes, de milhares de outros textos.

Sim, porque pode-se situar a trama básica do romance em poucas linhas. Vejamos: dois jovens se descobrem, acreditam que se amam apaixonadamente acima de todas as coisas, morrerão se não se pertecerem, a mãe do jovem o incentiva, o pai da jovem proíbe-a de continuar vendo o namorado, manda-a viajar para esquecer alguém que é indigno dela, durante a viagem os dois jovens (como todos os jovens em todos os tempos) armam um esquema e continuam se intercomunicando. Afinal ela volta — e num ápice chega à melancólica conclusão de que não era aquele o homem de sua vida. Aparece-lhe outro, o príncipe encantado, belo, rico, vitorioso, casam-se — e vivem felizes, numa felicidade morna, durante mais de 50 anos. Enquanto isto o namorado desprezado vai à vida, luta, enriquece, torna-se alguém importante em seu meio. Embora não se case nunca, sempre à espera, procura a mulher de seus sonhos em todas as outras mulheres com as quais se relaciona. É em vão. Quando ela enviúva, os dois ex-jovens, já no fim da caminhada, voltam a se encontrar. Retomam o romance do passado como se tivesse sido interrompido ontem — e vão viver felizes para sempre. Num fogo que os consome interior e exteriormente. É um *sempre* que o autor deixa em suspenso e que talvez dure apenas dias. Para eles pouco importa. Aqueles dias significam a eternidade.

Dito assim — e é justamente assim que pode ser resumido — este novo livro de García Márquez, de 430 compactas páginas, parece nada acrescentar à sua obra. Mas aí está o engano. Ledo engano — como diria um personagem do romance. Há nele um mundo fervilhante de cores, de sons, de cheiros, de imagens, de sensações, de sensualidade, de emoções novas. Que nos envolvem de forma inapelável.

Cremos não ser preciso falar da maestria narrativa de García Márquez. Ou de seu profundo domínio da escrita, da força de seu talento de criador, da forma como sabe erguer uma história e conduzi-la. Mesmo deixando de lado *Cem anos de solidão*, obra-prima inquestionável, em qualquer dos outros textos sua magia de bruxo da palavra se faz presente e não nos larga. Ele sabe amar, construir, criar, dar vida a sua gente e sua comparsaria, uma gente e uma comparsaria que nos estão próximos pelas preocupações e pelos problemas comuns desta nossa América Latina. Pois ele cria, em *Amor nos tempos de cólera*, uma América Latina síntese.

Pegue-se, por exemplo, *Ninguém escreve ao Coronel*, modelar novela onde, também com um tênue fio de história ele transmite com percuciência o drama da solidão humana. Ou, ainda, em *Crônica de uma morte anunciada*. Logo no início García Márquez fornece ao leitor todos os dados, todos os elementos, como quem diz, aí tens, agora interrompe a leitura se és capaz. Ninguém interrompe.

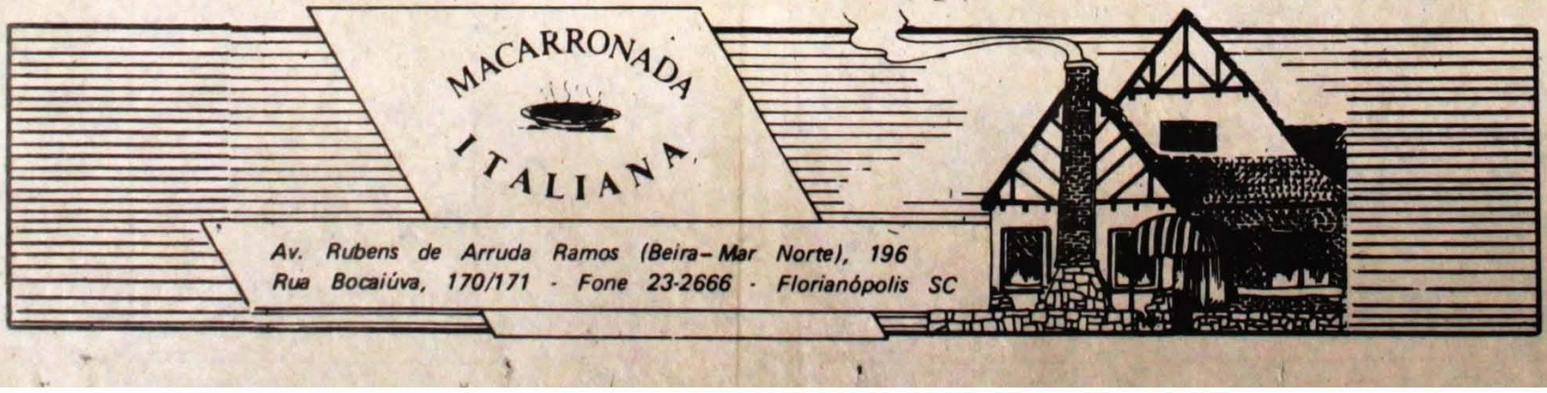
Aliás, sob este aspecto existe uma aproximação entre o mais recente livro de García Márquez e o *Crônica de uma morte anunciada*, onde logo nas primeiras linhas sabe-se que o personagem principal vai morrer. Também em *O amor nos tempos de cólera*, logo de entrada o autor nos fornece todos os elementos com os quais vai jogar. Manipulando vários pontos de vista, ainda assim sabemos o que vamos defrontar, como se construirá a história, qual seu encaminhamento, a lógica de sua estrutura. Ainda assim acompanhamos com emoção crescente — e por que não dizer suspense — o desenrolar daquele caso de amor.

Mas se o caso de amor é o cerne de tudo que nos é desvendado, para além dele existem outras situações, outros interesses, outros temas subjacentes que afloram, fluem e refluem. É um mundo fervilhante no qual navegam — navegamos — personagens que vão, passo a passo, se construindo em meio às guerras civis, à cólera que perpassa como sombra maléfica todas as páginas, ao frêmito de vida que banha tudo com extrema tensão e maior competência.

Uma palavra final para a tradução de Antônio Callado. Excelente romancista também ele, soube captar com sensibilidade o estilo ductil e envolvente de Gabriel García Márquez.

Mais uma editora adentra — para utilizarmos uma expressão grata ao futebolismo — o mercado livreiro. O que é sempre bom, pois mostra que o interesse pelo produto livro vem aumentando entre nós. Trata-se da Companhia das Letras, de Luiz Schwarcz, 30 anos, oito de Editora Brasiliense, onde ajudou a bolar coleções que se tornaram sucesso de público, venda, crítica. A nova editora, pelos primeiros títulos, começa muito bem. Vejamos: *A graça de Deus*, último romance de Bernard Malamud; *Poemas*, de W. H. Auden; *O anticristo*, de Augusto de Campos; *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson, autor entre outros do importante *O castelo de Axel*. Embora estes quatro livros já estejam nas livrarias, oficialmente a Companhia das Letras começa a navegar a partir do próximo dia 27/10 às 19h30, quando terá seu lançamento no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo.

"SEJA SEMPRE O MAIS BEM INFORMADO"
ASSINE "O ESTADO"
LOJAS:
ARS - Rua Felipe Schmidt 21 - sala 208
Fones: 22-4139 e 23-3816
Estreito - Rua Souza Dutra, 130 - Loja 3
Fone 44-6874
Campinas - Av. Presidente Kennedy, 378
Fone 44-5080
Barreiros - Av. Leoberto Leal s/nº
Fone 44-8611
Matriz - Rodovia SC-401 - Km 3 - Saco Grande
Fone 33-1866.



123 MIGUEL, Salim. A festa em vida. **O Estado**, Florianópolis, 12/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

A festa em vida

123

UM livro instigante e surpreendente, que muito nos acrescenta em conhecimento e verdade, e que se devora com a mesma paixão de um bom romance — eis como pode, sucintamente, ser classificado este *Memórias de um Cimarron*, de Miguel Barnet, que agora nos chega numa edição da Marco Zero/RJ, em tradução de Beatriaz A. Cannabrava. O *Testemunho* (como foi qualificado) que aqui temos, em linguagem saborosa e coloquial, é importante e significativo. É o depoimento de alguém que acompanhou boa parte da história de Cuba (vista do lado dos perdedores) de meados do século passado até inícios deste.

Esteban Montejo, negro, ex-escravo, com mais de 100 anos, ainda lúcido, relata, em palavras coloridas e sábias, sua saga, idêntica a de tantos outros como ele, em tantos países desta nossa América. Mostra o que era a vida dos escravos arrancados de seus países, colocados em porões infectos, vendidos como mercadoria, de que maneira eram obrigados a trabalhar sob o guante dos feitores, o tratamento desumano que lhes davam os senhores, que os escolhiam pela idade, pelos dentes, pela força física, pela beleza. Assim selecionados iam servir nas mais diferentes tarefas, desde o amanho da terra e usinas de açúcar, até o trato com as sinhazinhas.

O livro me puxa para o passado, me devolve a infância. Me vejo de novo em Biguaçu. Criança, na vendola de meu pai. À noite ali se formavam rodas para cavaquear e beber pinga. Sentado no chão, ou, se já era muito tarde no quartinho que ficava encostado à vendola, eu passava horas atento aos *causos*, ao riso. Em especial do preto velho Ti Adão, que tanto me marcou e que, de forma direta ou indireta, aparece em muito do que escrevo. Numa técnica inconsciente de história-puxa-história (que agora venho reencontrar no *Memórias de um Cimarron*) o preto velho, também ele nos seus bem-vividos 100 anos (ou próximo disso), cabeleira toda branca, bebendo, pitando, cuspinhando para os lados, ia emendando *causos* de sua própria vida, da vida de outros pretos, mitos, lendas, fantasias, fantasmagorias, histórias e estórias de fazendas por onde trabalhara, de patrões que tivera, de figuras com quem convivera, de personalidades que conhecera ou das quais tivera conhecimento por ouvir dizer, de mulheres e mulheres que possuíra. Moças, meninas, velhotas, pretas retintas, mulatas, brancas. (E aqui também encontro, no livro que acabei de ler, o mesmo fundo sensualismo percorrendo tudo, atravessando tudo como uma lava ardente).

Sem dúvida Ti Adão é o nosso Esteban Montejo. Ou um de nossos inumeráveis Esteban Montejo. O que nos faltou (e aqui me incluo) foi alguém com a sensibilidade de Miguel Barnet, capaz de intuir a importância de tal legado, recolher e saber transmitir toda uma psicologia, uma sociologia, uma antropologia, um modo de vida de um grupo humano transplantado de seu habitat contra a vontade e que se vê cerceado em sua liberdade. Aí procura lutar, quer resistir. Lutar não só para manter sua identidade, mas até para o simples sobreviver. Se possível livre, dono de seu destino.

Ao explicar de que maneira chegou ao projeto do livro, Barnet acrescenta que a partir de determinado momento, embora a proposta básica fosse mantida, "freqüentemente, uma palavra, uma idéia, despertavam em Esteban recordações que o afastavam do tema. Essas digressões foram também muito valiosas porque traziam para a conversa elementos que talvez não houvéssemos descoberto".

O resultado é um texto quente, que ressuma vida. Aquele *Cimarron* (palavra que em Cuba quer dizer escravo fugido, que prefere viver isolado na mata lutando para manter a liberdade) soube criar e recriar, com propriedade, não só passagens de sua própria existência e de sua gente. Soube mais. Foi além: traçou, com pertinência, do ponto de vista dos lá de baixo, um painel da vida de Cuba dos canaviais e dos engenhos de açúcar, da Cuba da dominação espanhola. Da Cuba da Abolição da Escravatura, da Cuba das lutas pela Independência, de figuras conhecidas ou desconhecidas com as quais conviveu e que tiveram participação decisiva em tais lutas. E fica implícito que se em determinado momento as lutas representaram libertação do jugo espanhol, criaram condições para a penetração norte-americana. Já quase ao

final de seu testemunho, diz Esteban: "Os americanos agarraram Cuba com engodo. É verdade que não devemos pôr neles a culpa de tudo. Foram os cubanos, os que obedeceram, os verdadeiros culpados. Aí há terreno pra investigar. (pág. 182)".

Mas é necessário que se fique atento a todo o livro, a outras significativas passagens, quando Esteban nos dá verdadeiras lições de sabedoria. Ao dizer, por exemplo (pág. 90) com inteira razão: "É melhor não se fazer tanta homenagem pros mortos, como se faz agora, porque na verdade tudo isso é hipocrisia. Tanto antigamente como hoje. Eu quero minha festa em vida." Ou então, pouco adiante, referindo-se à sua idade e aos esquecimentos que ela provoca, em especial para os fatos mais recentes: "Mas idade é idade e ninguém fica velho por gosto."

O GLOBO Sábado, 5 de junho de 1999

124

Divulgação

ERNESTO SABATO: apesar da tristeza diante da miséria, do desemprego, da desumanização, ele deixa, no epílogo, uma mensagem de alento para os jovens

Nas memórias de Ernesto Sabato, um inquietante e sombrio relato do mundo

'Antes del fin' registra a vida e a época de um dos expoentes da literatura argentina

Salim Miguel

Último remanescente de uma geração que deu nomes para as letras argentinas como um Jorge Luiz Borges, um Julio Cortázar, um Adolfo Bioy Casares, uma Silvina Ocampo, entre outros, Ernesto Sabato, 88 anos, sempre relutou em escrever suas memórias. Afinal, acabou cedendo às infindáveis insistências. E escreveu este "Antes del fin" (editora Seix Barral/Buenos Aires, 1998). Mas faz questão de, nas "Palabras preliminares", deixar expresso: "Venho acumulando muitas dúvidas, tristes dúvidas, sobre o conteúdo desta espécie de testamento que tantas vezes me induziram a publicar; decidi, finalmente, fazê-lo. Diziam-me: tens o dever de terminá-lo, os jovens estão desesperançados, ansiosos, e acreditam em ti". Logo se pergunta se merece esta confiança, acrescentando: "tenho graves defeitos que eles não conhecem".

Primeiro romance foi rejeitado pelas editoras

"Antes del fin" é um misto de memória, autobiografia, testamento e testemunho de alguém que tanto viu e que muito participou. Traça um quadro sombrio de seu tempo, um tempo de crises e desencontros. Diz em certo trecho: "O curioso é que com meio por cento do gasto em armamentos, poder-se-ia resolver o problema alimentar do mundo".

Tendo convivido com a maioria dos intelectuais de seu tempo, a trajetória de Sabato é prenhe de contradições. Na escola primária, revela-se exímio desenhista; não demora chega à pintura. Parecia traçado seu destino. Mas descobre as ciências físico-matemáticas. Adolescente, integra-se à Juventude Comunista, da qual logo se afasta. Mas é ali que encontra Matilde, musa inspiradora, que vai apoiá-lo e incentivá-lo em todos os momentos. E a quem se deve a preservação da obra literária do autor.

Afastou-se do PCA, porém jamais abandonou suas convicções socialistas. Nesse meio tempo aproximou-se do anarquismo e do surrealismo. Prosseguia na caminhada científica. Foi trabalhar no Instituto Curie, em Paris, fez doutorado no Massachusetts Institute of Technology, nos EUA. Passa a lecionar na Argentina e integra-se à comunidade científica. Por pouco tempo. Sentia-se inquieto, insatisfeito. Resolve abandonar tudo, muda-se, com Matilde e o filho único Jorge Federico, para uma cabana, e enfrenta dificuldades financeiras.

A indignação da comunidade científica, não só argentina, foi enorme. Corria o ano de 1945. Conta ele que um colega e amigo procurou-o e tentou demovê-lo daquela loucura. Em vão. Como derradeiro argumento lhe diz que se ele viesse a escrever um livro do nível de "A montanha mágica", de Thomas Mann... Sabato conclui o relato do episódio comentando que o amigo ficaria surpreso se tivesse lido o que Mann, já no final da vida, diria a respeito de "O túnel".

Este primeiro romance de Sabato fora rejeitado por todas as editoras da Argentina. Depois de muita insistência, acabou saindo pela "Sur", revista de Victoria Ocampo, onde se iniciaram praticamente todos os escritores argentinos daquelas gerações. Pouco depois de um ano, saía pelas edições Gallimard, graças à interferência de Albert Camus. Ao ler, faz pouco, entrevista de Ricardo Piglia, onde ele declara que hoje a obra de Borges não encontraria editor, penso que o mesmo ocorreria com Sabato.

Um quadro das lutas e perplexidades do ser humano

Mas também na literatura Sabato continuava insatisfeito, embora tenha obtido o reconhecimento unânime de todos os países em que foi publicado. Afirma, em "Antes del fin", que escrevia, escrevia muito, mas o que escrevia pela manhã, queimava à tarde. O que sobreviveu à piromania se deve a Matilde. Ensaios instigantes apareceram, entre eles "Uno y el universo" e "El escritor y sus fantasmas". Em 1979, nova virada. Afetado por um problema de visão, impedido de ler, pouco ou nada escreve — e retorna à sua primitiva vocação, a pintura. Pinta e expõe, não só em seu país, como no Centro Pompidou, em Paris. Em 1983, preside o comitê que examina os crimes da ditadura militar argentina e cujo minucioso relatório, intitulado "Nunca más", ficaria conhecido como "Informe Sabato". Santos Lugares, onde reside há mais de 60 anos, se torna uma legenda. Para ali acorrem colegas de profissão, jovens em busca de uma palavra, simples curiosos.

O livro, que agora nos chega, reflete um pouco de tudo isso. Dividido em partes, na primeira, "Primeros tiempos y grandes decisiones", traça um quadro das lutas e perplexidades de um ser humano que busca encontrar-se em meio aos muitos caminhos que se lhe oferecem. Diz: "Extraviado em um mundo em decomposição, entre restos de ideologias em bancarrota, a escrita tem sido para mim o meio fundamental, o mais absoluto e poderoso, que me permitiu expressar o caos em que me debatia". Na parte dois, "Quiza sea el fin", temos um retrato amargo, de fundo pessimismo, a propósito de nosso tempo: "Que horror, o mundo!" É um grito contra a desumanização, contra o extremado tecnicismo, contra o economicismo desumano, contra o brutal neoliberalismo, contra o desemprego, a miséria, o desmatamento, os poucos com muito e a grande maioria sem nada. Bom trecho é dedicado ao Brasil. Sabato fala das multidões de desempregados, das crianças famintas perambulando pelas ruas, dos sem-terra.

Na terceira parte, "El dolor rompe el tiempo", o tom se modera, é um alerta aos jovens. Deles depende a reversão do quadro. É quando tece um melancólico hino de amor e de saudade à mulher e ao filho mortos. No epílogo, "Pacto entre derrotados", ele fala diretamente aos jovens para, depois do quadro dantesco que traçou, deixar uma palavra de alento: "Só os que sejam capazes de encarar a utopia estarão aptos para o combate decisivo, o de recuperar o quanto de humanidade tenhamos perdido". ■

SALIM MIGUEL *é escritor*

O GLOBO 125 Sábado, 9 de dezembro de 2000

Sabato entre sombras, dúvidas, esperanças, desesperos e utopias

Criador de obras-primas, em seu livros, usa escrita para expressar o caos

O tunel, *de Ernesto Sabato. Tradução de Sergio Molina. Companhia das Letras, 152 páginas. R$ 22.*

Antes do fim, *de Ernesto Sabato. Tradução de Sergio Molina. Companhia das Letras, 168 páginas. R$ 22*

Salim Miguel

Reprodução

ERNESTO SABATO: o mundo é um horror, mas é preciso manter a fé

Dois livros de Ernesto Sabato, distantes 50 anos no tempo, de aparição quase simultânea entre nós, têm algo que os aproxima. É a luta do autor para conseguir a publicação do primeiro e a mesma luta para não escrever o último. Aliás, toda a trajetória do escritor argentino é feita desses embates.

Jovem e prestigiado cientista, com estudos no Instituto Curie e no Massachusetts Institute of Technology, de repente, para indignação da comunidade científica, decide abandonar a carreira e se dedicar às letras. Publica, espaçadamente, três romances, cada qual mais provocador, e alguns ensaios, entre eles "O escritor e seus fantasmas" e "Homens e engrenagens". Também aí sente-se insatisfeito e, alegando um problema de visão, abandona as letras e dedica-se à pintura, sua paixão de infância.

Seu primeiro livro de ficção é "O túnel", que agora nos chega em nova tradução. Diz Sabato em "Antes do fim", seu último livro, que o romance foi sistematicamente recusado por todas as editoras argentinas e só acabou sendo publicado graças à pressão de escritores junto a Victoria Ocampo, que dirigia a importante revista SUR. O sucesso do livro foi fulminante, também no exterior. Um ano depois, devido à interferência de Albert Camus, o livro aparecia na França, pela Gallimard.

Uma novela psicológica sobre amor e morte

Narrado na primeira pessoa pelo personagem Castel, pintor famoso, "O túnel" é uma novela psicológica e ao mesmo tempo um solo. Não parece livro de estréia, mas nos chega maduro, como de alguém que já domina seu instrumento, sabendo criar, construir, intrigar através de um tênue fio de história.

A narrativa se inicia de forma clara, objetiva: "Basta dizer que sou Juan Pablo Castel, o pintor que matou Maria Iribarne..." Começo falacioso; a partir dele vamos sendo introduzidos nos meandros de uma novela de funda ressonância existencial. Tudo conflui para criar a contraditória personalidade do pintor assassino, eivada de dúvidas e ciúme. Na aparência mais um corriqueiro e banal triângulo amoroso. Só que no caso o assassino não é o marido cego, mas o amante, inconformado, não aceitando dividir a mulher, aquela Maria Iribarne. O autor, como seu personagem, avança, recua e deixa interrogações pendentes. Há por detrás da primeira leitura uma outra, onde nos deparamos com um entrecho de lógica implacável, escrito com extrema economia de meios.

Castel está expondo. De repente percebe um vulto de mulher diante de um quadro. Ela parece não ver o quadro. Vê apenas, lá no fundo, um pequeníssimo detalhe. Este detalhe a deixa siderada. O pintor a observa. Para Castel, a partir daí, nada mais existe. É que, também para ele, e ninguém antes o percebera, aquele detalhe resume tudo, significa um mundo insuspeitado. Antes que possa chegar até a mulher, ela desaparece. Consegue afinal encontrá-la e o primeiro contato com Maria é o prenúncio de todos os demais; são duas personalidades fortes que se atraem e repudiam.

Uma primeira leitura pode levar a um falso julgamento. Talvez intencionalmente falso, conduzido por aquele Castel ou aquele Sabato. São avanços e recuos, desdobramentos de uma mesma trama, que nos parecera tão clara e vai se tornando labiríntica. Numa nota introdutória a "Sobre heróis e tumbas", publicado 13 anos depois de "O túnel", diz Sabato que "existem certos tipos de ficções pelas quais o autor tenta livrar-se de uma obsessão que não é clara nem para ele mesmo", e acrescenta que seguiu "explorando esse obscuro labirinto que conduz ao segredo central de nossa vida".

"Antes do fim" é um misto de memória, testamento e testemunho de alguém que tanto viu e participou. Traça um quadro sombrio de seu tempo, um tempo de crises e desencontros. Diz em certo trecho: " O curioso é que, com meio por cento do gasto em armamentos, poder-se-ia resolver o problema alimentar do mundo". Mas Sabato faz questão de, nas "Palavras Preliminares", deixar expresso: "Venho acumulando muitas dúvidas, tristes dúvidas, sobre o conteúdo desta espécie de testamento que tantas vezes me induziram a publicar; decidi, finalmente, fazê-lo. Diziam-me: tens o dever de terminá-lo, os jovens estão desesperançados, ansiosos, e acreditam em ti". Logo se pergunta se merece esta confiança, acrescentando: "tenho graves defeitos que eles não conhecem".

Aos 89 anos, lúcido e atuante, o escritor vê Santos Lugares, onde reside há mais de 60 anos, se tornar local de peregrinação, para onde acorrem colegas de profissão, jovens em busca de uma palavra, curiosos. Em 1979, afetado por um problema de visão, impedido de ler, pouco ou nada escreve — e retorna à sua primitiva vocação, a pintura. Pinta e expõe, em seu país e no exterior. Em 1983, preside o comitê que examina os crimes da ditadura argentina e cujo minucioso relatório, intitulado "Nunca más", ficaria conhecido como Informe Sabato.

Perplexidades ante um mundo em decomposição

O livro, que agora nos chega, reflete um pouco de tudo isso. Dividido em partes, na primeira, "Primeiros tempos e grandes decisões", traça um quadro das lutas e perplexidades de um ser humano que busca encontrar-se em meio aos muitos caminhos que se lhe oferecem. Diz: "Extraviado em um mundo em decomposição, entre restos de ideologias em bancarrota, a escrita tem sido para mim o meio fundamental, o mais absoluto e poderoso, que me permitiu expressar o caos em que me debatia". Na parte dois, "Talvez seja o fim", temos um retrato amargo, de profundo pessimismo a propósito de nosso tempo, a ponto de lançar este grito de angústia: "Que horror, o mundo!" É um grito contra a desumanização, de alerta contra o mundo que temos diante de nós, contra o tecnicismo, contra o economicismo desumano, contra o desemprego, a miséria, o desmatamento, os poucos com muito e a grande maioria sem nada. Bom trecho é dedicado ao Brasil. Sabato fala das multidões de desempregados, das crianças famintas perambulando pelas ruas, dos sem-terra. Já a terceira parte, "A dor rompe o tempo", é um alerta aos jovens. Deles depende a reversão do quadro. É quando tece um melancólico hino de amor e de saudade à mulher e ao filho mortos.

No epílogo, "Pacto entre derrotados", Sabato fala diretamente aos jovens, para, depois do quadro dantesco que traçou, deixar uma palavra de alento. Insiste em que, nas mãos deles, não só está o futuro da Humanidade, mas também a possibilidade de reversão de expectativas, no sentido de tornar o mundo mais habitável e solidário. Afirma: "Só os que sejam capazes de encarar a utopia estarão aptos para o combate decisivo, o de recuperar o quanto de humanidade tenhamos perdido".

Para o leitor brasileiro o encontro ou reencontro com um escritor do porte de Sabato é sempre um prazer estético e um enriquecimento interior. Esperemos que a publicação destes livros seja o prenúncio da volta às livrarias dos outros títulos de sua autoria. ■

SALIM MIGUEL *é escritor*

126 MIGUEL, Salim. "A Morte de Artemio Cruz" está de volta. **Jornal da Tarde,** 07/01/1995, p. 6, Livros.

LIVROS

126

'A Morte de Artemio Cruz' está de volta

O livro de Carlos Fuentes, marco do romance latino-americano, é relançado e mostra vigor renovado

☐ Por Salim Miguel

Artemio Cruz agoniza. Sua voz interior é a que nos atinge, num primeiro momento. Medo da morte? Mais: lamentar o que fez de sua vida, examinar de que maneira chegou até onde chegou. Empresário bem-sucedido, vê agora, não era aquilo o que desejava quando jovem. Carrega sua cruz que lhe pesa e angustia. Quer reavaliar o ontem.

A proposta de Carlos Fuentes: através de uma narrativa descontínua e acronológica, é nos devolver a existência de Artemio em sua totalidade, realizada em aparência, no fundo frustrada e frustrante.

Em que momento ter-se-ia dado a transformação? Num processo caótico, o Artemio de tantos sonhos se desestrutura. Consciente ou inconscientemente, deixa de ser ele mesmo, para se transmutar em outro (ou outros), ambicioso, sem sentimentos, sem escrúpulos. Num crescendo busca se afirmar de acordo com as leis ditadas por um mundo cruel.

Uma das chaves para a compreensão da proposta de Fuentes é: "Ah, o corpo morre de dor, mas o cérebro se enche de luz. "Por intermédio dessa luz, do fluxo de consciência, vai se tomando conhecimento da trajetória do protagonista — e de boa parcela da história mexicana.

Fuentes vem de uma geração que marcou as letras mexicanas. Não só: as hispano-americanas. Basta citar dois nomes: Juan Rulfo e Juan José Arreola. A diferença: ambos de obra contida e escassa, em tamanho, enquanto Fuentes é de obra volumosa, barroca, que se espraia em diferentes direções e lhe confere uma visão de mundo algo cosmopolita, sem contudo perder o sentido da nacionalidade. Aliás, em longa entrevista ao ensaísta Emir Rodrigues Monegal, ele confessa que, se existem escritores expressivos arraigados a seu torrão natal, outros necessitam sair, respirar novos ares, apreender o país de origem visto à distância. Acrescenta: "Pois a visão cosmopolita me parece importante, sobretudo neste momento em que, como diz Paz, somos pela primeira vez contemporâneos de todos os homens". Vai além, ao insistir que o México sempre foi a terra de eleição do surrealismo, sendo ali tal tensão mais forte, "porque o abismo entre o desejo e seu objeto é enorme". Temos aí uma boa síntese de seu projeto literário.

Isto nos devolve à saga de Cruz. Entre o que sonhou ser enquanto jovem e no que se tornou o velho agonizante há um abismo, fazendo com que o desejo dos sonhos e das aspirações fossem empurrados para um desvão no mais fundo de seu ser. Só agora, diante do espectro da morte, mexem com o que dele restou e tentam subir à tona, em busca de uma possível explicação, inquietanto-o e atormentando-o.

Mas até se alcançar o âmago da estrutura narrativa, com suas idas e vindas, é preciso saber ler com extrema acuidade cada palavra, cada frase, cada trecho, atento às armadilhas que vão sendo espalhadas ao longo do texto. Uma vez absorvida a proposta, o leitor mergulha com ânsia naquele universo, dominado pelo poder criador do autor, pelo fascínio de uma prosa que o envolve de forma inapelável.

Carlos Fuentes em foto da época em que escreveu 'Artemio Cruz': a história mexicana como cenário para uma vida

Ainda que em aparência nada tenham a ver um com o outro, o quase morto Artemio Cruz e o já morto Braz Cubas se aparentam e pedem confrontação; da mesma forma que as impressionantes seqüências de batalha entre irmãos remetem para cenas assemelhadas no magistral livro do americano Stephen Crane, **A bandeira rubra da coragem.**

Para o poeta e ensaísta Octávio Paz, "a busca da identidade é o tema constante da obra de Carlos Fuentes". Ao embaralhar as idades biográficas de seu personagem, saltando de uma época posterior para uma anterior, ao usar indistintamente primeira, segunda, terceira pessoa, o A. quer recuperar aquela identidade e também a pureza inicial de um Cruz já sepulto sem saber, na tentativa de justificar (ou não) uma vida que não foi o que deveria ter sido.

É quando Artemio se interroga: em que momento me desviei, me perdi, me deixei envolver nas telas de um mundo que não desejava fosse o meu? Ao ver Regina, seu primeiro e verdadeiro amor, balançando no galho de uma árvore, enforcada; no momento em que assiste ao fuzilamento do índio e do amigo, irmão de sua futura mulher, quando os três é que deveriam ter sido fuzilados; ao sentir na própria carne a luta feroz entre irmãos; na melancólica fuga pelas terras devastadas de Espanha ante a vitória de Franco; ao se deixar corromper pela primeira vez?

O livro é tudo isto e muito mais. Talvez a resposta mais pertinente, para o que quer nos transmitir Fuentes, esteja em suas próprias palavras, nos ensaios de *La nueva novela hispano-americana*, ao dizer: "Radical ante su propio pasado, el nuevo escritor latino emprende una revision radical a partir de una evidencia: la falta de un lenguaje... Inventar un lenguaje es decir todo lo que la historia ha callado." Ele pretende uma confrontação dialética permanente, através da palavra, entre a modificação e a estrutura, a renovação e a tradição...

Escrevendo, em 1982, a respeito de outro livro do A., eu dizia: "Embora reconheça o significado de **Terra nostra**, texto que mexe com o leitor, confesso que, de Fuentes, ainda prefiro **Aura e A morte de de Artemio Cruz**. Agora, ao reler em português, passados mais de 30 anos, este livro (FCE/Coleccion Popular/Mexico-1962), a mesma impressão permanece. E não posso deixar de comparar a atual tradução com a de Geraldo Galvão Ferraz (Edinova-1968), que captava melhor não só a complexidade como as inovações estilísticas e a estrutura narrativa do original.

A tradução de Inez Cabral, embora não seja má, contém impropriedades e se perde em algumas ocasiões. Além de compactar trechos, sem procurar manter os espaçamentos exigidos pelo A., fundamentais para as pretensões de Carlos Fuentes, desvirtua e enfraquece o texto, retirando-lhe características muito peculiares, ao trocar o *tu* por *você*..

☐ **A MORTE DE ARTEMIO CRUZ**, de Carlos Fuentes. Tradução de Inez Cabral. Rocco, 238 págs., R$ 19,00.

Salim Miguel é escritor

18.2.95
JORNAL DA TARDE
São Paulo - SP

127

O conto e sua criação

O ~~uruguaio~~ Mempo Giardinelli reúne teoria e prática da ficção curta, num volume precioso para escritores e leitores

☐ Por Salim Miguel

Centenas (ou melhor, milhares) de páginas já se escreveram sobre o conto, a teoria do conto, a estrutura contística, forma e conteúdo, o que é um conto, como se escreve um conto, diferença entre conto, novela, romance, que os homens sempre se contaram histórias, que o contar faz parte intrínseca do ser humano.

Examinar estruturas e propostas, nível de qualidade, estilos, épocas e evolução do conto, desde sua mais remota antigüidade até os dias de hoje, tudo bem. Achar que a raiz do conto moderno, em todas as suas vertentes, do psicológico ao fantástico, do regional ao policial, está em Poe, também tudo bem. Agora, ensinar a escrever contos, por meio de fórmulas, nos parece tarefa vã. Só há uma boa maneira para o futuro contista se exercitar: ler, ler, ler, reler até a exaustão, examinar minuciosamente a intenção última do autor, suas chaves, saber de que maneira trabalhou tal ou qual tema, por que utilizou tal ou qual palavra, como chegou até o leitor e o instigou, dizendo, vai, me lê e vê se consegues me largar antes do fim. Claro que só isto, o ler ininterruptamente, não basta para fazer o escritor; é preciso, também, vocação, persistência, busca incessante de uma linguagem pessoal, não desistir diante das dificuldades, escrever e rasgar, escrever e cortar, pois o verdadeiro escritor é aquele que sabe cortar sempre mais, como quem corta na própria carne.

"O bom conto te segura na cadeira e não se interrompe nem que a casa venha abaixo"

Uma definição de conto, precisa e exata, definitiva, não se conhece. Será definido apenas pelo tamanho, conforme querem alguns? É isto que o diferencia do romance? Ou da novela — já que para complicar ainda mais temos, entre nós da língua portuguesa, além do romance, também a novela, produto híbrido. Há, contudo, os que contestam com veemência tal assertiva. Para eles não basta a brevidade, que seria uma das características inerentes ao gênero; devem existir outras marcas identificadoras, como estruturação própria, tensão contínua, unidade de tratamento, limitação de tempo narrativo e personagens.

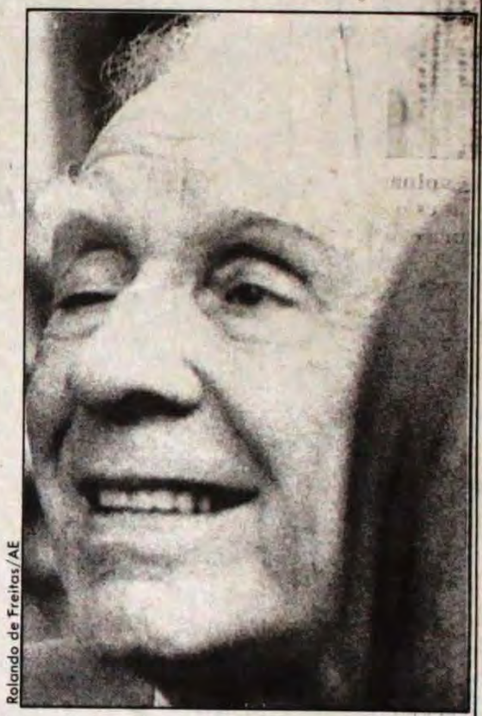
Brincando-brincando, Mário de Andrade forjou sua definição, quando diz que "conto é tudo aquilo que o autor resolveu denominar de conto". Para quem não se satisfaz com tal simplificação definidora, existem outras. A de Carlos Mastrángelo, por exemplo, em **Bases para una teoria del cuento**, ao afirmar: "Algo esencial del cuento... es su unilinealidad, su unidad de asunto, su única espina dorsal". Não basta? É procurar então na **Morfologia do conto**, de Propp; ou nas várias anotações de Poe. No caso presente o que mais nos interessa é citar hispano-americanos. Comecemos por Quiroga e seu **Decalogo del perfecto cuentista**, sintetizado nas palavras seguintes: "Narra como se o conto não tivesse interesse senão para o pequeno ambiente de seus personagens". Outros: Enrique Anderson Imbert, Juan Armando Epple, Edmundo Valadés, Carlos Mastrángelo, ou Mempo Giardinelli, em seu livro **Assim se escreve um conto**, onde não só busca definições como vai além: dá uma "classificação possível do conto latino-americano"; e acrescenta: "o conto é o gênero de maior vitalidade e o mais moderno", o que complementa em entrevista por ocasião do lançamento do livro em Porto Alegre: "Um bom conto é aquele que te segura na cadeira e que não podes interromper mesmo que a casa venha abaixo..."

Tudo bem. Vamos então ao livro de Giardinelli. Não sem antes deixar inscrita a definição que prefiro, seja para o conto com começo-meio-fim ou de atmosfera. Por sinal, não sei se a li, se a ouvi, se a adaptei. Ei-la: "Conto é como uma flecha no arco distendido ao extremo, que disparada deve prosseguir sem titubeio, mantendo inalterada sua trajetória até o impacto final no alvo. Ao contrário do romance, que pode sofrer quedas bruscas sem que isto lhe afete a qualidade, mesmo com perda circunstancial de densidade".

Abrindo com sua "Estrutura e morfologia do conto", Giardinelli oferece, a seguir, uma vintena de entrevistas com nomes expressivos da literatura hispano-americana, todas publicadas na revista **Puro Cuento**, que ele edita. De leitura instigante e proveitosa, o livro revela a opinião dos entrevistados (mesmo quando raramente se debruçam sobre o conto) a propósito de tão fascinante tema. Mas, a nosso ver, uma das atrações do volume é procurar aferir respostas, ver de que maneira escritores de formação tão diversa no exame da coisa literária vêem o conto e o praticam (ou não). Assim, se todos admiram profundamente Borges, a quase absoluta maioria ama Kafka e Rulfo. Se nomes (Quiroga, Maupassant, Arreola, Tchecov, Poe, Joyce, London) são citados com freqüência, outros que delimitaram momentos significativos na trajetória da história curta (Mansfield) raramente são lembrados. Alguns têm presença garantida (Cortázar, O. Henry, London, Harte, Hemingway).

Agora que o livro aparece no Brasil, outra observação: excetuando Valadés, que durante anos editou, no México, a revista **El Cuento**, publicando autores brasileiros, ninguém mais se refere aos nossos autores. Ainda assim, Valadés só indica Guimarães Rosa e mais meia dúzia. Nem Machado de Assis, sem dúvida nome que se destaca no Brasil, nas Américas, em todo o mundo, pela qualidade e pelo alcance universal da sua prosa perfeita, em especial a contística.

Há, entre os entrevistados, surpresas para os desavisados, Juan Filloy: quantos terão ouvido falar nele? Nem em antologias argentinas seu nome aparece. No entanto, esse autor, que em 1987, data da entrevista, contava 93 anos, é considerado pelo entrevistador "sem dúvida um dos mais importantes da história literária nacional". Ou Elsa Isabel Bornemann, contista para jovens de qualquer idade. Outros (Fuentes, Donoso) podem ser considerados contistas? Pouco importa, no caso. Importa, sim, no livro, a visão de cada autor a propósito da arte de escrever. E sempre é bom saber de que maneira começaram, e estimulante confrontar o que pensam um Imbert, um Skarmeta, um Donoso, uma Silvina Ocampo, um Bioy Casares, um Valadés, um Soriano, um Fuentes. De qualquer maneira, é livro que recomendamos para todos os que se preocupam com o processo de criação literária e por que, apesar de tudo, se continua escrevendo. E até mesmo lendo...



Rolando de Freitas/AE

Jorge Luís Borges: uma admiração unânime dos entrevistados

☐ **ASSIM SE ESCREVE UM CONTO**, de Mempo Giardinelli. Mercado Aberto, 336 págs. R$ 18,60.

Salim Miguel é escritor

Arquivo Leia

— CAIO FERNANDO ABREU

Ao som da guaracha

A GUARACHA DO MACHO CAMACHO de Luis Rafael Sánchez (Trad. de Eliane Zagury). Francisco Alves, 215 pp. 600,00

Se melodia e letra da guaracha do Macho Camacho ponteiam este romance, tocada a música ininterruptamente pelas emissoras de Porto Rico, e se o engarrafamento monstro (onde o autor se reporta ao conto A Autopista do Sul, *de Julio Cortázar) também marca todo o clima do livro, outra constante que não pode ser esquecida é a referência, direta ou indireta, a escritores e livros, filmes e músicas, os mais diversos e díspares, dos mais diferentes lugares e épocas.*

A história se desenrola num final de tarde de uma quarta-feira qualquer, envolvendo em sua trama quatro (ou seriam cinco?) personagens principais, e uns poucos comparsas. Elas aparecem nos blocos do texto sempre na mesma ordem, antecedidas pelo anúncio de um locutor que não se cansa de louvar a maravilhosa guaracha.

As quatro personagens (cinco, pois uma se desdobra em duas, a Amante e a Mãe), estão esperando. A Amante espera o Velho, que virá encontrá-la, já nua, às cinco horas, e espera, um dia, vir a ser alguém como Iris Chacon, a artista de TV; o Velho, que é o Senador Vicente Reinosa, espera que o engarrafamento lhe permita chegar em tempo ao encontro combinado e espera novos êxitos políticos e sexuais; Graciela, a frígida e complexada mulher do Senador, nem bem sabe o que espera, entre seus fantasmas e os esperados encontros com o psicanalista; o filho do casal, Benny, em seu carango de luxo, uma Ferrari, espera se livrar do engarrafamento para que se possa soltar pelas estradas; e a outra face da amante, a Mãe, num plano de memória referencial, e numa preocupação que nunca a larga, conversa com a vizinha dona Chon sobre o filho mongolóide, esperando uma cura milagrosa.

E enquanto esperam, rememoram. Com isto, deixam em suspenso a ação e o presente, vivendo um tempo passado e uma possível projeção de um futuro que não parece nada promissor. A partir daí se constrói esta ficção de linhagem picaresca, se ergue um quadro de um país com seus entrechoques, oferecendo um panorama da gente e da terra bastante pertinentes, onde alienação e dominação se combinam.

Por sua estrutura, pela preocupação formal, pelo tratamento social que lhe é dado, o romance possibilita variadas leituras, remetendo o leitor a outras leituras e situações paralelas. E se na verdade esta reiterada citação, claramente nominada ou não, lhe acrescenta um novo sabor, não é menos verdade que, mesmo se tal componente nos escapa, a prosa de Sanchez ainda se mantém por seus outros méritos próprios, por sua inventiva, pela força do texto, pela virulência de seu humor, pelo retrato de uma realide dramática.

Mas, sem dúvida, a perquirição detetivesca, que se inicia logo à pág. 11, com uma referência a Tristes Trópicos, *de Lévi-Strauss, seguida na pág. 13 por* Belle de Jour, *romance de Kessel e filme de Buñuel, chegando até o final do livro (pág. 195) com outra citação a* O Falcão Maltês, *romance de Hammet e filme de Houston, é um atrativo à parte para a fruição total do texto.*

A guaracha e os meios de comunicação de massa impregnam a vida não só das personagens, mas de toda a comunidade. Usando, com ironia e constância o recurso da citação permanente, o autor parece querer nos mostrar que a chamada Cultura impregna e intermedeia a nossa visão de mundo. Por outro lado, revela que sem essa decodificação também se pode compreender o mundo.

— SALIM MIGUEL

LEIA LIVROS, outubro 1981

129 MIGUEL, Salim. Dom segundo sombra - Retrato de corpo inteiro da vida nos pampas, **O Estado**, Florianópolis, 29/03/1981, p. 30, Livros.

129

DOM SEGUNDO SOMBRA

Retrato de corpo inteiro da vida nos pampas

Salim Miguel

Duas vertentes literárias estão bem marcadas em **Dom Segundo Sombra,** o clássico argentino de Ricardo Guiraldes, publicado há exatamente 55 anos (em 1926) e que reaparece agora no Brasil, na mesma tradução de Augusto Meyer, em edição da Francisco Alves.

De um lado é o romance do aprendizado (espécie de educação sentimental e social) de um jovem em contacto com sua terra e sua gente; e do outro o que se convencionou chamar de "peregrinagem", pois através das peripécias dos personagens principais (o narrador Fábio e Dom Segundo) vamos acompanhando suas andanças por diversos lugarejos, onde eles entram em contacto com uma comparsaria que terá maior ou menor influência na formação do jovem e no seu conhecimento da vida e do meio ambiente.

Aliás, é bom assinalar que na vida e na formação do Autor há, também, uma constante dicotomia, entrechocando-se dentro dele o homem formado na Europa, que conviveu em Paris com Valery Larbaud e Jules Laforgue, encharcando-se de ultraísmo, e o homem apegado ao campo, às tradições, o gauchismo. Isto está presente em seus dois primeiros livros, ambos publicados em 1915; o volume de versos **El cencerro de cristal,** onde se nota a presença marcante da literatura francesa; e os **Cuentos de morte y sangre,** painel ainda nebuloso da vida nos pampas argentinos. Em um dos contos aparece, pela primeira vez, a figura de Dom Segundo Sombra.

A história de **Dom Segundo Sombra,** último livro publicado em vida por Guiraldes, é linear e cronológica. Por ela o leitor acompanha as aventuras e desventuras do personagem-narrador, garoto de 14 anos ao começar o relato, filho natural de um estrangeiro. Criado até aquela idade no povoado de San Antonio de Areco, recebe de umas supostas "tias" uma educação defeituosa, que o deixa inquieto e inseguro.

Um dia, ao regressar de uma pesca, procurando vender o produto de seu trabalho numa vendola, vem a conhecer Dom Segundo Sombra, que terá influência determinante em sua vida. Um breve episódio, na qual salva a vida de Dom Segundo de uma emboscada, cria um estranho relacionamento entre eles. O garoto se deixa fascinar pela personalidade de Dom Segundo e resolve acompanhá-lo em suas andanças. Foge de casa.

Fábio emprega-se em uma estância; e ali, entre as brincadeiras rudes dos peões, se inicia nas duras lides do campo. Ouve histórias presencia passagens que o marcam, viaja com aqueles ou outros homens.

Como em quase todos os livros de Guiraldes, também há neste muito de autobiográfico. Inclusive existe, no final, a interpenetração de dois personagens que compõem bastante do próprio Autor: de um lado o Fábio - narrador e do outro Raucho, filho de um estancieiro para quem Fabio trabalhara. Raucho (que aparece com maior destaque em outro livro de Guiraldes) é também um alter-ego do Autor.

Nas andanças por terras argentinas, Fábio e Dom Segundo certamente refazem parte do trajeto feito pelos ancestrais de Ricardo Guiraldes. Por todo o texto, o Autor menciona alguns campos e algumas estancias pelos próprios nomes; e muitas personagens que são figuras que realmente existiram, surgem também com os próprios nomes, com as quais ele conviveu nas longas temporadas passadas na fazenda La Porteña, de seu pai. O próprio Dom Segundo existiu, e se chamava Dom Segundo Ramirez, tendo inclusive aparecido em trabalhos anteriores do Autor.

Embora só concluído em 1926, a idéia do livro, e até muitos capítulos, há muito vinham sendo preparados. Há referência a eles em carta escrita a sua mãe, datada de 1920, onde informa que já tem prontos nove capítulos, isto é, exatamente um terço do livro.

Numa Buenos Aires que rapidamente se metamorfoseava em cidade cosmopolita, onde grupos literários se debatiam entre o novo que vinha da Europa e uma volta às raízes culturais, o livro de Ricardo Guiraldes foi uma afirmação de fé nas tradições de sua gente e de sua terra.

Dom Segundo é um resumo da maioria dos atributos do gaúcho dos princípios do século e do ofício de peão. E através do livro vão surgindo quadros e estampas coloridas que marcam a vida do campo, como a doma, as lutas dos peões, um sensualismo difuso, o amor à natureza, o bailado, as longas caminhadas tangendo o gado, as brigas de galo, as corridas de cavalo, as apostas onde num lance se perde/ganha tudo que se amealhara durante meses de penosa labuta.

Outra característica do romance, que o aproxima de obras do gênero, é a intercalação da narrativa central de episódios paralelos, de **causos** autônomos, como o da "Miséria", autêntico conto moral que tem uma funda ligação com uma tradição literária medieval. Narrados por Dom Segundo, tanto na fabulação como na estrutura da fase, Guiraldes procurou um outro estilo e uma nova linguagem, que fugissem ao tom geral do romance.

Sem dúvida, Dom Segundo emerge de uma tradição argentina, que vem de livros como **Facundo** e **Martin Fiero.** Claro que o tratamento não é — nem poderia ser — idêntico. Além de se assenhorear de novas técnicas narrativas, aqui, o próprio nome "sombra" já sugere, e o próprio narrador/autor/personagem declara: Dom Segundo Sombra tem algo de abstração. É uma espécie de adeus para uma Argentina que se esvai, que luta por se modernizar mas, ao mesmo tempo, luta por permanecer a mesma na sua identidade.

Isto fica bem claro nas últimas páginas do romance, quando Fábio, já não apenas Fábio, mas o estancieiro Fábio Cáceres, e dom Segundo Sombra, se separam. Diz o Autor que inelutavelmente vai ele tomando contacto com uma nova realidade e um novo modo de vida, que irá modificar toda a sua maneira de ser e reagir, muito embora tente manter intacto, no mais profundo de si mesmo, o gaúcho puro. Afirma ele: "E esta tarde eu ia sofrer o pior golpe". Explica então qual é: Dom Segundo Sombra iria embora, em sua peregrinação impossível de ser detida. Há, aí, uma simbologia evidente. Tomado pela emoção mais profunda, o narrador/escritor diz: "Não falamos. Para quê? E prossegue: "Sob o tato de sua mão rude, recebi um mandado de silêncio. Tristeza era covardia. Tornamos a desejar-nos, com um sorriso, a melhor das sortes. O cavalo de Dom Segundo deu anca ao meu e figurei naquela divergência de direções tudo o que ia separar nossos destinos." A seguir, onde fundo lirismo e saudade antecipada se fundem e entrelaçam num quadro de grande força emotiva, conclui: "Pelo caminho, que fingia um arroio de terra, cavalo e ginete galgaram a lomba, difundidos na macega. Um momento a silhueta dupla perfilou-se sobre o céu sulcado por um verdoso raio de entardecer. Aquilo que se distanciava era mais uma idéia que um homem. E bruscamente desapareceu, ficando minha meditação separada de seu motivo".

A transcrição, longa por certo, se justifica para explicar uma das linhas mestras do livro de Guiraldes. Em várias passagens, direta ou indiretamente, é mostrado que, com toda a sua importância e imponência, Dom Segundo Sombra, a partir do seu próprio sobrenome, tem algo de abstração, é o segundo em tudo, até mesmo na história que parece dominar, mas onde entra na ação surgido como um fantasma, das sombras; e dela sai, igualmente, sombra perdendo-se nas sombras.

A aceitação do livro, na Argentina, foi imediata, tanto por parte dos leitores como da crítica. A partir daquela primeira edição, lançada em junho de 1926 (o livro fora concluído em março e o autor morreria um ano depois, em 1927), numerosas edições se sucederam, críticas e ensaios sem conta ampliaram a fortuna crítica do livro, analisando e avaliando os vários aspectos do romance, as múltiplas facetas de que ele se compõe, seja como obra literária específica de valores próprios, narrada num tom poético e numa linguagem precisa, seja como um amplo painel de hábitos e costumes, lendas e **casos** típicos de uma dada região, relatados por alguém que os conhecia bem e os soube transmitir com fidelidade.

Não é de hoje que a obra de Guiraldes suscita interesse e provoca reflexão sobre os costumes, falares e modismos regionais, que eram comuns não só àquelas regiões, mas também a países vizinhos.

Sabemos, até, da existência de um exemplar do livro no qual o escritor catarinense Tito Carvalho (**Bulha d'arroio, Vida Salobra**) deixou anotadas numerosas expressões de uso corrente na região serrana do Estado de Santa Catarina e que aparecem em **Dom Segundo Sombra.** Também, em outras palavras empregadas, há raízes indígenas comuns a vários países, como "ynapa", o nosso "inhapa", que significa dar algo mais depois de uma compra qualquer. É comum ainda hoje ouvir-se, no interior, dizer "me dá uma de inhapa".

O gaúcho Augusto Meyer, poeta e ensaista, foi fiel ao texto original, recriando-o e respeitando suas peculiaridades estilísticas e linguísticas. É de se lamentar, apenas, que não tenha fornecido algumas explicações de pé de página. Damos um exemplo: **Gaucho** (ou **guaxo,** como por vezes vem grafado) que no livro quer dizer filho natural, que não sabe quem é seu pai; e na região serrana de Santa catarina (acreditamos que igualmente no Rio Grande do Sul) animal que perdeu a mãe ao nascer e que é alimentado por mamadeira.

DE ESPELHOS E LABIRINTOS

Salim Miguel

Se vivo fosse, Jorge Luis Borges estaria completando, em agosto, cem anos. Aliás, chegou perto disso. De família longeva, sua mãe alcançou, ou quase, os cem. E é bom, logo aqui neste começo, assinalar a profunda e avassaladora influência que ela teve na vida do filho. Alguns estudiosos chegam a aventar a hipótese de que ele não se teria casado, nem se tem conhecimento exato de verdadeiras relações amorosas e sexuais do bruxo de Buenos Aires devido à presença dominadora da mãe. Só para encerrar esta questão, tem-se a impressão de que o casamento com Maria Kodama não teve qualquer conotação erótica; foi mais uma espécie de negócio; Borges tinha a preocupação de deixar sua obra com alguém que verdadeiramente cuidasse dela. E Kodama está cuidando para valer.

Mas o tema que pretendo abordar não é este. Borges deve ser um dos nomes mais discutidos e analisados da literatura deste século que se encerra. E com certeza, pelo mundo todo, outras milhares de páginas rolarão em jornais, revistas, livros, dissertações, teses, debates. O que se espera é que, desta enxurrada de papel impresso, surja alguma contribuição inédita.

Longe disso minha pretensão. Vou buscar outra vertente. Procuro-a e me deparo, por exemplo, com a colaboração dele com outros escritores como Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares, na *Antología de la literatura fantástica*; com Margarita Guerrero no *Manual de zoologia fantástica*; com Adolfo Bioy Casares em *Dos fantasías memorables* e *Un modelo para la muerte*, e também com Casares, sob o pseudônimo de H. Bustos Domecq , em *Seis problemas para Don Isidro Parodi*, contos policiais. Outros, a sério ou nas brincadeiras que Borges gostava de fazer, talvez existam esparsos em publicações diversas.

Poeta, contista, crítico, ensaísta, conferencista, tradutor, em tudo o autor de *Ficções* se ensaiou com extrema competência, deleitando e intrigando leitores e críticos. Só não se ensaiou no romance (novela, para os espanhóis ou hispanos), ao contrário de Ernesto Sabato, de quem não se conhece quase história curta.

Não sei quando tomei contato com a obra de Borges. A palavra "obra" é exagero. Foram poemas e contos, uns três ou quatro, de publicações que eu recebia de países hispano-americanos, especialmente da Argentina e do México. Da Argentina, por intermédio de um escritor português, Antonio Simões Júnior, fugitivo da ditadura salazarista, e do México, pela editora Fondo de Cultura Económica.

A Simões Júnior devo, em boa parte, meu conhecimento da literatura hispânica (não só americana, mas espanhola mesmo, pois entre as preciosidades que me mandou se encontrava, e preservo até hoje, a edição completa de Lorca), mas não de Borges, de quem ele não gostava. Centrado mais numa literatura de cunho social, ele me mandava, para dar um só exemplo, livros como *El rio oscuro*, de Alfredo Varela.

Mas eu queria, precisava conhecer melhor Borges, o que lera me aguçara a curiosidade, aquela amostra fora insuficiente, não me satisfazia. Consegui um livro num sebo. Quis mais. Acabei apelando para outro escritor português, Alexandre Cabral. E em pouco tempo recebi o volume Jorge Luis Borges, só assim, sem título, o que comprovava que só o nome do autor atraía leitores. Ali havia apenas prosa, breve introdução e uma já substancial bibliografia, que começava por seu primeiro livro, de poesia, *Fervor de Buenos Aires*, publicado em 1923. Havia, também, uma bibliografia sobre o autor. Claro que o texto, em outro idioma, não me satisfez. Apelei, em primeiro lugar, para a Fondo de Cultura Económica, depois

---

Salim Miguel é escritor, roteirista e jornalista. Foi editor da revista Ficção e diretor da Fundação Franklin Cascaes. Publicou os livros *Velhice e outros contos* (ed. Sul, 1951), *A morte do tenente e outras mortes* (ed. Antares, 1979), *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* (ed. Tchê, 1987), *Onze de Biguaçu e mais um* (ed. Insular, 1997) e *As confissões prematuras* (ed. Letras Contemporâneas, 1998), entre outros.

para livrarias de Porto Alegre e até para amigos que viajavam. Nesse meio tempo já estávamos em pleno *boom* e, ao lado de Borges, outros nomes, não apenas da Argentina, iam se impondo. Também no Brasil começavam a aparecer traduções.

Dizia eu, logo no início, que milhares de páginas estão sendo, ou serão escritas, neste centenário. E lá estou indo pelo mesmo caminho, sem saber se dei, pelo menos, algumas informações que acrescentem algo ao possível leitor. É que, empolgado, me deixei levar. Pretendia outra vereda. Vou ver se chego a ela.

Dois escritores de igual importância para as letras deste século, entre tantos outros, alguns da própria Argentina, quase da mesma geração, ambos colaboradores da revista "Sur", de Victoria Ocampo, viveram entre tapas e abraços. São eles Jorge Luis Borges e Ernesto Sabato. De repente, num momento mais ou menos de trégua, um jornalista argentino, Orlando Barone, teve a idéia de reuni-los num diálogo. A tarefa era difícil. Mas ele foi à luta.

Diálogos Borges - Sabato, compaginados por Orlando Barone, Ed. Emecé (exigência de Borges), teve uma primeira edição em 1976; a segunda é de 1996. É um texto provocador, fascinante. Deixo que Barone explique a proposta, como amadureceu e de que maneira foi ela amarrada entre os dois, já que ele pouco ou nada interfere, tendo eu transformado o "compaginados" por um "intermediados", ao tentar uma tradução, que continua inédita. Devo acrescentar que a edição que tenho me foi mandada pelo periodista , compositor e amigo Antonio Rodriguez Villar.

Vamos ao Barone, que para a segunda edição faz uma apresentação mais substancial. Explica de que maneira, naquele verão, depois de convencer os dois "monstros sagrados" da literatura argentina a participarem, durante um bom período, de sessões semanais de gravação, conseguiu, além disso, que não houvesse temas tabus. Ele interferiria o mínimo possível, estaria no local com tudo pronto. Um probleminha foi contornado: Borges concordou em discutir tudo, menos política. E no decorrer do diálogo, quem acabou por levantar o tema foi exatamente ele. Do que trataram? De tudo. Literatura, filosofia, ciência, sociologia, esoterismo, tradução, o ser humano e sua destinação, preferências literárias, simpatias e antipatias por determinados autores; no início do diálogo Borges tinha algumas reservas a respeito de Cervantes, sem deixar de reconhecer o autor do *Quixote* como um gênio, mas, repetia, havia algo que não parecia lhe dizer respeito. Em compemsação, repetia sua admiração por Chesterton, autor também de livros policiais, onde preponderava o padre Brown.

Eles começam se tateando, como quem busca sondar o terreno onde vai pisar. O primeiro a falar é Borges. Pergunta: "Quando nos conhecemos?" Acrescenta que perdeu a conta dos anos, mas deve ter sido na casa de Bioy, lá por 1945, quando saiu *Uno y el universo*, de Sabato. Este retruca que foi antes, na casa de Bioy, sim, mas lá por 1940.

Aos poucos se soltam, o diálogo flui, engrena, tratam de tudo quase sem entrechoques, com espontaneidade, como dois velhos amigos se reencontrando depois de longo tempo. O diálogo se estende de 14 de dezembro de 1974 até 15 de março de 1975. Extraído do gravador, passa pela revisão de ambos e é publicado em 1976.

Na curtíssima apresentação da primeira edição, a fim de que o leitor entre de imediato no diálogo, Barone dá a data, "14 de dezembro de 1974" e começa assim: "Acredito que se tocaram as mãos. Ou um braço, ou o ombro, talvez." Com isto quer demonstrar o clima tenso com que o diálogo ia se iniciar. E prossegue: "Quem sabe imagino mais do que vejo!" Barone também está temeroso, tem dúvidas. São umas dez linhas, que prosseguem assim: "Devem se haver dito, não obstante, essas coisas corriqueiras, o trivial de todos: hola, Borges!" Barone quer, como obrigação precípua, "testemunhar e registrar as palavras exatas", preservar para o futuro aquele encontro único e considerado impossível. Pensa: o que duas figuras de tamanha importância para a cultura irão deixar gravado?

Barone assim termina suas sucintas palavras: "Pouco me importa que apenas me saudassem (posso até suportar a idéia de que, naquele instante, se houvesse sumido, não se teriam dado conta). A fita começou a rodar."

Leonor Acevedo Borges, mãe de Borges

Bibliografia

Fervor de Buenos Aires, 1975
Luna de enfrente, 1925
Cuaderno San Martín, 1929
Evaristo Carriego, 1930
Discussão, 1932
História universal da infâmia, 1935
História da eternidade, 1936
Ficções, 1944
Artifícios, 1944
O Aleph, 1949
Outras inquisições, 1952
O outro, o mesmo, 1964
Para seis cordas, 1965
Elogio da sombra, 1969
O informe de Brodie, 1970
O ouro dos tigres, 1972
O livro de areia, 1975
A rosa profunda, 1975
A moeda de ferro, 1976
História da noite, 1977
Sete noites, 1980
A cifra, 1981
Nove ensaios dantescos, 1982
A memória de Shakespeare, 1983
Atlas, 1984
Os conjurados, 1985

Se isto se mostrou suficiente para a primeira edição, na segunda Barone percebe que há necessidade, decorridos já 20 anos, de fornecer mais alguns esclarecimentos. Eles situam melhor os leitores, em especial os mais jovens. E aclaram alguns dos impasses e das dificuldades, devidos em parte ao temperamento de ambos os dialogadores e em parte aos problemas de saúde de Borges, quase cego, preocupado com a doença da mãe e suas próprias doenças. Nem por isso o diálogo é interrompido. E deve ter causado grande impacto, e até perplexidade entre certos setores, quando veio à luz. Poucos, num período conturbado, acreditariam que durante semanas Borges e Sabato se tinham sentado diante de um microfone, expondo tão claramente suas idéias e seus pensamentos mais íntimos.

Barone, agora, explica de que maneira convenceu um e outro. Vamos à transcrição do trecho:

"Um quase remoto passado os havia unido, se não com intimidade, pelo menos através de uma mesma paixão literária, tocada por aquele halo mágico da revista "Sur" e pelas tertúlias noturnas na casa de Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares. De modo que, no entardecer do 7 de outubro de 1974, quando se encontraram, por acaso, num dos corredores da livraria La Ciudad, da galeria do Este, aproximados pela cordial intromissão do livreiro Luis Alfonso e do grupo de amigos, e no cálido clima da apresentação de um livro, Sabato e Borges se surpreenderam comovidos: haviam se passado vinte anos, desde a última vez que se tinham visto. Buenos Aires havia estado desencontrando-os.

Ali, então, um belo e estranho exemplar de Don Quijote, *que o livreiro lhes mostrara orgulhoso, incitou-os ao comentário ao pé das estantes; e outra vez, como no passado, se puseram a admirar e a discutir cordialmente sobre as aventuras e desventuras do Quixote e de Sancho. Borges estava mudando de opinião a respeito de Cervantes e agora sua visão parecia a Sabato mais justa do que antes. Também havia recebido de Borges a gratidão pelo prólogo, que a amiga já lhe havia lido.*

Essa aparente trivialidade — a comprovação de que estes dois escritores, a quem admiro por distintas e até antagônicas razões, haviam podido dialogar afetuosamente — inspirou-me a idéia de provocá-los, convocando-os para uma série de diálogos mais intensos e amplos, que pudessem converter-se em livro. Quando, poucos dias depois, apresentei a proposta a Jorge Luis Borges, sentados frente a frente num canto da sobreloja da livraria, me dei conta em seguida que classe de cerimônias o importunavam: "não me chame de senhor" observou-me amavelmente, para tirar a pompa de meu discurso. "Diga-me Borges apenas" e sem vacilar aprovou a idéia de bom grado. Quando lhe pedi que sugerisse algum intelectual de sua confiança para que compartilhasse meu papel nos encontros, disse-me com ironia: "Não carece, acredito cegamente em você", sublinhando com malícia a palavra "cegamente", seguro de seu efeito.

Sabato eu convenci em uma mesa do bar El Dandy, com argumentos seguramente excessivos, mas que ele deixou passar para não desqualificar meu fervor: disse-lhe que na Argentina não existiam livros de diálogos entre pares da mesma hierarquia ou transcendência, tão diferentes da entrevista ou questionário de jornalista ou escritor novel a outro maior ou consagrado, muito mais difundidos."

Lendo-se o diálogo, penetrando-se até o mais íntimo de dois magos da literatura, chega-se à conclusão de que não houve vencedores nem vencidos. Houve, sim, um enriquecimento do leitor, que passou a conhecer bem mais duas fascinantes personalidades, de sensibilidade extremada, cada qual com suas peculiaridades, simpatias e idiossincrasias, de visão de mundo bem diferenciada. Sabato vindo de um comunismo, que logo abandonara, sem abandonar suas convicções socialistas; Borges com uma visão dos problemas sociais por vezes equivocada, o que lhe trouxe animosidades e até certo ponto fez dele um eterno candidato ao prêmio Nobel de Literatura, sem alcançar um galardão mais do que merecido, vendo outros lá chegarem sem as qualificações dele.

Chegando a este ponto, fico em dúvida. Será que vale a pena dar uns trechinhos dos diálogos para aguçar o interesse do possível leitor deste escrito? Ou isto é supérfluo? Nem o autor de *El hacedor*, nem o autor de *Abadon, o exterminador*, para nos atermos apenas à área de ficção, necessitam de qualquer artifício para serem lidos. E se o leitor é menos afeito à ficção, eu poderia citar aqui títulos como *El escritor y sus fantasmas*, de Sabato, ou *Siete noches*, de Borges. Mas aí me dou conta de outros titulos que não podem deixar de ser conhecidos, *Uno y el universo*, de Sabato, *Nueva antologia personal*, ou o *Prólogos, com um prólogo dos prólogos*, de Borges.

Espelhos e labirintos marcam a escrita de Borges e, a meu ver, servem por igual para caracterizar Sabato. Leitor insaciável de ambos, relendo-os e a cada releitura fazendo novas descobertas naquilo que voltei a ler, será que, no presente texto, não me deixei levar labirinticamente pelo que pretendia dizer a ponto de envolver, como num jogo de espelhos, o possível leitor? Se assim foi, paciência. Ou pode até ter sido bom. Atiçado, intrigado, quem sabe corra em busca do *Diálogos Borges-Sabato*. Garanto que não vai se arrepender e sairá emocionado e enriquecido com o que descobrir.

DIÁLOGOS BORGES X SABATO

Borges: Eu disse, sim, que apresentar Martin Fierro como personagem exemplar é um erro. É como se se apresentasse Macbeth como bom modelo de cidadão britânico, não é? Como tragédia me parece admirável, como personagem de valores morais, não o é.

Sabato: O que prova que um grande escritor não tem porque criar pessoas boas. Nem Raskolnikov nem Julien Sorel, para citar alguns, podem ser julgados "pessoas boas". Quase ninguém, na grande literatura.

Sabato: Penso que o conto e o romance são ambos complexos e difíceis, mas de modo diferente. O conto tem de dar em poucas palavras uma idéia total e poética, exige um maior poder de concentração e uma total perfeição.

Borges: Você quer dizer maior densidade no conto?

Sabato: Sim. Em troca, o romance é como um continente. É preciso desde logo cruzar pântanos ou vastos tremedais, ou percorrer grandes caminhos com pó e lama, para chegar a um belo lugar. Creio que Borges disse uma vez que a ele aborrecem esses caminhos áridos, e que inclusive devem sê-lo para o leitor. Mas se você quer encontrar um tesouro no Mato Grosso, tem de enfrentar muitas contingências.

Sabato: Pelo que você uma vez me disse, seu pai era uma espécie de anarquista. Recorda aquela frase de Montaigne? "Os príncipes me dão muito se não me tiram nada, e me fazem bastante bem quando não me fazem nenhum mal." Talvez fosse esse o ponto de vista de seu pai.

Borges: Que boa essa frase! Está certo.

***

Borges: Creio que em árabe há quatrocentas ou quinhentas palavras relacionadas com o camelo. Mas seguramente em inglês deve haver uma só.

Sabato: É natural, para um inglês um camelo é quase uma abstração. E um beduíno tem de se assombrar, caso vá à Europa, com as centenas de palavras que se referem a um automóvel. Não tem sentido falar-se da riqueza de uma língua em comparação com outra. Tão absurdo como sustentar que um automóvel é melhor que um camelo. Por isso é tão difícil traduzir.

Borges: Além disso as palavras têm inicialmente um sentido que o tempo e o uso vão transformando. Por exemplo, descobri que o espanhol "blanco" e o inglês "black" têm a mesma origem. "Black" queria dizer "sem cor" e seguramente "blanco" também.

Tradução de Salim Miguel

130

DE ESPELHOS E LABIRINTOS

Salim Miguel

Se vivo fosse, Jorge Luis Borges estaria completando, em agosto, cem anos. Aliás, chegou perto disso. De família longeva, sua mãe alcançou, ou quase, os cem. E é bom, logo aqui neste começo, assinalar a profunda e avassaladora influência que ela teve na vida do filho. Alguns estudiosos chegam a aventar a hipótese de que ele não se teria casado, nem se tem conhecimento exato de verdadeiras relações amorosas e sexuais do bruxo de Buenos Aires devido a presença dominadora da mãe. Só para encerrar esta questão, tem-se a impressão de que o casamento com Maria Kodama não teve qualquer conotação erótica; foi mais uma espécie de negócio; Borges, preocupado em deixar sua obra com alguém que verdadeiramente cuidadasse dela. E Kodama está cuidando para valer.

Mas o tema que pretendo abordar não é este. Borges deve ser um dos nomes mais discutidos e analisados da literatura deste século que se encerra. E com certeza, pelo mundo todo, outras milhares de páginas rolarão em jornais, revistas, livros, dissertações, teses, debates. O que se espera é que, desta enxurrada de papel impresso, surja alguma contribuição inédita.

Longe disso minha pretensão. Vou buscar outra vertente. Procuro-a e me deparo, por exemplo, com a colaboração dele com outros escritores como Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares, na Antologia de la literatura fantastica; com Margarita Guerrero no Manual de zoologia fantástica; com Adolfo Bioy Casares em Dos fantasias memorables e Un modelo para la muerte, e também com Casares, sob o pseudônimo de H. Bustos Domecq , em Seis problemas para Don Isidro Parodi, contos policiais. Outros, a sério ou nas brincadeiras que Borges gostava de fazer, talvez existam esparsos em publicações diversas.

Poeta, contista, crítico, ensaista, conferencista, tradutor, em tudo o autor de Ficções se ensaiou com extrema competência, deleitando e intrigando leitores e críticos. Só não se ensaiou no romance (novela, para os espanhóis ou hispanos), ao contrário de Ernesto Sabato, de quem não se conhece quase história curta.

Não sei quando tomei contato com a obra de Borges. A palavra 'obra" é exagero. Foram poemas e contos, uns três ou quatro, de publicações que eu recebia de países hispano-americanos, especialmente da Argentina e do México. Da Argentina, por intermédio de um escritor português, Antonio Simões Júnior, fugitivo da ditadura salazarista, e do México, pela editora Fondo de Cultura Economica.

A Simões Júnior devo, em boa parte, meu conhecimento da literatura hispânica (não só americana, mas espanhola mesmo, pois entre as preciosidades que me mandou se encontrava, e preservo até hoje, a edição completa de Lorca), mas não Borges, de quem ele não gostava. Centrado mais numa literatura de cunho social, ele me mandava, para dar um só exemplo, livros como El rio oscuro, de Alfredo Varela.

Mas eu queria, precisava conhecer melhor Borges, o que lera me aguçara a curiosidade, aquela amostra fora insuficiente, não me satisfazia. Consegui um livro num sebo. Quis mais. Acabei apelando para outro escritor português, Alexandre Cabral. E em pouco tempo recebi o volume Jorge Luis Borges, só assim, sem titulo, o que comprovava que só o nome do autor atraía leitores. Ali havia apenas prosa, breve introdução e uma já substancinal bibliografia, que começava por seu primeiro livro, de poesia, Fervor de Buenos Aires, publicado em 1923. Havia, também, uma bibliografia sobre o autor. Claro que o texto, em outro idioma, não me satisfez. Apelei, em primeiro lugar, para a Fondo de Cultura Econômica, depois para livrarias de Porto Alegre e até para amigos que viajavam. Nesse meio tempo já estávamos em pleno boom e, ao lado de Borges, outros nomes, não apenas da Argentina, iam se impondo. Também no Brasil começavam a aparecer traduções.

Dizia eu, logo no início, que milhares de páginas estão sendo, ou serão escritas, neste centenário. E lá estou indo pelo mesmo caminho, sem saber se dei, pelo menos, algumas informações que acrescentem algo ao possível leitor. É que, empolgado, me deixei levar. Pretendia outra vereda. Vou ver se chego a ela.

Dois escritores de igual importância para as letras deste século, entre tantos outros, alguns da própria Argentina, quase da mesma geração, ambos colaboradores da revista Sur, de Victoria Ocampo, viveram entre tapas e abraços.

São eles Jorge Luis Borges e Ernesto Sabato. De repente, num momento mais ou menos de trégua, um jornalista argentino, Orlando Barone, teve a idéia de reuni-los num diálogo. A tarefa era difícil. Mas ele foi à luta.

Dialogos Borges - Sabáto, compaginados por Orlando Barone,Ed. Emece (exigência de Borges), teve uma primeira edição em l976; a segunda é de 1996. É um texto provocador, fascinante. Deixo que Barone explique a proposta, como amadureceu e de que maneira foi ela amarrada entre os dois, já que ele pouco ou nada interfere, tendo eu transformado o "compaginados" por um "intermediados", ao tentar uma tradução, que continua inédita. Devo acrescentar que a edição que tenho me foi mandada pelo periodista , compositor e amigo Antonio Rodriguez Villar.

Vamos ao Barone, que para a segunda edição faz uma apresentação mais substancial. Explica de que maneira, naquele verão, depois de convencer os dois "monstros sagrados" da literatura argentina a participarem, durante um bom período, de sessões semanais de gravação, conseguiu, além disso, que não houvesse temas tabus. Ele interferiria o mínimo possível, estaria no local com tudo pronto. Um probleminha foi contornado: Borges concordou em discutir tudo, menos política.. E no decorrer do diálogo, quem acabou por levantar o tema foi exatamente ele. Do que trataram? De tudo. Literatura, filosofia, ciência, sociologia, esoterismo, tradução, o ser humano e sua destinação, preferências literárias, simpatias e antipatias por determinados autores; no início do diálogo Borges tinha algumas reservas a respeito de Cervantes, sem deixar de reconhecer o autor do Quixote como um gênio; mas, repetia, havia algo que não parecia lhe dizer respeito. Em compensação, repetia sua admiração por Chesterton, autor também de livros policiais, onde preponderava o padre Brown.

Eles comecam se tateando. como quem busca sondar o terreno onde pisar. O primeiro a falar é Borges. Pergunta: "Quando nos conhecemos?" Acrescenta que perdeu a conta dos anos, mas deve ter sido na casa de Bioy, lá por 1945, quando saiu Uno y el universo, de Sabato. Este retruca que foi antes, na casa de Bioy, sim, mas lá por 1940.

Aos poucos se soltam. o diálogo flue. engrena, tratam de tudo quase s entrechoques, com espontaneidade, como dois velhos amigos se reencontrando

depois de longo tempo. O diálogo se estende de 14 de dezembro de 1974 até 15 de março de 1975. Extraído do gravador, passa pela revisão de ambos e é publicado em 1976.

Na curtíssima apresentação da primeira edição, a fim de que o leitor entre de imediato no diálogo, Barone, dá a data, "14 de dezembro de 1974" e começa assim: "Acredito que se tocaram as mãos. Ou um braço, ou o ombro, talvez." Com isto quer demonstrar o clima tenso com que o diálogo ia se iniciar. E prossegue: "Quem sabe imagino mais do que vejo!" Barone também está temeroso, tem dúvidas. São umas dez linhas, que prosseguem assim: "Devem se haver dito, não obstante, essas coisas corriqueiras, o trivial de todos: hola, Borges!" Barone quer, como obrigação precípua, "testemunhar e registrar as palavras exatas", preservar para o futuro aquele encontro único e considerado impossível. Pensa: o que duas figuras de tamanha importância para a cultura irão deixar gravado?

Barone assim termina suas sucintas palavras: "Pouco me importa que apenas me saudassem (posso até suportar a idéia de que, naquele instante, se houvesse sumido, não se teriam dado conta). A fita começou a rodar."

Se isto se mostrou suficiente para a primeira edição, na segunda Barone percebe que há necessidade, decorridos já 20 anos, de fornecer mais alguns esclarecimentos. Eles situam melhor os leitores, em especial os mais jovens. E aclaram alguns dos impasses e das dificuldades, devidos em parte ao temperamento de ambos os dialogadores e em parte aos problemas de saúde de Borges, quase cego, preocupado com a doença da mãe e suas próprias doenças. Nem por isso o diálogo é interrompido. E deve ter causado grande impacto, e até perplexidade entre certos setores, quando veio à luz. Poucos, num período conturbado, acreditariam que durante semanas Borges e Sabato se tinham sentado diante de um microfone, expondo tão claramente suas idéias e seus pensamentos mais íntimos.

Barone, agora, exlica de que maneira convenceu um e outro. Vamos à transcrição do trecho:

"Um quase remoto passado os havia unido, se não com intimidade, pelo menos através de uma mesma paixão literária, tocada por aquele halo mágico da revista SUR e pelas tertúlias noturnas na casa de Silvina Ocampo e Adolfo Bioy

Casares. De modo que, no entardecer do 7 de outubro de 1974, quando se encontraram, por acaso, num dos corredores da livraria La Ciudad, da galeria do Este, aproximados pela cordial intromissão do livreiro Luis Alfonso e do grupo de amigos, e no cálido clima da apresentação de um livro, Sabato e Borges se surpreenderam comovidos: haviam se passado vinte anos, desde a última vez que se tinham visto. Buenos Aires havia estado desencontrando-os.

Ali, então, um belo e estranho exemplar de Don Quijote, que o livreiro lhes mostrara orgulhoso, incitou-os ao comentário ao pé das estantes; e outra vez, como no passado, se puseram a admirar e a discutir cordialmente sobre as aventuras e desventuras do Quixote e de Sancho. Borges estava mudando de opinião a respeito de Cervantes e agora sua visão parecia a Sabato mais justa do que antes. Também havia recebido de Borges a gratidão pelo prólogo, que a amiga já lhe havia lido.

Essa aparente trivialidade – a comprovação de que estes dois escritores, a quem admiro por distintas e até antagônicas razões , haviam podido dialogar afetuosamente – inspirou-me a idéia de provocá-los, convocando-os para uma série de diálogos mais intensos e amplos, que pudessem converter-se em livro. Quando, poucos dias depois, apresentei a proposta a Jorge Luis Borges, sentados frente a frente num canto da sobreloja da livraria, me dei conta em seguida que classe de cerimônias o importunavam: "não me chame de senhor" observou-me amavelmente, para tirar a pompa de meu discurso. "Diga-me Borges apenas" e sem vacilar aprovou a idéia de bom grado. Quando lhe pedi que sugerisse algum intelectual de sua confiança, para que compartilhasse meu papel nos encontros, disse-me com ironia: "Não carece, acredito cegamente em você", sublinhando com malícia a palavra "cegamente", seguro de seu efeito.

Sabato eu convenci em uma mesa do bar El Dandy, com argumentos seguramente excessivos, mas que ele deixou passar para não desqualificar meu fervor: disse-lhe que na Argentina não existiam livros de diálogos entre pares da mesma hierarquia ou transcendência, tão diferentes da entrevista ou questionário de jornalista ou escritor novel a outro maior ou consagrado, muito mais difundidos."

Lendo-se o diálogo, penetrando-se até o mais íntimo de dois magos da literatura, chega-se à conclusão de que não houve vencedores nem vencidos. Houve, sim, um enriquecimento do leitor, que passou a conhecer bem mais duas

fascinantes personalidades, de sensibilidade extremada, cada qual com suas peculiaridades, simpatias e idiossincrasias, de visão de mundo bem diferenciada. Sabato vindo de um comunismo, que logo abandonara, sem abandonar suas convicções socialistas; Borges com uma visão dos problemas sociais por vezes equivocada, o que lhe trouxe animosidades e até certo ponto fez dele um eterno candidato ao prêmio Nobel de Literatura, sem alcançar um galardão mais do que merecido, vendo outros lá chegarem sem as qualificações dele.

Chegando a este ponto, fico em dúvida. Será que vale a pena dar uns trechinhos dos diálogos para aguçar o interesse do possível leitor deste escrito? Ou isto é supérfluo? Nem o autor de El hacedor, nem o autor de Abadon, o exterminador, para nos atermos apenas à área de ficção, necessitam de qualquer artifício para serem lidos. E se o leitor é menos afeito à ficção, eu poderia citar aqui títulos como El escritor y sus fantasmas, de Sabato, ou Siete noches, de Borges. Mas aí me dou conta de outros títulos que não podem deixar de ser conhecidos, Uno y el universo, de Sabato, Nueva antologia personal, ou o Prólogos, com um prólogo dos prólogos, de Borges.

Espelhos e labirintos marcam a escrita de Borges e, a meu ver, servem por igual para caracterizar Sabato. Leitor insanciável de ambos, relendo-os e a cada releitura fazendo novas descobertas naquilo que voltei a ler, será que, no presente texto, não me deixei levar labirinticamente pelo que pretendia dizer a ponto de envolver, como num jogo de espelhos, o possível leitor? Se assim foi, paciência. Ou pode até ter sido bom. Atiçado, intrigado, quem sabe corra em busca do Dialogos Borges Sabato. Garanto que não vai se arrepender e sairá emocionado e enriquecido com o que descobrir.

Por agora é só. Mas, afinal, estamos nos cem anos do nascimento de Jorge Luis Borges. E no próximo número deste jornal pretendo abordar Borges, com a colaboração de Casares. E sua incursão na literatura policial.

ATENÇÃO!

Trechos escolhidos para um box.

Borges: Eu disse, sim, que apresentar Martin Fierro como personagem exemplar é um erro. É como se se apresentasse Macbeth como bom modelo de cidadão britânico, não é? Como tragédia me parece admirável, como personagem de valores morais, não o é.

Sabato: O que prova que um grande escritor não tem porque criar pessoas boas. Nem Raskolnikov nem Julien Sorel, para citar alguns, podem ser julgados "pessoas boas". Quase ninguém, na grande literatura.

Sabato: Penso que o conto e o romance são ambos complexos e difíceis, mas de modo diferente. O conto tem de dar em poucas palavras uma idéia total e poética, exige um maior poder de concentração e uma total perfeição.

Borges: Você quer dizer maior densidade no conto?

Sabato: Sim. Em troca, o romance é como um continente. É preciso desde logo cruzar pântanos ou vastos tremedais, ou percorrer grandes caminhos com pó e lama, para chegar a um belo lugar. Creio que Borges disse uma vez que a ele aborrecem esses caminhos áridos, e que inclusive devem sê-lo para o leitor. Mas se você quer encontrar um tesouro no Mato Grosso, tem de enfrentar muitas contingências.

Sabato: Pelo que você uma vez me disse, [seu pai] era uma espécie de anarquista. Recorda aquela frase de Montaigne? "Os príncipes me dão muito se não me tiram nada, e me fazem bastante bem quando não me fazem nenhum mal." Talvez fosse esse o ponto de vista de seu pai.

Borges: Que boa essa frase! Está certo.

Borges: Creio que em árabe há quatrocentas ou quinhentas palavras relacionadas com o camelo. Mas seguramente em inglês deve haver uma só.

Sabato: É natural, para um inglês um camelo é quase uma abstração. E um beduíno tem de se assombrar, caso vá à Europa, com as centenas de palavras que se referem a um automóvel. Não tem sentido falar-se da riqueza de uma língua em comparação com outra. Tão absurdo como sustentar que um automóvel é melhor que um camelo. Por isso é tão difícil traduzir.

Borges: Além disso as palavras têm inicialmente um sentido que o tempo e o uso vão transformando. Por exemplo, descobri que o espanhol "blanco" e o inglês "black" têm a mesma origem. "Black" queria dizer "sem cor" e seguramente "blanco" também.

---

131 MIGUEL, Salim. Borges, cem anos. **Correio das Artes,** 05/09/1999, p. 5.

Borges, cem anos

Salim Miguel (*)

131

Não há, na literatura hispano-americana, nome com uma fortuna crítica que se aproxime da de Jorge Luis Borges. Pode ser que alguns tenham tido, em determinado momento, repercussão maior. Garcia Marques, por exemplo, quando do lançamento de **Cem anos de solidão,** ou ao receber o prêmio Nobel de Literatura. Mas a de Borges é constante. E não será exagero afirmar que seu nome vai além das fronteiras hispânicas, sendo conhecido em todo o mundo. Seja pela variedade de sua obra, pelas posições polêmicas na política, por sua curiosidade inigualável, até mesmo por sua quase cegueira, que proporcionou a Humberto Eco um personagem fascinante no romance **O nome da rosa,** que se passa em um convento e onde o bibliotecário cego é claramente calcado no escritor argentino.

Nascido em 24 de agosto de 1899, de família longeva, se Borges não comemorou seu centenário, andou perto. E com certeza vai estar, por muito tempo, mais vivo do que muitos escritores vivos. Milhares de páginas virão se juntar às já escritas a seu respeito, analisando e a sua instigante personalidade e obra. Alberto Manguel, autor do importante **Uma história da leitura,** que para Borges leu durante dois anos, diz que o conheceu em um livraria onde trabalhava, quando o autor de **Ficções** buscava um dicionário um dicionário anglo-saxões.

Poeta (considerava-se principalmente poeta), contista, crítico, ensaísta, conferencista, tradutor, poliglota que apesar da cegueira continuava estudando novos idiomas, só não se aventurou pelo romance.

A estréia de Borges se deu em 1923, com um livro de poesia, **Fervor de Buenos Aires,** edição financiada por seu pai. Não demora se integraria ao grupo que circulava em torno de Victória Ocampo e sua revista **Sur**, na qual a maioria dos escritores argentinos, que marcariam sua época, se ensaiariam e publicariam seus primeiros textos.

O Borges de hoje é, por certo, com seus espelhos e labirintos, mais conhecido pelos livros de contos, em especial **O Aleph e Ficções.** Mas ele adorava jogos e brincadeiras, da mesma maneira que durante bom tempo chegou a preferir o escritor inglês G.K, Chesterton, autor do detetive Padre Brown ao Dom Quixote de Cervantes. Gostava de literatura policial - e com seu grande amigo Bioy Casares criou o detetive Isidro Parodi, utilizando o pseudônimo de H. Bustos Domecq, que assinaria também um volume de crônicas. Bustos era o nome de um bisavô de Borges, da mesma forma que Domecq de um bisavô de Casares. Aliás, mais do que pseudônimo, lembra um heterônimo à Fernando Pessoa. E aqui é bom lembrar que Borges tinha sangue português e era leitor desse grande poeta.

Borges demorou a chegar ao Brasil. E teve, lá pelas décadas de sessenta e setenta seus momentos de reconhecimento, junto quando explodia pela Europa a literatura hispano-americana, que revelaria ao mundo nomes como Cortazar, Bioy Casares, Ernesto Sabato, Juan Carlos Onetti, Gabriel Garcia Marques, Mario Vargas LLoza, Alejo Carpentier, Octavio Paz, Juan Rulfo, Carlos Fuentes, José Donoso, Lezama Lima, Mario Benedetti, entre tantos.

Quem desejar conhecer Borges necessita ir para além de sua poesia e de seus contos. Não há como esquecer seus ensaios e conferências, em livros como **História da eternidade, História universal da Infâmia, Nova antologia pessoal, Prólogos com um prólogo dos prólogos.** Ou, ainda, livros em parceria: **Buda**, com Alícia Jurado, **O livro dos seres imaginários**, com Margarita Guerrero, **Antologia da Literatura fantástica**, com Silvina Ocampo e Adolfo Bioy Casares, **Manuel de Zoologia fantástica,** também com Margarida Guerrero.

Vejo que a relação, se bem que incompleta, já vai longa. Mas não me posso furtar ao prazer de citar **Diálogos Borges-Sabato,** intermediados pelo jornalista Orlando Barone, onde os dois grandes escritores, que viveram entre tapas e abraços,discutem de tudo, seja concordando ou discordando, revelando dois caracteres de grande cultura e forte personalidade.

Disse, no início dessa conversa, que milhares de páginas já foram escritas e outras tantas por certo o estarão sendo, agora que transcorre o centenário de nascimento dessa figura tão fascinante e enigmática, que viveu sob a dominadora influência da mãe. Borges só veio a se casar no final da vida, a mãe já morta, pode-se quase afirmar que foi um casamento de conveniência, com alguém que com ele trabalhava e que cuidaria - como vem cuidando - com carinho e extrema capacidade, de uma obra que pode ser considerada das mais instigantes deste século que chega ao fim.

Para se chegar à essência de Borges, ao seu estilo tão peculiar, não basta ler o poeta e/ou o contista. Há necessidade de ler/reler tudo o que escreveu. E só assim alcançá-lo e ao que procurou nos transmitir.

*** escritor catarinense.**

132 MIGUEL, Salim. Nicarágua vista por Cortázar. **O Estado**, Florianópolis, 14/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.

132

Nicarágua vista por Cortázar

Salim Miguel

É com paixão e gana, com entusiasmo contagiante, com fervor renovado (como ele mesmo diz) que Julio Cortazar escreveu este *Nicarágua — Tão violentamente doce*, que agora nos chega numa edição da Brasiliense SP-1987.

Embora o texto (composto de blocos mais ou menos autônomos) vá somente até 1983, o quadro que se traça não deve ter mudado muito de lá para cá: de um lado o ingente esforço de um pequeno e pobre país para se recompor dos desmandos do regime ditatorial somosista; do outro os chamados *contra* que continuam cada vez mais atuantes, graças em especial à substancial ajuda norte-americana. É, mais uma vez, a repetição da história: a luta de Davi e de Golias.

Ainda agora temos diante de nós, todos os dias, os meios de comunicação com novas notícias do escândalo Irã-Gate, onde se vê de que maneira o governo Reagan remeteu (e continua remetendo) fartos recursos aos contra, mesmo quando estava proibido pelo Congresso americano.

Assim sendo, se Cortazar não tivesse morrido em 1984, certamente continuaria sua cruzada de esclarecimento e seu permanente incentivo às forças populares da Nicarágua. A continuidade dos depoimentos tem a enorme significado, vindo de uma voz que sempre lutou pelos direitos humanos. Mas o quadro não mudaria substancialmente. Seriam as crianças nas campanhas de alfabetização e na própria luta contra os invasores; seriam os trabalhos de reconstrução e de conscientização; seriam os bombardeios às vilas indefesas e a bem azeitada máquina de desinformação montada com fartos recursos e técnicas sofisticadas; seria a tremenda e desigual luta de um país para mostrar o que estava (e está) querendo: simplesmente ter o direito de gerir o próprio destino.

Em seis ocasiões diferentes Cortazar esteve na Nicarágua, a primeira delas ainda durante o regime do ditador Somosa, em abril de 1976 e a última em 1983, um ano antes de morrer. Ele teve oportunidade de acompanhar a luta de um povo pela reconquista de sua dignidade e por melhores condições de vida. Não era apenas a luta pela difícil recomposição de um país destruído, mas também a luta na fronteira com os contra que a cada dia mais se armavam e mais recursos de fora recebiam, em dólares, em armamentos, em alimentos, em roupas, em tudo. Assim, em lugar do povo trabalhar para superar os graves problemas deixados pelos anos de luta contra as forças somosistas, eles tinham que continuar na luta, desviando os parcos recursos e concentrando-se para debelar os focos de resistência montados por elementos que vinham do antigo regime e que tinham o apoio da maior potência do mundo.

Se a primeira viagem de Julio Cortazar foi cheia de segredos, no sentido de furar o cerco dos guardas de Somosa, a segunda teve ingredientes que casam bem com a ficção do autor de *O jogo da amarelinha*. Devido a uma série de incidentes, entre eles o fato de haver sido roubado de todos os documentos, inclusive passaporte, Julio Cortazar acabou chegando à Nicarágua nada mais nada menos do que no avião particular (ou em um dos aviões, sabe-se lá), do ditador Somosa. É que, na pressa de fugir, o ditador foi obrigado a deixar muitas coisas, entre elas o avião que agora servia às forças do governo revolucionário popular dos *nicas* — conforme são conhecidos os habitantes da Nicarágua.

Cortazar não tem porque esconder

sua simpatia e sua admiração pelos novos governantes. Admira-os e admira o esforço que fazem, a luta que travam. Mas se assim faz, não esconde os problemas nem as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da reconstrução. Não é, diz ele, uma reconstrução tranqüila, fácil, amena. Pelo contrário. Mesmo sem os *contra* ela seria difícil. Assim então é cheia de sobressaltos, de imprevistos, de angústias. É que as lutas prosseguem. Lutas não só na frente interna, onde grupos de somosistas se infiltram e tumultuam e inquietam, mas as encarniçadas lutas na frente externa, com os contra sendo municiados desde o começo por potpudos dólares, com armas sofisticadas, com campanhas de desinformação.

Cortazar faz veementes apelos: quer mais apoio e mais solidariedade a um povo que busca seu próprio caminho. Cortazar se irrita: não sabe explicar porque um jornalista que deveria ser informado veicula dados que não conferem com a realidade.

Cortazar se interroga: o que deve ser feito no sentido de criar uma clara consciência de que a luta que se trava na Nicarágua (da mesma forma como a que se travou em Cuba) é uma luta em prol dos países da América pobre e desprotegida contra os donos do mundo. Cortazar constata: sim, existem os que logo se desiludem com a revolução, passando a atacá-la. Por que, quais os motivos? E aí temos um trecho característico, exemplar da maneira de ser e de reagir de determinadas parcelas da população. O trecho é um tanto extenso, mas vale transcrevê-lo. Ei-lo: "Certa vez eu pensei que se o socialismo pretende ser internacional, existe alguma coisa que o é mais do que ele: a burguesia. Os burgueses são absolutamente idênticos em qualquer país da Terra, e um burguês alemão reconhece um francês ou um uruguaio com mais rapidez que os socialistas chegam a reconhecer-se entre si. Por isso os burgueses da Nicarágua seguem exatamente o mesmo caminho e os mesmos procedimentos que os cubanos. Quando uma tirania se lhes torna excessivamente dura, seja a de Batista ou a de Somosa, ajudam a derrubá-la e se somam ao desfile da vitória, mas fique por aí, amigo: nada de deixar que o populacho leve as coisas a sério e queira meter-se com o que herdamos do papai, que ele herdou do vovô ou do que ganhamos com as multinacionais que afinal de contas fazem progredir o país e trazem as melhores importações. Não me esqueço de uma frase de Fidel Castro no dia seguinte ao da entrada em Havana, quando os carros dos burgueses desfilavam com galhardetes revolucionários. Ele disse ao Che: "Você já vai ver como esses galhardetes vão cair antes de um mês." E aqui não terá sido diferente."

Um dos nomes mais expressivos da literatura hispano-americana, autor de uma obra bastante significativa, respeitado e admirado por suas posições, Julio Cortazar deixa um depoimento que merece ser mais divulgado. O livro é instigante, deve ser conhecido no seu todo. Mas não me furto a indicar, aqui, trechos ou capítulos mais reveladores. O que transcrevi acima é um deles. Outro: "Os pés de Greta Garbo", onde com verdade e pitadas de humor Cortazar responde ao artigo do jornalista francês Marcel Niedergang, publicado no *Le Monde*. Depois de aclarar alguns pontos e retificar outros, ele conclui: "Cabe-me também terminar agora este comentário que quis que seja o mais construtivo possível: ninguém pode saber como terminaria se o escrevesse dentro de uma semana ou duas, porque aqui estamos vivendo cada minuto e os dados da história continuam sendo mexidos no copinho; mas sobre o que já passou, sim, podemos falar e temos a obrigação de fazê-lo sem exagerar os dados em nenhum sentido."

Outros capítulos que merecem atenção especial: *A Nicarágua vista por dentro — IV*, retrato de uma menina combatente de 15 anos; *Dez pontos sobre os is*, nova retificação ao trabalho de outro jornalista; *O escritor e sua atividade na América Latina*, texto lido num seminário de política cultural e libertação democrática na América Latina, onde Cortazar coloca o papel que cabe ao escritor como cidadão; e *Discurso no recebimento da Ordem Rubén Darío*, lido em fevereiro de 1983, exatamente um ano antes da morte do escritor.

LIVROS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO
*01. - **O Amor nos Tempos do Cólera** - Gabriel Garcia Marquez (Record)*
*02. - **Um Capricho dos Deuses** - Sidney Sheldon (Record)*
*03. - **O Perfume** - Patrick Suskind (Record)*
*04. - **O Preço da Honra** - Morris West (Record)*
*05. - **A Filha da Noite** - Marion Zimmer Bradley (Imago)*

NÃO FICÇÃO
*01. - **Só é Gordo quem quer** - João Uchôa Jr. (Guanabara)*
*02. - **A Arte de Separar-se** - Edoardo Giusti (Nova Fronteira)*
*03. - **História Secreta da Rede Globo** - Daniel Herz (Tché)*
*04. - **Rumo à Estação Finlândia** - Edmund Wilson (Cia. das Letras)*
*05. - **Made in Japan** - Akio Morita (Cultura)*

AUTORES CATARINENSES
*01. - **Por que faltam os alimentos** - Egon Nort - (UFSC)*
*02. - **Jurisprudências Trabalhistas Catarinense** - (Lunardelli)*
*03. - **Comunicação nas Relações Humanas e Organizacionais** — Cesar Luiz Pasold (Estudantil)*
*04. - **Ondas Mentais Positivas** — Mari T. Koeche (Ed. do Autor)*
*05. - **Literatura Catarinense** — Pedro Albeirice da Rocha (Ed. do Autor)*

PESQUISA — ACEL — Associação Catarinense de Editores e Livreiros
FONTES — Livrarias: Catarinense, Lunardelli, Estudantil (Fpolis), Alemã (Blumenau) J. Rath (Lages), Lili Guntert (Joinville), Fátima (Criciúma), Menegatti (Concórdia), Urca (Tubarão).

1987

ERNESTO SABATO

UM TESTAMENTO INQUIETANTE

133

Salim Miguel

Último remanescente de uma geração que deu nomes como um Jorge Luis Borges, um Julio Cortázar, um Adolfo Bioy Casares, uma Silvina Ocampo, para as letras argentinas, Ernesto Sabato, 88 anos, sempre relutou em escrever suas memórias. Afinal, acabou cedendo às infindáveis insistências. E escreveu este *Antes del fin*. Nele retoma e aprofunda temas abordados no provocativo *Diálogos: Borges, Sabato*, intermediados pelo jornalista Orlando Barone (1ª edição 1974, 2ª 1996, Emece Ed.) Mas faz questão de, nas "Palabras Preliminares", deixar expresso: "Venho acumulando muitas dúvidas, tristes dúvidas, sobre o conteúdo desta espécie de testamento que tantas vezes me induziram a publicar; decidi, finalmente, fazê-lo. Diziam-me: tens o dever de terminá-lo, os jovens estão desesperançados, ansiosos, e acreditam em ti." Logo se pergunta se merece esta confiança, acrescentando: "tenho graves defeitos que eles não conhecem".

Antes del fin é um misto de memória, autobiografia, testamento e testemunho de alguém que tanto viu e de muito participou. Traça um quadro sombrio de seu tempo, um tempo de crises e desencontros. Diz em certo trecho: "O curioso é que com meio por cento do gasto em armamentos, poder-se-ia resolver o problema alimentar do mundo."

Nome de proa do chamado *boom* latino-americano, tendo convivido com a maioria dos intelectuais de seu tempo, a trajetória de Sabato é prenhe de estranhas contradições. Na escola primária, revela-se exímio desenhista; não demora chega à pintura. Parecia traçado seu destino. Não é assim. Logo descobre as ciências físico-matemáticas. Adolescente, integra-se à Juventude Comunista, da qual logo se afasta. Mas é ali que encontra Matilde, musa inspiradora, que vai apoiá-lo e incentivá-lo em todos os momentos. E a quem se deve a preservação da obra de criação literária do autor.

Afastou-se do PCA, porém jamais abandonou suas convicções socialistas. Nesse meio tempo aproximou-se do anarquismo e do surrealismo. Prosseguia na caminhada científica. Formado na Argentina, foi trabalhar (e estudar) no Instituto Curie/Paris, fez doutorado no MIT - Massachusetts Institute of Technology - EUA, passa a lecionar na Argentina e integra-se à comunidade científica. Por pouco tempo. Sentia-se inquieto, insatisfeito. Resolve abandonar tudo, muda-se, já com Matilde e Jorge Federico, para uma cabana e enfrenta dificuldades financeiras.

A indignação da comunidade científica, não só argentina, foi enorme. Corria o ano de 1945. Conta ele que um colega e amigo procurou-o. Tentou demovê-lo daquela loucura. Em vão. Como derradeiro argumento lhe diz que se ele viesse a escrever teria que ser um livro do nível de *A montanha mágica*, de Thomas Mann. Sabato conclui o relato do episódio comentando que o amigo ficaria surpreso se tivesse lido o que Mann, já no final da vida, diria a respeito de *O túnel*.

Este primeiro romance de Sabato fora rejeitado por todas as editoras da Argentina. Depois de muita insistência, acabou saindo pela Sur, revista de Victoria Ocampo, onde se iniciaram praticamente todos os escritores argentinos daquela(s) geração(ões). Pouco mais de um ano depois o livro saía pelas edições Gallimard, em Paris, graças

à interferência de Albert Camus. Ao ler, faz pouco, entrevista de Ricardo Piglia, onde ele declara que hoje a obra de Borges não encontraria editor, penso que o mesmo ocorreria com Sabato.

A este primeiro romance, onde em embrião se encontra tudo de fabuloso que viria depois, seguem-se duas obras primas da literatura hispano-americana: *Sobre heróis e tumbas* e *Abadon, o exterminador*.

Mas também na literatura Sabato continua insatisfeito, embora tenha obtido o reconhecimento unânime de todos os países em que foi publicado. Afirma, em *Antes del fin*, que escrevia, escrevia muito, mas o que escrevia pela manhã, queimava à tarde. O que sobreviveu à piromania se deve a Matilde. Ensaios instigantes foram aparecendo, entre eles *Uno y el universo, Hombres y engrenajes, El escritor y sus fantasmas*.

Em 1979, nova virada. Afetado por um problema de visão, impedido de ler, pouco ou nada escreve — e retorna à sua primitiva vocação, a pintura. Pinta e expõe, não só em seu país, mas em outros, como no Centro Pompidou, em Paris.

Em 1983 preside o Comitê que examina os crimes da ditadura militar argentina e cujo minucioso relatório, intitulado "Nunca más", ficaria conhecido como Informe Sabato. Santos Lugares, onde reside há mais de 60 anos, se torna uma legenda. Para ali acorrem colegas de profissão, jovens em busca de uma palavra, simples curiosos.

O livro, que agora nos chega, reflete um pouco de tudo isso. Dividido em partes, na primeira,"Primeros tiempos y grandes decisiones", traça um quadro das lutas e perplexidades de um ser humano que busca encontrar-se em meio aos muitos caminhos que se lhe oferecem. Diz: "Extraviado em um mundo em decomposição, entre restos de ideologias em bancarrota, a escrita tem sido para mim o meio fundamental, o mais absoluto e poderoso, que me permitiu expressar o caos em que me debatia." Na parte dois, "Quiza sea el fin", temos um retrato amargo, de fundo pessimismo a propósito de nosso tempo, a ponto de, na página 152, ele lançar este grito de angústia: "Que horror, o mundo!" É um grito contra a desumanização, de alerta contra o mundo que temos diante de nós, contra o extremado tecnicismo, contra o economicismo desumano, contra o brutal neoliberalismo, contra o desemprego, a miséria, o desmatamento, os poucos com muito e a grande maioria sem nada. Bom trecho é dedicado ao Brasil. Sabato fala das multidões de desempregados, das crianças famintas perambulando pelas ruas, dos sem-terra. Já na terceira parte, o tom se modera, é um alerta aos jovens. Deles depende a reversão do quadro. E é quando tece um melancólico hino de amor e de saudade à mulher e ao filho mortos. No epílogo, "Pacto entre derrotados", Enesto Sabato fala diretamente aos jovens, para, depois do quadro dantesco que traçou, deixar uma palavra de alento. Insiste em que, nas mãos deles, não só está o futuro da humanidade, mas também a possibilidade de reversão de expectativas, no sentido de tornar o mundo mais habitável e solidário. Afirma: "Só os que sejam capazes de encarar a utopia estarão aptos para o combate decisivo, o de recuperar o quanto de humanidade tenhamos perdido."

Antes del fin, memórias, de Ernesto Sabato, Ed. Seix Barral\Buenos Aires, 214 páginas, primeira edição, segundo semestre de 1998, sétima edição, janeiro de 1999.

CÓDIGO PARA VAZADO Jorn. GERALDO GALVÃO FERRAZ -Cad. de Sábado
Jornal da Tarde - FAX (011) 8562257 ou 8564555

OBS: QUIROGA, PERSONAGEM DE QUIROGA 134
Salim Miguel

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

Misiones é a principal geografia literária de Horácio Quiroga. Não apenas porque sua ficção centra-se basicamente nela, mas também porque sua vida está, de forma indissociável, ligada àquela região fronteiriça argentina.

Na missioneira San Isidro, plena selva, Quiroga vai viver, adquire vasta extensão de terra, constrói casa, para ali se muda com a família. A intenção, como em outras tentativas infrutíferas nas quais se envolve, é extrair da terra seu sustento. O que conseguiu extrair foi o material com o qual construiu a parte mais substancial (e melhor realizada) de suas histórias, que demarcaria para sempre seu próprio território nas letras hispano-americanas, influenciando outras gerações.

Morte e violência, frustração e loucura, desespero e desencanto são presenças obsedantes, componentes indissolúveis de sua maneira de transmitir a luta, tantas vezes inglória, do homem com o meio hostil, a floresta inóspita e os animais selvagens.

Quiroga, esse uruguaio-argentino, bem poderia ter sido personagem de Quiroga. É impossível separar a tragédia de sua vida da dramaticidade de sua obra. Morte é a marca mais constante na trajetória do autor de Los desterrados e Cuentos de amor, de locura y de muerte. Mais exatamente: o suicídio. Seu pai é o primeiro numa cadeia que avança para seu padrasto, sua mulher, ele próprio, sua filha Eglé, nome tomado a personagem de Dostoievski, uma de suas admirações literárias. As outras, mais evidentes, são Poe, Maupassant, Kipling, Tchecov. E como se não bastassem os suicídios, há ainda o fato de Quiroga, quando jovem,ter matado acidentalmente um amigo.

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

Poeta, romancista, teatrólogo, crítico, é no conto que se torna referencia obrigatória nas letras hispano-americanas. Para alguns, como Carlos Alberto Loprete, em Literatura española, hispanoamericana y argentina, Quiroga "es probablemente el mayor cuentista de la literatura hispanoamericana." Não é opinião isolada. Pelo mesmo caminho, com pequenas variações, vão entre outros um Mempo Giardinelli, um Seymour Menton, um Enrique Anderson Imbert, um Juan Carlos Onetti, um Angel Rama, um Carlos Mastrángelo, e uma brasileira, Bella Josef, em sua História da literatura hispano-americana.

Tendo se iniciado no modernismo argentino de inícios do século, influenciado por Lugones, Quiroga situa-se hoje na corrente criolista. Considerado precursor do conto fantástico, talvez uma primeira chave para a compreensão de sua literatura como um todo

esteja na intensa leitura dos decadentistas franceses, com seus elementos mórbidos e a insistência no tema da morte, que ele transplantou para a selva. Quiroga não foi um intuitivo; estudioso do fenômeno da criação literária, entre seus trabalhos críticos deixou um famoso "Decalogo del perfecto cuentista."

Reconhecido em toda a América como um mestre e um desbravador, no Brasil são escasos seus textos. Lembramo-nos do conto "Em declive", no volume Maravilhas do conto hispano americano, Ed. Cultrix; de outro, "Os desterrados", na revista Ficção; do livro Anaconda, tradução de Angela Melin, Ed. Rocco; da edição bilingue, ilustrada, Contos da selva, tradução de Tânia Piacentini, Ed. da UFSC. E agora este Vozes da selva, seleção, prólogo, bibliografia, cronologia e notas de Pablo Rocca, na competente tradução de Sérgio Faraco.

Primeira anotação: como em toda seleção, a presente pode ser aceita ou contestada. Mas não deixa de ser uma amostragem válida. A proposta de Rocca foi deter-se mais no que chama de "contos do mato", com sua carga de morte e morbidez; e exemplos do que denomina de conto "urbano" e conto "fantástico".

Segunda: para os que se interessam pelos problemas de tradução, será oportuno confrontar o original de "A la deriva" com "En de-

clive" e "À deriva"; o mesmo com "Os desterrados".

Terceira: outra faceta de Quiroga é a mistura de humor, fantasia, lirismo, que se encontra em contos como "O espectro" ou "Uma noite no éden", selecionados por Rocca; ou nas deliciosas histórias de bichos, de Contos da selva, narradas inicialmente para seus filhos, que podem ser lidas por crianças dos oito aos oitenta anos.

Para os que se aproximam pela primeira vez do escritor argentino (ou uruguaio), esta antologia é uma grata revelação, a pedir mais. Fiel à sua visão de crítico, economia de meios e precisão narrativa lhe caracterizam a prosa, sempre tensa e emotiva. "À deriva" exemplifica o tratamento dado por ele à sua ficção. Vai ao essencial, sugere, exige a participação do leitor para que complete o que entrevê. Quiroga não se detem na descrição da selva, mas deixa indicações para que cada qual a imagine, por intermédio de palavras chave. E completando-a, passe a participar da trama.

1995

Vozes da selva, de Horácio Quiroga, seleção de Pablo Rocca, tradução de Sérgio Faraco, Ed. Mercado Aberto, RS-1994 - 172 pp

CÓDIGO PARA VAZADO

Jorn. GERALDO GALVÃO FERRAZ -
Caderno de Sábado - Jornal da Tarde/SP
FAX (011) 8562257 ou 8564555

OBS:

135

AS CRUZES DE ARTEMIO CRUZ

Salim Miguel

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

Artemio Cruz agoniza. Sua voz interior é a que nos atinge,num primeiro momento. Medo da morte? Mais: lamentar o que fez de sua vida, examinar de que maneira chegou até onde chegou. Empresário bem sucedido, vê agora, não era aquilo o que desejava quando jovem.Carrega sua cruz, que lhe pesa e angustia. Quer reavaliar o ontem.

A proposta de Carlos Fuentes: através de uma narrativa descontínua e acronológica, nos devolver a existência de Artemio em sua totalidade,realizada em aparência, no fundo frustrada e frustrante.

Em que momento ter-se-ia dado a transformação? Num processo caótico, o Artemio de tantos sonhos se desestrutura.Consciente ou inconscientemente, deixa de ser ele mesmo, para se transmutar em outro (ou outros),ambicioso, sem sentimentos, sem escrúpulos. Num crescendo busca se afirmar de acordo com as leis ditadas por um mundo cruel.

Uma das chaves para a compreensão da proposta de Fuentes é:"Ah, o corpo morre de dor, mas o cérebro se enche de luz."Por intermédio dessa luz,do fluxo de consciência,vai se tomando conhecimento da trajetória do protagonista - e de boa parcela da história mexicana.

Fuentes vem de uma geração que marcou as letras mexicanas.Não só: as hispano-americanas. Basta citar dois nomes: Juan Rulfo e Juan José Arreola. A diferença: ambos de obra contida e escassa,em tama-

Ref. 001.0058

CÓDIGO PARA VAZADO

OBS:

-2

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

nho, enquanto Fuentes é de obra volumosa, barroca, que se espraia em diferentes direções e lhe confere uma visão de mundo algo cosmopolita,sem contudo perder o sentido da nacionalidade.Aliás,em longa entrevista ao ensaista Emir Rodrigues Monegal,ele confessa que, se existem escritores expressivos arraigados a seu torrão natal,outros necessitam sair,respirar novos ares, apreender o país de origem visto à distância.Acrescenta:"Pois a visão cosmopolita me parece importante, sobretudo neste momento em que, como diz Paz, somos pela primeira vez contemporâneos de todos os homens." Vai além, ao insistir que o México sempre foi a terra de eleição do surrealismo,sendo ali tal tensão mais forte, "porque o abismo entre o desejo e seu objeto é enorme". Temos aí uma boa síntese de seu projeto literário.

Isto nos devolve à saga de Cruz. Entre o que sonhou ser enquanto jovem,e no que se tornou o velho agonizante,há um abismo, fazendo com que o desejo dos sonhos e das aspirações fossem empurrados para um desvão no mais fundo de seu ser. Só agora,diante do espectro da morte,mexem com o que dele restou e tentam subir à tona, em busca de uma possível explicação, inquietando-o e atormentando-o.

Mas até se alcançar o âmago da estrutura narrativa,com suas idas-e-vindas, é preciso saber ler com extrema acuidade cada palavra,

Ref. 001.0058

CÓDIGO PARA VAZADO

OBS:

cada frase, cada trecho, atento às armadilhas que vão sendo espalhadas ao longo do texto. Uma vez absorvida a proposta, o leitor mergulha com ânsia naquele universo, dominado pelo poder criador do Autor, pelo fascínio de uma prosa que o envolve de forma inapelável.

Ainda que em aparência nada tenham a ver um com o outro, o quase morto Artemio Cruz e o já morto Braz Cubas se aparentam e pedem confrontação; da mesma forma que as impressionantes sequências de batalha entre irmãos remetem para cenas assemelhadas no magistral livro do americano Stephen Crane, A bandeira rubra da coragem.

Para o poeta e ensaista Octávio Paz, "a busca da identidade é o tema constante da obra de Carlos Fuentes." Ao embaralhar as idades biográficas de seu personagem, saltando de uma época posterior para uma anterior, ao usar indistintamente primeira, segunda, terceira pessoa, o A. quer recuperar aquela identidade e também a pureza inicial de um Cruz já sepulto sem saber, na tentativa de justificar (ou não) uma vida que não foi o que deveria ter sido. É quando Artemio se interroga: em que momento me desviei, me perdi, me deixei envolver nas teias de um mundo que não desejava fosse o meu? Ao ver Regina, seu primeiro e verdadeiro amor, balançando do galho de uma árvore, enforcada; no momento em que assiste ao fuzilamento do índio

CÓDIGO PARA VAZADO

OBS:

e do amigo, irmão de sua futura mulher, quando os três é que deveriam ter sido fuzilados; ao sentir na própria carne a luta feroz entre irmãos; na melancólica fuga pelas terras devastadas de Espanha ante e vitória de Franco; ao se deixar corromper pela primeira vez?

O livro é tudo isto e muito mais. Talvez a resposta mais pertinente, para o que quer nos transmitir Fuentes, esteja em suas próprias palavras, nos ensaios de La nueva novela hispanoamericana, ao dizer: "Radical ante su propio pasado, el nuevo escritor latino emprende una revision radical a partir de una evidencia: la falta de un lenguaje... Inventar un lenguaje es decir todo lo que la historia ha callado." Ele pretende uma confrontação dialética permanente, através da palavra, entre a modificação e a estrutura, a renovação e a tradição...

Escrevendo, em 1982, a respeito de outro livro do A., eu dizia: "Embora reconheça o significado de Terra nostra, texto que mexe com o leitor, confesso que, de Fuentes, ainda prefiro Aura e A morte de de Artemio Cruz. Agora, ao reler em português, passados mais de 30 anos, este livro (FCE/Coleccion Popular/México-1962), a mesma impressão permanece. E não posso deixar de comparar a atual tradução com a de Geraldo Galvão Ferraz (Edinova/RJ-1968), que captava melhor não só a complexidade, como as inovações estilísticas e a estrutura nar-

CÓDIGO PARA VAZADO

OBS:

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

rativa do original.

A tradução de Inez Cabral, embora não seja má, contém impropriedades e se perde em algumas ocasiões. Além de compactar trechos, sem procurar manter os espaçamentos exigidos pelo A., fundamentais para as pretensões de Carlos Fuentes, desvirtua e enfraquece o texto, retirando-lhe características muito peculiares, ao trocar o tu por você. Um exemplo: pág. 315 do original: "Yo no sé... no sé... si él soy yo...si tú fue él...si yo soy los tres...Tú... te traigo dentro de mí y va a morir conmigo..." Na tradução (pág. 237): "Não sei...não sei...se ele sou eu...se você foi ele...se eu sou os três... Você...Trago-o dentro de mim e vai morrer comigo...

A morte de Artemio Cruz, de Carlos Fuentes, trad. de Inez Cabral, Ed. Rocco/RJ-1994-238 pp

1995

Meu Caro Geraldo

Eis aí o texto - e as informações:

Salim Miguel

R.Romualdo de Barros,252 -BL-A ap. 203
88040-600 -Carvoeira - Florianópolis/SC-
RG 2994 454-IFP/SSP-RJ -CPF 042665107-30
Conta bancária: Banco do Brasil -01 - Ag. Universitária nº 1453-2 -conta nº 46.169-5 - Trindade -Florianópolis/SC

Meu telefone,em janeiro, é (048) 2841084.Os outros dois você deve ter,mas não custa repetir: o da Fundação é (048)240332, e o do apartamento (048) 2331599.

Abraços

Ref. 001.0058

CÓDIGO PARA VAZADO

Jorn. GERALDO GALVÃO FERRAZ -Cad.de sábado
Jornal da Tarde/SP
FAX (011) 8562257 ou 8564555

OK

136

OBS:

ASSIM SE ESCREVE UM CONTO 2

Salim Miguel

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

Centenas (ou melhor, milhares) de páginas já se escreveram sobre o conto, a teoria do conto, a estrutura contística, forma e conteúdo, o que é um conto, como se escreve um conto, diferença entre conto, novela, romance, que os homens sempre se contaram histórias, que o contar faz parte intrínseca do ser humano.

Examinar estruturas e propostas, nível de qualidade, estilos, épocas e evolução do conto, desde sua mais remota antigüidade até os dias de hoje, tudo bem. Achar que a raiz do conto moderno, em todas as suas vertentes, do psicológico ao fantástico, do regional ao policial, está em Poe, também tudo bem. Agora, ensinar a escrever contos, por meio de fórmulas, nos parece tarefa vã. Só há uma boa maneira para o futuro contista se exercitar: ler,ler,ler,reler até a exaustão, examinar minuciosamente a intenção última do autor, suas chaves, saber de que maneira trabalhou tal ou qual tema, por que utilizou tal ou qual palavra, como chegou até o leitor e o instigou, dizendo,vai, me lê e vê se consegues me largar antes do fim. Claro que só isto,o ler ininterruptamente, não basta para fazer o escritor; é preciso,também, vocação, persistência, busca insesante de uma linguagem pessoal, não desistir diante das dificuldades, escrever e rasgar, escrever e cortar, pois o verdadeiro escritor é aquele que sabe cortar sempre

Ref. 001.0058

OBS:

- 2

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
10 20 30 40 50 60 70

mais, como quem corta na própria carne.

Uma definição de conto, precisa e exata, definitiva, não se conhece. Será definido apenas pelo tamanho, conforme querem alguns? É isto que o diferencia do romance? Ou da novela - já que para complicar ainda mais, temos, entre nós da língua portuguesa,além do romance, também a novela,produto híbrido. Há, contudo,os que contestam com veemência tal assertiva. Para eles não basta a brevidade,que seria uma das caraterísticas inerentes ao gênero; devem existir outras marcas identificadoras, como estruturação própria, tensão contínua, unidade de tratamento, limitação de tempo narrativo e personagens.

Brincando-brincando, Mário de Andrade forjou sua definição, quando diz que "conto é tudo aquilo que o autor resolveu denominar de conto." Para quem não se satisfaz com tal simplificação definidora, existem outras. A de Carlos Mastrángelo, por exemplo, em sua "Bases para una teoria del cuento", ao afirmar: "algo esencial del cuento...es su unilinealidad, su unidad de asunto, su única espina dorsal". Não basta? É procurar então na Morfologia do conto, de Propp; ou nas várias anotações de Poe. No caso presente o que mais nos interessa é citar hispano-americanos. Comecemos por Quiroga e seu "Decalogo del perfecto cuentista", sintetizado nas palavras seguintes:

Ref. 001.0058

"Narra como se o conto não tivesse interesse senão para o pequeno ambiente de seus personagens." Outros: Enrique Anderson Imbert, Juan Armando Epple, Edmundo Valadés, Carlos Mastrángelo, ou Mempo Giardinelli, em seu livro Assim se escreve um conto, onde não só busca definições, como vai além: dá uma "classificação possível do conto latino-americano"; e acrescenta: "o conto é o gênero de maior vitalidade e o mais moderno, o que complementa em entrevista por ocasião do lançamento do livro em Porto Alegre: "um bom conto é aquele que te segura na cadeira e que não podes interromper mesmo que a casa venha abaixo..."

Tudo bem. Vamos então ao livro de Giardinelli. Não sem antes deixar inscrita a definição que prefiro, seja para o conto com começo-meio-fim ou de atmosfera. Por sinal, não sei se a li, se a ouvi, se a adaptei. Ei-la: "Conto é como uma flecha no arco distendido ao extremo, que disparada deve prosseguir sem titubeio, mantendo inalterada sua trajetória até o impacto final no alvo. Ao contrário do romance, que pode sofrer quedas bruscas sem que isto lhe afete a qualidade, mesmo com perda circunstancial de densidade."

Abrindo com sua "Estrutura e morfologia do conto", Giardinelli oferece, a seguir, uma vintena de entrevistas com nomes expressivos

da literarura hispano-americana, todas publicadas na revista Puro Cuento, que ele edita. De leitura instigante e proveitosa, o livro revela a opinião dos entrevistados (mesmo quando raramente se debruçam sobre o conto) a propósito de tão fascinante tema. Mas, a nosso ver, uma das atrações do volume é procurar aferir respostas, ver de que maneira escritores de formação tão diversa no exame da coisa literária vêem o conto e o praticam (ou não). Assim, se todos admiram profundamente Borges, a quase absoluta maioria ama Kafka e Rulfo. Se nomes (Quiroga, Maupassant, Arreola, Tchecov, Poe, Joyce, London) são citados com frequência, outros que delimitaram momentos significativos na trajetória da história curta (Mansfield), raramente são lembrados. Alguns tem presença garantida (Cortazar, O-Henry, London, Bret Harte, Gorky, Hemingway). De repente, eis que surge um desconhecido (Max Beerbohm -Inglaterra, 1872/1956) cujo conto "Enoch Soames" é considerado genial, uma obra-prima, por Imbert.

Agora que o livro aparece no Brasil, outra observação: exceptuando Valadés, que durante anos editou, no México, a revista El Cuento, publicando autores brasileiros, ninguém mais se refere aos nossos autores. Ainda assim, Valadés só indica Guimarães Rosa e mais meia dúzia. Nem Machado de Assis, sem dúvida ~~contista~~ NOME que se destaca no

Brasil, nas Américas, em todo o mundo, pela qualidade e pelo alcanse universal de sua prosa perfeita, em especial a contística.

Há, entre os entrevistados, surpresas para os desavisados. Juan Filloy: quantos terão ouvido falar nele? Nem em antologias argentinas seu nome aparece. No entanto, esse autor, que em 1987, data da entrevista, contava 93 anos, é considerado pelo entrevistador,"sem dúvida um dos mais importantes da historia literária nacional". Ou Elsa Isabel Bornemann, contista para jovens de qualquer idade. Outros (Fuentes, Donoso), ṕodem ser considerados contistas? Pouco importa, no caso. Importa, sim, no livro, a visão de cada autor a propósito da arte de escrever. E sempre é bom saber de que maneira começaram,e estimulante confrontar o que pensam um Imbert, um Skarmeta, um Donoso, um Saer, uma Silvina Ocampo, um Bioy Casares, um Valadés, um Soriano, um Fuentes - para nos atermos aos mais conhecidos no Brasil. De qualquer maneira, é livro que recomendamos para todos que se preocupam com o processo de criação literária e o porque, apesar de tudo, se continua escrevendo. E até mesmo lendo... 1995

Assim se escreve um conto, de Mempo Giardinelli, tradução de Charles Kiefer, Editora Mercado Aberto, PA-1993, pp 336.

Geraldo,continuo de férias, na praia, e no telefone (048) 2841084 - Abraços

Ref. 001.0058

3 Índice por ano

Ano	Referência	Nº
1945	MIGUEL, Salim. Se elas falassem...**Gazeta,** 13/12/1945	68
1950	MIGUEL, Salim. G.B.S. **O Estado**, Florianópolis, 11/11/1950, p.2, Livros.	98
1950	MIGUEL, Salim. Eça, Renovador. **Gazeta das Letras,** 08/01/1950, p. 1.	114
1956	MIGUEL, Salim. Florianópolis no Panorama Teatral Brasileiro. **A Hora,** 17/11/1956	71
1956	MIGUEL, Salim. Notícias de Sta. Catarina. **A Hora,** 10/11/1965.	72
1956	MIGUEL, Salim. Confissões do escritor Marques Rebelo. **A Hora,** 02/10/1956, p. 11	73
1956	MIGUEL, Salim. Notícias de Sta. Catarina. **A Hora,** 23/09/1956, p. 1	74
1956	MIGUEL, Salim. Lembranças de Gama D'Eça. **Correio da Manhã,** 27/03/1965, p. 3. 2º Caderno.	75
1959	MIGUEL, Salim. Um memorialista do conto. **Gazeta de Notícias,** 15/11/1959, p. 1.	70
1961	MIGUEL, Salim. Dubalgem: um absurdo. **Gazeta,** 15/01/1961, p. 7.	69
1961	MIGUEL, Salim. Um Livro Pungente. **Folha Acadêmica,** 01/05/1961, p.5.	77
1974	MIGUEL, Salim. A Lição de um homem, **Fatos e Fotos,** 25/03/1974, p. 55.	81
1978	MIGUEL, Salim. Italo Svevo, aliás Ettore Schmitz, aliás Leopoldo Bloom. **Jornal do Brasil,** 21/10/1978, p. 4, Livro.	95
1978	MIGUEL, Salim. O americano intranquilo. **Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 22/07/1978, p. 3, Livro.	96
1978	MIGUEL, Salim. Aguardem o próximo capítulo. **O Popular.** 20/08/1978. p.7, Suplemento Cultural.	121
1980	MIGUEL, Salim. Zeno versus Freud. **Jornal do Brasil,** 09/08/1980, p. 9, Caderno B	94
1980	MIGUEL, Salim. A consciência de Zeno. **O Estado**, Florianópolis, 10/08/1980, Livros.	99
1981	MIGUEL, Salim. As dúvidas (e certezas) de Porã. **O Estado**, Florianópolis, 11/02/1981, Livros	63
1981	MIGUEL, Salim. O conto e os contistas de Santa Catarina. **A Notícia,** 26/07/1981, p. 22, Especial.	78
1981	MIGUEL, Salim. Dois Literatores. **O Estado**, Florianópolis, 1981.	87
1981	MIGUEL, Salim. Dom segundo sombra - Retrato de corpo inteiro da vida nos pampas, **O Estado**, Florianópolis, 29/03/1981, p. 30, Livros.	129
1982	MIGUEL, Salim. Terça-feira dia 20 a batalha de Osmard. **O Estado**, Florianópolis, 18/04/1982, p. 31, Livros.	1
1982	MIGUEL, Salim. Luís Delfino, para ler e conferir. **O Estado**, Florianópolis, 26/09/1982, Livros.	2
1982	MIGUEL, Salim. Conto Brasileiro: Um bom levantamento. **Tribuna da Fronteira,** 29/05/1982, Página Literária.	76
1983	MIGUEL, Salim. Os residentes. **Jornal do Sul,** 01/05/1983.	3
1983	MIGUEL, Salim. Ensinando a ler para além do texto. **O Estado,** Florianópolis, 11/05/1988. Livros	4
1983	MIGUEL, Salim. O passado iluminando o presente. **O Estado**, Florianópolis, 23/11/1983, p. 25. Lazer/ livro	5
1983	MIGUEL, Salim. Recuperando a infância. **Suplemento Literário,** 12/11/1983, p. 3.	79
1984	MIGUEL, Salim. Verso e reverso da mesma moeda. **O Estado**, Florianópolis, 25/01/1984, p. 19. Lazer/ livro.	6
1984	MIGUEL, Salim. Eça de Queirós revisitado. **O Estado,** 22/02/1984, p. 22. Lazer/ livro	7
1984	MIGUEL, Salim. A Morte de Pedro Nava: incerteza, pavor, pasmo. **O Estado,** Florianópolis, 15/05/1984, p.5. Geral	8

1984	MIGUEL, Salim. José de Alencar e Valdomiro Silveira, uma aproximação possível. **O Estado,** Florianópolis, 12/06/1984, p. 18. Variedades.	9
1984	MIGUEL, Salim. José de Alencar e Valdomiro Silveira, uma aproximação possível. **O Estado,** Florianópolis, 12/06/1984, p.18. Variedades.	9
1984	MIGUEL, Salim. Uma obra coerente. **O Estado**. Florianópolis, 20/06/1984, p. 18. Variedades.	10
1984	MIGUEL, Salim. Harmoniosa convivência. **O Estado**. Florianópolis, 20/06/1984. p. 18. Variedades.	11
1984	MIGUEL, Salim. Asimov, o pai dos robôs. **O Estado.** Florianópolis, 20/06/1984, p. 18, Variedades.	12
1984	MIGUEL, Salim. Balanço de uma vida. **O Estado**, Florianópolis, 05/08/1984, p. 26. Livros.	13
1984	MIGUEL, Salim. O melhor de Marques Rebelo. **O Estado**, Florianópolis, 14/10/1984, p. 26. Livros. 1984.	14
1984	MIGUEL, Salim. A Prática do Atletismo. **O Estado,** Florianópolis, 14/10/1984, p. 26, Livros.	15
1984	MIGUEL, Salim. Em a Morte do Brasil um retrato do Brasil. **O Estado**, Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.	16
1984	MIGUEL, Salim. Ensinando a ver jornais. **O Estado,** Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.	17
1984	MIGUEL, Salim. O prazer de ler-reler Machado. **O Estado,** Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.	18
1984	MIGUEL, Salim. Uma leitura de Augusto Meyer. **O Estado**, Florianópolis, 18/11/1984, p. 26. Livros.	19
1984	MIGUEL, Salim. Reflexão sobre o poder. **O Estado,** Florianópolis, 18/11/1984, p. 26. Livros	20
1984	MIGUEL, Salim. Cultura negra e liberdade, temas de Domício Proença Filho. **O Estado,** Florianópolis, 02/12/1984. p.28. Livros.	21
1984	MIGUEL, Salim. Um poeta lê outros poetas. 1984	88
1984	MIGUEL, Salim. Os ecos da rosa. **O Estado**, Florianópolis, 15/02/1984, p. 18, Livros.	100
1984	MIGUEL, Salim. A propósito das traduções de Conrad. **O Estado**, Florianópolis, 17/06/1984, p. 26, Livros.	101
1984	MIGUEL, Salim. Eça de Queirós revisitado. **Registro,** p. 2	118
1985	MIGUEL, Salim. Mapeamento do conto brasileiro contemporâneo. **O Estado**. Florianópolis, 03/03/1985. p. 29, Livros.	22
1985	MIGUEL, Salim. Lembranças do Professor. **O Estado,** Florianópolis, 15/03/1985, p. 6. Cidade.	23
1985	MIGUEL, Salim. Escritor brasileiro, este desconhecido no Brasil. **O Estado**, Florianópolis, 02/06/1985, p. 26, Livros.	115
1985	MIGUEL, Salim. Paris: anotações preliminares, **O Estado**, Florianópolis, 09/06/1985, Livros.	116
1985	MIGUEL, Salim. Do coração e de várias emoções. **O Estado**, Florianópolis, 16/06/1985, p. 26, Livros.	117
1986	MIGUEL, Salim. A paixão do poema. **O Estado,** Florianópolis, 14/04/1986, p. 2.	24
1986	MIGUEL, Salim. A vez do livro. **O Estado,** Florianópolis, 31/set/86. p. 2. 2º Caderno.	25
1986	MIGUEL, Salim. Ausências e acréscimos. **O Estado**, Florianópolis, 02/11/1986, p. 2, 2º Caderno.	26
1986	MIGUEL, Salim. Desmotando o convencional. **O Estado**, Florianópolis, 16/11/1986. p. 2, 2º Caderno.	27
1986	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **O Estado,** Florianópolis, 07/12/1986, p. 2, 2º Caderno.	28
1986	MIGUEL, Salim. Viver de ler. **O Estado,** 14/12/1986, p. 10.	29

1986	MIGUEL, Salim. Características e ações das editoras de universidades. **Correio do Livro,** ago./out.1986, p. 8.	66
1986	MIGUEL, Salim. Dentro da noite, um clarão. **Cacau-letras,** ago./set. 1986, p. 3, Opinião/Ensaio.	82
1986	MIGUEL, Salim. Passeio pela poesia grega. **O Estado**, Florianópolis, 28/09/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	102
1986	MIGUEL, Salim. Fernando Pessoa e sua inesgotável arca. **O Estado**, Florianópolis, 05/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	103
1986	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **O Estado**, Florianópolis, 07/12/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	104
1986	MIGUEL, Salim. Coerência entre vida e obra. **O Estado**, Florianópolis, 21/12/1986, p.10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	105
1986	MIGUEL, Salim. Relação autor x personagem numa novela modelar. **O Estado**, Florianópolis, 28/12/1986, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	106
1986	MIGUEL, Salim. Da arte de saber nadar. **O Estado**, Florianópolis, 26/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	122
1986	MIGUEL, Salim. A festa em vida. **O Estado**, Florianópolis, 12/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	123
1986 /1987	MIGUEL, Salim. Livro - a nova vedete. **Correio do Livro,** nov. 86/jan.1987, p. 5.	65
1987	MIGUEL, Salim. Poesia brasileira em Portugal. **O Estado**, Florianópolis, 18/01/1987, p. 10.	30
1987	MIGUEL, Salim. A morte de um amigo. **O Estado,** Florianópolis, 15/01/1987, p. 16.	31
1987	MIGUEL, Salim. Boas leituras, maiores emoções. **O Estado,** Florianópolis, 15/02/1987, p. 10.	32
1987	MIGUEL, Salim. Desestruturar para criar. **O Estado,** 22/02/1987, p. 10.	33
1987	MIGUEL, Salim. O valor da palavra. **O Estado,** 01/03/1987, p. 10.	34
1987	MIGUEL, Salim. Revendo o Museu. **O Estado,** Florianópolis, 22/03/1987, p.	35
1987	MIGUEL, Salim. Conhecer para avaliar melhor. **O Estado,** Florianópolis, 05/04/1987, p. 10	36
1987	MIGUEL, Salim. Cinema Brasileiro: Oportunas Visões. **O Estado,** Florianópolis, 12/04/1987, p.10	37
1987	MIGUEL, Salim. Da importância de ler-reler Antônio Candido. **O Estado,** Florianópolis, 03/05/1987	38
1987	MIGUEL, Salim. Oportuna reedição. **O Estado,** Florianópolis, 08/03/1987, p. 10.	39
1987	MIGUEL, Salim. Apoio às publicações culturais. **O Estado,** Florianópolis, 17/05/1987, p. 10.	40
1987	MIGUEL, Salim. Um Documento Apaixonante e Veraz. **O Estado**, Florianópolis, 24/05/1987, p. 10.	41
1987	MIGUEL, Salim. Redescobrindo a mocidade. **O Estado,** Florianópolis, 24/05/1987, p. 10.	42
1987	MIGUEL, Salim. Oportuna Reedição de um Comediógrafo. **O Estado**, Florianópolis, 31/05/1987, p. 10.	43
1987	MIGUEL, Salim. Nicarágua vista por Cortázar. **O Estado**, Florianópolis, 14/06/1987, p. 8. Leitura & Lazer	44
1987	MIGUEL, Salim. Enredos Aliciantes e Insitigantes. **O Estado**, Florianópolis, 07/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	45
1987	MIGUEL, Salim. Dois Títulos Ilustrativos. **O Estado**, Florianópolis, 21/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	46
1987	MIGUEL, Salim. Cinema e Mito. **O Estado**, Florianópolis, 12/07/1997, p. 8, Leitura & Lazer.	47

1987	MIGUEL, Salim. Teatro de Alencar, Unidade e Diversidade em Dois Ensaios. **O Estado**, Florianópolis, 26/07/1987, p. 7, Leitura & Lazer.	48
1987	MIGUEL, Salim. Um Ensaio Instigante. **O Estado**, Florianópolis, 02/08/1987, p. 7, Leitura & Lazer.	49
1987	MIGUEL, Salim. Contribuição de Peso. **O Estado**, Florianópolis, 03/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.	50
1987	MIGUEL, Salim. Dois artistas, algumas aproximações. **O Estado**, Florianópolis, 20/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.	51
1987	MIGUEL, Salim. Ody Fraga, um amigo que se foi. **O Estado**, Florianópolis, 27/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.	52
1987	MIGUEL, Salim. Dorotéia, Distinta Vaca. **O Estado**, Florianópolis, 04/10/1987, p. 4, Leitura & Lazer.	53
1987	MIGUEL, Salim. O cinema em Foco. **O Estado**, Florianópolis, 05/07/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	54
1987	MIGUEL, Salim. O Cinema em Santa Catarina. **O Estado**, Florianópolis, 11/10/1987, p. 10, Leitura & Lazer.	55
1987	MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – II. **O Estado**, Florianópolis, 18/10/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	56
1987	MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – III. **O Estado**, Florianópolis, 25/10/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	57
1987	MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – IV. **O Estado**, Florianópolis, 01/11/1987, p. 8 Leitura & Lazer	58
1987	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **Correio do Livro,** abr./jun. 1987, p. 18	67
1987	MIGUEL, Salim. O permanente fascínio de um livro. **O Estado**, Florianópolis, 15/03/1987, p.10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	107
1987	MIGUEL, Salim. A mentira de um sonho. **O Estado**, Florianópolis, 19/04/1987, p. 10, fim de semana/Leitura e Crítica.	108
1987	MIGUEL, Salim. A propósito do Fervor Camiliano. **O Estado**, Florianópolis, 26/04/1987, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	109
1987	MIGUEL, Salim. O Poder da Palavra. **O Estado**, Florianópolis, 10/05/1987, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	110
1987	MIGUEL, Salim. Questão em aberto. **O Estado**, Florianópolis, 09/08/1987, p. 10, Leitura & Lazer/Leitura e Crítica.	111
1987	MIGUEL, Salim. Nicarágua vista por Cortázar. **O Estado**, Florianópolis, 14/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	132
1991	MIGUEL, Salim. Família. **A Notícia,** 02/01/1991, p. 1, Anexo.	62
1995	MIGUEL, Salim. Encontro com Richard Morse. **ANcapital,** , Florianópolis, 17/11/1995, p. 5, Variedades.	61
1995	MIGUEL, Salim. Unamuno vê a existência sem saídas. **Jornal da Tarde,** Rio de Janeiro, 03/06/1995, p. 6, Livros.	97
1995	MIGUEL, Salim. Encontro com Richard Morse. **ANcapital**, Florianópolis, 17/11/1995, p. 5, Variedades.	113
1995	MIGUEL, Salim. "A Morte de Artemio Cruz" está de volta. **Jornal da Tarde,** 07/01/1995, p. 6, Livros.	126
1995	MIGUEL, Salim. O conto e sua criação. **Jornal da Tarde,** 18/02/1995.	127
1995	MIGUEL, Salim. Quiroga, personagem de Quiroga. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado	134
1995	MIGUEL, Salim. As cruzes de Artemio Cruz. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado	135
1995	MIGUEL, Salim. Assim se escreve um conto. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado	136
1996	MIGUEL, Salim. Gastal - A paixão pelo cinema. **A Notícia,** 09/09/1996, p. 1, Anexo.	59
1996	MIGUEL, Salim. Contestado na literatura. **A Notícia,** 16/08/1996, p. 3, Anexo.	60

1996	MIGUEL, Salim. Revisitando Miguel Torga. **A Notícia,** 03/11/1996, p. 4, Leitura.	112
1997	MIGUEL, Salim. Nosso companheiro, jornalista, Flávio Costa, **Fatos e Fotos,** 31/10/1976, p. 126.	80
1997 /1999	MIGUEL, Salim. Saramago: apontamentos. **Informativo da UBE – SC,** p. 7.	119
1999	MIGUEL, Salim. Nas memórias de Ernesto Sabato, um inquietante e sombrio relato do mundo. **O Globo,** 05/06/1999, p. 4, Prosa & Verso.	124
1999	MIGUEL, Salim. Ernesto Sabato. **Ô Catarina**, Florianópolis, nov./dez. 1999, p. 12.	133
2000	MIGUEL, Salim. Sabato entre sombras, dúvidas, esperanças, desesperos e utopias. **O Globo,** 09/12/2000, p. 4, Prosa & Verso.	125
	MIGUEL, Salim. A simbologia dos náufragos na ficcção de Mário Pontes. **Letras e livros,** p.10	64
	MIGUEL, Salim. Um ensaísta coerente. p. 31, Livro	83
	MIGUEL, Salim. Inexílio. Livro	84
	MIGUEL, Salim. O viajante das Nuvens, p. 31, Livro	85
	MIGUEL, Salim. Revisitando o Oeste.	86
	MIGUEL, Salim. A festa em vida	89
	MIGUEL, Salim. Fernando Pessoa e sua inesgotável arca	90
	MIGUEL, Salim. Tèrcio da Gama: explosão de cores	91
	MIGUEL, Salim. As possibilidades da ficção	92
	MIGUEL, Salim. Machadinho - ainda e sempre. **O Estado**, Florianópolis, 07/09/1963	93
	MIGUEL, Salim. As exemplares novelas de Unamuno. **Jornal da Tarde.**	120
	MIGUEL, Salim. Ao som da guaracha. **Leia Livros,** 01/10/1981.	128
	MIGUEL, Salim. De espelhos e labirintos, **Ô Catarina**, Florianópolis, jul./ago. 1999, p. 11.	130
	MIGUEL, Salim. Borges, cem anos. **Correio das Artes,** 05/09/1999, p. 5.	131

4 Índice por escritor

Autor	Título do livro		Nº
A. Vicente Campinas	Fronteiriços	MIGUEL, Salim. Coerência entre vida e obra. **O Estado**, Florianópolis, 21/12/1986, p.10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	105
Adélia Prado	Terra de Santa Cruz	MIGUEL, Salim. A paixão do poema. **O Estado,** Florianópolis, 14/04/1986, p. 2.	24
Afonso Varzea		MIGUEL, Salim. Notícias de Sta. Catarina. **A Hora,** 23/09/1956, p. 1	74
Afrânio Coutinho (Dir.)	A Literatura no Brasil	MIGUEL, Salim. Oportuna reedição. **O Estado,** Florianópolis, 08/03/1987, p. 10.	39
Alexandre Cabral (Org.)	Correspondência de Camilo Castelo Branco	MIGUEL, Salim. A propósito do Fervor Camiliano. **O Estado**, Florianópolis, 26/04/1987, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	109
Alice Bertoli Arns/Silvio Coelho dos Santos	Crônica à margem da história de Rio do Oeste /índios e brancos no sul do Brasil - a dramática experiência dos Xokleng	MIGUEL, Salim. Dois Títulos Ilustrativos. **O Estado**, Florianópolis, 21/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	46
Almeida Fischer	O áspero ofício	MIGUEL, Salim. Harmoniosa convivência. **O Estado**. Florianópolis, 20/06/1984. p. 18. Variedades.	11
Antonio Candido	A Educação pela noite e outros ensaios	MIGUEL, Salim. Da importância de ler-reler Antônio Candido. **O Estado,** Florianópolis, 03/05/1987	38
Antonio Hohlfeldt	Porã	MIGUEL, Salim. As dúvidas (e certezas) de Porã. **O Estado**, Florianópolis, 11/02/1981, Livros	63
Antonio Simões Jr	La novela imposible	MIGUEL, Salim. Relação autor x personagem numa novela modelar. **O Estado**, Florianópolis, 28/12/1986, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	106
Antonio Torres	Balada da Infância Perdida	MIGUEL, Salim. Desestruturar para criar. **O Estado,** 22/02/1987, p. 10.	33
Apásia Camargo; Eduardo Raposo; Sérfio Flaskman	O Nordeste e a Política	MIGUEL, Salim. Balanço de uma vida. **O Estado**, Florianópolis, 05/08/1984, p. 26. Livros.	13
Ary Quintella (Seleção)	Os melhores contos de Marques Rebelo	MIGUEL, Salim. O melhor de Marques Rebelo. **O Estado**, Florianópolis, 14/10/1984, p. 26. Livros. 1984.	14
August Kirsch; Karl Koch, Ubirajara Oro	Antologia do Atletismo	MIGUEL, Salim. A Prática do Atletismo. **O Estado,** Florianópolis, 14/10/1984, p. 26, Livros.	15
Austran Dourado	A serviço del-Rei	MIGUEL, Salim. Reflexão sobre o poder. **O Estado,** Florianópolis, 18/11/1984, p. 26. Livros	20
Carlos Fuentes	A morte de Artêmio Cruz	MIGUEL, Salim. "A Morte de Artemio Cruz" está de volta. **Jornal da Tarde,** 07/01/1995, p. 6, Livros.	126
Carlos Fuentes	A morte de Artêmio Cruz	MIGUEL, Salim. As cruzes de Artemio Cruz. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado	135

Carlos Nejar (org.)	Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea	MIGUEL, Salim. Poesia brasileira em Portugal. **O Estado**, Florianópolis, 18/01/1987, p. 10.	30
Carmen Lydia de Souza Dias	Paixão de raiz	MIGUEL, Salim. José de Alencar e Valdomiro Silveira, uma aproximação possível. **O Estado,** Florianópolis, 12/06/1984, p.18. Variedades.	9
Diane Johnson/Mario Vargas Llosa/Diversos	Dashiell Hammet, uma vida/Quem Matou Palomino Moleiro?/Contos de Mistério e Suspense	MIGUEL, Salim. Boas leituras, maiores emoções. **O Estado,** Florianópolis, 15/02/1987, p. 10.	32
Domicio Proença Filho	Dionísio Esfacelado (Quilombo Palmares)	MIGUEL, Salim. Cultura negra e liberdade, temas de Domício Proença Filho. **O Estado,** Florianópolis, 02/12/1984. p.28. Livros.	21
Domicio Proença Filho (org.)	Os Melhores Contos de Machado de Assis	MIGUEL, Salim. O prazer de ler-reler Machado. **O Estado,** Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.	18
Domingos Fossari	x	MIGUEL, Salim. Redescobrindo a mocidade. **O Estado,** Florianópolis, 24/05/1987, p. 10.	42
Eça de Queiroz	Diversos	MIGUEL, Salim. Eça, Renovador. **Gazeta das Letras,** 08/01/1950, p. 1.	114
Edda Arzúa Ferreira	O Texto Literário: a prática da interpretação	MIGUEL, Salim. Ensinando a ler para além do texto. **O Estado,** Florianópolis, 11/05/1988. Livros	4
Eric Nepomuceno/Fernando Namora	Cuba: novas anotações sobre uma revolução/URSS mal amada, bem amada	MIGUEL, Salim. Conhecer para avaliar melhor. **O Estado,** Florianópolis, 05/04/1987, p. 10	36
Ernest Hemingway	O Jardim do Éden	MIGUEL, Salim. Questão em aberto. **O Estado**, Florianópolis, 09/08/1987, p. 10, Leitura & Lazer/Leitura e Crítica.	111
Ernesto Sabato	Antes del fin	MIGUEL, Salim. Nas memórias de Ernesto Sabato, um inquietante e sombrio relato do mundo. **O Globo,** 05/06/1999, p. 4, Prosa & Verso.	124
Ernesto Sabato	Antes del fin	MIGUEL, Salim. Ernesto Sabato. **Ô Catarina**, Florianópolis, nov./dez. 1999, p. 12.	133
Ernesto Sabato	O túnel/Antes do fim	MIGUEL, Salim. Sabato entre sombras, dúvidas, esperanças, desesperos e utopias. **O Globo,** 09/12/2000, p. 4, Prosa & Verso.	125
Fagundes de Menezes	Cárcere das Aguas	MIGUEL, Salim. Uma obra coerente. **O Estado**. Florianópolis, 20/06/1984, p. 18. Variedades.	10
Fernando Pessoa	Livro do Desassossego	MIGUEL, Salim. Fernando Pessoa e sua inesgotável arca. **O Estado**, Florianópolis, 05/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	103
Fernando Pessoa	Livro do Desassossego	MIGUEL, Salim. Fernando Pessoa e sua inesgotável arca	90
Fernando Sabino	O Menino no Espelho	MIGUEL, Salim. Recuperando a infância. **Suplemento Literário,** 12/11/1983, p. 3.	79

Flávio Aguiar	A comédia nacional no teatro de José de Alenca	MIGUEL, Salim. José de Alencar e Valdomiro Silveira, uma aproximação possível. **O Estado,** Florianópolis, 12/06/1984, p. 18. Variedades.	9
Flávio de Aquino		MIGUEL, Salim. A morte de um amigo. **O Estado,** Florianópolis, 15/01/1987, p. 16.	31
Flávio José Barbosa de Costa		MIGUEL, Salim. Nosso companheiro, jornalista, Flávio Costa, **Fatos e Fotos,** 31/10/1976, p. 126.	80
Francisco Marcelo Cabral	Inexílio	MIGUEL, Salim. Inexílio. Livro	84
Franzina Ancona	Frontiere dell' imaginário - Mito e rito nella serittura de Péricles Prade	MIGUEL, Salim. Um Ensaio Instigante. **O Estado**, Florianópolis, 02/08/1987, p. 7, Leitura & Lazer.	49
Gabriel García Marquez	O amor nos tempos de cólera	MIGUEL, Salim. Da arte de saber nadar. **O Estado**, Florianópolis, 26/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	122
George Bernard Shawn		MIGUEL, Salim. G.B.S. **O Estado**, Florianópolis, 11/11/1950, p.2, Livros.	98
Godofredo de Oliveira Neto/Alcides Ribeiro J. da Silva	O Bruxo do Contestado/Os rebeldes brotam da terra	MIGUEL, Salim. Contestado na literatura. **A Notícia,** 16/08/1996, p. 3, Anexo.	60
Guilherme de Castilho (Org.)	Eça de Queirós: correspondência- 2 volume	MIGUEL, Salim. Eça de Queirós revisitado. **Registro,** p. 2	118
Gulhereme de Castilho (Coord.)	Eça de Queirós: correspondência, leitura - 2 colume	MIGUEL, Salim. Eça de Queirós revisitado. **O Estado,** 22/02/1984, p. 22. Lazer/ livro	7
Haroldo Bruno	O viajante das nuvens	MIGUEL, Salim. O viajante das Nuvens, p. 31, Livro	85
Helio Polvora	Os Galos da Aurora	MIGUEL, Salim. Um memorialista do conto. **Gazeta de Notícias,** 15/11/1959, p. 1.	70
Hélio Pólvora	10 contos escolhidos	MIGUEL, Salim. Mapeamento do conto brasileiro contemporâneo. **O Estado**. Florianópolis, 03/03/1985. p. 29, Livros.	22
Hélio Pólvora	O grito da perdiz	MIGUEL, Salim. Dentro da noite, um clarão. **Cacau-letras,** ago./set. 1986, p. 3, Opinião/Ensaio.	82
Henrique Fontes		MIGUEL, Salim. Lembranças do Professor. **O Estado,** Florianópolis, 15/03/1985, p. 6. Cidade.	23
Henrique L. Alves	Panorama do Conto Brasileiro	MIGUEL, Salim. Conto Brasileiro: Um bom levantamento. **Tribuna da Fronteira,** 29/05/1982, Página Literária.	76
Hermilio Borba Filho		MIGUEL, Salim. Florianópolis no Panorama Teatral Brasileiro. **A Hora,** 17/11/1956	71
Holdemar Menezes	Os residentes	MIGUEL, Salim. Os residentes. **Jornal do Sul,** 01/05/1983.	3
Horácio Quiroga	Vozes da selva	MIGUEL, Salim. Quiroga, personagem de Quiroga. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado	134

Ignácio de Loyola Brandão	Dentes ao Sol	MIGUEL, Salim. Família. **A Notícia,** 02/01/1991, p. 1, Anexo.	62
Isaac Asimov	Nós, Robôs	MIGUEL, Salim. Asimov, o pai dos robôs. **O Estado.** Florianópolis, 20/06/1984, p. 18, Variedades.	12
Ismar de Oliveira Soares	Para uma leitura critica dos jornais	MIGUEL, Salim. Ensinando a ver jornais. **O Estado,** Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.	17
Italo Svevo	A consciência de Zeno	MIGUEL, Salim. Italo Svevo, aliás Ettore Schmitz, aliás Leopoldo Bloom. **Jornal do Brasil,** 21/10/1978, p. 4, Livro.	95
Italo Svevo	A consciência de Zeno	MIGUEL, Salim. Zeno versus Freud. **Jornal do Brasil,** 09/08/1980, p. 9, Caderno B	94
Italo Svevo	A consciência de Zeno	MIGUEL, Salim. A consciência de Zeno. **O Estado**, Florianópolis, 10/08/1980, Livros.	99
Joe Gores	Hammett	MIGUEL, Salim. O Poder da Palavra. **O Estado**, Florianópolis, 10/05/1987, p. 10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	110
John Huston/Anne Edwards	Um livro aberto/Uma mulher fabulosa	MIGUEL, Salim. Dois artistas, algumas aproximações. **O Estado**, Florianópolis, 20/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.	51
Jorge Luis Borges	Variados	MIGUEL, Salim. Borges, cem anos. **Correio das Artes,** 05/09/1999, p. 5.	131
José Gay da Cunha	Um Brasileiro na Guerra Civil	MIGUEL, Salim. Um Documento Apaixonante e Veraz. **O Estado**, Florianópolis, 24/05/1987, p. 10.	41
José Paulo Paes	Poesia Moderna da Grécia	MIGUEL, Salim. Passeio pela poesia grega. **O Estado**, Florianópolis, 28/09/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	102
Jose Saramago	Memorial do Convento	MIGUEL, Salim. O passado iluminando o presente. **O Estado**, Florianópolis, 23/11/1983, p. 25. Lazer/ livro	5
Julio Cortazar	Nicarágua - Tão violentamente doce	MIGUEL, Salim. Nicarágua vista por Cortázar. **O Estado**, Florianópolis, 14/06/1987, p. 8. Leitura & Lazer	44
Julio Cortazar	Nicarágua - Tão violentamente doce	MIGUEL, Salim. Nicarágua vista por Cortázar. **O Estado**, Florianópolis, 14/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	132
Ledo Ivo	A Morte do Brasil	MIGUEL, Salim. Em a Morte do Brasil um retrato do Brasil. **O Estado**, Florianópolis, 11/11/1984, p. 26. Livros.	16
Ledo Ivo	10 contos escolhidos	MIGUEL, Salim. O valor da palavra. **O Estado,** 01/03/1987, p. 10.	34
Leonor Xavier	Falar de viver	MIGUEL, Salim. Viver de ler. **O Estado,** 14/12/1986, p. 10.	29
Luis A. De Boni (Org.)	A presença italiana no Brasil	MIGUEL, Salim. Contribuição de Peso. **O Estado**, Florianópolis, 03/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.	50
Luis Alberto Warat	A Ciência Jurídica e seus dois maridos	MIGUEL, Salim. Desmotando o convencional. **O Estado**, Florianópolis, 16/11/1986. p. 2, 2º Caderno.	27
Luis Dlefino	Poemas escolhidos	MIGUEL, Salim. Luís Delfino, para ler e conferir. **O Estado**, Florianópolis, 26/09/1982, Livros.	2
Luis Rafael	A guaracha do macho	MIGUEL, Salim. Ao som da guaracha. **Leia**	128

Sanchez	camacho	**Livros,** 01/10/1981.	
Luiz Carlos Carrion	Festival do Cinema Brasileiro de Gramado	MIGUEL, Salim. O cinema em Foco. **O Estado**, Florianópolis, 05/07/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	54
Macedo Miranda		MIGUEL, Salim. A Lição de um homem, **Fatos e Fotos,** 25/03/1974, p. 55.	81
Marcos Ana	Poemas desde la cárcel	MIGUEL, Salim. Um Livro Pungente. **Folha Acadêmica,** 01/05/1961, p.5.	77
Mario Pontes	Ninguém ama os náufragos	MIGUEL, Salim. A simbologia dos náufragos na ficcção de Mário Pontes. **Letras e livros,** p.10	64
Mario Vargas Llosa	Tia Júlia e o Escrevinhador	MIGUEL, Salim. Aguardem o próximo capítulo. **O Popular.** 20/08/1978. p.7, Suplemento Cultural.	121
Marques Rebelo		MIGUEL, Salim. Confissões do escritor Marques Rebelo. **A Hora,** 02/10/1956, p. 11	73
Mempo Giardinelli	Assim se escreve um conto	MIGUEL, Salim. O conto e sua criação. **Jornal da Tarde,** 18/02/1995.	127
Mempo Giardinelli	Assim se escreve um conto	MIGUEL, Salim. Assim se escreve um conto. **Jornal da Tarde.** Caderno de Sábado	136
Miguel Barnet	Memórias de um cimarron	MIGUEL, Salim. A festa em vida. **O Estado**, Florianópolis, 12/10/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	123
Miguel de Unamuno	Três novelas exemplares e um prólogo	MIGUEL, Salim. Unamuno vê a existência sem saídas. **Jornal da Tarde,** Rio de Janeiro, 03/06/1995, p. 6, Livros.	97
Miguel de Unamuno	Três novelas exemplares e um prólogo	MIGUEL, Salim. As exemplares novelas de Unamuno. **Jornal da Tarde.**	120
Miguel Torga	Diversos	MIGUEL, Salim. Revisitando Miguel Torga. **A Notícia,** 03/11/1996, p. 4, Leitura.	112
Moacyr Scliar	A estranha nação de Rafael Mendes	MIGUEL, Salim. Verso e reverso da mesma moeda. **O Estado**, Florianópolis, 25/01/1984, p. 19. Lazer/ livro.	6
Museu de Artes de Santa Catarina	Memória do MASC - 38 anos	MIGUEL, Salim. Revendo o Museu. **O Estado,** Florianópolis, 22/03/1987, p.	35
Myrna Bier Appel/Flávio Aguiar	Idéias encenadas: o teatro de Alencar/A comédia Nacional no Teatro de José de Alencar	MIGUEL, Salim. Teatro de Alencar, Unidade e Diversidade em Dois Ensaios. **O Estado**, Florianópolis, 26/07/1987, p. 7, Leitura & Lazer.	48
Nereu Correa	A tapeçaria linguistica d'Os Sertões e outros ensaios	MIGUEL, Salim. Um ensaísta coerente. p. 31, Livro	83
Ody Fraga		MIGUEL, Salim. Ody Fraga, um amigo que se foi. **O Estado**, Florianópolis, 27/09/1987, p. 2, Leitura & Lazer.	52
Ody Fraga		MIGUEL, Salim. Dorotéia, Distinta Vaca. **O Estado**, Florianópolis, 04/10/1987, p. 4, Leitura & Lazer.	53
Orlando Barone (Org.)	Diálogos Borges - Sabato, compaginados por Orlando Barone	MIGUEL, Salim. De espelhos e labirintos, **Ô Catarina**, Florianópolis, jul./ago. 1999, p. 11.	130
Osmard Andrade	A batalha de Aranguá	MIGUEL, Salim. Terça-feira dia 20 a batalha	1

		de Osmard. **O Estado**, Florianópolis, 18/04/1982, p. 31, Livros.	
Othon da Gama Lobo D'Eça		MIGUEL, Salim. Lembranças de Gama D'Eça. **Correio da Manhã,** 27/03/1965, p. 3. 2º Caderno.	75
Pedro Nava		MIGUEL, Salim. A Morte de Pedro Nava: incerteza, pavor, pasmo. **O Estado,** Florianópolis, 15/05/1984, p.5. Geral	8
Ricardo Guiraldes	Dom Segundo Sombra	MIGUEL, Salim. Dom segundo sombra - Retrato de corpo inteiro da vida nos pampas, **O Estado**, Florianópolis, 29/03/1981, p. 30, Livros.	129
Richard M. Morse	A volta de McLuhanaíma	MIGUEL, Salim. Encontro com Richard Morse. **ANcapital,** , Florianópolis, 17/11/1995, p. 5, Variedades.	61
Richard M. Morse	A volta de McLuhanaíma	MIGUEL, Salim. Encontro com Richard Morse. **ANcapital**, Florianópolis, 17/11/1995, p. 5, Variedades.	113
Ross Macdonald/John D. Macdonald/Chester Himes	O inimigo imediato/Um tom cinzento de culpa/Um jeito tranquilo de matar	MIGUEL, Salim. Enredos Aliciantes e Insitigantes. **O Estado**, Florianópolis, 07/06/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	45
Ruth Rendell	Amor e Morte	MIGUEL, Salim. A mentira de um sonho. **O Estado**, Florianópolis, 19/04/1987, p. 10, fim de semana/Leitura e Crítica.	108
Saul Bellow	Handerson, o rei da chuva	MIGUEL, Salim. O americano intranquilo. **Jornal do Brasil,** Rio de Janeiro, 22/07/1978, p. 3, Livro.	96
Siegfried Unseld	O Autor e seu Editor	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **O Estado,** Florianópolis, 07/12/1986, p. 2, 2º Caderno.	28
Siegfried Unseld	O Autor e seu Editor	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **O Estado**, Florianópolis, 07/12/1986, p. 2, 2º Caderno/Leitura e Crítica.	104
Siegfried Unseld	O Autor e seu Editor	MIGUEL, Salim. Relação autor x editor: uma análise. **Correio do Livro,** abr./jun. 1987, p. 18	67
Tania Franco Carvalhal	A evidencia mascarada	MIGUEL, Salim. Uma leitura de Augusto Meyer. **O Estado**, Florianópolis, 18/11/1984, p. 26. Livros.	19
Tulio Becker (Org.)	Cadernos de Cinema de P.F. Gastal	MIGUEL, Salim. Gastal - A paixão pelo cinema. **A Notícia,** 09/09/1996, p. 1, Anexo.	59
Umberto Eco	O Nome da Rosa	MIGUEL, Salim. Os ecos da rosa. **O Estado**, Florianópolis, 15/02/1984, p. 18, Livros.	100
Vladimir Carvalho/Malu moraes (coord.)	O país de São Saruê/Perspectivas estéticas do cinema brasileiro	MIGUEL, Salim. Cinema Brasileiro: Oportunas Visões. **O Estado,** Florianópolis, 12/04/1987, p.10	37
Walter F. Piazza	Se elas falassem: contos de minha terra	MIGUEL, Salim. Se elas falassem...**Gazeta,** 13/12/1945	68
		MIGUEL, Salim. Notícias de Sta. Catarina. **A Hora,** 10/11/1965.	72
		MIGUEL, Salim. Dubalgem: um absurdo. **Gazeta,** 15/01/1961, p. 7.	69

		MIGUEL, Salim. Ausências e acréscimos. **O Estado**, Florianópolis, 02/11/1986, p. 2, 2º Caderno.	26
		MIGUEL, Salim. Características e ações das editoras de universidades. **Correio do Livro,** ago./out.1986, p. 8.	66
		MIGUEL, Salim. Livro - a nova vedete. **Correio do Livro,** nov. 86/jan.1987, p. 5.	65
		MIGUEL, Salim. Apoio às publicações culturais. **O Estado,** Florianópolis, 17/05/1987, p. 10.	40
	As melhores comédias de Martins Pena	MIGUEL, Salim. Oportuna Reedição de um Comediógrafo. **O Estado**, Florianópolis, 31/05/1987, p. 10.	43
		MIGUEL, Salim. Cinema e Mito. **O Estado**, Florianópolis, 12/07/1997, p. 8, Leitura & Lazer.	47
		MIGUEL, Salim. O Cinema em Santa Catarina. **O Estado**, Florianópolis, 11/10/1987, p. 10, Leitura & Lazer.	55
		MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – II. **O Estado**, Florianópolis, 18/10/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	56
		MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – III. **O Estado**, Florianópolis, 25/10/1987, p. 8, Leitura & Lazer.	57
		MIGUEL, Salim. Marcos Farias fala de cinema – IV. **O Estado**, Florianópolis, 01/11/1987, p. 8 Leitura & Lazer	58
		MIGUEL, Salim. Dois Literatores. O Estado, Florianópolis, 1981.	87
		MIGUEL, Salim. Um poeta lê outros poetas. 1984	88
		MIGUEL, Salim. A propósito das traduções de Conrad. O Estado, Florianópolis, 17/06/1984, p. 26, Livros.	101
		MIGUEL, Salim. Escritor brasileiro, este desconhecido no Brasil. O Estado, Florianópolis, 02/06/1985, p. 26, Livros.	115
		MIGUEL, Salim. Paris: anotações preliminares, O Estado, Florianópolis, 09/06/1985, Livros.	116
		MIGUEL, Salim. Do coração e de várias emoções. O Estado, Florianópolis, 16/06/1985, p. 26, Livros.	117
		MIGUEL, Salim. A vez do livro. O Estado, Florianópolis, 31/set/86. p. 2. 2º Caderno.	25
		MIGUEL, Salim. Saramago: apontamentos. Informativo da UBE – SC, p. 7.	119
		MIGUEL, Salim. Revisitando o Oeste.	86
		MIGUEL, Salim. A festa em vida	89
		MIGUEL, Salim. Tèrcio da Gama: explosão de cores	91
		MIGUEL, Salim. As possibilidades da ficção	92
		MIGUEL, Salim. Machadinho - ainda e	93

		sempre. O Estado, Florianópolis, 07/09/1963	
		MIGUEL, Salim. O conto e os contistas de Santa Catarina. A Notícia, 26/07/1981, p. 22, Especial.	78
	As mil e uma noites	MIGUEL, Salim. O permanente fascínio de um livro. O Estado, Florianópolis, 15/03/1987, p.10, Fim de semana/Leitura e Crítica.	107